

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FaE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SORAIA FREITAS DUTRA

**A EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA ENTRE MUSEUS E
ESCOLAS: um estudo sobre as visitas escolares ao
Museu Histórico Abílio Barreto**

Belo Horizonte
2012

Dutra, Soraia Freitas, 1965-

D978e

T

A educação na fronteira entre museus e escolas [manuscrito]: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto / Soraia Freitas Dutra. - UFMG/FaE, 2012.

295 f., enc, il.

Tese - (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora : Sylvania Sousa do Nascimento.

Inclui bibliografia e anexo.

1. Educação -- Teses. 2. Museus e escolas -- Teses. 3. Museu Histórico Abílio Barreto -- Teses.

I. Título. II. Nascimento, Sylvania Sousa do. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação

CDD- 371.38

SORAIA FREITAS DUTRA

A EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA ENTRE MUSEUS E ESCOLAS: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação Escolar - Instituições, Sujeitos e Currículos.

Orientadora: Profa Dra Silvania Sousa do Nascimento

Belo Horizonte
2012

BANCA EXAMINADORA

Tese intitulada **A EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA ENTRE MUSEUS E ESCOLAS: UM ESTUDO SOBRE AS VISITAS ESCOLARES AO MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO** de autoria de Soraia Freitas Dutra, a ser avaliada pela banca examinadora constituída pelos professores:

Titulares:

Profa. Dra. Silvania Sousa do Nascimento – Orientadora
Faculdade de Educação – FaE/UFMG

Profa. Dra. Adriana Mortara de Almeida
Instituto Butantã / ICOM

Profa. Dra. Daniela Jacobucci
Instituto de Biologia - UFU-MG

Profa. Dra. Cristina Soares Gouvea
Faculdade de Educação – FaE/UFMG

Profa. Dra. Andrea Moreno
Faculdade de Educação – FaE/UFMG

Suplentes:

Prof. Dra. Carla Maria Chamon
CEFET-UFMG

Profa. Junia Sales Pereira
Faculdade de Educação – FaE/UFMG

“O que eu achei mais interessante naquele Museu foi saber que a História pode estar num caquinho de louça, numa bolinha de gude e nuns pedacinhos de telhas e vidros que eu vi lá no Museu...”

(Extrato da fala de uma criança de 10 anos que visitou o Museu Histórico Abílio Barreto em 2009)

À minha mãe, cujo valor atribuído à educação me conduziu até aqui.
Ao Mateus, amor imenso.

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma tese é um trabalho extenso, intenso e detalhista que só se torna possível com a colaboração de muita gente. Ao longo desse percurso, cada pessoa que encontrei pelo caminho me concedeu um pouco do seu melhor. Foi da recolha dessas porções de generosidade humana que se fez este trabalho. Por isso agradeço ...

À Profa Dra. Sylvania Nascimento, minha orientadora, pela confiança, pelo acolhimento e pelos aprendizados ao longo desse percurso.

À Direção do Museu Histórico Abílio Barreto, por abrir as portas desta instituição, sem restrições, para a realização da pesquisa.

À equipe do Setor Educativo do Museu: Vanessa, Joana e Eleusa. Há nessas *meninas do educativo* alguma coisa de tão especial que nenhum dos instrumentos de pesquisa de que lancei mão será capaz de traduzir. Alguma coisa que ficou em mim e que só posso expressar por meio da minha imensa gratidão.

Aos monitores do museu, Karina, Neilia, Ramon, Lilian e Tatiana, pelas diferentes lições de mediação.

Aos bolsistas do Projeto do LEME e do LABEPEH, Neilia e Luana, pelas preciosas ajudas.

Ao Ramon e Lilian, pelas lentes precisas, pura generosidade!

Ao Gilson, pelo olhar sensível capaz de registrar as cenas que movimentam a vida cotidiana do Museu.

À Bia, do Arquivo Administrativo do Museu, à Maria Célia e ao Paulo – que estiveram disponíveis até nos dias em que só a lanterna permitiu ler as notas do arquivo. Quando o inusitado invade a crônica da pesquisa.

A todos os funcionários do Museu, sempre tão disponíveis!

Aos professores que, em meio à correria de final de ano na escola, gentilmente compartilharam suas experiências educativas fornecendo as informações fecundas que compuseram este trabalho.

Aos professores da Pós-Graduação da FaE- UFMG pelas muitas lições recebidas. Ao *Dute*, que desde os momentos iniciais *chamou a minha atenção* para a importância do cuidado no uso das palavras. Grata!

Ao professor Luciano de Faria Filho, pelo parecer dado ao projeto de pesquisa que muito me encorajou.

À professora Adriana Mortara de Almeida e ao Professor Tarsício Mauro Vago, pelos apontamentos precisos feitos ao texto da qualificação.

À Claudia Ricci, Dilma Scaldaferrri e Valéria Roque, amigas queridas, professoras e pesquisadoras que se dispuseram a ler e discutir este trabalho, oferecendo suas valiosas sugestões.

À Beatriz e Regina, pela ajuda nas versões.

Aos colegas do Centro Pedagógico que assumiram meus encargos didáticos para que eu pudesse me dedicar à elaboração deste trabalho: pausa salutar!

Aos meus colegas do LEME – Laboratório de Museu e Educação e do Medeia, pelas experiências partilhadas nesse espaço de múltiplas aprendizagens. Em especial, a Zulmira Medeiros, Grecie, Paulo Ventura, Luciana Zenha, Rodrigo e Claudia França.

Aos colegas do LABEPEH - Laboratório de Estudos e Pesquisa em Ensino de História, mesmo longe, sempre presentes!

Ao Felipe Tavares e ao Yuri Garcias, pela ajuda com as linguagens tecnológicas.

Aos amigos queridos que sempre me encorajaram quando a ansiedade roubava o ânimo: Claudia, Dilma, Christina, Zé Geraldo e Regina. Grata!

Em especial, à amiga Valéria, desde os tempos do mestrado: amizade fecunda!

Aos meus familiares, especialmente o Mateus, meu filho querido, pela paciência e tolerância nos dias de destempero, minhas desculpas e eterna gratidão.

À Ivone Damas e ao Paulo Renato, por lembrarem meus potenciais nos momentos em que a fadiga e o cansaço minaram a confiança e a coragem.

À Miral, minha mãe, pela ajuda nos temas domésticos em tempos tumultuados.

Ao Zé M., pelas possibilidades de reconexão com as infinitas forças cósmicas...

Ao imenso poço cósmico, fonte da sabedoria infinita - DEUS - que tudo contém!

RESUMO

Este trabalho assenta-se sobre a temática da relação museu/escola e pretende analisar como esses dois espaços sociais de vivências educativas interagem e, como, a partir de seus universos próprios de ação, podem contribuir para a formação cultural dos cidadãos.

Considera-se que o movimento de deslocamento do universo escolar para o universo museal constitui-se em um espaço/tempo de aprendizagem híbrido, produzido na articulação de referências da cultura escolar e da cultura museal e, portanto, impregnados de diferenças culturais. Em nossa perspectiva de análise, o deslocamento da escola para o museu pode ser compreendido não apenas como um deslocamento espacial, que possibilita uma mudança de ambiente de aprendizagem, mas também como um deslocamento de referências culturais. Nessa medida, a visita escolar ao museu é compreendida como um deslocamento intercultural capaz de mobilizar elementos dos dois contextos culturais.

Foram analisadas as práticas educativas voltadas para o público escolar desenvolvidas no Museu Histórico Abílio Barreto (BH-MG), no período que se estendeu do início dos anos 90 do século XX até a atualidade e os modos de usos e apropriação do museu pela escola no ano de 2009. O estudo compreendeu dois momentos de pesquisa distintos e complementares: uma análise diacrônica e outra sincrônica das práticas educativas do museu na relação com a escola. O processo de coleta de informações no museu organizou-se em três fases: uma pesquisa documental (fase 1) e uma pesquisa etnográfica (fase 2). Para acessar o universo das escolas, realizaram-se entrevistas com professores que visitaram o museu naquele ano de 2009 (fase 3).

Mobilizando conceitos como cultura (GEERTZ; SHALINS; GREEN; GOMES), cultura escolar (JULIA), escolarização e práticas escolares (FARIA FILHO; VIDAL;); cultura museal (MARANDINO; NASCIMENTO), práticas (DE CERTEAU); usos e apropriações (DE CERTEAU, CHARTIER), as análises apontaram a visita escolar ao museu como uma experiência que institui uma prática educativa híbrida capaz de potencializar/favorecer os processos de aprendizagem da cultura.

Palavras-chave: educação, museus e escolas, Museu Histórico Abílio Barreto

ABSTRACT

The aim of this work is to analyse the relationship between museum and school, that is, how these social spaces of educational experiences interact. It also intends to show how these two environments and their respective actions upon individuals can contribute to citizens' cultural development.

The movement from the school universe to the museum is considered as a space/time of hybrid learning that is produced through the links of references between these two universes and, therefore, imbued with cultural differences. According to our analysis, the movement from the school to the museum can be seen not only as an exchange of environments but also as a movement of cultural references. Thus, school visits to the museum can be seen as intercultural displacements that can mobilize elements of both cultural contexts.

From the beginning of the 90's up to now we have analysed the educational experiences developed in Abílio Barreto Historical Museum (BH-MG) concerning school visits to this cultural environment. We also analysed the uses and ways of building knowledge about the museum environment by the school in 2009. Our research consisted of two distinct and complementary periods: a diachronic and a synchronous analysis of the educational experiences in the museum in relation to the school environment. The process of collecting data in the museum was also divided into three periods: a documentary research (1st period) and an ethnographic research (2nd period). In order to take the school universe into account we carried out interviews with the teachers who visited Abílio Barreto in 2009 (3rd three).

Taking into account concepts such as culture (GEERTZ; SHALINS; GREEN; GOMES), school culture (JÚLIA), years of school attendance and school experiences (FARIA FILHO; VIDAL), museum culture (MARANDINO, NASCIMENTO), experiences (DE CERTEAU), uses and knowledge building (DE CERTEAU, CHARTIER), all the analyses show the school visits to the museum as an experience that establishes a hybrid educational experience which can ultimately promote the learning of culture.

KEY WORDS: education, museums and schools, Abílio Barreto Historical Museum

RESUMÉ

Dans ce travail nous nous proposons à étudier la relation musée/ école en essayant de voir comment se fait l'interaction entre ces deux espaces sociaux de vécus éducatifs. Nous avons l'intention également de montrer comment ces deux univers propres d'action peuvent contribuer à la formation culturelle des citoyens.

On considère que le déplacement de l'univers de l'école à l'univers du musée constitue un espace/temps d'apprentissage hybride, produit par l'articulation des références de la culture de l'école et de la culture du musée ; il est ainsi constitué de différences culturelles. Selon notre analyse, le déplacement de l'école au musée peut être compris non seulement comme un déplacement de l'espace, qui rend possible un changement de l'ambiance de l'apprentissage, mais aussi comme un déplacement de références culturelles. Ceci dit, la visite de l'école au musée est vue comme un déplacement interculturel susceptible de mobiliser des éléments des deux contextes culturels.

Dans ce travail nous avons analysé les conduites éducatives visant le public de l'école qui se sont déroulées dans le Musée Historique Abilio Barreto à Belo Horizonte (MG), depuis le début des années 90 du XXe siècle jusqu'à présent. Nous avons étudié également les moyens d'utilisation et d'appropriation du musée par l'école pendant l'année 2009. Pour ce travail nous avons eu deux moments de recherche distincts et complémentaires : une analyse diachronique et une analyse synchronique des pratiques éducatives du musée par en rapport à l'école. Le procédé de recherche d'informations dans le musée s'est déroulé en trois moments : une recherche de documents (1er moment), une recherche ethnographique (2ème moment) et des entretiens avec les professeurs qui ont visité le musée mentionné pendant l'année 2009 (3ème moment).

En faisant usage de concepts tels que culture (GEERTZ; SHALINS; GREEN; GOMES), culture de l'école (JULIA), pratiques de l'école (FARIA FILHO ; VIDAL) culture du musée (MARANDINO ; NASCIMENTO), pratiques (DE CERTEAU), utilisations et appropriations (DE CERTEAU, CHARTIER), nous avons conclu que les visites de l'école au musée constituent une pratique éducative hybride susceptible de favoriser les processus d'apprentissage de la culture.

Mots clés: éducation, les musées et les écoles, Musée Historique Abilio Barreto

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1 – LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: A rede conceitual que informa a pesquisa	p. 65
FIGURA 2 - Capa do Almanaque MHAB nº 01	p. 128
FIGURA 3: Atividade Meios de Transporte	p. 130
FIGURA 4 – Itens extraídos da Ficha Avaliativa Projeto Descobrimo o Museu ...	p. 206
FIGURA 5 – Planilha Excel – Ferramenta para quantificação das ocorrências dos objetivos da visita ao Museu	p. 212
FIGURA 6 – Passo 1	p. 217
FIGURA 7 – Passo 2	p. 217
FIGURA 8 – Passo 3	p. 218
FIGURA 9 – A História e o Museu	p. 219
FIGURA 10 – Temas Específicos no Museu	p. 220
FIGURA 11 – O Museu pelo Museu	p. 222
FIGURA 12 – Os objetos e a visita ao Museu	p. 223
FIGURA 13– O Museu e a Cultura	p. 224

2 - LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fachada do Casarão do MHAB/Lilian Leão.....	p. 141
Desenho do Casarão – Dayane: 11 anos.....	p. 141
Edifício Sede do MHAB/portalpbh.pbh.br.....	p. 141
O Casarão	p. 142
Fotografias do Arraial do Curral Del Rei.....	p. 143
Chaves	p. 143
Legenda Vitrine das Chaves.....	p. 143
Objetos da Comissão Construtora I.....	p. 143
Fotografia da Comissão Construtora.....	p. 143
Objetos da Comissão Construtora II.....	p. 144
Fotografia e Quadros do Arraial do Curral Del Rei.....	p. 144
Quadros do Arraial do Curral Del Rei.....	p. 144
Cama.....	p. 144
Gomil.....	p. 144
Roda de Fiar/Lampião/Candeia de Ferro/Medidas e Capacidades.....	p. 145
Pilão/Panela de Barro/Almofariz/Escarradeira.....	p. 145
Panela/Taxo/Bandeja.....	p. 145
Oratórios.....	p. 146
Escultura de Santos/Emblema do Coração de Jesus.....	p. 146
Canapé.....	p. 146
Escarradeira e Mesa Rústica.....	p. 146
Senhor dos Passos e Crucifixo.....	p. 146
Brasão de Armas do Império do Brasil.....	p. 146
Bustos: Marechal Floriano Peixoto/Marques de Barbacena.....	p. 146
Espadas.....	p. 147
Busto da República dos Estados Unidos do Brasil.....	p. 147
Bonde.....	p. 147
Carro de Boi.....	p. 147
“Mariquinha”	p. 147
Prelo.....	p. 147
Elevador.....	p. 147

3 - LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Parâmetros que aproximam a cultura escolar e a cultura museal ..	p. 55
QUADRO 2 – Características dos diferentes ambientes de aprendizagem	p. 56
QUADRO 3 – Mapa dos dados	p.83
QUADRO 4 – Exemplo de objetivos das visitas declarados por professores na Ficha Avaliativa	p.210
QUADRO 5 – Desmembramento dos objetivos da visita	p. 211
QUADRO 6 – Desmembramento, Sistematização e Codificação dos objetivos da visita ao MHAB	p.211
QUADRO 7 – Agrupamento dos objetivos da visita ao Museu	p.215
QUADRO 8: Normas utilizadas nas transcrições das entrevistas	p.226
QUADRO 9 – Dados gerais dos entrevistados	p.227
QUADRO 10 – Dados gerais dos entrevistados (cont.)	p.229

5 - LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Quadro comparativo de atendimento das diferentes Redes de ensino no MHAB – 1988 a 1996.....	p. 108
GRÁFICO 2 – Ocorrência de visitas escolares (2009/2010)	p. 206
GRÁFICO 3 –Visitas escolares ao Museu por rede de ensino	p.208
GRÁFICO 4 – Nível de ensino das turmas que visitaram o Museu em 2009/2010 e responderam a Ficha Avaliativa	p.208
GRÁFICO 5: Frequência ao Curso Encontro com o Museu	p. 209
GRÁFICO 6: Ocorrência dos objetivos da visita ao Museu declarados pelos professores	p. 212
GRÁFICO 7: Rede de ensino dos professores entrevistados	p. 230
GRÁFICO 8: Formação básica dos profissionais entrevistados	p.231

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Visitas escolares ao MHAB – 1993 e 1996.....	p.108
TABELA 2: Lista dos objetivos da visita ao Museu	p.213
TABELA 3: Tabela com objetivos com maior índice de ocorrências	p.216

LISTA DE EXTRATOS

EXTRATO 1 – A mudança da PMBH na distribuição de verbas para trabalhos externos	p.234
EXTRATO 2 – Dificuldades das Escolas da Rede Estadual de Ensino para a realização das Visitas Escolares	p.235
EXTRATO 3 – A motivação para visita ao Museu	p.236
EXTRATO 4 – Informações sobre o Museu em diferentes suportes	p.236
EXTRATO 5 – Informações sobre o Museu e a ferramenta da Internet	p.237
EXTRATO 6 – Preocupações com a dimensão da preservação do Patrimônio	p.238
EXTRATO 7 – A utilização do material do Museu	p.238
EXTRATO 8 – Orientações sobre a conduta no Museu	p.240
EXTRATO 9 – A preocupação com a conduta dos alunos no Museu	p.240
EXTRATO 10 – Professor: acompanhante/aprendiz?	p.241
EXTRATO 11 – Uso de livros sobre a História de Belo Horizonte	p.242
EXTRATO 12 – A Agenda Escolar com imagens da cidade	p.243
EXTRATO 13 – Afinidade com o MHAB	p.244
EXTRATO 14 – A prática de visitar museus e outros espaços educativos	p.244
EXTRATO 15 – A visita e o conteúdo escolar	p.246
EXTRATO 16 – A História de Belo Horizonte	p.246
EXTRATO 17 – Conteúdos específicos do currículo de História	p.247
EXTRATO 18 – O que é História?	p.249
EXTRATO 19 – O Museu, a História e as fontes históricas	p.249
EXTRATO 20 – A visita como estratégia didática	p.250

EXTRATO 21 – A quebra da rotina e a complementação ao trabalho escolar	p.251
EXTRATO 22 – A preocupação com o Patrimônio	p.252
EXTRATO 23 – A formação de hábitos culturais	p.253
EXTRATO 24 – O contato com fontes históricas e o desenvolvimento cognitivo	p.254
EXTRATO 25 – O contato com os objetos e o processo educativo	p.254
EXTRATO 26 – O potencial do acervo em exposição	p.254
EXTRATO 27 – O valor dos objetos e a importância da dimensão visual na aprendizagem	p.255
EXTRATO 28 – A contextualização no Museu	p.255
EXTRATO 29 – A qualidade do trabalho desenvolvido no MHAB	p.256
EXTRATO 30 – A história, a preservação e o trabalho desenvolvido no MHAB ...	p.257
EXTRATO 31 – A dinâmica favorecendo a aprendizagem	p.258
EXTRATO 32 – A organização da visita no Museu como aspecto positivo na visita	p.258
EXTRATO 33 – A mediação como forma de acesso ao conhecimento histórico	p.259
EXTRATO 34 – O acolhimento e a perspectiva dialógica da mediação	p.259
EXTRATO 35 – A importância da mediação e dos educadores de Museu	p.260
EXTRATO 36 – A importância do conhecimento específico do educador do Museu	p.260
EXTRATO 37 – O atendimento organizado por faixa etária	p.260
EXTRATO 38 – A mediação no Museu e o aspecto lúdico	p.261
EXTRATO 39 – As atividades do Museu e o público adolescente	p.262
EXTRATO 40 – O comportamento dos alunos e a programação do Museu	p.262
EXTRATO 41 – A necessidade de avaliação da aprendizagem nos Museus	p.263

EXTRATO 42 – Vestígios de preocupações patrimoniais na formação docente ..	p.264
EXTRATO 43 – A visita aos museus como espaço de formação	p.265
EXTRATO 44 – Práticas memorialistas e o interesse pelos museus	p.265
EXTRATO 45 – Práticas de memória e vida cotidiana.....	p.265
EXTRATO 46 – A escola como motivadora do interesse pelo Museu	p.266
EXTRATO 47 – O hábito de visitar museus	p.267

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AAMHB** – Associação dos Amigos do Museu Abílio Barreto
- APCBH** – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
- CAPE** - Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação
- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CBC** – Conteúdos Básicos Comuns
- CECA** – Comitê de Educação e Ação Cultural
- CEFET** – Centro Federal de Educação Tecnológica
- CEFOR** – Centro de Formação de Professores
- CNM** – Cadastro Nacional de Museus
- CNPQ** – Conselho Nacional de Pesquisa
- COEP** – Comitê de Ética em Pesquisa
- COOPEN BH** – Cooperativa de Ensino de Belo Horizonte
- CP** – Centro Pedagógico
- CPPA** - Comissão Permanente de Política de Acervos
- CRAV** – Centro de Referência Áudio Visual
- DEMU** – Departamento de Museu
- DMTE**– Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação
- DOM** – Diário Oficial do Município
- EJA** – Educação de Jovens e Adultos
- ENDIPE** – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino
- FaE**- Faculdade de Educação
- FAFICH** - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
- FAPEMIG** - Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado Minas Gerais
- GE** – Grupo de Estudos
- GREM** – Grupo de Pesquisa em Educação e Museus
- IBRAM** - Instituto Brasileiro de Museu
- ICOM** – Conselho Internacional de Museu
- IEPHA-MG** – Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
- IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico Nacional
- LABEPH** – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História
- LEME** – Laboratório de Estudos em Museu e Educação

MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins

MEC – Ministério da Educação

MHAB – Museu Histórico Abílio Barreto

MHN – Museu Histórico Nacional

MinC – Ministério da Cultura

Minom - Movimento Internacional para uma Nova Museologia

ONG's – Organizações não governamentais

PAP – Programa de Apoio Pedagógico

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte

PC - RMEBH – Proposições Curriculares Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

PET – Programa Especial de Treinamento

PMBH – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

PRPQ-UFMG – Programa de Apoio a Pesquisa

RIMC – Rede Informal de Museus e Centros Culturais

REEMG – Rede Estadual de Educação de Minas Gerais

RMEBH – Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte

SESI – Serviço Social da Indústria

SESU - Secretaria de Educação Superior

SIEX BRASIL – Sistema de Informações de Extensão

SMED - Secretaria Municipal de Educação

SPAN – Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (atual IPHAN)

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
1. O tema e sua escolha	25
2. Museus e escolas: problema de pesquisa e perspectiva de investigação	39
2.1 - Aspectos da cultura escolar	42
2.2 - Aspectos da 'cultura museal'	40
2.3 - Museus e escolas: aproximações e distanciamentos	54
3. Reflexões sobre a produção e a aprendizagem da cultura e os referenciais da pesquisa	56
4. A relação museu/escola em perspectiva: um breve panorama dos estudos qualitativos sobre Museu e Escola no Brasil nas últimas décadas do século XX e na primeira década do XXI	66
5. Indicações gerais sobre a metodologia utilizada	78
5.1 - As fases da pesquisa	78
5.2 - Mapa dos dados	82
5.3 - Universos da pesquisa	84
5.3.1 - O Museu Histórico Abílio Barreto	84
5.3.2 - O universo dos entrevistados: professores e técnicos em educação	86
6. A estrutura do trabalho	86
CAPÍTULO I - QUANDO UM MUSEU SE REINVENTA E REENCONTRA A ESCOLA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO PROGRAMA EDUCATIVO DO MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRRETO (1993 - 2005)	88
1. Notas sobre a natureza do corpus analisado: os documentos textuais	89
2. O papel da ação educativa em um Museu em mutação	89
2.1 - O contexto de revitalização do MHAB e a construção de novas práticas educativas	90
2.2 - A concepção de um novo Plano de Ação Educativa no MHAB e as relações com a escola	102
2.3 - A tessitura de uma nova política de Ação Cultural para o MHAB	109
2.4 - A consolidação das ações do museu junto à comunidade escolar por meio de ações extramuros	112
2.5 - A reabertura do Casarão e as novas diretrizes para a ação educativa do MHAB	115
2.6 - O Programa de Educação Patrimonial no MHAB e suas múltiplas frentes de ação	120
2.7 - A memória dos/nos objetos como substrato do processo educativo no MHAB: a análise do Caderno Pedagógico e do Almanaque MHAB	125

2.8 - Algumas considerações	133
CAPÍTULO II - O MUSEU NA RELAÇÃO COM A ESCOLA: APONTAMENTOS SOBRE A ORGANIZAÇÃO E A RECEPÇÃO DO PÚBLICO ESCOLAR PELO MUSEU	136
1. Alguns apontamentos sobre a escolha pela etnografia nos estudos em museus	136
1.1- A aproximação do campo	137
1.2 - Notas sobre a produção de informações	139
2. O Museu e seus espaços expositivos	140
2.1 - O espaço físico do Museu	140
2.2 - As exposições em cartaz	141
3 - A trama administrativa e a rotina de Setor Educativo	149
3.1 - Notas sobre a nova Administração Municipal e as mudanças no MHAB	149
3.2 - O “Setor Educativo” do MHAB	151
3.3 - As atividades do Setor Educativo do Museu em 2009	152
3.4 - A construção e reconstrução ordinária do projeto educativo do museu	154
3.5 - Entre a concepção e a divulgação da exposição: novas faces de velhos dilemas	155
3.6 - Visitando outras exposições e refletindo sobre as diferentes estratégias de mediação	158
3.7 - A participação em eventos da área museológica e áreas afins	161
3.8 - A promoção de eventos no MHAB	161
3.8.1- Os seminários internos	162
3.9 - Os desafios do relacionamento com público: reflexões e tentativas de ajustes	163
3.10 - A prática de rememoração e a confirmação do compromisso político	163
3.11 - A formação da equipe de funcionários	164
4 - A recepção do público escolar	164
4.1 - O convite às escolas	165
4.2 - O Projeto Encontro com o Museu: espaço de formação dos professores	166
5 - Os visitantes estão chegando	168
5.1 - A movimentação dos alunos nos espaços do museu	170
5.2 - Escola e Museu no momento da visita: universos culturais em contato	171
6 - A mediação no Museu	181
6.1 - Aprender a ler objetos: o convite do MHAB	185
.....186	194
6.2 - A avaliação da visita pelos professores	196
7- Algumas considerações	197
7.1 - A construção e reconstrução da prática educativa museal no MHAB	200
7.2 - Os professores na cena da visita	

CAPÍTULO III - SIGNIFICADOS ATRIBUIDOS ÀS VISITAS AO MHAB PELOS	204
PROFESORES	
I - PRIMEIRA PARTE: Projeto Descobrimdo o Museu: o que disseram os professores	205
a respeito dos objetivos a serem alcançados com a visita ao Museu	205
1 - O panorama das visitas e visitantes (Fev-2009 a Fev-2010)	209
2 - As motivações dos professores para visitarem o MHAB	
	224
II - SEGUNDA PARTE: Visitar um museu: um evento extraordinário?	225
1- Considerações sobre a metodologia utilizada	225
1.1 - As entrevistas	229
1.2 - Perfil dos entrevistados	232
2- Da organização da visita	232
2.1 - Da infra-estrutura	234
2.2 - Da preparação dos alunos para a visita	235
2.2.1 - As motivações dos alunos	238
2.2.2 - Da preparação dos alunos: aspectos atitudinais	241
2.2.3 - Outros materiais didáticos utilizados na preparação da visita	242
3- Quanto ao conhecimento prévio dos professores sobre o MHAB	244
4- Quanto aos objetivos das visitas	244
4.1 - A visita ao museu e a estreita relação com conteúdo escolar	245
4.2 - O estudo da história local e do Brasil	247
4.3 - O Museu como lugar de produção do conhecimento histórico	249
4.4 - A visita como estratégia didática diferenciada	251
4.5 - A preocupação com o patrimônio	251
4.6 - Outros projetos de ensino	251
4.7 - A formação de hábito cultural	252
5- O potencial educativo dos museus na visão dos professores	252
5.1 - A especificidade dos museus	255
5.2 - O potencial educativo do museu: as especificidades do MHAB	256
6- Impressões dos professores sobre a visita ao MHAB	256
6.1 - A receptividade, o acolhimento e a organização da visita	257
6.2 - Aspectos da mediação	258
6.3 - A importância do educador de Museu	259
6.4 - As atividades propostas e os diferentes públicos	261
6.5 - Os limites apontados pelos professores	
7- Sobre a formação dos professores nas áreas de conhecimentos atinentes ao campo	262
da relação museu e educação e áreas afins	266
8- O retorno à escola	267
9- Algumas considerações	

9.1 - Reflexões sobre as potencialidades educativas dos museus vislumbradas pelos professores	267
9.2 - Os desafios da qualificação do trabalho do professor junto aos museus	276
	279
CONSIDERAÇÕES FINAIS	279
1 - Ações educativas em museus em perspectivas e o caso do MHAB	283
2 - Visitar um museu: um convite a outros deslocamentos	286
3 - Desafios para pesquisas futuras	
	288
FONTES	
	290
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
	315
ANEXOS	315
ANEXO A - Tabela: Relação das Escolas Atendidas – Rede Municipal	322
ANEXO B - Organograma Funcional do MHAB/CCBH -2009	323
ANEXO C - Programação Grupo de Estudos	324
ANEXO D - Materiais do MHAB enviados para as Escolas	343
ANEXO E - Tabela das Visitas Observadas	346
ANEXO F - Gráficos das Visitas Observadas	348
ANEXO G - Tabela 2 – Descrição das situações observadas no Museu	351
ANEXO H - Ficha Avaliativa Projeto Descobrimdo o Museu	353
ANEXO I - Fluxogramas	358
ANEXO J - Roteiro da Entrevista	
ANEXO K - Transcrição das Entrevistas com os professores (em mídia digital - CD-ROOM)	361

INTRODUÇÃO

1. O TEMA E SUA ESCOLHA

Este trabalho assenta-se sobre a temática da relação museu/escola e pretende analisar como esses dois espaços sociais de vivências educativas interagem e, como, a partir de seus universos próprios de ação, podem contribuir para a formação cultural dos cidadãos. Localizada entre dois contextos de ação educativa - formal e não-formal¹ - esta pesquisa, integrada ao Projeto Museu Escola², analisou as práticas educativas voltadas para o público escolar desenvolvidas no Museu Histórico Abílio Barreto, no período que se estendeu do início dos anos 90 do século XX até a atualidade e os modos de usos e apropriação do museu pela escola no ano de 2009. Tal análise buscou compreender os processos educativos tecidos na fronteira³ entre esses diferentes espaços educativos.

As motivações que me conduziram à escolha deste objeto de estudo encontram suas raízes nas experiências vivenciadas ao longo da minha formação acadêmica, somadas àquelas construídas no exercício docente como professora de História na Escola de Educação Básica da UFMG - Centro Pedagógico -, bem como, na experiência como pesquisadora no LABEPH⁴.

¹ Embora essas definições suscitem controvérsias, tomamos as acepções apontadas pela Unesco que divide o sistema educacional em três categorias: formal, não-formal e informal. Essa discussão será retomada ainda nesta Introdução.

² O projeto Museu & Escola: um duplo olhar sobre a ação educativa dos museus de Minas Gerais foi coordenado pela Profa. Dra. Sylvania Sousa do Nascimento e está alocado no DMTE – FaE-UFMG. Tal projeto está registrado no SIEX BRASIL – n. 51714 e é aprovado no COEP ETIC - Parecer n. 534/07, recebeu apoio da Fapemig – Edital 16/2007. Em sua segunda edição, o projeto visou articular as práticas educativas dos museus de Minas Gerais e as pesquisas sobre o processo de formação continuada de professores da Educação Básica. Articulado em torno do LEME – Laboratório de Estudos em Museu e Educação, a equipe, inicialmente composta de professores/pesquisadores com formação em Ciências Naturais e Humanas, atualmente se volta para pesquisas nos campos dos museus de Ciências e da divulgação científica. www.fae.ufmg.br/leme.

³ A noção de fronteira aqui utilizada é aquela definida por Heidegger *apud* BHABHA (1998: 24): “o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”.

⁴ LABEPH – Laboratório de Estudos e Pesquisas em ensino de História – FaE-CP-UFMG. Site: www.labepeh.com.br.

Museus não fizeram parte de minha infância e nem mesmo cheguei a frequentar um quando ainda era criança⁵. Minha aproximação com os museus remonta ao tempo de estudante do Curso de História na Universidade Federal de Ouro Preto. Nesse período, participei como bolsista de um projeto de levantamento da produção artesanal no município de Mariana, coordenado pela arte-educadora e historiadora Elizabeth Salgado, na Casa Setecentista de Mariana - órgão vinculado ao Museu da Inconfidência e, depois, como estagiária do Projeto Ouro Preto na Escola, no Museu da Inconfidência nos idos de 1987.

O projeto objetivou o mapeamento da produção artesanal do município de Mariana ao levantar as diversas manifestações artesanais e suas principais técnicas de produção. Isso em uma época em que o *saber-fazer* não era alvo das políticas preservacionista dos órgãos públicos ligados à preservação do patrimônio na forma como hoje se reconhecem os bens imateriais intangíveis que constituem o chamado patrimônio imaterial ou intangível, como preferem alguns estudiosos do tema⁶. Assim, participar de um projeto gestado em uma instituição de memória voltado para a valorização e preservação da produção de bens culturais do município abria um campo para reflexões acerca do campo do patrimônio e da cultura.

Ao frequentar a Casa Setecentista como monitora do projeto, tive a oportunidade de conhecer o projeto Museu-Escola⁷, também coordenado por Elizabeth Salgado, desenvolvido naquela casa e me deparar com grupos de crianças participando das atividades que funcionavam, tanto em Mariana, na Casa Setecentista, quanto em Ouro Preto, na Casa do Pilar. Além disso, alguns dos meus colegas de graduação atuavam como monitores do

⁵ Como fenômeno urbano, os museus não faziam parte da realidade rural em que vivi ao longo do meu primeiro *setênio*, nem das pequenas cidades do sertão mineiro como Rubim localizada a 762 de km de Belo Horizonte no Vale do Jequitinhonha - MG, onde vivi dos sete aos quize anos antes migrar para Belo Horizonte a fim de dar continuidade ao processo de escolarização. O meu gosto pelas questões da memória coletiva e social se encontra gravado e em camadas submersas da memória nutrida pelas lembranças das vivências coletivas, nas festas de Santos Reis, nas Procissões da Semana Santa e nas celebrações juninas em agradecimento ao tempo das colheitas, nem sempre fartas pelo excesso de sol, na região do Baixo Jequitinhonha.

⁶ Embora as práticas preservacionistas historicamente tenham privilegiado os denominados *bens de pedra e cal* (ABREU e CHAGAS, 2009; FONSECA, 2009), movimentos em torno da preservação daquilo que viria a se constituir como patrimônio cultural imaterial e intangível (decreto 4 de agosto de 2000), vinha sendo objeto de preocupação em algumas instituições de memória e já havia sido alvo de atenção de intelectuais como no Mário de Andrade, em 1936, na elaboração do anteprojeto para criação do SPAN, conforme nos esclarece CHAGAS (2006),

⁷ Esse projeto foi objeto de pesquisa que resultou na dissertação intitulada de “Chão de pedras, céu de estrelas: o Museu-Escola do Museu da inconfidência de Ouro Preto, década de 80”, de autoria de Nara Rúbia Cunha, 2011.

Projeto Museu – Escola e realizávamos trocas de impressões que iam além das reuniões de trabalho desenvolvidas naquela casa.

O Projeto Ouro Preto na escola - uma parceria entre os museus e as escolas públicas locais - tinha como objetivo a inserção no currículo da escola básica de reflexões acerca da importância do patrimônio cultural de uma cidade que, no início dos anos 80, recebera o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Durante uma vez por semana, os monitores do museu, em parceria com os professores, desenvolviam atividades em salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental visando a valorização do patrimônio local. Utilizavam como suporte um material didático produzido para tal finalidade - O Álbum de Figurinhas Ouro Preto na Escola. A partir da temática abordada no Álbum⁸, percorríamos a cidade a fim de ler os significados inscritos nas ruas, chafarizes, igrejas, sacadas, fachadas etc., e compreender as relações sociais e culturais dos grupos sociais que os produziram. Após as intervenções eram distribuídas as figurinhas para os alunos completarem aquele Álbum que era tão apreciado por eles.

Embora breves, aquelas experiências na Casa Setecentista de Mariana e no Museu da Inconfidência alargaram a minha compreensão acerca dos processos e lugares de aprendizagem da História e revelaram o potencial do patrimônio local no ensino dessa disciplina. Aquelas experiências me permitiram compreender a importância das estratégias educativas mediadas por objetos portadores de memória e significados históricos e ampliar a convicção sobre a necessidade de se desenvolver uma educação voltada para o patrimônio.

Dessa forma, as questões que envolvem museu e educação e outras reflexões implicadas neste binômio como a relação entre cultura e educação, educação e patrimônio, memória e história, museu e escola dentre outras, passaram a gravitar o horizonte dos meus interesses como profissional da educação. Assim, as experiências educativas pautadas na relação entre memória, patrimônio, educação e ensino enriqueceram a minha formação, influenciando a escolha em me tornar professora de História dedicada à Educação Básica e inspiraram estratégias didáticas no processo ensino-aprendizagem da História para crianças na escola básica.

⁸A cada ano o projeto abordava uma temática sobre a cidade de Ouro Preto: arquitetura, arte sacra, chafarizes e pintura dentre outros.

Foi, portanto, a partir dessas experiências e reflexões que o museu, como lugar de memória⁹ e mediador na aprendizagem da História, veio a se tornar objeto de investigação. Pesquisar o museu significava uma possibilidade de compreender as estruturas de funcionamento de uma instituição que ao lidar com a memória, substrato da história, trazia também a possibilidade de (re -) significar o ato de aprender História.

Ao me tornar professora de História no Centro Pedagógico da UFMG, onde atuo junto aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, desde 1992, situações significativas de aprendizagem em diferentes lugares de memória têm feito parte da minha prática pedagógica¹⁰. Além de se configurar como estratégia metodológica no ensino da História, é uma atuação que busca viabilizar aos alunos o acesso aos bens culturais e patrimoniais da nossa sociedade¹¹.

Inquietações acerca do desenvolvimento e aprendizagem da História em crianças levaram-me a buscar a construção de uma relação efetiva entre ensino e a pesquisa. No ano de 1996, constituímos uma equipe de professores pesquisadores da Faculdade de Educação e do Centro Pedagógico em torno do projeto de Pesquisa intitulado *A construção do conhecimento e raciocínio histórico nas crianças e cidadania: a dimensão da temporalidade e causalidade histórica*¹². A vinculação a este projeto levou-me a desenvolver uma pesquisa, em nível de mestrado, que investigou as possibilidades de desenvolvimento pelas crianças de noções ligadas à temporalidade histórica no contexto das ações mediadas por objetos da cultura material¹³. Os estudos se concentraram na busca do entendimento acerca das possibilidades apresentadas pelas crianças em relação às operações ligadas à temporalidade

⁹ Expressão cunhada por Nora (1984) no clássico *Les lieux des mémoires*. A noção de lugar ultrapassa a dimensão geográfica referindo-se à operação da escolha humana de suportes, de natureza física, capazes de evocar memórias.

¹⁰ Tal prática foi objeto de uma pesquisa que investigou as representações das crianças sobre museu e o seu papel como *instrumento pedagógico* na construção de saberes escolares. Desenvolvida no Museu Abílio Barreto, a pesquisa resultou na monografia *O ensino de história na perspectiva da educação patrimonial*, de Flavia Cristina Oliveira Juliano apresentada ao PET da FaE-UFMG, orientada pela Profa. Dra. Lana Mara de Castro Siman, concluída em 1996.

¹¹ Um exemplo de projeto coletivo de ensino com essa perspectiva é o projeto intitulado *Vivências Culturais*, desenvolvido desde 2000 no Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica da UFMG como forma de garantir na formação dos alunos, vivências pedagogicamente orientadas em espaços culturais da cidade. Destaca-se nesse projeto a preocupação com a preservação da memória e o desenvolvimento de uma postura crítica em relação ao patrimônio e seu uso. Idealizado pela professora Cláudia Ricci e iniciado no 1º Ciclo de Formação Humana, foi adotado posteriormente pelos outros ciclos da escola.

¹² Projeto aprovado pela PRPQ-UFMG, em 1997, com apoio do CNPQ, coordenado pela professora Dra. Lana Mara de Castro Siman, já concluído.

¹³ Dissertação intitulada: *As crianças e o desenvolvimento da temporalidade histórica*. Faculdade de Educação – UFMG, Belo Horizonte, 2003. 245 p.

histórica tais como: ordenação, sucessão, duração, simultaneidade e a relação presente – passado a partir do contato com os objetos da cultura material. Os resultados deste trabalho nos indicaram que o uso dos objetos da cultura material como mediadores na aprendizagem da História permite a consciência de um tempo passado, assim como favorece o desenvolvimento de habilidades e conceitos históricos.

A experiência da pesquisa do mestrado me levou ao Museu do Escravo e à Fazenda Boa Esperança em Belo Vale¹⁴ onde realizei parte das intervenções didáticas que alimentaram os dados da pesquisa. Tomar esses lugares de memória como locais de pesquisa me permitiu uma reaproximação com as discussões sobre o campo museológico e patrimonial, sobretudo aquelas ligadas ao campo da educação patrimonial. Entender a natureza da educação no espaço museais; os processos de construção do conhecimento no espaço do museu; o tratamento museológico dado ao acervo; as potencialidades e limites da linguagem expositiva; as possibilidades de uso do patrimônio cultural no Ensino da História; os processos educativos que se articulam nos limiares entre a escolarização formal e não formal, compuseram o leque amplo de questões que emergiram ao longo da realização da pesquisa de mestrado.

Assim, questionamentos acerca da natureza e das especificidades do conhecimento produzido no espaço do museu e sua interface com aquele produzido na escola me conduziram ao doutorado. Inicialmente, o projeto voltava-se para as ações educativas de diferentes museus em Minas Gerais. Aos poucos, o projeto foi sendo redesenhado sob o prisma da preocupação em torno da educação tecida na fronteira entre dois espaços culturais – escola e museu, a partir do caso específico de um Museu de Belo Horizonte – o Museu Histórico Abílio Barreto na sua relação com o público escolar.

Minha relação com o Museu Abílio Barreto nunca ultrapassou aquela de uma professora interessada no potencial educativo daquele lugar de memória da cidade. E, como tal, pude vivenciar algumas das transformações pelas quais o museu passou: acompanhei os meus alunos em visitas guiadas por monitores preocupados com a transmissão de

¹⁴ O Museu do Escravo, localizado no município de Belo Vale, [...] reúne significativo acervo, composto por aproximadamente 3000 (três mil) peças, no qual se destacam equipamentos domésticos, de uso pessoal, de devoção e de culto, instrumentos de castigo e penitência, que são, em sua totalidade, vestígios da cultura material produzida e experienciada pelo escravo negro. A Fazenda da Boa Esperança, de propriedade do IEPHA-MG, fica situada no trajeto da antiga Estrada Real, que ligava Ouro Preto ao Rio de Janeiro, e tem um dos mais expressivos casarões rurais de Minas, exibindo mucharabis, muros de pedra, janelas almofadas e ampla varanda, onde se encontra uma capela, com obras de Francisco Vieira Servas e Mestre Ataíde. Maiores informações no site: www.dejore.com.br.

informações sobre o acervo em exposição, por meio de uma narrativa que utilizava os objetos expostos como referência na reconstituição do cenário do que seria uma moradia do século XIX; surpreendi-me com a ausência de visitas monitoradas no cenário da casa desmontado e, posteriormente, me encantei com a fluidez da brincadeira do Telefone Sem Fio¹⁵ e com as possibilidades didáticas da atividade denominada Roteiro de Leitura do Bonde¹⁶. Evidências de um processo de transformações pelas quais passou o Museu ao longo da última década do século XX.

Mais do que a impressão de uma professora visitante, as transformações do MHAB já se tornavam conhecidas e ganhavam notoriedade em diferentes fóruns de discussão do campo museológico com repercussão em níveis local e nacional e se constituíam em referências para outras instituições. A publicação do livro *Revitalizando o MHAB*¹⁷, em 2003, trouxe a lume as matrizes teórico-conceituais que informavam o processo de revitalização do Museu, sinalizando os pilares da nova política de ação museológica inaugurada a partir de 1993¹⁸.

À medida que fui tomando conhecimento da experiência do MHAB, tornava-se premente uma maior aproximação daquele universo institucional a fim de conhecer melhor a ação educativa erigida no contexto daquelas transformações. Interessava, portanto, compreender quais teriam sido os caminhos percorridos pela equipe do Museu na construção da sua ação educativa voltada para o público escolar e quais referenciais de educação fundamentavam tais ações.

Nesse movimento de aproximação do museu, participei do Seminário – Workshop *1998/2008 – 10 anos de ação educativa no Museu Histórico Abílio Barreto* durante a 6ª Semana de Museus, em maio de 2008. Essa aproximação me permitiu conhecer melhor as diferentes ações educativas do Museu que constituíam o seu Programa de Educação Patrimonial, o que interferiu na delimitação do universo desta pesquisa orientada para estudo do caso do Museu Abílio Barreto e sua ação educativa direcionada ao público escolar.

¹⁵ Atividade desenvolvida no espaço expositivo de uma brincadeira do repertório infantil tradicional utilizando os nomes dos objetos da exposição. Essa atividade será discutida no Capítulo 2 desta tese.

¹⁶ A atividade Exercício de Leitura do Bonde é um roteiro elaborado para orientar os professores/guias na exploração do objeto em exposição: o Bonde. Essa atividade será objeto de reflexão no Capítulo 2 da tese.

¹⁷ Ver Pimentel (2004): *Reinventando o MHAB: o Museu e seu novo lugar na cidade – 1993-2003*. MHAB: Belo Horizonte, 2004.

¹⁸ Cabe aqui mencionar que nessa mesma época a educação municipal de BH iniciava, sistematicamente, as mudanças pedagógicas que constituíram a Escola Plural. Essa relação entre as mudanças do cenário cultural e educacional será retomada no Capítulo I desta tese.

É, portanto, em busca da compreensão acerca dos processos educativos construídos na fronteira entre a escola e o museu que se situa o objeto da nossa investigação – a visita escolar ao museu. Considera-se que o movimento de deslocamento do universo escolar para o universo museal forja um novo espaço/tempo de aprendizagem e compõe uma experiência educativa situada em um entre-lugar. A noção de entre-lugar ganhou importância no contexto dos chamados estudos culturais, especialmente na análise de complexos processos identitários engendrados nas sociedades mestiças, do fenômeno das diásporas, de territorialização/desterritorialização produzido pela nova ordem mundial ou ainda para pensar a produção literária e cultural produzida sob o signo dos deslocamentos. Trata-se de um conceito de definição profundamente complexa e importante operador de leitura dos fenômenos sociais contemporâneos. Segundo Bhabha (1998, p.19-20),

[...] o afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. É na emergência dos interstícios – a sobreposição de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se forma sujeitos nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes” da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero, etc.)?

A ideia de entre-lugar é aqui tomada de empréstimo para pensar o processo de socialização produzido na articulação das diferenças culturais entre os museus e as escolas, por meio da visita escolar ao museu. Ou seja, para pensar de que modo essa prática educativa híbrida conforma uma nova experiência educativa construída nas/pelas diferenças. Constituindo-se em um espaço/tempo de aprendizagem híbrido, produzido na articulação de referências da cultura escolar e da cultura museal e, portanto, impregnados de diferenças culturais. Os usos do termo hibridismo na atualidade têm contribuído para se repensar as formas puras e as determinações unívocas nas análises sobre os fenômenos culturais. Como nos aponta Matos e Paiva, (2007, p. 188):

[...] A hibridação não só se refere a combinações particulares de questões díspares, como nos lembra que não há formas (identitárias, materiais, tecnologias de governo, etc) puras nem intrinsecamente coerentes, ainda que essa mescla não seja intencional.

Canclini (1997) define o hibridismo como uma característica de práticas e produtos culturais da modernização latino-americana, que articulam elementos muito diferentes, aparentemente excludentes. Embora as análises sobre hibridações se voltem para os complexos processos de globalização, processos interétnicos e de descolonização, fusões artísticas, literárias, a ideia nos pareceu inspiradora para se pensar as práticas educativas tecidas na fronteira entre museus e escolas. Canclini (2010, p. XIX) entende por hibridação os “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e praticas”. Pensar a visita escolar ao museu como uma prática cultural híbrida é refletir como esses universos produtores de *culturas próprias* se articulam no espaço tempo da visita e produzem novas experiências educativas.

A necessidade de aprofundar a compreensão da experiência educativa tecida no momento da visita da escola ao museu pressupõe a análise de um fenômeno que envolve dois espaços educativos distintos que apresentam trajetórias anteriores. Cada espaço conferiu um conjunto de significados ao tempo/espaço da visita, arregimentou conhecimentos, criou estratégias, envolveu pessoas, fez investimentos, enfim, mobilizou-se em torno de uma prática educativa fundada na possibilidade do intercâmbio de experiências e conhecimentos. Compreender o processo educativo produzido na articulação entre os museus e as escolas é tentar entender possibilidades educativas intercambiadas no momento da visita escolar.

Em minha perspectiva de análise, o deslocamento da escola para o museu pode ser compreendido, não apenas como um deslocamento espacial, que possibilita uma mudança de ambiente de aprendizagem, mas também como um deslocamento de referências culturais de um universo conhecido (o escolar) para outro universo (o museu) que encerra elementos quase sempre desconhecidos do público escolar. Nessa medida, a visita escolar ao museu é compreendida como um deslocamento intercultural capaz de mobilizar elementos dos dois contextos culturais.

Dessa forma, o fenômeno a ser investigado é a visita escolar ao museu em busca da compreensão do que ocorre quando escolas e museu se encontram: de que forma museu e escola compõem a cena pedagógica e quais dimensões formativas são mobilizadas no momento em que esses contextos educativos estão em contato?

Talvez a promessa de expansão que me fez deslocar-me do meu lugar de nascimento e migrar para a capital do estado tenha forjado em mim uma identidade construída sob signo do deslocamento: do rural para o urbano; do pequeno para o grande; do velho para o novo, do estreito para o largo; do passado para o futuro; do provinciano para a metrópole, ajudando a me conformar uma criatura da intermedialidade. Talvez a minha atuação como profissional da educação não pudesse se livrar desse destino incerto. Talvez porque o deslocamento tenha se tornado uma forma de existir, alimentada na promessa da expansão, é que a minha prática educativa não tenha podido evitar o interstício. A busca por *outros lugares* que compartilham processos educativos passaram a me interessar sobremaneira, situando-se ora aqui, ora ali, ora aqui e ali. Não só na escola, mas por meio dela, fora dela e junto com ela.

Mediante a compreensão de que os processos de conhecimento ocorrem em diferentes esferas da sociedade e que a aprendizagem desse conhecimento se processa de forma múltipla e complexa em redes de produção e circulação de informações, escolhi investigar dois espaços educativos - museus e escolas. Não separadamente, mas quando postos em contato no espaço/tempo da visita.

No entanto, em um país onde a escola ainda não incluiu de modo universal os seus cidadãos e, sobre os nossos museus ainda pesa uma tradição elitista e excludente, o que nos motiva e nos desafia a estudar as relações entre museus e escolas?

De um lado, os números da educação nos informam que sequer vencemos os desafios da garantia da escolarização ampla para todos os brasileiros e, no âmbito das políticas e práticas educativas, continuamos a perseguir a permanência e o acesso à educação por todos. De outro lado, o hábito dos brasileiros de visitar museus ainda se concentra entre as elites econômicas e culturais, não tendo sido generalizado entre os demais grupos sociais. Esse dado não se restringe apenas ao contexto brasileiro. Estudos mostram que o hábito de visitar museus em todo o mundo aumenta entre aqueles que têm níveis de instrução mais elevados. A questão do acesso aos museus foi tema de uma ampla

pesquisa desenvolvida por Pierre Bourdieu e Alain Darbel nos museus europeu em fins dos anos 60 quando se constou que

[...] a estatística revela que o acesso às obras culturais é privilégio da classe culta; no entanto, tal privilégio exhibe a aparência da legitimidade. Com efeito, são excluídos apenas aqueles que se excluem. Considerando que nada é mais acessível do que os museus e que os obstáculos econômicos – cuja ação é evidente em outras áreas – têm, aqui, pouca importância, parece que há motivos para invocar a desigualdade natural das ‘necessidades culturais’ (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 69).

Afrânio Catani na apresentação da obra de Bourdieu e Darbel (2007) afirma que

[...] a frequência dos museus em todos os países pesquisados aumenta consideravelmente à medida que se eleva o nível de instrução, correspondendo quase que exclusivamente a um modo de ser das elites (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 9).

Embora produzido nos fins dos anos 60, as questões sobre as barreiras simbólicas que separam grande parte dos grupos sociais dos bens culturais ainda permanecem contemporâneas. Grinspum (2000), em seu estudo sobre o papel da escola na formação de públicos nos museus, analisa o universo dos pais de alunos das escolas que frequentam o Museu Lasar Segall em São Paulo, e constata que entre eles não é cultivado “ [...]o hábito de visitar museus, nem para sua satisfação pessoal, nem para o entretenimento e educação da família” (GRINSPUM, 2000, p.117).

A atração desses públicos aos museus é um dos desafios dessa instituição rumo a uma maior democratização de suas ações. Como afirma Almeida (2005, p.25) “[...] um dos grandes desafios dos museus é a ampliação de seus públicos, inserindo faixas de nível de renda e escolaridade que pouco saem de casa e visitam instituições culturais, mesmo as gratuitas como o MHAB”¹⁹.

De uma escola destinada a uma pequena parcela da população seguiu-se a ampliação do processo de escolarização das grandes massas da população brasileira (CAVALIERE, 2002) a partir da segunda metade do século XX. As metas de universalização da educação apontam para a inserção, por meio da escolarização, de contingentes cada vez maiores de novos grupos sociais na rede de conhecimentos em circulação na sociedade.

¹⁹ Ver: ALMEIDA, Adriana M. Análise das pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Doxa, 2005. In: MHAB - Relatório Técnico Final do Projeto “Pesquisa de Público para Avaliações das Exposições e dos projetos de Educação Patrimonial do Museu Histórico Abílio Barreto. Belo Horizonte, outubro de 2005. Manuscrito (31fl).

Não obstante as crises sucessivas do sistema escolar e as críticas a uma possível perda de identidade cultural e pedagógica da escola (CAVALIERE, 2002), a ampliação do direito à educação no País passa pelo fortalecimento da instituição escolar. A LDB n. 9495/96 já apontava a necessidade de progressão da jornada escolar e o Plano Nacional de Educação (2001) veio reiterar essa ampliação progressiva incluindo a participação das comunidades na gestão das escolas. Os debates sobre a educação integral e as experiências educativas na direção da implantação do tempo integral crescem em todo o País, sobretudo nas redes públicas de ensino. O processo de escolarização atinge também os grupos tradicionais (grupos indígenas) de modo acelerado nos últimos anos como afirma Gomes (2009).

Nesse movimento de ampliação, seja por meio do aumento dos dias letivos, ou do tempo de permanência diária na escola ou ainda pela distensão da permanência na escola tornando-a cada vez mais elástica, o que se verifica é a ampliação dessa instituição em nossa sociedade, em tempos de atribuição de valor crescente à esfera do conhecimento. Reflexões no campo das ciências sociais produziram diferentes conceitos para designar o fenômeno de valorização do conhecimento na sociedade contemporânea, tais como: *sociedade do conhecimento*, *sociedade de rede* e *sociedade da informação*. Em linhas gerais, na sua definição inicial, a *sociedade do conhecimento* é caracterizada por uma estrutura econômica e social em que o conhecimento passa a ocupar um lugar primordial, substituindo o trabalho, a matéria prima e o capital como fontes principais de crescimento da produtividade e desigualdade social. De acordo com Krüger (2006, p. 12):

[...] una de las características de la “sociedad del conocimiento” es la transformación radical de la estructura económica de la “sociedad industrial”, de un sistema productivo basado en factores materiales hacia un sistema económico en que los factores simbólicos y basados en conocimiento son dominantes.

Ao pensar no papel da escola na chamada sociedade do conhecimento, Hargreaves (2004) afirma que a sociedade do conhecimento depende das escolas como um todo para tornar-se uma sociedade aprendente criativa e solidária.

Nos últimos anos no Brasil, as preocupações em torno das questões relativas à preservação do patrimônio tornam-se efetivas. Esse fato manifesta-se na proliferação dos lugares de memória, acompanhando um fenômeno que já atinge proporções globais. De acordo com Meneses (1992, p. 9), nos últimos anos, [...] “multiplicam-se as casas de

memória, centros, arquivos, bibliotecas, museus²⁰, coleções, publicações especializadas (até mesmo periódicos)”. Para esse autor, debates em torno da importância da preservação do patrimônio histórico e cultural colocam o tema da memória em destaque, ganhando fôlego e força política: “os movimentos de preservação do patrimônio cultural e de outras memórias específicas já contam com força política e têm reconhecimento público” (MENESES,1992, p.9). Como destaca Ribeiro e Barbosa (2007, 100):

[...] a restauração dos centros urbanos, a moda retrô, o sucesso das narrativas históricas e da literatura memorialista, a multiplicação dos espaços de comemoração, o crescimento de documentários no cinema e na televisão são alguns exemplos do que se tem chamado de cultura da memória.

A emergência da memória como um fenômeno político e cultural das sociedades ocidentais é discutido por diferentes autores como: Meneses (1992;1999), Huyssen (2000), Chagas e Abreu (2007), Chagas e Storino (2007), Sarlo (2007) dentre outros. Em estudo sobre memória e identidade institucional Ribeiro e Barbosa (2007) mostram os sintomas da chamada *febre mnemônica* a que se referiu Huyssen (2000) acometendo também o mundo empresarial.

(...) Cada vez mais empresas têm investido em projetos de pesquisa sobre a sua história, criando museus e arquivos com acervos próprios, publicando livros e organizando programas de memória oral, entrevistando profissionais que atuam ou atuaram no seu interior (RIBEIRO e BARBOSA, 2007, p 100).

Tais dados confirmam a emergência de um desejo de memória (CHAGAS, 2007) na sociedade contemporânea. Discussões em torno do direito à memória reafirmam a importância de se garantir a inclusão de questões relativas à educação e patrimônio nos programas curriculares da escola formal como meio de incentivar ações de educação e preservação (ORÍÁ, 2001). No âmbito das políticas públicas, a implementação da Política Nacional de Museus²¹ deixa explícita tal preocupação quando prevê [...] inclusão de

²⁰ Os dados da publicação *Museus em Números* confirmam o crescimento do campo museal brasileiro. Em levantamento realizado pelo Cadastro Nacional de Museus (CNM), até o ano de 2009 foram identificadas 3.025 unidades museológicas em todo o Brasil. Os dados confirmam que existem, hoje, cinco vezes mais museus no Brasil do que havia na década de 1970 e duas vezes mais que no início da década de 1990. Ver: BRASIL. IBRAM MIC - Instituto Brasileiro de Museus. *Museus em Números*/Instituto Brasileiro de Museus Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.v. 1. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/category/publicacoes-e-documentos/>>. Acesso em 13 de dezembro/2011.

²¹ Segundo Marandino (2008, p. 11), a implantação da Política Nacional de Museus “[...]possibilitou a consolidação de um programa nacional de formação e capacitação em museologia e a criação de um fundo de amparo ao patrimônio cultural e aos museus brasileiros”, favorecendo a ampliação e o fortalecimento dos

conteúdos e disciplinas referentes ao uso educacional dos museus e dos patrimônios culturais nos currículos dos ensinos fundamental e médio” (BRASIL, 2006, p.15), reafirmando uma necessidade anteriormente sinalizada pelos profissionais de museus e da educação.

O movimento da escola em direção aos lugares de memória pode ser visto como um sintoma das preocupações em torno da produção das identidades por meio do estímulo à valorização e preservação da memória social e coletiva²². Podem ser também indícios da construção de novas práticas de cidadania por meio da promoção do acesso aos bens culturais e patrimoniais, associadas às preocupações específicas de professores interessados em tornar o conhecimento escolar mais significativo e prazeroso dentre outras preocupações.

Sob essa lógica, o museu, por sua vez, vê na parceria com a escola uma estratégia vigorosa na democratização de suas ações²³. Nesse processo, muitas instituições mantêm em seus programas educativos ações direcionadas ao público escolar, como: cursos, visitas monitoradas, oficinas, material didático para empréstimo, conferências, estágio de formação, além de investimento na formação de professores (cursos e material de apoio) para atender ao seu público mais expressivo²⁴. Como afirma Martins (2006),

[...] ao longo de pouco mais de três séculos, a relação com a escola ganhou um papel primordial na composição do público de todo tipo de museu. A visitação maciça de escolares, aliada a mudanças ideológicas do caráter das instituições museológicas, trouxe transformações que atualmente fazem com que grande parte dos museus mundiais com serviços de educação voltados, em maior ou menor grau, ao público escolar (MARTINS, 2006, p. 11).

Dados do CNM apontam que, do total de 1.500 instituições museais cadastradas, 48,1% têm um setor específico para as ações educativas, e quase a totalidade (96,4%) das instituições têm atividades voltadas para o público infantojuvenil. Dentre os museus cadastrados, 80,6% deles oferecem visitas guiadas para diferentes públicos “[...]cuja

setores educativos dos museus, embora saibamos que um olhar mais acurado para as realidades locais ainda revelem a face precária das condições de funcionamento de grande parte dos museus brasileiros.

²² A memória é considerada elemento fundamental da identidade, ao conferir ao sujeito ou grupo social um sentimento de pertencimento, continuidade, identificação e diferenciação. A respeito das relações entre memória e identidade, ver Le Goff (1997), Pollack (1992), Meneses (1992) dentre outros.

²³ O estudo de Grinspum (2001, p.118) ressalta o papel da escola como canal de aproximação de alguns grupos sociais ao museu: “as escolas acabam assumindo esse dever isoladamente, o que as tornam uma das grandes responsáveis pela relação entre alguns grupos sociais ao museu”.

²⁴ Sobre a predominância do público escolar nos museus, ver Almeida (2004), Grinspum (2001), Vasconcellos (2006), Marandino (2001), dentre outros.

modalidade mais comum é a realizada com a intermediação de monitores/guias, seguida pela visita guiada com a utilização de audioguia” (BRASIL, 2011, p.122) ²⁵.

Com 319 museus em todo o estado, Minas Gerais ocupa o 3º lugar na lista dos estados brasileiros com maior quantidade de instituições museais. A cidade de Belo Horizonte conta com 41 museus, apresentando-se como a capital de estado com a menor concentração de museus (12,9%), estando o restante distribuído pelo interior do estado (87,1) ²⁶. Ainda na primeira década deste século foram inaugurados na capital mineira alguns novos museus, centros de memória e espaços de divulgação científica ²⁷.

Embora não tenhamos tido acesso a estudos quantitativos específicos sobre a movimentação de escolares aos museus ²⁸, alguns dados locais apontam as múltiplas faces desse fenômeno. Linhares (2011), no levantamento quantitativo realizado em sua pesquisa sobre as visitas escolares ao Observatório Astronômico Frei Rosário na Serra da Piedade em Minas Gerais, demonstrou que pouco mais de 2% do total de 17.902 instituições escolares públicas e privadas em atividade no estado de Minas, já haviam visitado o Observatório entre os anos de 1997 a 2009. Ao analisamos a situação do MHAB no contexto das escolas municipais em Belo Horizonte, vimos um quadro bastante divergente. Um levantamento realizado pelo Setor Educativo do MHAB das escolas atendidas no período de 1998 a 2006 apontou que, das 181 escolas na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte em atividade, 175 delas já haviam visitado o museu em pelo menos um desses anos, o que corresponde a 94% do universo de escolas da RMEBH ²⁹.

No ano de 2010, a Prefeitura Municipal de Educação de Belo Horizonte, por meio da Secretaria Municipal de Educação e do Programa BH para Crianças, lançou o Projeto Circuito de Museus visando “[...] facilitar o acesso dos estudantes da Rede Municipal aos Museus, sensibilizando para um novo olhar sobre a cidade, instigando a pesquisa e a reflexão” ³⁰. Nele

²⁵ Ver publicação *Museus em números* (v. 1).

²⁶ Ver publicação *Museus em Números* (v. 1).

²⁷ Dentre os novos museus inaugurados em Belo Horizonte listamos: o Museu Giramundo (2001); Museu de Artes e Ofícios (2005); Museu do Brinquedo (2006); Museu das Telecomunicações- Espaço Oi Futuro (2007), Museu Inimá de Paula (2008); Espaço Tim do Conhecimento (2010); Museu das Minas e do Metal (2010) e Memorial Minas Vale (2010).

²⁸ Os dados da publicação *Museus em números* (2011) apontam o crescimento do campo museal brasileiro e o aumento da visitação aos museus de modo geral, não havendo nele informações específicas sobre o público escolar nos museus brasileiros.

²⁹ Ver ANEXO A (Tabela: Relação das Escolas Atendidas – Rede Municipal - Fonte Setor Educativo MHAB – 24/05/2006)

³⁰ Ver: PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Folder Circuito de museu. (Impresso) Belo Horizonte. PBH- Programa BH para Crianças.

são oferecidos três circuitos: Histórico, Artes Plásticas e Ciências e Tecnologia, envolvendo 11 Museus da cidade (dentre ele o Abílio Barreto). Esse aumento na demanda pelos serviços educativos dos museus esbarra nos limites e nas capacidades de operacionalização desse atendimento em cada instituição. Tal cenário sinaliza a necessidade de novos investimentos e recursos das esferas administrativas, sobretudo nos museus públicos. Ações como essas interferem na relação entre os museus e as escolas e, em longo prazo, podem implicar a formação de novos hábitos culturais na cidade.

Da mesma maneira os museus, visando o aprofundamento da sua função social, se mostram cada vez mais interessados no estreitamento dos laços com o público escolar, seja na melhoria da programação específica para o atendimento aos escolares, seja no aprofundamento da relação com as escolas em ações extramuros.

Esse quadro propicia que os estudos sobre relação museu e escola tornem-se cada vez mais importantes. Seja pelo crescente interesse pelo campo da memória e dos museus, seja pelo potencial educativo dessa experiência educativa na formação cultural dos cidadãos ou ainda pelo necessário aprofundamento das reflexões sobre os direitos à educação e cultura em um país cujos indicadores educacionais e culturais revelam as faces da enorme desigualdade social que continua a ferir a ética humana.

2. MUSEUS E ESCOLAS: PROBLEMA DE PESQUISA E PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO

Relações entre escolas e museus não é um fenômeno recente e essa aproximação vem se intensificando na medida em que se amplia o processo de democratização do acesso à cultura como já foi dito anteriormente. Segundo Köptcke (2003), o desenvolvimento de ações específicas voltadas para o público escolar e a apropriação das exposições para as finalidades de ensino começaram a ocorrer nos museus na virada do século XIX para o XX. A aproximação dos museus com as instituições de ensino inicia-se com as experiências de ensino universitário no interior dos museus, para depois chegar ao ensino secundário e, mais tardiamente, ao ensino ginasial e primário (KÖPTCKE, 2003)³¹.

³¹ Não podemos pensar a relação museu e escola no Brasil sem mencionarmos a proposta de criação dos chamados *museus escolares*. Conforme PETRY (s/d), “[...]Os museus escolares, entendidos como os que dão suporte à atividade de ensino, integraram os discursos modernizadores da educação, tanto na Europa quanto no Brasil, particularmente quando defendiam um ensino pautado em objetos concretos”. Nessa perspectiva, os

O estudo de Lopes (1988) ressalta a influência do pensamento de Anísio Teixeira na introdução das ideias sobre o uso educacional dos museus no Brasil e situa as origens do papel pedagógico assumido pelos museus no contexto das ideias da Escola Nova. Segundo essa autora, a Escola Nova, com a sua preocupação com a aprendizagem significativa, traz de volta para a cena educacional os *velhos museus* e junto com ela a ideia de complementaridade ao ensino escolar.

Ao estudar as experiências educativas nos museus brasileiros³², Lopes (1988) identificou uma profunda aproximação com as práticas escolares. Para essa autora, os museus incorporaram em sua prática “[...] as finalidades e métodos do ensino regular, cujas manifestações iniciais surgiram com os movimentos escolanovistas e vêm se aprofundando no bojo das propostas de educação permanente para museus” (LOPES, 1991, p. 444). Sem autonomia e sem qualquer perspectiva de agente produtor e difusor de conhecimentos, os museus foram vistos como *apêndices da escola* reafirmando-se como local de ilustração do conteúdo aprendido na escola, reproduzidor das metodologias e práticas do ensino escolar, principalmente aquelas baseadas na transmissão de conhecimento. Naquele período, por atuarem como complemento ao ensino escolar, os museus pouco avançaram na constituição de uma proposta educativa singular, afirma Lopes (1988). Para essa autora, nos anos oitenta do século XX os museus viveram um círculo vicioso retroalimentado pela dependência da escola: os museus não sobreviviam sem as escolas e, para se manterem, se adequavam a elas.

Por outro lado, o fenômeno da escolarização dos museus foi objeto de reflexão de alguns estudiosos do campo da educação que problematizaram o sentido pejorativo atribuído ao termo³³. Siman (2003) ressalta que esse sentido deriva de uma compreensão sobre a escolarização como algo menor, desconhecendo as especificidades da produção

museus escolares surgem em consequência do método intuitivo, sendo necessários onde se quer seguir esse método.

³² O estudo desenvolvido por Maria Margareth Lopes que resultou na dissertação de mestrado intitulada *Museu: uma perspectiva de educação em geologia* se desenvolveu no contexto da implantação das atividades relacionadas à ciência geológica no Museu Dinâmico de Campinas no período de 1986 a 1988. Em sua pesquisa, debruçou-se sobre a documentação relativa a 31 museus que abordam a geologia.

³³ Soares (1999), em seu artigo *A escolarização da literatura infantil e juvenil*, denuncia o uso pejorativo e depreciativo atribuído ao termo escolarização quando utilizado em relação a conhecimentos, saberes e produções culturais. Para essa autora, não é correta ou justa a atribuição dessa conotação pejorativa aos termos *escolarização* e *escolarizado*, uma vez que qualquer conhecimento ou prática cultural, ao se tornar saber escolar, passa inevitavelmente pelos processos de escolarização para atender seus fins formadores e educativos.

interna dessa instituição que, desde o seu surgimento, construiu um universo cultural próprio.

Nas últimas décadas do século XX e início do XXI, escolas e museus vêm sendo marcados por transformações profundas em seus papéis e funções sociais reinventando práticas educativas e estabelecendo novas parcerias. E, como vetores de ações educativas, traçaram percursos históricos próprios, construíram linguagens específicas e propostas educativas e pedagógicas com marcas de distinção.

As renovações no campo museológico e as reflexões sobre a educação nos museus, associadas às críticas à indefinição do papel educativo dos museus e à consequente escolarização de suas funções educacionais, impulsionaram mudanças nos seus setores educativos rumo à construção de proposição de ações educativas museais fundamentadas em premissas próprias³⁴. A busca pela construção de uma identidade institucional, pautada nas especificidades do universo museal, parece ter sido o esforço empreendido pelas instituições museológicas nos últimos vinte anos no Brasil, processo esse intensificado nos últimos dez anos. Assim, é possível inferir que a construção de caminhos educativos próprios e práticas específicas promoveram um *movimento de desescolarização* do museu levando esta instituição ao distanciamento das práticas desenvolvidas pela escola. Entretanto, até que ponto isso é possível quando se tem a escola como uma das mais importantes interlocutoras?

Ao refletir sobre a relação escola e museu, Siman (2003) chama a atenção para as especificidades de cada um desses espaços e ressalta que, tanto a cultura escolar quanto a cultura museológica guardam suas particularidades. Lembra também que é nessa interface que precisam ser construídas novas práticas educativas. Nessa mesma direção, Marandino (2001), ao refletir sobre a relação museu e escola, pontua a necessidade de reconhecer as especificidades desses espaços.

[...] É possível perceber que museu e escola são universos particulares, onde as relações sociais se processam de forma diferenciada, cada um com uma lógica própria. Desta forma então, é fundamental, numa análise que procura estabelecer relações entre o museu e a escola, evidenciar as diferenças entre esses espaços (MARANDINO, 2001, p. 88).

³⁴ Experiências educativas em diferentes museus, pesquisas sobre a relação museu e escola e a ação articulada de órgãos como o CECA - Comitê de Educação e Ação Cultural – ICOM, têm importante papel na redefinição e delimitações das funções educativas dos museus.

Considerando tal quadro de transformações vivenciadas por essas instituições, os novos significados educativos por eles construídos e as novas relações entre eles estabelecidas, é que nos propusemos a investigar as experiências de interação entre as escolas e museus a partir da experiência educativa destinada ao público escolar desenvolvida pelo Museu Histórico Abílio Barreto e as formas de apropriação do museu pela escola. Os seguintes questionamentos orientaram essa investigação: *o que é compreendido como educação pelo MHAB, quais princípios educativos norteiam as ações destinadas ao público escolar e qual a natureza da educação em um museu histórico? O que conta como ação educativa para o museu na relação com o público escolar? Como o museu se organiza para receber esse público? Como os professores se apropriam do museu e quais sentidos atribuem à visita? O que ocorre quando escolas e museus se encontram? Que aproximações e distanciamentos existem entre esses dois ambientes educativos?*

Embora nenhum grupo e, de modo análogo, nenhuma instituição, no interior de uma sociedade, possa construir uma cultura autônoma ou isolada, o esforço de compreensão da experiência museal e da experiência escolar, como práticas culturais dotadas de lógicas próprias, pode se constituir numa perspectiva elucidativa para os estudos acerca das relações entre museus e escolas.

2.1 Aspectos da cultura escolar

Diferentes pesquisadores, do campo da história da educação têm procurado compreender os processos práticos de constituição de um tipo de sociabilidade escolar e de um modo também escolar de transmissão cultural, apoiados em conceitos como forma escolar, cultura escolar (CARVALHO, 1998), acrescido ainda do conceito de escolarização. Embora reconheçamos a complexidade e a amplitude que envolve tal debate, faremos aqui alguns apontamentos em torno de questões que nos parecem centrais para o nosso estudo.

A respeito de um possível enraizamento de uma forma escolar sobre a sociedade, autores como Vincent, Lahire e Thin (2001) refere-se à predominância da forma escolar a todos os espaços e instituições da sociedade. Segundo Vicent, Lahire e Thin (2001), forma escolar seria o modo específico e unitário por que a instituição escolar, por meio dos seus três elementos constitutivos: o espaço, o tempo e a relação pedagógica, em um momento

histórico particular e em uma determinada época específica, disseminou saberes para além dos muros da escola.

Tal como o conceito de forma escolar, Tyack e Cuban, *apud* Vidal (2005) elaboraram o conceito de gramática escolar na tentativa de compreender as invariantes do sistema escolar, ao constatarem a dificuldade de se implantar mudanças do sistema de ensino americano. A resistência dos pais, mestres e alunos às propostas de mudança na estrutura de funcionamento da escola foi compreendida pelos autores em suas pesquisas, como uma dificuldade de se reconhecer no novo modelo proposto, uma correspondência com o que socialmente se reconhecia como *verdadeira escola*.

Na busca da compreensão dos aspectos mutáveis e das transformações no interior das instituições escolares, a categoria cultura escolar tem subsidiado análises historiográficas e vem se constituindo como campo de investigação na história da educação e iluminando estudos que voltam o olhar para as práticas escolares. Julia (2001) caracteriza a cultura escolar como

[...] um conjunto de normas que definem conhecimento a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas e finalidades que podem variar segundo as épocas (...) (JULIA, 2001, p.10).

O convite de Julia (2001) aos historiadores para irem além do estabelecido, normatizado e prescrito e se posicionarem em favor da investigação com foco nas práticas cotidianas da escola coloca em evidência as pequenas mudanças que se processam no interior do sistema escolar.

Julia (2001) inspirou-se nos debates em torno da cultura escolar que se faziam presentes nos trabalhos de Chervel (1990)³⁵, sobretudo em suas posições contrárias as proposições de Chevallard, *apud* Chervel (1990), que enfatizava a dependência das disciplinas escolares em relação às ciências de referência. Para Chervel (1990), a história das disciplinas escolares devia partir de uma concepção de disciplina entendida em suas especificidades, com objetivos próprios, articulada com os demais saberes e, não, como um conhecimento menor, de segunda classe.

³⁵ Especialmente em seu artigo *A história das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisas* (CHERVEL,1990).

Nessa perspectiva, defendia a ideia de que a escola era capaz de produzir uma cultura específica, singular e original, distanciando-se da “[...] concepção de escola como puro e simples agente de transmissão de saberes elaborados fora dela” (CHERVEL, 1990:182), como lugar do reprodutivismo e conservadorismo, perspectiva ainda presente na obra de Chevallard, *apud* Chervel (1990). Para Chervel (1990), a escola era uma instituição capaz de desenvolver um saber específico que emergia das determinantes do seu próprio funcionamento cujos efeitos se estende sobre a sociedade e sobre a cultura.

Embora Julia (2001) tenha se inspirado em Chervel (1990), é importante destacar as diferenças de acepções presentes em suas análises: enquanto Chervel (1990) reforça a originalidade da cultura escolar, Julia (2001) convida a uma análise mais atenciosa das práticas escolares (VIDAL, 2005, p. 29).

Viñao Frago, *apud* Vidal(2005), também se utiliza da categoria cultura escolar para analisar as diversas manifestações das práticas estabelecidas no interior das escolas, compreendendo alunos, professores, normas e teorias. Para esse autor, “[...] la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir e hacer” (FRAGO, *apud* VIDAL, 2005, p. 34). Por “abarcas as mais diversas dimensões do cotidiano da escola e se desfolhar sobre a sociedade, a cultura escolar, para o autor, variava de acordo com a instituição investigada” (FRAGO, *apud* VIDAL, 2005, p. 35). Dada a abrangência da categoria, o autor preferia a sua utilização no plural *culturas escolares*: “[...] sin embargo, desde una perspectiva histórica parece más fructífero e interesante hablar, em plural, de culturas escolares” (FRAGO *apud* VIDAL, 2005, p.35).

Outros autores utilizam o conceito de cultura escolar, com diferentes acepções. Forquin (1993) enfatiza a existência de uma cultura escolar construída a partir de um processo de didatização do saber de referência (o saber científico), efetivado por meio de seleção e produção de um novo tipo de saber. Essa perspectiva transforma a visão do papel da escola na relação com a produção do conhecimento científico. Existiria, assim, um saber escolar produzido numa estreita relação com o saber de referência, buscando aproximar-se deste, ou superar os saberes do senso comum. Escolano, *apud* Vidal (2005) utiliza o termo *culturas da escola* destacando também as dimensões do tempo e do espaço como elementos ordenadores da escola e constitutivos de subjetividade.

Faria Filho (2002), ao discutir a ação da escola sobre o social, que o autor chama de escolarização do social, faz uso do conceito de escolarização em um sentido duplo e complementar: o primeiro referente

[...] ao estabelecimento de processos e políticas concernentes à organização de uma rede, ou redes de instituições, mais ou menos formais, responsáveis, seja pelo ensino elementar de leitura, da escrita, do cálculo e, no mais das vezes, da moral e da religião, seja pelo atendimento em níveis posteriores e mais aprofundados (FARIA FILHO, 2002, p.16),

e outro que toma a escolarização como [...] “o processo e a paulatina produção de referências sociais tendo a escola, ou a forma escolar de socialização e transmissão de conhecimento como eixo articulador de seus sentidos e significados” (FARIA FILHO, 2002, p.16), identificando-se com o conceito de forma escolar. Essa noção de escolarização possibilita uma visão mais ampla da configuração da escola, tanto nos fatores que lhes são internos, quanto nos fatores externos que marcam a sua relação com a sociedade.

Veiga (2002), inspirada no conceito de dispositivo de Michel Foucault³⁶, utiliza a ideia da escolarização como dispositivo para analisar o fenômeno da escolarização como um amplo projeto de civilização empreendido ao longo do século XIX. A compreensão da escolarização como dispositivo refere-se a

[...] uma rede que se estabelece diante de elementos heterogêneos que envolvem os discursos, o espaço escolar, as ideias, o currículo, os materiais escolares, os procedimentos administrativos etc; a natureza das relações entre esses elementos está no âmbito das relações de poder e é de caráter estratégico, confirmando-as como produtos e produtoras de saber (VEIGA, 2002, p. 91).

Nessa perspectiva a ideia da escolarização como dispositivo permite analisar aspectos da história da educação escolar considerando a complexidade que envolve esse fenômeno na sua longa duração.

Seja em busca das invariantes estruturais da escola, seja na tentativa de compreensão das mudanças promovidas pela ação dos sujeitos em suas práticas cotidianas ou procurando articular dimensões internas e externas à escola, esses conceitos - cultura

³⁶ A ideia da escolarização como dispositivo em VEIGA (2002), é inspirada no conceito de dispositivo desenvolvido por Foucault, *apud Veiga (2002)*: “Além de ser uma estrutura de elementos heterogêneos, um dispositivo é de natureza essencialmente estratégica, um tipo de formação que em determinado momento histórico teve como função principal responder a uma urgência, e que supõe certa manipulação das relações de força, certa intervenção racional e organizada nestas relações de força”. [Nas palavras de Foucault]: “É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentado por elas” (FOUCAULT *apud* VEIGA, 2002, p.90).

escolar, cultura da escola, culturas escolares, gramática escolar, forma escolar, escolarização-, a despeito das variações de significados, têm permitido analisar diferentes aspectos da realidade escolar em diferentes contextos históricos, seja na longa, seja na curta duração.

Em nosso estudo, quando focamos o fenômeno da visita escolar ao museu como uma experiência educativa tecida na interface entre os museu e escolas, estamos buscando entender como a escola imprimiu suas marcas sobre as ações dos museus e como o museu se distanciou delas, promovendo um movimento de escolarização e paulatina desescolarização sem, contudo, se afastar da escola.

Na tentativa de compreender a ação da escola sobre o social e a transformação dos saberes sociais em escolares, Faria Filho (2002) articula os conceitos de escolarização, cultura escolar e práticas escolares, o que lhe permite considerar tanto elementos estruturais da organização da instituição, quanto as manifestações específicas dos sujeitos envolvidos nas ações educativas das escolas.

Se, por um lado, a ênfase nas experiências singulares das instituições permite a identificação de culturas escolares (VIÑAO FRAGO, *apud* VIDAL, 2005), por outro, não se pode desconsiderar os fatores estruturais que definem essa instituição.

Faria Filho (2002), ao articular os conceitos de cultura escolar, escolarização e práticas escolares, leva em conta tanto fatores macro estruturais que definem e redefinem o fenômeno escolar, tanto aqueles de ordem microestruturais, em que se situam as experiências singulares dos sujeitos sociais.

É, portanto, orientada por essas reflexões que pretendemos analisar as experiências e práticas dos sujeitos envolvidos na produção da visita escolar museu, na escola e no contexto da realização da visita, a fim de perceber suas aproximações e distanciamentos, tomando como referência as visitas escolares realizadas no MHAB no ano de 2009.

2.2 Aspectos da 'cultura museal'

A emergência dos museus em nossa sociedade guarda relações com as práticas mais remotas de colecionamento e decorrem do desejo e da necessidade mais profunda dos povos em se perenizarem (CASTRO, 2009, p. 44).

Frutos da imaginação (imagem-ação) humana e resultado das relações sociais, essas instituições estão em constante processo de transformação e acompanham, em graus diferenciados, as alterações na forma como a sociedade opera com as dimensões da cultura, da memória e do patrimônio ao longo do tempo. O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), inspirados em Benjamin (2005), apresenta os museus como

[...] casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose (IBRAM, 2011)³⁷.

Reformulações em torno do conceito de museu resultam das novas práticas de memória em curso na sociedade contemporânea marcada pela aceleração do tempo que produziu o fenômeno do *presentismo*, trazendo a ameaça da amnésia. Ao analisar o século XX, Hobsbawm (1995, p. 24) aponta “a desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano, e com ela, aliás, a quebra dos elos entre gerações, quer dizer entre passado e presente”, como umas das mais perturbadoras transformações do *breve século*, aprofundadas nesse novo milênio.

Nora (1993), ao analisar o fenômeno da memória na sociedade contemporânea, aponta o surgimento dos lugares de memória como forma de compensar a perda da memória enquanto experiência e vivência coletiva. Para ele, os lugares de memória são restos de memória que só existem porque ela está ameaçada.

No entanto, o que parece melhor traduzir a relação contemporânea com o tempo é o paradoxo entre o risco da amnésia e a febre da memória. Se por um lado a nossa sociedade industrial moderna parece “[...] triturar o passado pelo moinho da mudança inexorável” (MEYERHOFF, *apud* WHITROW, 1993:203) supervalorizando o presente, por outro, a tentativa de sua compreensão só parece possível por meio do estudo do seu passado. Esse paradoxo é assim sintetizado por Whitrow (1993, p.204): “[...] em nossos dias o passado é simultaneamente desvalorizado e supervalorizado”. Para Hobsbawm, “o que se vê não é a destruição maciça de tudo que herdara da velha sociedade, mas a adaptação seletiva da herança do passado para uso próprio” (HOBBSAWM, 1995, p. 25).

³⁷ Ver: <<http://www.museus.gov.br/museu/>>. Consulta realizada em 10/12/2011.

Para Meneses (2000) esse aparente paradoxo de desvalorização e supervalorização da memória pode ser entendido não como *o fim da memória* aquela da experiência coletiva e, portanto, das tradições, mas como expressões das novas relações com o passado típicas de uma sociedade de massa, sociedades mediatizada, marcada pela velocidade dos eventos. Segundo Pollak (1989, p. 9),

[...] A memória, é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis.

Como instituições de memória, cuja operação encerra lembranças e esquecimentos, os museus figuraram quase sempre como símbolos de poder em sua vasta trajetória existencial. Convertidos também em símbolos de *empoderamento* em sua história mais recente, os museus se confirmam como lugares que revelam formas de interpretação do passado a serviço do interesse de diferentes grupos sociais.

Em 1956, o Comitê Internacional de Museus (ICOM) adotou a seguinte definição para os museus:

[...] um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras o conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos, zoológicos e aquários (ICOM,1996).

Já, em 2005, o conceito se alarga incorporando finalidades educativas e de deleite da sociedade, ao serem compreendidos como

[...] Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade (ICOM, 2005).

Em 2006 é a vez de o Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DEMU/IPHAN) construir uma definição que incorporasse a pluralidade de instituições ou processos museológicos responsáveis pela

promoção de um trabalho permanente com o patrimônio nas suas mais diversas manifestações independente de sua denominação (IPHAN/DEMU, 2006).

Com a promulgação do Estatuto de Museus pelo CNM – Conselho Nacional de Museus passou-se a adotar o conceito de museu expresso na Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que estabelece em seu Artigo 1º

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades (BRASIL, 2009).

Articulando funções de preservação, investigação e comunicação os museus promovem um tipo de ordenamento da memória artística, científica, histórica, cultural, técnica etc., que imprime sobre a sociedade uma forma própria de ação cultural e educativa, cuja matéria principal é a memória (CASTRO, 2009). Promover a educação por meio da relação com a memória e o patrimônio cultural é o cerne do empreendimento educacional do museu na atualidade.

Como já mencionado, as reflexões acerca do papel educativo dos museus se confundiram com aqueles da escola reduzindo-os a suplemento das deficiências do ensino formal. No entanto, o fortalecimento do campo museal no Brasil e o maior adensamento das reflexões sobre o seu papel educativo conduziram a um processo de sistematização e consolidação de novas metodologias de trabalho educativo utilizando os bens culturais como mediadores nos processos educativos no interior dos museus. Embora, como aponta Chagas (2006), a existência de um trabalho com os bens culturais e a preocupação com o patrimônio estivessem presentes desde os primórdios dos museus, em concordância com o preconiza o IPHAN.

Toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, investigam pra conhecer melhor, entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação Patrimonial (IPHAN, 2010).

A Educação Patrimonial³⁸ - como [...] “uma proposta metodológica que busca o envolvimento efetivo e a participação ativa dos aprendizes no processo de conhecimento dos bens materiais” (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999,5) tornou-se uma das referências metodológicas de trabalho nos museus. Tal perspectiva metodológica ganhou visibilidade em todo o País com a publicação pelo IPHAN do Guia de Educação Patrimonial (1999). Nele são apresentados os princípios que norteiam a Educação Patrimonial e são fornecidos os passos que orientam a utilização dos objetos culturais como fontes na construção do conhecimento.

Grinspum (2001), reafirmando a dimensão educativa dos museus, formulou eixos de uma política educacional para os museus cujas bases se assentam no que ela denominou Educação para o Patrimônio e que pode ser entendido como:

[...]forma de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar bens culturais, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios da cultura material e imaterial com excelência e igualdade” (GRINSPUM, 2001, 27).

Almeida (2006), em suas pesquisas, faz referência ao Grupo de Pesquisa em Educação e Museus³⁹ (GREM) que desenvolve pesquisas no campo da educação museal, estudando as interações entre os diversos componentes de uma situação pedagógica que se desenvolve dentro do museu, a saber: o sujeito (o visitante), o objeto (o tema), o agente (o conjunto de recursos humanos e materiais) e o meio (meio ambiente externo e interno). Da análise dessas interações surgem os modelos didáticos próprios e pertinentes ao museu, a qual se denomina *pedagogia museal*, definida como “[...] um quadro teórico e metodológico a serviço da elaboração, da realização e da avaliação das atividades educativas no meio museal. Atividades cujo objetivo principal é a aprendizagem de saberes (conhecimento, habilidades e atitudes) pelo visitante” (ALMEIDA, 2006, p. 3).

A *cena* educativa no contexto dos museus tem se complexificado nos últimos tempos com a entrada de novos elementos que alteraram consideravelmente a linguagem expositiva. De acordo com Ventura *apud* Nascimento (2005), dentre os fatores que têm

³⁸ A esse respeito, ver Guia Prático de Educação Patrimonial (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999).

³⁹ Criado em 1981, na Universidade de Quebec no Canadá sob a coordenação do professor Michel Allard, essa proposta aparece em diversas publicações e foi apresentada parcialmente na Conferência do CECA ocorrida no Rio de Janeiro, em 1997. Ver: ALMEIDA (2006), MARTINS (2006).

provocado o conjunto de transformações nos museus, destaca-se a grande presença das tecnologias comunicacionais em nosso cotidiano.

Como principal veículo de comunicação nos museus, as exposições sofreram transformações diversas que resultam em novas formas de interação entre sujeito e objetos e tem sido alvo de reflexões de diferentes pesquisadores (NASCIMENTO, 2005; CHELINE e LOPES, 2008 dentre outros). Para Nascimento (2005, p.225), [...] “a modernização das práticas de comunicação impôs novos desafios aos museus, o que exigiu mudanças nas suas formas museográficas⁴⁰ para tornarem-se mais dialogadas com o visitante”.

Se, no passado, os visitantes pareciam se contentar em contemplar de forma passiva o que estava exposto, as novas demandas exigem uma maior participação nas exposições. A introdução de outros recursos museográficos que possibilitam um comportamento exploratório dos temas expostos, por meio de aparatos interativos (VALENTE et al., 2005) compõe a realidade dos museus inaugurados nas últimas décadas do século XX Brasil⁴¹. A entrada de novos dispositivos tecnológicos ou mecanismos no objeto do museu visava a envolver o visitante em algum tipo de ação sobre os objetos por meio da “[...] aplicação de um discurso de imagens, sons, luz e cores” (NASCIMENTO, 2005, p. 224). No entanto, a presença do dispositivo é vista como um primeiro movimento de interatividade inserido nos museus.

O termo interatividade é bastante polissêmico, e a sua utilização nos dias atuais tornou-se “[...] tão elástico a ponto de perder a precisão de sentido” SILVA (1998, p. 27). Em linhas gerais, o termo se presta a “ [...] qualificar qualquer coisa ou sistema cujo funcionamento permite ao seu usuário algum nível de participação ou suposta participação” (SILVA 1998, p.27). Muitos estudiosos têm usado interatividade como sinônimo de interação. No entanto, como destaca Silva (1998, 2000), o conceito *interação* é bem mais antigo que interatividade e é utilizado nas mais variadas ciências, enquanto o termo *interatividade* tem origem mais recente, tendo surgido no contexto das críticas aos meios e tecnologias de comunicação unidirecionais, que teve início na década de 70. Na definição de

⁴⁰ A museografia torna possível apresentar o acervo, com o objetivo de transmitir, por meio da linguagem visual e espacial, a proposta de uma exposição. Em Nascimento (2005) podemos verificar uma síntese das três gerações evolutivas das exposições e museus.

⁴¹ Os novos aparatos interativos entram de forma mais intensa nos museus de ciências e tecnologia como o MAST. Entretanto, tem sido a tônica dos novos museus inaugurados no século XXI. O Museu da Língua Portuguesa, aberto em São Paulo em 2006, o Museu do Futebol, também em São Paulo em 2008 e, mais recentemente, o Museu das Minas e dos Metais, aberto em Belo Horizonte, são exemplos do uso de tecnologias de ponta, de arte de animação e de recursos interativos no contexto expositivo.

Silva (1998, p. 29), o conceito de interatividade ganha amplitude e passa a significar a “[...] disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade (fusão emissão-recepção), para participação e interação”. Assim a interatividade não se limita à caracterização do tipo de relação homem - máquina, mas a uma nova perspectiva de interação diante da “[...] modalidade cognitiva das novas gerações marcadamente digitais, refratárias à recepção passiva” (SILVA, 1998, p. 35). Como o uso das novas tecnologias digitais não se faz presente em todos os museus, alguns pesquisadores preferem a utilização do conceito de interação para designar as relações entre sujeitos e objetos no contexto de uma ação mediada no espaço museal.

Na visão de Nascimento (2005), a principal meta dos museus na contemporaneidade é a possibilidade de “[...] transformar os museus em locais interativos, agentes de uma nova pedagogia transacional, conquistar novos públicos, propor novas formas de apropriação de conhecimento científico e técnico” (NASCIMENTO, 2005, p. 226).

Assim, as exposições interativas passam a figurar no interior dos museus em substituição a um espaço expositivo estático. Como destaca Caillet *apud* Nascimento, (2005, p. 229), “[...] a interatividade é uma espécie de provocação, um convite que o idealizador faz ao visitante, permitindo e facilitando a intervenção deste no processo de simulação da realidade”.

Para Schiele *apud* Nascimento (2005), a interatividade nos museus é uma possibilidade de negociação de saberes. Ela representa um conjunto de estratégias museológicas que transformam a exposição em um lugar do diálogo entre visitante e objetos técnicos e objetos de exposição. Como elemento constitutivo das novas concepções de exposição, “[...] a interatividade provoca a fascinação, o encantamento e, principalmente, o desejo de saber mais, introduzindo os sentidos e as emoções” (NASCIMENTO, 2005, p. 229), num verdadeiro apelo às sensibilidades.

Como cerne da experiência museal, a interatividade remete não apenas às interações que ocorrem entre sujeitos (S/S) por meio da linguagem, mas também às interações estabelecidas entre sujeitos e objetos (S/O) e, ainda, entre sujeitos e contextos (S/C) (COLINVAUX, 2005). Como destaca Nascimento (2003), as interações revelam

[...] uma ação entre sujeitos e objetos que são estruturados e transformados por procedimentos e ferramentas socialmente elaboradas, tais como a linguagem e outros signos verbais e não verbais que representam as relações

entre os objetos, suas propriedades e os fenômenos observados (NASCIMENTO, 2003, p. 100).

A perspectiva da interatividade nos museus permitiu mudanças consideráveis em sua dinâmica interna, alterando a natureza das relações e interações que se processam no espaço museal, constituindo-se em um novo desafio aos pesquisadores do campo.

Preocupações de toda ordem revelam o universo rico e diverso dos museus e tem inspirado os mais variados interesses investigativos que se voltam para o interior dessas instituições. Tais interesses buscam compreender sua dimensão comunicativa, a natureza do discurso das exposições museais, a sua eficácia comunicativa, a mediação no espaço museológico, além das possibilidades de aprendizagem nos museus.

O estudo *Ethnography the Multimodal* (BELLADICKS e COFFEY, 2006), por exemplo, realizado em um centro interativo de ciência, procurou compreender que tipos de significados são produzidos em ambiente mediados por diferentes recursos semióticos, à luz da etnografia. Além de compreender o tipo de conhecimento científico que está sendo produzido, o estudo buscou perceber como esses conhecimentos eram comunicados aos visitantes, especificamente ao público escolar infantil. O artigo analisa como os diferentes recursos multimídia promovem a construção de significados e de que modo esses recursos concorrem entre si, complementando-se ou se diferenciando.

Desse modo, diferentes pesquisadores têm envidado esforços para tentar compreender a dimensão educativa dos museus, abordando desde questões mais amplas que investigam a maneira como contribuem para uma educação ao longo da vida; o que a caracteriza e a que a diferencia de outras instituições educativas, até questões mais voltadas para o interior dessas instituições, visando compreender o modo como opera na sua relação e comunicação com o público: a dinâmica das relações que se estabelecem no interior dessas instituições; os padrões de interação e interatividade; a aprendizagem nos museus, dentre outras questões.

Torna-se importante aos pesquisadores a compreensão acerca das especificidades do museu como um canal de ação educativa da sociedade e, mais ainda, a compreensão das relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos em uma situação de interação em um museu. Portanto, compreender a *experiência museal*, naquilo que a caracteriza e a diferencia de outras experiências, tem sido um esforço de pesquisadores “[...] buscando

descrever o que ocorre quando o museu abre suas portas para visitantes” (COLINVAUX, 2005, p.80).

Nessa medida, caracterizados como locais que têm uma forma própria de desenvolver sua dimensão educativa, os museus se consolidaram ao longo da última década do século XX, como espaços de difusão cultural, portadores de uma cultura institucional própria. Em nosso estudo, a imersão no universo do Museu Histórico Abílio Barreto teve como objetivo a busca da compreensão acerca das ações educativas voltadas para a escola ali constituídas, em busca das configurações, nuances e contornos erigidos naquele contexto específico em que se desenvolveram.

Para o aprofundamento das reflexões sobre as possibilidades de interação entre escolas e museus, analisaremos as especificidades que compõem cada um desses contextos educativos e os seus traços comuns.

2.3 Museus e escolas: aproximações e distanciamentos

Museus e escolas são espaços de socialização da cultura e constituem contextos específicos para a sua aprendizagem.

Como aglutinadora dos ideais democráticos, a escola consolidou-se como instituição capaz de tornar acessível aos cidadãos o conhecimento produzido e acumulado pela humanidade. Nessa medida, a escolarização é vista como elemento fundamental no projeto civilizatório. Os Museus, como instituições públicas, nascem também imbuídos de uma função educativa voltadas para o Patrimônio. Educar para o patrimônio implica na visão de Grinspum (2001, p. 4),

fazer com que os bens (materiais e imateriais) sejam significativos para os sujeitos de uma ou mais comunidades a ponto de conscientizá-los de que a responsabilidades pela sua preservação seja compartilhada por todos”.

Como instituição cultural, o museu produziu um processo de *transmissão* cultural cujos parâmetros podem ser comparados ao produzido pela escola. Uma aproximação do conceito de cultura escolar, como apresentado por Julia (2001)⁴², pode ser tomado como

⁴² Como já foi explicitado no tópico anterior, Julia (2001) define cultura escolar como: “[...] um conjunto de normas que definem conhecimento a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas e finalidades que podem variar segundo as épocas [...]” (JULIA, 2001, p.10).

referência para se pensar a educação no contexto da instituição museal. Ao aproximarmos os parâmetros utilizados por Julia (2001) na sua definição de cultura escolar às ações educativas no campo museal identificamos equivalências entre eles, conforme mostra o Quadro a seguir:

Quadro 1 – Parâmetros que aproximam a cultura escolar e a cultura museal

Parâmetros	Escola	Museu
Conjunto de normas	Sim	Sim
Conhecimento a ensinar	Sim	Sim
Condutas a inculcar	Sim	Sim
Conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos	Sim	Sim
Normas e práticas coordenadas	Sim	Sim
Finalidades que podem variar segundo as épocas	Sim	Sim

Fonte – Elaborado pela autora da Tese.

A ação da escola e a ação educativa do museu sobre a sociedade produzem experiências culturais que podem ser pensadas como processos equivalentes. Assim, encontramos similaridades entre o que Julia (2001) denominou cultura escolar daquilo a que estamos compreendendo como cultura museal.

No entanto, pesquisadores que se dedicam às reflexões sobre a educação em museu e as relações entre museu-escola apontam diferenças cruciais na forma de organização dos elementos que estruturam essas instituições: objetivos, espaços, tempos e relações pedagógicas.

Em processos permanentes de transformação, essas instituições atualmente desempenham funções sociais específicas e cumprem objetivos que as distinguem e também as aproximam.

Uma categorização proposta por Combs, Prosser e Ahmed, em 1973 e sistematizada por Marandino (2008), divide o sistema educacional em educação formal, não-formal e informal:

educação formal: sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, da escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional.

educação não-formal: qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem.

educação informal: verdadeiro processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio – na família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa (COMBS, PROSSER e AHMED, 1973, *apud* MARANDINO, 2008, p. 13).

A partir dessa categorização, as escolas foram caracterizadas como lugares formais de instrução e educação, enquanto os museus foram identificados como espaços de educação não-formal⁴³.

Nascimento e Ventura (2009) procuraram distinguir, de forma sintética, esses três ambientes, pensados como ambientes de aprendizagem, a partir de sete parâmetros, conforme apresentado no quadro 2 sistematizado por Linhares (2011):

Quadro 2 - Características dos diferentes ambientes de aprendizagem

Parâmetros	Ambientes de Aprendizagem		
	Formal	Não-Formal	Informal
Intenção	Sim	Sim	Às vezes
Currículo	Sim, expresso	Talvez	Talvez
Avaliação	Sim (do sujeito)	Sim (da atividade)	Sim (do suporte)
Certificação	Sim	Talvez	Não
Tempo de Aprendizagem	Definido	Indefinido	Indefinido
Percurso de Aprendizagem	Seqüencial normativo	Narrativo	Narrativo
Produto	Diploma	Obra	Indefinido

Fonte: LINHARES (2011, p. 24).

⁴³ Cabe destacar que essa caracterização tem sido objeto de controvérsias. Vários autores se debruçaram sobre essa questão trazendo importantes contribuições sobre o tema. Estudos de Lopes (1988); Valente (1995); Grinspum (2000); Marandino (2001, 2008); Martins (2006); Jacobucci e Megid Neto (2009); Nascimento e Ventura (2009); Linhares (2011) retomaram essas reflexões, seja para discutir a relação museu e escola, seja para alimentar as reflexões sobre a divulgação científica.

Embora em algumas instituições possam ser encontradas variações em relação a um ou outro parâmetro utilizado por Nascimento e Ventura (2009), a caracterização por eles proposta nos ajuda a pensar as diferenças entre os objetivos da educação desenvolvida nos ambientes educativos dos museus e das escolas.

Outras abordagens apresentam maior flexibilidade na forma de analisar os diferentes contextos educativos. Ao deslocar o olhar das instituições para os sujeitos envolvidos no processo educativos ou para os processos de aprendizagem, subverte-se a lógica estruturada. Marandino (2008), a partir de uma revisão das pesquisas sobre o tema, revisita os trabalhos de Gohn (1999); Falk e Dierking (2002); Rogers (2004) dentre outros, e nos apresenta outra forma de pensar a relação entre esses ambientes educativos:

[...] um museu, por exemplo, poderia ser nomeado como um espaço de educação não-formal quando o pensamos como instituição, com um projeto de alguma forma estruturado e com um determinado conteúdo programático. Mas, ao pensarmos sob o olhar do público, poderíamos considerá-lo como educação formal, quando alunos o visitam com uma atividade totalmente estruturada por sua escola, buscando aprofundamento em um determinado conteúdo conceitual (ou, como muitos professores dizem, tentando “ver na prática o que têm em teoria na sala de aula”). E podemos, ainda sob o olhar do público, imaginá-lo como educação informal, ao pensarmos em um visitante que procura um museu para se divertir em um final de semana com seus amigos ou familiares. Entender as características dos diversos contextos educativos e refletir sobre aproximações e diferenças entre eles nos ajuda a aprimorar a nossa ação educativa em museu (MARANDINO, 2008, p. 15).

Para Marandino (2008), independente do ângulo do qual essas questões possam ser olhadas, é proveitosa a ideia de se pensar a educação formal, não-formal e informal, não enquanto categorias estanques, mas como *continuum* como proposto por Rogers *apud* Marandino (2008, p. 14).

A respeito das configurações espaciais, essas instituições guardam diferenças significativas. Objeto de estudo de Escolano (2001), a arquitetura escolar é, segundo esse autor, em si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores (ordem, disciplina e vigilância), marcos na aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia com diferentes símbolos estéticos, culturais e ideológicos. Desse modo, o espaço escolar é visto por ele como um construto cultural que expressa e reflete, para além da materialidade, determinados discursos, sendo, portanto, dotados de significados e transmissores de estímulos, conteúdos e valores. Segundo Escolano (2001, p.

45) “[...] a arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja bem explícita ou manifesta (...)”. As reflexões de Escolano (2001) nos possibilitam refletir sobre o espaço museal como uma criação cultural que expressa também valores, significados e conteúdos e que tem vivenciado amplas transformações nos últimos anos.

Em relação à perspectiva temporal, a estruturação de cada uma dessas instituições se dá de modo diferenciado: o tempo escolar marcado pelos relógios, horários e calendários imprime uma cultura temporal de longo prazo, sequencial e contínua, enquanto no museu o tempo é breve e fragmentado, quase que restrito ao tempo de uma visita. Podendo ocorrer de uma visita se constituir como única experiência daquele sujeito nesse tipo de espaço cultural.

Já a dimensão pedagógica no interior das escolas e dos museus talvez seja, dentre os elementos estruturadores dessas instituições, a que tenha sofrido as transformações mais significativas nas últimas décadas. No campo educacional, diferentes teorias têm orientado novas práticas pedagógicas, apontando para o estabelecimento de novas relações entre professores e alunos e entre os educadores de museu e seus públicos, pautadas nos princípios da dialogia, da interação e interatividade. O foco no papel ativo do indivíduo na construção de seu aprendizado e a concepção da aprendizagem como um processo interativo entre o indivíduo e o ambiente são alguns dos pressupostos que têm orientado professores e educadores de museus.

Como mencionado, a entrada em alguns museus das tecnologias comunicacionais modificou práticas antes centradas na transmissão oral e escrita. Nas exposições, principais veículos de comunicação dos museus, as informações são difundidas por meio de objetos, textos, imagens e aparatos interativos dentre outros, como meio de facilitar o diálogo com o público. A escola, por sua vez, tem sido cada vez mais aberta às inovações tecnológicas e ao uso de múltiplos mediadores no processo de ensino-aprendizagem, embora, segundo Vincent, Laire e Thin (2001), haja uma centralidade na palavra escrita⁴⁴.

Faz-se necessário, portanto, um olhar mais atento ao contexto discursivo dos museus. Importa saber qual o lugar da oralidade e da escrita nos espaços museais -aspectos considerados centrais na cultura escolarizada -, e que foram, por muito tempo,

⁴⁴ A respeito da predominância de uma forma escolar baseada na cultura escritural presente até os dias de hoje, ver Vincent, Lahire e Thin (2001).

referendadas pelos museus. Torna-se importante compreender como os museus veiculam suas informações (o discurso museal), para compreender aquilo que se constitui o que se denomina, *cultura museal*.

Como afirma Marandino (2001, p.98)

[...] museus e escolas são espaços sociais que possuem histórias, linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias. Socialmente são espaços que se interpenetram e se complementam mutuamente, e ambos são imprescindíveis para a formação do cidadão cientificamente alfabetizado.

A análise desses elementos à luz da experiência do MHAB poderá trazer contribuições para se pensar como um contexto educativo pode se nutrir do outro exatamente naquilo que os aproxima e, ainda, naquilo que os faz diferentes, potencializando o processo de aprendizagem.

A seguir, apresentaremos algumas reflexões sobre a noção de cultura que informam as práticas desenvolvidas nos museus e escolas e que foram mobilizadas no contexto desta pesquisa, alimentando a rede conceitual aqui articulada.

3. REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO E A APRENDIZAGEM DA CULTURA E OS REFERENCIAIS DA PESQUISA

No âmbito da educação em museus, em que estão colocadas questões acerca da preservação do patrimônio cultural e das formas de acesso aos bens culturais, torna-se fundamental uma reflexão sobre a noção de cultura que orienta suas ações. Da mesma maneira, a função de *transmissão* de um patrimônio de conhecimentos e de competências e valores culturais designados à escola coloca o tema cultura no centro das suas principais reflexões (FORQUIN, 1993). Ambas as instituições manipulam um patrimônio cultural que lhes cabe tornar acessível se não a todos, pelo menos, à maioria dos cidadãos.

Embora tida como uma das palavras mais complexas da nossa língua e razão de intensas controvérsias, o conceito de cultura apresenta-se central neste estudo.

Uma breve revisão nos aponta as mutações sofridas por essa noção ao longo do tempo⁴⁵. No entanto, por serem historicamente situadas, as diferentes acepções não se excluem nem tão pouco se superam.

Longe de cobrir o amplo leque de suas definições, apontaremos, de forma sintética, algumas das abordagens mais recorrentes, sem a pretensão de aprofundarmos nem de esgotarmos todas elas. Para isso, nos apoiaremos na revisão realizada por Gomes (2007; 2009) que nos fornece um itinerário elucidativo das variações desse conceito e suas implicações analíticas.

Em uma primeira definição, a cultura é vista como um conjunto de conhecimentos e saberes que podem ou não ser adquiridos. Nesta acepção, a cultura tem sentido de ilustração e designa as disposições e qualidades próprias de um indivíduo culto e ilustrado.

É também considerada como o conjunto de traços que caracterizam o modo de vida de uma sociedade ou grupos sociais, que podem vir a ser transmitidos entre gerações. Foi Edward Tylor que por meio do vocábulo inglês *culture* sintetizou as vastas possibilidades de realização humana: “[...] este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” Tylor *apud* Laraia (2009, p. 25).

Pensada ainda como o conjunto de normas que regulam determinados grupos sociais, o entendimento da cultura, nessa outra perspectiva, passa pela compreensão dos modelos que orientam as ações sociais. Essa abordagem se distancia do caráter descritivo dos diferentes traços que caracterizam uma sociedade e volta-se para a busca de modelos e padrões de comportamento que regulam a vida social. Nessa perspectiva,

“[...] o que interessa descrever e analisar não são somente as formas como as sociedades e os grupos humanos se organizam e funcionam, ou como as pessoas se comportam, mas os modelos que orientam as ações nesses coletivos. Conhecer a cultura significa então conhecer os modelos e a forma como os grupos e as pessoas em sua vida, de fato, se reportam a ele. Ênfase, portanto, é colocada na aprendizagem da cultura como aprendizagem de normas” (GOMES, 2009, p. 53).

Vista também como um sistema simbólico organizador da vida social, a preocupação central se volta para a produção e circulação de significados constitutivos da vida social e, nessa perspectiva, entender a cultura significa compreender os sentidos atribuídos à

⁴⁵ Para um maior aprofundamento sobre as mutações no conceito de cultura ver Forquin (1993), Gomes (2007; 2009), Laraia (2009), Shalins (1997; 2007) dentre outros.

experiência social. Em Geertz (1989), apoiado nas lições de Max Weber, cultura é entendida como “[...] o conjunto de teias de significados que o homem constrói e reconstrói na sua experiência social”. Como um conceito semiótico, a cultura é percebida como um *código simbólico* compartilhado pelos membros de um grupo social específico que, através dela, atribuem significados ao mundo e expressam o seu modo de entender a vida e suas concepções quanto à maneira como ela deva ser vivida (VIDAL e SILVA,1995).

Assim, compreende-se que a cultura é composta de “[...] ideias, concepções, significados, sempre reelaborados, ao longo do tempo e no espaço, e o seu dinamismo acompanha o da própria vida” (VIDAL e SILVA,1995, p. 369), construindo significados que se expressam concretamente por meio das experiências sociais. A cultura é entendida como um sistema simbólico em que a produção e a circulação de significados constituem a vida social (GOMES, 2007).

Outra acepção do termo nos convida a pensar a cultura como habilidade, associada à ideia de aprendizagem como educação das atenções, processo esse que se dá na prática (GOMES, 2009). Ingold (2010), interessado em compreender como cada geração contribui para o conhecimento da geração seguinte, afirma: “[...] a contribuição que cada geração dá para a sucessora equivale a uma educação da atenção”. (INGOLD, 2010, p. 19). Partindo da premissa de que a aprendizagem é inseparável da prática social cotidiana, esse autor assevera que aprender é “[...] compreender na prática [e não através de um processo de] transmissão de representações” (GOMES, 2009, p. 55). Para Ingold *apud* Gomes (2007, p. 39)

[...] o crescimento do conhecimento prático na vida de uma pessoa é resultado não de transmissão de informações mas de uma redescoberta guiada. Com isso quero dizer que, a cada geração, os aprendizes aprendem por meio de um estar situado em determinado contexto nos quais, envolvidos com certas tarefas, é mostrado a eles o que fazer, o que prestar atenção, sob a tutela de mãos mais experientes.

Essa multiplicidade de acepções e a plasticidade que o termo adquiriu colocaram em cheque o seu potencial heurístico. Em tempos de globalização e hibridismos culturais, a cultura chegou a ser considerada um *objeto* em via de extinção. No entanto, Sahlins (1997) em reação às críticas pós-modernas, ressalta o vigor explicativo da ideia de cultura e reafirma que “[...] “a cultura não tem a menor possibilidade de desaparecer enquanto objeto principal da antropologia - tampouco, aliás, enquanto preocupação fundamental de todas as ciências humanas”. Para ele, é exatamente a dimensão da cultura, ou seja, a capacidade de

atribuição de sentidos e significados que permite aos seres humanos, ao contrário de outros animais, distinguir as diferenças entre a água destilada e água benta, como no exemplo de Leslie White, citado por Shalins (1997).

Em nosso estudo, percebemos o museu e a escola como cultura, entendida como “[...] um conjunto de princípios de prática que os membros usam para nortear suas ações uns com os outros” (GREEN, DIXON e ZAHARLICK, 2005, p. 30). Assim, não nos limitamos a pensar os museus e as escolas como instituições definidas *a priori*, embora traços comuns estruturais as caracterizem como instituições dotadas de especificidades. Nessa medida, torna-se necessário atentar para as redefinições locais redesenhadas pelas ações dos sujeitos nas interações entre si e com os aspectos estruturais da instituição, em contextos e tempos específicos. Como afirma Castanheira (2004), retomando Giddens, as instituições sociais “[...] encontram-se em um contínuo processo de (re) estruturação, resultante da interdependência dinâmica de suas propriedades estruturantes - ação e estrutura” (CASTANHEIRA, 2004, p. 39). É preciso ter em conta que as culturas não são essências, identidades fechadas que permanecem ao longo dos tempos, são lugares de sentido e de controle, que podem alterar-se e ampliar-se em sua interação (MATOS e PAIVA, 2007, p.191).

Assim, a noção de cultura escolar tomada por nós leva em conta tanto elementos estruturais da organização da instituição, quanto as manifestações específicas dos sujeitos envolvidos nas práticas educativas na interação com os museus. Do mesmo modo, a análise da cultura museal leva em conta tanto os fatores que são estruturantes da instituição museal, quanto aqueles que se fazem nos processos sociais das ações dos sujeitos na interação com a escola. Os modos de uso e apropriações que os sujeitos fazem dos bens culturais e simbólicos do universo museal e a forma como o museu se apropria do universo escolar serão elementos de nossas análises.

Para De Certeau (1995, p. 19), a cultura “[...] é a proliferação de invenções em espaços circunscritos”, de um lado ela é aquilo que permanece e de outro aquilo que se inventa. Entender como os sujeitos envolvidos nas ações educativas inventam e reinventam suas práticas, dão sentido às suas ações e significam suas experiências são centrais para o entendimento das formas de interações entre os sujeitos envolvidos na relação museu e a escola. Aqui nos aproximamos de uma perspectiva de análise cunhada no terreno da história das práticas culturais, cujo projeto

“[...] é reconhecer a maneira como os atores sociais investem de sentido suas práticas e seus discursos”, [e cujo objeto situa-se] na tensão entre as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e os constrangimentos, as normas, as convenções que limitam - mais ou menos fortemente, dependendo de sua posição nas relações de dominação - o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer.” (CHARTIER, 1994, p. 6)

Para apreender os modos de apropriação que os professores fazem do museu e este da escola, tomaremos como referência o conceito de apropriação como desenvolvido por De Certeau (2008) e definido por Chartier (2002)

A apropriação tal como a entendemos visa a elaboração de uma história social dos usos e das interpretações, **relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os constroem**. Prestar, assim, atenção às condições e aos processos que muito concretamente são portadores das operações de produção de sentido, significa reconhecer, em oposição à antiga história intelectual, que nem as ideias nem as interpretações são desencarnadas, e que, contrariamente ao que colocam os pensamentos universalizantes, as categorias dadas como invariantes, sejam elas fenomenológicas ou filosóficas, devem ser pensadas em função da descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 2002, p. 68, *grifo nosso*).

Interessado nas operações dos usuários ao se apropriarem dos produtos culturais, De Certeau (2008) desenvolve os conceitos de estratégias e táticas⁴⁶ para analisar as relações

⁴⁶ Michel De Certeau (2008, p. 99) define assim o conceito de estratégia: “[...] chamo de *estratégias* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.)”. Por *tática*, afirma De Certeau (2008, 100-101): “[...] chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco. Clausewitz o observava a propósito da astúcia, em seu tratado *Da guerra*. Quanto maior um poder, tanto menos pode permitir-se mobilizar uma parte de seus meios para produzir efeitos de astúcia: é com efeito perigoso usar efetivos consideráveis para aparências, enquanto esse gênero de “demonstrações” é geralmente inútil e “a seriedade da amarga necessidade torna a ação direta tão urgente que não deixa lugar a esse jogo”. As forças são distribuídas, não se pode correr o risco de fingir com elas. O poder se acha amarrado à sua visibilidade”.

entre as determinações estabelecidas pelos *sujeitos de poder* e as invenções possíveis dos sujeitos no seu fazer cotidiano.

Esses pressupostos permitem analisar as estratégias da gestão do MHAB na implementação de uma concepção museológica capaz de torná-lo uma referência no tratamento e na problematização da memória da cidade em sua multiplicidade. A gestão do museu a partir da revitalização em 1993 adota estratégias assentadas no desejo de alterar uma ordem instituída, instaurando um lugar de onde se podem gerir novas formas de ação projetadas para o seu alvo, não sem tensão e conflitos com outras instâncias de poder⁴⁷.

Segundo De Certeau (2008), por meio das práticas cotidianas são estabelecidas as reapropriações dos lugares sociais. Inscritas nas experiências ordinárias dos sujeitos, em seus fazeres cotidianos, as práticas são maneiras de fazer, expressas nos modos de andar na cidade, de falar, ler, habitar, etc. São maneiras de utilização dos espaços urbanos e das memórias, daqueles que não detêm o *teatro das operações*.

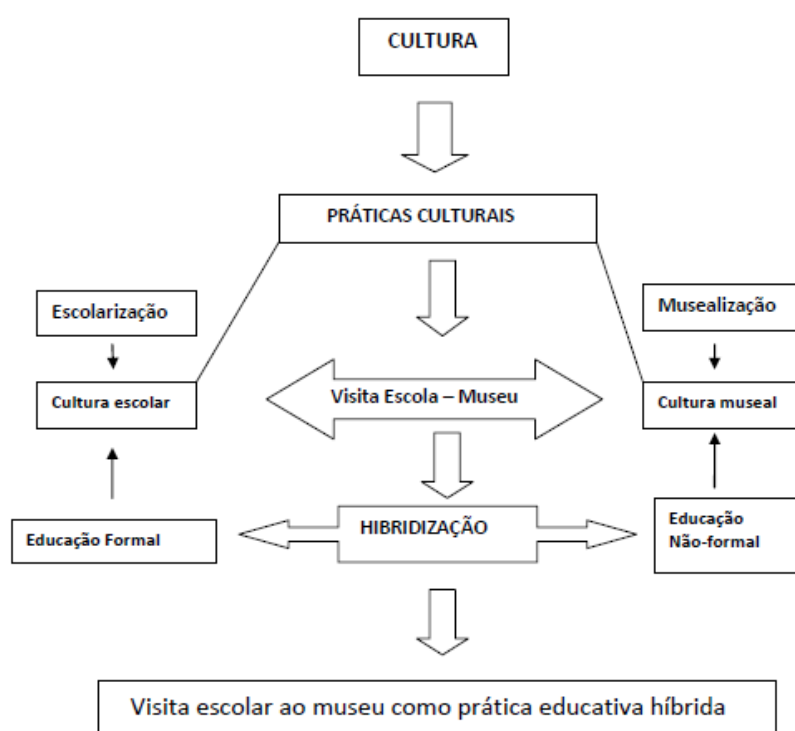
Para De Certeau (2008) a liberdade gazeteira das práticas permite a manifestação das inventividades dos sujeitos capazes de subverterem em maior ou menor grau os poderes instituídos. Em nosso estudo são analisadas as táticas dos próprios sujeitos do museu que reinventam suas práticas a despeito das tensões e conflitos ante as determinações e limitações próprias das hierarquizações nas esferas do poder instituído. A análise dos diferentes usos e interpretações do museu feitos pelos professores em suas práticas específicas nutre também a noção de tática como definida por De Certeau (2008).

Ao analisarmos as ações educativas, tanto aquelas do museu voltadas para escola, quanto aquelas da escola na relação com o museu como práticas culturais, colocamos em circulação um conjunto de reflexões que não se acham circunscritas a um único campo de produção acadêmica, mas que perambulam por um território de influências de diferentes campos de pesquisa.

⁴⁷ Sem pretender adentrar a complexa discussão sobre as relações de poder na estrutura social, cabe lembrar as contribuições de Foucault *apud* Machado (1986, p. XVI) sobre o caráter relacional do poder. Segundo sua perspectiva, “[...] o poder não está situado em nenhum ponto específico da estrutura social. Funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras”. Nesse sentido, o poder não é algo que se detém como uma coisa, uma propriedade, que se possui ou não, mas algo que se exerce. São práticas ou relações de poder que se encontram disseminados por toda a estrutura social.

O fluxograma a seguir, que a figura 1 mostra, apresenta a rede conceitual mobilizada em torno do objeto de estudo e que serviu de âncora e leme para as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa.

Figura 1 - A rede conceitual que informa a pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora da tese

O enfrentamento dessas questões, por meio de uma pesquisa documental e etnográfica, visa contribuir para maior compreensão acerca do fenômeno da visita escolar ao museu. Neste estudo, procedemos a uma análise documental das ações educativas do Museu Histórico Abílio Barreto tomando como marco a sua revitalização em 1993. Realizamos uma pesquisa etnográfica para o acompanhamento de um ano das ações cotidianas do Setor Educativo, acrescidas de entrevistas com professores a fim de conhecer os objetivos que impulsionaram a visita ao Museu.

No tópico seguinte, apresentamos um breve panorama dos estudos sobre museu e escolas, produzidos entre a década de 80 do século XX e a primeira década do século XXI, cujo foco de análise incidiu sobre as práticas educativas nos contextos dos museus.

4- A RELAÇÃO MUSEU/ESCOLA EM PERSPECTIVA: UM BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS QUALITATIVOS SOBRE MUSEU E ESCOLA NO BRASIL NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX E NA PRIMEIRA DÉCADA DO XXI

Estudos sobre a relação museu/escola situam-se no quadro mais amplo das reflexões sobre o papel educativo dos museus, suas especificidades e potencialidades. Preocupações crescentes em torno da ampliação da função social dos museus colocam em destaque o tema da educação entre as discussões do campo museal. Não sem razão o CECA – Comitê de Educação e Ação Cultural do ICOM tornou-se um dos mais estruturados e atuantes. Em dossiê publicado em 2004⁴⁸, são destacados os principais objetivos do CECA.

O intercâmbio de informações e ideias sobre a teoria e prática da educação em museus. Este comitê desempenha um papel importante ao procurar garantir que a educação em museus seja levada em conta na política, nas decisões e nos programas do ICOM, além de advogar pelo papel educativo dos museus, em níveis local e mundial.

Diferentes pesquisadores (LOPES, 1988; VALENTE, 1995; CHAGAS, 2006; dentre outros) ressaltam a intensidade das relações entre museus e educação no Brasil, desde o século XIX, ao destacar o importante papel dessas instituições na formação de cientistas e na produção científica, cujo surgimento ocorreu no período anterior às universidades.

Na década de 1940, publicações na área da museologia no Brasil já apresentavam os museus como ambientes propícios ao desenvolvimento de práticas pedagógicas. Gustavo Barroso, então diretor do Museu Histórico Nacional⁴⁹, indicava algumas orientações que deveriam nortear o trabalho pedagógico em um museu.

[...] Referente aos serviços técnicos, naturalmente tem que incluir o que diga respeito aos cursos, conferências, concertos e **visita de caráter educativo**. Porque esta é uma das partes mais importantes do museu, sua parte dinâmica, sua vida, sua linguagem, sua forma de projeção na cultura dum

⁴⁸Publicado na Revista MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia, v.1, n.1. Rio de Janeiro: DEMU/IPHAN/MinC, 2004.

⁴⁹Criado em 1922, o Museu Histórico Nacional (MHN) tornou-se um marco na história da museologia brasileira por ter rompido com a chamada *tradição enciclopedista* que informava os primeiros museus criados no Brasil: o Museu Real atual Museu Nacional (1818), o Museu do Exército (1864) e o Museu da Marinha (1846), cuja preocupação se assentava na coleta, estudo e exibição de coleções naturais de etnografia, paleontologia e arqueologia. O MHN foi responsável pela institucionalização da museologia e dos estudos de museu no Brasil, tornando um órgão catalisador dos museus brasileiros tendo seu modelo transplantado para outras instituições. O MHAN nasce imbuído da missão pedagógica de pretender ensinar à população os fatos e os personagens do passado, cultuando a tradição e visando à formação cívica, constituindo-se como local privilegiado da história oficial. Sobre o MHAN, ver: Abreu (1996), Brasil (2003), Chagas (2006), Julião (2006) dentre outros.

país: cadeiras, programas de ensino, matrículas, horários de aula, provas, exames, notas, taxas, diplomas, designações de professores e suas obrigações e direitos, disciplina dos alunos (BARROSO *apud* COSTA, 2005, p 135, *grifo nosso*).

O tema da educação em museus tem impulsionado investigações acerca de diferentes aspectos nele implicados, não só entre os profissionais de museus, mas também entre outros profissionais dos meios acadêmicos. A produção em torno dessa temática no Brasil alargou-se nos últimos anos, o que nos permite afirmar que ela se encontra em franco processo de crescimento⁵⁰.

Sem pretender cobrir toda a produção em torno do tema, selecionamos quatro pesquisas cujos objetos de análise se voltaram para as práticas educativas em museus brasileiros, mais especificamente aquelas que se ocuparam das relações entre museus e escolas, e que adotaram a pesquisa de campo e/ou a abordagem etnográfica em suas investigações⁵¹. Analisamos estudos produzidos nas décadas de 80 e 90 do século XX e na primeira década do século XXI, a fim de identificar os principais avanços e desafios na construção da relação museu-escola. Esses estudos serão tomados como interlocutores em nossa pesquisa.

A pesquisa empreendida por Alencar (1987)⁵² analisou os programas educativos e/ou atividades dita educativas em três museus históricos – Museu da República, Museu Imperial e Museu do 1º Reinado - localizados no estado do Rio de Janeiro, procurando identificar os objetivos, a filosofia e os princípios que norteavam seus programas e /ou atividades

⁵⁰ Para se ter uma noção aproximada desse crescimento, em um levantamento quantitativo no Banco de Teses CAPES no período de 1987 a 2010 em nível de mestrado e doutorado, por meio das entradas *museu e escolas* e *museu e educação* identificamos os seguintes dados assim distribuídas ao longo das décadas: em nível de mestrado: década de 80: dois estudos; década de 90 – 16 estudos e década de 10 do século XXI: 47 estudos. Em nível de Doutorado: década de 80: nenhuma produção; década de 90: três estudos e década de 10 do XXI: 14 produções. Esse aumento deve ser entendido, não apenas como sintoma do crescente interesse pelo tema, mas também pela ampliação dos programas de Pós-Graduação em todo o País na última década do XX e primeira do XXI.

⁵¹ Devido à escassez desse tipo de investigação em museus Históricos incorporamos em nossa análise alguns estudos desenvolvidos em museus de ciências e em um etnográfico. Foram analisadas quatro pesquisas em nível de Mestrado: uma da década de 80 – ALENCAR (1987); duas da década de 90 – FREIRE (1992) e CAZELLI (1992) e uma da primeira década do século XXI – MARTINS (2006). Embora o estudo de Valente (1995) sobre a educação em museus tenha sido produzido a partir dos princípios da etnografia optamos por não incluí-lo nesse microuniverso de análise por se tratar de uma pesquisa voltada para o público espontâneo do Museu Nacional e, não, para o público escolar. As valiosas contribuições que o seu estudo trouxe para a área da educação em museus serão tomadas como referência nas análises realizadas ao longo desta pesquisa.

⁵² Dissertação intitulada *Museu-Educação: se faz caminho ao andar*, defendida na PUC-Rio em 1987.

educativas. Aos dados da pesquisa de campo, associou outros derivados de uma pesquisa documental e entrevistas coletivas com profissionais das instituições selecionadas.

Em sua pesquisa de campo, Alencar (1987) apontou alguns dos principais desafios a serem enfrentados pelas instituições museais na sua constituição do seu espaço educativo. Segundo essa autora, embora muitos museus apresentassem programas educativos voltados para o atendimento ao público, constatava-se a ausência de uma linha filosófica global de ação que orientasse os trabalhos educativos dos museus analisados.

A autora partiu de alguns pressupostos básicos que orientaram a sua investigação:

[...] A função pedagógica dos museus não deveria ser confundida, nem assimilada com a atividade escolar;
os museus possuem uma especificidade como agências educativas e a delimitação do tipo de programa que cada museu poderia desenvolver deveria estar de acordo com a sua especialização e com o seu acervo;
diferentes tipos de museu exigem a utilização de metodologias adequadas e específicas para cada um;
não se pode transformar os museus em estabelecimentos de ensino e sim determinar seu papel educativo específico sem esquecer o papel do museu como lugar de deleite dos indivíduos ;
o papel educativo do museus não deveria ser visto em oposição ao ensino formal, mas numa perspectiva de interação com a educação formal e outras agências educativas (ALENCAR, 1987, p. 3).

De acordo com Alencar (1987), no contexto da produção da sua pesquisa o Brasil contava com 816 museus classificados; havia uma escassez de estudos sobre museus, e a bibliografia sobre museu e educação era quase inexistente e, no plano institucional, não havia uma linha de ação que norteasse os programas educativos dos museus nos documentos oficiais. Nessa medida, o seu esforço naquele momento foi analisar alguns programas educativos de museus e confrontar a produção teórica da área museológica com as práticas dos museus, a fim de fornecer subsídios para a elaboração de metodologias específicas para orientar os programas educativos nos museus e formular um plano global de ação nessa área (ALENCAR, 1987).

Em sua pesquisa, a autora destacou alguns aspectos implicados na relação museu e escola que foram objetos de sua análise: a comunicação entre museu e a escola; a instrução e o papel educativo dos museus; o aproveitamento do potencial educativo dos museus pelos professores; o processo de avaliação das atividades educativas; a existência ou não de entrosamento entre os setores educativos e os demais segmentos dos museus e a fundamentação teórica dos trabalhos em curso nos museus investigados.

No âmbito da comunicação entre museu e a escola, a autora apontou a falta de integração entre essas instituições expressas de várias formas: nas ausências injustificadas das escolas às visitas marcadas: na falta de regularidade nos programas oferecidos às escolas e na dificuldade de contato dos museus com as escolas. Confirmando aquilo que caracterizou como: “dificuldade de interação do trabalho educativo dos museus com as instituições educacionais” (ALENCAR,1987, p. 129).

Ao analisar o aspecto da “[...] instrução e o papel educativo dos museus”, [a autora constatou o que chamou de] hábito arraigado do ensino formal, no qual a passagem de informação é priorizada em detrimento da comunicação, da mudança de atitude e da internalização de valores” (ALENCAR, 1987, p. 130), sobretudo no Museu Imperial. Segundo a autora,

[...] a compreensão do desenvolvimento da Educação Patrimonial torna-se dificultado pelo hábito do raciocínio provocado pela Educação Formal, em que geralmente, os conceitos abstratos são considerados a base do conhecimento, que é “ilustrado”, a posteriori, pela realidade concreta (ALENCAR, 1987, p. 131).

A autora chama a atenção para aquilo que considera uma atitude passiva do visitante “[...] sempre mais preocupado em seguir o ritmo e ouvir o que diz o monitor do que observar o objeto” (ALENCAR, 1987, p. 132). Nessa medida, afirma sobre a necessidade de tornar o atendimento do museu mais dinâmico, favorecendo o diálogo entre sujeito e objeto por meio da intermediação do educador.

Quanto ao aproveitamento do potencial educativo dos museus pelos professores, o estudo destacou “[...] o despreparo do professor para fazer uso do museu como ampliador e enriquecedor de seus programas curriculares” (ALENCAR, 1987, p. 133). Para a autora, apesar dos esforços empreendidos pelos museus na elaboração de material de apoio ao professor, o material não era aproveitado por eles. Para ela, havia um descompromisso das escolas/professores com o museu, e as visitas ainda eram consideradas como momento de folga dos professores. No momento em que o estudo foi realizado, a autora afirmou que não se tinha notícias de treinamento sistemático para professores nas instituições museais, salvo algumas experiências isoladas.

O estudo apontou a descontinuidade como uma marca no desenvolvimento das propostas educativas no museu, atribuída às constantes substituições das equipes dos

setores educativos, agravada ainda pela ausência de definição filosófica e política dos museus que vê seus rumos mudados a cada troca de pessoal (ALENCAR, 1987, p. 134).

Em relação ao processo de avaliação das atividades educativas, a autora detectou a existência de instrumentos como questionários, depoimentos após visita e observações, mas apontou a ausência de rigor no seu planejamento e tratamento das informações levantadas. Ao analisar a existência ou não de entrosamento entre os setores educativos e os demais segmentos dos museus, a autora observou uma falta de preocupação com esse item, o que repercutiu no distanciamento entre esses setores, levando-a a concluir sobre a fragmentação entre a concepção da exposição e a sua divulgação.

Um aspecto destacado por Alencar (1987) referiu-se à frequente dissociação entre as atividades oferecidas pelo museu e a função própria da instituição. Para ela, o museu se preocupou em oferecer atividades recreativas sem, contudo, estabelecer elos com o patrimônio enquanto herança cultural.

No que se refere à fundamentação teórica dos trabalhos em curso nos museus, sua pesquisa revelou uma desvinculação entre a produção teórica sobre o tema museu-educação e a prática dos museus analisados. As observações no Museu da República apontaram uma compreensão de que as atividades educativas devem se preocupar em trabalhar os conceitos de memória e patrimônio e buscavam tomar o acervo como referência no desenvolvimento das ações educativas, seguindo as orientações da Educação Patrimonial, embora ainda pouco compreendido pela equipe do museu (ALENCAR, 1987). Já no Museu do Primeiro Reinado, embora a equipe não tenha apontado nenhuma linha teórica que orientasse o trabalho realizado, a autora observou o trabalho com as evidências concretas (objetos) como ponto de partida para o diálogo com os visitantes. No Museu Imperial, local em que, segundo a autora, foi introduzida a perspectiva teórico-metodológica da Educação Patrimonial, constatou-se um afastamento e, posterior abandono desta abordagem, seguida de uma indefinição conceitual do que passou a ser desenvolvido naquele museu.

A análise das experiências nesses três museus brasileiros apontou um cenário diverso, porém com alguns traços comuns. A falta de clareza quanto aos fundamentos da educação em museus não significou a inexistência de um trabalho focado nos bens culturais, como ficou evidente no caso do Museu do Primeiro Reinado que, mesmo sem seguir uma linha teórica específica, manteve atividades com foco nos objetos materiais. No entanto, a

compreensão acerca da natureza e especificidades educativas no museu pareceu um desafio a ser enfrentado por todos.

A inexistência de interlocução entre o educativo e os demais setores do museu apareceu como traço comum em todas as instituições analisadas, comprometendo o trabalho do educativo e a divulgação do museu. A ausência de oferta de cursos de formação voltados para os professores foi uma lacuna identificada nos museus estudados. A falta de proximidade dos professores com o universo dos museus também foi um aspecto recorrente nas visitas observadas pela autora.

De acordo com Alencar (1987, p.141) o trabalho educativo nos museus “[...] exige que se leve em conta o predomínio do concreto, do sensível, do visual, do tátil e do emocional sobre o intelectual”. A autora defendeu a especificidade dos museus como agência educativa centrada na observação do objeto, o necessário distanciamento das atividades características do ensino formal e o aprofundamento teórico acerca dos fundamentos da Educação Patrimonial como base para o trabalho educativo nos museus.

O estudo desenvolvido por Freire (1992:1), buscou “[...] interpretar a relação museu/escola identificando e confrontando o discurso específico de cada instituição, por meio da observação das práticas de seus profissionais” no interior do Museu de Folclore Edison Carneiro-RJ. Para Freire (1992, a visita ao museu tem um caráter de ritual.

Afirmar que a visita tem caráter ritual significa dizer que ela possui determinado enredo e é dotada de mecanismos recorrentes em termos de trajetória e ritmo em que se dá, ou seja, a visita possui certas invariantes, que podem ser percebidas na observação das práticas escolares no museu, além de permitir a reflexão sobre o cotidiano da escola, o qual ela, de certa forma interrompe (FREIRE, 1992, p. 87).

Além de uma análise aprofundada das ações educativas desenvolvidas pelo museu e da escuta de seus profissionais, seu estudo voltou-se para os professores a fim de conhecer os significados atribuídos por eles às visitas ao museu. Utilizando-se da perspectiva de análise etnográfica, desenvolveu uma pesquisa qualitativa que permitiu a interpretação da ação cultural-educativa do museu na perspectiva de seus profissionais e do público escolar com ênfase na figura do professor.

Suas observações se iniciaram pela atividade de preparação oferecida pelo museu ao professor cujo objetivo era favorecer a aproximação desse profissional ao universo do museu e, ao mesmo tempo, incentivar a elaboração de uma proposta de mediação

específica para cada escola. No entanto, a autora ressaltou os limites da visita prévia em atingir tais objetivos e destacou a dificuldade do professor em abandonar a passividade e assumir a condição de sujeito do processo educativo no museu.

Em linhas gerais, seu estudo mostrou que, enquanto o museu definiu sua proposta de visita

“[...] partindo do princípio que visitar uma exposição é mais do que observar objetos, é tomá-los como referência para penetrar a vida social [para os professores, a visita ao museu] parece informada pela concepção de aprendizagem que o professor traz da escola e se reproduz na atividade extra-classe. Sua intenção específica é a disciplinarização da observação, de modo a “ensinar o aluno a ver”. O museu aparece ao professor como o lugar do olhar e da comprovação, uma vez que os objetos são representados como testemunhos de fatos acontecidos, prova concreta, pedaços da realidade (FREIRE, 1992, p.111).

Em suas conclusões, dentre outros aspectos, a autora apontou a necessidade de aprofundar o conceito de Museu Vivo⁵³, cujo princípio se funda na intensificação do diálogo com a sociedade e, nesse caso específico, do diálogo entre museus e escolas. Por um lado, conhecer os significados atribuídos pelo professor à visita ao museu, e adentrar o universo das práticas dos professores parece ser um caminho para a efetivação do diálogo. Por outro lado, conhecer os mecanismos de organização do museu, seus objetivos e potencialidades, pode favorecer esse diálogo.

A pesquisa desenvolvida por Cazelli (1992, p.4)⁵⁴ foi motivada pela necessidade de compreender “se o tipo de ênfase dado pela literatura à questão do papel social dos museus interativos de ciência e da alfabetização científica, corresponde à dinâmica de desenvolvimento desses museus nas últimas décadas”. Para isso, a autora se debruçou sobre uma extensa documentação do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) que lhe permitiu traçar a trajetória política que resultou na criação de um museu orientado para a divulgação da ciência e da tecnologia para o público em geral.

O foco de suas investigações incidiu sobre as atividades de divulgação científica promovidas pelo museu. Para isso, sua investigação voltou-se para a análise dos projetos e

⁵³ Segundo Freire (1992), o termo Museu Vivo designa um tipo de *museu comprometido com os fenômenos contemporâneos* e esta denominação sugere a *superção de um modelo estático de museu por outro necessariamente dinâmico*.

⁵⁴ Estudo intitulado *Alfabetização científica e os museus interativos de ciências* (CAZELLI, 1992).

atividades educativas desenvolvidos pelo museu e para a forma como os professores e escolares utilizavam-se do potencial educativo do museu, das suas atividades e exposições.

A necessidade de uma aproximação das práticas educativas do museu levou a autora a lançar mão da etnografia, com o objetivo de compreender o papel social dos museus interativos de ciência, enfatizando a relação entre esse tipo de museu e a alfabetização científica. Para tanto, realizou observações das visitas escolares e entrevistas com professores, com o intuito de “[...] interpretar os significados da visita ao museu, as ações e a apropriação de seus espaços e atividades” (CAZELLI, 1992, p. 111).

Conforme Cazelli (1992, p.118) a ação educativa do MAST tinha por objetivo ser “[...] um espaço de divulgação do conhecimento científico, oferecendo às escolas, em particular, oportunidade extra-classe para facilitar o aprendizado de ciências”. O atendimento baseava-se nos princípios dos museus interativos de ciências - os Science Centers - cujo objetivo é “[...] promoção de atividade lúdica com noções científicas para servir de apoio ao ensino de ciências” (CAZELLI, 1992, p.121). Com atendimento voltado para os alunos e professores, objetivava-se motivar e estimular o interesse e o potencial dos estudantes para as atividades científicas e oferecer aos professores subsídios para o ensino de ciências.

Para realizar o atendimento, o museu solicitava a presença do professor para discutir conjuntamente a proposta pedagógica dos espaços interativos e decidir a melhor forma de conduzir a orientação. No entanto, mesmo com a participação nas reuniões, grande parte dos professores mantinha uma “[...] postura de observação, sem interferir e sem fazer menção aos conteúdos estudados na escola” (CAZELLI, 1992, p. 137).

As observações de campo permitiram a Cazelli (1992) a identificação de tipos de comportamentos dos grupos de alunos com variações por faixa etária e nível de escolarização.

Em geral, com base nas observações das visitas, os alunos das séries finais do 1º segmento do 1º grau e do segundo, irrequietos pela própria faixa etária, tem comportamento descontraído, excitado, interessado e às vezes, disperso. São atraídos pelos módulos que, por alguma característica (forma, luz som), chamam a atenção. Seus movimentos são rápidos, não conseguem ficar parados operando e observando um kit: querem manipular todos ao mesmo tempo. Os alunos do 2º grau apresentam maior concentração, criando, assim, ambiente mais propício para as interações, quer com os módulos, quer com a equipe de atendimento e com os professores. Também conversam mais e trocam mais informações com os colegas sobre o funcionamento dos equipamentos, mesmo porque esses explicitam

determinados conteúdos já estudados nas aulas de física” (CAZELLI, 1992, p. 136).

A esse respeito, a autora ressalta a importância do desenvolvimento, por parte do museu ou mesmo da escola, de intervenções que estimulem o questionamento e a aprendizagem do aluno, com o objetivo de ultrapassar a mera experiência lúdica a que muitas vezes a visita acaba ficando reduzida (CAZELLI, 1992). Para Cazelli (1992), apesar da clareza de que esses locais não são designados para ensinar ciências e, sim, para o trabalho de sensibilização, o MAST esbarrou em dificuldades impostas, não só pela especificidade do objeto que divulga (ciência), como pelo tipo de mediação necessário para induzir a transição do estágio lúdico para o de questionamento. Acrescenta ainda a necessidade de os museus interativos de ciências revelarem com mais clareza para as escolas as suas propostas de ação educativa e o seu fazer.

O trabalho desenvolvido por Luciana C. Martins, vindo a lume em 2006, voltou-se para a compreensão das “[...] possibilidades de interação entre museus e escolas a partir das intenções e das práticas dos profissionais envolvidos nessa relação” (MARTINS, 2006, p. 179) e tomou como objeto de análise as práticas educativas desenvolvidas no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Interessada em compreender os significados que esses profissionais envolvidos nessa relação dão às suas práticas, a autora empreendeu uma investigação de natureza qualitativa utilizando-se de entrevistas com os profissionais de museus e da escola (professores), observações das práticas educativas do museu e das visitas escolares e análise documental sobre o museu.

O amplo repertório de informações provenientes das entrevistas, observações e documentos forneceram um vasto material analítico que foi submetido ao modelo de análise proposto por Allard e Bouche, *apud* Martins (2006) que divide a realização de uma visita de uma escola a um museu em três etapas: 1) a prévia ou preparação – fase de planejamento e preparação da visita; 2) a realização das atividades - fase de execução da visita; 3) a continuação - fase de avaliação do programa. Essas três etapas previstas no modelo de Allard e Boucher, *apud* Martins (2006) foram aplicadas aos dois universos estudados.

Em seus resultados, Martins (2006) observa que, embora a dimensão educativa seja inerente aos museus, ela não existe incondicionalmente. É antes “[...] uma opção

institucional que pode ser mais ou menos valorizada conforme as concepções acerca da função institucional presentes dentro de um museu” (MARTINS, 2006, p.179).

Segundo Martins (2006), no caso específico do Museu de Zoologia da USP, a tradição consolidada como instituto de pesquisa, verteu todos os esforços na divulgação de suas pesquisas junto à comunidade científica, reservando pouca atenção à sua divulgação junto ao público leigo. Esse cenário começa a dar sinais de alterações quando ocorreu a implementação de seu novo regimento, abrindo espaço para a institucionalização das atividades comunicacionais e educativas orientadas para o público leigo.

No entanto, ao analisar o papel da educação no MZUSP, a autora identificou alguns percalços no âmbito da Instituição. As dificuldades para consolidação de um serviço educativo se traduziram no desequilíbrio entre o número de profissionais destinados à pesquisa (26) contra apenas um dedicado ao setor de difusão cultural. Outro aspecto ressaltado pela autora refere-se à visão de educação como complemento à sua atividade principal que é a produção de exposições. Como a função da exposição no MZUSP é a comunicação de conceitos e métodos que regem a sua pesquisa científica, as atividades educativas eram planejadas após a concepção e a montagem da exposição e se ocupava da transmissão desses conceitos e métodos da pesquisa em zoologia. Dessa forma, a autora conclui que, no MZUSP,

a educação não é vista enquanto um paradigma conceitual que rege todas as ações públicas da instituição e sim como um método de mediação responsável por traduzir os conteúdos expositivos para o público de não cientistas (MARTINS, 2006, p. 181).

A ausência de uma política educacional no âmbito da instituição, associada à falta de clareza da Divisão de Divulgação Científica (DDC) acerca dos fundamentos conceituais que informam a ação educativa no MZUSP contribuem para a acentuação do quadro de desprestígio da área educativa, conforme descreve a autora: “[...] atividade não prioritária, sem uma inserção institucional ‘holística’ (HOOPER-GRENHIL) e carente de pressupostos teórico-metodológicos que respaldem sua atuação” (MARTINS, 2006, p. 183).

Nessa medida, a “[...] falta de um planejamento conceitual de atividades educacionais [construiu um cenário de atuação voltado para atendimento das demandas cotidianas de um público escolar crescente, impondo] uma perspectiva imediatista e não-reflexiva para as atividades educacionais do MZUSP” (MARTINS, 2006, p.182). Para Martins

(2006, p.183), na missão institucional do MZUSP, “[...] a educação ocupa um papel de coadjuvante e de pouca relevância frente às tradicionais funções de pesquisa e conservação de coleções”.

Ao analisar as visitas escolares ao MZUSP, verificou-se que toda prática educativa no museu esteve permeada por esta visão *restrita* do papel da educação no museu. A constatação de que os conhecimentos da área educacional que informavam a estruturação das visitas no museu advinham da experiência profissional anterior da profissional responsável pelo setor educativo (técnica em educação do SAE – Setor de Atividades Educativas do Museu) como professora do Ensino Fundamental, apontam para uma ausência de conhecimentos específicos da área da educação em museus na fundamentação das práticas educativas naquela instituição.

A compreensão de que os objetivos comunicacionais da exposição de longa duração são voltados para a compreensão dos conceitos e métodos que regem o trabalho do zoólogo é compartilhada pelos profissionais do DDC. A organização da visita monitorada ao MZUSP toma como referência a abordagem desses conteúdos conceituais presentes na exposição. Quanto aos professores, verificou-se na pesquisa que eles têm expectativas semelhantes aos profissionais do museu.

Para os professores observados e entrevistados a visita ao Museu de Zoologia está atrelada à verificação dos conteúdos trabalhados em sala de aula: evolução e diversidade biológica na sua maior parte. A ideia é que a visita funcione como um complemento à aprendizagem iniciada em sala de aula. Para isso, o Museu é considerado como um espaço que facilita esse aprendizado conceitual, na medida em que estimula o estudante em uma maneira distinta daquela proporcionada pela escola: é uma “aula diferente” (MARTINS, 2006, p. 186).

Outros aspectos decorrentes dessas constatações foram analisados pela autora. Um primeiro aspecto refere-se ao papel dos monitores do museu e, o outro, diz respeito ao lugar ocupado pelo professor no contexto da visita.

A autora constatou que a visita é centrada na figura do monitor que se dedica à transmissão dos conteúdos conceituais mobilizados na exposição, por meio de explicações lineares em torno desses conceitos. Embora na proposta pedagógica do museu houvesse uma referência à utilização da metodologia da Educação Patrimonial, o que se verificou foi a ênfase na fala explicativa do monitor, em detrimento da perspectiva problematizadora e questionadora proposta pela metodologia. A autora conclui que “[...] a visita ao MZUSP é

centrada na informação e não no aprendizado construído a partir das referências culturais do aluno” (MARTINS, 2006, p. 187).

Quanto aos professores, a autora afirma que esses assumem uma postura de passividade ao encararem a visita como responsabilidade do Museu.

Os profissionais oriundos da escola encaram a visita como responsabilidade do Museu e, mesmo que tenham críticas à maneira como ela é conduzida, não interferem no andamento da mesma. A saída da escola é assumida por muitos professores como uma desresponsabilização momentânea de suas funções”(MARTINS, 2006, p. 187).

Para a pesquisadora, essa postura dos professores interfere no resultado da visita, pois compromete a necessária preparação prévia dos alunos. Considera ainda que os cursos de formação continuada oferecidos pelo museu não impactaram as práticas dos professores, e os materiais oferecidos pelo museu não estiveram presentes na preparação dos alunos para a visita ao museu, e que esta continua sendo vista como um acontecimento isolado cujo aproveitamento pedagógico restringe-se ao momento da visita.

Para Martins (2006), faz-se necessário o estabelecimento de parcerias intitucionalizadas envolvendo todas as instâncias em questão, para que possam ser construídas relações mais férteis entre museus e escolas.

Em linhas muito gerais, a análise desses quatro estudos desenvolvidos em diferentes épocas e em diferentes instituições nos permite identificar um cenário de mudanças e permanências no plano da educação no universo museal brasileiro. Os dados levantados nesses estudos serão contrastados com os produzidos no contexto da nossa pesquisa desenvolvida no MHAB e servirão de baliza para as nossas discussões ao longo da tese. Reflexões que serão acrescidas de outras referências no campo da educação em museus e, especialmente, de estudos sobre a relação museu/escola. A seguir apresentaremos o desenho metodológico da pesquisa proposta.

5 – INDICAÇÕES GERAIS SOBRE A METODOLOGIA UTILIZADA

A proposição de um trabalho de investigação inicia-se necessariamente a partir de uma ou mais questões que nos impulsionam a trilhar um caminho que alia o rigor do trabalho acadêmico ao prazer da descoberta. Entender a visita escolar ao museu como uma

experiência educativa híbrida, tecida na fronteira entre os museu e escolas, significou a necessidade de levantamento de informações nos dois contextos educativos.

No âmbito do museu, interessava conhecer a historicidade da ação educacional naquele museu a fim de compreender o significado atribuído à educação naquela instituição. Para isso, procedemos a uma investigação documental que nos permitiu traçar o percurso da sua trajetória histórica que levou à consolidação do seu Programa de Educação Patrimonial. Ainda, no contexto do museu, tornou-se importante conhecer como esse programa educativo era construído e reconstruído cotidianamente, quais as concepções educativas o informavam e quais ações eram postas em prática no contexto da visita. O empreendimento da pesquisa etnográfica permitiu a observação cotidiana da prática educativa do museu e seu exercício no contexto da visita escolar.

No âmbito da escola, tornava-se relevante conhecer o significado atribuído pelos professores à visita e os modos de uso e apropriação do Museu por esses profissionais da educação. As motivações para a realização da visita desde a preparação prévia até o retorno à escola foram acessadas por meio da realização das entrevistas com os professores.

5.1 As fases da pesquisa

O estudo compreendeu, portanto, dois momentos de pesquisa distintos e complementares: uma análise diacrônica e outra sincrônica das práticas educativas do museu na relação com a escola. Para tanto, o processo de coleta de informações no museu organizou-se em duas fases: uma pesquisa documental (fase 1) e uma pesquisa etnográfica (fase 2). Para acessar o universo das escolas, realizamos entrevistas com professores (fase 3) que visitaram o museu naquele ano de 2009.

A primeira fase da pesquisa constituiu-se de uma investigação documental no Setor Educativo do Museu para o levantamento de informações relativas ao conjunto de ações educativas destinadas ao público escolar desenvolvidas por um período de aproximadamente doze anos. Buscamos levantar as informações dos documentos produzidos no período analisado, considerando-as como resultado de uma montagem consciente ou inconsciente dos grupos sociais que as produziu e guardou. As informações foram analisadas considerando as condições de sua produção e o contexto em que foram produzidas, buscando “[...]desmistificar os seus significados aparentes” (LE GOFF, 1997:103).

A segunda fase da pesquisa compreendeu a investigação etnográfica empreendida no Museu (fase 2). A escolha pela etnografia possibilitou a imersão no campo e permitiu traçar um mapa daquilo que *contava* como ação educativa para o Museu na relação com o público escolar. A negação de uma definição *essencialista* atribuída ao museu e a busca pelos significados atribuídos pelos sujeitos em seus contextos de ação nos levou à realização de uma pesquisa de campo. Reiterando o que afirma Peirano (1995), na defesa do valor da etnografia para os estudos antropológicos, consideramos que a etnografia permite o confronto entre teoria e empiria e realimenta diferentes campos da pesquisa, ao permitir uma permanente desconstrução de rígidos arcabouços teóricos postos em xeque pela dinâmica dos sujeitos sociais em ação.

Imergir nos museus para entender os significados gestados no *contexto museal* pressupôs a adoção de uma perspectiva de análise que se pautou na descrição dos fenômenos a partir de uma visão do que ocorre no interior de uma experiência cultural, na direção do que se denomina perspectiva *êmica*, ou seja, “[...]aquela que se ocupa de descrever uma cultura vista de dentro, contemplada naquilo que é relevante para os membros do grupo” (GREEN, DIXON, ZAHARLICK et alii, 2005, p. 79).

Assim, entender *o que acontece no museu* é tentar interpretar os significados construídos pelos sujeitos envolvidos em diferentes práticas e experiências museais, sem, contudo, deixar de ocupar a posição de observadora externa (ética). Nossa compreensão de que a visão externa aguça a compreensão interna se apoia na afirmativa de Sahlins (2006, 12): “[...] precisamos de uma outra cultura, para conhecer outra cultura”. Nessa medida, o estranhamento é um procedimento metodológico (GOMES, 2009), essencial para se acessar o ponto de vista do outro. Realizar um duplo movimento capaz de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico.

A adoção da etnografia como lógica investigativa e da observação etnográfica como recurso metodológico permitiu a descrição⁵⁵ da cultura institucional do museu, em uma aproximação com os sujeitos dessa instituição. Ao observarmos as suas práticas, aproximamo-nos de suas representações e formas de apropriações e significação do museu.

⁵⁵ A busca de uma descrição mais aprofundada da cultura institucional do museu inspirou-se na descrição densa - expressão utilizada por Geertz (1978) emprestada de Gilbert Ryle -, para descrever um tipo de descrição dos fenômenos culturais que ultrapassa a descrição superficial, e que seja capaz de perceber os significados das ações dos sujeitos no contexto em que foram gestados.

Entendemos que o vigor da etnografia consiste e persiste justamente pela perspectiva de usar captar os fenômenos socioculturais em movimento, como resultado das ações dos sujeitos tecidas em suas práticas cotidianas e informadas pela cultura em permanente processo de (re-) significação pelos sujeitos em ação. Como afirma Geertz (1997, p. 11), para um etnógrafo, “as formas do saber são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros”.

A exigência de uma análise intensa das questões propostas para essa investigação levou-nos a lançar mão do estudo de caso, visando obter um maior número de evidências daqueles elementos constitutivos do que se considera como significativo em um sistema cultural. Para tanto, realizamos um levantamento minucioso de dados em diferentes fontes de informações no conjunto documental e no *ambiente natural* de realização das dinâmicas de interação num contato direto com a situação pesquisada.

A descrição densa de todo conteúdo documental e registros de campo, associada a uma interpretação indiciária⁵⁶, permitiu encontrar pistas reveladoras de traços e marcas daquilo que passou a ser reconhecido como ação educativa destinadas ao público escolar, gestada no contexto museal e nos modos de apropriação dos museus feitos pelos escolares. Nessa perspectiva, essa fase do estudo (fase 2) pretendeu compreender aspectos da cultura museal e escolar orientados pelas atividades práticas dos sujeitos participantes da visita.

O acesso às informações acerca dos *usos* e apropriações que os professores fazem dos museus e as formas de apropriação desse espaço cultural e educativo pelos professores, seus objetivos, as possibilidades e limites de suas ações foram complementadas com a realização de entrevistas semiestruturadas realizadas com os professores e técnicos em educação que visitaram o Museu, em busca de indícios daquilo que se constituiu como relevante na relação da escola com o Museu (fase 3).

Portanto, na terceira fase foram realizadas entrevistas com os professores e técnicos educacionais, com o objetivo de investigar as motivações e os usos dos museus em suas ações educativas. Com roteiro semiestruturado, as entrevistas forneceram informações

⁵⁶ O historiador Carlo Ginsburg discute a emergência, no final do século XIX, de um paradigma de natureza indiciária no âmbito das ciências humanas, que busca reconstruir a rede dos acontecimentos e eventos por meio da análise dos indícios, sinais, signos e pistas. Esse modelo epistemológico tem como aspecto central a valorização do singular, sem, contudo, abandonar a ideia da totalidade uma vez que busca a interconexão entre os fenômenos e não o indício no seu significado isolado (GOES, 2000). Segundo Ginsburg (1989), a abordagem indiciária permite saltar de fatos aparentemente insignificantes, que podem ser observados, para uma realidade mais complexa, a qual, pelo menos diretamente, não é dada a observação. Essa abordagem serviu de inspiração nas análises aqui desenvolvidas.

complementares acerca do universo escolar na sua relação com o Museu e foram ouvidos professores que visitaram o Museu como parte de suas estratégias de ensino.

O uso de diferentes procedimentos metodológicos deveu-se à necessidade de um aprofundamento e elucidação das questões observadas em cada um dos contextos da pesquisa. A triangulação dos dados oriundos do conteúdo documental, dos registros de campo e entrevistas permitiu encontrar pistas, traços e marcas do que passou a ser reconhecido como ação educativa destinadas ao público escolar gestada no contexto museal e dos modos de apropriação dos museus pelos escolares. No item 5.2 desta seção, apresentamos um *Mapa dos Dados da pesquisa* à página 79.

Considerando a natureza do estudo proposto, fizemos uma opção pela abordagem qualitativa⁵⁷, aqui entendida de maneira geral como o tipo de pesquisa que valoriza a interpretação e a compreensão de significados, ao invés dos experimentalismos que perseguem leis e regularidades. Em maior ou em menor grau, nos apropriamos de técnicas e procedimentos da Teoria Fundamentada⁵⁸ (Strauss e Corbin, 2008) por conter princípios que se aproximam da natureza do problema a ser investigado.

- A necessidade de sair a campo para descobrir o que estava realmente acontecendo;
- A relevância da teoria, baseada em dados, para o desenvolvimento de uma disciplina e como base para a ação social;
- A complexidade e a variabilidade dos fenômenos e das ações humanas;
- Crença de que as pessoas são atores que assumem um papel ativo para responder a situações problemáticas;
- A percepção de que as pessoas agem com base em significados;
- A compreensão de que o significado é definido e redefinido através da interação;
- Sensibilidade para a natureza evolutiva e reveladora dos fatos (processo);
- Consciência da inter-relação entre condição (estrutura), ação (processo) e consequências (STRAUSS e CORBIN, 2008, p. 22).

No processo de tratamento das informações colhidas procuramos, em um primeiro momento, realizar uma descrição capaz de conferir inteligibilidade aos dados, seguido de um

⁵⁷ Optamos pela denominação abordagem qualitativa em lugar de pesquisa qualitativa, para evitar a dicotomia entre qualitativo e quantitativo que marcou o debate no século XIX. Ver André (1995).

⁵⁸ Por Teoria Fundamentada entende-se “[...] um tipo de produção de teoria que é derivada de dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio de processo de pesquisa. Neste método, coleta de dados, análise e eventual teoria mantêm uma relação próxima entre si. Um pesquisador não começa um projeto com uma teoria preconcebida em mente [...]. Ao contrário, o pesquisador começa com uma área de estudo e permite que a teoria surja a partir dos dados” (STARUSS & CORBIN, 2008:25).

ordenamento conceitual e, finalmente, buscamos tecer algumas reflexões teóricas acerca dos problemas levantados (STRAUSS e CORBIN, 2008).

Para melhor compreensão das técnicas e procedimentos utilizados em cada uma das etapas da pesquisa, fizemos um detalhamento a respeito da natureza das fontes utilizadas e do tratamento a elas conferido, no início de cada capítulo.

5.2 Mapa dos dados

Quadro 3 – Mapa dos dados

Etapas da Pesquisa	Local	Volume dos Dados	Descrição	Situação
<p>Pesquisa documental</p>	<p>Arquivos do Setor Educativo e Arquivo Administrativo do MHAB</p>	<p>Documentos:</p> <p>Relatórios de gestão (6), Caderno pedagógico (1); Relatórios de consultoria (3); Documentos de diretrizes gerais do Museu (4); Projetos de ação educativa específicos (8) Texto Programa de Educação Patrimonial (1) Folders/Material de publicação do Setor (4) Texto de apoio ao Curso Encontro com o Museu (1). Relatórios Pesquisa Doxa (5) Relatório técnico Projeto Doxa (1)</p>	<p>Fonte Primária:</p> <p>Relatórios Memória Técnica e Relatórios de Gestão (de 1993 a 2008); Caderno Pedagógico; Relatórios de consultoria; Proposta de Trabalho e Plano de Trabalho para o Museu Abílio Barreto (1993); Documento final: Fórum de Discussão e Elaboração de Proposta para o Museu Abílio Barreto (1993); Plano Diretor do MHAB; Documento: Ação Cultural e Políticas Sociais (1994); Planejamentos Anuais do Setor Educativo; Relatório Técnico de Consultoria Projetos Museu-Escola (1995); Museu vai à escola (1995); Ação Educativa do MHAB Educativa (1995 a 1997); Museu/Magistério; Educação Patrimonial, Onde mora minha História? Projeto Encontro com o Museu e Material do Curso Encontro com o Museu Programa de Educação Patrimonial; Publicações de Projetos <i>Folders</i> e publicações do Setor (Caderno de visitação do Casarão, Almanaque, Álbum e Roteiro de Leitura do Bonde)</p> <p>Fonte secundária:</p> <p>Material Bibliográfico publicado sobre o Museu (citados ao final da tese)</p>	<p>1ª fase: Realizada leitura e análise inicial dos Relatórios de consultoria, do Documento do Fórum de discussão e elaboração de propostas para o Museu e do conjunto de Relatórios de Gestão e Relatórios Técnicos; Análise de documentação relacionada no final da tese.</p>

Etnografia /Notas de campo	Museu Histórico Abílio Barreto (Espaços administrativos , Sala multiuso e Espaços expositivos)	1 e 1/2 cadernetas (1/4 -148 x 210 mm espiraladas de 96 folhas cada)	Foram observados: Visitas escolares; Reuniões do Grupo de Estudos Reuniões administrativas Aspectos do funcionamento cotidiano do museu	Descrição e análise das notas de campo
Entrevistas	Locais previamente definidos pelos professores (biblioteca, sala de aula; sala da coordenação, sala dos professores)	Número de professores entrevistados: 15 Número de horas: aproximadamente 6:26 h Nº de páginas transcritas: 113	Dados pessoais (nome sexo) e profissionais do professor (atuação e formação). Constou de um roteiro organizado em 6 temas com questões derivadas de cada tema.	Transcrição de todas as entrevistas Categorização por tema Análise do conjunto de entrevistas
Filmagens (Documentação complementar)	Espaços expositivos do Museu Histórico Abílio Barreto	Seis horas de gravação / 127 páginas transcritas	Foram filmadas sete visitas escolares, sendo quatro municipais, uma estadual e duas particulares	Transcrição de todas as visitas filmadas Análise exploratória de uma filmagem com duração de 1h (Material não utilizado neste estudo)
Fonte: Quadro elaborado pela autora da tese				

5.3 Universos da pesquisa

5.3.1 O Museu Histórico Abílio Barreto

A escolha do Museu Histórico Abílio Barreto deveu-se a sua importante inserção como instituição museal na cidade de Belo Horizonte, além da relevância de sua ação cultural e educativa no cenário museológico nacional. Levamos em conta três aspectos relevantes na opção por este museu: sua inserção no cenário cultural da cidade de Belo Horizonte; o trabalho da ação educativa que vem sendo desenvolvido por essa instituição

especialmente na sua relação com o público escolar; e finalmente a acentuada frequência do público escolar tanto da cidade de Belo Horizonte, quanto da Região Metropolitana.

Ao discutir o problema da tipologia dos museus, Meneses (1992, p. 04) chama a atenção para a existência de uma confusão derivada da “[...] tentativa de classificar objetos conforme categorias apriorísticas estanques e unívocas de significação documental [...]”. Para ele, essa classificação em objetos artísticos, objetos históricos, objetos tecnológicos, folclóricos etc., resulta na criação de tipologias correntes que classificam as instituições museais em museus de arte, de arqueologia, museus histórico, dentre outras, fragmentando o conhecimento.

No caso dos museus históricos, o que tem orientado a identificação do objeto como objeto histórico é a sua “[...] vinculação biográfica ou temática, a um feito ou figura excepcionais do passado, normalmente heróis vencedores ou, quando vencidos, considerados normalmente superiores” (MENESES, 1992, p. 4). Ao refletir sobre o que deveria se constituir como um museu histórico, esse autor pontua que não seria a natureza dos objetos da instituição, mas sim a natureza dos problemas históricos por elas formulados. Assim, “[...] seriam históricos os objetos de qualquer natureza ou categoria capazes de permitir a formulação e o encaminhamento de problemas históricos” (MENESES, 1992, p. 5).

Desse modo, o museu selecionado, embora esteja categorizado como *histórico*, conta, em seus acervos, com conjuntos de objetos que permitem a compreensão de diferentes fenômenos sociais numa perspectiva histórica. Assim, ao nos voltarmos para o uso escolar desse Museu, foi possível analisar a prática, não só de professores de História, mas também de outros profissionais vindos de diferentes campos do conhecimento que buscam no conjunto de seus bens culturais elementos para a compreensão de diferentes aspectos da realidade social.

Reconhecemos que um fator de legitimação dessas instituições é a sua capacidade de atração de diferentes públicos que figura como o grande balizador das ações de instituições públicas culturais, como é o caso dos museus. A capacidade de atrair o público é um dos sintomas de vitalidade dessas instituições. Para tanto, a frequência do público escolar às instituições museais foi outro fator relevante na nossa escolha.

Embora se reconheçam os anos 80 como marco nas renovações no campo museológico e nas transformações no campo da educação escolar, analisamos o período que se estende do início dos anos 90 do século XX até a atualidade, momento de maior

consolidação das práticas museais. No caso do Museu Abílio Barreto, nossa análise coincide com o período de revitalização desse museu que remonta ao ano de 1993. Cabe lembrar que a dinâmica histórica é fluida, o que nos alerta para o risco de cortes definidos por marcações cronológicas. Por isso, foi necessário, por vezes, recuar no tempo a fim de entender as práticas educativas no interior dessa instituição. A pesquisa documental por nós empreendida elucidará aspectos da história desta instituição e será abordada no Capítulo I desta tese.

5.3.2 O universo dos entrevistados: professores e técnicos em educação

O acesso ao universo dos professores e técnicos em educação se deu através da Agenda de visitação do público escolar ao museu ou pelo telefone fornecido no contato feito durante a pesquisa de campo. Foram ouvidos aqueles profissionais que visitaram o museu como parte de suas estratégias de ensino e que se disponibilizaram a conceder-nos uma entrevista por adesão voluntária. O local da entrevista foi definido pelo professor/técnico, que na sua totalidade optou pela sua concessão no espaço escolar. Assim, as entrevistas foram realizadas na escola nos espaços escolhido pelo profissional, ou seja: sala da coordenação, sala dos professores e sala de aula.

Foram entrevistados quinze profissionais de educação sendo treze professores e dois técnicos em Educação que atuam na Educação Básica e Ensino Médio, em escolas públicas de Belo Horizonte, cujos dados serão especificados no Capítulo III desta tese.

6 – A ESTRUTURA DO TRABALHO

A tentativa de produzir uma inteligibilidade acerca das dimensões educativas da visita escolar ao Museu nos levou à produção de uma arquitetura textual composta de três tempos/movimentos que estão em diálogo.

Inicialmente apresentamos a trajetória história do MHAB que nos forneceu o contexto em que foi gestada a ação educativa do Museu em sua atenção ao público escolar, para em seguida tratar do encontro entre a escola e o museu no espaço tempo da visita e, finalmente, trazer à pauta as motivações que impulsionaram os professores na busca pelo Museu. Do entrelaçamento entre esses três tempos/movimentos produzimos uma reflexão

sobre a natureza da experiência educativa tecida na fronteira entre museu e a escola a partir do levantamento empírico do caso em estudo.

No primeiro capítulo, por meio de uma investigação da documentação produzida pelo Setor Educativo do Museu, analisamos o percurso histórico de desenvolvimento do Programa de Ação Educativa do MHAB e a sua relação com o público escolar.

No segundo capítulo, apresentamos reflexões sobre os significados atribuídos pelos agentes do Museu às ações educativas voltadas para o público escolar desenvolvidas no MHAB e as formas de apropriação e usos do Museu pelos escolares no tempo da visita. Essas reflexões resultam do confronto entre informações produzidas durante as observações de campo e a produção acadêmica sobre o tema.

No terceiro capítulo, trazemos o universo da escola por meio das vozes dos professores em dois momentos. No primeiro, analisamos as informações sobre objetivos a serem alcançados com a visita ao Museu recolhidas da “Ficha de Avaliação da Visita” respondida pelos professores ao final da visita ao MHAB. No segundo, analisamos as motivações que levaram esses profissionais da educação a incluírem a visita ao MHAB em seus projetos e programas educativos e a mobilização em torno dessa prática educativa.

O quarto capítulo apresenta as reflexões sobre as possibilidades educativas intercambiadas durante a visita, seguidas das considerações sobre as possíveis contribuições deste estudo para o campo da relação museu/escola.

CAPÍTULO I - QUANDO UM MUSEU SE REINVENTA E REENCONTRA A ESCOLA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO PROGRAMA EDUCATIVO DO MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRRETO (1993 - 2005)

No início dos anos 90, século XX, o Museu Histórico Abílio Barreto protagonizou um movimento de mudanças e redefinições do seu lugar no cenário cultural da cidade de Belo Horizonte, que se tornou conhecido como *processo de revitalização*⁵⁹. Esse processo exigiu, de um lado, um esforço de reinvenção e consolidação da sua identidade institucional e, de outro, a ampliação das suas ações sobre o município. Buscou-se estabelecer diálogos, parcerias e vínculos com diferentes instituições da cidade, dentre elas, a escola.

A necessidade de compreender o papel da educação no MHAB e as ações educativas voltadas para o público escolar desenvolvidas naquela instituição nos conduziu à realização de uma pesquisa histórica que nos possibilitou traçar uma trajetória do desenvolvimento das ações educativas no Museu.

Ao analisarmos a documentação do Setor Educativo⁶⁰, procurávamos aclarar o que era compreendida como ação educativa do MHAB antes e depois da revitalização e quais princípios educativos norteavam aquelas ações. A imersão no universo documental trouxe a lume as novas orientações museológicas adotadas pela Instituição a partir de 1993 que forneceram os eixos basilares do Programa de Educação Patrimonial do MHAB, em curso naquela Instituição.

Essa incursão retrospectiva, recolhendo as sobras do vivido, só nos permite aproximações de um tempo reconstruído a partir da lente do presente. Por isso, é ilusória a ideia de ressuscitar a totalidade do passado, como nos ensina Le Goff (1998, p. 103):

Mergulhar no passado como está implicado na ideia de ressurreição integral é uma empresa que não apenas é vã e ilusória, como anti-científica. Temos que tentar reencontrar o sabor do passado, a vida, os sentimentos, as mentalidades de homens e mulheres, mas em sistemas de exposições e interpretações de historiadores do presente.

⁵⁹ No livro *Reinventando o MHAB: o museu e novo lugar na cidade (1993-2003)*, Pimentel (2004) esclarece a inexistência institucional de um processo de revitalização e justifica o uso aspeado desta expressão ao longo do livro. Nesse texto, utilizaremos esta expressão sem uso de aspas, para nos referirmos ao processo de redefinição museológica, posto em ação a partir de 1993.

⁶⁰ Utilizamos a denominação Setor Educativo porque ela é a forma cotidiana utilizada pela equipe para se referir à Divisão de Educação Patrimonial do MHAB.

Assim, a narrativa aqui apresentada é uma aproximação demasiadamente incompleta do que foi tecido com sangue, suor e sonhos de gentes de carne e osso que um dia ousaram inventar novos caminhos.

1 – NOTAS SOBRE A NATUREZA DO *CORPUS* ANALISADO: OS DOCUMENTOS TEXTUAIS

Neste capítulo, analisamos a documentação textual produzida pela Ação Educativa do MHAB no período que se estendeu de 1993 - ano que marcou o início do processo de revitalização - até o ano de 2005, quando foi realizado um projeto pesquisa de público em que foram avaliadas algumas das ações educativas desenvolvidas pelo Museu⁶¹. Embora o recorte temporal desta pesquisa esteja circunscrito ao período de 1993 a 2005, a necessidade de informações sobre as práticas educativas orientadas para a escola no período anterior à revitalização nos levou a um recuo temporal.

A documentação textual analisada nesse capítulo constou basicamente de relatórios técnicos e relatórios de gestão do MHAB; relatórios mensais/anuais do setor educativo; projetos da ação educativa do Museu; relatórios de consultorias externas; planos de ações do MHAB e do setor educativo; atividades elaboradas pelo programa educativo; relatórios de avaliação de público, além de dois produtos elaborados pela ação educativa do Museu – O Caderno Pedagógico 1 e o Almanaque MHAB.

Associamos a esse *corpus* alguns documentos relativos ao período anterior a 1993 que nos forneceu informações sobre as ações educativas voltadas para o público escolar desenvolvidas pelo Museu antes do processo de revitalização. Foram analisados relatórios de visita, roteiro de visita, normas de funcionamento e diagnósticos de ações do Museu. A análise documental seguiu três etapas procedimentais que orientam a *análise de conteúdo* (BARDIN, 2009): (a) a pré-análise; (b) a exploração do material e (c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Uma pré-análise (etapa 1) da documentação disponível no acervo do Museu permitiu a seleção de um *corpus* documental constituído de: relatórios de gestão, caderno pedagógico; relatórios de consultoria; documentos relativos às diretrizes gerais do museu; projetos de ação educativa específicos; programa de educação patrimonial; folders e

⁶¹ C.f. MHAB - Projeto Pesquisa de Público para avaliação das exposições e dos projetos de Educação Patrimonial do Museu Histórico Abílio Barreto.

materiais publicados pelo setor e textos que compõem o curso encontro com o museu dentre outros (ver Mapa dos Dados item 5.2 da Introdução p. 79).

Em seguida, iniciamos o processo de exploração do material (etapa 2) orientada pela necessidade de compreensão do que contava como sendo ação educativa voltada para o público escolar naquele museu no período analisado.

A análise dos relatórios técnicos de gestão, cuja natureza descritiva e avaliativa das atividades realizadas fornecia um percurso histórico das ações do museu, nos permitiu iniciar o tratamento dos resultados, realizar inferências e as interpretações das fontes documentais (etapa 3).

Além das fontes primárias, somou-se às nossas análises um conjunto de fontes secundárias composto pelas publicações sobre o museu que vieram a lume após a revitalização às quais tivemos acesso durante a escrita deste texto.

2 - O PAPEL DA AÇÃO EDUCATIVA EM UM MUSEU EM MUTAÇÃO

2.1 - O contexto de revitalização do MHAB e a construção de novas práticas educativas

Fundado em 1943 para abrigar a memória da cidade de Belo Horizonte, o Museu recebeu inicialmente a denominação de Museu Histórico de Belo Horizonte, sendo posteriormente rebatizado de Museu Histórico Abílio Barreto, no ano de 1967, em homenagem ao seu fundador. Ao longo dos seus 68 anos⁶² de existência, a Instituição vivenciou gestões que procuraram firmar o seu lugar como instituição responsável pela gestão da memória da cidade de Belo Horizonte, alternando períodos de maior vigor com outros voltados para a realização de atividades rotineiras⁶³.

⁶² Em 2011, ano da escrita deste trabalho, o MHAB completa 68 anos.

⁶³ Segundo Alves (2003, p. 31), além do incontestável papel de Abílio Barreto na criação e consolidação do Museu Histórico de Belo Horizonte e do significativo empenho de cada uma das gestões que passaram pelo museu ao longo dos seus 60 anos de história, “[...] dois outros períodos da história da instituição foram marcados por um esforço maior de (re-)significação do lugar: as direções de Mauro Lúcio Brandão (1946-1959) e de Elza Beatriz Von Döllinger de Araújo (1984-1989)”. Para uma melhor compreensão da história do MHAB, ver MHAB: 60 anos de história (caderno 2). Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Museu Histórico Abílio Barreto, 2003.

Segundo Cândido (2003), nos últimos anos da década de 70 e ao longo da década de 80, entre tentativas e ações efetivas, o Museu passaria por maior dinamização das políticas e dos espaços institucionais informados por

“[...] conceitos museológicos contemporâneos [e que resultaria na elaboração] de: um plano de trabalho abrangente, apontando para a necessidade de recuperação arquitetônica do Casarão, a construção de um prédio anexo e a reformulação das metodologias de pesquisa e documentação do acervo, segundo as orientações da nova Museologia (CÂNDIDO, 2003, p.22)

No período que se antecedeu ao *processo de revitalização* do MHAB, no documento manuscrito intitulado *Diagnóstico de ações a serem empreendidas no MHAB*⁶⁴ de 1989, encontramos um exame detalhado das principais necessidades do museu que incluíam: reestruturação do quadro pessoal (incluindo a contratação de técnicos como museólogos, restauradores, bibliotecários e outros profissionais); restauração e ampliação da estrutura física (a necessidade de reparos no prédio do Casarão e a construção de galpões para proteção dos objetos de grande porte e a construção de anexo); a realização de serviços de infraestrutura na área externa; a restauração e ampliação do acervo; a garantia de itens de segurança; aquisição de mobiliário e outros itens de infraestrutura; maior divulgação do museu junto à comunidade, incluindo a criação de condições para a visita de escolas de periferia; definição de orçamento próprio com verbas específicas para o museu junto a Secretaria Municipal de Turismo visando à realização de exposições e outras atividades extras, além da sugestão de criação de uma Sociedade de Amigos do Museu para viabilização de projetos⁶⁵. Essa extensa pauta de reivindicações, em certa medida, foi retomada pela gestão iniciada no ano de 1993, acrescida de novos desafios.

Ao completar 50 anos em 1993, o museu empreendeu um processo de revitalização orientado por uma nova abordagem museológica, apoiado em três eixos basilares: preservação/investigação/comunicação⁶⁶, que pretendeu transformá-lo num “[...] centro irradiador de cultura, dedicado à memória e à história de Belo Horizonte”, nas palavras de Isabella Guerra (2007, p. 104).

⁶⁴ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Diagnóstico de ações a serem empreendidas no MHAB. *Manuscrito*, 1989.

⁶⁵ Cabe destacar que muitas dessas ações estiveram na pauta de reivindicações em diferentes gestões e se arrastaram ao longo da história do Museu. As demandas por ampliação do espaço físico e infraestrutura em geral, foram reclamadas por diferentes gestões, como nos apontou o texto MHAB 60 anos de história.

⁶⁶ Ver MHAB: 60 anos de história.

O Fórum de Discussão e Elaboração de Propostas para o Museu Histórico Abílio Barreto⁶⁷, realizado no ano de 1993, pela Direção do Museu, tornou-se um marco institucional das transformações que redefiniriam a nova face do Museu na cidade. No documento final do evento foram apresentadas as diretrizes do novo plano museológico a ser posto em ação pela nova gestão, contendo recomendações quanto à necessidade de transformações no seu espaço físico, no seu acervo e na concepção de Museu até então em vigor naquela Instituição.

A reconstrução do espaço físico previa o reordenamento dos espaços internos e externos visando sanar a escassez de espaço então existente, o que incluía a edificação de um novo prédio para abrigar a reserva técnica e setores administrativos do Museu. Quanto à gestão do acervo, projetava-se o estabelecimento de uma política de acervo que estabelecesse critérios técnicos para aquisição e doações de coleções, a realização do seu processamento – organização, identificação e catalogação - além do estabelecimento de um plano de restauração permanente⁶⁸. Todas essas alterações fundamentavam-se numa concepção museológica assentada na democratização do acesso ao museu como equipamento cultural de interesse público.

A magnitude de tal empreendimento se fazia evidente nas propostas elencadas no documento final do Fórum que incluíam: a intensificação das ações do museu junto ao público; a ruptura com uma concepção celebrativa do passado, em favor de uma história precursora de múltiplas memórias e capaz de promover uma consciência crítica sobre a cidade; a ampliação de sua noção de acervo para além dos seus bens patrimoniados, incorporando a noção de *acervo operacional*⁶⁹; a promoção de intervenções museológicas em outros espaços da cidade; a promoção de programas de pesquisa capazes de subsidiarem a identificação do acervo da instituição e do acervo operacional, o processamento técnico da documentação e as atividades de difusão; a criação de um Centro de Referência Iconográfica sobre Belo Horizonte e a abertura de canais de participação da

⁶⁷ MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Fórum de Discussão e Elaboração de Propostas para o Museu Histórico Abílio Barreto – Documento Final. Belo Horizonte, 12 de março de 1993. Arquivo Administrativo. Participou desse Fórum um grupo de profissionais de diferentes formações intelectuais com experiência em instituições públicas culturais da cidade de Belo Horizonte, a convite da nova direção do museu. Ao final do evento, foi produzido um documento final intitulado Fórum de Discussão e Elaboração de Propostas para o Museu Histórico Abílio Barreto – Documento Final. Para maior conhecimento sobre esse evento ver PIMENTEL (2004:17).

⁶⁸ Em 2003, foi criada no MHAB a Comissão Permanente de Política de Acervo, segundo GARCIA (s/d).

⁶⁹ Segundo Meneses (2003, p. 258) o acervo operacional se “[...] constitui das ações do museu sobre a cidade [e se traduzem em] intervenções museais sobre o espaço urbano na sua diversidade e dinâmica”.

gestão do Museu⁷⁰. Todos esses itens compuseram a pauta a ser posta em ação nos anos subsequentes.

Desse modo, a ênfase no compromisso público com os serviços de comunicação, pesquisa e educação destinados à sociedade; a nova concepção de história com a qual se pretendia operar e o alargamento da concepção de acervo orientariam as novas ações destinadas a *abrir as portas* do museu para a cidade. De acordo com Pimentel (2004), nesse período, o museu elaborou diretrizes conceituais e operacionais apontando as “[...] possibilidades de manejar um patrimônio fundamentado na diversidade e pluralidade do universo urbano, em ações de musealizações capazes de transitar indistintamente dentro e fora do Museu” (PIMENTEL, 2004, p.187).

O Projeto de Revitalização do MHAB encontrou eco tanto nos processos de revitalização de outras instituições brasileiras⁷¹, orientadas, sobretudo pelos princípios da *nova museologia*, quanto na renovação no campo do conhecimento histórico, e se desenrolou num cenário de mudanças políticas e culturais que se delineava na cidade de Belo Horizonte a partir de 1992 com a eleição de um governo municipal cujo projeto se alinhava aos interesses das camadas populares e se abria a um diálogo mais estreito com diferentes setores da sociedade⁷². Esse movimento foi gestado em um contexto de forte apelo memorialista em torno da comemoração do centenário da cidade, propiciando um momento singular de operação com a memória da cidade resultando em inúmeras práticas celebrativas e evocativas do passado da cidade. Segundo Julião (2004, p. 179), a aproximação do centenário de Belo Horizonte se converteu em “[...] fonte produtora de legitimidade da gestão municipal” produzindo um conjunto de ações de mobilização em torno da memória e história da cidade.

⁷⁰ O documento final do Fórum destaca a necessidade de criação de uma Sociedade de Amigos do Museu, o que se efetivou em 1994 com a fundação da AAMHAB - Associação dos Amigos do MHAB. Ela foi reconhecida como entidade de utilidade pública municipal pela Lei nº 9.622 de 30 de setembro de 2008. Tem por objetivo proporcionar a participação da comunidade nas atividades do Museu. Site: <http://www.amigosdomhab.org.br/>. Acesso em 15 de abril de 2010.

⁷¹ A respeito desses processos de redefinição de instituições museais nos anos oitenta e noventa no Brasil, ver Julião (2006). São exemplares as experiências do Museu Histórico Nacional, o Museu Paulista da USP e Museu do Ipiranga dentre outros.

⁷² Em 1992 ocorre em Belo Horizonte a eleição do prefeito Patrus Ananias pela Frente BH – Popular constituída pelos seguintes partidos: Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Comunista do Brasil (PC do B), Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Verde (PV), para gestão de 1993 a 1996. Para uma melhor compreensão do cenário político e dos agentes que protagonizaram os acontecimentos da história política de Belo Horizonte neste período, ver: Dulci (1996).

As renovações no campo da museologia, sobretudo após o fim da Segunda Grande Guerra Mundial com a criação do ICOM⁷³, alimentaram um processo de reflexões e mudanças nas instituições museais em busca de redefinição e ampliação do seu campo de ação cultural aprofundadas ao longo do século XX.

Na coletânea de textos intitulada *A memória do pensamento museológico contemporâneo* organizado por Marcelo Araújo e Cristina Bruno, em 1995⁷⁴, para fomentar as discussões no Seminário *A Museologia Brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?*⁷⁵, foram reunidos documentos e depoimentos⁷⁶ que sintetizam os principais desafios e enfrentamentos dos profissionais das instituições museais entre as décadas de 50 e 90 do século XX, frente aos dilemas em torno da função social dos museus: o Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus no Rio de Janeiro em 1958; a Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972; a Declaração de Quebec de 1984 e a Declaração de Caracas de 1992⁷⁷.

O Seminário Regional da Unesco realizado na cidade do Rio de Janeiro em 1958 trouxe a lume reflexões acerca do papel do museu como agente educativo, reiterando tal dimensão e aprofundando reflexões sobre o conceito de museu e as suas funções junto à sociedade.

Nas reflexões aprovadas no Seminário, o Museu é assim definido:

É um estabelecimento permanente, administrado para satisfazer o interesse geral de conservar, estudar, evidenciar através de diversos meios e essencialmente expor, para deleite e educação do público, um conjunto de elementos de valor cultural: coleções de interesse artístico, históricos, científico e técnico, jardins botânicos zoológicos e aquários, etc (ARAÚJO e BRUNO, 1995, p. 11).

Toral (1995) ressalta em seu depoimento a importância desse evento no debate museológico contemporâneo por tratar a fundo a problemática educacional dos museus e

⁷³ Em 1946, é criado o Conselho Internacional de Museus (ICOM), órgão vinculado a UNESCO e que exerce importante papel na condução das ações e reflexões do campo da museologia em todo o mundo.

⁷⁴ Ver Araújo, Marcelo M & Bruno, M. Cristina de O. *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. Disponível em: <<http://www.icom.org.com.br>>. Acesso em 20 de julho de 2011.

⁷⁵ O Seminário foi organizado pelo Comitê Brasileiro do ICOM, sob a coordenação de Marcelo Mattos Araújo e Maria Cristina Oliveira Bruno e ocorreu no Anfiteatro do SESI em São Paulo, em novembro de 1995.

⁷⁶ Cada um dos documentos reunidos na publicação é precedido pelo depoimento de um profissional de destaque no cenário museológico internacional e que esteve envolvido na sua elaboração, conforme Araújo e Bruno (1995, p. 6).

⁷⁷ Todos esses eventos precederam o projeto de Revitalização do MHAB.

por colocar em xeque o tradicionalismo que marcava as instituições museais e o *enclausuramento* em que eles viam confinados.

A necessidade de conexão com os problemas contemporâneos e de ruptura com o isolamento que marcaram os primórdios dessas instituições trazia para o centro das preocupações do campo museológico a dimensão comunicativa e educativa do museu. Nessa medida, sugestões para a superação do isolamento passavam pela incorporação pelos museus de: “[...] programas didáticos dirigidos à educação formal e a utilização de meios de comunicação como o rádio, o cinema e a televisão para atingir diferentes camadas da população” e dar visibilidade aos serviços prestados por esta instituição à sociedade em geral (TORAL, 1995, p. 9).

O reconhecimento da importância de se conferir à educação um *status* semelhante às outras finalidades do museu é ressaltado no documento: “[...] trata-se de dar à função educativa toda a importância que ela merece sem diminuir o nível da instituição, nem colocar em perigo o cumprimento das outras finalidades não menos essenciais: conservação física, investigação científica, deleite, etc” (ARAÚJO e BRUNO, 1995, p. 11), destacando-se o papel do museu como produtor de serviços educativos e transmissor de conteúdos essenciais à sociedade.

A relação com a escola é considerada indispensável, embora ainda seja possível identificar uma concepção utilitarista na medida em que o museu era visto com espaço de ilustração de conteúdos abstratos tratados na escola: “[...] coloca-se a disposição da escola a capacidade do museu de objetivar muitos dos conceitos abstratos que se impõem ao ensino” (ARAÚJO e BRUNO, 1995, p. 10).

Nos anos sessenta, os movimentos pela democratização da cultura, sobretudo na Europa, exigem mudanças na política cultural até então legitimadora da cultura das elites, intensificando as críticas às instituições culturais, dentre elas os museus e as universidades, impulsionando reformulações nas suas estruturas e redefinições de seus papéis (SUANO, 1986).

As discussões realizadas em 1972 na Mesa Redonda de Santiago do Chile, sob os impactos das novas reivindicações, redefiniam um novo papel social ao museu enquanto instituição comprometida com as transformações sociais, lançando as bases de uma *nova museologia*. Ao preconizar o estreitamento dos vínculos com as questões comunitárias, o museu deveria se converter em importante instrumento de transformação da sociedade,

acentuando sua dimensão política. Para Varine (1995), o que existiu de mais inovador no evento de Santiago foi a proposição do conceito de museu integral que operava com a busca da compreensão da totalidade dos problemas da sociedade e defendia a ideia do museu enquanto ação, ou seja, como instrumento dinâmico de mudança social, agente da educação permanente (VARINE, 1995).

A Declaração de Quebec (1984) viria aprofundar as questões levantadas na Mesa Redonda de Santiago, sobretudo no que se refere ao papel social da museologia. Segundo Mauro C. Coutinho (1995: 26), “[...] por oposição a uma museologia de coleções, tomava forma uma museologia de caráter social”. Para esse autor, mais do que apresentar novidades conceituais, esse documento evidenciava “[...] uma realidade museológica profundamente alterada desde 1972, por práticas que revelavam uma museologia ativa, aberta ao diálogo e dotada agora de uma forte estrutura internacional” (COUTINHO, 1995, p.28). Assim, os anos oitenta se tornam cruciais para a consolidação das novas tendências da museologia com o lançamento do Movimento Internacional da Nova Museologia (MINOM), gestado em Quebec, em 1984, e fundado em Portugal no ano seguinte, influenciado pela ampliação da concepção de cultura e patrimônio capazes de incorporarem as múltiplas manifestações culturais da sociedade⁷⁸.

No Brasil, as repercussões dessas transformações se fizeram sentir em alguns processos de revitalização de instituições brasileiras, por meio da reestruturação física, da adequação no tratamento do acervo e, sobretudo, da implantação de serviços educativos. Como assinala Julião (2006, p.28),

[...] o movimento de renovação dos museus repercutiu no Brasil, nos anos setenta e oitenta, com iniciativas que buscaram revitalizar várias instituições, adequando-as aos parâmetros da nova museologia. Em linhas gerais, promoveram-se a reformulação de espaços físicos e de exposições, a adoção de critérios e procedimentos adequados de conservação e segurança dos acervos, e, sobretudo, a implantação de serviços educativos referenciados no princípio da participação do público na construção de relações culturais.

⁷⁸ A definição de cultura como o conjunto de disposições e qualidades próprias de um indivíduo culto e ilustrado torna-se restritiva, passando a corresponder ao conjunto de traços que caracterizam o modo de vida de uma sociedade ou grupos sociais, em uma das muitas acepções do termo. Para uma revisão do conceito de cultura e suas mutações, ver: Gomes (2009), Laraia (2009), Forquin (1993) dentre outros. Esse alargamento conceitual ocorre também com a concepção de patrimônio na atualidade, que deixa de se referir apenas ao conjunto de bens materiais de uma sociedade para incorporar dimensões simbólicas da vida social. Sobre as mutações no conceito de Patrimônio ver Abreu e Chagas (2009), Funari e Pelegrini (2006), Fonseca (2009), Castriota (2009) dentre outros.

Os anos noventa colocam questões novas para a museologia, sobretudo aquelas relativas à relação dos museus com o público e, nessa medida, a Declaração de Caracas (1992) veio enfatizar o papel do museu como meio de comunicação da sociedade. Segundo Horta (1995), o documento de Caracas retoma os princípios e pressupostos da Mesa Redonda de Santiago, mas confere a eles maior densidade e aprofundamento, delimitando mais precisamente o campo de atuação dos museus, acentuando seu protagonismo social.

Para Horta (1995, p.34), a afirmação dos museus “na trama social” em que estão inseridos exige a superação de uma posição ‘catequética’ e ‘redentora’ e se volta para a construção do diálogo mais próximo com a comunidade. Para Horta (1995, p. 34),

[...] a função pedagógica (afirmada em 1958 no Rio de Janeiro), transforma-se em missão comprometida, não mais com a sociedade, em termos vagos, mas com a comunidade em que estão inseridos, ou que buscam inserir-se, para ter alguma razão de existir.

Nessa direção, Nascimento (2005) ao analisar aspectos da arquitetura dos museus contemporâneos, argumenta que

[...] as novas tendências da museologia manifestam a nova diversidade das práticas sociais que, em geral, afastam-se de formas consagradas de edifícios majestosos e reluzentes e aproximam-se de uma arquitetura ousada e integrada ao contexto do visitante. Os museus buscam abordar os temas a partir de uma problematização contemporânea e evolutiva para não se tornarem obsoletos. (NASCIMENTO, 2005, p.223)

A importância atribuída ao público recoloca o debate sobre o potencial educativo dos museus, aspecto que pode ser verificado pelo número de congressos, simpósios e fóruns realizados nos últimos vinte anos no Brasil abordando essa temática⁷⁹. Como ressalta Julião (2006, p. 29) “[...] como em nenhuma outra época, o papel educativo e a relação dos museus com a comunidade, tornam-se, de fato, questões nucleares do pensamento e de práticas museológicas”.

Assim, do surgimento dos primeiros museus até hoje, mudanças sociais irromperam sobre essas instituições de memória e promoveram transformações substanciais em sua conformação. Muitos museus, não de forma linear, tão pouco generalizada, vivenciaram

⁷⁹ A respeito dos debates em torno da questão educacional nos museus, ver Vasconcellos (2006, s/p): “O número de congressos, simpósios e fóruns realizados nos últimos vinte anos em diversas cidades de nosso país, vem demonstrando essa preocupação não apenas por parte dos profissionais que atuam diretamente no âmbito museológico, mas também no mundo acadêmico. O resultado disso pode ser medido pela expressiva qualidade na produção de artigos, monografias, dissertações e teses voltadas para a abordagem da questão educacional nos museus das mais diferentes instituições acadêmicas de nosso país”.

renovações e redefinições do seu papel social, implementando mudanças estruturais na sua concepção, promovendo alterações nas suas funções científico-documentais, educacionais e culturais no anseio de compatibilizar suas atividades com as novas demandas sociais. Assim, de lugares/templos de contemplação e sacralização de uma memória oficial, os museus foram sendo desafiados a se posicionarem como instituições culturais participativas e atuantes na sociedade. Para Nascimento (2010, p. 251),

[...] as mutações ocorridas na museologia do século XX, de forma simplificada, refletem a modernização dos espaços culturais cuja complementaridade entre coleção e arquitetura envolve o projeto de museu e o que chamei de dessacralização de espaço museológico representada pela criação dos chamados museus de sociedade que incorporaram, já, uma visão ampliada do conceito de museu.

É, portanto, nesse cenário vigoroso de reflexões e alterações no campo da museologia, informada por um diálogo crescente com outros campos do conhecimento, que o Museu Histórico Abílio Barreto promoveu a sua revitalização.

Os museus históricos no Brasil, por sua vez, foram impactados pelas novas concepções e formas de produção do conhecimento histórico. A emergência de novos grupos sociais na cena política, com suas demandas e interesses diversos, conferem maior complexidade à dinâmica social, exigindo novas formas de inteligibilidade para uma realidade social em mutação. Assim, o alargamento da compreensão acerca da multiplicidade de tempos históricos, a ampliação documental, a incorporação de novos objetos e abordagens, as novas relações entre a memória e história protagonizadas pelos historiadores dos Anales⁸⁰, se juntam àquelas preocupações do universo simbólico trazidas a lume pela História Cultural⁸¹, compondo uma ampla gama de aspectos que remodelaram a forma de pensar a História, impulsionando mudanças na conformação dos museus históricos no exterior e no contexto brasileiro.

Na experiência do Museu Abílio Barreto, a necessidade de ruptura com a concepção de história predominante no museu, é destacada no documento resultante do Fórum de Discussão e Elaboração de Propostas para o Museu Histórico Abílio Barreto:

Para tanto é necessário que o Museu abandone sua concepção celebrativa do passado que referencia uma determinada memória em detrimento da pluralidade de memórias que se complementam e se conflitam. As

⁸⁰ Sobre a Escola dos Annales, ver Le Goff (1998), Burke (1997), Reis (2000) dentre outros.

⁸¹ A respeito dos debates em torno das definições sobre a História Cultural ver: Pesavento (2005), Burke (2005) dentre outros.

coordenadas temporais deverão ser mais flexíveis, pois a história da cidade não se identifica com o passado remoto, mas com o fluir do tempo e das transformações, tendo como referência necessária o presente. Novos objetos e abordagens da história também deverão ser contemplados pelo MHAB, propiciando a emergência de problemas como o cotidiano, o trabalho ou o imaginário, tradicionalmente negligenciado pelos museus históricos⁸².

A perspectiva de ruptura com uma versão da história identificada com o passado remoto dava lugar a uma nova forma de pensar a história a partir das questões do presente, suscitando temáticas identificadas com os dilemas contemporâneos de uma cidade em permanente processo de transformação. Desse modo, temas como cotidiano, trabalho e imaginário começaram a fazer parte do programa de pesquisa e, a reorientar a política de acervo⁸³ e inspirar novas exposições do Museu⁸⁴.

Na agenda programática da administração municipal recém-empossada, conferia-se um lugar de destaque à cultura enquanto elemento de articulação política e social compondo a tríade⁸⁵ do novo modelo de gestão do município. Com a posse do novo governo, em 1993, a Secretaria Municipal de Cultura debatia a construção de um projeto político-cultural para o município de Belo Horizonte, incluindo as discussões em torno da política de memória e patrimônio para cidade, nas quais o MHAB se fazia presente⁸⁶. A já mencionada efervescência memorialista que antecedeu a comemoração do centenário da cidade, resultava na multiplicação de *lugares de memória*, na expressão cunhada por Nora (1984).

Segundo Bittencourt (2004), a inserção do museu nas atividades comemorativas foi se fazendo aos poucos e culminou com o planejamento e construção do Anexo do Museu, transformado em sede em 2001. No âmbito das ações educativas do museu, os técnicos do setor educativo participaram dos eventos da Coordenadoria de Eventos da SMED -

⁸² Cf. MHAB – Fórum de Discussão e Elaboração de Propostas para o Museu Histórico Abílio Barreto, Belo Horizonte 13 de março de 1993 – Arquivo Administrativo MHAB.

⁸³ Ver Garcia (s/d) O lugar da história: intervenções museais no espaço urbano em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto. (Mimeografado). s/d.

⁸⁴ Sobre a produção de exposições no MHAB no período de 1993 a 2003 ver Rossi, *apud* Pimentel (2004). Na publicação MHAB: 60 anos de história, há uma relação das exposições do MHAB de 1957 a 2002.

⁸⁵ O Projeto BH:100 definia três eixos de ação político-administrativa para a cidade de Belo Horizonte: o primeiro, integração econômica dentro e fora de Minas, com vista a atrair uma indústria flexível e serviços sofisticados; o segundo, gestão comprometida com a qualidade ambiental e o desenvolvimento sustentável; e terceiro, a cultura como fator de articulação social e política. Ver Bittencourt (2004, p. 52).

⁸⁶ A participação dos técnicos do MHAB na discussão sobre a política de memória e patrimônio para o município de Belo Horizonte pode ser visto em Reis (2004). REIS, Erika. *Planejar*: por excelência uma atividade museológica – Dez anos de gestão democrática no MHAB. In: PIMENTEL (2004).

Secretaria Municipal de Educação - oferecendo aos professores da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RMEBH), um conjunto de palestras sobre a história de Belo Horizonte e sobre os potenciais educativos e culturais do Museu dentro do *Projeto BH 100 para os professores*⁸⁷ da SMED que também se encontrava engajada nas atividades de comemoração do centenário da cidade⁸⁸.

No terreno da política educacional municipal, o cenário de mudanças políticas, agenciado pelo grupo eleito em 1992, apontava a necessidade de adoção de intervenções visando à garantia do direito fundamental à educação preconizado na Constituição de 1988, o que significava um aprofundamento da democratização do acesso e permanência na escola. Na esfera local esse movimento se traduziu na implementação, pela SMED, em 1994, do projeto da Escola Plural, em resposta às demandas de “[...] institucionalização de práticas já existentes na Rede de Ensino do Município de Belo Horizonte”⁸⁹, como fica evidenciado no discurso presente nos documentos oficiais. Assim, o projeto Escola Plural emergiu em meio a um amplo processo de renovação pedagógica em curso no Brasil desde os anos de 1970 e buscava “[...] resgatar a escola como espaço de formação humana, rompendo com a concepção restrita à mera instrução”⁹⁰. Tratava-se, portanto, de um movimento local inserido num contexto nacional de enfrentamentos dos desafios educacionais num cenário de redemocratização do País. Conforme afirma Roque Ascensão (2003, p. 13), do ponto de vista político-pedagógico, o projeto da Escola Plural veio,

[...] reordenar as diretrizes educativas para a escola pública do município, apresentando alterações na referências curriculares, avaliativas, propondo um novo foco interpretativo para o papel da escola e dos tempos escolares.

Na proposta curricular apresentada para os 1º e 2º ciclos de formação, a título de exemplo, são elencados alguns processos pedagógicos a serem viabilizados pela escola a fim de garantir o desenvolvimento cognitivo de sujeitos ativos em seu processo de

⁸⁷ Cf. MHAB - Relatório Anual 1997 - Arquivo do Setor Educativo - Pasta 38.

⁸⁸ A produção do *KIT descobrindo BH* contendo os livros (*BH verso e reverso* -1994), impressos, videodocumentário, livros infanto-juvenis (*Uma breve historia de Belo Horizonte, Passeando pelo tempo e Belo vai à Pampulha*), vídeos infanto-juvenil (*Descobrimdo BH: Um passeio com a Bisa e Belo nas trilhas da economia*) e conjunto de *slides* foram alguns exemplos de publicações realizadas pela Prefeitura Municipal via SMED - Secretaria Municipal de Educação – CAPE, em parceria com a Secretaria de Cultura (APCBH, CRAV e MHAB), para a comemoração dos 100 anos de BH.

⁸⁹ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Uma proposta curricular para os 1º e 2º ciclos de formação - Escola Plural. Caderno 3. Prefeitura Municipal. Belo Horizonte: SMED, 1994.

⁹⁰ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Proposta curricular para os 1º e 2º ciclos de formação - Escola Plural. Caderno 2. Prefeitura Municipal. Belo Horizonte: SMED, 1995.

conhecimento. As vivências culturais são destacadas como estratégias capazes de desenvolver a consciência e identidades culturais.

Participar de uma festa junina, de uma *excursão a um museu* (grifo nosso), de uma Semana Cultural traz para todos os envolvidos uma experiência ímpar de vivência coletiva, de imersão em uma determinada realidade cultural em toda sua globalidade. São vivências significativas que desencadeiam processos de troca, cooperação, convivência. As atividades culturais são momentos que vão muito além da oportunidade de aprender conceitos; desencadeiam atitudes, saberes, interações a serem experimentadas coletivamente. As vivências culturais devem ter um espaço dentro do currículo ao invés de serem tratadas apenas como apêndices do processo de aprendizagem (SMED, s/d: 13, *grifo nosso*)⁹¹.

Desse modo, tanto a Secretaria Municipal de Cultura, quanto a Secretaria Municipal de Educação, sob o signo da redemocratização, alinhavam seus novos projetos políticos em consonância com as proposições do novo programa de governo a ser posto em execução pelas forças políticas arregimentadas pela Frente BH Popular.

Essa ambiência tornou favorável o novo empreendimento do museu que, não sem obstáculos e conflitos, conseguiu pôr em execução um projeto de ação cultural que revivia suas estruturas anteriores e se lançava sobre a cidade a ser pensada como lugar/espço da diversidade e das memórias em conflito. O conjunto de estratégias que a nova gestão colocaria em operação visava projetar o museu para a cidade e torná-lo espaço de discussão e reflexão sobre a cidade.

Nessa medida, as mudanças implementadas pela equipe do Museu Histórico Abílio Barreto se nutriram desse conjunto de mutações tanto do campo da História, quanto da nova museologia e encontraram campo favorável de ação no novo cenário político e cultural da cidade.

Foi, portanto, na esteira do movimento de revitalização que o museu promoveu modificações em seu setor educativo, forjando um novo lugar para a ação educativa que culminou na instituição de um amplo Programa de Educação Patrimonial visando ampliar e aprofundar o diálogo com a comunidade em geral e com a escola em particular.

⁹¹ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Uma proposta curricular para os 1º e 2º Ciclos de formação - Escola Plural. Caderno introdutório. Prefeitura Municipal. Belo Horizonte: SMED, outubro de 1994.

2.2 A concepção de um novo Plano de Ação Educativa no MHAB e as relações com a escola

A relação entre o Museu e o público escolar remonta aos tempos da sua fundação e, como afirma Candido (2003, p. 22), foi “[...] presença constante no Museu, desde a sua instalação”. No relatório de atividades do Museu feito pelo então Diretor Mauro Lúcio Brandão, em documento intitulado Museu Histórico de Belo Horizonte: Movimento de Visitantes - Visita de Escolas e Grupos Escolares, datado de 3 de julho de 1948, evidencia-se essa estreita relação.

Cumprindo o que se estabelece o programa de ensino do 2º ano primário, vários grupos e escolas da Capital têm levado seus alunos ao Museu Histórico de Belo Horizonte, onde lhes são transmitidas explicações detalhadas da história da cidade. Reunindo os alunos em torno das maquetes do Arraial do Curral Del-Rey, um de seus funcionários vai-lhes contando a História de Belo Horizonte desde a fundação do arraial até os nossos dias, segundo o programa traçado para o 2º ano primário. De abril a junho deste ano 17 classes de diversos grupos da capital visitaram o museu num total de 394 alunos. Essas visitas são marcadas com antecedência e número máximo de alunos por classe deve ser de 30⁹².

A aproximação estreita entre o programa de ensino escolar e o conteúdo histórico das exposições do Museu fica evidente na primeira frase do texto e essa afinidade temática entre exposição e o programa curricular parece indicar a garantia de frequência desse público ao Museu.

A presença de um guia que narra um conteúdo histórico sequencial mediado pelo objeto em exposição traduz o modelo de ação educativa voltada para o público escolar, informado por uma concepção de história, no singular. A transmissão de informações sobre a história da cidade centrada no guia sugere a adoção de um modelo de instrução baseado na transmissão-recepção⁹³ de informações, em que o guia é o aglutinador do conhecimento a ser repassado aos visitantes.

⁹² Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Museu Histórico de Belo Horizonte: Movimento de Visitantes - Visita de Escolas e Grupos Escolares, 1948 (2fl). Acervo de Documentos Textuais. Arquivo Administrativo MHAB. Série Documentação Interna.

⁹³ O modelo de instrução transmissão-recepção baseia-se numa concepção de ensino como instrução e na compreensão do conhecimento a ser transmitido como algo pronto e imutável, associado a uma visão do aluno/visitante como simples receptor passivo. Visão tributária de tendências pedagógicas que tem origem na chamada Pedagogia Liberal Tradicional e Liberal Tecnicista.

Data desse mesmo período a elaboração de um roteiro de visita ao museu, intitulado Visitando o Museu Histórico⁹⁴, elaborado provavelmente para subsidiar a produção de um possível documentário sobre o museu que não se concretizou, onde é apresentado passo a passo o *ritual* de visitação ao Museu Histórico.

No momento inicial da visita é feita a apresentação do Museu e a localização da casa (antiga sede da Fazenda do Leitão), por meio de uma narrativa sobre a história do Arraial e sobre a mudança da Capital de Ouro Preto para Belo Horizonte. Em seguida, é feito o convite para se entrar no Casarão e é apresentada a funcionária (D. Natália) que irá guiar os visitantes no museu, que convida todos a assinarem o livro de visitas. Há uma sugestão que todos tomem nota do que o guia disser. Logo em seguida, se começa a percorrer a exposição passando primeiro pela Sala de Ouro Preto que contém objetos que originários da antiga Capital; depois se segue para a sala das Maquetes do Arraial onde se pode ouvir a sua história; em seguida, visita-se a Sala da Comissão Construtora com fotos da inauguração da capital. Para finalizar, a D. Natália pergunta ao grupo se gostou do passeio, e agradece a visita e, finalmente, entra uma voz que agradece a Dona Natália⁹⁵.

Nesse roteiro, podemos identificar indícios de uma *ritualização* da visita ao Museu: a recepção ao público, a apresentação do museu, a apresentação do guia, a realização do percurso expositivo, cuja organização baseia-se numa sequência cronológica dos períodos da história de Belo Horizonte incluindo os tempos do Arraial, encerrando-se com os agradecimentos finais. Podemos identificar ainda indícios que reforçam o foco na transmissão de informações históricas em um percurso expositivo que aponta um ordenamento cronológico dos períodos da história da cidade.

No ano de 1985, nas Normas de funcionamento do MHAB, assinadas pela museóloga, há recomendações sobre o tratamento a ser conferido ao público infantil: “Quanto ao público infantil, afirma-se as crianças no Museu devem andar de mãos dadas com seus responsáveis. Toda a atenção deve ser respeitada a esse público mirim”⁹⁶. A recomendação quanto aos cuidados dos funcionários com o público infantil pode significar, por um lado uma atenção especial a essa faixa etária, ao mesmo tempo em que aponta um controle disciplinar e uma expectativa de conduta controlada pelo Museu.

⁹⁴ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Visitando o Museu Histórico (6fl) -1947 - Acervo de Documentos Textuais. Arquivo Administrativo MHAB. Série Documentação Interna.

⁹⁵ Descrição sintética do conteúdo do Roteiro de Visita intitulado *Visitando o Museu Histórico*, a partir do documento original.

⁹⁶ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Normas para o funcionamento do MHAB - Acervo de Documentos Textuais. Arquivo Administrativo Mhab. Série Documentação Interna. 1985.

Já, no final dos anos 80, quando a cidade já não guardava quase nenhuma semelhança com aquela dos fins dos anos 40 e já revelava suas feições e dilemas de metrópole, identificamos uma preocupação do museu com a “[...] criação de condições para visitação de escolas de periferia”⁹⁷, evidenciando, assim, uma atenção do museu com a sua divulgação e inserção na cidade, bem como uma preocupação com inclusão das escolas localizadas nas periferias, sinais de um novo posicionamento do museu e suas relações com a sociedade.

Embora não tenhamos tido acesso a informações qualitativas sobre as ações educativas do museu imediatamente anteriores a 1993, o acesso ao quadro geral dessas ações nos foi sendo revelado por meio dos relatórios de consultorias elaborados no período inicial da revitalização do Museu.

No início do processo de revitalização do MHAB, foram realizadas consultorias externas por profissionais das áreas da educação e da história tendo em vista a elaboração de um diagnóstico das ações educativas até então desenvolvidas pelo museu, visando o estabelecimento de um plano de trabalho para a ação educativa⁹⁸.

A demanda inicial para a consultoria se concentrava na elaboração de um projeto pedagógico que contemplasse a capacitação dos funcionários do quadro técnico do museu, responsável pelo atendimento ao público e a elaboração de uma experiência-piloto de trabalho envolvendo o museu e as escolas públicas da cidade de Belo Horizonte.

A primeira fase de execução do plano de trabalho constou de um diagnóstico do tipo de atendimento ao público oferecido pelo Museu⁹⁹. Nele se constatou a ausência de um trabalho ancorado nas especificidades do museu, naquilo que o diferenciava de outras instituições da cidade, como *guardião* da memória de Belo Horizonte e, ainda, a ausência de um trabalho mediado pelo seu acervo documental, apontando, assim, uma falta de clareza da vocação da instituição, sinalizando uma identidade institucional frágil.

No que diz respeito ao atendimento ao público, foram identificados aspectos que, na visão da consultora, *comprometiam* o atendimento oferecido:

⁹⁷ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Diagnóstico de Ações a serem empreendidas no MHAB - (Manuscrito). Acervo de Documentos Textuais. Arquivo Administrativo Mhab. Série Documentação Interna. 1989.

⁹⁸ MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO - Plano de Trabalho: Ação Educativa do MHAB – Consultora Claudia Regina F. M. S. Ricci, 1993.

⁹⁹ MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO - Plano de Trabalho: Ação Educativa do MHAB – Consultora Claudia Regina F. M. S. Ricci, 1993

Um formato tradicional/ padronizado destinado a qualquer público indistintamente;
uma concepção tradicional da relação atendente/visitante onde este aparecia como mero receptor de informações;
uma concepção de história marcada pela memorização de datas, personagens centrais/"heróis", em suma, uma História petrificada com vínculo exclusivo no passado, fatos e dados que reforçam uma versão oficial da construção da cidade;
um grau de informação desequilibrado entre a equipe acerca da história da cidade, do Museu e de seu acervo¹⁰⁰.

A partir do diagnóstico preliminar foi elaborado um programa de intervenção na rotina do Museu. O plano de trabalho previa um conjunto de ações articuladas que visavam uma ampla reorganização dos seus bastidores que incluíam: capacitação dos funcionários, dinamização do atendimento, o planejamento das visitas escolares e otimização do perfil do MHAB.

No programa de capacitação dos funcionários constatou-se a necessidade de uma formação permanente que compreendia: leitura de textos e a realização de seminários e a formação de um banco de textos de referência nas áreas de História, Memória, Cultura, Ação Cultural Patrimônio Histórico, Educação, Museu e Pesquisa em História, além de textos sobre a cidade de Belo Horizonte e sobre a história do MHAB, e temas afins, para subsidiar tal capacitação. Considerava-se formativo o conhecimento de práticas desenvolvidas em outras instituições de memória, bem como a análise de experiências de professores em espaços de memória.

A compreensão do papel do Museu como um equipamento cultural comprometido com a prestação de um serviço público de qualidade ressaltava a importância de um conhecimento maior do público frequentador do museu. Um primeiro diagnóstico desse público permitiu a identificação de três grupos de visitantes: os pesquisadores, o visitante comum e os estudantes acompanhados pelos professores. A percepção de que cada um desses grupos apresentava demandas específicas e estabeleciam uma relação cognitiva diferenciada com o museu, levou à organização de um atendimento diferenciado para cada um desses públicos.

Nesse sentido, iniciou-se um processo de capacitação da equipe técnica para o atendimento específico de grupos de estudantes. Para tanto, foi proposto um curso,

¹⁰⁰MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO - Plano de Trabalho: Ação Educativa do MHAB – Consultora Claudia Regina F. M. S. Ricci, 1993.

oferecido pela consultora, abordando temas sobre currículo escolar, desenvolvimento cognitivo em crianças, experiências metodológicas e temas diversos na área de história e geografia. Outra iniciativa proposta foi o desenvolvimento de atividades lúdicas e complementares destinadas ao público infantil principalmente aos alunos de 2ª série (atual 3º ano do ensino fundamental) que consistia em seu público majoritário¹⁰¹. Para tanto, foram pensadas atividades como: apresentação teatral, leitura de poemas sobre a cidade, brincadeiras de época e registro gráfico das crianças sobre a experiência no museu. Aventou-se também a construção de uma programação conjunta com a Biblioteca Municipal Infanto-Juvenil, a partir de um plano-piloto a ser desenvolvido junto à Escola Municipal Camilo Torres, como forma de incrementar o trabalho de atendimento a esse público.

Aparece também como foco de atenção a qualificação da equipe de profissionais dos finais de semana, uma vez que foram detectadas lacunas na formação desses atendentes em relação ao conhecimento sobre o Museu e sobre a cidade.

Embora não tenha sido possível, no âmbito desta pesquisa, verificar o grau de realização e o alcance de cada uma das atividades propostas, o fato de terem sido objeto de discussão, já aponta um cenário rico de ideias e proposições que nos fornece pistas acerca do universo de preocupações contidas no Plano de Trabalho que incluía preocupações de natureza cognitiva, a busca de parcerias interinstitucionais, a formação técnica, o uso de diferentes expressões artísticas visando alcançar o universo infantil e infanto-juvenil, aglutinando ações em torno da qualificação do atendimento oferecido ao público escolar.

Outro aspecto de interesse da equipe do Museu foi a dinamização do atendimento para facilitar o acesso às informações sobre o acervo do Museu com a complementação de dados nas fichas catalográficas das peças, além da elaboração de textos sobre o museu e sobre aspectos da história da cidade.

Visando uma melhor organização das visitas escolares, foi criado um quadro de registro das visitas, permitindo um melhor planejamento e divisão de tarefas dos atendentes. Nesse movimento de organização, foi elaborado um roteiro de perguntas destinadas aos interessados na realização da visita, a fim de conhecer melhor a demanda do

¹⁰¹ Essa predominância de visitantes escolares do 2º ano do ensino básico guarda relações com as orientações curriculares oficiais que sugerem o estudo de temáticas locais nos anos iniciais de escolarização, comumente organizadas em torno dos chamados círculos concêntricos. Mais recentemente, os PCN's de história e geografia (1997), sugerem o estudo da história local nos anos iniciais da educação básica, tendência acompanhada pelas redes de ensino municipal, estadual, federal e particular atualmente.

visitante, além de um questionário destinado ao professor a ser preenchido após a visita. Essas ações, ao mesmo tempo em que organizavam a dinâmica cotidiana do setor, permitiam conhecer melhor o interesse do professor que procurava o Museu.

Para a otimização do perfil do MHAB, foi proposto um conjunto de pesquisas para levantamento de informações sobre a história da cidade e a memória institucional do Museu¹⁰². O investimento na pesquisa era visto como uma estratégia de consolidação do perfil do MHAB como instituição de pesquisa e divulgação da história da cidade.

O ano de 1993 marcou o início de um processo de requalificação dos profissionais e reelaboração de intervenções que resultou na consolidação, ampliação e diversificação de ações do setor educativo. A prioridade no atendimento ao público escolar, o investimento na capacitação de funcionários e o planejamento das visitas orientadas de modo a torná-las mais dinâmicas foram algumas das marcas dessa mudança. A realização de consultorias externas e o investimento na requalificação da equipe do museu marcam esse período de ajustes internos e de *arrumação da casa*.

Com a preocupação inicial de “questionar e ultrapassar o tradicionalismo e o colecionismo que comumente marcam as instituições museológicas”¹⁰³, delineava-se a nova perspectiva museológica a ser implementada no Museu. A superação de uma visão de patrimônio restrita ao histórico e artístico, limitada à preservação da memória oficial tornou-se o desafio central. A abertura do museu para o seu entorno e o estreitamento com a comunidade local¹⁰⁴ tornava-se essencial.

O aumento no atendimento ao público escolar e a ampliação do atendimento às escolas públicas das Redes Municipal e Estadual de Educação atestam alguns dos resultados dessa reorientação das ações do Museu, antes restrito à realização de visitas orientadas junto a alunos da rede particular de ensino¹⁰⁵. É o que demonstram os dados da Tabela 1.

¹⁰² Foram feitas diferentes propostas de pesquisa: levantamento de informações sobre o Casarão que sedia o MHAB - único remanescente do antigo Arraial do Curral Del Rei ; tomada de depoimentos orais de descendentes de seus antigos moradores; registro da memória institucional do MHAB e das exposições realizadas pelo museu; produção de vídeo institucional, além da realização de exposições em outros espaços públicos da cidade. Foi proposta ainda a elaboração de um projeto de pesquisa sobre a história dos bairros de Belo Horizonte com vistas a compreender o planejamento urbano da cidade, seus conflitos e desafios.

¹⁰³ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Relatório Memória Técnica (1993-1996) – Arquivo do Setor Educativo – Pasta nº 38 - Novembro de 1996.

¹⁰⁴ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Relatório Memória Técnica (1993-1996) – Arquivo do Setor Educativo – Pasta nº 38 - Novembro de 1996.

¹⁰⁵ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Breve histórico e diagnóstico da Ação Educativa do MHAB – Projeto Ação Educativa MHAB – Novembro/97 – Arquivo do Setor Educativo – Pasta 36.

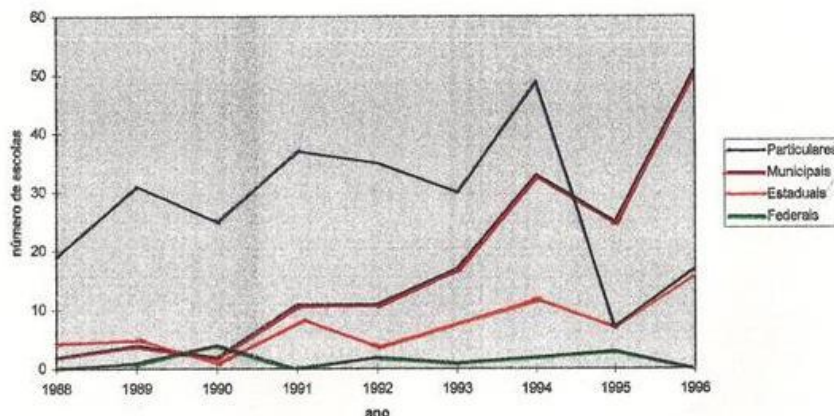
Tabela 1 - Visitas escolares ao MHAB – 1993 e 1996

Escolas/Ano	1993	1996
Particulares	30	20
Municipais	17	37
Estaduais	07	17
Federais	01	00
Total de escolas	55	74
Total de Alunos	4.500	10.541

Fonte: Relatório Memória Técnica - Setor Educativo – MHAB – 1993-1996 – Pasta 38

Ao compararmos os dados estatísticos dos anos de 1993 e 1996, é possível perceber um aumento superior a 100% do público escolar atendido pelo museu e a predominância do atendimento às escolas da Rede Pública Municipal em relação às escolas particulares até então, maioria no Museu. Esses dados apontam os efeitos das novas estratégias adotadas para a ampliação do seu público e para a democratização do acesso ao Museu. O gráfico 1 permite uma melhor visualização dessa alteração ao longo do período que se estendeu de 1988 a 1996.

Gráfico 1 - Quadro comparativo de atendimento das diferentes redes de ensino no MHAB – 1988 a 1996.



Nota: a partir do mês de nov/96 os dados são baseados na estimativa de visitas já agendadas pelas escolas.

Fonte - MHAB: Gráficos. Arquivo do Setor Educativo

De acordo com Araújo e Rossi (2010, s/p) “[...] O processo de revitalização não só consolidou o atendimento às escolas, mas principalmente traçou as diretrizes que iriam alicerçar as ações educativas desenvolvidas a partir de então”.

2.3 A tessitura de uma nova política de ação cultural para o MHAB

Os princípios que orientaram a ação cultural do MHAB foram delineados no documento intitulado *Ação Cultural e Políticas Sociais*, de 1994¹⁰⁶, que resultou na definição de um plano de Ação Cultural do MHAB, em 2004, cuja linha de atuação, segundo Lacerda (2004), pautou-se na ideia de Museu/Centro Cultural articulando as funções do museu com as de centro cultural buscando contemplar as funções de “[...] criação, informação e dinamização cultural” (LACERDA et al., 2004, p.105) que se organizava em torno de três programas: exposições, educação patrimonial e difusão cultural¹⁰⁷.

Dentro do programa de educação patrimonial, no âmbito das ações educativas, o documento de 1994 apresentava uma avaliação das visitas escolares e apontava o modo tradicional de conduzir o visitante pelos espaços e salas de exposição. Nele foram propostas algumas reorientações, tanto em relação ao monitoramento dado ao visitante, quanto à relação com os objetos em exposição, anunciando os novos rumos a serem tomados.

[...] Entretanto, a ideia atual é transformar esse atendimento, tornando-o muito mais instigador que meramente instrutor, ou seja, restrito ao repasse de informação [...]. Para isso, é necessário que a visita realizada consiga explorar os objetos em exposição enquanto fontes de informação e conhecimento da história da cidade¹⁰⁸.

Mudar o formato instrucional do atendimento para um formato instigador acenava para a construção de uma nova forma de monitoramento de modo a adequá-lo ao nível escolar e cultural do visitante explorando a sensibilidade e a compreensão da história da cidade por meio dos objetos em exposição a serem vistos como fontes documentais. Além disso, preconizava-se a necessidade de realização de uma nova dinâmica, sobretudo junto ao

¹⁰⁶ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. *Ação cultural e Políticas Sociais – 1994 – Arquivo do Setor Educativo – Pasta Polionda -36.*

¹⁰⁷ O artigo *Ação Cultural do Museu Histórico Abílio Barreto* (LACERDA, apud PIMENTEL 2004) apresenta detalhadamente as três frentes de ação do programa de Ação Cultural do MHAB firmado em 1999 com a inauguração da nova sede do MHAB.

¹⁰⁸ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO – *Museu Histórico Abílio Barreto. Documento: Ação Cultural e Políticas Sociais – 1994 – Pasta Polionda nº36.*

público infantil, abordando o papel dos bens culturais - coleções, documentos e objetos - na preservação da memória da cidade.

O Museu também se preocupou com novas opções pedagógicas que iriam orientar seu programa educativo à maneira daqueles que se ocupam da educação, seja em espaços escolares ou fora deles. A ideia de desenvolver um processo educativo instigador, capaz de ultrapassar a mera instrução, traz subjacente uma preocupação com a forma como os sujeitos usuários do museu apreendem e aprendem melhor esse e nesse espaço educativo. Essas preocupações de natureza pedagógica no campo museal parecem encontrar ressonância nas propostas educativas em difusão no Brasil e no mundo, influenciadas, sobretudo, pelas abordagens construtivistas ou sociointeracionistas que sustentam a tese do sujeito como agente ativo do seu processo de conhecimento e aprendizagem. Segundo Mortimer (2000, p.2),

[...] apesar da grande variedade de diferentes abordagens e visões que aparecem sob o mesmo rótulo (construtivista), há pelo menos duas características principais que parecerem ser compartilhadas: 1) a aprendizagem se dá através do ativo envolvimento do aprendiz na construção do conhecimento; 2) as ideias prévias dos estudantes desempenham um papel importante no processo de aprendizagem.

No ambiente dos museus, vários autores (NASCIMENTO e VENTURA, 2001; COLINVAUX, 2005; NASCIMENTO, 2005, 2010; MARANDINO, 2001, 2008; ALMEIDA, 2006 dentre outros) apontam a preocupação crescente com a construção de novas formas de interação entre o visitante e o objeto em exposição que extrapole a mera dimensão contemplativa e se transformem em experiências dialogadas com o visitante que já não se limita a um receptor passivo, mas um *compositor*, capaz de “[...]integrar em suas lembranças e esquecimentos a experiência sensível de interpretação do objeto museal” (NASCIMENTO, 2005, p. 225).

No contexto do MHAB, as experiências de mediação incorporavam alguns elementos dessas mudanças no campo da educação advindas das contribuições da psicologia cognitiva e/ou do campo da comunicação museal.

O esforço de redefinição do papel do museu no campo educativo recolocou o debate acerca da especificidade do Museu histórico e as suas possibilidades de contribuição para a compreensão da história a partir do contato com objetos da cultura material. Na direção do que afirma Ulpiano Meneses (1994, p. 38) uma das diretrizes de um museu histórico seria

“[...] transformar-se num recurso para fazer a História com objetos e ensinar como se faz História com objetos”. Dessa forma, os objetos do museu passaram a ser vistos como documentos históricos, vetores de relações sociais, capazes de contribuir para a compreensão da realidade social, conferindo a eles um potencial didático.

Estimular a reflexão sobre o papel dos bens culturais - coleções, documentos e objetos - na preservação da memória da cidade, como já foi assinalado, foi também objeto de preocupação no documento de 1994. De acordo com Mário Chagas (2006) e Chagas, *apud* Ramos (2004), tratar o patrimônio cultural musealizado no Brasil em termos educacionais não é uma novidade dos anos 80, como defende Horta (2005)¹⁰⁹, mas uma prática enraizada nos primórdios da criação das instituições de memória e patrimônio. Desse modo, a centralidade dos bens patrimoniais como fonte de informação e conhecimento já vinha sendo postulado como eixo estruturador de uma educação que tinha o patrimônio como centro de suas preocupações. Para Chagas (2006), a realização do Seminário Regional da UNESCO sobre o papel educativo dos museus, realizado em 1958, no Rio de Janeiro, atesta esse compromisso social dos museus e sua importância no cenário educativo. No entanto, a proposta de educação patrimonial sistematizada por Horta (1999) servirá de inspiração na elaboração do projeto de ação educativa do MHAB, em 1997: “[...] a proposta educativa do MHAB tem como pressuposto a Educação Patrimonial, como preconizada por Horta [...]”¹¹⁰, como discutiremos a seguir.

O documento de 1994 indicava também a necessidade de um maior aprofundamento da relação com a escola, por meio do (a): estabelecimento de novos mecanismos de relacionamento com as escolas visando uma preparação prévia para a visita; criação de roteiro que atendesse, tanto aos propósitos do museu, quanto aos anseios da escola; aprofundamento do diálogo com as escolas; divulgação dos serviços prestados pelo museu junto às escolas; necessidade de criação de instrumentos de avaliação das visitas e necessidade de investir na formação dos estagiários e guardas de sala com ênfase na sensibilização do público em detrimento de transmissão de informações¹¹¹.

¹⁰⁹ Horta (2005), afirma que o conceito de Educação Patrimonial foi formulado pela primeira vez no Brasil por ocasião de um seminário realizado em Petrópolis, no Museu Imperial em 1983, “[...] como síntese de uma proposta metodológica para o uso educacional dos museus e monumentos” (HORTA, 2005, p. 221).

¹¹⁰ Essa inspiração é anunciada no Projeto Ação Educativa MHAB, 1997. Cf. MHAB - Ação Educativa MHAB, 1997. Arquivo do Setor Educativo - Pasta 36.

¹¹¹ Essa inspiração é anunciada no Projeto Ação Educativa MHAB, 1997. Cf. MHAB - Ação Educativa MHAB, 1997. Arquivo do Setor Educativo - Pasta 36

Outras iniciativas visando uma nova configuração dos serviços de atendimento ao público foram pensadas nessa época. A organização de atividades paralelas de educação e ação cultural, tais como oficinas culturais, eventos, atividades, exposições temporárias; cursos destinados aos profissionais de educação e produção de materiais pedagógicos para as escolas como suporte ao professor, e produção de artigos para suplemento infantil de um jornal¹¹² foram algumas das iniciativas da equipe¹¹³.

Assim, nos anos iniciais do processo de revitalização (1993-1995), o Museu cuidou do seu fortalecimento interno e da redefinição da sua identidade institucional, ao mesmo tempo em que buscou estabelecer novas relações com a comunidade em geral e com a escola em particular. O fechamento do Casarão para sua restauração levou a um redirecionamento das ações, inaugurando-se um novo tempo para o Museu: tempo em que o Museu irá até a escola.

2.4 A consolidação das ações do museu junto à comunidade escolar por meio de ações extramuros

No período em que o Casarão¹¹⁴ esteve fechado para restauração (maio de 1995 a dezembro de 1997), foram propostas atividades visando assegurar a continuidade do atendimento junto ao público escolar. Nesse período, foram desenvolvidos os projetos: Museu vai à escola e as Exposições Itinerantes¹¹⁵, alimentando o vínculo entre o museu e as escolas.

O Projeto Museu vai à Escola, especialmente destinado ao público escolar, consistia na visitação da equipe do setor educativo às escolas agendadas promovendo utilização de alguns itens do acervo (fotografias e objetos) na compreensão da história da cidade e nas reflexões sobre a importância da preservação do patrimônio.

[...] Explorar esse material – fotografias e objetos – para que as crianças possam desenvolver a consciência da importância da preservação de bens

¹¹² A produção de artigos para o suplemento infantil Gurilândia do Jornal Estado de Minas foi uma das atividades empreendida pelo Museu como parte da divulgação do seu trabalho.

¹¹³ Sobre o repertório de atividades, Lacerda, et alii, (2004)

¹¹⁴ O Casarão é uma construção rural do final do século XIX, antiga sede da Fazenda do Leitão, remanescente do antigo Arraial do Curral Del-Rei demolido para dar lugar à nova capital de Minas, transformada em sede do Museu da cidade de Belo Horizonte em 1943.

¹¹⁵ MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO – Projeto Museu vai à escola – Outubro de 1995 – Arquivo do Setor Educativo – Pasta 36.

culturais levando-os a refletir sobre os valores sociais nas diferentes épocas de nossa História, implícitos na escolha e seleção dos bens culturais [...] ¹¹⁶.

O Projeto Exposição Itinerante ¹¹⁷ constava de um conjunto de fotografias em pôsteres sobre diferentes temas da história da cidade colocado à disposição do público escolar interessado.

A ideia de que o museu precisava tomar as múltiplas experiências da cidade como seu objeto de estudo colocava a necessidade não só de levantar informações sobre a história da cidade, mas, principalmente, torná-la acessível à população. Dentre os objetivos elencados no Projeto de Ação Educativa destacam-se: o desejo de uma maior inserção do Museu na comunidade escolar; a sensibilização das crianças e adolescentes para a preservação e conservação do patrimônio; despertar para a percepção das transformações ocorridas na paisagem da cidade; incentivar o conhecimento sobre a cidade e sobre o Museu dentre outros. A estratégia do Museu de disponibilizar uma equipe para ir até a escola evidencia o seu interesse em alimentar e fortalecer o vínculo com as instituições escolares, bem como manter o seu compromisso com o seu público predominante e promover a descentralização de suas ações.

O ano de 1997 é marcado por avaliações das ações implementadas no período de fechamento do Casarão em que o foco do atendimento à comunidade se deu por meio dos projetos extramuros ¹¹⁸. Ao reavaliar a sua ação educativa, o setor educativo reafirma o propósito de ruptura com uma imagem de inércia e apatia comumente associadas aos museus, reafirmando-se como um espaço de produção e socialização de conhecimento e construção de memórias e identidades múltiplas, em detrimento de uma concepção restrita a espaço de contemplação. Postula-se também o desejo de superação das práticas que reverenciam uma memória exclusiva para dar lugar à diversidade e à multiplicidade de memórias no tecido da cidade ¹¹⁹.

¹¹⁶ MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO – Projeto Museu vai à escola – Outubro de 1995 – Arquivo do Setor Educativo – Pasta 36

¹¹⁷ O Projeto Exposição Itinerante pode ser lido em Lacerda, et. alii (2004).

¹¹⁸ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Projeto Ação Educativa – MHAB – Novembro de 1997 – Breve histórico e diagnóstico da Ação Educativa no MHAB. Arquivo do Setor Educativo. Pasta 36.

¹¹⁹ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO – Projeto Ação Educativa – MHAB – Novembro de 1997 – Arquivo do setor educativo - Pasta 36.

Nessa direção, são projetadas novas ações para a reabertura do museu registrada no Projeto Ação Educativa MHAB - Novembro de 1997¹²⁰ inspirado nos pressupostos da educação patrimonial como definida por Horta (1991)¹²¹, como foi mencionado.

[...] A proposta educativa do MHAB tem como pressuposto a Educação Patrimonial como preconizada por Maria de Lourdes Pereira Horta (1991; 1999): [...] como o processo educacional que considera o objeto como fonte primária de ensino [...], ponto de partida, realidade básica de onde se pode apreender um universo de informações e colocações¹²².

A perspectiva da educação patrimonial que preconizava a educação por meio dos objetos da cultura material encontra uma forte ressonância nas proposições educativas já em curso no Abílio Barreto e foram posteriormente corroboradas pela perspectiva da educação para o patrimônio¹²³, como definida por Grinspum (2001, p. 8).

Formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar bens culturais, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios da cultura material e imaterial com excelência e igualdade.

A compreensão de que “[...] monumentos e objetos do patrimônio possibilitam experiências concretas de evocação e explicação do passado de que são herdeiros”¹²⁴, orienta a perspectiva de ação cultural. Para tanto, a utilização dos objetos no desenvolvimento da consciência acerca da importância da preservação dos bens culturais e a reflexão sobre critérios de escolha e seleção dos bens a serem preservados são algumas das questões reforçadas no Projeto Ação Educativa do MHAB¹²⁵.

Destaca-se também, nesse processo de reavaliação, a importância da atuação do Museu como veículo pedagógico que se distingue de uma instituição educacional,

¹²⁰ Idem Ibidem.

¹²¹ Ver textos: Educação Patrimonial (1991) e Educação Patrimonial II (s/d) de Maria de Lourdes Pereira Horta. Op. Cit.

¹²² Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO –Projeto Ação Educativa – MHAB – Novembro de 1997 – Arquivo do Setor Educativo - Pasta 36.

¹²³ Ver Lacerda (2004).

¹²⁴ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO –Projeto Ação Educativa – MHAB – Novembro de 1997.

¹²⁵ Essa inspiração é anunciada no Projeto Ação Educativa MHAB, 1997. Cf. MHAB - Ação Educativa MHAB, 1997. Arquivo do Setor Educativo - Pasta 36.

principalmente por se valerem da linguagem visual e possibilitarem experiências distintas daquelas vivenciadas na escola¹²⁶.

Se o conteúdo a ser desenvolvido encontrou seus referenciais na Educação Patrimonial e na Educação para o Patrimônio, a forma de transmissão pressupunha a superação de uma reprodução mecânica do conhecimento em favor de um processo produtivo na relação com o conhecimento, retomando as ideias preconizadas no documento Ação Cultural e Políticas Sociais de 1994. Para tanto, a proposta de intervenção junto ao público deveria possibilitar “[...] a descoberta, a criatividade e a investigação”¹²⁷ visando o desenvolvimento da consciência crítica sobre a memória, a história e o patrimônio da cidade.

No período de 1995 a 1997 por meio das atividades extramuros o Museu fortaleceu seus vínculos com a escola repercutindo no “aumento significativo da demanda de visitação escolar” (ARAÚJO e ROSSI, 2010, s/p), consolidou as bases da sua ação educativa e articulou uma nova metodologia de trabalho com o público escolar com a reabertura do Casarão.

2.5 A reabertura do Casarão e as novas diretrizes para a ação educativa do MHAB

Com a reabertura do Casarão (dezembro de 1997), foi proposto um redirecionando na forma de atendimento escolar realizado até então. A decisão de não oferecer visita monitorada às exposições colocava novos desafios ao setor educativo que voltava suas preocupações para a formação dos professores. As ações para essa formação compreenderam, tanto a produção de material didático, quanto a oferta de curso de formação.

A inauguração da sala multiuso¹²⁸ localizada no térreo do Casarão abriu o leque de possibilidades de ações educativas e, para tanto, foram elaboradas atividades diversificadas a serem desenvolvidas pelos monitores do MHAB.

¹²⁶ Essa inspiração é anunciada no Projeto Ação Educativa MHAB, 1997. Cf. MHAB - Ação Educativa MHAB, 1997. Arquivo do Setor Educativo - Pasta 36

¹²⁷ Essa inspiração é anunciada no Projeto Ação Educativa MHAB, 1997. Cf. MHAB - Ação Educativa MHAB, 1997. Arquivo do Setor Educativo - Pasta 36

¹²⁸ A criação da sala multiuso no andar térreo do Casarão ao lado de uma das salas de exposição permitiu a diversificação do atendimento oferecido pelo Museu. Ela foi criada para a realização das atividades desenvolvidas pela Ação Cultural do MHAB e para abrigar cursos e oficinas culturais principalmente aquelas destinadas ao público escolar.

O aprimoramento do trabalho desenvolvido com o público escolar levou ao desenvolvimento do Projeto Descobrimdo o Museu¹²⁹, criado com o objetivo de oferecer um atendimento especificamente voltado para o público escolar, e que “[...] objetivou discutir, de forma lúdica, os temas propostos pelas exposições e inserir o conceito de documento histórico nas reflexões sobre o acervo preservado pelo Museu”¹³⁰.

No seu formato inicial, seriam oferecidos dois tipos de atendimento ao público escolar: um com o acompanhamento da equipe da ação educativa na sala multiuso; e o outro seria feito pelo professor sem a presença da equipe do Museu¹³¹. Assim, na nova organização proposta, previa-se a divisão dos alunos em dois grupos: enquanto um era recebido pelos monitores¹³² do Museu na sala multiuso, para realização das atividades como projeção de *slides* sobre a história do Arraial do Curral Del Rei e a construção da Nova Capital, dinâmicas, realização de jogos pedagógicos¹³³ dentre outros; o outro grupo percorreria a exposição acompanhado pelo professor.

No segundo tipo de atendimento, havia maior liberdade de ação do professor que, antes da realização da visita, era convidado a ir ao Museu para receber orientações relativas ao conteúdo da exposição e as possibilidades educativas do Museu. Assim, o Museu ofereceria material de apoio ao professor com informações sobre as exposições em cartaz, além de um guia didático, com orientações para aproveitamento da exposição e sugestões de trabalho junto aos alunos¹³⁴. De posse do material de apoio, o professor poderia organizar o tipo de intervenção que fosse mais adequada ao seu grupo de alunos. Essa liberdade na ação do professor tinha como pressuposto o reconhecimento desse profissional como aquele que melhor conhece as necessidades dos seus alunos. A abertura para uma

¹²⁹ Este projeto encontra suas bases no Projeto Museu/Escola em execução no Museu dentro do seu Programa de Ação Educativa. Cf. MHAB. Programação da Ação Educativa – 2º Trimestre/98. Março de 1998. Ver também o Relatório Mensal de 1998 (Março/98).

¹³⁰ MUSEU HISTORICO ABILIO BARRETO. Relatório de Gestão 2005/2006 – Setor Educativo - Pasta

¹³¹ MUSEU HISTORICO ABILIO BARRETO. Programação da Ação Educativa – 2º Trimestre – Março de 1998. Arquivo do Setor Educativo.

¹³² Denominação adotada na época.

¹³³ A equipe do educativo desenvolveu um projeto denominado Jogos Pedagógicos que visava a elaboração de um conjunto de jogos que tinham como tema o Museu e o seu acervo e aspectos da história da cidade. Os jogos eram vistos como uma forma lúdica de divulgar o acervo do museu, promovendo a aproximação do público e a dessacralização do museu. Cf. MUSEU HISTORICO ABILIO BARRETO. Programação da Ação Educativa – 2º Trimestre – Março de 1998. Arquivo do Setor Educativo – Projeto Jogos Pedagógicos, s/d - Arquivo do Setor Administrativo - Pasta 36.

¹³⁴ Era disponibilizado para o professor o material elaborado para a exposição em cartaz, catálogos e *folders*, Caderno Pedagógico, Glossário, além de um conjunto de adivinhas que estimulava o visitante a explorar o acervo do museu, chamando a atenção para alguns objetos em exposição. Ver Araújo e Rossi (2010).

maior atuação do professor irá apontar novas frentes de ação educativa visando à formação de professores, demandando do museu um investimento na capacitação oferecida pelo curso Encontro com o Museu, que discutiremos a seguir.

A elaboração do Caderno Pedagógico 1¹³⁵, ao longo de 1998, significou um esforço do Museu em oferecer subsídios aos professores para exploração da Exposição Velhos Horizontes: um ensaio sobre a moradia no Curral Del Rei¹³⁶, bem como destacar o potencial educativo dos objetos da cultura material como recurso pedagógico e mediador na aprendizagem sobre a História.

Ainda, em 1998, o Museu elaborou o projeto intitulado Museu/Magistério que consistia na visita da equipe educativa do MHAB aos cursos de magistério com o objetivo de discutir questões referentes à educação patrimonial e à natureza e especificidade do trabalho desenvolvido pelo museu, num movimento claro de expansão e divulgação de suas atividades.

Nas avaliações internas, o ano de 1998 foi visto como decisivo para a projeção das novas ações.

O serviço de ação educativa também projetou-se positivamente em 1998 ao incrementar a visita ao museu, reformular procedimentos, elaborar material pedagógico para auxiliar as visitas escolares e auxiliar na divulgação do projeto de revitalização museológica e das obras do novo prédio, aproximando-se de um perfil de atendimento ao público como convém um serviço dessa natureza¹³⁷.

A inauguração do novo prédio em dezembro de 1998, possibilitou a realização de um conjunto de novas ações direcionadas a diferentes públicos¹³⁸, delineadas em sua nova

¹³⁵ O Caderno Pedagógico foi uma produção do Setor Educativo do Museu cujo objetivo era fornecer subsídios ao professor para exploração da exposição *Velhos Horizontes: um ensaio sobre a moradia no Curral Del Rei* a ser usado, tanto antes, quanto depois da visita. Embora esse material nunca tenha sido publicado, ele apresenta estratégias de apropriação da cultura material como fonte de conhecimento sobre a cidade e se apresentou como alternativa metodológica a ser somadas ao repertório pedagógico do professor. Para elaboração desse caderno pedagógico, o Museu contou com uma consultoria técnica da COOPEN – Cooperativa de ensino de Belo Horizonte. A COOPEN é uma cooperativa de pais que atende alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental é identificada como uma organização que apresenta um projeto educativo de ponta na cidade.

¹³⁶ Exposição de longa duração inaugurada em 1998, em cartaz até o ano de 2005, quando foi substituída pela exposição de longa duração *Belo Horizonte – Tempo e Movimentos da Cidade Capital*.

¹³⁷ Avaliação qualitativa anexa aos Relatórios mensais de 1998. Cf. MHAB - Relatórios mensais do ano de 1998. Manuscrito. Arquivo do Setor Educativo. Pasta 38. Data de março de 1998 a mudança na coordenação da equipe de ação educativa.

¹³⁸ Atividades voltadas para a formação de professores e agentes culturais; a produção de material pedagógico; a realização de vistas técnicas destinadas aos estudantes universitários; o desenvolvimento de estratégias de atendimento para portadores de necessidades especiais; a oferta de visitas monitoradas destinadas a grupos

política de *Ação cultural* composta, como já foi mencionado, pelos três programas: *Exposições, Educação Patrimonial e Difusão Cultural*.

Na avaliação feita em 1999, a inauguração do novo prédio teve um significado histórico para a instituição.

A inauguração da nova sede do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), em dezembro de 1998, representou um marco na história do próprio MHAB, projetando novos desafios institucionais. Com o novo espaço, tratava-se de delinear, em 1999, uma política de ação cultural que traduzisse a concepção de Museu como um centro de cultura, que tem como eixo a história da cidade. Isso significa ter um compromisso com a preservação, investigação e comunicação do seu acervo, mas também com o processo de construção do conhecimento¹³⁹.

No âmbito da educação patrimonial, no período que se estendeu de 1999 até o ano de 2003, quando o processo de revitalização foi considerado concluído pela Direção do Museu, muitos projetos foram desenvolvidos. Dentre eles, destacaremos aqueles que impactaram mais diretamente o público escolar, a fim de analisar os seus objetivos e pressupostos educativos.

A busca por maior interlocução com professores, agentes culturais e estudantes universitários levou o Setor Educativo a oferecer, a partir de 1999, os projetos Encontro com o Museu e Visita Técnica, cujo foco era a formação de professores em exercício e agentes culturais e alunos da graduação, respectivamente, reafirmando o compromisso do Museu com a melhoria dos serviços oferecidos.

O Projeto Encontro com o Museu¹⁴⁰, iniciado em 1999, foi elaborado visando a formação de agentes multiplicadores, principalmente professores e agentes culturais acerca das concepções e metodologias norteadoras do trabalho desenvolvido no Museu¹⁴¹. No curso, abordam-se “os bastidores do MHAB, a importância da preservação dos bens culturais

de 3ª idade; a realização de oficinas; o lançamento do Álbum de Figurinhas e do Almanaque MHAB; o desenvolvimento do projeto Brincando no MHAB destinadas ao público infantil; o programa Domingo no MHAB dentre outras atividades, compuseram repertório extenso de novas ações junto ao público em geral. Para uma visão mais detalhada das atividades desenvolvidas, ver Lacerda, et alii. (2004).

¹³⁹ Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Relatório Qualitativo 1999/MHAB. Belo Horizonte, 1999. 7 f. Manuscrito. (MHAB: Arquivo Administrativo).

¹⁴⁰ MHAB - Museu Histórico Abílio Barreto. Relatório Qualitativo 1999 – Setor Educativo. Manuscrito (MHAB – Arquivo Administrativo).

¹⁴¹ MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO - Museu Histórico Abílio Barreto. Relatório de Gestão 2005-2006 – Setor Educativo. Manuscrito (MHAB – Arquivo Administrativo).

e as potencialidades pedagógicas do Museu”¹⁴², objetivando “[...] auxiliar os professores, tanto nas aulas preparatórias que antecedem a visita à exposição, quanto nas atividades que lhe sucedem e constituem momentos de reflexão e enriquecimento e da experiência vivenciada na mostra”¹⁴³.

O Projeto Visita Técnica é direcionado ao público universitário, agentes culturais e profissionais de instituições afins, interessados em conhecer os bastidores do Museu. São apresentadas as metodologias de tratamento e processamento de acervo, as atividades educativas e de difusão cultural, aquecida de uma visita comentada às instalações do prédio e às exposições. Com esse curso, o Museu divulga o trabalho e as metodologias adotadas pelo Museu, além de promover reflexões acerca da importância da preservação do patrimônio cultural como responsabilidade de todos.

Com o objetivo de desenvolver novas formas de mediação e estimular o público para um melhor conhecimento e interpretação dos bens culturais em exposição, o Museu elaborou, em 2001, o Projeto Exposição em Movimento que consiste na realização de intervenções teatrais no espaço expositivo. Nas intervenções são utilizadas diferentes linguagens que incluem a interpretação de textos, depoimentos e poemas, num convite à fruição estética. Inicialmente destinada ao público em geral, a atividade passou a ser direcionada ao público de jovens e adultos que visitam o Museu no período noturno¹⁴⁴.

O Projeto Almanaque do MHAB é uma publicação do setor educativo voltada para o público infantil, lançado em 2003, que aborda aspectos da história do Museu e da cidade de Belo Horizonte. O Almanaque apresenta uma história protagonizada por dois personagens – Diogo e Tininha - que se envolvem em diferentes aventuras pela cidade. A cada edição do almanaque é abordado um tema¹⁴⁵ referente ao patrimônio da cidade em meio a atividades diversificadas como cruzadinhas, desafios e brincadeiras e jogos dos sete erros dentre outras. O Almanaque MHAB durante muito tempo foi distribuído gratuitamente aos alunos de escolas públicas que visitavam o Museu.

¹⁴² MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO - Museu Histórico Abílio Barreto. Relatório de Gestão 2005-2006 – Setor Educativo. Manuscrito (MHAB – Arquivo Administrativo).

¹⁴³ MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO - Museu Histórico Abílio Barreto. Relatório de Gestão 2005-2006 – Setor Educativo. Manuscrito (MHAB – Arquivo Administrativo).

¹⁴⁴ O museu abre suas portas uma vez por semana para atender a demanda do público noturno, geralmente alunos da modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA).

¹⁴⁵ Em 2003, foram trabalhados os conceitos de museu, documento e preservação; em 2004, tratou-se de aspectos da vida no Arraial do Curral Del Rei; em 2005, explorou-se o bonde como importante meio de transporte da cidade; em 2006, foi a vez do parque municipal da cidade; em 2007, abordou-se a Pampulha e, em 2008, escolheu-se o Centro Cultural Lagoa do Nado.

As estratégias de divulgação do Museu junto ao público escolar por meio do envio de mala direta para as escolas apresentando as atividades de visitação escolar, o curso Encontro com o Museu e a Visitas Técnicas foram uma forma de oferecer seus serviços, manter-se próximo a esse público estratégico e garantir a sua frequência ao museu.

No ano de 1999, o setor educativo do Museu passou a participar do Projeto Museu – Escola desenvolvido pela FaE-UFMG¹⁴⁶, além de outras participações em atividades desenvolvidas pela Universidade como a participação no curso Museu de Ciências oferecido pela FAFICH – UFMG, aprofundando o seu diálogo com o universo acadêmico.

Todo esse esforço empreendido pela equipe na consolidação das ações permitiram a implementação em 2004, de um amplo Programa de Educação Patrimonial com objetivo de “[...] promover e formalizar atividades educativas voltadas para a identificação, valorização e proteção de bens culturais, possibilitando experiências capazes de valorizar a cultura local e a memória social”¹⁴⁷.

2.6 O Programa de Educação Patrimonial no MHAB e suas múltiplas frentes de ação

Desde a implementação, em 2004, o Programa de Educação Patrimonial articulou um conjunto de projetos com objetivos distintos e voltados para diferentes públicos¹⁴⁸. No entanto, três deles compunham uma espécie de núcleo duro que, não obstante as adaptações sofridas ao longo do tempo¹⁴⁹, respondem às principais demandas do setor educativo, são eles: o Descobrimo do Museu, o Encontro com o Museu e as Visitas Técnicas, todos com impactos diretos na relação museu-escola.

¹⁴⁶ O Projeto *Museu-Escola: uma interlocução entre espaços de formação* foi desenvolvido pela Faculdade de Educação da UFMG em parceria com outras Unidades da UFMG e teve início em 1999. O projeto visou, inicialmente, promover a avaliação de quatro museus de Belo Horizonte, a saber: Museu Histórico Abílio Barreto, Museu de Arte da Pampulha, Centro de Referência Audiovisual e Museu de História Natural da UFMG. Posteriormente, o projeto definiu um novo campo de reflexão na tentativa de avaliar os processos de educação patrimonial experimentados nestas instituições. Em 2003, o projeto deixou de contar com as bolsas PAE, o que causou a interrupção dos trabalhos.

¹⁴⁷ MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO - Programa de Educação Patrimonial – Arquivo do Setor Educativo – Pasta 14.

¹⁴⁸ Até 2005, o Programa articulava desenvolvidos sete projetos (Descobrimo do Museu, Exposição em Movimento, Encontro com o Museu, Visita Técnica, Colcha de Memória, Onde Mora a Minha História e o Almanaque do MHAB). O projeto Grupo de Estudos só foi sistematizado a partir de 2007 e será objeto de nossa análise no Capítulo 2 desta tese.

¹⁴⁹ Segundo Araújo e Rossi (2010), o museu, ao redirecionar seu foco para a relação Museu/Escola, em 2006, reavaliou o contexto e o desenvolvimento das visitas escolares levando a uma reformulação no Projeto Descobrimo do Museu a partir de 2007. Essas alterações serão discutidas no Capítulo II da Tese.

A intensificação das suas ações extramuros e o aprofundamento do diálogo com a escola levaram a equipe a desenvolver, a partir de 2005, o projeto Onde Mora a Minha História¹⁵⁰. Iniciado com uma experiência-piloto na Escola Municipal José Maria Alkmin, o projeto se ampliou para as nove regionais de Belo Horizonte¹⁵¹. Trata-se, em linhas gerais, da realização de uma pesquisa sobre o bairro onde a escola está inserida envolvendo alunos, professores e técnicos do museu no levantamento de fontes diversas sobre a história do bairro. O resultado da pesquisa e a identificação do acervo sobre o bairro resultaram em exposições no espaço da escola e do Museu e na produção de um caderno de atividades sobre a história de cada um dos bairros.

O Programa de Educação Patrimonial do MHAB articulou, portanto, projetos voltados para diferentes frentes de ação: a) o atendimento ao público escolar (projetos Descobrimos o Museu e Exposição em movimento); b) a formação de agentes multiplicadores - agentes culturais, professores e alunos de graduação - por meio do projeto Encontro com o Museu; c) formação do quadro educadores do museu¹⁵²; d) Divulgação (Projeto Almanaque MHAB) e a ação extramuros (Projeto Onde mora minha história?).

A preocupação com a diversificação de atividades e estratégias que atendessem ao universo cognitivo de cada um dos desses públicos, a atenção com a formação e qualificação da equipe, a contribuição com a formação de agentes multiplicadores (professores e graduandos), a publicação voltada ao público infantil e a ação do Museu para além dos seus muros foram aspectos que conferiram uma maturidade do Museu e revelaram o protagonismo dessa organização construído ao longo desses anos de atuação no cenário cultural da cidade, modificando uma imagem amorfa comumente associada aos museus e subvertendo o seu papel educativo, antes reduzido ao de mero apêndice da escola.

¹⁵⁰ O projeto foi coordenado pela historiadora Isabel Tavares Guerra da equipe do museu e foi viabilizado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura e patrocinado pela Petrobras. Em 2008 conquistou o 1º lugar do Prêmio Darcy Ribeiro promovido pelo Ministério da Cultura via do DEMU – Departamento de Museus atual IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. Para um maior conhecimento sobre o projeto *Onde mora minha história?*, ver Guerra (2007).

¹⁵¹ A gestão administrativa do município de Belo Horizonte é dividida em nove regionais. Em 2005: Regional Norte – Bairro Serra Verde – Escola Municipal José Maria Alkmin; em 2006 : Regional Leste – Bairro Alto Vera Cruz – E. M. Israel Pinheiro; Em 2007: Regional Norte – Bairro Guarani – E. M. Helio Peregrino, Regional Centro-Sul – Aglomerado da Serra – E. M. Senador Levindo Coelho, Regional Barreiro – Bairro Tirol – E. M. Vinícius de Moraes, Regional Noroeste – Bairro Cachoeirinha - E. M. Eleonora Pieruccetti, Regional Nordeste – Bairro Santa Maria – E. M. Professor Mário Wernek, Regional Oeste- Bairro Havaí – E.M. Salgado Filho, Regional Pampulha – Bairro Santa Terezinha – E. M. Santa Terezinha.

¹⁵² Em 2007, será sistematizado o Projeto Grupos de Estudos (GE) visando à formação do quadro de monitores do setor educativo.

No ano de 2005, o Museu realizou o *Projeto de Pesquisa de público para avaliação das exposições e dos projetos de Educação Patrimonial do MHAB*¹⁵³, com vista a uma avaliação de suas ações junto ao público. Para tanto, foram realizadas uma pesquisa quantitativa¹⁵⁴ e outra pesquisa qualitativa¹⁵⁵ cujos resultados apresentados permitiram identificar as lacunas existentes, aprimorar os serviços oferecidos e buscar estratégias para ampliação do seu público. Foram produzidos pelo Instituto DOXA, cinco relatórios, sendo três relativos aos atendimentos na área de Educação do MHAB e 2 (dois) referente as pesquisas junto a diferentes públicos.

A profusão e a riqueza dos dados gerados nesses relatórios fornecem informações variadas e permite leituras múltiplas. No entanto, recortamos apenas alguns dados da pesquisa qualitativa¹⁵⁶ referente à avaliação de um material educativo produzido pelo MHAB – o Almanaque MHAB - utilizado pela Rede Municipal e Estadual de Educação e alguns dados

¹⁵³ Esse projeto de pesquisa de público recebeu o apoio da Fundação Vitae por meio do seu Programa de Apoio a Museus - 11ª edição e foi realizado pelo Instituto de Pesquisa DOXA sob a consultoria da especialista Adriana Mortara de Almeida. A pesquisa foi realizada no período de abril a agosto de 2005. Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO - Relatório Técnico Final Projeto Pesquisa de Público para avaliação das Exposições e dos Projetos de Educação Patrimonial do Museu Histórico Abílio Barreto. Outubro de 2005 (31fl). ARQUIVO ADMINISTRATIVO. Para maior esclarecimento sobre as pesquisas realizadas, ver relatórios: Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO – Pesquisa Quantitativa com visitantes das Exposições do MHAB – Agosto de 2005. (99 fls). ARQUIVO ADMINISTRATIVO e Cf. ARQUIVO ADMINISTRATIVO, e MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO – Pesquisa Qualitativa Museu Histórico Abílio Barreto Belo Horizonte - Agosto de 2005. (67 fls). ARQUIVO ADMINISTRATIVO.

¹⁵⁴ Na Pesquisa Quantitativa foi aplicado um questionário junto a 300 pessoas no próprio Museu após a visita às exposições em cartaz (*De outras terras, de outro mar... experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte e Belo Horizonte: tempo e movimento da cidade capital*). O questionário constou de 57 itens abarcando questões acerca do local de residência, escolarização, renda e ocupação do visitante, questões gerais sobre o Museu e suas exposições, dentre outras.

¹⁵⁵ A pesquisa qualitativa realizada pelo Instituto Doxa teve como objetivo central *investigar as principais percepções e expectativas quanto à imagem e representação* do MHAB. Os procedimentos técnicos adotados na pesquisa foram: Grupos de Discussão e Entrevistas em Profundidade. De acordo com o relatório DOXA (2005, p.4), os Grupos de Discussão “[...] consistem na reunião de 8 a 10 pessoas escolhidas de acordo com o perfil que se pretende investigar. Os participantes interagem entre si na presença de um moderador capacitado para coordenar a discussão. Essa técnica propicia o surgimento de opiniões espontâneas, livre associações e relatos de experiências, possibilitando a observação do confronto entre as opiniões e comportamentos”. Já as entrevistas em profundidade “[...] são realizadas individualmente e consistem em uma conversa entre um pesquisador especializado e um entrevistado, selecionado segundo perfil predeterminado. Essa técnica facilita o processo de interação entre ambos, de forma que o entrevistado se sinta preservado para emitir suas opiniões e percepções acerca do tema a ser pesquisado”. A pesquisa foi realizada com frequentadores e não frequentadores do MHAB. Cf. MHAB - DOXA – Instituto de Pesquisa. Pesquisa Qualitativa Museu Histórico Abílio Barreto Belo Horizonte (Manuscrito - 67 fls) – Agosto de 2005. Arquivo Administrativo.

¹⁵⁶ Foram avaliados nesta pesquisa os seguintes aspectos: os hábitos culturais e de lazer dos entrevistados, incluindo a visita a museus; as percepções genéricas e específicas sobre o MHAB e a construção pelos entrevistados das imagens e conceitos acerca do museu; a percepção dos entrevistados sobre a atuação e o papel desempenhado pelo MHAB e, finalmente, foram avaliados alguns materiais produzidos pelo MHAB (Álbum e Almanaque) e utilizados pela rede municipal e estadual de ensino.

dos relatórios referentes aos atendimentos na área de Educação do MHAB (Programa de Educação Patrimonial do MHAB).

No Programa de Educação Patrimonial, foram analisados os projetos Visitas Técnicas, Encontro com o Museu e Descobrimdo o Museu a fim de saber o grau de satisfação do público com as atividades neles desenvolvidas. A tabulação dos dados das fichas avaliativas¹⁵⁷, resultaram em três relatórios estatísticos¹⁵⁸ dos quais traremos para análise alguns resultados. Em cada um dos projetos foi avaliado um conjunto de itens que compunha a ficha de avaliativa desenvolvida pelo setor educativo¹⁵⁹. Mas, para o nosso estudo, destacaremos aqueles itens que revelam o grau de aceitação da atividade realizada e a adequação da metodologia utilizada pelo Museu.

Na atividade Visita Técnica destacamos os itens: Expectativa em relação ao curso (Tabela P03) e Avaliação da metodologia/recursos didáticos utilizados nas atividades (Tabela P04). Quanto às expectativas em relação ao curso, 31,3% consideraram superadas; maior parte, 53,7%, considerou plenamente alcançada e 15,0 parcialmente alcançadas. Já, em relação à metodologia/recursos utilizados os resultados apresentaram os seguintes indicadores: Muito Bom (81,0%), Bom (17,0%) e Regular (2%)¹⁶⁰.

Na atividade Encontro com o Museu, destacamos os itens: expectativas em relação ao curso (tabela P03) e Avaliação da metodologia/recursos didáticos utilizados nas atividades (tabela P04). Os dados indicaram um grau de satisfação com o curso, sendo que 37,4% tiveram suas expectativas superadas, enquanto 56,0 % a consideraram plenamente alcançadas, 6%, parcialmente alcançadas e 0,5% consideraram suas expectativas não alcançadas. Já, em relação à metodologia e recurso utilizados, foram encontrados os

¹⁵⁷De acordo com o relatório técnico, “foram tabulados 147 formulários preenchidos ao longo do 1º semestre de pelos participantes do Projeto Visitas Técnicas, 182 fichas de avaliação preenchidas no mesmo período pelos participantes do projeto Encontro com o Museu e 96 formulários preenchidos pelos participantes do Descobrimdo o Museu”, também durante o 1º semestre de 2005. Op. Cit.

¹⁵⁸ Cf. MHAB. Relatórios Estatísticos: Tabulação de 147 Formulários preenchidos pelos participantes do Projeto Acompanhamento de Visitas Técnicas no Museu Abílio Barreto – 1º Semestre de 2005; Tabulação de 96 Formulários preenchidos pelos participantes do Projeto Descobrimdo o Museu no Museu Abílio Barreto – 1º semestre de 200 e Tabulação de 182 Fichas de Avaliação preenchidas pelos participantes do Projeto Encontro com o Museu no Museu Histórico Abílio Barreto - 1º Semestre de 2005. Arquivo Administrativo.

¹⁵⁹ Os itens foram extraídos dos instrumentos de avaliação desenvolvidos pelo Setor Educativo do Museu - Ficha Avaliativa do Projeto Visita Técnica; Ficha Avaliativa do Projeto Descobrimdo o Museu e Ficha Avaliativa do Projeto Encontro com o Museu - e tabulados pelo Instituto DOXA.

¹⁶⁰Cf. MHAB - Instituto de Pesquisa Doxa. Relatório Estatístico: Tabulação de 147 formulários preenchidos pelos participantes do Projeto Acompanhamento de Visitas Técnicas no Museu Abílio Barreto -1º Semestre de 2005 (13fls). Arquivo Administrativo.

seguintes dados: Muito Bom (76.4%) e Bom (23.6%), indicando um acentuado grau de satisfação do público¹⁶¹ participante.

Em relação ao Projeto Descobrimo o Museu que reúne atividades voltadas para a recepção das escolas agendadas, destacamos uma quantidade maior de itens avaliados, já que no Relatório Estatístico fornece tanto dados relativos ao perfil do público, quanto à avaliação de uma das atividades realizadas no projeto (Exercício de Leitura do Bonde).

O tipo de instituição (tabela P01B) que participou da atividade apresentou os seguintes indicadores: particular (49%), pública municipal (32,3%) e pública estadual /Federal (18,8%) apontando uma ligeira predominância das escolas públicas em relação às particulares. Em relação ao item série/ciclo-etapa dos alunos recebidos no Projeto (tabela P01D), apresentaram-se os seguintes dados: 1ª a 4ª série (80,2%) 5º ao 8º ano (19,8%). Quanto à faixa etária recebida (P01E), predominou a idade entre 8 e 10 anos (51 %) seguido de alunos entre 10 e 11 anos (26%), entre 12 e 13 ano (10%) e acima de 13 anos (12,5%).

Em relação aos objetivos a serem alcançados com a visita (tabela P01), identificamos os seguintes dados: conhecimento/memória/história (34,4%); conhecimento: história de BH (29,2%); conhecimento/entretenimento (15,6%); conhecimento em geral (12, 5%); conhecimento/museu/patrimônio/memória (5,2%) e memória/história/entretenimento (3,1%).

Quanto à participação no curso Encontro com o Museu (tabela P03), a pesquisa revelou uma participação acima de 60%, como mostram os dados: Sim participou (52,1 %); Sim, outro professor da instituição (10, 4%) e Não (37,5%).

E, finalmente, destacamos os dados relativos à Atividade Exercício de Leitura do Bonde contribuiu para melhor aproveitamento da visita (tabela P06), onde encontramos um alto índice de aprovação pelo público ouvido: Sim (90.6%), Parcialmente (2.1%), Não (1%) e NS/NR (6.3%)¹⁶².

Em linhas gerais, a avaliação realizada em 2005 apontou um acentuado índice de aprovação dos projetos desenvolvidos no Programa de Educação Patrimonial do Setor Educativo destacando a qualidade do trabalho da equipe de educadores do MHAB, embora

¹⁶¹Cf. MHAB - Instituto de Pesquisa Doxa. Relatório Estatístico: Tabulação de 147 formulários preenchidos pelos participantes do Projeto Encontro com o Museu no Museu Abílio Barreto -1º Semestre de 2005 (17fls).Arquivo Administrativo.

¹⁶² Cf. MHAB - Instituto de Pesquisa Doxa. Relatório Estatístico: Tabulação de 96 formulários preenchidos pelos participantes do Projeto Descobrimo o Museu no Museu Abílio Barreto -1º Semestre de 2005 (12fls). Arquivo Administrativo.

o desafio de ampliação do público continuasse posto para o museu em geral e para o setor educativo em particular. Para Almeida (2005, p.11) o setor educativo do museu

“[...] deveria implementar programas para atrair outros níveis de escolaridade” [visando ampliar seu público]. [...] Seria necessário investigar as propostas curriculares (5ª a 8ª séries e Ensino Médio) que poderiam ter relação com o acervo e as exposições do MHAB, além de criar programas para que educadores percebam o que o museu permite diversas leituras e pode abrir novas questões não tratadas em sala de aula.

Os desafios da ampliação do público e da melhoria das relações entre o Museu e o público estão postos, em maior ou menor grau, para os museus em diferentes lugares deste País e do mundo (ALMEIDA, 2005).

2.7 A memória dos/nos objetos como substrato do processo educativo no MHAB: a análise do Caderno Pedagógico e do Almanaque MHAB

Como já foi dito, a análise documental apontou a existência de um Programa de Educação Patrimonial do MHAB fundamentado na perspectiva da educação para o patrimônio cultural da cidade de Belo Horizonte.

Se a finalidade da educação patrimonial no Museu foi o desenvolvimento de uma consciência sobre o patrimônio cultural da cidade, a forma como esse processo educativo ocorreu no Museu se projetou nas diferentes estratégias adotadas por ele para desenvolver o seu programa educativo. A análise de alguns materiais produzidos no MHAB¹⁶³ para subsidiar a sua ação educativa pode acrescentar elementos capazes de elucidar os principais eixos norteadores dessa ação e apontar alguns dos caminhos metodológicos adotados pelo Museu.

Dentre os materiais elaborados pelo MHAB selecionamos para nossa análise o Caderno Pedagógico 1¹⁶⁴ e o Almanaque MHAB¹⁶⁵ aqui tomados como registros significativos

¹⁶³ A produção de materiais pedagógicos pelo Museu pode ser vista também como parte da estratégia de divulgação das ações do museu visando atingir diferentes públicos. O Almanaque podia ser adquirido na Loja do Museu.

¹⁶⁴ MUSEU HISTÓRICO ABILIO BARRETO. Caderno Pedagógico 1: Velhos Horizontes: um ensaio sobre a moradia no Curral Del Rei. Belo Horizonte, 1999. 26f. Manuscrito. Arquivo Administrativo – Setor Educativo.

¹⁶⁵ O Almanaque MHAB foi concebido por uma equipe formada por técnicos do setor educativo e do setor de pesquisa, e a sua elaboração contou com uma equipe extensa que envolveu os setores da pesquisa histórica, pesquisa fotográfica, revisão, além de colaboradores de diversos setores do museu. A realização da pesquisa e produção dos textos do Almanaque apresentou variações nos diferentes números, em função da temática pesquisada, mas mantiveram os técnicos do setor educativo em sua produção. Contou também com

da produção material do museu e vetores da concepção de educação para o patrimônio desenvolvida pelo MHAB. A escolha desses dois suportes se deu em função do público-alvo dessas publicações e da participação do setor educativo em sua concepção. Enquanto o Caderno Pedagógico se destinou à formação do professor visitante, o Almanaque visou atingir o público infantil e ambos tiveram o envolvimento direto do Setor Educativo na sua criação.

Em nossa análise buscamos compreender as concepções de educação e patrimônio subjacentes a cada um desses suportes. Para tanto, não nos ateremos aos usos que foram feitos desses materiais, mas ao seu conteúdo temático e às sugestões de atividades neles contidas.

O Caderno Pedagógico 1, elaborado ao longo do ano 1998, embora não tenha sido publicado, resultou de um esforço do setor educativo do Museu, com apoio de uma equipe de consultores da Cooperativa de Ensino de Belo Horizonte (COOPEN), na produção de um material pedagógico de apoio ao professor visitante que subsidiasse a leitura e interpretação da exposição Velhos Horizontes: um ensaio sobre a moradia no Curral Del Rei. Com o objetivo de promover uma maior integração entre o docente e o MHAB, o caderno oferecia informações para os professores explorarem o conjunto de objetos da exposição podendo ser utilizado antes e/ou depois da visita.

O Caderno Pedagógico 1 trazia em sua apresentação um texto no qual o Museu era definido como um espaço voltado para a educação, numa perspectiva diferenciada da escola na medida em que permitia a experiência do sujeito com os objetos da cultura material enquanto suportes de informações históricas. Desse modo, ressaltava-se a diferenciação entre esses espaços educativos, destacando-se a especificidade do Museu. “[...] Vislumbrar o

profissionais externos ao Museu: um *designer* gráfico responsável pela elaboração do projeto gráfico e um ilustrador, o que conferiu ao almanaque uma excelente qualidade gráfica. Ao longo do tempo, as edições sofreram mudanças na ilustração e no seu projeto gráfico. Em formato de caderneta do tipo brochura, preso por dois grampos centrais e impresso em papel brilhante com ilustração com grande profusão de cores, o almanaque media 20 cm de altura e 15 cm de largura. Ao longo das seis edições apresentou uma variação no número de páginas: a primeira edição apresentou-se com 24 páginas, enquanto as edições 2, 3 e 4 continham 28 e as duas últimas edições continham 32 páginas. Na sua primeira edição, a impressão do almanaque foi viabilizada com recursos do Unibanco, já nas outras edições, pode-se inferir que foram utilizados recursos da própria Secretaria Municipal de Cultura. Cf. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura. Museu Histórico Abílio Barreto. Almanaque MHAB, Edições 1, 2, 3, 4, 5 e 6, anos 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, respectivamente.

museu nesta perspectiva não significa colocá-lo no lugar da escola, mas sim, reconhecer que suas possibilidades educativas vão se somar às metodologias utilizadas nas escolas”¹⁶⁶.

No texto *Explorando o Casarão*, a visita era definida como uma possibilidade de descoberta da cultura de uma sociedade ou de determinados grupos sociais pertencentes há um tempo e um espaço passado. Nessa perspectiva, os objetos eram tomados como vestígios da cultura material capazes de evidenciarem hábitos e costume das sociedades em outros tempos e espaços. Embora se reconhecessem as múltiplas possibilidades de abordagens pedagógicas da exposição em questão, o *Caderno Pedagógico 1* oferecia um roteiro de estudo para a *Exposição Velhos Horizontes* que abordava o universo doméstico de uma casa de fazenda do final do século XIX no Curral Del Rei, acompanhado de sugestões de atividades.

A chave de leitura sugerida pretendia desenvolver a percepção acerca das permanências e transformações entre as formas de morar daquele contexto rural inscrito no final do século XIX e as formas de morar na contemporaneidade. Assim, o *Casarão* era analisado em seus múltiplos aspectos (itens): arquitetônicos; sistema construtivo, os usos e ocupações; seus cômodos (alcova, quartos, cozinha); os seus bens móveis; a aérea externa; os equipamentos de infraestrutura (instalações sanitárias e iluminação), os objetos arqueológicos e o entorno do *Casarão*. Cada item vinha acompanhado da ilustração dos objetos da exposição. Em cada um dos itens analisados, havia uma explicação sobre o mesmo, seguido de uma sugestão de atividade e de uma orientação de onde observar cada objeto na exposição.

Cada atividade sugerida vinha acompanhada do desenho de uma lupa indicando a possibilidade de pesquisa que favorecia o estabelecimento da relação passado-presente, como mostra o enunciado: “Através do desenho da fachada do Museu e de suas respectivas residências, os alunos poderão apontar e comparar as características arquitetônicas de ambas as residências [...]” (*CADERNO PEDAGÓGICO 1*).

As atividades propunham extrapolar o conteúdo da exposição, por meio da sugestão de pesquisas e diferentes estratégias de investigações, tais como: entrevistas, observação de campo etc. As sugestões de atividades vinham acompanhadas dos objetivos formativos a

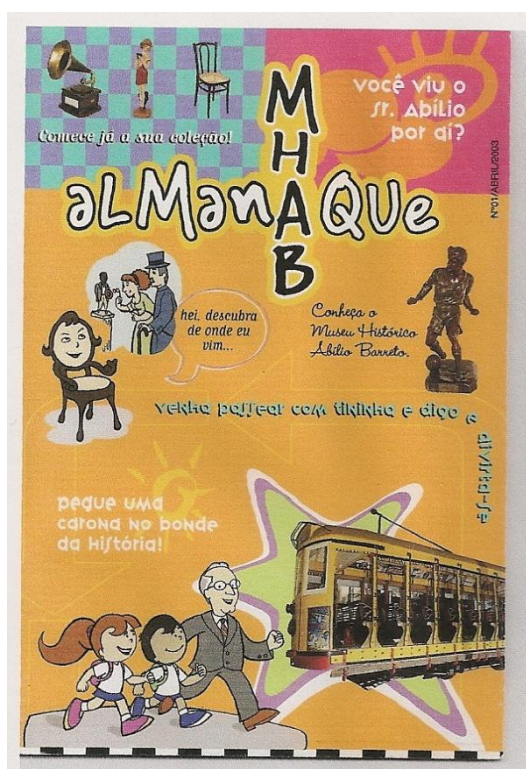
¹⁶⁶ Cf. *Caderno Pedagógico - Velhos Horizontes: Um ensaio sobre a moradia no Curral Del Rei.* – MHAB – Arquivo do Setor Educativo – Pasta 8. Ficha Técnica: Coordenação: Letícia Julião. Elaboração: Vanessa Barbosa Araújo; Daniela Lacerda Almeida e Adriane (estagiária).

serem alcançados com a atividade proposta: “Pretende-se que, com esta atividade, sejam discutidas as transformações ocorridas na transição do século XIX para o século XX e que sejam questionadas as razões de tais mudanças” (CADERNO PEDAGÓGICO 1).

No Caderno Pedagógico 1, apresentavam-se sugestões de trabalho com os bens móveis utilizando a ficha catalográfica utilizada pelo Museu no inventário de seus bens, além de sugestão de criação de adivinhas, desenhos, teatro de fantoches. Ao final, havia um glossário das peças da Exposição que serviria de fonte de informação ao professor. Desse modo, a leitura que o museu fazia do objeto foi proposta ao professor como possibilidade de análise, destacando, tanto o valor simbólico contido nos objetos, quanto a sua importância histórica e documental.

O Almanaque MHAB n. 01 veio a lume em 2003 no ano do sexagenário do Museu, e foi criado para levar às crianças informações sobre o museu e sobre a história de Belo Horizonte. Foi distribuído prioritariamente aos alunos de escolas públicas que visitavam o museu ao longo dos anos em que foi produzido, podendo também ser adquirido na Loja do Museu. A capa do Almanaque está na Figura 2:

Figura 2 - Capa do Almanaque MHAB n. 01



Fonte - Almanaque MHAB n. 01 Ano: 2003

Em 2009, foi produzida a sexta edição o Almanaque MHAB, abordando diferentes aspectos do Museu e da memória e história da cidade de Belo Horizonte. Na primeira edição, em 2003, foi apresentada a história do museu e discutidos conceitos centrais como: museu, memória, documento, acervo, coleção, exposição dentre outros; na segunda edição de 2004 tratou-se de aspectos da vida no Arraial do Curral Del Rei abordando o modo de vida, costumes e tradições dos curralenses; em 2005, na sua terceira edição, explorou-se a história dos bondes como importante meio de transporte coletivo da cidade; na quarta edição, em 2006, foi a vez do Parque Municipal da cidade e suas transformações ao longo do tempo e no espaço; a quinta edição, em 2007, abordou a Pampulha e o seu conjunto arquitetônico e, em 2008, escolheu-se o Centro Cultural Lagoa do Nado e a história de luta popular pela sua transformação em um parque de lazer.

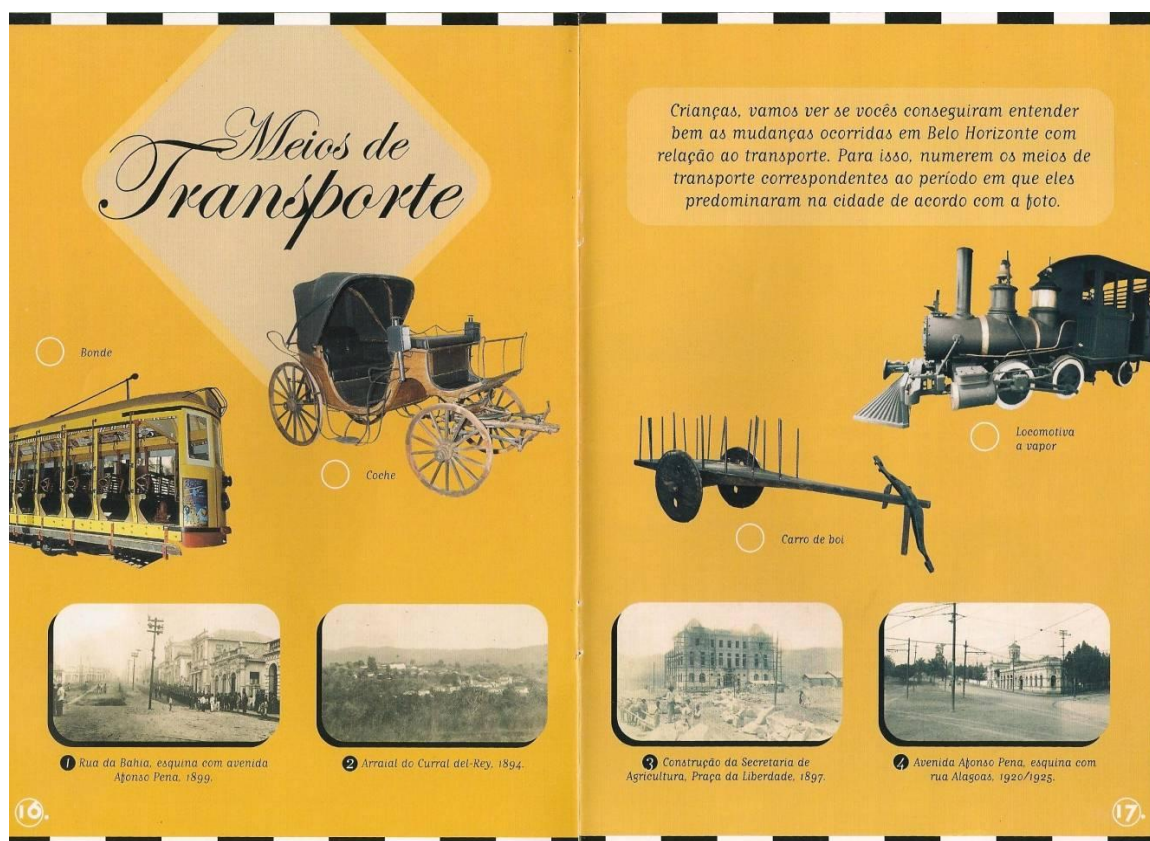
Por meio de dois personagens infantis: Tininha e Digo, são apresentados conceitos do campo museal e patrimonial e aspectos da memória e história da cidade de Belo Horizonte. Em uma linguagem que valoriza elementos lúdicos e voltada para o universo infantil, o texto é entremeado por atividades de entretenimento como labirinto, cruzadinhas, caça palavras, enigmas, jogo das diferenças, racha cuca, você sabia?, liga pontos, receitas dentre outras, além de diferentes brincadeiras que remetem ao universo infantil. Escolhemos analisar a primeira edição do Almanaque buscando identificar aspectos elucidativos da proposta da educação patrimonial desenvolvida pelo Museu e alguns princípios metodológico que informam a ação educativa do Museu.

O primeiro número foi dedicado à apresentação do Museu pelos passos dos personagens Tininha e Digo que, numa visita realizada pela sua escola, embarcam numa viagem imaginária pelo Museu, entrando em contato com o seu fundador Abílio Barreto que entra na história como guia das crianças. Após cruzarem um Labirinto, se encontram com uma leiteria japonesa que compõe a exposição Peça do Mês. Num percurso marcado pela curiosidade, dialogam com os objetos da exposição, tiram dúvidas e refletem sobre os deslocamentos dos objetos desde a sua existência na vida social até chegarem ao Museu e constituírem a coleção. Após um breve diálogo sobre o significado de coleção, é proposta uma atividade de agrupamento de vários objetos do acervo por meio das coleções. Diálogos entre os personagens vão construindo as noções de acervo de museu e neles é destacada a importância da organização e classificação dos objetos do acervo. Nesse diálogo, o Museu é apresentado com um grande colecionador que seleciona, organiza, guarda e expõe seus

objetos. Além disso, é mencionada a função do restaurador em um museu e sua importância na conservação e preservação do acervo do Museu e, por conseguinte, da história da cidade. Uma palavra cruzada sistematiza as noções/conceitos de museu, memória, restaurador, exposição, coleção.

À medida que os personagens percorrem o espaço expositivo, os objetos vão ganhando vida contando suas memórias, permitindo a eles uma viagem pela história da cidade a partir do contato com os objetos. Assim, objetos do universo dos transportes vão entrando na cena da visita imaginária e contando aspectos da sua existência antes de se tornarem objetos de museu. Em seguida, no alto da página espelhada são apresentadas quatro imagens dos meios de transporte (bonde, carro de boi, coche e Maria Fumaça) e na parte inferior são dispostas quatro imagens de paisagens da cidade em diferentes momentos históricos, acompanhadas de legendas. Nessa atividade é solicitado que as crianças numerem os meios de transporte de acordo com o período correspondente, num exercício de ordenação e localização temporal, como mostra a figura 3.

Figura 3: Atividade Meios de Transporte



Fonte - Almanaque MHAB n. 01 Ano: 2003

Na sequência, as crianças são convidadas pelo *guia* a conhecerem o Casarão cuja imagem apresentada em uma folha espelhada revela aspectos da fachada colonial. Um corte frontal na fachada permite a visualização dos objetos no interior da casa, compondo um cenário de uma moradia rural do final do século XIX, entremeado por objetos contemporâneos. Em volta da imagem da casa aparecem balões sugerindo um diálogo entre o *guia* e as crianças em torno da história do Casarão e do Curral Del Rei. A atividade sugerida é a identificação de objetos deslocados no tempo que aparecem propositadamente no desenho (ventilador, liquidificador, lâmpada, antena parabólica e geladeira).

Nas páginas seguintes os personagens, ao se darem conta da passagem do tempo e do afastamento dos outros colegas e da professora, resolvem voltar ao grupo e ao se despedirem do *guia*, descobrem que se tratava do Abílio Barreto e, então, sucede-se um curto diálogo sobre a relação do Abílio Barreto com a história do Museu, quando de repente o Abílio some por entre os objetos do acervo do Museu. A atividade que se segue é um passatempo - Você viu o Sr. Abílio por aí? Ao reencontrarem o Abílio, Digo e Tininha são convidados pelo Sr. Abílio a retornarem ao Museu e escreverem uma cartinha para o Museu contando o que acharam da visita. Nas páginas finais do Almanaque se encontram laudas destinadas à escrita da cartinha ao museu.

Desse modo, o texto vai apresentando conteúdos atinentes ao universo museal, contemplando um amplo leque de noções e conceitos que vão desde a concepção de museu passando pelas noções de memória, pela resignificação dos objetos no contexto do Museu até atingirem o estatuto de documento e testemunho da história; a compreensão sobre coleção e a forma como o Museu as organiza e as constitui; o conceito de coleção e acervo e seu tratamento, organização e classificação, além do papel do restaurador no Museu e sua importância na conservação e preservação do acervo do Museu e, por conseguinte, da memória e história da cidade. Todos esses aspectos compuseram o repertório conceitual do campo museal do primeiro volume do Almanaque.

O caminho narrativo e as características do suporte escolhido fornecem pistas da abordagem metodológica adotada pelo setor educativo no trato com a memória e a história da cidade. A perspectiva dialógica entre os personagens visitantes, o “guia” e os objetos indica a opção adotada pelo o setor educativo na promoção do acesso ao conhecimento sobre a cidade.

As diferentes atividades recreativas (labirinto, palavra cruzada e enigma – você viu o Abílio?), intercaladas ao longo do percurso narrativo do Almanaque, preservam uma característica intrínseca ao universo dos Almanques em suas versões modernas que, além de portadores de um conjunto de informações úteis para a vida cotidiana, conservam suas características de lazer e entretenimento ¹⁶⁷.

As atividades de organização das coleções, de ordenação temporal dos meios de transporte e aquela que permite a identificação de anacronismos entre os objetos dispostos no Casarão mobilizam habilidades cognitivas de observação, identificação, comparação, discernimento, separação e agrupamento, além de operações de natureza temporal como ordenação, sucessão, quantificação do tempo, percepção de mudança por meio do estabelecimento da relação presente-passado. Exige ainda a mobilização de outras operações e dimensões que envolvem a temporalidade histórica, como a construção do sentido do passado, a noção de contexto, atribuição de sentido/significado ao tempo cronológico e o desenvolvimento da empatia histórica.

Nos dois materiais analisados, são propostas atividades que contribuem para a construção de habilidades indispensáveis à compreensão da história. Segundo Le Goff (1992, p. 203), “[...] a distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. É pois uma operação fundamental da consciência e da ciência histórica”. Essas atividades possibilitam o desenvolvimento de habilidades gerais e específicas no campo da história e do seu ensino seja no universo escolar, seja no museu.

Nessa medida, vai se tornando evidente a opção do Museu no trabalho com a memória nos/dos objetos como substrato para a compreensão da história. Nessa perspectiva, os objetos são tomados como fontes para conhecimento da história da cidade. Ao mesmo tempo, o Museu também é tomado como objeto de conhecimento, na medida em que operações do campo da museologia vão sendo mobilizadas visando à compreensão do espaço museal.

¹⁶⁷ Como descreve Botrel, *apud* Meyer (2001:18): “[...] frequentemente enciclopédico e vetor de progresso, o almanaque oferece, com efeito, receitas práticas ou aulas (de história nacional ou ciência), úteis ou necessárias para a vida cotidiana dos indivíduos – **sem esquecer seus aspectos recreativos** -, ou para a construção de laços comunitários” (grifo nosso). A utilização dos Almanques como fonte de pesquisa, sobretudo no campo da história, tem crescido nos últimos anos no Brasil conforme Trizotti (2010), em decorrência da ampliação dos temas de pesquisa que se deslocam do eixo econômico e político para incluírem outros temas do universo subjetivo da existência humana, como leitura, livro, saúde, odores, sonhos, dentre outros, alterando e ampliando significativamente a concepção de documento histórico (LE GOFF, 2003). Para além dos estudos históricos, ver também Casa Nova (1996).

Na avaliação feita em 2005, os resultados apontaram uma avaliação positiva por parte dos professores entrevistados quanto à utilização do material em sala. O formato parecido com o da revista em quadrinho, os jogos, os aspectos como a linguagem e o conteúdo foram considerados adequados e instigantes. As atividades foram tidas como estratégias validas no desenvolvimento da coordenação visual e motora das crianças.

2.8 Algumas considerações

A imersão no universo documental do setor educativo do Museu Histórico Abílio Barreto permitiu perscrutar elementos de uma trajetória histórica marcada por transformações substantivas em sua concepção museológica que resultou na redefinição do lugar do Museu no cenário cultural da cidade. Na esteira do movimento de revitalização do MHAB e no bojo dessa *virada conceitual* encontramos as bases do Programa de Educação Patrimonial do MHAB construído ao longo de quinze anos de atuação de uma equipe articulada em torno de um novo projeto museológico redesenhado em um contexto de intensas transformações no cenário político, educacional e cultural da cidade.

Assim, dos primeiros documentos analisados que indicavam um tipo de visita centrada na transmissão-recepção de informações acerca da história oficial de Belo Horizonte, somavam-se os primeiros relatórios de consultoria externa datados de 1993. Estes apontavam a necessidade de superação de um modelo de visita guiada, pautado na transmissão de informações e na superação de uma concepção de história petrificada, marcada pela memorização de datas e personagens representativos de uma história oficial da cidade¹⁶⁸. Até a adoção de um amplo Programa de Educação Patrimonial, evidenciou-se uma trajetória de redefinições e escolhas pautadas em uma nova política museológica, assentada nos seguintes pilares:

ruptura com a concepção celebrativa do passado, com a memória oficial e com a visão de tempo unidirecional. Em favor de um projeto de História fundamentado em novos problemas e dilemas da vida urbana em suas múltiplas dimensões e pluralidade de memórias e marcado pela multiplicidade de tempos históricos;
compromisso com a democratização e preocupação com as múltiplas dimensões da vida social urbana;

¹⁶⁸Cf. MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Proposta de Trabalho ao Museu Abílio Barreto: Consultora Cláudia S. Ricci – junho de 1993. Arquivo Administrativo.

clareza da sua vocação como museu histórico comprometido com o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a cidade;
ampliação do universo de ação do Museu, para além dos seus espaços formais (ações extramuros);
desenvolvimento de um Programa de Educação Patrimonial que tomasse o patrimônio cultural da cidade como centro das suas atividades educativas;
dinamização da mediação centrada nos objetos da cultura material, como fontes para produção do conhecimento histórico e desenvolvimento de uma consciência patrimonial.

Todos esses fatores contribuíram para a definição de um programa educativo orientado para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a cidade. A partir da redefinição da sua identidade institucional e da clareza da sua vocação como equipamento cultural responsável pelo ordenamento da memória municipal, o Museu se afirmou como importante referência na produção, reflexão e difusão da história de Belo Horizonte, consolidando o seu Programa de Educação Patrimonial. A escola se constituiu em sua principal interlocutora.

Entre os anseios de mudanças manifestados pelos agentes do Museu, as sugestões críticas apontadas pelos consultores externos e os processos de auto-avaliação e reflexão das ações institucionais, o Programa de Educação Patrimonial do MHAB foi sendo tecido ao longo dos anos, nos limites e possibilidades próprios da trama institucional, num processo de experimentações e reflexões ainda em curso no museu.

A análise desse processo histórico evidenciou dois aspectos que merecem ser destacados. Um primeiro diz respeito ao protagonismo do museu na gestão de uma nova identidade organizacional, responsável pela construção de novas relações com a cidade, reinventando novos papéis e construindo uma imagem de referência para a memória e história da cidade, que repercutiram no cenário nacional conferindo-lhe respeitabilidade¹⁶⁹. O conjunto de estratégias mobilizadas pelo Museu¹⁷⁰ e pelo setor educativo em particular resultaram numa visibilidade das ações do Museu conferindo-lhe respeito e admiração entre a comunidade escolar de um modo geral.

¹⁶⁹ Ver Pereira (2007)

¹⁷⁰ Para uma melhor compreensão das ações implementadas nos demais setores do Museu, ver Pimentel (2004).

O outro aspecto decorrente do primeiro foi a expansão de suas ações que resultou num processo de musealização¹⁷¹ da cidade e, por conseguinte, da escola. O conceito de acervo operacional com o qual o museu passou a operar estende o seu campo de atuação e, no âmbito das ações educativas, a realização do projeto *Onde mora minha história?* constituiu uma experiência singular de intervenção museal na cidade através da escola. Embora esse projeto não tenha sido o foco privilegiado deste estudo, parece-nos pertinente uma análise mais aprofundada em torno dos impactos que ele apresentou na forma de produzir o conhecimento histórico escolar mediado pelos agentes do museu, constituindo um processo de musealização da escola, na escola e por meio dela.

¹⁷¹ Musealização é aqui entendida como “[...] uma das formas de preservar o patrimônio cultural, realizada pelo museu. Constitui a ação, orientada por determinados critérios e valores, de recolher, conservar e difundir objetos como testemunhos do homem e do seu meio. Processo que pressupõe a atribuição de significado aos artefatos, capaz de conferir-lhes um valor documental ou representacional”, na definição da SUN – Superintendência de Museus de Minas Gerais, atualmente SUMAV – Superintendência de Museus e Artes Visuais. Ver: MINAS GERAIS -SUM – Superintendência dos Museus Mineiros – Dúvidas mais frequentes. Disponível em: http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernodiretrizes_setimparte.pdf. Consulta realizada em 16 de março/2010. Recentemente tem se discutido o processo de *musealização* da esfera social na sociedade contemporânea como um fenômeno fundado numa preocupação cada vez maior com a “[...] preservação ou recuperação dos vínculos com o passado, acompanhada por uma diversificação dos usos e sentidos da história”. Ver. PIO (2006, p.48)

CAPÍTULO II - O MUSEU NA RELAÇÃO COM A ESCOLA: APONTAMENTOS SOBRE A ORGANIZAÇÃO E A RECEPÇÃO DO PÚBLICO ESCOLAR PELO MUSEU

Este capítulo apresenta uma análise sincrônica das ações desenvolvidas pelo Museu e resulta das observações de campo realizadas no período que se estendeu de fevereiro de 2009 a fevereiro de 2010, totalizando um ano de contato com o universo pesquisado.

Durante o tempo de permanência no Museu, interessava-nos compreender o que era considerado ação educativa na sua relação com o público escolar e o modo como o museu se organizava para receber esse público, nos diferentes aspectos envolvidos nessa recepção, desde a sua preparação até o momento da realização da visita. Assim, nosso olhar procurou perscrutar as várias dimensões envolvidas na recepção do público escolar nos três movimentos desse processo: o antes, o durante e o depois da visita, na tentativa de identificar os múltiplos aspectos envolvidos nessa experiência. Enfocamos ainda as formas de apropriação e uso pelos professores revelados no tempo da visita.

1 - ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A ESCOLHA PELA ETNOGRAFIA NOS ESTUDOS EM MUSEUS

Como dissemos, a opção pela etnografia em nossa pesquisa se fez pela necessidade de compreensão do fenômeno da visita escolar no contexto de sua realização, ressaltando o aspecto microscópico e artesanal da pesquisa de natureza antropológica destacado por Geertz (1978)¹⁷².

A etnografia tem se mostrado fértil nas pesquisas em educação e tem orientado estudos cujo foco se volta para a compreensão da cultura como constitutiva e constituída pelas práticas diárias dos membros dos grupos sociais (GREEN, et al., 2005). Embora em número reduzido, alguns pesquisadores lançaram mão da etnografia para elucidação de problemas de pesquisa em museus brasileiros, como Cazzelli (1992), Freire (1992) e Valente (1995). A imersão no contexto museal constituiu-se uma possibilidade de compreensão de

¹⁷² Geertz (1978) afirma que os etnólogos não estudam aldeias, mas **em** aldeias.

aspectos estruturantes desta instituição em pleno processo de mutação na sociedade contemporânea, bem como dos seus desenhos locais.

A despeito da controvérsia que envolve a pesquisa etnográfica concordamos com o que disse Peirano (1995) sobre a riqueza de um relato etnográfico.

Toda (boa) etnografia precisa ser tão rica que possa sustentar uma reanálise dos dados iniciais. Nela, as informações não são oferecidas apenas para esclarecer ou manter um determinado ponto de vista teórico, mas haverá sempre a ocorrência de novos indícios, dados que falarão mais que o autor e que permitirão uma abordagem diversa (PEIRANO, 1995, p. 56).

Seja no campo da educação, seja em outro campo de conhecimento como a educação em museus, sobretudo pelo seu compromisso em elucidar a densidade da experiência vivida, esperamos oferecer uma aproximação possível daquilo que se constituiu como ação educativa no contexto do Museu Abílio Barreto no período analisado.

1.1 A aproximação do campo

A cidade amanheceu sob uma fina camada de chuva que acinzentava o céu e deixava o trânsito lento, desafiando a urgência dos cidadãos em finais de ano de 2008. Assim, movíamos-nos para o nosso primeiro contato com a equipe do Setor Educativo do Museu Histórico Abílio Barreto na condição de pesquisadora.

As placas marrons espalhadas pelos arredores da Cidade Jardim - bairro de classe média alta que abriga o Museu Histórico da cidade - indicavam a localização do Museu. Estacionamos nas proximidades do Museu em uma de suas ruas laterais, onde é possível identificar cavaletes que delimitam e reservam vagas para os ônibus escolares ao lado da escada lateral que leva ao jardim.

No amplo espaço do jardim por entre árvores, arbustos, flores, gramas e bancos, aparecem grandes objetos abrigados por coberturas metálicas compondo um percurso expositivo: o bonde, a locomotiva (a Mariquinha), o carro de boi, o prelo, o elevador... abrindo janelas do tempo. Do outro lado da rua, delimitado por placas de vidro, os carros estacionados e as construções do entorno nos convidam a pensar na cidade que se estendeu tempo afora, construindo outras memórias e outras histórias.

O passeio pelos jardins revelava ângulos que anunciavam a passagem do tempo. Do carro de boi à locomotiva, do bonde aos modernos carros estacionados e em circulação nas

ruas do entorno do museu, se pode traçar uma *linha do tempo* dos modos de circulação experimentados pela cidade ao longo da sua história.

O barulho contínuo dos motores e a música alta, vinda dos rádios dos carros que os lavadores teimavam em nos fazer ouvir, nos fixavam no tempo presente. Enquanto os objetos expostos nos jardins nos convidavam a um retorno a outras temporalidades. Tudo ali nos remetia à história: de um lado, os objetos do Museu e, de outro, a visão da cidade que se estendia no entorno, nos fazendo pensar em mudanças e permanências. O movimento da mudança se evidencia na oposição/sobreposição do novo e do velho. Entre o presente e o passado nossos sentidos iam sendo aos poucos convidados à fruição histórica.

Abraçados pela cidade estão o Casarão e o novo edifício que abriga a sede do Museu, emoldurados pelos jardins. Se o Casarão acolhe o tempo do arraial, o edifício Sede traduz em seus arrojados traços os novos tempos da Belo Horizonte, prenunciados nos primeiros tempos da nova capital. Vestígios das diferentes temporalidades. Espalhados pelos jardins, os totens¹⁷³ com imagens e textos contam aspectos da história da cidade capital evocando outras memórias. No muro lateral, um grande mapa projeta os ilimitados contornos da capital centenária.

No interior do Casarão num dos cômodos do andar térreo, onde antes provavelmente se abrigavam os trabalhadores domésticos ou eram guardadas as ferramentas de trabalho dos moradores da antiga sede da fazenda do Leitão, funciona o Setor Educativo do Museu. Naquela sala pequena e aconchegante fomos recebidos por uma das funcionárias da equipe técnica do Museu que nos falou das principais atividades desenvolvidas pelo setor educativo, mostrou o arquivo do setor e me conduziu ao edifício sede a fim de apresentar os outros setores do museu. Feitas as apresentações, estava dada a partida para um trabalho que se estenderia por um ano de observação etnográfica.

A imersão no universo museal nos permitiu perceber a dinâmica de funcionamento do setor educativo e acompanhar a tessitura diária de um programa complexo que compreende várias frentes de ação. Possibilitou ainda acompanhar os alunos e professores irrompendo o silêncio costumeiro do Museu com seus sons e ruídos que compõem a cantilena diária da escola.

¹⁷³ Suportes expositivos que compunham a exposição permanente *Belo Horizonte: tempo e movimento da cidade capital* que será abordada no item seguinte do texto.

1.2 Notas sobre a produção de informações

No início de fevereiro de 2009, retornamos ao Museu para começar as observações de campo. As nossas idas ao Museu se concentraram em três dias da semana: segunda e terça à tarde e quinta de manhã e à tarde, e se estenderam até fevereiro de 2010, encerrando um ciclo de um ano de pesquisa etnográfica, estendido por mais dois meses para término da pesquisa documental.

Passei a fazer o acompanhamento das atividades em diferentes momentos do trabalho da equipe do setor educativo. No princípio havia um estranhamento à minha presença e os objetivos de minha pesquisa não estavam muito claros. À medida que nossa estada foi se tornando rotineira, pude falar com mais vagar sobre os interesses da pesquisa e esclarecer acerca do lugar de onde nós falávamos. À medida que o nosso fazer naquele espaço foi sendo compreendido, conquistamos maior familiaridade com o ambiente e nos sentimos mais confortável entre o grupo. As muitas conversas informais com a equipe do setor educativo foram de extrema importância na construção da relação com o universo pesquisado. Elas possibilitaram o conhecimento das pessoas e dos trabalhos ali desenvolvidos e permitiram maior familiaridade com aquele novo espaço. Aos poucos fomos nos tornando parte daquele lugar, sem, contudo, deixar de ser o que desde o início sempre fomos: uma estranha. Entretanto, uma estranha em um ninho muito acolhedor. Por vezes, os professores nos confundiram como alguém da equipe do museu e, até, chegamos a orientar uma visita escolar no módulo externo da exposição. Com muitas *lições de mediação* que havia recebido, pus em ação o Roteiro de Leitura do Bonde em um dia de maior agitação no Museu. Em geral, acompanhamos a equipe nas diferentes atividades desenvolvidas, com exceção das reuniões administrativas do Museu e dos atendimentos realizados fora do Museu (Escola da Penitenciária Feminina Estevão Pinto e a Escola Municipal Vinícius de Moraes, em Belo Horizonte).

Todas as observações estão registradas nos cadernos de campo totalizando dois volumes onde foram inscritas as informações que alimentaram este texto. Agregamos às nossas análises alguns dados derivados das observações realizadas pela bolsista de iniciação científica do Projeto Museu e Escola: um duplo olhar sobre as ações educativas dos museus de Minas Gerais; projeto este ao qual o nosso estudo está vinculado. As idas da bolsista ao MHAB ocorreram às segundas e terças-feiras no período da tarde entre março e dezembro

de 2009, excetuando o período das férias escolares da estudante (julho). Nas segundas-feiras o Museu é fechado para visitas, a bolsista acompanhou as reuniões do setor educativo, as atividades do Grupo de Estudos e algumas visitas escolares ocorridas às terças-feiras. Seu foco de interesse, semelhante ao nosso, voltou-se também para a análise das Fichas Avaliativas preenchidas pelo professor ao final da visita, a fim de conhecer os objetivos da visita declarados pelos professores e as sugestões feitas ao Museu. A organização da visita previa a divisão dos alunos em dois grupos que se alternavam nos dois percursos. Geralmente a bolsista acompanhava um grupo enquanto acompanhávamos o outro (terças-feiras). Assim, os registros das observações das visitas escolares e as informações do Relatório de Iniciação Científica¹⁷⁴ da bolsista foram incorporados ao nosso corpus documental.

2 - O MUSEU E SEUS ESPAÇOS EXPOSITIVOS

2.1 - O espaço físico do Museu

O Museu Histórico Abílio Barreto ocupa uma área de aproximadamente 1.850 m² no bairro Cidade Jardim a poucos metros da avenida do Contorno na Regional Sul de Belo Horizonte. O seu espaço físico compreende duas edificações interligadas por uma praça de eventos com um palco, bancos e jardins com árvores centenárias.

A primeira edificação é o antigo Casarão que era a sede da Fazenda do Leitão no antigo Arraial do Curral Del Rey. Foi construída por Candido Lúcio da Silveira por volta de 1883, com características das construções oitocentista, sustentadas em madeira e barro (pau-a-pique). Tendo a fachada principal na confluência entre as ruas Josafá Belo e Bernardo Mascarenhas, recebe os seus visitantes por entre amplos jardins sem divisas com o entorno.

¹⁷⁴ Relatório de conclusão de pesquisa do [no] Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB). Bolsista Luana Puff do Núcleo de Apoio à Pesquisa – NAPQ vinculada ao Projeto *Projeto Museu e escola: um duplo olhar sobre as ações educativas dos museus de Minas Gerais* Belo Horizonte: FaE-UFMG, 2010.



Foto: Fachada do Casarão do MHAB/Lilian Leão



Desenho do Casarão – Dayane-11 anos

Em localização diametralmente oposta encontra-se um edifício projetado entre nos fins dos anos 90 pelos arquitetos Álvaro Hardy, o Veveco, e Mariza Machado Coelho, com traços da arquitetura contemporânea revestida em aço e vidro. O acesso principal ao edifício se dá pela Avenida Prudente de Moraes pelas escadas que se estendem para a rua. O Edifício Sede se integra à cidade, como num convite permanente à participação pública.



Foto: Edifício Sede do MHAB/portalpbbh.pbh.br

Por entre os jardins do Museu, encontram-se expostos os objetos de grande porte protegidos por estruturas de metal: O Bonde, a locomotiva – a Mariquinha; o Prelo, o Elevador e o Carro de Bois.

2.2 As exposições em cartaz

No período de fevereiro de 2009 a fevereiro de 2010, em que foram realizadas as observações de campo, o Museu manteve em seus espaços expositivos quatro exposições de curta, média e longa durações.

A exposição de longa duração *Belo Horizonte: tempos e movimentos da cidade capital*, inaugurada em 2006, era

[...] constituída por dois módulos: o primeiro, exibido no interior do Casarão, propunha reflexões sobre o modo de vida do antigo Arraial do Curral del Rei. O segundo, na área externa, apresentava um circuito expositivo que tratava a História de Belo Horizonte a partir de quatro marcos cronológicos: a cidade construída em fins do século XIX, sua expansão e crescimento nas décadas de 1940/1950, suas transformações nos anos 1960/1970 e, finalmente, a cidade centenária¹⁷⁵.

O primeiro módulo abrigado no segundo andar do Casarão foi desmontado em outubro de 2009 junto com os totens espalhados na área externa do Casarão, permanecendo os objetos de grande porte.

Esta exposição era composta basicamente por objetos de uso doméstico, objetos de trabalho, peças religiosas, quadros e fotos do antigo Arraial, além de objetos usados na construção de Belo Horizonte pertencentes à Comissão Construtora da Nova Capital. Foi a exposição mais frequentada pelo público escolar durante a realização da pesquisa talvez por abordar aspectos do cotidiano do Arraial, da transferência da capital e os diferentes tempos da cidade-capital. Temas que guardam estreita relação com o conteúdo curricular dos anos iniciais do ensino fundamental da Educação Básica – história local. As fotos¹⁷⁶ a seguir permitem visualizar alguns objetos da exposição.

Módulo 1:



Foto: O Casarão

¹⁷⁵ Disponível em < www.amigosdomhab.org.br> Acesso em 12 julho de 2010.

¹⁷⁶ Todas as fotos são de autoria de Lílian Leão, estagiária do museu e foram gentilmente cedidas por ela para este trabalho, não sendo permitida a sua reprodução para outra finalidade.

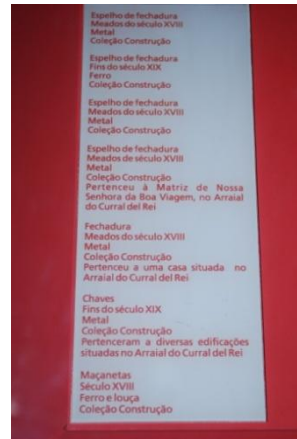
Sala 1 – Apresenta elementos do Arraial do Curral Del Rey



Fotografias do Arraial do Curral del Rei



Chaves



Legenda Vitrine das Chaves

Sala 2: Sala da Comissão Construtora



Objetos da Comissão Construtora



Fotografia da Comissão Construtora



Objetos da Comissão Construtora

Sala 3 - Pinturas e Plotagens de imagens do Antigo Arraial



Fotografia e Quadros do Arraial do Curral Del Rei



Quadros do Arraial do Curral Del Rei

Sala 4 – Mobiliário: Quarto de Casal



Cama



Gomil

Sala 5- Objetos de trabalho



Roda de Fiar/Lampião/ Candeia de Ferro/Medidas e Capacidades

Sala 6 e 7: Objetos domésticos

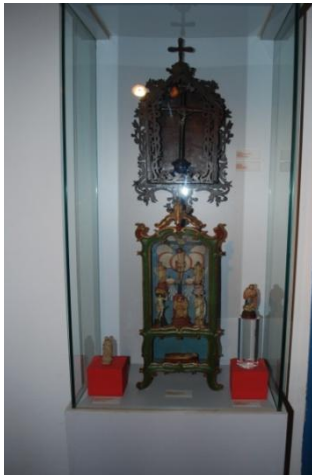


Pilão/Panela de Barro/Almofariz/Escarradeira



Panela/Taxo/Bandeja

Sala 6 e 7 - Mobiliário e Escultura



Oratórios



Escultura de Santos/Emblema do Coração de Jesus/Canapé



Escarradeira e Mesa Rústica



Senhor dos Passos e Crucifixo

Sala 8 – Objetos representativos da transição do Império para a República



Brasão de Armas do Império do Brasil



Bustos: Marechal Floriano Peixoto/
Marques de Barbacena



Espadas



Busto da República dos Estados Unidos do Brasil

Módulo 2: Espaço externo¹⁷⁷



Bonde



Carro de Boi



"Mariquinha"



Prelo

¹⁷⁷ As fotografias desta página, referentes ao espaço externo do MHAB, são de autoria de Fernanda Ricci.



Elevador

Após um curto período fechado para desmontagem da exposição de longa duração, o Casarão foi reaberto com a exposição temporária *Nos porões da razão, em nome da loucura*, comemorativa dos 30 anos do movimento antimanicomial em Minas Gerais, que permaneceu em cartaz de dezembro de 2009 a fevereiro de 2010.

Em março de 2010, inaugurou-se uma nova exposição de longa duração intitulada *Paisagem em mutação: a invenção de Belo Horizonte* que:

[...] narra o processo de criação da cidade que nasceu para ser capital de Minas, destacando suas contradições e múltiplas interpretações.[...] Ao percorrer os cômodos do Casarão, em meio a textos narrativos, objetos de uso doméstico, mobiliário, quadros, documentos textuais, livros, mapas e fotografias, o visitante poderá acompanhar essa história, uma tentativa de se inventar uma cidade que, apesar de nascente, estava repleta de antigas recordações¹⁷⁸.

O compartimento térreo do Casarão abrigava a exposição: *O Casarão: da fazenda ao Museu histórico da cidade*, mostrando os diferentes usos do Casarão ao longo do tempo e permitindo ao visitante conhecer as principais apropriações e usos do Casarão antes de se tornar o Museu da Cidade de Belo Horizonte. A exposição teve por objetivo

[...] apresentar a casa desde o seu uso como sede da Fazenda Velha do Leitão, ainda no século XIX, até a inauguração do Museu Histórico de Belo Horizonte, em 1943. Nesse período, o Casarão e seu entorno foram utilizados como viveiro de plantas e sementes, colônia agrícola, posto de zootecnia e

¹⁷⁸ Site da Associação Amigos do Museu Histórico Abílio Barreto: www.amigosdomhab.org.br. Consulta realizada 15 de maio 2010.

como residência de funcionário do Ministério da Agricultura. A narrativa expográfica é composta por três módulos, abordando o Arraial do Curral del Rei, a cultura material das fazendas do século XIX e os vários usos públicos do Casarão antes da constituição do Museu¹⁷⁹.

Na Sala Usiminas, situada no edifício sede do Museu, permaneceu a exposição de média duração *Novos acervos – MHAB 2003-2008* que refletia sobre

[...] a implantação de uma nova política de trabalho, que passou a tomar a cidade – e não mais apenas sua história – como grande tema do Museu. O visitante encontrará nessa exposição, não só os objetos tradicionalmente entendidos como “de museu”, mas também outras categorias: pequenos itens da vida cotidiana, instrumentos de trabalho, documentos privados, depoimentos de gente comum, músicas que falam da cidade, “coisas” que, no tempo e no espaço, representam a dinâmica da metrópole¹⁸⁰.

Apesar do interesse de um grupo significativo de escolas, a exposição *Novos Acervos* não teve uma mediação estruturada como nas exposições de longa duração. Havia uma orientação geral com questões motivadoras que eram retomadas e discutidas com os estudantes ao final da visita. Durante o período observado essa exposição teve uma frequência maior de estudantes do ensino médio e EJA.

O Foyer do Edifício Sede do Museu abrigou duas exposições temporárias: *100 Anos do Clube Atlético Mineiro e O verso da Imagem: colecionando história em cartões postais*. A primeira foi uma exposição comemorativa dos 100 anos de um dos mais importantes clubes de futebol da cidade de Belo Horizonte e do estado de Minas Gerais e a segunda foi composta por uma coleção de cartões postais da cidade de Belo Horizonte de 1900 a 1990, reunida por Hélio Gravatá. Essas exposições foram frequentadas por alguns grupos de escolares conforme o interesse e o tempo disponível de cada grupo.

O espaço expositivo mezanino abrigava a *Exposição Peça do Mês*, e o hall de entrada do Edifício Sede acolhia a *Pinacoteca MHAB*. Estes últimos, pouco visitados pelos escolares ao longo do período em que estivemos em campo.

O setor educativo geralmente oferece mediação nas exposições de longa duração que são elaboradas pela sua equipe. No entanto, os professores têm livre escolha na condução dos alunos às exposições temporárias, caso seja de interesse do grupo.

¹⁷⁹ Site da Associação Amigos do Museu Histórico Abílio Barreto: www.amigosdomhab.org.br. Consulta realizada 15 de maio 2010.

¹⁸⁰ Site da Associação Amigos do Museu Histórico Abílio Barreto: www.amigosdomhab.org.br. Consulta realizada 15 de maio 2010.

3 - A TRAMA ADMINISTRATIVA E A ROTINA DO SETOR EDUCATIVO

3.1 Notas sobre a nova Administração Municipal e as mudanças no MHAB

O Museu é um equipamento cultural da cidade vinculado à Fundação de Desenvolvimento da Cultura, órgão responsável pela gestão da política cultural da cidade de Belo Horizonte.

A eleição em 2008 do novo prefeito Márcio Lacerda do Partido Socialista Brasileiro (PSB), após quatro anos de administração do Fernando Pimentel do Partido dos Trabalhadores (PT), implicou mudanças nos rumos da administração municipal. O ano de 2009 foi, portanto, um ano de ajustes na nova administração do município com as alterações nos cargos de confiança nos diferentes escalões da administração municipal. Em abril de 2009, foi anunciado o nome do novo Diretor do Museu, o arquiteto Leônidas José de Oliveira¹⁸¹.

No âmbito interno, as mudanças na direção do Museu trouxeram uma atmosfera de incertezas quanto aos rumos a serem tomados pela Instituição. Desde 1993 com a eleição do prefeito Patrus Ananias do Partido dos Trabalhadores, o Museu havia experimentado gestões marcadas pela continuidade do projeto político inaugurado em 1993 com a sua revitalização (1993-2003). Havia, portanto, muitas expectativas em torno dos rumos que a nova diretoria daria àquela instituição cultural e quais seriam as orientações a serem tomadas pelo diretor recém-empossado. Questões acerca da continuidade e possíveis descontinuidades em relação à proposta adotada em 1993 como a vocação do Museu, a identidade de um museu histórico e o seu papel na cidade figuravam entre as preocupações da equipe do Setor Educativo e do Museu como um todo.

Os *tempos de ajuste* dos primeiros meses da administração recém-empossada impactaram os projetos culturais da cidade, provocando rumores de insatisfação. Em 22 de novembro de 2009, o Jornal Estado de Minas publica em seu caderno de Cultura uma matéria intitulada *Por que parou?* na qual “[...] artistas e produtores reclamam do ritmo lento dos programas culturais da prefeitura de Belo Horizonte”¹⁸².

¹⁸¹ A direção do museu é um cargo de confiança do prefeito, responsável pela indicação do diretor. A saída da diretora do Museu Thais Pimentel, no ano de 2008, em cumprimento à Lei Anti-Nepotismo, leva à indicação de uma diretoria temporária assumida pela arquiteta Denise Baía que permaneceu no museu até março de 2009.

¹⁸² Jornal Estado de Minas – Caderno de Cultura – Belo Horizonte, 22 de novembro de 2009.

No Museu, esse tempo de redefinições e de maior escassez orçamentária afetou a produção de novas exposições e a contratação pessoal, incluindo os estagiários do Setor Educativo. A ausência de uma política estável de contratação de pessoal, como em todo equipamento cultural da cidade subordinado à administração municipal, é uma das faces da histórica carência de investimento na área da cultura.

O quadro de pessoal do museu é composto por funcionários de outras secretarias em regime de concessão, prestando serviço neste local. Para se ter uma dimensão dessa situação, apenas em 2008¹⁸³ é que se publica o primeiro edital para concurso de técnicos para a área da cultura no município de Belo Horizonte. No início de 2010, começaram a ser nomeados os primeiros aprovados no referido concurso, preenchendo parte da carência dos órgãos de equipamentos culturais da cidade vinculadas à Fundação de Desenvolvimento da Cultura.

A retomada da programação cultural do Museu, a partir de março de 2010, como a volta *Domingo no MHAB* e a inauguração da nova exposição: *Paisagem em mutação: a invenção de Belo Horizonte*¹⁸⁴ são indícios de uma retomada da dinâmica cultural nos tempos e termos da nova administração municipal.

Foi, portanto, nesse ambiente de mudanças, renovações e incertezas, que realizamos a observações de campo junto ao setor educativo do MHAB.

3.2 O setor educativo do MHAB

O *Setor Educativo* do Museu, como é comumente conhecido, ocupa uma pequena sala no andar térreo do Casarão. Tal localização nos fez inicialmente imaginar que essa escolha tivesse sido motivada pelo desejo da equipe em permanecer próxima às exposições de longa duração no Casarão – espaço expositivo mais visitado pelo público escolar - e pela necessidade de facilidade de acesso à sala multiuso destinada à realização de atividade educativas. O que não era de todo inverdade. No entanto, foi a ausência de uma sala

¹⁸³ PMBH - Fundação Municipal de Cultura - Edital 1/2008- DOM – Diário Oficial do Município. <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DomDia>>. Consulta realizada em novembro 2011.

¹⁸⁴ A Exposição paisagens em mutação, inaugurada em março de 2010 é abrigada no Casarão. Disponível em <<http://www.amigosdomhab.org.br/>>. Acessado em 14 de julho de 2011.

destinada à ação cultural no projeto arquitetônico do Edifício Sede que fez a equipe permanecer no Casarão¹⁸⁵.

A prioridade na construção de uma sala multiuso e a falta de espaço na sede do Museu são indícios de uma possível compreensão limitada acerca do setor educativo como órgão responsável pela execução e reprodução, em detrimento do seu papel criativo e propositivo, tão denunciado nos estudos sobre museu e educação (FREIRE, 1992; VALENTE, 1995; MARTINS, 2006 dentre outros). Uma leitura dos significados implicados na *geopolítica dos lugares* nos chamou a atenção para a questão do papel reservado à educação na Instituição.

O tempo de permanência de um ano no Museu acompanhando as atividades do setor educativo nos mostrou uma equipe envolvida em diversos projetos por eles elaborados e desenvolvidos, em meio à sobrecarga das demandas institucionais e do aumento crescente do público associada à precariedade do quadro de funcionários.

No ano de 2009, o setor educativo do Museu contava com uma equipe técnica composta por três educadores, sendo dois historiadores e um pedagogo e dois estagiários com bolsas da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e estagiários de Graduação em História e estagiários do Curso Técnico em Turismo do CEFET¹⁸⁶.

Naquele ano, o setor educativo do Museu recebeu 11.124 alunos¹⁸⁷ num total de aproximadamente 250 escolas, tendo deixado de atender uma demanda considerável de escolas, mantendo várias na lista de espera.

¹⁸⁵ É importante lembrar que na estrutura criada a partir de 1993 a Educação Patrimonial era um dos programas do que viria a se constituir como a linha de ação denominada *Ação Cultural* do Museu que compreendia ainda as exposições e difusão cultural (LACERDA et alii, 2004). Barbosa (2008) chama a atenção para um fato comum que ocorreu em algumas instituições brasileiras de evitarem o uso da expressão *educação* em suas atribuições. Para ela, o uso dessas expressões “*desviantes e maquiadoras como ação educativa, ação cultural, curadoria educativa*” revela certo desprezo pela questão educativa que precisa ser superada. Segundo ela, essa atitude deriva do que chamou de síndrome de rejeição à educação que acometeu a Europa no pós-68, mas que já foi superada. Talvez a falta de clareza sobre o papel da educação nos museus brasileiros também tenha colaborado para esse desvio. No MHAB atualmente, o setor educativo é denominado Divisão de Educação Patrimonial que, junto com a Divisão de Acervo e Pesquisa, Divisão de Processamento Técnico e Divisão de Pesquisa, compõem o Departamento de Acervo e Pesquisa, como mostra o Organograma do MHAB. Ver ANEXO B - Organograma Funcional do MHAB/CCBH

¹⁸⁶ O número de estagiários com bolsas da Prefeitura Municipal está sujeito à liberação de verbas. No ano de 2009, houve corte de bolsas, fazendo com que o setor educativo recebesse apenas um estagiário. Os demais estagiários permanecem no museu durante o tempo de duração do estágio curricular.

¹⁸⁷ Esses dados serão apresentados de modo mais detalhado no Capítulo 3 desta tese.

As atividades desenvolvidas pelo Setor Educativo compreenderam diversas frentes de ação que vão desde as reuniões administrativas setoriais e gerais do Museu à concepção de projetos de ação cultural e educativa visando à participação nas leis de incentivo à cultura.

3.3 As atividades do Setor Educativo do Museu em 2009

Compondo o Programa de Educação Patrimonial desenvolveram-se naquele ano os seguintes projetos: Encontro com o Museu, Descobrimo o MHAB, Visita Técnica e Grupo de Estudos – projetos que compõem o núcleo principal de ações do Programa. Além disso, fizeram parte das atividades do setor educativo a elaboração de publicações, como o caderno de visitaçã do Casarão a participação nos eventos do Museu com propostas de oficinas e cursos, a elaboração e publicação de artigo em revistas e mídia digital¹⁸⁸, além da preparação de exposições como no programa *Peça do Mês*, com a exposiçã do altar da Igreja Boa Viagem no ano de 2009.

Os eventos da Semana de Museus e Inverno no MHAB fazem parte da agenda do setor educativo quando são oferecidos cursos¹⁸⁹ e oficinas em torno dos projetos desenvolvidos pelo setor¹⁹⁰. É comum o atendimento às solicitações ao setor educativo para apresentação de aspectos da história da cidade em outros espaços como presídios, escolas municipais e particulares¹⁹¹.

A elaboração de projetos para submissã às leis de Incentivo à Cultura é um capítulo à parte na história da gestão cultural do País e no MHAB como em outros equipamentos culturais da cidade. Essa se constitui em uma importante fonte de fomento para a realização de alguns dos seus projetos culturais e educativos¹⁹². A equipe do setor educativo do Museu

¹⁸⁸ Publicaçã do artigo *A contribuiçã dos museus históricos para o ensino da história local na Revista Por dentro da História* – Revista da Secretaria de Cultura de Contagem – Diretoria de Memória, Patrimônio – Prefeitura Municipal de Contagem, 2009 e artigo em mídia digital: ver ARAÚJO, Vanessa B. e ROSSI, Ana Paula C. A relação Museu/Escola no Museu Histórico Abílio Barreto: Parceria em construção. IN: NASCIMENTO, S. S. E BOSLLER, A. P.(Orgs) *Museu e escola* – 2 CD-ROM (ISBN: 978-85-8007-001-9), Belo Horizonte: UFMG/FaE/LEME, 2010.

¹⁸⁹No ano de 2009, na 7ª Semana de Museus, o setor educativo organizou o Curso Por dentro do Museu-MHAB, Casa do Baile e MAPA para Guias Turísticos e no Inverno no MHAB no Seminário Museus e Turismo: Desafios e Estratégias, promovido pela Rede Informal de Museus e Centros Culturais de Minas Gerais (RIMC).

¹⁹⁰ Em 2009, o setor educativo ofereceu a oficina: *Lendo as Exposições do MHAB: um exercício de interpretação*.

¹⁹¹ Registramos, em 2009, o atendimento dado pelo Setor Educativo do Museu à escola da Penitenciária Feminina Estevão Pinto e a Escola Municipal Vinícius de Moraes em Belo Horizonte.

¹⁹² Um exemplo disso foi o Projeto *Onde Mora Minha História* que em 2005 teve o apoio da Lei de Incentivo à Cultura e foi patrocinado pela Usiminas. Ver Guerra (2007).

também se ocupa da elaboração desses projetos visando à captação de recursos junto às empresas financiadoras.

Os técnicos do museu participam da Rede Informal de Museus e Centros Culturais (RIMC) que reúne atualmente 12 instituições culturais da cidade em torno da articulação de ações educativas conjuntas¹⁹³. Criada em 2008, a RIMC acompanha o movimento de criação e organização das Redes de Educadores em Museu (REM's) em todo País num contexto de redefinição das políticas para o setor museológico brasileiro que resultou na publicação do caderno Política Nacional de Museus – Memória e Cidadania¹⁹⁴.

Longe de cobrir todo o rol das atividades desenvolvidas pelo setor educativo na sua trama e trança diária, procuramos mencionar as principais atividades que vimos se desenrolar durante um ano em que estivemos em contato com a equipe do educativo. Assim, registramos uma equipe buscando se equilibrar entre o atendimento às demandas institucionais e o aumento crescente do público escolar, sem perder de vista os outros projetos do setor e sem colocar em risco o tempo de criação e reflexão.

3.4 A construção e reconstrução ordinária do projeto educativo do museu

Ao longo de 2009 acompanhamos 27 reuniões¹⁹⁵ na sala multiuso no térreo do Casarão, além das atividades realizadas em espaços externos ao Museu. O volume de informações gerado a partir dessas observações é extenso e diverso o que exigiu uma seleção dos aspectos mais elucidativos do que consideramos relevantes na constituição desse espaço/tempo de formação da equipe do Museu.

As reuniões do setor educativo ocorreram às segundas-feiras, dia que o museu não oferece atendimento externo. Nelas eram tratadas questões relativas ao atendimento

¹⁹³ Dado com data de corte em 2009.

¹⁹⁴ Recentemente tem se intensificado a mobilização em torno das questões políticas envolvendo o setor museológico brasileiro. O 4º Fórum Nacional de Museus, realizado em Brasília, em julho de 2010 foi palco de intensas discussões e tomadas de decisões em torno dos sete eixos programáticos que norteiam a Política Nacional de Museus: 1) gestão e configuração do campo museológico; 2) democratização e acesso aos bens culturais; 3) formação e capacitação de recursos humanos; 4) informatização de museus; 5) modernização de infraestruturas museológicas; 6) financiamento e fomento para museus e 7) aquisição e gerenciamento de acervos museológicos. Ver caderno *Política Nacional de Museus – Memória e Cidadania*. IN: BRASIL. Política Nacional de Museus: memória e cidadania. Ministério da Cultura. IPHAN, Brasília, 2003.

¹⁹⁵ Cabe destacar que esse número não compreende o total das reuniões realizadas pelo grupo, já que, em algumas delas, não foi possível a nossa presença. Nos meses de férias dos monitores, as reuniões do grupo de estudo ficam suspensas (julho de 2009 e janeiro de 2010).

escolar e às diferentes demandas administrativas que surgiam ao longo da semana de trabalho. Às segundas-feiras ocorriam também as atividades do Projeto Grupo de Estudos voltado para a formação da equipe do setor educativo.

Iniciado em 2008, o projeto Grupo de Estudos (GE), constituído pelos técnicos e estagiários do setor educativo, visava à formação dos educadores do Museu. Como já foi dito, avaliações feitas pela equipe desse setor constataram algumas dificuldades dos professores na condução da visita à exposição como: a passagem rápida dos professores e alunos pelo percurso expositivo e a diminuição da participação dos professores nos cursos oferecidos pelo Museu (Projeto Encontro com o Museu). A percepção desses aspectos levou a uma alteração na proposta do Projeto Descobrimo o Museu que antes tinha o professor na condução da visita, passando a ser responsabilidade do educador de Museu. A importância assumida pelo educador do Museu a partir de 2007 reforçou a necessidade de consolidação de um tempo de formação da equipe e de avaliação permanente dos trabalhos realizados (ARAUJO e ROSSI, 2010).

Para esse tempo de formação, organizou-se uma programação semestral¹⁹⁶ contendo a relação das atividades do GE que incluíam: leituras e discussão de textos, um programa de visitas em outros espaços culturais da cidade em dias de semana previamente agendados; avaliações das visitas realizadas, discussões das atividades que envolviam o setor educativo, além das questões administrativas.

3.5 Entre a concepção e a divulgação da exposição: novas faces de velhos dilemas

A primeira reunião da qual participamos ocorreu em 02/03/2009 e o grupo fez a análise da exposição intitulada *O Casarão: da Fazenda ao Museu Histórico*, para que a equipe levantasse questionamentos e dúvidas sobre a eficácia comunicativa dos textos, legendas e recursos expográficos. Discutimos ainda o encontro entre a equipe do setor educativo e a museóloga responsável pela exposição que havia ocorrido na semana anterior para explicações gerais sobre a concepção da exposição.

¹⁹⁶ Programação - Grupo de Estudo MHAB – 1º Semestre 2009 (ANEXO C - Programação Grupo de Estudos). Essa programação sofreu ajustes em função das demandas do próprio grupo.

Um dos primeiros problemas levantados pelo grupo referiu-se ao título da exposição que está plotado na sala onde fica a maquete da área central do Arraial do Curral Del Rei. Para os educadores, quando o visitante lê o título da exposição, imediatamente ele busca localizar o Casarão na maquete que está no mesmo espaço expositivo. Como o Casarão não está representado na maquete - uma vez que ele se localizava distante do largo da Igreja da Boa Viagem, área central do Arraial do Curral Del Rei - considerou-se que isso criaria dificuldades na compreensão do visitante. Outro aspecto levantado pelo grupo foi a falta de clareza das legendas e, ainda, a presença de alguns objetos arqueológicos expostos sem identificação e sem datação. Foram discutidos ainda aspectos estéticos da exposição que ficaram comprometidos pela restrição de recursos financeiros. O grupo avaliou a importância do diálogo entre a equipe responsável pela expografia e o setor educativo com o objetivo de repararem alguns aspectos que dificultam a comunicação. (Notas do Caderno de Campo, 02 /03/2009)

As relações entre a pesquisa, a curadoria e o público continuaram a ser foco das discussões do GE em outros encontros realizados.

Um dos membros do grupo problematiza a compreensão dos visitantes sobre os diferentes módulos da exposição. Outro comenta sobre a distância entre a pesquisa, a curadoria e afirma que nem sempre a expografia comunica o que a equipe da pesquisa pensou. Considera que o discurso da exposição é difícil de tornar inteligível e que no momento da visita não dá tempo de esclarecer tudo. Outro membro do grupo comenta que o Setor Educativo não consegue dar conta de tudo. Há uma parte que é responsabilidade do professor. O museu dá conta de alguma sistematização e que o professor terá tempo para sistematizar melhor. (Notas de Campo, 30/03/09)

O aspecto da fragmentação entre os setores do Museu é tema de reflexão da equipe e se constitui em desafio para o desenvolvimento da ação educativa no Museu.

O período entre a desmontagem da exposição de longa duração *Belo Horizonte: Tempo e Movimento Da Cidade Capital* no final de outubro de 2009, e a montagem da exposição temporária *Nos Porões da Razão, Em Nome da Loucura*, em novembro de 2009, gerou situações desafiadoras para a equipe. O tempo em que o Casarão permaneceu fechado e o curto espaço de tempo que o Casarão ficou vazio foram momentos ricos de reflexão da equipe. Discutimos o significado de o Museu ceder o Casarão para a realização de uma exposição idealizada fora do Museu, o que normalmente é comum às galerias de arte, em contraposição à sua vocação como Museu histórico ou de cidade. Foram discutidas também as estratégias possíveis para realização do seu programa educativo e do atendimento ao público escolar no contexto da nova exposição. Esse tempo de transição entre o conhecido e a adaptação às novas situações exigiu a elaboração de alternativas.

Na preparação para mediação na nova exposição *Nos Porões da Razão, Em Nome da Loucura*, o Grupo de Estudo discute a natureza da exposição como comemorativa dos 30 anos do movimento antimanicomial em Minas; considera que a exposição não atende interesse das escolas, cuja demanda é pela história da cidade; o grupo se considera pouco preparado para fazer a mediação da exposição sobre a reforma psiquiátrica pela falta de dados e informações sobre o tema; destaca a importância de comunicar ao público o fato de a exposição não ter sido pensada pelo Museu e, finalmente, aponta como alternativa a leitura de textos sobre a reforma psiquiátrica e a prioridade de abordar os aspectos históricos da exposição (Notas de Campo, 09/11/09).

As dificuldades enfrentadas pela equipe do setor educativo em pensar uma estratégia de mediação para o público escolar a partir de uma exposição concebida por uma equipe externa ao Museu revelam um dilema bastante comum aos serviços educativos dos museus: trata-se da fragmentação entre a produção da exposição e a sua divulgação. Seja nas exposições produzidas no próprio museu ou nas exposições concebidas fora do seu espaço, reproduz-se uma lógica fundada na dicotomia entre a produção do conhecimento e a sua divulgação, amplamente discutida na produção sobre a área da educação em museus¹⁹⁷.

Martins (2006), quando analisa o papel da educação no Museu de Zoologia da USP, se depara com essa segmentação que acaba por restringir a ação educativa a uma mera *tradução dos conteúdos expositivos*. Segundo essa autora, isso resulta da falta de clareza da instituição acerca do seu papel educativo. Para Martins (2006, p. 181),

[...] a educação deve antes, ser encampada “holisticamente” pela instituição, sendo alvo de um planejamento cuidadoso que interfere em todas as instâncias, perpassando a missão do museu e suas responsabilidades públicas.

No MHAB evidencia-se essa tensão entre o setor educativo e os outros setores envolvidos na produção das exposições, reafirmando a necessidade de maior aproximação, bem como maior aprofundamento do diálogo na tentativa de minimizar os problemas decorrentes da falta dessa visão *holística*.

¹⁹⁷ O problema da falta de interlocução entre os setores do museu (ALENCAR, 1987) ou a fragmentação entre os diferentes setores do museu (VALENTE, 1995) e ainda a responsabilidade da educação como exclusividade dos setores educativos parece ter atravessado as décadas e permanece desafiando as instituições museais. Tal problema se agrava nos museus que não contam com acervo ou pesquisa e cujas exposições são elaboradas fora da Instituição.

Consciente dos limites do trabalho na ausência de exposições que atendam a demanda dos professores pela história do Arraial do Curral Del Rei, o grupo buscou alternativas para a transição.

O grupo inicia a discussão pautando a reorganização do atendimento ao público no período de transição entre a desmontagem e a montagem da nova exposição. Na discussão ressalta-se a importância de atender as demandas das escolas em torno do interesse na história da cidade. (Notas de Campo, 26/10/09)

A utilização de um conjunto de *slides* do projeto Circuito da Memória reunindo fotos de Belo Horizonte do início da construção até a atualidade foi uma alternativa pensada para o período de ausência de exposições no Casarão.

Foram pensadas atividades utilizando-se de material iconográfico (*slides* com imagens da cidade) e levanta-se a preocupação em não se perder de vista a especificidade do museu em expor objetos e não sobrepor uma atividade centrada em outras fontes em detrimento dos objetos do acervo. A todo tempo, reforça-se a prioridade na utilização do acervo do museu. (Notas de Campo, 09/11/09)

Uma outra alternativa apresentada foi o uso de imagens com detalhes do Casarão, como forro de esteira de taquara, tramela, detalhes da fechadura, assoalho, parede de pau a pique etc, que foram fotografados ao serem entregues aos alunos para que eles os identificassem ao percorrerem a casa. Era uma forma de explorar detalhes da arquitetura do Casarão em estilo colonial e tratar a casa (O Casarão) como fonte histórica. A centralidade dos objetos da cultura material no espaço museal esteve presente em diferentes momentos das discussões do setor educativo. O trabalho com as evidências materiais, como documentos históricos, se destaca como premissa fundamental que orienta as escolhas didáticas no museu, confirmando aquilo que muitos estudiosos consideram como centrais na experiência museal (MENESES,1994; RAMOS, 2004; MARANDINO, 2008 dentre outros). Nas palavras de Marandino (2008).

[...] os objetos são elementos centrais e a alma dos museus, sendo também fonte de contemplação e interatividade. Assim, nas ações educativas dos museus é essencial favorecer o acesso aos seus objetos, dando-lhes sentido e promovendo leituras sobre eles (MARANDINO, 2008, p. 20)

Cada uma das atividades propostas foi realizada passo a passo com toda a equipe, antes de ser utilizada com os visitantes. A ideia era experimentar a mediação planejada e ver qual delas funcionaria melhor. Após a avaliação do funcionamento da atividade junto ao público, ela era adaptada ou suprimida.

A organização temporária foi reavaliada e cada educador *contou* da sua experiência ressaltando as dificuldades e alternativas encontradas diante das novas demandas. A ausência dos objetos em exposição foi destacada como aspecto dificultador no processo de mediação.

3.6 Visitando outras exposições e refletindo sobre as diferentes estratégias de mediação

Como dissemos, a programação do grupo de estudos inclui visitas às exposições em outras instituições culturais visando o aprimoramento da equipe. A ideia básica consiste em vivenciar a experiência de percorrer uma exposição sendo orientada por monitores e conhecer as propostas educativas de outras instituições¹⁹⁸. De fevereiro de 2009 e fevereiro de 2010, foram visitadas pelo grupo as seguintes instituições culturais: Museu das Telecomunicações, Instituto Inhotim, Museu Inimá de Paula, Casa Fiat de Cultura (exposição Rodin e Chagal), Palácio das Artes (Exposição Carlos Garaicoa) e o Centro Cultural Lagoa do Nado (Exposição *Um Lugar e suas histórias – Sítios, Parque, Centro de Cultura – Lagoa do Nado, BH*).

Após as visitas, o grupo discutiu a materialidade da exposição, as soluções expográficas, o material de divulgação para os diferentes públicos, e público escolar em especial, e as estratégias de mediação utilizadas na exposição, destacando aquilo que consideraram relevante para o programa educativo do MHAB, como nas notas a seguir.

No encontro realizado no dia 09/03/09 o GE avaliou a visita ao Museu das Telecomunicações. Um primeiro aspecto discutido foi a materialidade da exposição: Folders, canetinhas, fones de ouvido, controle remoto, considerando a diversidade, qualidade, linguagem, etc. Comentou-se sobre a organização dos roteiros a serem escolhidos pelo visitante e a escolha do roteiro Redes e Risomas a ser percorrido pelo grupo. Outro aspecto destacado foi o clima de espetáculo e encenação criado pelos mediadores e o valor educativo desse tipo de mediação. Questionou-se o lugar do objeto na exposição e o lugar dos suportes tecnológicos. Observou-se também a ausência de textos/legendas próximos aos objetos e ausência de uma abordagem histórica sobre os objetos. (Notas do Caderno de Campo, 09/03/2009)

¹⁹⁸ Jornal do MHAB – nº 121 – Jornal de circulação interna do MHAB (quinzenal).

As visitas realizadas ao Museu Inimá de Paula e ao Palácio das Artes (Fundação Clóvis Salgado) foram também tema de reflexão no Grupo de Estudo (GE). No Inimá de Paula destacou-se o clima agradável e o desempenho do monitor que demonstra habilidade e tranquilidade no acolhimento da equipe.

Já na visita ao Palácio das Artes, a reflexão centrou-se na dinâmica proposta pelos agentes.

O grupo do MHAB foi recebido pelo monitor que propôs a seguinte dinâmica: antes de entrar no espaço expositivo, assentou-se em uma roda e tiveram os olhos vendados. Em seguida, foi lido um texto com palavras desconexas e distribuídos objetos com diferentes texturas e formas. Depois de retirada a venda o grupo compartilhou as sensações experimentadas e a impressão de estar sem visão e seguiu para a exposição. Foi proposta pelo mediador que o grupo escolhesse um objeto e pensasse em uma mediação para ele. Ao final foi feita uma breve socialização da experiência. (Notas de Campo, 09/06/09)

De volta para o Museu o grupo discutiu a natureza da intervenção feita considerando que o foco da mediação é a sensibilização do olhar do visitante e de outros órgãos do sentido e menos a compreensão racional da exposição. Nesse momento, estabeleceram-se as distinções entre a natureza das exposições de cada um dos espaços em comparação com o MHAB.

Consideramos ainda a especificidade da equipe de mediadores do Palácio das Artes no que se refere à natureza da vinculação institucional e os limites desse tipo de vinculação temporária.

No PA não há uma equipe de mediadores permanentes. A cada exposição são contratados monitores *free-lance* de um grupo chamado Ativa Mediação – que trabalha com mediação em exposição de arte. (Notas de Campo, 15/06/09)

A equipe do MHAB visitou duas exposições na casa Fiat de Cultura, em dias distintos, com a finalidade de fruição das exposições e visando vivenciar a experiência de ser monitorado. O grupo do MHAB foi recebido pelo responsável pelo Setor Educativo que informou sobre a exposição e sobre o conceito de mediação que procuram desenvolver, isto é: equilibrar informações importantes com a liberdade do visitante de conhecer e dialogar com a exposição. Evitar o palavreiro da informação e o excesso de dialogia. Durante a mediação direcionada ao grupo do MHAB, realizada pelos monitores da Casa Fiat, o grupo

de visitantes espontâneos seguiu acompanhando a equipe, interessado nas informações oferecidas pelo mediador.

A reunião de avaliação das visitas ressaltou aspectos relativos à figura do mediador e a importância que ele desempenha na condução da visita. A performance individual do monitor foi foco de discussões, uma vez que ficou evidente que o grau de envolvimento, o conhecimento e a habilidade comunicativa do monitor interferem na qualidade da mediação.

Essas experiências compartilhadas pela equipe retornam como tema de discussões nas reuniões do setor educativo ressaltando as especificidades do MHAB, os pontos de convergências e diferenças entre os espaços visitados e o Museu. A experiência das visitas, associada às reflexões nas reuniões se constituem em importante ferramenta de formação da equipe, tanto de técnicos, quanto dos estagiários que têm a oportunidade da fruição de diferentes espaços culturais da cidade, bem como a possibilidade de desenvolver a sensibilidade e o gosto pela arte e cultura em geral.

3.7 A participação em eventos da área museológica e áreas afins

A participação da equipe em eventos da área de museologia, educação e áreas afins é também uma das preocupações no processo formativo da equipe. Durante o período em que acompanhamos os trabalhos, o grupo participou dos seguintes eventos: Seminário Egressos da Uni sobre o tema Museus e Educação; 7º Seminário de Museus da USP; III e IV Jornada Formadora, realizada pelo Laboratório de Estudos em Museus e Educação na Faculdade de Educação da UFMG; VII Semana Nacional de Museus com a oferta do Curso de Museus e Turismo; Fórum Franco Brasileiro de Museu e Sociedade; ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. A participação em cada evento é discutida nas reuniões do grupo com o objetivo de socialização das experiências e debate em torno das temáticas.

A participação na III Jornadas Formadoras do LEME – Laboratório de Educação e Museus da Faculdade de Educação da UFMG foi um momento significativo para a equipe do setor educativo e para o conjunto de museus participantes do Projeto Museu e Escola: um duplo olhar sobre a prática educativa nos museus de Minas Gerais.

No Evento *Egressos do Uni* sobre Museu e Educação, o Museu participou de uma mesa redonda com representantes de outros museus da cidade, ocasião em que se expôs o programa educativo do MHAB e relatou algumas atividades desenvolvidas pelo Museu.

Nas discussões sobre a participação no Fórum Franco Brasileiro de Museus o grupo trouxe para a reflexão, dentre outras questões, a discussão sobre a necessidade de se eleger um segmento de público para orientar os trabalhos da equipe, já que o público geral não existe enquanto tal. A ideia é que quando se pensa em uma mediação, ela é sempre dirigida a um determinado público. Esse foco no segmento de público parece ser claro para a equipe do setor educativo do Museu que mantém uma atenção voltada para o público escolar.

3.8 A promoção de eventos no MHAB

O setor educativo envolve-se também nos eventos promovidos pelo Museu ofertando cursos e oficinas. Nesse período, de acompanhamento, foram oferecidas Oficinas de Inverno no MHAB destinadas ao público em geral e o Curso de Museus e Turismo na VII Semana Nacional de Museus. Há uma organização do setor para viabilizar a participação da equipe ou parte dela nos eventos. Nos eventos sediados em Belo Horizonte havia uma organização para que todos participassem. Em relação aos eventos externos, era indicada a participação de um técnico que se responsabilizava pelo retorno ao grupo.

3.8.1 Os seminários internos

A leitura e discussão de textos sobre educação e patrimônio, museu e escolas e áreas afins é outro aspecto constitutivo do processo formativo da equipe. Ao longo do período em que acompanhamos o GE, foram discutidos os seguintes textos/temas e materiais audiovisuais: a) Textos: Museu de cidade e a consciência de cidade Menezes (2003); A escola vai ao museu - Siman (mimeo) (s/d); Como explorar um museu histórico – Coletânea de textos do Museu Paulista (1992), b) Livro: A danação do objeto – Ramos (2004), c) Videoconferência: Os professores e os museus: educação, cultura e praticas de memória - Siman (2009), esta última pelo Cefor – PUC-Minas.

O conjunto de textos do Museu Paulista foi distribuído entre o grupo e cada um se responsabilizou pela leitura e apresentação de um artigo. O texto

Museus históricos: da celebração à consciência histórica, em que se estabelecem os eixos temáticos de pesquisa do Museu Paulista – Cotidiano e Sociedade, Trabalho e Imaginário, ilumina as reflexões sobre a ação do MHAB. São retomadas algumas reflexões sobre a vocação do MHAB e o lugar de um museu histórico na cidade ou a proposição de tornar-se um museu de cidade. Ressalta-se que, embora o museu seja pensado como um museu de cidade, o grupo considera que a lente pela qual o museu reflete sobre a cidade é sempre a lente da temporalidade, ou seja, a reflexão acerca da relação presente-passado. (Notas de Campo, 13/10/09)

Os textos lidos e discutidos constituem-se de referências que visam ao refinamento das opções teórico-metodológicas adotadas pelo setor educativo em seu programa educativo. O conjunto de textos do Museu Paulista (Como Explorar um Museu Histórico, 1992) traz uma discussão sobre o papel dos museus históricos e como os objetos permitem a construção do conhecimento e a reflexão sobre o passado. Os textos discutidos foram: Para que seve um Museu Histórico e Museu Históricos: da celebração à consciência histórica (MENESES,1992) ; A história das ou nas armas (CARVALHO, 1992); Alfaias, apetrechos, trecos: os móveis (SUANO, 1992) e Entre liteiras e cadeirinhas (BARBUY, 1992).

3.9 Os desafios do relacionamento com público: reflexões e tentativas de ajustes

Questões acerca da relação com o público também foram temas de reflexão do GE. Fatos ocorridos ao longo da semana de trabalho foram analisados pelo grupo, a fim de ajustar possíveis distorções verificadas pela equipe. Um grupo de cinco jovens se recusara a cuspir o chiclete, antes de entrar na sala de exposição, preferindo ficar de fora da atividade. Eles ficaram assentados nos bancos em frente à sala Usiminas esperando a visita acabar. Discutimos a necessidade de considerar que muitas vezes as crianças ou jovens chegam ao museu com outros interesses e que, às vezes, é difícil acolhê-las sendo necessário deixá-las de fora da exposição. Outro aspecto ressaltado, diz respeito à necessidade do diálogo com os professores para conduzir melhor esse tipo de situação, por meio da troca de experiências e divisão de responsabilidades. São situações que se apresentam ao Museu da mesma forma que na escola, mostrando que nem sempre a *novidade da visita* e saída do espaço escolar são suficientes para despertar o interesse dos jovens.

Em outros momentos, situações cotidianas irrompem a ordem instituída, requerendo flexibilidade e capacidade de gerenciamento de fatos imprevistos.

Uma escola da rede particular de ensino chegou ao Museu acompanhado por uma agência de turismo sem agendar e não pode entrar na casa que estava recebendo outro grupo de escolares. Tal situação gerou constrangimento para o Museu e para a escola criando discussões no grupo que apontou alternativas para amenizar a situação. Esclarecer as agências turismo sobre o horário do intervalo das visitas escolares pode ser uma alternativa para evitar constrangimentos. (Nota de Campo, 15/06/09)

A dificuldade de receber um número maior de alunos no interior do Casarão é um limite enfrentado pelo setor educativo que precisa se organizar para essas eventualidades sem comprometer o atendimento ao público espontâneo.

3.10 A prática de rememoração e a confirmação do compromisso político

Um aspecto que nos pareceu relevante na conformação do grupo de estudos, e que se manifesta espontaneamente nas reuniões, é o que denominamos de tempo de rememoração, quando as experiências vividas pelos membros mais experientes do setor educativo e do Museu são revisitadas e partilhadas com o grupo. Essa prática de avivar as lembranças, de *contar e recontar* as experiências vividas pelo Museu ajuda a promover um sentimento de pertencimento e ativa uma espécie de compromisso e engajamento em torno das ações do Museu. A coordenadora do setor educativo¹⁹⁹, tal qual guardiã da memória, promove o entrelaçamento entre o presente e o passado da instituição em atos de rememoração que contribuem para o engajamento dos novos estagiários.

3.11 A formação da equipe de funcionários

As demandas para a formação do grupo de funcionários do Museu também são temas de discussões do setor. Há uma percepção de que esses funcionários necessitam de orientações adequadas para que possam atender as demandas do público. Para tanto, foi feito um levantamento junto aos funcionários das principais questões feitas pelo público para que sejam fornecidas orientações gerais para a equipe como um todo.

Há ainda a compreensão de que o conhecimento sobre alguns pressupostos da proposta museológica e da organização do setor educativo sejam essenciais para que os

¹⁹⁹ A coordenadora do setor educativo do MHAB (2009) está à frente do setor desde 1998, era funcionária do museu período da revitalização e foi diretora do Museu no período de julho de 2000 a janeiro de 2001.

funcionários possam responder aos visitantes. Nos finais de semana, os vigilantes recebem demandas dos visitantes que procuram o Museu para realização de pesquisas escolares. Como não há atendimento do setor educativo nos finais de semana, a equipe orienta os vigilantes a sugerirem aos visitantes o uso de bibliotecas do Museu e da cidade para cobrirem essa necessidade. O curso de qualificação dos funcionários como vigias e guardas de sala que atendem ao setor educativo é oferecido pela equipe do setor educativo na última segunda-feira de cada mês, no turno da manhã.

4 - A RECEPÇÃO DO PÚBLICO ESCOLAR

A escolha do setor educativo do Museu para atendimento prioritário ao público escolar e o estabelecimento de uma política institucional voltada para este público específico fez com que esse setor concentrasse seus esforços na realização de um conjunto de ações articuladas visando esse atendimento, compreendendo desde a divulgação da programação do museu, passando pela organização do atendimento dos escolares, até a criação do instrumento de avaliação das visitas.

4.1 O convite às escolas

No início do ano, o Museu envia uma correspondência às escolas da Rede Municipal de BH e para algumas escolas da Rede Estadual de Ensino, apresentado o projeto *Descobrimo o Museu* voltado para o público escolar, no intuito de divulgar os serviços do Museu. As escolas interessadas fazem o agendamento pelo telefone que consta na correspondência enviada.

No Museu, o agendamento era feito por uma funcionária previamente instruída pela equipe do setor educativo, ou pela própria equipe do educativo na falta desse funcionário²⁰⁰. Na agenda são registrados os dados da escola, o número de alunos por turmas, a faixa etária dos alunos, o ano escolar, o contato dos professores responsáveis pela visita, o nome do responsável pelo agendamento e um campo para informação sobre os objetivos da visita.

²⁰⁰ Em 2009, o agendamento das visitas era realizado pela funcionária designada para essa tarefa, mas, com a sua saída do Museu, essa função retornou para o setor educativo.

No momento do contato, a escola é informada das exposições permanentes e temporárias e o professor é convidado a participar do *Curso Encontro com o Museu* como parte da preparação para a visita. Após o contato, é enviado por e-mail um material de apoio ao professor composto das regras de visita ao Museu e de um conjunto de textos informativos sobre as exposições em cartaz. Esse material tem por finalidade oferecer subsídios ao professor na preparação prévia dos alunos²⁰¹.

Ao longo do ano, há uma busca intensa das escolas pelo Museu, com alterações de fluxos ao longo dos meses. De um modo geral, o fluxo de escolares ao Museu guarda relação com o calendário escolar. Os meses de menor procura coincidem com os meses férias (janeiro e julho) e de início (fevereiro e agosto) e término (junho e dezembro) de semestres letivos nas escolas²⁰².

No período das férias escolares, o ritmo de trabalho no Museu é calmo. A maioria dos estagiários está de recesso em seus cursos de graduação e técnico. O telefone toca esporadicamente e o estagiário atende as ligações. A frequência de escolas no período de férias deve-se, em grande parte, aos alunos do projeto *Férias na Escola*²⁰³ desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte que mantém no calendário de atividades do Projeto a visita aos equipamentos culturais da cidade.

Os impactos do calendário escolar sobre os indicadores de frequência ao museu demonstram a importância desse público na consolidação de uma das metas definidas no Plano Diretor do Museu de ampliação do seu público e de estreitamento dos laços com a comunidade.

4.2 O projeto Encontro com o Museu: espaço de formação dos professores

Compondo o programa de educação patrimonial do Museu, o projeto *Encontro com o Museu* é destinado aos professores e agentes culturais a fim de apresentar o trabalho desenvolvido pelo Museu aos agentes formadores. Foi criado em 1999 com a finalidade de apresentar aos agentes multiplicadores, principalmente professores e agentes culturais, as

²⁰¹ Ver relação de materiais enviados às escolas em anexo (ANEXO D - Materiais do MHAB enviados para as Escolas)

²⁰² Esses dados serão apresentados mais detalhadamente no Capítulo 3 desta Tese.

²⁰³ O projeto *Férias na Escola* faz parte do Programa *Escola Integrada* desenvolvido pelo SMED – Secretaria de Educação da Rede Municipal de Belo Horizonte e foi implantado em 2007.

concepções e metodologias norteadoras do trabalho realizado pelo museu²⁰⁴. No curso, abordam-se

“os bastidores do MHAB, a importância da preservação dos bens culturais e as potencialidades pedagógicas do museu”²⁰⁵, tendo como objetivo “auxiliar os professores tanto nas aulas preparatórias que antecedem a visita à exposição, quanto nas atividades que lhe sucedem e constituem momentos de reflexão e enriquecimento e da experiência vivenciada na mostra”²⁰⁶.

Atualmente o projeto é oferecido aos professores e agentes culturais em dias previamente agendados e é destinado a esses profissionais interessados em qualificar a sua visita ao Museu.

O curso tem duração de aproximadamente quatro horas e é realizado na sala multiuso que se localiza no andar térreo Casarão.

Acompanhamos um grupo de 11 professores da RMEBH – Regional Centro Sul, que atuam na Educação de Jovens e Adultos. Uma técnica recebeu os professores e inicia o curso apresentando o Museu e o seu lugar institucional e a sua relação com a cidade. É apresentado um vídeo Institucional realizado em 2000 e são atualizados alguns dados sobre as novas exposições e as alterações na Instituição. O curso é dividido em dois momentos. No primeiro, é feito um breve histórico do Museu e do Casarão e como ele se torna Museu da Cidade de Belo Horizonte. São apresentadas as ações do Museu pautadas em três verbos: preservar, investigar e comunicar. Sobre a ação de preservação é feito um relato da Comissão Permanente de Política de Acervos (CPPA) e a importância dessa comissão no estabelecimento da política de acervo da instituição. Quanto à frente de pesquisa, são destacadas as atividades de pesquisa realizadas pelo Museu e a importância na contribuição de novas questões em torno da história da cidade. No que se refere ao aspecto da comunicação, são apresentadas as diferentes frentes de ação do Museu e, nesse momento, o foco volta-se para o setor educativo, ressaltando suas principais ações junto ao público escolar. É feita a divulgação da *Visita Técnica* destinada aos professores em formação (geralmente estudantes de graduação). Ressalta que o museu tem um *pacote fechado* para o atendimento ao público, mas que há um espaço (via e-mail) para a composição de trabalho a ser realizado em parceria com os professores. No 2º momento é realizada uma atividade denominada Maria Helena/Historiador detetive. A atividade é composta de um enigma em torno da morte de um personagem denominado Maria Helena, a ser desvendado pelos professores/detetives. É fornecido um conjunto de pistas que podem levar a desvendar o mistério que envolve a morte de Maria Helena. O objetivo da atividade é traçar um paralelo entre a atividade do detetive e o

²⁰⁴ MHAB - Museu Histórico Abílio Barreto. Relatório Qualitativo 1999 – Setor Educativo. Manuscrito (MHAB – Arquivo Administrativo).

²⁰⁵ MHAB - Museu Histórico Abílio Barreto. Relatório Qualitativo 1999 – Setor Educativo. Manuscrito (MHAB – Arquivo Administrativo).

²⁰⁶ MHAB - Museu Histórico Abílio Barreto. Relatório de Gestão 2005-2006 – Setor Educativo. Manuscrito (MHAB – Arquivo Administrativo).

ofício do historiador que também trabalha com pistas e indícios acerca do passado. Durante toda a atividade, os professores se sentem muito motivados em desvendar o enigma, porém mostram-se frustrados com perspectiva de não obterem um desfecho do crime. Nesse momento a técnica levanta a discussão acerca da *verdade histórica*, a natureza irresoluta do conhecimento histórico, os limites do trabalho do historiador. Finalmente, a técnica do museu destaca que a aposta metodológica do Museu se assenta na mediação com os objetos da cultura material, tomados como fonte histórica e geradores de reflexões históricas. (Notas de Campo, 11/03/10)

Por meio da atividade desenvolvida, o grupo foi convidado a refletir sobre questões metodológicas e epistemológicas acerca da produção do conhecimento histórico, a partir de conceitos como documento/monumento, memória, história dentre outros. Assim, as discussões sobre os desafios do trabalho do historiador foram temas abordados e discutidos pelo grupo.

No curso, o Museu é abordado como um espaço de produção e reflexão sobre a cidade e, como tal, é apresentado como ferramenta de apoio ao trabalho do professor. O curso pretende oferecer ao professor orientações de como se apropriar do Museu como ferramenta para o ensino e aprendizagem da história.

Nos últimos relatórios tem sido destacada a preocupação em torno da constatação de que muitos dos professores que visitam o Museu não frequentam o curso, o que reforça a importância do papel do mediador do Museu, como já foi destacado. Além disso, aponta-se para a necessidade de se repensar a oferta de cursos de formação dos professores considerando essa formação no quadro dos desafios atuais da profissão docente.

A preocupação com a divulgação da visita técnica²⁰⁷ junto ao público universitário é uma aposta no trabalho de formação junto aos alunos de graduação e se constitui oportunidade de aproximação entre o Museu e a Universidade.

5 - OS VISITANTES ESTÃO CHEGANDO...

Um burburinho de vozes vindo da rua lateral ao Casarão rompe o silêncio costumeiro do Museu, anunciando a chegada da escola. Dentro da sala do Setor Educativo os

²⁰⁷ Curso direcionado a universitários, agentes culturais e profissionais de instituições afins interessados em conhecer os bastidores do Museu, cujo objetivo é contribuir para a formação de estudantes e agentes culturais estimulando-os a (re-) significar o papel dos equipamentos culturais em sua profissão. MHAB – Relatório de Gestão 2005/2008 – Setor Educativo.

educadores do Museu se movimentam para receberem os escolares. O grupo de alunos é recepcionado no jardim em frente ao Casarão. Ali, alunos e alunas são orientados a deixarem as mochilas e o lanche na sala de recepção, em prateleiras dispostas para essa finalidade.

Minutos depois, o grupo se concentra em frente ao Casarão e recebe as primeiras instruções sobre as regras de funcionamento do Museu e a organização da visita. Os alunos e professores são orientados a não mascar chicletes, não chupar balas, não lanchar, não levar garrafinhas de água, nem tirar fotos com flash no interior do Casarão.

Educador: - Turma, olha só, só antes da gente começar, eu queria que vocês ficassem todos aqui para observar essa casa. Mas antes da gente começar tem algumas regrinhas que eu tenho que repetir para vocês. São as regras do Museu, né? Então, a primeira regrinha é que não vale tocar nos objetos, não vale correr, né? Não vale tocar nos objetos, nem correr lá dentro do espaço da exposição, tá? Outra coisa, não só lá dentro da exposição como também no bonde, na locomotiva... A gente não pode entrar e nem tocar, tá bom? Pra conservar os objetos do Museu. E a outra questão também é que não vale entrar mascando chiclete, bala, então quem tiver com chicletinho, com bala, tem uma lixeirinha ali, eu vou pedir pra vocês deixarem lá. (Um aluno vai até a lixeira) Então, são essas as regrinhas, né? Eu conto com vocês pra conservar este Museu, né? Os objetos que estão nele. E aí eu vou deixar vocês fotografarem sem flash quando eu não estiver falando. À medida que vocês forem observando a exposição vocês podem fotografar, mas sem usar o flash, tá? (Notas de Campo, Visita Escolar, 14/10/09)

Após as instruções, o grupo é dividido em dois: enquanto um grupo visita a área interna do Casarão acompanhado pelo monitor do museu e pelo responsável da escola (professor e/ou outro adulto acompanhante), o outro grupo visita a área externa do Casarão acompanhado pelo professor responsável e/ou educador do Museu, quando há pessoal disponível. De acordo com o tempo que dispõe para permanecer no museu, as escolas podem visitar as exposições temporárias e a lojinha do museu.

A duração da visita ao Casarão pode variar de 30 a 40 minutos e é feita com a mediação da equipe do Museu. Essa variação deve-se a um conjunto de fatores: a natureza da mediação desenvolvida pelo monitor (mais ou menos dialogada), o nível de envolvimento do grupo, o tempo disponível da escola para a permanência no museu, a disciplina dos alunos, a disponibilidade e interesse do grupo de alunos dentre outros.

No módulo externo nem sempre há mediação com o monitor do Museu. Visando cobrir a falta do mediador, foi elaborado um roteiro de exploração de um dos objetos em exposição - O Bonde - que permite ao professor (a) conduzir a atividade por meio do

*Exercício de Leitura do Bonde*²⁰⁸. O restante do percurso externo pode ser explorado pelo professor por meio da leitura das legendas dos objetos. Normalmente em dias chuvosos, os alunos visitam a exposição abrigada no compartimento térreo do Museu: O Casarão: Da Fazenda ao Museu Histórico da Cidade.

O lanche é feito na área externa, no palco e/ou bancos do jardim e, nos dias chuvosos, é feito na área coberta pela varanda no térreo do Museu. Após o lanche, os grupos se revezam nos percursos expositivos.

5.1 A movimentação dos alunos nos espaços do Museu

A relação dos alunos com o espaço do Museu é muito diversa e varia de escola para escola. Alguns alunos percorrem os espaços numa atitude exploratória, correm pelos espaços externos do Casarão, utilizam o bebedouro da área externa, jogam água nos colegas. Alguns até ensaiam uma brincadeira de pega-pega nos espaços externos, logo inibida pelo professor e/ou acompanhante ou pelo educador do Museu. Brincam e exploram os elementos dos jardins, as pedras, as árvores, os pássaros e são atraídos pelos objetos como a Mariquinha e o Bonde, atração maior da exposição. Nos demais objetos, a passagem é rápida e o interesse quase sempre é menor. Os totens,²⁰⁹ espalhados pelos jardins, raramente chamam a atenção das crianças que se sentem mais seduzidas pela possibilidade de girar e encontrar a moldura correta que encaixa a imagem ou o texto em exposição, do que pela informação ali disponibilizada.

Os alunos, de modo geral, demonstram muito interesse e curiosidade pelo Casarão. Alguns trazem histórias de fantasmas, que habitam a casa, outros manifestam desejo de morar ali. No interior da casa, têm os que se encantam com o assoalho em tábua corrida com fendas que permitem ver o compartimento térreo da casa. Algumas crianças se deitam no piso e pisam forte para ouvir o som dos passos sobre o assoalho de tábuas corridas. Outras se encantam pela moldura das janelas coloniais e querem apenas olhar através delas.

²⁰⁸A atividade *Leitura do Bonde* foi organizada pela Equipe do Educativo do Museu Abílio Barreto e consta de um roteiro de leitura do objeto em exposição: o Bonde. Ele permite a exploração do objeto por meio da leitura de diferentes aspectos do bonde e sua inserção no contexto histórico da cidade. Esse roteiro permite que o professor faça a mediação entre o objeto e os alunos visitantes, independentemente da presença do monitor do Museu. Ver Roteiro de Leitura do Bonde – Setor Educativo do MHAB.

²⁰⁹Suportes expositivos dispostos pelos jardins do Museu contendo imagens e textos sobre diferentes épocas da história da nova capital.

A movimentação pela casa e jardins parece ser mais atraente para alguns alunos do que a exposição em cartaz. Há também aqueles que ficam deslumbrados com a exposição, escutam atentos a fala do educador do Museu e acompanham a mediação proposta pelo Museu, percorrendo todo o espaço expositivo com muito interesse.

No momento da brincadeira do Telefone - sem - fio²¹⁰, o grupo assenta-se em círculo no chão de uma das salas do Casarão e todos participam da atividade proposta quase sempre com interesse e prazer. Algumas vezes, os grupos mais agitados são convidados a assentar em outros cômodos do Casarão para acompanhar mais atentamente a visita.

A movimentação pelos cômodos do Casarão era sempre acompanhada pelo educador do Museu, pelos adultos acompanhantes e pelo guarda de sala que fiscaliza o uso do espaço do Museu. Geralmente o uso indevido dos objetos, como tocar e assentar, era repreendido pelos educadores do museu, professores e guardas de sala.

As reações dos alunos no espaço do Museu também podem ser descritas no plural. Dos adolescentes atentos e interessados até os mais desmotivados e cansados; das turmas bem informadas e questionadoras às mais agitadas e inquietas; dos estudantes querendo anotar os dados da legenda mesmo sem a exigência do professor até aquelas turmas com um grau de indisciplina que impedem o fluir da visita. Vimos reações diversas se desenrolarem no tempo/espaço das visitas, constituindo formas de apropriação do espaço do Museu, ora mais conformadas com as regras ali estabelecidas, ora em desacordo. As formas de fruição do espaço museal revelaram acordos e pactos constituídos no espaço escolar, entremeados pelas regras e pactos estabelecidos na chegada ao Museu.

5.2 Escola e Museu no momento da visita: universos culturais em contato

Quando os ruídos rompem o silêncio do Museu anunciando a chegada dos visitantes, dá-se o começo de uma experiência que será tecida no encontro de dois universos distintos que se entrecruzam no espaço museal e se multiplicam em diferentes experiências individuais em contato com os objetos em exposição.

²¹⁰ A atividade Telefone Sem Fio é um recurso lúdico utilizado no contexto da mediação. Ela será detalhada a seguir.

As visitas escolares que acompanhamos²¹¹ no Museu revelam as múltiplas possibilidades de apropriações e usos dos museus pelo público escolar, compondo um amplo caleidoscópio de experiências que ora se apresentam harmônicas e afinadas por interesses comuns e complementares, ora se traduzem em estranhamentos e desarmonias.

As visitas escolares a espaços não formais ou informais de educação e cultura, assumem no dia a dia da escola várias definições que ora a aproximam mais de uma atividade de lazer, ora de estudo, embora essas designações não sejam excludentes. Segundo Linhares (2011), outros termos são atribuídos a essa experiência: excursões, passeios, turismo pedagógico, saída de campo, trabalho de campo, viagem, viagem de campo, viagem técnicas, de acordo com a finalidade e os significados atribuídos aos sujeitos nela envolvidos. Em levantamento realizado junto às pesquisas acadêmicas sobre o tema, Linhares (2011), ao se deparar com a ausência de uma definição para o termo *visitas escolares*, desenvolve a seguinte acepção.

Um recurso didático utilizado pelos professores para organizar uma atividade curricular intencionalmente planejada, servindo para desenvolver e complementar conteúdos curriculares, mediante saídas direcionadas para ambientes externos ao espaço físico da escola ou sala de aula. São, portanto, atividades educativas de cunho pedagógico e não necessariamente contidas no plano de curso (LINHARES, 2011, p. 149).

Em nosso estudo, as visitas foram consideradas atividades educativas de cunho pedagógico capazes de mobilizar potencialidades diversas e que permitem agregar sentidos múltiplos ao ato de aprender.

Como anunciamos na introdução deste trabalho, o deslocamento da escola para o Museu pode ser compreendido não apenas como um deslocamento físico, mas também como um deslocamento capaz de transitar das referências culturais do universo escolar para o universo de um museu, o qual encerra elementos novos quase sempre desconhecidos pelo público escolar, representado neste estudo pelos professores²¹². As visitas podem ser entendidas, portanto, como uma atividade educativa capaz de promover deslocamentos interculturais, fundadas nas especificidades de cada um dos universos postos em contato. Ao entrarem em contato, alguns elementos do universo cultural de cada uma das instituições

²¹¹ Ao longo do tempo de permanência no Museu foi observado um total de 35 visitas escolares de diferentes instituições públicas e particulares da Região Metropolitana de Belo Horizonte e de diferentes níveis de ensino. Ver o ANEXO E – Tabela das Visitas Observadas e o ANEXO F: Gráficos 1 e 2 das Visitas Observadas.

²¹² Embora o público escolar seja constituído por professores, coordenadores e alunos, nosso universo de análise não contemplou os alunos, como foi mencionado anteriormente.

são evidenciados e muitas possibilidades cognitivas são postas em movimento. Em contato, esses elementos podem se constituir em possibilidades de trocas cognitivas e também impermeabilidades.

O deslocamento espacial da escola para o museu favorece outros deslocamentos de diferentes naturezas: curricular, estético, pedagógico, hierárquico e cognitivo dentre outros. As observações das visitas revelaram diferentes usos do Museu pelo público escolar, constituindo um cenário diverso que expressa a complexidade envolvida na relação entre museu e escola. Longe de cobrir o leque de possibilidades de interações entre esses espaços, destacamos 21 fragmentos de situações pedagógicas ali constituídas²¹³. Esses fragmentos revelam indícios das formas concretas de viver a experiência da visita escolar a um museu, indicando uma configuração ampla de possibilidades que passa, algumas vezes, ao largo das preocupações finais da instituição museal e da própria escola.

Ao destacarmos cada uma dessas situações, emergiram questões reveladoras das muitas possibilidades de apropriações e usos dos museus pelo público escolar, bem como um conjunto de aspectos que interferem no contexto da visita.

Situação 1

A professora trabalha com seus alunos a compreensão acerca do fazer do historiador e faz a visita ao Museu tomando-o como lugar de memória e, portanto, fonte de saber histórico.
(Visita Escolar, E.M. E.F.17/02/2009)²¹⁴

A professora demonstra ter clareza do objetivo da visita e aponta o motivo que a levou ao Museu. A situação 1 remete diretamente ao ensino da história, apontando a apropriação do Museu como fonte para o conhecimento histórico e para a compreensão do fazer do historiador remetendo ao currículo escolar de história.

Situação 2

A professora afirma gostar de passear no Museu, pois é um espaço agradável, não é cheio e eles atendem com atenção os alunos e professores.
(Visita Escolar, EM. E.F: 17/02/09)

²¹³ As situações descritas foram resultados de conversas informais com professores e observações realizadas durante as visitas de professores e alunos ao MHAB ao longo de um ano de observação de campo (fev.2009 a fev.2010). Esses dados foram extraídos dos registros de campo. Ver conjunto de situações no ANEXO G - TABELA 2 – DESCRIÇÃO DAS SITUAÇÕES OBSERVADAS NO MUSEU.

²¹⁴ Nessa e em todas as situações citadas a seguir, foi utilizada a seguinte Legenda: E.M. – Escola Municipal E.E.- Escola Estadual - E.P. – Escola Particular E.F. – Ensino Fundamental – E.Médio. – Ensino Médio.

Nessa situação, a professora evidencia o prazer de estar no museu, visto por ela como lugar que não é cheio, que acolhe e que recebe bem os alunos e professores. Reafirmando, assim, a dimensão lúdica e afetiva possibilitada pelo Museu, transformado em fonte de prazer e deleite. A prática do agendamento prévio, evita o *congestionamento* de escolas e garante um nível de qualidade na recepção do público.

Situação 3

A professora desenvolve um projeto pedagógico sobre a cidade de Belo Horizonte - Projeto BH Sustentável - que envolve diferentes campos do conhecimento. A visita ao Museu faz parte do processo de levantamento de elementos e informações que serão tratados e aprofundados em sala de aula. (Visita Escolar: E.E. E.Médio, 05/03/09)

Na situação 3, o Museu aparece como um espaço que possibilita o conhecimento sobre a cidade capaz de qualificar o processo de ensino-aprendizagem. O estreito vínculo com o currículo escolar aparece não diretamente relacionado ao conteúdo histórico, mas à temática da cidade estudada por meio de um projeto multidisciplinar. Assim, o Museu extrapola seu campo de ação para além das fronteiras da história e se coloca como uma referência para se pensar a cidade.

Situação 4

A visita ao Museu é desenvolvida pela escola como parte de um projeto educativo que possibilita aos alunos algumas vivências culturais na cidade. Os professores não estão diretamente envolvidos no projeto educativo e não há uma relação da visita com o projeto desenvolvido em sala de aula. As professoras que acompanham a turma são novatas na escola e conhecem pouco dos objetivos da escola com a visita. (Visita Escolar: E.M. E.F., 05/03/09)

A visita ao Museu faz parte de um projeto que viabiliza aos alunos vivências em espaços culturais da cidade promovendo e institucionalizando uma política de *inclusão cultural* dos alunos, como mostra a situação 4. Como atividade promovida pela direção da escola, torna-se regular e passa a compor o currículo da escola. Se, por um lado, a iniciativa de um projeto político pedagógico permite a ampliação do repertório cultural e do conhecimento sobre a cidade, por outro, a falta de clareza do significado do programa por parte dos professores novatos os limita à condição de acompanhantes dos alunos ou de simples visitantes como os alunos.

Situação 5

A professora está estudando a História do município de Belo Horizonte e organizou a visita ao Museu com o objetivo de conhecer informações sobre a “parte antiga da cidade”.

(Visita Escolar: E.M., E.F., 19/03/09)

A situação 5 revela uma relação direta com o conteúdo histórico estudado em sala de aula. E nesse caso, o Museu é visto como fonte de informações sobre o passado da cidade, sugerindo uma compreensão dessa instituição como depositário do *antigo* a ser visto. Assim, a ideia de que o Museu guarda o passado como ele ocorreu parece informar a ação de professores. Por outro lado, a significação do Museu como guardião de uma memória que não pode mais ser acessada exclusivamente pelos mecanismos de que a escola dispõe fica também evidente. Nessa medida, o Museu soma-se à escola no processo do trato com a memória e com a história.

Situação 6

A escola promove a visita aos alunos. O professor que foi destinado a acompanhar os alunos deixa a visita a cargo do monitor do Museu e se ausenta do local para utilizar o telefone público.

(Visita Escolar: E.M. EF, 24/03/09)

A situação descrita aponta uma transferência de responsabilidade da visita do professor para o Museu. Esse deslocamento de responsabilidades para o educador e a ausência de envolvimento do professor são aspectos que denotam a falta de clareza da proposta da escola em relação à visita. Esta se configura como um tipo de situação indesejada pelos profissionais de museus, que se ressentem de um maior envolvimento dos professores na cena da visita. Situações como essa, foram largamente observadas em outros museus brasileiros tendo sido alvo de muitas críticas. Vista como sinônimos de descaso, desinteresse, descompromisso, tais ocorrências favoreceram rotulações muitas vezes, generalizantes de um tipo de atitude do professor em relação a um museu, sem, contudo, atentar para os múltiplos aspectos implicados nessa questão.

Situação 7

A professora solicita que os alunos copiem e respondam 15 questões de cada página do roteiro de Leitura do Bonde²¹⁵ que é uma atividade sugerida pelo Museu e que pode ser desenvolvida pelo professor sem a presença de monitores. Os alunos reclamam da quantidade, mas a maioria deles realiza a atividade. Alguns pedem para fotografar, mas a professora não os deixa sair antes de realizar a atividade proposta.

(Visita Escolar: E.M. EF, 02/04/09)

A situação revela um desconhecimento por parte do professor do objetivo do Museu com a atividade de Leitura do Bonde. Ao solicitar aos alunos que copiem e respondam questões do roteiro, ela impede a possibilidade da descoberta por meio da observação e discussão em grupo; retira o prazer da apreciação do objeto e a possibilidade de explorar as múltiplas possibilidades de leituras do objeto a partir dos elementos visuais, estéticos. Ela reduz a atividade a uma experiência de cópia de perguntas e respostas do tipo questionário ainda presente no universo escolar.

Situação 8

A professora articula a visita ao Museu ao conteúdo desenvolvido em sala e chega ao Museu com um conhecimento do acervo e utiliza-se dos objetos para discutir questões dadas em suas aulas. Ela, por vezes, interfere na fala do monitor e faz observações acerca dos usos dos objetos.

(Visita Escolar – E. M. E.F. 16/04/09)

A relação clara entre a visita e o trabalho desenvolvido em sala de aula e um conhecimento maior do universo do Museu por parte da professora permite uma maior participação do professor na cena da visita, promovendo uma experiência dialogada e participativa.

²¹⁵ Para refrescar a memória do leitor, a atividade de Leitura do Bonde foi organizada pela Equipe do educativo do Museu Abílio Barreto e consta de um roteiro de leitura do objeto em exposição: o Bonde. Ele permite a exploração do objeto por meio da leitura de diferentes aspectos do Bonde e sua inserção no contexto histórico da cidade. Esse roteiro permite que o professor faça a mediação entre o objeto e os alunos visitantes, independentemente da presença do monitor do museu. Roteiro de Leitura do Bonde.

Situação 09

A professora conduz a atividade Leitura do Bonde proposta pelo Museu, mas, durante um bom tempo, ela se ocupa da disciplina e do comportamento e atitudes das crianças (exige silêncio, fala que o fato de estar em espaço aberto não a levará a falar mais alto). Como não conhecia atividade do bonde, tentou improvisar e logo as crianças manifestam interesse pelas questões e algumas se envolvem com a discussão proposta. Algumas crianças sobem no bonde e um funcionário do Museu interfere explicando as razões pelas quais não podem subir no bonde.
(Visita Escolar, E.M. E.F, 30/04/09)

A indisciplina, a falta de envolvimento das crianças na atividade e o desconhecimento da professora, tanto dos objetivos da atividade, quanto das regras de funcionamento do Museu tornaram a visita pouco proveitosa e desestimulante.

Situação 10

A educadora do Museu fala do desejo de modernização presente na comissão construtora da Nova Capital e da destruição do Arraial do Curral Del Rei para a construção de Belo Horizonte. As crianças perguntam por que o Casarão não foi demolido, já que outras partes do Arraial o foram. A educadora elogia a pergunta e explica o fato de a casa estar localizada fora dos limites da Avenida do Contorno inicialmente área limite do projeto da nova Capital.
(Visita Escolar: E.M. E.F. 05/05/09)

Embora o universo dos alunos não seja foco das nossas investigações, a participação deles durante a visita aponta o protagonismo desses sujeitos na cena da visita, indicando possibilidades de apropriação do Museu pelos alunos de modo curioso e participativo, o que nos indica a possível experiência desses sujeitos em práticas educativas mais dialogadas.

Situação 11

A professora está desenvolvendo o projeto pedagógico *Ler para ser*, cujo tema é: O lugar onde vivo. A visita ao Museu pretende oferecer subsídios para as crianças trocarem informações sobre a cidade de Belo Horizonte com outras crianças de uma escola pública de Brasília. A professora interfere em alguns momentos da visita e estabelece relações com temas que estão sendo discutidos por ela em sala de aula.
(Visita Escolar: E.M. E.F. 05/05/09)

A cidade é tema das atividades pedagógicas desenvolvidas pela professora de língua portuguesa que visita o Museu com o objetivo de enriquecer o repertório das crianças com informações sobre a cidade. A professora compõe a cena da visita dialogando com o monitor

e alunos na medida em que as questões vão sendo apresentadas, ajudando a estabelecer ligações com o conteúdo abordado em sala. Assim, o Museu é visto como fonte de conhecimento e informação pelo professores e alunos.

Situação 12

A professora conduz o *Exercício de Leitura do Bonde*, mas as crianças são muito inquietas e dispersas, inviabilizando a realização da atividade.

(Visita Escolar: EP EF, 12/05)

A situação de agitação e dispersão de determinados grupos de alunos, provavelmente já constitui uma realidade daquele grupo no universo escolar e atravessa o universo do Museu, tornando inviável a realização da visita. Pouco se aproveita da oportunidade de estarem em um espaço diferente da escola, e o contato com o novo cenário não altera o clima de agitação presente na turma. Mesmo o espaço acolhedor dos jardins e a presença dos objetos em exposição da área externa do Casarão não conseguem conter o fluxo de agitação e dispersão dos alunos.

Situação 13

A professora demonstra familiaridade com o Museu e chama atenção para alguns aspectos que não estão diretamente relacionados às exposições do Museu, mas às estratégias que o Museu tem para inclusão de portadores de necessidades especiais e lembra aos alunos do relatório que precisam fazer em sala.

(Visita Escolar - E.P. E.F. 14/05/09)

A forma como a cidade viabiliza a inclusão dos portadores de necessidades especiais aparece como interesse de estudo do professor. Os equipamentos culturais da cidade são locais de observação desse fenômeno e o Museu é um dos espaços a ser observado pelo grupo de alunos. Essa forma de apropriação do Museu, que não exclui o interesse pelas exposições, são exemplos das muitas possibilidades de seus usos e apropriações, que não estão diretamente ligadas a sua atividade-fim.

Situação 14

O grupo de crianças demonstra interesse, envolvimento e encantamento com a exposição e faz perguntas sobre os objetos em exposição. Após a mediação prevista, a educadora do Museu deixa o grupo livre para que alunos e professoras possam explorar um pouco mais a exposição.

(Visita Escolar, EM. E.F. 14/05/09)

Nessa situação, ocorre uma confluência de interesses entre o grupo de visitantes e o Museu, permitindo uma troca de interesses, criando uma sinergia capaz de promover novas formas de fruição da exposição.

Situação 15

O professor veio ao Museu para fazer a introdução aos estudos sobre o advento da República. Para isso, ele parte de uma temática local que é a fundação da cidade de Belo Horizonte, como marco da República em Minas, para dar início ao estudo de um tema da história nacional.
(Visita Escolar, EM. E.F. 26/05/09)

A situação 15 aponta a relação entre o ensino de história e a temática abordada pelo professor e a visita ao Museu. A visita figura como ponto de partida para o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula. Fica clara a escolha do professor em abordar o advento da República tomando como referência a expressão local do fenômeno a ser estudado, promovendo um trânsito entre a história local e a nacional. A visita ao Museu é uma forma de atribuir novos significados ao estudo a ser desenvolvido em sala. Assim, ganha destaque o módulo da exposição em que se encontram expostos os símbolos do Império e da República.

Situação 16

Após algumas intervenções de caráter disciplinar, a professora avisa que alguns alunos podem ficar aguardando no ônibus, enquanto os outros usufruem da visita. Após entrar no Museu, a professora dá o seguinte procedimento: entrar, olhar e depois ouvir a explicação.
(Visita Escolar, EP, E.F. em 30/06/09)

As preocupações com a questão da disciplina e do comportamento no interior do Museu são frequente entre os professores e, normalmente, muita energia é gasta com essa questão. Na situação descrita, a visita torna-se um prêmio para aqueles que apresentarem um bom comportamento. A tríade entrar, olhar e ouvir a explicação aponta a disciplinarização por parte da professora preocupada com o bom andamento da visita. Embora a responsabilidade por esse bom andamento da visita recaia sobre o professor, pela relação de autoridade construída no espaço da escola, há momentos em que essa extrema preocupação tolhe a livre circulação e a fruição dos alunos no espaço do Museu.

Situação 17

O grupo de crianças mostrava-se muito cansado, pois já havia visitado outros espaços culturais da cidade e, dali, seguiria para a Praça da Liberdade.

(Visita Escolar: E.P. - E.F. 01/09/09)

Os roteiros turísticos extensos exaurem as crianças e tornam a visita pouco produtiva. Dessa forma, nem as crianças têm energia suficiente para aproveitar a visita, nem a mediação preparada pelo Museu pode ser realizada a contento. Assim, a visita resume-se ao cumprimento de uma das etapas da *via sacra*, esvaziada de sentido educativo, prazer e fruição.

Situação 18

Ao entrarem no compartimento que representa o quarto de casal, uma criança pergunta por que a cama se encontra desarmada. O guia de turismo responde que é para permitir a circulação dos visitantes pelo quarto, já que a cama é muito grande.

(Visita Escolar: E.P.E.F. 01/09/09)

A falta de conhecimento do guia a respeito do papel dos objetos no Museu acaba por levá-lo a fornecer uma informação incorreta ao grupo de alunos. Muitas escolas contratam o serviço das empresas de turismo pedagógico para fazerem a condução da visita, via de regra, sem que haja uma preparação prévia desses profissionais para o trabalho no Museu.

Situação 19

Na primeira sala da exposição no Casarão, algumas crianças observam a vitrine com as chaves das casas do Arraial do Curral Del Rei que foram desapropriadas pela comissão construtora, enquanto outras querem anotar as informações da legenda de cada objeto.

(Visita Escolar: E.P. E.F. 17/09/09).

A necessidade de registrar o conteúdo da legenda parece ser uma prática tão internalizada em algumas crianças que, mesmo não havendo cobrança explícita do professor de se tomar nota das informações, elas insistem em fazê-lo, deixando de apreciar a exposição e de participar do contexto da ação mediada.

Situação 20

Em volta da vitrine com as chaves das casas que foram demolidas no Arraial, a educadora pergunta o significado delas e sua relação com as imagens do antigo Arraial plotadas na parede. A educadora chama a atenção para a Legenda e convida os alunos a lerem juntos.

(Visita Escola, E.M. E.F. 20/10/09 e 05/11/09)

A mediação humana aparece como possibilidade de aproximação entre o visitante e a exposição. A leitura da legenda é um recurso que torna inteligível o discurso da exposição. Nessa situação, a legenda é utilizada pela educadora do museu como chave de decodificação do conteúdo exposto e ajuda na compreensão dos significados projetados pelo (s) museólogo (s) e museógrafo (s).

Situação 21

Uma criança pergunta por que alguns objetos da exposição estão desmontados e a educadora do museu explica que, no Museu, os objetos perdem a sua função de uso e ganham outra função figurativa, simbólica.

(Visita Escolar, 05/11/2009)

A curiosidade do aluno reforça a necessidade de um conhecimento sobre o Museu, as ferramentas e códigos que permitem interpretar a linguagem museal (RAMOS, 2004). Entender como as coisas funcionam no Museu pode alterar substancialmente a qualidade da visita. A intervenção do monitor sobre a forma como o Museu trata os objetos oferece a possibilidade de uma melhor compreensão do espaço museal.

As situações destacadas revelam formas de apropriações dos museus e aspectos que se entrecruzam na cena da visita compondo um cenário rico de elementos que nos permitem analisar de forma mais ampla os significados das visitas escolares ao Museu.

As motivações que trazem professores ao Museu vão desde o desejo da experiência de prazer e deleite que um museu proporciona, como é descrito na situação 2, até o cumprimento de uma programação cultural institucional que a direção da escola oferece aos seus alunos como possibilidade de vivência cultural, com é o caso descrito na situação 4, apontando modos de apropriação distintos, mas não excludentes. Assim, os significados atribuídos a um museu pelos professores se apresentam múltiplos, e as situações ali vivenciadas ora constroem uma experiência de trocas fecundas, ora se desviam dos seus propósitos, seja pela impossibilidade de sua realização, seja pelos deslocamentos implícitos na sua (re -) significação.

Os objetivos das visitas são igualmente múltiplos e diversos: a experiência de fruição estética (situação 2); a necessidade de informações históricas capazes de enriquecer o processo ensino-aprendizagem em sala de aula (situações 5, 11 e 15); o uso do Museu como fonte para compreensão do fazer do historiador (situação 1); a investigação acerca das

estratégias do Museu para a acessibilidade de portadores de necessidades especiais (situação 13) e, até mesmo, a possibilidade de uma vivência cultural em um espaço museal (situação 4). Situações estas apontam a plasticidade dos significados das visitas rompendo tipificações arquetípicas dos Museus, alargando os limites das suas clássicas tipologias.

Assim, nem sempre a visita a um museu histórico da cidade guarda uma relação direta com o conteúdo do campo disciplinar da história, como poderíamos inicialmente supor. Os interesses dos professores, ora se apresentam articulados ao projeto pedagógico do professor em torno de um campo disciplinar seja a história, a língua portuguesa e a geografia, ora contemplam os interesses de projetos coletivos de ensino envolvendo diferentes campos do conhecimento em torno de questões a serem investigadas sobre a cidade. Também podem fazer parte de uma política da escola de acesso aos bens culturais da cidade, como uma ação que visa à educação para o patrimônio ou, ainda, se constituírem em fonte de informação sobre aspectos em discussão na sociedade como o tema das políticas de inclusão de portadores de necessidades especiais.

Nesse sentido, a visita a um museu pode vir a ser fonte de múltiplas possibilidades de conhecimentos nos mais diferentes campos do saber e, também, fonte das diferentes experiências sensoriais. O museu é (re -) significado e transformado por esses sujeitos em lugar múltiplo e plural: lugar de conhecimento, informação, aprendizagem, retraimento, encantamento, revelações, reconhecimentos, identificações, estranhamentos, catarses, escapes, engajamento... Lugar de múltiplas experiências e aprendizagens.

6 - A MEDIAÇÃO NO MUSEU

Não temos que fazer exposições didáticas, mas torná-las acessível é importante. A mediação resolve ou tenta resolver o problema do público atendendo as especificidades das crianças, dos jovens, da terceira idade etc. (Reunião do Setor Educativo, 12/04/09)

No MHAB, o atendimento ao público escolar apoia-se nas diretrizes do projeto *Descobrimo o Museu*, implementado em 1998, que por sua vez, encontra seus eixos delineados no documento intitulado *Ação Cultural e Políticas Sociais*, elaborado em 1994²¹⁶. Voltado para o atendimento ao público escolar, apresenta-se com o objetivo de discutir, de

²¹⁶ MUSEU HISTORICO ABILIO BARRETO. Documento Ação Cultural e Políticas Sociais, 1994. Arquivo do Setor Educativo – Pasta n. 36.

forma lúdica, os temas propostos pelas exposições e inserir o conceito de documento histórico nas reflexões sobre o acervo preservado pelo Museu²¹⁷.

Como já mencionamos, no seu formato inicial, o projeto tinha o professor como principal mediador no processo pedagógico, sendo ele o responsável pelo acompanhamento dos seus alunos no percurso expositivo. O foco na figura do professor demandou um investimento por parte do Museu na capacitação oferecida por meio do curso *Encontro com o Museu*. Com a reformulação no projeto, a partir de 2007, os educadores do Museu passaram a acompanhar os grupos dentro dos espaços expositivos²¹⁸. Nesse novo formato, apostava-se numa mediação provocativa e interativa com o público, com ênfase na problematização de questões mediadas pelos objetos/documentos do acervo, a fim de construir uma interpretação significativa sobre a exposição (ARAUJO e ROSSI, 2010).

Assim, a mediação humana²¹⁹ passou a ocupar o centro do processo comunicativo, visando dar ao visitante maior compreensão da mensagem da exposição. No Museu, não há suportes midiáticos no contexto expográfico, nem recursos de tecnologia digital. Ao invés do uso de suportes tecnológicos, a aposta se volta para a mediação humana, organizada via intervenções lúdicas extraídas do repertório das brincadeiras infantis tradicionais, no caso da mediação voltada para o público do ensino infantil e fundamental. A mediação é pensada de acordo com a faixa etária do público recebido: “[...] o monitoramento deve ser adequado ao nível escolar/cultural do visitante procurando sempre explorar sua sensibilidade”²²⁰.

²¹⁷ MUSEU HISTORICO ABILIO BARRETO. Documento Ação Cultural e Políticas Sociais, 1994. Arquivo do Setor Educativo – Pasta n. 36.

²¹⁸ MUSEU HISTORICO ABILIO BARRETO. Relatório de Gestão 2005/2006 – Arquivo do Setor Educativo – Pasta n. 38.

²¹⁹ A mediação humana refere-se a um tipo de mediação realizada por sujeitos capazes de possibilitarem o estabelecimento de pontes entre os visitantes e um objeto exposto, um monumento; uma exposição, uma obra de arte, etc. Segundo Caillet (1995), a ideia da mediação tem origem no debate sobre o acesso à cultura e é vista como uma aposta na possibilidade de aprender. Aprender na perspectiva de Michel Serres *apud* Caillet (1995), significa cruzar barreiras, ir para o outro lado, atravessar, descobrir o outro. A autora utiliza-se da metáfora do *passador*, como base da concepção da mediação. Nessa medida, o mediador é aquele que acompanha na passagem, reencontrando o sentido da palavra pedagogo como aquele que acompanha. Desse modo, o mediador não é aquele que te ensina como faz o professor, mas “aquele que te faz saber”, que facilita a passagem. Cazelli (2003), refletindo sobre o papel da mediação humana nos museus de ciências, afirma “[...] que as exposições não podem depender de monitores para serem compreendidas, mas que a mediação humana talvez seja a melhor forma de obter um aprendizado mais próximo do saber científico apresentado e do ideal dos elaboradores” (CAZELLI, 2003, p. 101). A “[...] consciência de que o mediador é, de certa forma, a ‘voz’ da instituição” (MARANDINO, 2008, p. 12), tem se confirmado entre os pesquisadores e profissionais de museus, colocando em debate a sua necessária formação e profissionalização (CAILLET, 1995, 2009).

²²⁰ MUSEU HISTORICO ABILIO BARRETO. Documento Ação Cultural e Políticas Sociais, 1994 - Arquivo do Setor Educativo – Pasta n. 36.

Ao público infantil é oferecida a montagem de um quebra-cabeça com os objetos da exposição na sala multiuso que fica no andar térreo do Casarão. Após a montagem do jogo, as crianças percorrem os espaços expositivos tentando encontrar os objetos montados por eles: (...) Na sala de exposição, as crianças procuram pelos objetos que eles montaram na atividade do quebra-cabeças e, ao descobrirem os objetos na exposição, eles param, apreciam e ouvem a intervenção do monitor e do professor. Ao longo do percurso o mediador ou o professor vai comentando sobre os usos e significados dos objetos em exposição.

Além da ação mediada pelos objetos em exposição e das intervenções/indagações do educador do Museu, há a realização da brincadeira *Telefone sem Fio*, utilizando nomes de objetos da exposição, que é direcionada visitantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Segundo Araújo e Rossi (2010, s/p):

[...] O Telefone Sem Fio é um recurso lúdico usado para trazer à cena objetos expostos que serão investigados de forma mais atenta. Os alunos são convidados a assentarem-se em roda em uma das salas da exposição do Casarão, onde a brincadeira irá se desenvolver. O nome dos objetos é dito no ouvido dos alunos que deverão identificar a peça exposta e examiná-la coletivamente. Ao extrair as características do objeto, diversos aspectos do Arraial do Curral del Rei, tema da exposição, vão sendo revelados. Em seguida, fazem-se relações desses objetos “do Museu” com outros objetos constitutivos do cotidiano dos alunos.

No momento de realização dessa atividade, o educador procura motivar a participação dos alunos que se mostram participativos, como pode ser observado no registro a seguir.

A seguir, o monitor pediu para os (as) alunos (as) fazerem uma roda para iniciar a brincadeira do Telefone Sem Fio: - “Vamos fazer agora a brincadeira do Telefone Sem Fio! A palavra vai passando até chegar à outra pessoa”. A primeira palavra da brincadeira do Telefone sem Fio foi o “Pilão”. Logo depois, o agente de museu perguntou para eles (as): “Alguém viu o pilão aqui na exposição”? No caso, ele mostrou para os (as) alunos (as) onde estava o objeto, e explica que ele serve para “triturar, amassar os alimentos”. A seguir, o monitor perguntou: “Que objeto atualmente funciona como o pilão”?
Alunos (as): Panela, liquidificador...
Educador: Que tipo de energia utiliza?
Alunos (as): Energia elétrica.
Educador: Não existia eletricidade. Então não existia a geladeira. Como faziam para conservar os alimentos? Matavam no dia e comiam no dia?
No caso, o agente de museu explicou que existiam processos de conservação: “Salgavam a carne, colocavam a carne no sol. Outra forma era o fogão a

lenha, e colocavam a carne dependurada num varal acima do fogão”. Depois, o monitor perguntou: “Na carne, a gente colocava sal e nas frutas a gente colocava o quê”?

Alunos (as): Açúcar.

A segunda palavra da brincadeira do Telefone Sem Fio foi “Del Rey”. A seguir, o monitor perguntou: “O que significa”?

Alunos (as): Refrigerante.

Educador: Do rei. (...) (Notas de Campo)

Para os adolescentes, a ação mediada pelo educador do museu que se desenrola a partir das observações e questionamentos em torno da função dos objetos na sociedade, os sentidos e significados históricos a eles atribuídos. Essa mediação é centrada na figura do educador que explora os objetos do Museu como portadores de informações e significados históricos. Há um foco maior na transmissão de informações apreendidas dos objetos em exposição vistos como fontes de informações sobre a história.

A educadora chama atenção dos alunos para a observação dos aspectos arquitetônicos das edificações do entorno do Museu em contraponto às características arquitetônicas do Casarão erguido no período colonial, e ressalta a existência do ideário de modernização que marcou a Comissão Construtora da Nova Capital. Em seguida, durante a atividade de observação do bonde, a educadora fala sobre o crescimento populacional da cidade de Belo Horizonte e as opções pelos novos sistemas de transporte implementados visando acompanhar as novas demandas de desenvolvimento da cidade. (Notas de Campo, Visita Escolar: 05/03/09)

Enquanto as ações mediadas voltadas para as crianças (infantil e anos iniciais do ensino fundamental) incluíram a dimensão lúdica como forma de acesso ao objeto em exposição, tanto as atividades que requerem a manipulação das peças do quebra-cabeça, quanto a brincadeira do Telefone Sem Fio, a estratégia para o público jovem (anos final do ensino fundamental e ensino médio) esteve mais centrada no desafio intelectual, deixando clara uma estreita aproximação com as orientações que informam os processos de aquisição de conhecimento no universo escolar²²¹. Aqui se evidencia a influência das teorias

²²¹ O debate sobre os processos de aquisição de conhecimento mobiliza um conjunto de reflexões no campo da educação entrecruzado por diferentes campos disciplinares como a psicologia, a antropologia, a sociologia, a linguística e a semiótica dentre outros. As teorias cognitivas mais ou menos informadas pelo biológico e o cultural resultaram em entrecruzamentos complexos e produziram modelos teóricos cujo grau de complexidade requer um esforço de análise que este estudo não pretende fazer. Ver: MORTMER e SOMOLKA, 2001.

cognitivas nas práticas educativas dos museus apontadas por diferentes pesquisadores (MARANDINO, 2001 e 2008; CAZELLI, 2003; NASCIMENTO, 2005 dentre outros)²²².

6.1 Aprender a ler objetos: o convite do MHAB

“Visitar um museu e não ver uma exposição é complicado.”
(Notas de Campo, 26/10/09)

Nos museus, a exposição é sua principal forma de comunicação. E em um museu de objetos, eles compõem uma trama discursiva cuja chave de compreensão se encontra nas possibilidades criadas para suas leituras.

Como instituição destinada “[...] a reunir, conservar e expor objetos relativos à história e memória de Belo Horizonte”, [o MHAB], “privilegia o sentido documental de seu acervo como evidência da experiência e produção do conhecimento humano através da cultura material”²²³. A clareza da especificidade de um museu histórico quanto à possibilidade de contribuição para a compreensão da história, a partir do contato com objetos da cultura material, norteia as ações do projeto educativo. Assim, a preocupação em apresentar/problematizar os objetos em exposição orienta a construção de diferentes intervenções junto ao público.

No contexto da ação mediada pelo educador do museu, o convite para a apreciação do objeto é posto como uma espécie de chave para a leitura do museu.

Hoje, em Belo Horizonte, 2009, os materiais são totalmente diferentes dos que eram usados no Arraial do Curral Del Rey. Então, a gente já começa a pensar um pouquinho em como é que os objetos dizem da sociedade, como é que os objetos são usados pela sociedade. E hoje no Museu, vou convidá-los a sempre fazer assim: **quando vocês enxergarem os objetos, vamos pensar por que esse objeto está aqui, qual que é a função dele, vamos compará-lo com nosso tempo presente**, pra gente sair aqui do Museu conhecendo de verdade a História de Belo Horizonte. Agora a gente vai lá pro Casarão pra gente conhecer um pouquinho do Arraial do Curral Del Rey, que existia antes de BH. (Visita Escolar, 20/10/09 - *grifo nosso*)

²²² Para Nascimento (2005), os estudos socioculturais, cuja premissa se assenta na perspectiva de que a internalização é um processo que se constitui da transformação dos fenômenos sociais em fenômenos psicológicos, informam os programa de práticas educativas nos museus de terceira geração (aqueles cuja prática educativa implicam o visitante na construção de conhecimentos).

²²³ MHAB- Programa de Educação Patrimonial – MHAB. Arquivo Setor Educativo.

No trecho em destaque o educador preocupa-se em fornecer pistas de como o Museu pode ser lido, convidando os alunos a pensarem sobre os objetos, suas funções, sentidos e significados. Em outras visitas, a preocupação com o fornecimento de orientações de como utilizar o Museu ficou explícita na intervenção dos monitores, evidenciando ser essa uma preocupação da ação educativa do local.

À medida que os alunos vão entrando no Casarão a Educador chama a atenção para as legendas, as fotos e os objetos em exposição. Ao mesmo tempo em que vai contando um pouco da história da cidade por meio dos objetos, vai orientando os alunos a lerem o que está escrito nas legendas e o que elas estão informando (Visita Escolar, 21/07/09)

O Museu é um lugar que guarda objetos que nos fazem lembrar aspectos da história da cidade. (Visita Escolar 21/07/09)

O monitor conduz os alunos ao banheiro, depois os reúne nos bancos do jardim e inicia uma conversa para saber se eles já haviam visitado algum museu antes e quais os museus. Em seguida, pergunta se os alunos gostavam de fazer coleções e o que costumavam colecionar. Usa dessa analogia para explicar que, nos museus, a coleção define o tipo de museu. Fala da existência de diferentes museus e conta da especificidade do MHAB, como um museu histórico. (Visita Escolar, s/d)

Em diferentes visitas percebemos a preocupação com o que vem sendo denominado por alguns autores *alfabetização museal* que consiste em oferecer ao usuário um conjunto de ferramentas cognitivas para a leitura do Museu. Assim, propõe reflexões sobre: O que é um museu? O que são coleções e como elas são formadas? Qual a função dos objetos em um museu? A importância das legendas, dentre outros aspectos, são questões a serem abordadas pelos mediadores. Os próprios alunos, ao entrarem no Museu, apresentam a necessidade de compreender as linguagens do Museu: *Professora, por que a cama está desmontada?*

Habitualmente, o Casarão é o primeiro objeto da exposição a ser explorado na visita junto ao público escolar. A recepção nos jardins em frente ao Casarão é uma oportunidade de apreciar uma construção erguida no final do século XIX com traços arquitetônicos que remetem aos tempos coloniais do Arraial do Curral Del Rei, O Casarão, transformado hoje pelo Museu em documento histórico, apresenta indícios dos aspectos da arquitetura e das técnicas de construção de outra temporalidade histórica.

O educador escolheu um local na parte externa, reuniu os/as alunos/as e fez algumas colocações: “Olhem para a casa! O que tem a casa que fala que ela é antiga? Será que vocês vão encontrar móveis?”

Alunos (as): Aqui é um Museu!

Educador: De que ela é feita?

Alunos (as): Tijolo.

Educador: Ela foi construída de pau-a-pique.

Logo após, o educador de museu faz mais algumas perguntas: “O que essa casa tem de diferente daquelas”?

Alunos (as): Elas são mais sofisticadas, essa é mais velha,...

Educador: Por que precisava de tanta janela na casa?

Alunos (as): Para entrar ar, para a luz do sol entrar...

Educador: Por isso, tinha muitas janelas para a luz do sol entrar!

(Notas de Campo, Visita Escolar, 06/10/09)

Em outra visita, os aspectos arquitetônicos evidenciam algumas características do modo de vida no Arraial do Curral Del Rei.

Educador: - Turma, outra coisa, por que vocês acham que tem esse grande número de janelas?

Aluno 1: - Pra ficar... Pra luz do sol entrar. Pra iluminar.

Aluno 2: - Porque a noite não tinha luzes.

Aluno 3: - Pra iluminar.

Aluno 4: - De noite eles usavam lampião e de tarde era pra iluminar lá dentro.

Aluno: - Eles abriam as janelas pra luz entrar.

Educador: - Olha! Vocês estão sabendo bastante.

Aluno 4: - Pra aproveitar mais a luz do dia.

Aluno 3: - Pra entrar ar.

Educador: - Pra entrar ar, pra entrar luz. Turma, esse casarão é de 1883, ele pertenceu à fazenda do Leitão. Em 1883, ainda não existia energia elétrica. (Visita Escolar, 20/10/09)

A importância da utilização do acervo como documento histórico é reafirmada no caderno de visita sobre o Casarão - Casarão do MHABH – Museu da cidade – caderno de visita²²⁴ que fornece ferramentas para a leitura de uma das principais peças do seu acervo do MHAB. Nele, o Casarão é tomado como documento histórico, suporte de informação acerca do Arraial do Curral Del Rei e da sociedade rural que ali se estabeleceu ao longo dos séculos XVIII e XIX. Na apresentação do *folder* evidencia-se a compreensão da visita ao Museu como uma possibilidade de reflexão sobre aspectos da organização da sociedade por meio do seu acervo.

A visita a um museu histórico é uma oportunidade de descobrir a cultura de sociedades ou de grupos sociais em determinada época e lugar. Os objetos guardados pelo museu podem revelar hábitos, costumes e valores dessas sociedades. Assim, eles são encarados como documentos, suportes de informações que nos ajudam a conhecer as sociedades²²⁵.

²²⁴ MHAB – Folder: Casarão do MHAB – Museu da Cidade - caderno de visita. Publicação do Setor Educativo, Belo Horizonte, MHAB, 2010.

²²⁵ MHAB – Folder: Casarão do MHAB – Museu da Cidade - caderno de visita. Publicação do Setor Educativo, Belo Horizonte, MHAB, 2010.

Seguindo a mesma orientação, *O exercício de leitura do bonde*, criado em 2004, é outra atividade que ilustra a forma como um objeto do acervo pode ser tomado como fonte documental. Trata-se de um roteiro de exploração de uma peça do acervo: o Bonde. A cada página do roteiro há o convite para a exploração das diferentes percepções sensoriais: a página do olhar, aquilo que se vê, convida à observação dos aspectos formais, como cor, material, quantidade de rodas e bancos etc. A página do construir, aquilo que se descobre, é um convite à descoberta da função e o modo de funcionamento do bonde: para que servia e como funcionava, são algumas das questões postas. Na página do sentir, aquilo que se sente, o convite é para um mergulho no sentimento e imaginação: o que você sente ao ver o bonde? Como você imagina a cidade na época dos bondes? Na página do conhecer, aquilo que se sabe, ao final do roteiro, são oferecidas informações resultantes das pesquisas realizadas pelo Museu sobre os meios de transporte da cidade de Belo Horizonte.

O texto de conclusão do *Roteiro de Leitura do Bonde* explicita a preocupação com as múltiplas experiências sensoriais proporcionadas pelo contato com os objetos, além do desenvolvimento de habilidades para o uso do Museu.

Sempre que observar um objeto, olhe com atenção, perceba os detalhes, descubra para que serve, sinta as sensações que ele provoca, busque informações e use a imaginação. Quando visitar um museu, desenvolva esse olhar²²⁶.

O que as diferentes atividades descritas nos permitem pensar é que a fruição em um museu histórico como o MHAB não pode prescindir da capacidade de leitura dos objetos. De um lado, o desenvolvimento da habilidade de leitura dos objetos, tal qual a leitura de palavras e, por outro, a tarefa de se ensinar a ler objetos são premissas sem as quais não se torna possível a fruição naquele espaço museal.

A atividade Telefone Sem Fio²²⁷, inspirada no conceito de objeto gerador apresentado por Ramos (2004), como foi descrita anteriormente, tem os objetos expostos como mediadores no acesso ao conhecimento sobre o passado e, de maneira lúdica, toma os objetos em exposição como geradores de reflexões de natureza histórica.

Inspirado em princípios da pedagogia de Paulo Freire acerca da utilização de palavras geradoras no processo de alfabetização, Ramos (2004) desenvolve o conceito de objeto

²²⁶ MHAB – Exercício de Leitura – O Bonde.

²²⁷ Ver Araújo e Rossi (2010).

gerador para definir uma estratégia de alfabetização museológica, por meio de objetos portadores de significados para os alunos. Assim, o objetivo do trabalho com o objeto gerador seria “[...] motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano” (RAMOS, 2004, p. 32). Nessa perspectiva Ramos (2004) assim define sua proposição.

A questão central da proposta aqui defendida reside nas experiências de historicidade que podem ser constituídas em uma pedagogia do objeto, ou melhor, nas iterações entre aquilo que Freire chamou de palavra geradora e aquilo que estou chamando de objeto gerador. Imbricações entre letras e coisas, entre coisa e vozes, entre o dito e o não dito, entre o direito às coisas e o direito às palavras, entre sujeitos e objetos, tudo na qualidade de seres gerados e geradores (RAMOS, 2004, p. 160).

O conjunto de atividades desenvolvidas pelo setor educativo do MHAB nos leva a refletir sobre um modo de transmissão cultural que tem a dimensão da memória coisificada como fonte de um conteúdo a ser transmitido. Nessa perspectiva, os objetos são tomados como indícios, marcas da existência humana.

Segundo Reis (1994), por intermédio dos vestígios, a história procura o significado do passado que permanece coisificado. “Ele é ‘coisa’ e ‘sinal’, é natureza e consciência” (REIS, 1994:77). Como evidência material, o vestígio pode ser localizado num tempo cronológico, pode ser datado. Como sinal, ele evidencia dimensões materiais e simbólicas do vivido do homem. E como permanência, o vestígio materializa o legado do homem. Eterniza o transitório. Ele insere materialmente o ontem no hoje.

Enquanto a escola apresenta uma forma de comunicação fundamentada principalmente na palavra e no texto escrito, em um museu de objetos essa comunicação é mediada pelos objetos da cultura material.

No entanto, o tempo curto da visita implica explicações rápidas e pontuais se comparadas às possibilidades que o professor tem na escola. Assim, no museu os objetos são pontes que refrescam memórias e permitem evocar contextos históricos.

Operações cognitivas mobilizadas no contexto da visita

A análise de alguns eventos no contexto da visita aponta operações cognitivas mobilizadas pelo educador:

Evento 1

A educadora do Museu mostra um quadro dos quadros da exposição *Paisagem do Arraial de Belo Horizonte* (Honório Esteve, 1984) e pergunta aos alunos (as): “O que está representado de verde”?

Alunos (as): Mato.

Educador: E de branco?

Alunos (as): As casas.

Educador: Se a gente fosse pintar um quadro de Belo Horizonte, qual é a cor que iria aparecer mais?

Alunos (as): Branco.

Educador: É branco, pois Belo Horizonte tem mais casas.

Visita Escolar, E.M. E.F. 28/04/2009

Ao observar as telas sobre o Arraial do Curral Del Rei, a educadora utiliza os elementos visuais da imagem para identificar as possíveis transformações no espaço. Na pintura do Arraial há poucas edificações e uma enorme área verde no entorno do Arraial, cuja predominância é da cor verde. Ao utilizar o recurso da comparação entre a representação do Arraial (pintura) e a imagem mental que eles têm de Belo Horizonte atualmente, a percepção da transformação na paisagem vai se tornando evidente. Assim, o exercício de comparação entre o presente e o passado permite a percepção das mudanças na paisagem, ressaltando aspectos como o crescimento urbano e as transformações no espaço rural.

Evento 2

A segunda palavra da brincadeira do Telefone Sem Fio foi *Gomil*. A educadora fez a seguinte indagação para eles (as): “O que é tinha naquele cômodo, além do gomil”?

Alunos: - Cama, bacia...

A educadora do Museu complementou dizendo que “era um cômodo para se fazer à higiene pessoal”.

Educadora: - “Qual é o cômodo da nossa casa em que fazemos a higiene”?

Alunos (as): Banheiro.

Educadora: - “Na época do Arraial não havia banheiro nas casas. Se a água não está no banheiro não dá para funcionar. As pessoas tinham que buscar água no rio.”

Visita Escolar, 28/04/2009

No evento citado, o estabelecimento da relação presente-passado reaparece como um recurso para pensar o outro tempo. A possibilidade de desenvolvimento da empatia histórica surge da possibilidade de contrastar as experiências presentes com as passadas. Os

elementos do contexto do tempo do Arraial vão emergindo do diálogo mediado pelos objetos. Novamente o exercício de comparação entre a experiência do presente e do passado se torna fundamental para a compreensão histórica. A estratégia de pensar sobre os hábitos de higiene e os espaços destinados a esses hábitos na atualidade, comparando com os do passado a partir dos objetos de higiene pessoal, como o gomil e a bacia que estão dispostos no espaço íntimo do quarto, exige a realização de operações de natureza temporal que permitem pensar o contexto daquele período. Assim, ao serem desafiadas a pensar sobre a presença daqueles objetos no quarto, os alunos podem acessar alguns conhecimentos sobre o modo de vida daquela sociedade e refletir sobre permanências e mudanças.

Evento 3

A terceira palavra da brincadeira do Telefone Sem Fio foi *Pilão*. A educadora de Museu fez a seguinte indagação para eles: - “Vocês conhecem o pilão”?

Alunos: - Sim

Educadora: - Para que serve o pilão?

Alunos: - Para triturar os alimentos.

Educador: - Por exemplo, se utilizarmos o liquidificador e o pilão, em qual objeto vamos utilizar mais força?

Alunos: - Pilão.

Educador: - Como a carne era conservada na época do Arraial?

Os alunos não souberam responder a pergunta feita. Então, a educadora de museu respondeu o seguinte: - “Eles colocavam sal na carne e também a colocavam para tomar sol. A carne, também ficava dependurada e próxima do fogão a lenha. As polpas da fruta eram colocadas no tacho e virava um doce”.

Logo depois, ela aproveitou para fazer a seguinte indagação: - “O que eles faziam com o leite”?

Alunos: - Queijo.

Educador: - Se os objetos mudam de acordo com a época... Os seus objetos são diferentes daquela época?

Alunos: - Sim.

Educador: - Os museus servem para guardar objetos de diferentes épocas.

Notas de Campo (s/d)

Da mesma forma, as reflexões derivadas dos objetos de trabalho de uso doméstico como o pilão, por exemplo, permitem problematizar o uso da força de trabalho humano e suas transformações a partir da utilização da energia elétrica. Assim, os alunos são convidados a acessarem um conjunto de informações sobre a vida cotidiana nos tempos do

Arraial do Curral Del Rei e as técnicas de conservação de alimentos utilizadas naquele período.

O estabelecimento da relação entre o passado/presente apresentou-se como estratégia capaz de conferir maior significado na compreensão acerca do tempo passado e se constituiu de uma operação de raciocínio necessária à compreensão dos processos históricos.

Todas essas situações apontam para a importância das interações mediadas pelos sujeitos e objetos no desenvolvimento de habilidades cognitivas diversas e revelam um modo de aprendizagem aberto, capaz de suscitar curiosidade e promover novas investigações.

Nessa medida, a mediação humana no Museu ganha um estatuto central e é capaz de promover a aproximação entre o Museu e o público, tornando-se um mecanismo de acesso à cultura e uma aposta na possibilidade de aprendizado da cultura, como assinala Caillet (1995).

A escolha pela mediação humana no interior do Museu coloca em evidência a natureza das interações dialógicas estabelecidas entre o mediador do Museu, os visitantes (professores e alunos) e os objetos, como signos portadores de memórias e significados históricos.

A análise de eventos observados durante a visita permitiu identificar mediações mais dialógicas, com maior participação dos alunos e outras mais centradas na transmissão de informações a partir da leitura dos objetos como podemos verificar nas situações que se seguem.

Eventos 4:

Educadora: - Então, eu queria que vocês ficassem aqui pra observar esta casa. Olha só esta casa, quando vocês observam esta casa e todo o entorno dela, vocês acham que esta casa foi construída recentemente?

Alguns alunos: - Não.

Educador: - Olha só, esta casa... Antes de eu começar a falar da casa, eu quero fazer uma perguntinha para vocês.

Aluno 1: - Ela foi feita e aí quando ficou velha, foi reformada.

Educador: - Isso, ela foi reformada para virar um Museu. Antes de começar a falar da casa, é... Vocês vieram ao Museu Histórico Abílio Barreto, o que que vocês acham que vão ver nesse Museu? Esse Museu vai contar a História de que?

Vários alunos: - Belo Horizonte.

Educador: - Belo Horizonte, né? Ele tem o nome de Museu Histórico Abílio

Barreto pra homenagear o historiador Abílio Barreto, que foi o nosso primeiro diretor. Então, esse nome Abílio Barreto é para homenagear esse historiador, tá? Agora... Pode perguntar.

Aluno 2: - Essa casa era do dono da fazenda que era Belo Horizonte.

Educador: - Isso. Então olha só, espera aí, eu vou contar *pra* vocês.

Aluno 3: - A gente vai ver as coisas de quando Belo Horizonte era Curral Del Rey?

Educador: - Isso. Justamente. Antes da gente...

Aluno 4: - Esse Abílio Barreto já morreu?

Aluno 1: - Faz muito tempo, né?

Educador: - Já. Depois que ele morreu que o Museu ganhou esse nome de Museu Histórico Abílio Barreto, pra homenagea-lo. Agora, olha só, turma, vocês acham... Como vocês acham que começa essa história de Belo Horizonte: Ela era um Arraial e foi crescendo...

Aluno 2: - Uma fazenda.

Educador: - Espera aí, deixa eu perguntar *pra* vocês. Ela era um Arraial foi crescendo e aí virou essa cidade de Belo Horizonte, ou não?

Aluno 2: - Era uma fazenda.

Educador: - Belo Horizonte era uma cidade construída, planejada?

Vários alunos: - Planejada.

Educador: - Então, vocês já ouviram falar que Belo Horizonte é uma cidade planejada, não é?

Alguns alunos: - Hanrã.

Educador: - Belo Horizonte foi planejada para ser a nova capital de Minas Gerais e aí ela... Existia aqui um Arraial do Curral Del Rey que foi todo demolido *pra* construção dessa cidade, que seria a Nova Capital de Minas Gerais. Então, olha só, nesse Arraial existiam várias fazendas, uma das fazendas era a fazenda do Leitão e essa casa aqui era a sede da Fazenda do Leitão. Ela foi construída em 1883. Então, ou seja, ela pertencia ao Arraial do Curral Del Rey e é uma casa que ela foi construída antes mesmo da cidade de Belo Horizonte, porque o Arraial foi todo demolido pra construção da cidade. Então, olha só, essa era a casa sede de uma fazenda. Quando a gente observa essa casa, o que que vocês veem nessa casa? Assim, qual que é o principal material que aparece nela?

Alguns aspectos indicam o movimento dialógico presente na mediação: o número de vezes em que aparece a participação dos alunos e a quantidade de alunos que participam da discussão (quatro alunos ou vários); a forma interrogativa como conduz a suas falas: *Vocês vieram ao Museu Histórico Abílio Barreto, o que que vocês acham que vão ver nesse Museu?*, e utilização dos conhecimentos prévios das crianças: *Então, vocês já ouviram falar que Belo Horizonte é uma cidade planejada, não é?*

Todos esses aspectos indicam um movimento discursivo dialógico e interativo²²⁸. O discurso dialógico expressa mais de um ponto de vista e é denominado interativo quando é produzido ou conduzido por duas ou mais pessoas. Conseqüentemente, a visita foi bem dialogada, interativa e capaz de mobilizar novos significados.

Já no exemplo seguinte, há um movimento discursivo dialógico, pois a participação dos alunos está presente, por meio de ideias deles, embora predomine a narrativa centrada na figura do educador. Nesse caso, o discurso não é interativo, pois, foi conduzido por uma única pessoa.

Evento 5:

Em seguida, o educador escolheu um local na parte externa do Casarão, formou uma roda e fez algumas indagações: - “Olhem para a casa! Acham que é a primeira casa de Belo Horizonte”?

Alunos: Não.

Educador: A mais antiga?

Alunos) Sim

Logo depois, a agente do Museu começou a contar um pouco da história do Arraial do Curral Del Rey.

A seguir, ela apresentou algumas regras antes de eles entrarem no Casarão: - “Silêncio; Não colocar as mãos nos objetos, pois são muito sensíveis. Não pode tirar fotos”.

Os trechos analisados apontam tanto a importância do papel do mediador e a necessidade de sua formação para atuação no espaço do Museu, quanto a do diálogo como “[...] condição para se ler e se decodificar os sentidos e significados de cada produto da criação humana, utilitário, artístico ou simbólico”, como aponta SIMAN (2007, p. 14). No entanto, tanto no contexto do Museu, quanto da escola essas questões continuam a desafiar educadores indistintamente.

6.2 A avaliação da visita pelos professores

Ao término da visita, os responsáveis - geralmente os professores e/ou acompanhante -, preenchem uma ficha avaliativa²²⁹ cuja finalidade é tecer considerações

²²⁸ A esse respeito ver Mortimer e Scott (2002); Atividade Discursiva nas Salas de Aula de Ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino, 2002. Disponível em <<http://www.if.ufgs.br/public/ensino.htm>>

²²⁹ Ver modelo da ficha avaliativa do Projeto Descobrimdo o Museu no ANEXO H (Ficha Avaliativa do Projeto Descobrimdo o Museu).

sobre a atividade desenvolvida pelo Museu e recolher sugestões de aperfeiçoamento do trabalho oferecido. A imensa maioria dos professores elogia o Museu ressaltando: a organização, a limpeza, a conservação do espaço, a possibilidade de acesso à memória e história da cidade dada pelo Museu, a qualidade das atividades desenvolvidas, o trabalho dos monitores, a receptividade dos funcionários e a satisfação com o trabalho desenvolvido pela equipe. Essas considerações podem ser evidenciadas em alguns comentários que se seguem.

Muito legal a exposição do Museu. É bom saber da nossa origem. O Museu está de parabéns pela organização, limpeza e funcionamento. Adorei!!!

As educadoras foram objetivas, ao conduzir os alunos, em suas explicações.

A explicação durante a visita foi de fácil entendimento pelos alunos.

A equipe do Museu está de parabéns. Muito organizado. O monitor conduz o grupo de forma agradável e com domínio do grupo.

As crianças adoraram a visita ao Museu. Acredito que aprenderam um pouco sobre a nossa Belo Horizonte antiga.

A visita foi positiva no sentido que os alunos puderam entrar em contato com outra realidade até então desconhecida por eles.

Particularmente, gostei muito da visita, pois fomos muito bem recebidos e as atividades foram bem legais, principalmente ao do bonde e do telefone sem fio.

Foi extremamente positivo aos nossos alunos que formam uma grande comunidade que não dispõe de recursos p/ conhecer o Museu por conta própria.

Creio que nosso objetivo foi alcançado, pois ver o Casarão, objetos, fotos, bonde e etc. Deixou bem clara a história da capital do Estado. O conteúdo é muito abstrato e aqui podemos vivenciar esta história de maneira lúdica e prazerosa.

Há sem dúvidas uma importância muito grande do Museu para a comunidade e para compreender a linguagem com a qual a cidade se constituiu ao longo do processo Republicano.

O contato com a história só enriqueceu os conhecimentos e nos faz sentir mais motivados para enveredarmos nesse caminho. A cultura é um bem intransferível.

Agradecemos a receptividade dos funcionários do MHAB!²³⁰

Dentre as sugestões e críticas feitas pelos professores, destacamos: a distribuição de material sobre o Museu para todos os alunos; a solicitação de colocar placas de identificação nas plantas do jardim informando o nome de cada espécie; o não recebimento do kit pela escola; o envio de material mais denso para as escolas, a solicitação de materiais já distribuídos anteriormente. As adivinhas constituíam excelente material em épocas passadas; a manutenção desse canal direto com as escolas; a organização da visita em grupos menores; o aumento de monitores para o acompanhamento dos grupos e a continuidade da boa receptividade que o Museu tem: É desejável que continue com essa receptividade tão boa!.

Até o momento da realização desta pesquisa, não havia um tratamento sistematizado desse conjunto de informações, o que significaria investimento financeiro e de pessoal, embora mais de uma vez durante as reuniões do setor educativo, a equipe tenha manifestado o desejo de fazer um estudo pormenorizado desse material.

Como foi apontado no Capítulo 1 desta tese, uma amostragem dessas Fichas de Avaliação foi objeto de análise no ano de 2005 no *Projeto de Pesquisa de público para avaliação das exposições e dos projetos de Educação Patrimonial do MHAB* realizado pelo Instituto Doxa²³¹ cujo relatório tem sido objeto de reflexão nas discussões sobre processo de elaboração do Plano Museológico em curso no Museu.

7 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A imersão no Museu permitiu o levantamento de uma infinidade de questões concernentes à relação museu/escola evidenciando a amplitude e a densidade dos problemas implicados nesse binômio. De um lado, a concepção do Projeto Educativo do Museu e a sua prática e, de outro, as múltiplas apropriações e usos do Museu pelos professores evidenciadas no contexto da visita ao Museu.

²³⁰ Dados extraídos do relatório de conclusão de pesquisa do [no] Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), da bolsista Luana Puff, do Núcleo de Apoio à Pesquisa (NAPQ) vinculada ao Projeto *Projeto Museu e escola: um duplo olhar sobre as ações educativas dos museus de Minas Gerais* Belo Horizonte: FaE-UFMG, 2010.

²³¹ Foi produzido um relatório estatístico com a tabulação de 96 formulários preenchidos pelos participantes do Projeto *Descobrimo com o Museu* no Museu Abílio Barreto – 1º Semestre de 2005.

7.1 A construção e reconstrução da prática educativa museal no MHAB

Quando iniciamos esta pesquisa no MHAB um dos nossos questionamentos se voltava para a necessidade de compreensão dos princípios que norteavam a educação no contexto museal e de que modo esses princípios se aproximavam ou se distanciavam da educação escolar. Embora orientada por princípios etnográficos, mas sem ainda conseguir nos despir de visões essencialistas a respeito de fenômenos sociais, pensávamos encontrar naquela Instituição um conjunto de definições apriorísticas sobre educação patrimonial com seus fundamentos e definições.

No entanto, a análise histórica e a pesquisa etnográfica permitiram identificar a existência de um *Programa de Educação Patrimonial* construído e reconstruído cotidianamente informado pela concepção museológica adotada pela Instituição, cujas premissas forneceram os fundamentos que nortearam as ações educativas naquele Museu. De um lado, a reflexão sobre o papel dos museus e suas funções na sociedade conduziu a um reordenamento de suas ações visando o aprofundamento do seu compromisso público, de outro, a adoção de uma concepção de História que pudesse contemplar as múltiplas dimensões da vida urbana, capaz de produzir uma consciência crítica sobre a cidade impactou os diferentes setores do Museu.

Se as ações educativas desenvolvidas nos museus refletem, tanto a intencionalidade institucional, quanto a intenção dos profissionais nela implicados (SEIBEL-MACHADO, 2009), podemos afirmar que, no caso do MHAB, o desafio a ser enfrentado foi transformar as premissas de sua *nova concepção museológica* em ações que pudessem favorecer a democratização do Museu e tomar o patrimônio cultural da cidade como centro de suas atividades educativas. Isso realizado por meio de projetos que vieram a constituir o *Programa de Educação Patrimonial* no MHAB.

No âmbito das ações educativas do Museu, aprofundar o diálogo com as escolas foi uma das estratégias adotadas para promover sua inserção na cidade e de contribuir para a discussão sobre memória e história de Belo Horizonte. No entanto, enfrentar a complexidade implicada nessa relação significou, de um lado, a aproximação do universo escolar e a consolidação de suas ações junto a esse público e, de outro, a garantia de suas especificidades como agência educativa responsável pela promoção de uma educação centrada no patrimônio cultural da cidade. As consultorias de educadores de instituições

escolares foi uma das faces dessa aproximação. Além disso, os técnicos do setor educativo tinham vivido parte de suas experiências profissionais como professores e técnicos educacionais no ensino formal.

Entendemos que a construção da proposta educativa do MHAB encontrou no ambiente reflexivo e controvertido que resultou na revitalização do Museu o espaço formador. O *engajamento* dos seus profissionais nos eventos da área museológica, manteve a equipe em sintonia com as discussões da *nova* museologia, da educação em museus e da relação museu/escola. Inferimos que a possibilidade de contato com outras experiências em outros museus também alimentaram as suas reflexões internas impulsionando novas ações.

Assim, ao invés de um trabalho orientado por uma concepção de educação patrimonial ou educação para o patrimônio fechada e estática, vimos tessitura de um programa que se fundamentou e se fundamenta na capacidade de ação/reflexão/ação. Assim, as orientações teórico-metodológicas advindas da educação patrimonial e da educação para o patrimônio serviram de inspiração para o direcionamento das práticas desenvolvidas no Museu. Essas práticas estiveram orientadas pelas reflexões sobre o papel dos objetos como documento histórico e pela possibilidade de produção do conhecimento do espaço museal (RAMOS, 2004; MENESES, 1992 dentre outros).

Ao voltarmos o olhar para a dinâmica interna do Museu na produção de suas práticas educativas direcionadas para a escola, encontramos ações destinadas para o público escolar (alunos, professores) e para a formação dos seus educadores. A reflexão sobre as práticas internas, a avaliação permanente das ações, o engajamento nas discussões da área, as reflexões sobre a produção na área da educação em museus e área afins e o contato com outras experiências educativas em outros museus convertem-se em um tipo de formação permanente que confere dinâmica e realimenta o campo de ação do setor educativo.

Seibel-Machado (2009), ao analisar o processo histórico de criação dos Setores Educativos nos museus, afirma que eles não fizeram parte da concepção e do projeto de criação do museu, tendo sido agregados *a posteriori*. Assim, para essa autora, a intenção dos museus na criação de um setor educacional esteve voltada para as seguintes necessidades:

[...] resolver as dificuldades entre professores e curadores”; “mediar a ação entre os “especialistas” e os “leigos”, ou seja, entre os curadores das exposições e demais públicos”, e ainda “facilitar as relações entre o museu e a escola (SEIBEL-MACHADO, 2009, p.53).

No setor educativo do Museu, a educação patrimonial foi alvo das preocupações desde os primeiros tempos da revitalização (1993), embora todas essas questões atinentes à relação com o público façam parte dos desafios cotidianos na atualidade.

A formação da equipe de educadores tem sido um dos desafios mais recentes enfrentado pelo setor educativo do MHAB e de outros museus do País²³². A debilidade do quadro de técnicos, a escassez orçamentária e rotatividade de estagiários continua desafiando a capacidade criativa e as inventividades dos sujeitos envolvidos nas ações educativas deste e de outros museus. Apesar do quadro deficitário, essa formação dos educadores tem sido realizada na experiência prática do Museu.

A ausência de formação específica para o desempenho dessa atividade que, na França, é denominada Mediação Cultural e tem reconhecimento profissional (CAILLET, 1995), impõe para a realidade dos museus os desafios da formação na prática. Pereira e Siman (2010), não desconsiderando a necessidade de investir na formação desses educadores, ressaltam que:

[...] O exercício do fazer educativo em museus é visto como oportunidade formativa porque rica de experiências, contatos e trocas que proporcionam – quando aproveitados – situações novas, enriquecedoras e reinventivas. Ao aprender na prática, com a prática e pela experiência, o educador em museus poderá tornar sua ação profissional um exercício de aprendizagem, que, uma vez iniciado, não se completa e não se finda, residindo nessa processualidade, especialmente, sua maior riqueza - se nos princípios da ação/reflexão/ação (PEREIRA e SIMAN, 2010, s/p).

Para Pereira e Siman (2010), baseada na “indissociabilidade entre teoria e prática, assume-se o pressuposto de que a prática pode ser realizada como ação reflexiva, especialmente por sua dimensão experiencial”. Pesquisas têm apontado a necessidade de investimento na formação dos educadores de museu, bem como a importância de se debruçar no entendimento a respeito do que se constituem os saberes da mediação humana²³³.

Tanto na análise diacrônica, quanto sincrônica das práticas educativas desenvolvidas no MHAB, foi possível identificar essa perspectiva reflexiva que procura aliar teoria e prática.

²³² Alguns autores têm chamado a atenção para a importância da formação de educadores de museus (QUEIROZ et al., 2002; BARBOSA, 1989; CAZELLI, 2003; NASCIMENTO e VENTURA, 2001; PEREIRA e SIMAN, 2010 dentre outros).

²³³ A esse respeito ver Queiroz et al (2002) e Soares (2003).

7.2 Os professores na cena da visita

A apropriação de outros espaços dotados de potencialidades educativas capazes de qualificar o processo ensino aprendizagem e, em última instância, contribuir para a formação dos alunos, nos parece um movimento bastante significativo dos profissionais da escola e tem se constituído em uma prática há muito tempo desenvolvida pela escola.

O gesto do professor que busca o museu ou outros espaços não escolares de educação para compor o seu projeto educativo traz implícito o reconhecimento dos limites da escola como agência educativa na sociedade. Como afirma Nascimento (2010, p.133), no contexto das transformações pelas quais passa o mundo, “[...] a escola não é mais a única fonte de apropriação do conhecimento, estando toda a sociedade mobilizada em uma cultura do aprender”.

A necessidade de compartilhamento das responsabilidades nos processos educativos pela sociedade como um todo passa a figurar em alguns programas institucionais de instituições escolares como no programa Escola Integrada da Prefeitura de Belo Horizonte, que traz subjacente a ideia da cidade aprendente.

A Escola Integrada é uma política municipal de Belo Horizonte, que estende o tempo e as oportunidades de aprendizagem para crianças e adolescentes do ensino fundamental nas escolas da Prefeitura. São nove horas diárias de atendimento a milhares de estudantes, que se apropriam **cada dia mais dos equipamentos urbanos disponíveis, extrapolando os limites das salas de aula e do prédio escolar**. Estas oportunidades são implementadas com o apoio e a contribuição de entidades de ensino superior, empresas, organizações sociais, grupos comunitários e pessoas físicas (grifo nosso)²³⁴.

No entanto, transitar do espaço cultural escolar ao espaço cultural do museu, exige não apenas o deslocamento físico, mas também o deslocamento de referências do *seu lugar* para o *lugar do outro*.

Traremos para a reflexão alguns aspectos relevantes para a compreensão do lugar dos professores na composição da experiência educativa no contexto de interação entre museu e escola, a fim de melhor compreender os fios que conectam/desconectam esses dois espaços culturais de práticas educativas.

²³⁴ Sobre o Programa Escola Integrada ver site: <http://portalpbh.pbh.gov.br> . Consulta realizada em maio/junho de 2011.

O envolvimento dos professores durante a visita foi um aspecto importante nessa relação de interação. Ao analisar o quadro com as 21 situações descritas, verificamos professores engajados em projetos pedagógicos claros, contendo intencionalidades explícitas, como aquelas descritas nas situações 1, 2, 5, 8, 11 e 15, enquanto outros desconheciam os objetivos da visita e ali chegavam e se engajavam como visitantes comuns. Havia também aqueles que permaneciam alheios à experiência da visita, como nas situações 6 e 9 e outros cujo desconhecimento do Museu, das suas regras de funcionamento e das suas atividades como nas situações 4, 7 e 9, coloca em risco a possibilidade de fruição da exposição ou mesmo a realização da visita.

A pouca participação dos professores durante a visita; a baixa familiaridade com o Museu; o desconhecimento por parte de alguns professores, das regras de funcionamento do Museu e das atividades propostas; os graus diferenciados de comprometimento dos professores com a visita e ainda o reconhecimento do professor do papel do mediador do Museu como detentor de um conhecimento específico como sendo necessário no contexto da visita foram algumas das dificuldades vivenciadas nesta relação.

Se, por um lado, percebemos professores que apresentam clareza na organização da visita, demonstrando ter um foco de interesse e se empenhando na realização dessa experiência no espaço museal, de outro, em alguns casos, é possível inferir que o professor não se preparou anteriormente para a atividade a ser desenvolvida no Museu. Percebemos que ele não frequentou o curso proposto ou nem mesmo conhecia o material de apoio oferecido pelo Museu, não se engajando na atividade, mostrando-se alheio aos propósitos do Museu, como evidenciaram as situações 4, 7 e 9. Na situação 7, por exemplo, o (a) professor (a) demonstra desconhecer os princípios que orientaram a criação da atividade Leitura do bonde, ao propor aos alunos a realização de uma prática tradicionalmente reproduzida no ambiente escolar – numa aproximação daquilo que se criticou como sendo uma das faces da *escolarização do museu*²³⁵.

Como ficou claro na análise histórica do setor educativo, a ausência de um envolvimento efetivo do professor no ato da visita exigiu do Museu uma reorientação de

²³⁵ Utilizamos a expressão “escolarização” em referência a ação da professora na adoção de metodologias de trabalho e práticas de ensino próprias de um tipo de intervenção escolar no interior do museu. A respeito da escolarização dos museus ver Lopes (1991), Marandino (2001), Nascimento (2005), Siman (2003), dentre outros.

suas ações²³⁶. No entanto, a resposta oferecida pelo Museu de investimento na atuação dos educadores de museu, não pode, contudo, refrear o papel do professor nesse processo formativo, nem prescindir do seu compromisso na composição dessa experiência que, no seu nascedouro, pressupõe a parceria e a conjugação de responsabilidades.

Enquanto no espaço escolar o professor é o protagonista da cena educativa, no Museu, na maioria das vezes, esse papel se desloca para o educador. Assim, ocorre novo deslocamento na esfera do exercício de poder e da autoridade que se re-configuram no espaço do Museu. Como o professor lida com esse deslocamento de autoridade e qual lugar que ele ocupa na cena pedagógica são algumas das questões que precisam ser consideradas ao analisarmos a visita escolar ao Museu.

Essa redefinição de papéis pode ser interpretada apressadamente como uma atitude de descompromisso do professor, mas também pode ser lida como o reconhecimento por parte do professor, do lugar de autoridade do educador do Museu como veiculador do discurso da instituição museal e, portanto, portador de um conhecimento técnico especializado que, a princípio, esse professor presume não ter. Assim, essa nova configuração das relações de poder pode significar um aspecto conflituoso na relação entre professores e os agentes do museu, caso não se constituam em objeto de reflexão e acordo, o que requer um exercício dialogado entre professores e os profissionais do Museu em busca de aproximar seus objetivos.

Em cada um dos aspectos aqui levantados, evidencia-se a necessidade de aproximação e diálogo entre escolas e museus como forma de eliminar abismos e estranhamentos entre esses espaços educativos que ao longo dos últimos anos do século XX e início do século XXI, construíram percursos próprios e interações múltiplas. Como já foi sugerido por diferentes especialistas, o diálogo travado entre o Museu e a escola, no momento anterior ao da visita, pode eliminar ranhuras e harmonizar os interesses promovendo visitas mais proveitosas, tanto para os estudantes e professores, quanto para os educadores de museu, num convite a uma responsabilidade compartilhada por todos, não só no que se refere ao aspecto do conteúdo conceitual, mas também atitudinal e procedimental²³⁷.

²³⁶ Relatório de Gestão 2005-2008 – MHAB – Arquivo Administrativo.

²³⁷ Coll e Solé (1994) e Zabala (1998).

Essas informações sobre a atuação dos professores no contexto da visita serão contrastadas com aquelas levantadas nas entrevistas e serão mais bem analisadas no capítulo 3 desta tese.

CAPÍTULO III - SIGNIFICADOS ATRIBUIDOS ÀS VISITAS AO MHAB PELOS PROFESSORES

Para acessar o universo da escola e compreender as motivações que levaram professores a incluírem a visita ao MHAB em suas práticas educativas, tínhamos a intenção inicial de acompanhar o processo da visita desde a preparação prévia na sala de aula, passando pelo desenrolar da mesma, até o retorno dos visitantes ao espaço escolar.

No entanto, alguns aspectos contingenciais levaram a mudanças de rumos. A desmontagem da exposição de longa duração *Tempo e Movimento da Cidade Capital*, em dezembro de 2009, gerou outro contexto expositivo no Museu. Como, ao longo de 2009, estávamos desenvolvendo a pesquisa documental e a pesquisa de campo, teríamos que realizar toda a coleta referente ao universo escolar naquele mesmo ano, já que essa era uma prerrogativa para se garantir homogeneidade ao *corpus* documental.

Manter o formato inicial que se pretendia significava conciliar a coleta de dados nessas três frentes de pesquisa em um mesmo ano. Pesquisas se equilibram entre o tempo da pesquisa, o tempo daquilo que se pesquisa e o tempo do pesquisador. Em 2009, cumpríamos os créditos exigidos pelo Programa de Pós-Graduação e ainda mantínhamos os encargos didáticos no Centro Pedagógico da UFMG. Essa contingência nos motivou o redesenho da coleta junto à escola nos fazendo optar pela realização de entrevistas com os professores, em lugar de acompanharmos a preparação prévia em sala de aula. Quando iniciamos os trabalhos de campo no Museu, nos deparamos com um conjunto de informações registradas pelos professores em uma Ficha Avaliativa do Projeto Descobrimo o Museu preenchida após o término da visita (ANEXO H). Esse material foi associado ao *corpus* documental desta pesquisa, especialmente o item 8 (Qual o objetivo a ser alcançado com a visita ao Museu?).

No novo desenho metodológico da pesquisa, o acesso ao universo dos professores/educadores se fez em três momentos: na pesquisa etnográfica no contexto das visitas ao Museu; nas entrevistas realizadas com um grupo de 15 professores e por meio das informações extraídas da ficha avaliativa do projeto Descobrimo o Museu.

Para uma melhor organização do texto, este capítulo será estruturado em duas partes. A primeira terá como referência os dados derivados da análise do item 8 da Ficha de avaliação e a segunda conterá a análise das entrevistas com os professores.

Enquanto os dados extraídos do item 8 da ficha de avaliação permitiram uma leitura dos objetivos em um universo mais amplo de professores, as entrevistas possibilitaram uma verticalização no entendimento do significado da visita atribuídos ao Museu pelos professores.

I – PRIMEIRA PARTE: PROJETO DESCOBRINDO O MUSEU: O QUE DISSERAM OS PROFESSORES A RESPEITO DOS OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS COM A VISITA AO MUSEU

1 - O PANORAMA DAS VISITAS E VISITANTES (FEV-2009 A FEV-2010)

Durante o ano de 2009, o projeto *Descobrimo o Museu* recebeu 11124²³⁸ visitantes, de diferentes redes de ensino e níveis de escolaridade, acrescidos de mais 273 referentes aos meses de janeiro e fevereiro de 2010²³⁹. Ao término de cada visita realizada, o Museu distribui para os acompanhantes uma ficha avaliativa do Projeto contendo uma série de itens que permitem a avaliação do trabalho realizado.

Naquele ano, foram respondidas 278 fichas avaliativas. Cabe destacar que uma única visita pode gerar mais de uma ficha de avaliativa. Além disso, o preenchimento não tem caráter de obrigatoriedade, o que pode indicar a não realização da avaliação, embora esse fato não seja comum.

Tomamos esse conjunto de fichas com interesse voltado para a análise dos objetivos declarados pelos professores para a realização da visita. Embora nosso foco tenha sido o objetivo da visita (Item 8 da ficha de avaliação - Qual o objetivo a ser alcançado com a visita ao museu?), os dados ainda fornecem ao leitor uma visão aproximada do fluxo das visitas naquele ano e do perfil dos professores visitantes.

²³⁸ Dados extraídos do Sistema de Monitoramento e Avaliação de Programas e Projetos da Fundação Municipal de Cultura – Intranet. Acesso realizado em 2010 com assessoria técnica do MHAB.

²³⁹ Dados recolhidos no setor educativo do MHAB em 2010.

Do conjunto das fichas avaliativas respondidas retiramos informações sobre: data da visita (item1), instituição visitante (item 2), rede (item 4), nível de ensino (item 6), gênero dos professores (identificação final), frequência ao curso *Encontro com o Museu* (item 10) e objetivos da visita (item 8), conforme mostra a Figura 4.

Figura 4 – Itens extraídos da Ficha Avaliativa Projeto Descobrindo o Museu

Levantamento de dados - Fevereiro 2009 a Fevereiro 2010 - Objetivos da visita

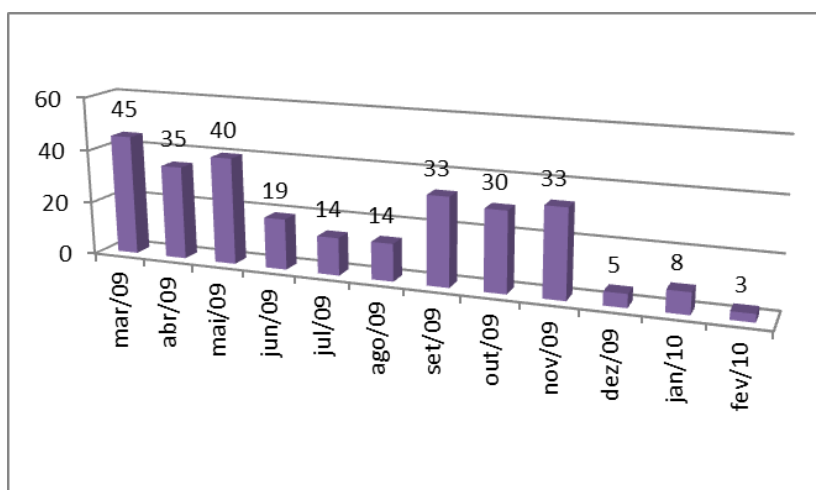
Fonte: Ficha Avaliativa – Projeto Descobrindo o Museu

N ^o	DATA 2009- 2010 MÊS	INSTITUIÇÃO M – MUNICIPAL E – ESTADUAL F – FEDERAL P – PARTICULAR OUTROS	NÍVEL - EF – FUNDAMENTAL EM – MEDIO EJA - ES)- SUPERIOR I - INFANTIL	SEXO F - M	FREQUÊNCIA ENCONTRO COM MUSEU (sim – não)	OBJETIVOS DA VISITA
----------------	---------------------------	---	---	---------------	--	---------------------

Fonte - Tabela produzida pela autora da tese a partir das respostas dadas ao item 8 da Ficha.

Essas informações permitiram gerar dados sobre o fluxo de visitas a cada mês, as redes de ensino das escolas visitadas, o nível de ensino, o gênero do professor acompanhante e a frequência ao curso *Encontro com o Museu*, fornecendo um panorama das visitas realizadas naquele período. Tal panorama delinea, parcialmente, o cenário no qual se desenrolou a investigação aqui proposta. O gráfico 2 mostra o fluxo de visitas escolares de fevereiro de 2009 a fevereiro de 2010.

Gráfico 2 – Ocorrência de visitas escolares (2009/2010)



Fonte – Gráfico produzido pela autora da tese

Os meses de maior movimentação no Museu concentram-se no primeiro semestre letivo entre março, abril e maio, apresentando uma queda significativa no mês de junho. O mês de julho que corresponde às férias, manteve um público escolar significativo, devido ao projeto da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Projeto Férias na Escola,²⁴⁰ que oferece atividades aos alunos e inclui em sua programação a realização de visitas em museus e espaços culturais da cidade.

A crescente demanda de visitas no período de férias escolares, ao mesmo tempo em que impacta positivamente os indicadores de público do Museu, exige uma reorganização dos setores educativos para recepção desse novo público com demandas diferenciadas do público regular. As turmas do Projeto *Férias na Escola* são formadas por alunos de diferentes anos escolares que aderem voluntariamente ao Projeto. A visita, embora mediada pela escola, é vista como uma atividade cultural sem objetivos intrinsecamente relacionados ao desenvolvimento de conteúdos escolares²⁴¹.

O segundo semestre manteve índices elevados de visitação, embora menores que o primeiro. O mês de agosto foi considerado atípico devido ao atraso no reinício das atividades letivas em função do surto de H1N1 e às recomendações do Ministério da Saúde de evitar aglomerações e exposições em locais públicos.

Essa variação anual das visitas escolares ao Museu parece guardar estreita relação com o calendário escolar. Na maioria das escolas, o primeiro semestre concentra o maior número de dias letivos permitindo flexibilização no calendário, enquanto o segundo semestre concentra a quantidade maior de recessos e feriados. Fevereiro normalmente é período de realização de diagnósticos, enquanto dezembro é o mês de encerramento das atividades escolares.

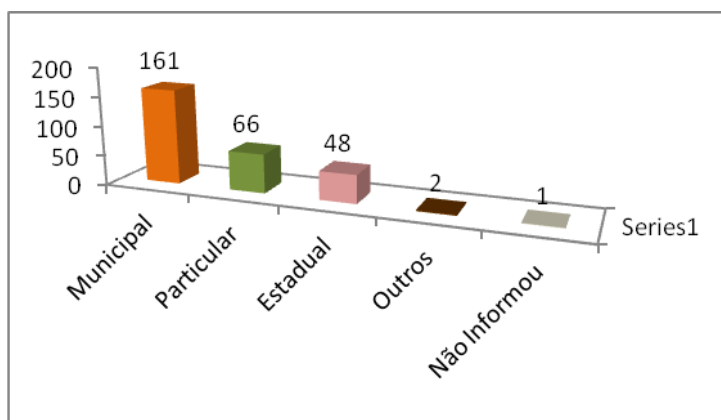
A procura pelo Museu nos meses iniciais do ano sugere que a visita é uma atividade pedagógica capaz de favorecer o início de estudos. Contudo, nos casos em que a visita é realizada ao final do semestre, sugere que seu objetivo está relacionado à conclusão do trabalho realizado na escola.

²⁴⁰ O projeto *Férias na Escola* é um projeto articulado ao Programa Escola Aberta lançado em 15 de outubro de 2004 pelo Governo Federal em parceria com os ministérios da Educação, Trabalho, Cultura e Esporte e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). No ano de 2009, 10 instituições de ensino da rede municipal participaram do Programa em BH. www.pbh.gov.br.

²⁴¹ As questões apresentadas pela demanda de férias podem tornar-se objetos de uma investigação, mas distanciam-se dos objetivos aqui pretendidos.

As redes de ensino das escolas que visitaram o museu pelo projeto *Descobrimo o Museu* e responderam a ficha avaliativa, reforçaram a predominância da rede municipal de educação de Belo Horizonte (161 ocorrências), seguido da rede particular (66 ocorrências), depois a rede estadual (48 ocorrências) outros (duas ocorrências) e uma não declarou a rede de pertencimento, como mostra o Gráfico 3.

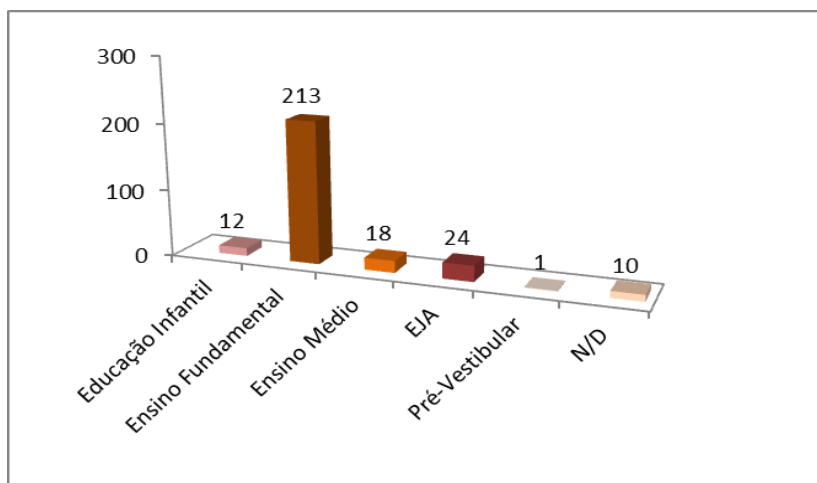
Gráfico 3 – Visitas escolares ao Museu por rede de ensino



Fonte – Gráfico produzido pela autora da tese

A predominância do público escolar de ensino fundamental no MHAB é uma tradição historicamente vivenciada por esta Instituição. Os dados do período pesquisado confirmam essa tradição como mostra o gráfico 4.

Gráfico 4 – Nível de ensino das turmas que visitaram o Museu em 2009/2010 e responderam a ficha avaliativa

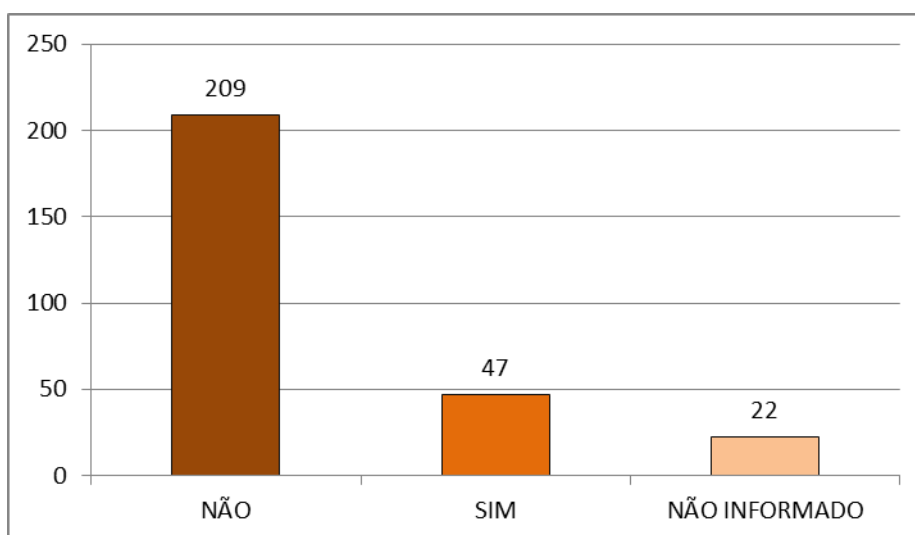


Fonte – Gráfico produzido pela autora da tese

Foi possível identificar a predominância (80%) do sexo feminino entre os professores que visitaram o Museu e responderam a ficha de avaliação, mantendo um indicador nacional de predominância do gênero feminino entre os professores dos anos iniciais do ensino fundamental.

Do universo de professores que acompanharam os alunos durante a visita e que responderam a ficha avaliativa, identificamos os seguintes indicadores de frequência ao curso *Encontro com o Museu*, como se pode ver no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Frequência ao Curso Encontro com o Museu



Fonte – Gráfico produzido pela autora da tese

Os dados obtidos indicam a baixa frequência dos professores ao curso *Encontro com o Museu*. Quanto ao comportamento docente frente à formação continuada, Roque Ascensão (2003) identificou junto aos docentes alguns argumentos que justificam a baixa frequência desses em cursos com características similares ao curso *Encontro com o Museu*: ausência de tempo em serviço para participação nos cursos, conteúdo dos cursos pouco aproximado dos conhecimentos curriculares e sobrecarga de trabalho (jornada dupla). Contudo, esse é um fenômeno que precisa ser mais bem avaliado pelo Museu, ao mesmo tempo, necessita ser analisado no contexto dos desafios da formação docente na atualidade, como já mencionamos anteriormente.

Ainda que a partir do conjunto de fichas avaliativas tenhamos obtidos dados que permitiram desenhar um perfil das visitas, nosso foco para interpretação foi posto na

questão expressa no Item 8 da ficha de avaliação - Qual o objetivo a ser alcançado com a visita ao museu? Afinal, o que motivou ou motiva os professores a levarem seus alunos a uma visita ao museu, especificamente, a um museu da cidade?

2 – AS MOTIVAÇÕES DOS PROFESSORES PARA VISITAREM O MHAB

A análise das respostas dadas ao item 8 da ficha avaliativa possibilitou uma leitura abrangente acerca dos objetivos da visita declarados pelos professores e nos forneceu elementos para a compreensão das formas de apropriação e uso que fazem do Museu, suas motivações e as significações do espaço museal no contexto educativo.

Para a análise dos objetivos declarados pelos professores na ficha de avaliação, construímos um quadro inicial que nos permitiu a visualização dos dados, como mostra o Quadro 4.

Quadro 4 – Exemplo de objetivos das visitas declarados por professores na Ficha

Nº	DATA	REDE DE ENSINO	NIVEL DE ENSINO	SEXO	FREQUÊNCIA ENCONTRO COM MUSEU	OBJETIVOS DA VISITA
03	MAR 2009	M	EF	F	NÃO	Conhecer a história de BH e desenvolver o projeto BH na sala

M – Municipal E – Estadual F – Federal P – Particular

EF – Fundamental EM – Médio EJA – Educação de Jovens e Adultos ES-Superior I-Infantil

Fonte – Quadro elaborado pela autora da tese

Em seguida, realizamos o DESMEMBRAMENTO, ou seja, separação dos objetivos quando, em uma mesma resposta mais de um objetivo foi mencionado, conforme exemplo apresentado no quadro 5 a seguir:

Quadro 5 – Desmembramento dos objetivos da visita

Coluna 1	Coluna 2
OBJETIVOS DA VISITA	DESMEMBRAMENTO
MARÇO 2009	
CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE E DESENVOLVER O PROJETO BELO HORIZONTE NA SALA	CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE DESENVOLVER PROJETO BH SALA DE AULA

Fonte – Quadro elaborado pela autora da tese

A partir do DESMEMBRAMENTO foi feita uma SISTEMATIZAÇÃO para organizar de forma descritiva os objetivos da visita privilegiando a ação. (Dados da coluna 2 do quadro 6). Finalmente, por meio de uma codificação aberta, identificamos as categorias centrais em cada um dos objetivos declarados. Segundo Strauss e Corbin (2008:103) a codificação aberta, “[...] é o processo analítico por meio do qual os conceitos são identificados e suas propriedades e suas dimensões são descobertas nos dados”. Para ele “as categorias são conceitos que representam determinado fenômeno” (STRAUSS e CORBIN, 2008, p. 103). As CATEGORIAS/CONCEITOS foram tomadas como VARIÁVEIS como mostra ano Quadro 6 a coluna 3.

Quadro 6 – Desmembramento, sistematização e codificação dos objetivos da visita ao MHAB

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
DESMEMBRAMENTO	SISTEMATIZAÇÃO (DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS NO INFINITIVO)	VARIÁVEIS/ CATEGORIAS/ CONCEITOS
CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE	HISTÓRIA
DESENVOLVER PROJETO BH SALA DE AULA	DESENVOLVER PROJETO EDUCATIVO	PROJETO

Fonte – Quadro elaborado pela autora da tese

Todas essas informações foram inseridas em planilhas do programa Microsoft Office Excel versão 2007. Por meio da ferramenta de Filtro de Texto da Planilha (ver Figura 5), foi gerado um gráfico (Gráfico 6) indicando as ocorrências de cada uma das VARIÁVEIS/CATEGORIAS/CONCEITOS.

Figura 5 – Planilha Excel – Ferramenta para quantificação das ocorrências dos objetivos da visita ao Museu

Nº	DATA	MÊS	NÍVEL DE ENSINO	SEXO	CURSO	OBJETIVOS DA VISITA	DESMEMBRAMENTO DOS OBJETIVOS DA VISITA	DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS	VARIÁVEIS	
1	FEV	M	EF	F	NÃO	O MUSEU É UM ESPAÇO PRÓPRIO DA MEMÓRIA VIVA, DA TRAJETÓRIA HUMANA AO LONGO DO TEMPO, QUE É OBJETO DE ESTUDO DA 1ª ETAPA, O QUE É HISTÓRIA, QUEM FAZ A HISTÓRIA, VESTÍGIOS HISTÓRICOS, FONTES HISTÓRICAS...	MUSEU COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA DESENVOLVER CONTEÚDO CURRICULAR: A HISTÓRIA	CONHECER MUSEU COMO ESPAÇOS DE MEMÓRIA DESENVOLVER CONTEÚDO CURRICULAR	MUSEU MEMÓRIA CONTEÚDO	
2	FEV	M	EF	F	NÃO	O MUSEU É UM ESPAÇO PRÓPRIO DA MEMÓRIA VIVA, DA TRAJETÓRIA HUMANA AO LONGO DO TEMPO, OBJETO IMPORANTE DE ESTUDO DA HISTÓRIA.	APROPRIAR DOS MUSEUS COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA E OBJETO DE ESTUDO DA HISTÓRIA	APROPRIAR DO MUSEU COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA	MUSEU MEMÓRIA	
3	MAR	M	EF	F	NÃO	AMPLIAR O CONHECIMENTO, DESMISTIFICAR O PRECONCEITO QUE EXISTE SOBRE OS MUSEUS, POSSIBILITAR UM MAIOR INTERESSE PELA HISTÓRIA BEM COMO A PRESERVAÇÃO DE SUA MEMÓRIA	AMPLIAR CONHECIMENTO INTERESSE PELA HISTÓRIA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DESMISTIFICAR PRECONCEITO SOBRE MUSEU	AMPLIAR CONHECIMENTO DESPERTAR INTERESSE PELA HISTÓRIA PRESERVAR A MEMÓRIA DESMISTIFICAR PRECONCEITO SOBRE MUSEU	CONHECIMENTO HISTÓRIA MEMÓRIA MUSEU	
8	MAR	M	EF	F	NÃO	EM PRIMEIRO LUGAR, LEVAR OS ALUNOS AO CONHECIMENTO DE LOCAIS DE MEMÓRIA, OBSERVAÇÃO DO PODOAMENTO DE BH E SEU CRESCIMENTO, OBSERVAÇÃO DA VIDA RURAL	CONHECER LUGAR DE MEMÓRIA POVONAMENTO, CRESCIMENTO DE BELO HORIZONTE E VIDA RURAL	CONHECER LUGAR DE MEMÓRIA ESTUDAR TEMAS ESPECÍFICO	MEMÓRIA TEMAS	
10	70	ABR	M	EJA	M	NÃO	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE PERCEBER AS MUDANÇAS NA SOCIEDADE (TECNOLOGIAS, COTIDIANO) VALORIZAÇÃO DA NOSSA HISTÓRIA	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE PERCEBER MUDANÇAS VALORIZAR MEMÓRIA	HISTÓRIA MUDANÇAS MEMÓRIA	
71	86	MAI	M	EF	F	NÃO	CONSTRUIR NOS ALUNOS A IDEIA DE VALORIZAR A MEMÓRIA DA CIDADE, FAZEMOS LEVAMOS A FAZER ANÁLOGIAS ENTRE O PASSADO E O PRESENTE	DESENVOLVER VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA ANLOGIA ENTRE PASSADO E PRESENTE	DESENVOLVER A VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA ESTABELECEER RELAÇÕES TEMPORAIS	MEMÓRIA RELAÇÕES TEMPORAIS
87	142	JUL	M	EF	F	NÃO	CONHECIMENTO DA HISTÓRIA DE BH, RESGATE DA MEMÓRIA E DA CULTURA DA SOCIEDADE ANTIGA INTERESSE PELA LINGUAGEM DOS SÍMBOLOS	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE RESGATE DA MEMÓRIA E DA CULTURA DA SOCIEDADE ANTIGA INTERESSE PELA LINGUAGEM DOS SÍMBOLOS	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE RESGATAR A MEMÓRIA E DA CULTURA DA SOCIEDADE ANTIGA DESENVOLVER INTERESSE PELA LINGUAGEM SIMBOLICA	HISTÓRIA MEMÓRIA CULTURA LINGUAGEM SIMBOLICA
143	1	JUL	M	EF	M	NÃO	CONHECIMENTO DA HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE RESGATE DA	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE RESGATE MEMÓRIA E	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE RESGATAR A	HISTÓRIA MEMÓRIA CONHECIMENTO

Fonte – Imagem gerada pela autora a partir da Planilha Excel

O gráfico 6 permite a visualização das VARIÁVEIS/ CATEGORIAS/CONCEITOS que tiveram maior e menor ocorrência.

Gráfico 6 – Ocorrência dos objetivos da visita ao museu declarados pelos professores



Fonte – Gráfico produzido pela autora da tese

A escolha pela quantificação dessas informações pretendeu identificar, por meio das variáveis/categorias/conceitos, os principais objetivos da visita declarados nas fichas de avaliação, sem, contudo, desconsiderar aquelas manifestações de menor incidência, porém significativas no que diz respeito aos motivos que mobilizaram os professores a realizarem as visitas ao Museu. Para melhor visualização desses objetivos, eles foram organizados na Tabela 2.

Tabela 2: Lista dos objetivos da visita ao Museu

..	VARIÁVEIS	FREQUÊNCIA
1.	HISTÓRIA	160
2.	TEMA	35
3.	MUSEU	30
4.	OBJETOS	27
5.	CULTURA	24
6.	PROJETO	24
7.	RELAÇÕES TEMPORAIS	21
8.	CONHECIMENTO	16
9.	CONTEÚDO	16
10.	ESTUDO	13
11.	CIDADE	10
12.	PATRIMÔNIO	10
13.	ACERVO	9
14.	MEMÓRIA	9
15.	VIVÊNCIAS CULTURAIS	5
16.	FONTES	4
17.	ESPAÇO	4
18.	DOCUMENTOS	3
19.	ESTRATÉGIA DIDÁTICA	3
20.	LAZER	3
21.	PASSADO	3
22.	APRENDIZAGEM	2
23.	CAPITAL	2
24.	CONSCIENTIZAÇÃO	2
25.	ESPAÇOS PÚBLICOS	2
26.	IDENTIDADE	2
27.	MATERIAIS CONCRETOS	2
28.	TRABALHO DE CAMPO	2
29.	TRANSFORMAÇÃO	2
30.	ESPAÇOS CULTURAIS	2
31.	FATOS HISTÓRICOS	2
32.	AMBIENTE	1
33.	ANTIGO E NOVO	1
34.	ARTE	1
35.	BENS CULTURAIS	1
36.	CIDADANIA	1
37.	CONCEITOS	1
38.	CONSERVADORES	1

39.	CRESCIMENTO PESSOAL	1
40.	CULTURA MATERIAL	1
41.	CURIOSIDADE	1
42.	DIFERENÇAS	1
43.	EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	1
44.	EMPATIA HISTÓRICA	1
45.	EVIDÊNCIA MATERIAL	1
46.	EXPERIÊNCIA PRÁTICA	1
47.	HÁBITO CULTURAL	1
48.	INCLUSÃO SOCIAL	1
49.	INSTRUMENTOS	1
50.	INTEGRAÇÃO	1
51.	LINGUAGEM SIMBÓLICA	1
52.	LUDICIDADE	1
53.	NACIONALIDADE	1
54.	PESQUISA	1
55.	PONTOS TURÍSTICOS	1
56.	TEMPO E ESPAÇO	1
57.	TRABALHO HISTORIADOR	1
58.	VOCABULÁRIO	1

Fonte – Tabela elaborada pela autora da tese

A tabela 2 mostra 58 objetivos a serem alcançados com a visita ao Museu, declarados na ficha avaliativa. Vistos de forma articulada, todos esses objetivos elencados pelos professores indicam as múltiplas potencialidades educativas vislumbradas na visita.

Dentre os objetivos levantados há a ocorrência daqueles que remetem a uma formação humana mais ampla; outros que condizem a uma formação mais específica voltada para o ensino em geral e para o ensino da história (conceitos, habilidades, operações e estratégias), além daqueles que remetem a uma experiência sensorial de fruição.

Agrupamos esses objetivos em torno de três categorias²⁴²: a) Formação Ampla (para designar aquela formação educativa mais geral; b) Formação Específica (para designar aquela voltada para o ensino em geral e para o ensino da História em particular); e c) Vivência Sensorial (para designar aqueles objetivos mais ligados a uma experiência que pressupõe o prazer, deleite e fruição do espaço do museu, como mostra o quadro 7.

²⁴² Temos consciência dos riscos que um processo de enquadramento pode conter, uma vez que é sempre restritivo, já que os objetivos podem transitar em mais de um desses grupos. O objetivo MUSEU, por exemplo, poderia estar agrupado nas três categorias já que ele, tanto pode ser fonte de conhecimento histórico, quanto pode promover uma experiência sensorial (prazer ou repulsa etc.) e, ainda, permitir a formação cultural mais ampla.

Quadro 7 – Agrupamento dos objetivos da visita ao Museu

FORMAÇÃO AMPLA (NÚMERO OCORRÊNCIAS)	DE	FORMAÇÃO ESPECÍFICA (NÚMERO DE OCORRÊNCIAS)		VIVÊNCIA SENSORIAL (NÚMERO DE OCORRÊNCIAS)
		ENSINO EM GERAL	ENSINO DE HISTÓRIA	
MUSEU (30)		PROJETO (24)	HISTÓRIA (160)	VIVÊNCIA CULTURAL (5)
CULTURA (24)		CONTEÚDO (16)	TEMAS ESPECÍFICOS (35)	LAZER (3)
CONHECIMENTO (16)		ESTUDO (13)	OBJETOS (27)	LUDICIDADE (1)
PATRIMÔNIO (10)		CIDADE (10)	RELAÇÕES TEMPORAIS (21)	PONTOS TURISTICOS (1)
CONSCIENTIZAÇÃO (2)		ESPAÇO (4)	ACERVO (9)	ARTE (1)
IDENTIDADE (2)		ESTRATÉGIA DIDÁTICA (3)	MEMÓRIA (9)	
ESPAÇOS CULTURAIS (2)		APRENDIZAGEM (2)	FONTES (5)	
CIDADANIA (1)		CAPITAL (2)	DOCUMENTOS (5)	
CRESCIMENTO PESSOAL (1)		TRABALHO DE CAMPO (2)	PASSADO (3)	
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL (1)		AMBIENTE (1)	MATERIAIS CONCRETOS (2)	
HÁBITO CULTURAL (1)		CURIOSIDADE (1)	TRANSFORMAÇÃO (2)	
INCLUSÃO SOCIAL (1)		EXPERIÊNCIA PRÁTICA (1)	ANTIGO E NOVO (1)	
INTEGRAÇÃO (1)		LINGUAGEM SIMBÓLICA (1)	CONCEITOS (1)	
NACIONALIDADE (1)		PESQUISA (1)	CULTURA MATERIAL (1)	
ESPAÇOS PÚBLICOS (1)		VOCABULÁRIO (1)	DIFERENÇAS (1)	
BENS CULTURAIS (1)		CONSERVADORES (1)	EMPATIA HISTÓRICA (1)	
			EVIDÊNCIA MATERIAL (1)	
			FATOS HISTÓRICOS (1)	
			INSTRUMENTOS (1)	
			TEMPO E ESPAÇO (1)	
			TRABALHO DO HISTORIADOR (1)	

Fonte – Quadro produzido pela autora da tese

Em linhas gerais, ao analisarmos os objetivos agrupados em torno da categoria formação ampla identificamos múltiplas possibilidade formativas: formação cultural dos alunos, aquisição de conhecimento e sensibilização para as noções ligadas ao patrimônio e bens culturais. O desenvolvimento de objetivos mais gerais, como construção da identidade, formação para a cidadania, desenvolvimento do espírito de nacionalidade foram aspectos menos recorrentes, embora presentes. Por outro lado, aparecem ainda como objetivo a promoção de ações político-educativas como a inclusão social aos espaços culturais e o conhecimento dos espaços públicos da cidade, já anteriormente identificado na discussão dos resultados da observação de campo no capítulo 2 desta tese.

Agrupados em torno da categoria vivência sensorial, com um índice de ocorrência menor em relação aos outros objetivos, encontramos a finalidade da visita ao Museu associada à realização de uma vivência cultural, possibilidade de lazer, experiência lúdica,

oportunidade de conhecimento de pontos turísticos da cidade e o contato com o universo da arte.

Ocupando um lugar de destaque entre os objetivos com maior ocorrência estão aqueles agrupados em torno da categoria formação específica. Esses remetem às finalidades do ensino escolar em geral e ao ensino da história em particular.

Voltados para finalidades do ensino em geral, identificamos objetivos relacionados ao desenvolvimento de projetos pedagógicos e conteúdos curriculares específicos e também ao conhecimento da cidade/capital e seu espaço urbano. Nesse sentido, a visita ao Museu foi pensada como uma estratégia didática (trabalho de campo e experiência prática) capaz de favorecer o estudo, a pesquisa e a aprendizagem em projetos temáticos e projetos que abordam a cidade.

Relacionados ao ensino de história, os objetivos específicos da visita estiveram associados à possibilidade de aprendizagem da operação histórica (como se faz a história). O desenvolvimento de conceitos, habilidades, as operações com a temporalidade histórica e o trabalho com memória (fontes, documentos, acervo, objetos da cultura material).

Entre os 58 objetivos identificados destacamos 15 (quinze) que tiveram o maior índice de ocorrências (entre 160 e 24). Listamos, na Tabela 3, a busca de maior detalhamento dos significados atribuídos a eles.

Tabela 3: Tabela com objetivos com maior índice de ocorrências

	VARIÁVEIS (CATEGORIAS)	FREQUÊNCIA
01.	HISTÓRIA	160
02.	TEMAS ESPECÍFICOS	35
03.	MUSEU	30
04.	OBJETOS	27
05.	CULTURA	24
06.	PROJETO	24
07.	RELAÇÕES TEMPORAIS	21
08.	CONHECIMENTO	16
09.	CONTEÚDO	16
10.	ESTUDO	13
11.	CIDADE	10
12.	PATRIMÔNIO	10
13.	ACERVO	9
14.	MEMÓRIA	9
15.	VIVÊNCIAS CULTURAIS	5

Fonte – Tabela elaborada pela autora da tese

Com a utilização da ferramenta de Filtro/Filtro de Texto/Contém do Excel Versão 2007, foi possível voltar às descrições completas relativas a cada uma das Variáveis/Categorias/Conceitos. Ao inserirmos, por exemplo, a variável MEMÓRIA na coluna das VARIÁVEIS, abria-se a Tabela do Excel com as descrições dos objetivos associados a essa variável, como mostra o passo a passo nas imagens que se seguem.

Figura 7 - Passo 1

Nº	DATA	REDE DE ENSINO	NÍVEL DE ENSINO	SEXO	CURSO	OBJETIVOS DA VISITA	DESEMEMBRAMENTO DOS	DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS	VARIÁVEIS		
	MÊS				ENCONTRO	INFORMAÇÕES DA FICHA	OBJETIVOS DA VISITA	(INFINITIVO)			
					COM MUSEU	AVALIATIVA	(DADOS DA				
					(pre-av)		FICHA				
1	1	FEV	M	EF	F	NÃO	O MUSEU É UM ESPAÇO PRÓPRIO DA MEMÓRIA VIVA, DA TRAJETÓRIA HUMANA AO LONGO DO TEMPO, QUE É OBJETO DE ESTUDO DA 1ª ETAPA: O QUE É HISTÓRIA, QUEM FAZ A HISTÓRIA, VESTÍGIOS HISTÓRICOS, FONTES HISTÓRICAS...	MUSEU COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA DESENVOLVER CONTEÚDO CURRICULAR: A HISTÓRIA	CONHECER MUSEU COMO ESPAÇOS DE MEMÓRIA DESENVOLVER CONTEÚDO CURRICULAR	MUSEU MEMÓRIA CONTEÚDO	278
2	2	FEV	M	EF	F	NÃO	O MUSEU É UM ESPAÇO PRÓPRIO DA MEMÓRIA VIVA, DA TRAJETÓRIA HUMANA AO LONGO DO TEMPO, OBJETO IMPORTANTE DE ESTUDO DA HISTÓRIA.	APROPRIAR DOS MUSEUS COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA E OBJETO DE ESTUDO DA HISTÓRIA	APROPRIAR DO MUSEU COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA	MUSEU MEMÓRIA	
3	3	MAR	M	EF	F	NÃO	CONHECER A HISTÓRIA DE BH E DESENVOLVER O PROJETO BH NA SALA	CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE PROJETO BH SALA DE AULA	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE DESENVOLVER PROJETO EDUCATIVO	HISTÓRIA PROJETO	
4	4	MAR	E	EM	M	NÃO	DESPERTAR A CURIOSIDADE DOS ALUNOS NO SENTIDO DE ENTENDER A HISTÓRIA DA CIDADE ONDE MORAM	DESPERTAR A CURIOSIDADE ENTENDER HISTÓRIA DA CIDADE	DESPERTAR CURIOSIDADE ENTENDER A HISTÓRIA DA CIDADE	CURIOSIDADE HISTÓRIA	
5	5	MAR	M	EF	F	NÃO	OBJETIVO CULTURAL, CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE ANTES DE SER CAPITAL, HISTÓRIA DO ARRAIAL DO CURRAL DEL REY	CULTURAL CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE E ARRAIAL	PROMOVER A CULTURA CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE E ARRAIAL	CULTURA HISTÓRIA	
6	6	MAR	M	EF	F	NÃO	CONHECER UM POUCO MAIS SOBRE A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE, SABER SOBRE O TRABALHO DO HISTORIADOR	CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE SABER SOBRE O TRABALHO DO HISTORIADOR	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE SABER DO TRABALHO DO HISTORIADOR	HISTÓRIA TRABALHO HISTORIADOR	
7	7	MAR	M	EF	F	NÃO	AMPLIAR O CONHECIMENTO, DESMISTIFICAR O PRECONCEITO QUE EXISTE SOBRE OS MUSEUS, POSSIBILITAR UM MAIOR INTERESSE PELA HISTÓRIA BEM COMO A PRESERVAÇÃO DE SUA MEMÓRIA	AMPLIAR CONHECIMENTO INTERESSE PELA HISTÓRIA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DESMISTIFICAR PRECONCEITO SOBRE MUSEU	AMPLIAR CONHECIMENTO DESPERTAR INTERESSE PELA HISTÓRIA PRESERVA A MEMÓRIA DESMISTIFICAR PRECONCEITO SOBRE MUSEU	CONHECIMENTO HISTÓRIA MEMÓRIA MUSEU	
8	8	MAR	M	EF	F	NÃO	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE	CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE	HISTÓRIA	
9	9	MAR	M	EF	F	NÃO	EM PRIMEIRO LUGAR LEVAR OS ALUNOS AO CONHECIMENTO DE LOCAIS DE MEMÓRIA, OBSERVAÇÃO DO POVOAMENTO DE BH E SEU CRESCIMENTO, OBSERVAÇÃO DA VIDA RURAL	CONHECER LUGAR DE MEMÓRIA POVOAMENTO, CRESCIMENTO DE BELO HORIZONTE E VIDA RURAL	CONHECER LUGAR DE MEMÓRIA ESTUDAR TEMAS ESPECÍFICOS	MEMÓRIA TEMAS	
10	10	MAR	M	EF	F	NÃO	AMPLIAR O CONHECIMENTO SOBRE A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE	CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE CONSCIENTIZAÇÃO	CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE DESENVOLVER	HISTÓRIA CONSCIENTIZAÇÃO	

Fonte – Tabela elaborada na Planilha Excel pela autora da tese

Figura 8 - Passo 2

Nº	DATA	REDE DE ENSINO	NÍVEL DE ENSINO	SEXO	CURSO	OBJETIVOS DA VISITA	DESEMEMBRAMENTO DOS	DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS	VARIÁVEIS		
	MÊS				ENCONTRO	INFORMAÇÕES DA FICHA	OBJETIVOS DA VISITA	(INFINITIVO)			
					COM MUSEU	AVALIATIVA	(DADOS DA				
					(pre-av)		FICHA				
1	1	FEV	M	EF	F	NÃO	O MUSEU É UM ESPAÇO PRÓPRIO DA MEMÓRIA VIVA, DA TRAJETÓRIA HUMANA AO LONGO DO TEMPO, QUE É OBJETO DE ESTUDO DA 1ª ETAPA: O QUE É HISTÓRIA, QUEM FAZ A HISTÓRIA, VESTÍGIOS HISTÓRICOS, FONTES HISTÓRICAS...	MUSEU COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA DESENVOLVER CONTEÚDO CURRICULAR: A HISTÓRIA	CONHECER MUSEU COMO ESPAÇOS DE MEMÓRIA DESENVOLVER CONTEÚDO CURRICULAR	MUSEU MEMÓRIA CONTEÚDO	278

Fonte: Tabela elaborada na Planilha Excel pela autora da tese

Figura 9 - Passo 3

Nº	DATA	REDE DE ENSINO	NÍVEL DE ENSINO	SEXO	CURSO ENCONTRO COM MUSEU (EM, NÃO EM)	OBJETIVOS DA VISITA (INFORMAÇÕES DA FICHA AVALIATIVA)	DESMEMBRAMENTO DOS OBJETIVOS DA VISITA (DADOS DA FICHA AVALIATIVA)	DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS (INFINITIVO)	VARIÁVEIS
1	1 FEV	M	EF	F	NÃO	O MUSEU É UM ESPAÇO PRÓPRIO DA MEMÓRIA VIVA, DA TRAJETÓRIA HUMANA AO LONGO DO TEMPO, QUE É OBJETO DE ESTUDO DA 1ª ETAPA: O QUE É HISTÓRIA, QUEM FAZ A HISTÓRIA, VESTÍGIOS HISTÓRICOS, FONTES HISTÓRICAS...	MUSEU COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA DESENVOLVER CONTEÚDO CURRICULAR: A HISTÓRIA	CONHECER MUSEU COMO ESPAÇOS DE MEMÓRIA DESENVOLVER CONTEÚDO CURRICULAR	MUSEU MEMÓRIA CONTEÚDO
2	2 FEV	M	EF	F	NÃO	O MUSEU É UM ESPAÇO PRÓPRIO DA MEMÓRIA VIVA, DA TRAJETÓRIA HUMANA AO LONGO DO TEMPO, OBJETO IMPORTANTE DE ESTUDO DA HISTÓRIA.	APROPRIAR DOS MUSEUS COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA E OBJETO DE ESTUDO DA HISTÓRIA	APROPRIAR DO MUSEU COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA	
3	3 MAR	M	EF	F	NÃO	CONHECER A HISTÓRIA DE BH E DESENVOLVER O PROJETO BH NA SALA	CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE PROJETO BH SALA DE AULA	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE DESENVOLVER PROJETO EDUCATIVO	
4	4 MAR	E	EM	M	NÃO	DESPERTAR A CURIOSIDADE DOS ALUNOS NO SENTIDO DE ENTENDER A HISTÓRIA DA CIDADE ONDE MORAM	DESPERTAR A CURIOSIDADE ENTENDER HISTÓRIA DA CIDADE	DESPERTAR CURIOSIDADE ENTENDER A HISTÓRIA	
5	5 MAR	M	EF	F	NÃO	OBJETIVO CULTURAL; CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE ANTES DE SER CAPITAL; HISTÓRIA DO ARRAIAL DO CURRAL DEL REY	CULTURAL CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE E ARRAIAL	PROMOVER A CULTURA HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE	
6	6 MAR	M	EF	F	NÃO	CONHECER UM POUCO MAIS SOBRE A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE, SABER SOBRE O TRABALHO DO HISTORIADOR	CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE SABER SOBRE O TRABALHO DO HISTORIADOR	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE SABER DO TRABALHO DO HISTORIADOR	HISTÓRIA TRABALHO HISTORIADOR
7	7 MAR	M	EF	F	NÃO	AMPLIAR O CONHECIMENTO, DESMISTIFICAR O PRECONCEITO QUE EXISTE SOBRE OS MUSEUS, POSSIBILITAR UM MAIOR INTERESSE PELA HISTÓRIA SEM COMO A PRESERVAÇÃO DE SUA MEMÓRIA	AMPLIAR CONHECIMENTO INTERESSE PELA HISTÓRIA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DESMISTIFICAR PRECONCEITO SOBRE MUSEU	AMPLIAR CONHECIMENTO DESPERTAR INTERESSE PELA HISTÓRIA PRESERVAR A MEMÓRIA DESMISTIFICAR PRECONCEITO SOBRE MUSEU	CONHECIMENTO HISTÓRIA MEMÓRIA MUSEU
8	8 MAR	M	EF	F	NÃO	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE	CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE	CONHECER A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE	HISTÓRIA
9	9 MAR	M	EF	F	NÃO	EM PRIMEIRO LUGAR LEVAR OS ALUNOS AO CONHECIMENTO DE LUGARS DE MEMÓRIA, OBSERVAÇÃO DO POVOAMENTO DE BH E SEU CRESCIMENTO, OBSERVAÇÃO DA VIDA RURAL	CONHECER LUGAR DE MEMÓRIA POVOAMENTO, CRESCIMENTO DE BELO HORIZONTE E VIDA RURAL	CONHECER LUGAR DE MEMÓRIA ESTUDAR TEMAS ESPECÍFICOS	MEMÓRIA TEMAS
10	10 MAR	M	EF	F	NÃO	AMPLIAR O CONHECIMENTO SOBRE A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE	CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE CONSCIENTIZAÇÃO	CONHECER HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE DESENVOLVER	HISTÓRIA CONSCIENTIZAÇÃO

Fonte – Tabela elaborada na Planilha Excel pela autora da tese

Ao abrirmos a página com a Tabela Excel completa, foi possível a visualização de todas as fases do tratamento dado aos OBJETIVOS DA VISITA (DESMEMBRAMENTO, SISTEMATIZAÇÃO/DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS NO INFINITIVO e VARIÁVEIS/CATEGORIAS/CONCEITOS). Dessa forma, identificamos as propriedades associadas a cada uma das VARIÁVEIS/CATEGORIAS/CONCEITOS, aos moldes do que Strauss e Corbin (2008) chamam de codificação axial. A codificação axial é definida por esses autores como o “[...] processo de relacionar categorias às subcategorias, essa associação ocorre em torno do eixo de uma categoria ao nível de propriedades e dimensões” (STRAUSS e CORBIN, 2008, p.123). Nesse estudo essa técnica possibilitou compreender as associações feitas com cada um desses objetivos (variáveis/categorias/conceitos) e as qualidades a eles atribuídas. Tal associação forneceu elementos para uma análise mais qualitativa de cada um dos objetivos da visita²⁴³.

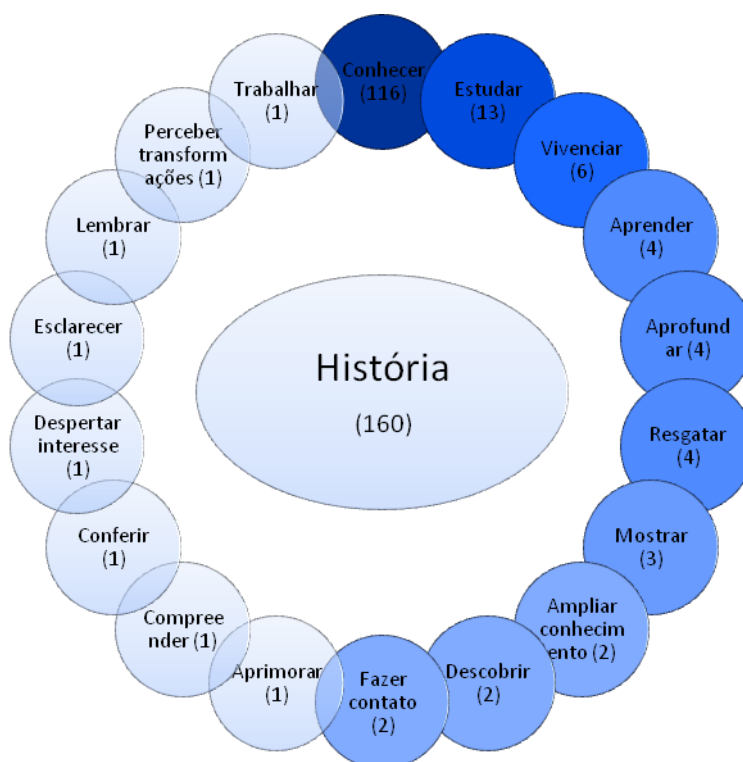
A partir dessa leitura geramos 15 Fluxogramas referentes às 15 variáveis/categorias/conceitos mais recorrentes. No entanto, para efeito da nossa análise,

²⁴³ No caso do objetivo HISTÓRIA, por exemplo, foi possível identificar associações, como: CONHECER A HISTÓRIA, VISUALIZAR A HISTÓRIA, RESGATAR HISTÓRIA, o que nos permitiu mapear melhor as concepções de história subjacentes a cada um dos objetivos.

tomamos as cinco primeiras CATEGORIAS/OBJETIVOS: HISTÓRIA, TEMAS ESPECÍFICOS, MUSEU, OBJETOS e CULTURA²⁴⁴. Em cada um dos cinco fluxogramas analisados, utilizamos a diferenciação de cores para mostrar a frequência com que as propriedades a eles associadas apareceram no gráfico. As cores mais intensas denotam as propriedades com maior ocorrência, enquanto as cores menos intensas se referem àquelas menos recorrentes.

História (160) foi o objetivo que mais motivou o professor a buscar o MHAB, ocupando isoladamente o primeiro lugar entre os objetivos declarados pelos professores, com 160 ocorrências. A esse objetivo estiveram associadas algumas propriedades como mostra a figura 9:

Figura 10 - A História e o Museu



Fonte: Elaborado pela autora da tese

Para os professores, o MHAB é um lugar de muitas possibilidades para a História, desde as dimensões que envolvem a pesquisa e a descoberta até aquelas associadas à ilustração do conteúdo estudado e a conferência do conteúdo ensinado na escola. Conhecer a história foi o verbo mais associado a esse objetivo (116 vezes), seguido de estudar (13). Em

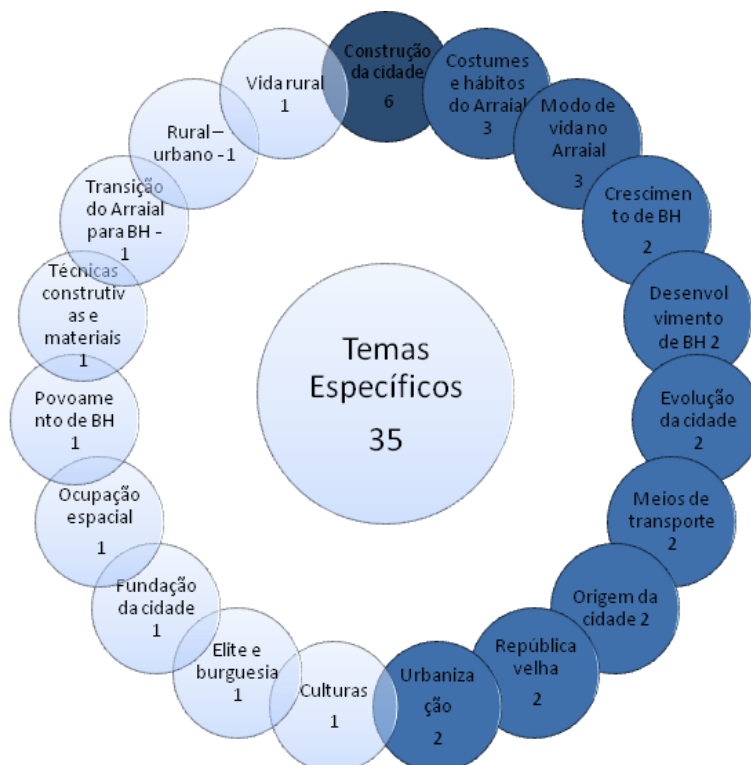
²⁴⁴ O ANEXO I – Fluxogramas, apresenta os demais (11) fluxogramas não analisados.

pesquisa realizada por Almeida (2004) no Museu Paulista os benefícios educacionais foram os mais citados entre os visitantes. Estes aparecem relacionados à História em seu sentido mais geral; ou à história do Brasil ou à história de São Paulo (ALMEIDA, 2004, p. 5). As palavras mais frequentes associadas ao benefício da visita foram conhecer/conhecimento e história/histórico, reconhecendo o Museu Paulista como fonte para o ‘conhecimento histórico (ALMEIDA, 2005).

Na mesma direção, os dados do nosso estudo confirmam o MHAB como uma referência na produção de conhecimento sobre a história da cidade, mobilizando os professores em torno das possibilidades de conhecer e estudar a história de Belo Horizonte.

Ocupando o segundo lugar na lista dos objetivos mencionados pelos professores, nas motivações para a visita ao MHAB, encontra-se a busca do Museu para o estudo de temas específicos (35). Não diretamente relacionado ao Ensino da História, mas ao ensino de forma geral, os temas específicos mobilizam a busca pelo Museu como lugar que favorece o conhecimento acerca de diferentes temáticas sobre a cidade, como nos mostra a Figura 10 a seguir:

Figura 11 - Temas específicos no Museu



Fonte – Elaborado pela autora da tese

O estudo de temas específicos nos remete ao conteúdo curricular em desenvolvimento na escola. Os temas mais recorrentes colocam as questões sobre a cidade no plano dos interesses dos professores e reafirmam o MHAB como referência para o estudo da cidade. São temas que exploram a memória histórica de Belo Horizonte (modo de vida, costumes e hábitos no/do Arraial do Curral Del Rei, origem e desenvolvimento da cidade, fundação de Belo Horizonte etc) e do Brasil (como a República Velha, o urbano e o rural) que mesclam temas constitutivos de programas curriculares de outros campos do conhecimento, ou de projeto coletivos de ensino, tais como: meios de transporte, técnicas construtivas, crescimento urbano, ocupação espacial etc, não se limitando àqueles diretamente ligados à História.

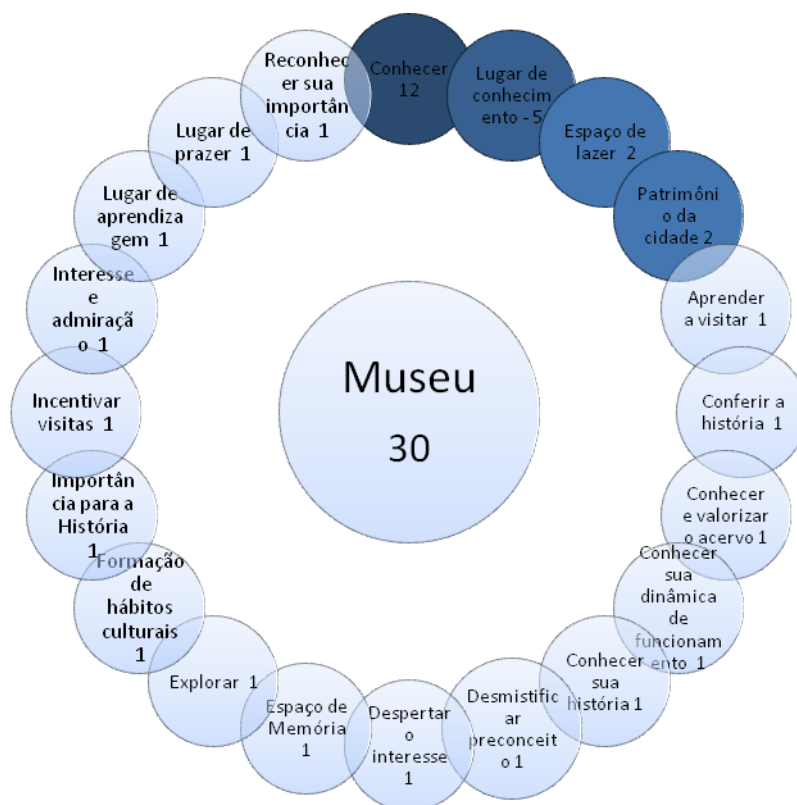
Embora o MHAB seja caracterizado como um Museu histórico, a demanda prática dos professores em seus fazeres ordinários foi capaz de subverter os supostos limites impostos por sua tipologia e tomá-lo como fonte de conhecimento sobre a cidade, atribuindo-lhe outros significados. Essa apropriação vem confirmar o que Meneses (1992) pondera a respeito da problemática taxonômica dos museus. As questões de ensino/pesquisa suscitadas pelos professores permitiram os múltiplos usos do Museu. Ainda que mantenha a denominação histórico em sua identificação institucional, ele vem operando como um museu de cidade.

A mudança temática e conceitual pela qual o MHAB rompeu com a noção de museu de história limitado a “[...] contar para as futuras gerações, através de relíquias, a história antiga e a história média de Belo Horizonte”, e passou “a tomar a cidade como seu principal objeto de conhecimento”, [promoveu] “a migração de museu de história da cidade para um museu de cidade” (PIMENTEL, 2006, p. 100). Para Pimentel (2006), a experiência dos últimos anos do MHAB, “garantiu sua passagem da condição de um acanhado museu de história para a de importante museu de cidade” (PIMENTEL, 2006, p. 107)²⁴⁵.

A busca por um maior conhecimento do Museu (30) como equipamento cultural motivou muitos professores a incluírem a visita em seu programa educativo. Esse foi o terceiro objetivo mais citado. A figura 11 apresenta esse objetivo e as propriedades a ele associadas.

²⁴⁵ Para uma melhor compreensão sobre o conceito de museu de cidade, ver Meneses (2003).

Figura 12 – O Museu pelo Museu



Fonte - Elaborada pela autora da tese

Seja para conhecer o Museu e aprender sobre a sua dinâmica de funcionamento, tomá-lo como fonte de conhecimento, lazer e aprendizagem ou para viabilizar o acesso a um patrimônio da cidade, o Museu aparece como objeto de interesse do professor. A formação do hábito de visitar museus, a quebra de preconceitos, a sua afirmação como fonte para a história e memória da cidade são fatores que mobilizaram professores fazendo-os incluir a visita no programa educativo deles. A ideia do Museu como lugar para conferir o que foi visto na escola surge também associada a esse objetivo. Assim, o Museu figura como repositório da verdadeira história a ser vista e conferida.

Em busca de conhecer os objetos (27) do Museu os professores justificaram sua visita ao Museu. A figura 12 apresenta as principais características associadas a esse objetivo.

Figura 13 – Os Objetos e a visita ao Museu



Fonte: Elaborada pela autora da tese

Conhecer os objetos, observá-los, ter contato com eles, tomá-los como fontes/documentos no estudo da história, foram aspectos que impulsionaram professores na realização da visita. A preocupação com a preservação dos objetos e a possibilidade desses objetos contribuírem para os processos de identificação e construção de identidade, embora de modo incidental, figuraram entre os interesses dos professores. A possibilidade de visualização dos objetos aparece como elemento importante para o professor. Seja pela sua mera capacidade ilustrativa, seja pela dimensão educativa contida no ato de ver, a dimensão visual foi interesse do professor.

Aspectos relacionados à Cultura (24) foram indicados pelos professores como motivadores da visita, como mostra a figura 13.

Figura 14– O Museu e a Cultura



Fonte – Elaborada pela autora da tese

A possibilidade de vivência cultural ou lugar que *guarda* a cultura destaca-se entre os objetivos declarados pelos professores para justificar a visita. A existência de uma cultura objetivada no acervo e nos bens culturais do Museu parece também orientar a busca do professor pela Instituição.

A ideia de que essa cultura precisa ser conhecida, estudada, aprendida, apropriada, contatada, acessada, resgatada e valorizada mobiliza a preocupação pedagógica do professor e o faz promover a vivência cultural no Museu. Nessa perspectiva que parece objetivar e materializar a cultura, ir ao Museu possibilita *a aquisição e o consumo da cultura*.

II - SEGUNDA PARTE: VISITAR UM MUSEU: UM EVENTO EXTRAORDINÁRIO?

A realização da entrevista com os professores²⁴⁶ apresentou-se como uma possibilidade de acessar o universo escolar por meio daqueles que estiveram diretamente envolvidos na realização da visita ao Museu. Ouvir suas motivações, ver suas expressões de

²⁴⁶ Apesar de haver um supervisor e um orientador educacional no universo dos entrevistados, optamos pelo uso da palavra professores, evitando a expressão *educadores*, para não gerar confusão com a denominação dada aos educadores do Museu. Para preservar as identidades, os professores não serão identificados pelos nomes.

envolvimento e desencanto permitiram compreender melhor esses sujeitos de carne e osso, muitas vezes, vistos de maneira homogênea e tratados de modo linear.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA UTILIZADA

1.1 As entrevistas

Entre novembro e dezembro de 2009 foram realizadas 14 (quatorze)²⁴⁷ entrevistas de roteiro semiestruturado, com professores e técnicos em educação que visitaram o Museu no ano de 2009, todos pertencentes à rede pública de educação.

O deslocamento dos professores e alunos exige uma organização prévia que tem início na escolha do espaço a ser visitado e se encerra no retorno à escola. Considerando essa dinâmica organizada em três tempos – antes, durante e depois da visita – elaboramos um roteiro capaz de conhecer as impressões dos professores nesses três momentos que compõem a visita.

A entrevista constituiu-se de um roteiro de sete tópicos dos quais derivaram questões aos entrevistados²⁴⁸:

- 1) da organização da visita;
- 2) sobre a preparação dos alunos para a visita;
- 3) dos aspectos pedagógicos: a) Dos objetivos e estratégias e b) Do material pedagógico;
- 4) conhecimentos e informações sobre o Museu;
- 5) sobre os conhecimentos nas áreas de museologia, museografia, educação patrimonial e relação Museu e escola;
- 6) durante a visita;
- 7) depois da visita.

As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra buscando preservar o caráter espontâneo das falas²⁴⁹. Em seguida, foi feita uma formatação

²⁴⁷Foram feitas 14 entrevistas, tendo sido ouvidos 15 professores. A entrevista de nº 07 foi realizada com a coordenadora pedagógica e a professora simultaneamente.

²⁴⁸ O roteiro para a entrevista semiestruturada por ser visito no ANEXO J - ROTEIRO DA ENTREVISTA.

em que se optou pela numeração dos turnos de falas e pela utilização de letras minúsculas para conferir uniformidade visual ao texto. Utilizamos símbolos para marcar os movimentos das falas, seguindo as normas de transcrição, como se pode ver no quadro 8.

Quadro 8 - Normas utilizadas nas transcrições das entrevistas²⁵⁰

Símbolos	Significados
,	Pausa para separar membros constituintes na frase
.	Interrupção de fala com sentido completo
...	Interrupção de fala com sentido incompleto
!	Entonação de exclamação
?	Entonação de pergunta
(.)	Pausa rápida (menor que cinco segundos)
((pausa longa))	Pausa longa (maior que cinco segundos)
“texto entre aspas”	Quando o entrevistado assume a fala de outra pessoa ou a dele próprio
Si-la-bas	O hífen separando sílabas demonstra destaque de uma palavra.
(...)	Palavras ou trechos inaudíveis
:::	Propagação de um som
(texto entre parênteses)	Quando a fala não foi compreendida durante a transcrição
(texto em itálico entre parênteses)	Anotação de atividade não verbal

Fonte: LINHARES (2011)

Os dados coletados nas entrevistas foram agrupados por tema de acordo com o roteiro. Em seguida, realizamos o processo de cotejamento (análise, interpretação e compreensão) dos dados produzidos (BARDIN, 2009).

Para traçar um perfil sociocultural dos entrevistados, foram incluídas no roteiro da entrevista perguntas iniciais sobre formação acadêmica, período de atuação no magistério, tempo de atuação na escola, disciplinas/ áreas e ano escolar que leciona e a experiência profissional²⁵¹, gerando o quadro 9 e quadro 10.

²⁴⁹ As transcrições de todas as entrevistas se encontram na íntegra no ANEXO K (Transcrição das entrevistas com os professores).

²⁵⁰ Tabela utilizada por Linhares (2011).

²⁵¹ Ver ANEXO J – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Quadro 9 – Dados gerais dos entrevistados

Nº	Entrevistados	S E X O	Formação Básica/ Instituição Formadora	Especialização/ Instituição	Rede de Ensino a que pertence a escola de onde se originou a visita escolar	Instituições que atua/Rede
01	PM1	F	Pedagogia PUC-MG	-	RMEBH	01 - RE 01 - RMEBH
02	PR2	F	Pedagogia UFMG		RMEBH	02 - RMEBH
03	PAL3	F	Pedagogia UFMG	Psicopedagogia - UVA	RMEBH	01 - RMEBH
04	PD4	F	Pedagogia FaFi-BH	-	RMEBH	01 - RMEBH
05	PJ5	F	Letras PUC-MG	-	RMEBH	01 - RMEBH
06	PL6	F	Pedagogia UEMG	Educação Infantil - UFMG	RMEBH	02 - RMEBH
07a*	PV7	F	Pedagogia UNI-BH	-	RMEBH	02 - RMEBH
07b*	PC7		Pedagogia UFMG	Alfabetização- UFMG	RMEBH	01 - RMEBH
08	PH8	F	História FaFi-BH	-	RMEBH	01 - RMEBH
09	PD9	F	Pedagogia UEMG	Mestrado Educação - UFMG (em curso)	RMEBH	02 - RMEBH
10	PA10	F	Geografia Newton Paiva	Educação Ambiental - PUC- MG	REMG	01 - RE
11	PV11	F	Pedagogia INESP	Alfabetização - Faculdades Claretianas	REEMG	01 - RE
12	PG12	F	Pedagogia PUC-MG	Sexualidade e Afetividade - PUC - MG	REEMG	01 - RE 01 RM - Betim
13	PL13	F	Pedagogia UEMG	Ed. Ambiental e Psicopedagogia- CEPEMG	RMEBH	01 - RMEBH 01 RM-Betim
14	PJ14	M	Filosofia PUC-MG		RMEBH	01 – RMEBH 01 - Particular

Legenda:

RMEBH – Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte

REEMG – Rede Estadual de Educação de Minas Gerais

PUC – MG – Pontifícia universidade Católica de Minas Gerais

UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

INESP - Instituto Nacional de Ensino Superior e Pesquisa

UVA – Universidade Veiga Almeida

*Entrevista realizada em conjunto, por escolha das entrevistadas

Fonte – Quadro desenvolvido pela autora da tese

Quadro 10 – Dados gerais dos entrevistados (cont.)

Nº	Entrevistados	Função desempenha na escola que originou a Visita ao Museu	Disciplinas / Áreas que leciona	Ano Escolar/ Ciclo de atuação	Tempo de atuação escola que originou a visita ao Museu	Tempo de atuação no magistério
01	PM1	Professora	Port/Cien/Geo-Hist/Artes e Ed. Física	1º ano – 2º ciclo	18 anos	27 anos
02	PR2	Coordenadora/ Professora	Matemática	1º ciclo	20 anos	25 anos
03	PAL3	Professora	Port/Hist/Geo/Cienc/Arte/Ed.Física	1ºano-2º ciclo	10 anos	23 anos
04	PD4	Professora	Port/Mat/Geo/Hist	1º ano 2º ciclo	22 anos	23 anos
05	PJ5	Professora	Port/Mat/Geo/Hist e Artes	1º ano 2º ciclo	05 anos	07 anos
06	PL6	Professora	Port/Cien/Geo-Hist/Artes e Ed. Física	1º ano 2º ciclo	02 anos	05 anos
07a*	PV7	Coordenação/ Professora	Port/Mat/ Cien	3º ano 2º ciclo	14 anos	30 anos
07b*	PC7	Professora	Port/Mat/ Cien	3º ano 1º ciclo	12 anos	13 anos
08	PH8	Professora	História	1o ano 3º ciclo e EJA	05 anos	18 anos
09	PD9	Coordenação/ Professora	Port/Mat e Artes	1º ano 2º ciclo	06 anos	13 anos
10	PA10	Professora	Geografia	2º e 3º anos Ensino Médio	04 anos	05 anos
11	PV11	Coordenadora e Supervisora	Orientação/ Supervisão	Ensino Fundamental	16 anos	32 anos
12	PG12	Professora	Biblioteca	Ensino Fundamental	06 anos	22 anos
13	PL13	Professora	Geo/Hist e Ciências	2º ano 2º ciclo	04 anos	08 anos
14	PJ14	Professor	História	3º ano – 3º ciclo	10 anos	20 anos

Legenda: *Entrevista realizada em conjunto, por escolha das entrevistadas

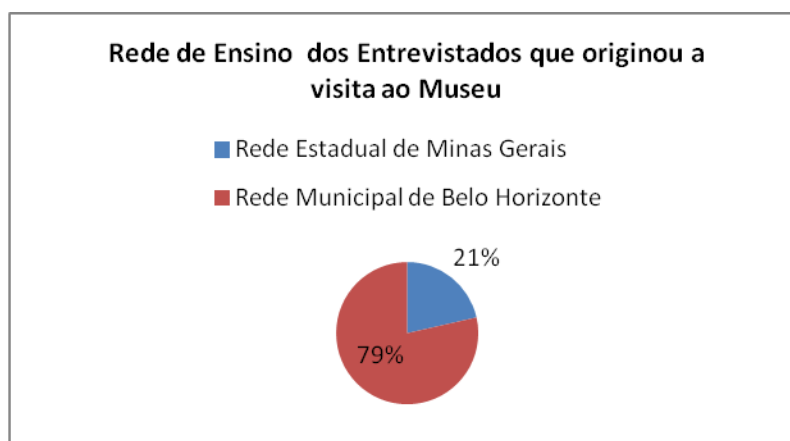
Fonte – Quadro desenvolvido pela autora da tese

1.2 Perfil dos entrevistados

Dos 15 profissionais entrevistados, 11 atuam como professores, três como coordenadores pedagógicos e um como supervisor/orientador.

Do total de quinze (15) professores entrevistados, 79% atuam na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RMEBH), enquanto 21% atuam na Rede Estadual de Educação do Estado de Minas Gerais, como mostra o gráfico 7.

Gráfico 7 - Rede de ensino dos professores entrevistados



Fonte – Gráfico elaborado pela autora da tese

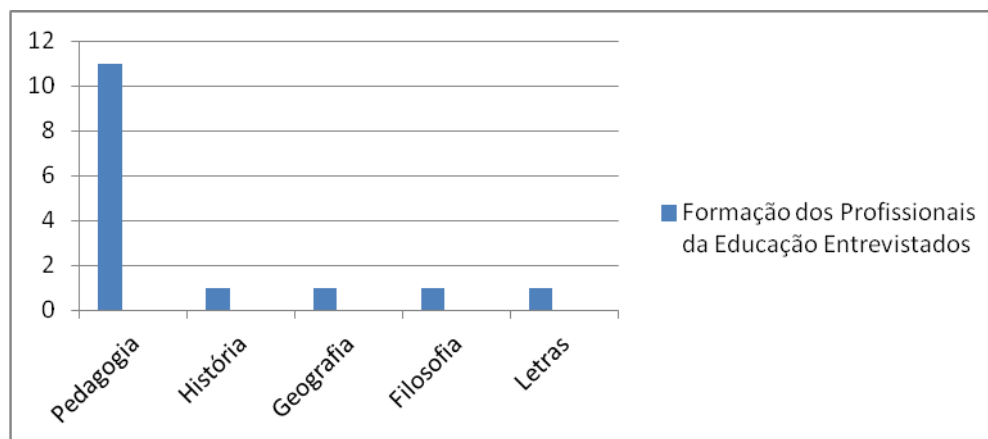
Todos os profissionais ouvidos declararam ter formação em nível superior, sendo que sete deles afirmaram possuir especialização, enquanto um declarou estar cursando Mestrado em Educação na UFMG.

Do universo de profissionais entrevistados, 14 têm o exercício no ensino fundamental, sendo apenas uma professora em exercício no ensino médio. A maioria dos profissionais atua em mais de um estabelecimento de ensino ou em uma mesma instituição em sistema de dobra. Alguns pertencem a mais de uma rede de ensino (estadual e municipal ou particular) de Belo Horizonte ou da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Entre os profissionais ouvidos, há uma predominância de professores com formação em pedagogia 11 e um profissional com formação em Letras atuando no 1º e 2º ciclo do ensino fundamental. Há ainda um professor com formação em história e outro em filosofia atuando nos anos finais do ensino fundamental e um profissional com formação em

geografia atuando no ensino médio. Do total de professores 12 atuam no ensino fundamental I, dois no Fundamental II e um no ensino médio. É o que se vê no Gráfico 8.

Gráfico 8: Formação Básica dos Profissionais Entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora da tese

Dentre os 11 pedagogos, três deles atuam como coordenadores pedagógicos (RMEBH), uma como supervisora e sete como professores dos anos iniciais do ensino fundamental.

Tanto os professores com formação em pedagogia quanto em letras assumem mais de uma disciplina nos anos iniciais reafirmando a predominância dos chamados professores generalistas atuando nos 1º e 2º ciclos nas escolas brasileiras. No 3º ciclo aparecem os professores especialistas atuando em sua área de formação (geografia e história) sendo que um tem formação em filosofia e atua como professor de história nos anos finais do ensino fundamental.

Entre os profissionais entrevistados prevalecem aqueles que atuam junto aos 1º e 2º ciclos, acompanhando a tendência do público majoritário do Museu de alunos na faixa etária entre oito a 11 anos.

A imensa maioria de profissionais do sexo feminino acompanha um dado nacional que indica a predominância de mulheres no magistério, mais especificamente atuando na Educação Básica, sobretudo nos anos iniciais do ensino Fundamental.

O tempo de atuação no Magistério varia entre 5 a 30 anos de trabalho, perfazendo um tempo médio de 19 anos. Já o tempo de atuação na escola de onde originou a visita, variou de dois a 20 anos com um tempo médio de 11 anos.

2 - DA ORGANIZAÇÃO DA VISITA

2.1 Da infraestrutura

Toda a logística e a infraestrutura para a realização da visita, que envolve o agendamento, o transporte, a comunicação família-escola, o escalonamento dos acompanhantes/responsáveis, até a realização da visita, sucede-se em um conjunto de tarefas que demandam tempo e organização.

No aspecto da infraestrutura fica evidente a diferença existente entre as redes públicas de ensino. Enquanto a Rede Municipal de Belo Horizonte apresenta infraestrutura para viabilizar atividades extraescolares, a Rede Estadual de Educação de Minas Gerais tem grande dificuldade para proporcionar a saída dos alunos do espaço escolar.

Na Rede Municipal de Educação, os professores ressaltam o apoio que recebem da administração para a realização das saídas escolares. O fornecimento de ônibus e o apoio da coordenação pedagógica para a organização da visita, que inclui: o agendamento no Museu, a reserva de ônibus, a elaboração dos bilhetes de autorização dos pais/responsáveis e, até mesmo, o acompanhamento dos alunos no dia da visita, em alguns casos. Assim, essa tarefa não recai sobre o professor cabendo a ele a participação na elaboração do plano da visita e o acompanhamento dos alunos.

Na RMEBH, foi criado, em 2009, o programa Projeto de Ação Pedagógica (PAP) para subsidiar atividades pedagógicas desenvolvidas. O programa permite que as escolas elaborem um projeto no início do ano justificando a dimensão pedagógica da saída escolar e pleiteiem recursos para subsidiar as atividades, já que parte da verba do PAP se destina à realização de visitas, viagens, excursões e passeios²⁵². Segundo alguns professores, a criação desse programa pela Prefeitura, ao mesmo tempo em que destinou um recurso específico para essa finalidade, restringiu o número de saídas à cota limitada pelo PAP. Assim ao se esgotar a verba, a escola fica impedida de sair com os alunos já que a cobrança de taxas ficou proibida na Rede Municipal Ensino de Belo Horizonte desde a implementação do PAP, como afirma um dos professores entrevistados.

²⁵² Mais informações ver: www.portalpbh.pbh.gov.br

Extrato 1 - A mudança da PMBH na distribuição de verbas para trabalhos externos

155. Suj: a escola tem a verba, acabou aquela verba que tem que ser dividida por todas as etapas, por todas as turmas. acabou a verba, acabou as excursões. isso limitou bastante. se essa política da prefeitura continuar, vai empobrecer bastante o nosso trabalho.

15

6.Pes: hunrum.

169. Suj: (...) então, essa política da prefeitura limita essa possibilidade de fazer as visitas.

PJ14

Conforme um dos entrevistados, a Rede Municipal destina uma cota de transporte para a realização das saídas pedagógicas. Cada escola pode realizar até seis saídas por semestre utilizando o transporte escolar da PMBH. Outros professores afirmaram ser comum a contribuição dos alunos com uma quantia em dinheiro para cobertura das despesas de transporte. A mudança recente na política de distribuição de recursos na Rede Municipal pode explicar a existência de práticas diferenciadas em cada instituição.

Já a situação na Rede Estadual de Educação é bem mais restritiva para as saídas escolares. Além da inexistência de verbas para essa finalidade, a captação de recursos se dá junto aos alunos/pais/responsáveis ou por meio dos recursos da caixa escolar, normalmente advindos dos eventos festivos realizados na escola. Um dos entrevistados mencionou a demanda de recursos junto a um vereador da cidade para a realização das atividades externas à escola. Essa ausência de investimento dificulta a saída dos alunos em atividades extraclasse, não só pela questão financeira, mas também pela necessidade de um grande empenho por parte dos professores e técnicos educacionais em busca de verba para a viabilização da saída. Um dos profissionais da Rede Estadual ressalta essa falta de investimento do Estado.

Extrato 2- Dificuldades das escolas da Rede Estadual de Ensino para a realização das visitas escolares

146. Pes: - hanrã. jóia. é, então, em alguns momentos você falou dessa questão da infraestrutura, né? ônibus,
147. Suj: - é.
148. Pes: - recursos, essa dificuldades...
149. Suj: - é, esse é um detalhe pra gente.
150. Pes: - como é que é isso? o estado oferece?
151. Suj: - não. n - a - o (risos) em grifo. em negrito mesmo. a gente pede ajuda da família, faz uma circular, né? solicita, contando, colocando o objetivo, né? que estudo que está sendo desenvolvido
152. Pes: - hanrã.
153. Suj: e coloca, né? a criança inclusive leva o lanche, a gente pede o valor para o transporte, contrata o ônibus, é um ônibus escolar normalmente.
- PV11**

Certamente essas dificuldades enfrentadas pelos professores das escola estaduais acabam por inibir a realização de eventos dessa natureza e explicam, em parte, a menor frequência dessa rede de ensino no Museu se comparada à da Rede Municipal de Educação.

2.2 Da preparação dos alunos para a visita

Para alguns professores entrevistados, levar os alunos ao Museu exigiu uma preparação prévia que envolveu um conjunto de intervenções capazes de promover a motivação pela visita, a compreensão acerca do universo a ser visitado e o desenvolvimento de atitudes e comportamentos desejáveis no novo ambiente.

A crença de que o trabalho anterior à visita favorece o bom andamento da atividade foi compartilhada pelos professores entrevistados. As intervenções variaram de forma e foco: conversas com o grupo de alunos, atividades de pesquisa, leitura de textos, registros nos cadernos com os objetivos da visita, orientações sobre a educação do olhar foram intervenções destacadas como parte do trabalho prévio.

2.2.1 As motivações dos alunos

Criar expectativas sobre o que será visto no Museu torna-se, muitas vezes, o caminho encontrado para desenvolver a motivação e aguçar a curiosidade dos alunos.

Extrato 3 – A motivação para visita ao Museu

- 44.Suj: - é, mais é porque tá dentro da história, né? tá dentro da matéria. então a gente, quando a gente trabalha a matéria eu vou desde o começo do ano “olha se a gente for no Abílio, vocês vão ver isso”.
- 45.Pes:- ah. você já vai criando essa...
- 46.Suj: - é já vou criando já, quando eles chegam, já estão doidinhos pra ir.
- 47.Pes: - hanrã.
- 48.Suj: - assim, não comportam muito bem não, mas eles gostam. (risos) não é nenhuma mágica não.
- PM1**

A busca por informações sobre o Museu, seja via leitura de livros, seja via revistas ou consultas na Internet, aparece também como parte das estratégias utilizadas para despertar maior interesse entre os alunos e fornecer algumas informações acerca do que irão encontrar no espaço a ser visitado, como nos extratos que se seguem.

Extratos 4 A e B - Informações sobre o Museu em diferentes suportes

- A:**
30. Suj: - pois é. eu tento encaixar a excursão (.) aonde que a gente vai ao museu, com todas as outras matérias. tanto do português, eu dou muito texto. procuro texto, vou na Internet. procuro texto na Internet, em livros antigos. igual eu dei um texto, acho que eu não trouxe ele aqui, que eu tirei do livro antigo de Minas Gerais, que falava do museu, da origem do museu, pra quê, de quem né?
31. Pes: - hunrum
32. Suj: - então, assim, eu procuro trabalhar muito aquilo o que que a gente vai encontrar no museu, o que que vai ver.
33. Pes: - hunrum.
34. Suj: - eu acho que no trabalhar muito eu desperto muito a curiosidade dos alunos pra poderem irem lá.

PAL3

B:

204. Suj: - eu fiz uma preparação, pesquisei na internet, mas assim eu não tive oportunidade de fazer o curso. não deu pra eu fazer o curso.

(...)

339. Suj: - eu tirei um texto também sobre museu.

340. Pes: - sobre o Abílio?

341. Suj: - sobre o Abílio pra eles conhecerem um pouquinho, né?

PL13

Alguns professores mencionam o uso dos recursos da internet, tanto no que se refere à utilização como ferramenta, quanto para conhecimento do espaço a ser visitado, como no caso que se segue.

Extrato 5 - Informações sobre o Museu e a ferramenta da internet

17. Suj2: - uma coisa interessante Soraia é que, na sala de informática a gente ia trabalhando também a parte da consulta, de consultar sabe? de buscar informações. e aí foi uma parte legal, porque eles estavam aprendendo como, como mexer, como manusear. entrar na internet, como procurar informação. então assim, foi uma festa pra eles. aí procuraram né? viram fotos, tá enxergando aquilo. no meu caso, no caso da minha turma deu pra gente estar vendo as coisas do museu pela internet antes de a gente estar chegando ao museu propriamente dito. então foi interessante, porque, depois que nós retornamos, aí eles puderam comparar o que eles viram no computador, com o que eles viram na realidade. e aí foi muito legal. as coisas que eles estavam vendo: “nó aquilo que a gente viu.”, eles comentaram, sabe?

18. Pes: - hunrum.

19. Suj2: - então assim, foi muito rica essa relação, né? da aula de informática com as coisas que a gente estava experimentando lá.

37. Suj1: - eu já tive como estar dando algumas pistas pra eles estar procurando, sabe? Vamos jogar esta pergunta. como a gente faz pra descobrir isso? Vão tentar descobrir isso. que mais que a gente pode estar jogando aí para estar descobrindo outras coisas interessantes. mais aí a questão do bonde lá, né?

PV7 e PC7

Desse modo, a visita se constitui em uma possibilidade de pesquisa, tanto para alguns professores, quanto para seus alunos.

A articulação entre várias disciplinas escolares em torno da preparação da visita apareceu como uma possibilidade de trabalho. Em algumas situações, os professores mencionam a distribuição de atividades entre eles: “eu peguei mais a parte que tinha a ver com aquilo que eu estava trabalhando com os meninos e deixei bastante coisa pra professora de geografia/história estar trabalhando com eles diretamente”.

A preocupação com o patrimônio foi destacada como parte do conteúdo a ser desenvolvido com os alunos antes da visita.

Extrato 6 - Preocupações com a dimensão da preservação do patrimônio

37. Suj1. (...) que era, a importância do museu, aí eu fui trabalhando porque que tinha que ser assim. a questão da conservação, a conscientização da conservação do que é público, do que é bem nosso.
38. Suj1: - memória, né?
39. Pes: - hunrum.
40. Suj2: - isso aí é uma coisa que eu acho, pelo menos nessa sala que eu trabalho, eu trabalho muito essa questão, sabe? de conservar aquilo que é bem nosso, que é bem público e que tem que ser bem usado e protegido. que eu acho que o museu só existe, porque alguém conservou. e aí eu tento sempre trabalhar isso com eles.

PV7 e PC7

Para alguns professores o material oferecido pelo Museu foi importante para a orientação do conteúdo das exposições e esclarecimento das regras de funcionamento do Museu. Embora nem todos tenham confirmado o seu recebimento, houve quem lançou mão dele para preparar os alunos para a visita, como nos trechos que se seguem.

Extratos 7 A e B – A utilização do material do Museu

A:

20. Suj: - então foi interessante. então, ela entrou em contato com o museu, agendou a visita.
21. Pes: - hunrum.
22. Suj: - e eles mandaram um material pra gente, pra gente trabalhar com os alunos antes. então mais ou menos um mês antes eu comecei a trabalhar com eles.
23. Pes: - ah. entendi.
24. Suj: - tudo que eles iriam ver lá, o que eles iriam fazer lá, qual era o objetivo. então, acho que eles até chegaram a anotar no caderninho o objetivo da visita.
25. Pes: - hunrum.

26. Suj: - fizeram atividades sobre o bonde, antes de conhecer. então eu fiz uma prévia com eles, eles desenharam no caderno de artes, baseado na aula que eu dei pra eles com base no... na ... nos papéis que o museu mandou. eu trabalhei com eles e falei: agora vocês vão usar a imaginação.

PJ5

B:

8. Suj1: - elas pediram pra agendar né? pra fazer uma complementação do trabalho que estava sendo desenvolvido aqui na sala de aula. aí quando eu marquei o pessoal do museu mandou um material, mandou uma maquete lá do museu, mandou o caderninho explicando o que é o museu...

9. Suj2: - um material bem rico, bem interessante.

10. Suj1: - qual que é o trabalho que o museu desenvolve, o projeto que ele desenvolve e as professoras desenvolveram também esse trabalho que o museu mandou pra escola com as turmas. as meninas montaram a maquete, trabalharam a história de Belo Horizonte também com eles e do museu. eles conheceram um pouquinho mais do museu com esse material que veio de lá.

PV7 e PC7

Há ainda professores que receberam o material do Museu, mas não fizeram uso do mesmo. Nós recebemos um material, só que ele não foi explorado. Não foi utilizado nem por nós e nem pelos alunos esse material.

2.2.2 Da preparação dos alunos: aspectos atitudinais

Estratégias como a conversa na *rodinha* sobre as regras de utilização do Museu foram apontadas pelos professores como forma de orientar os alunos. O comportamento no ônibus, o respeito ao monitor, a importância de saber ouvir foram aspectos ressaltados pelos professores em sala de aula, demonstrando a preocupação com o comportamento dos alunos no Museu.

Extrato 8 - Orientações sobre a conduta no Museu

- 43.Pes: - (...) orientações pra usar...
- 44.Suj: - pra tudo. desde o comportamento dentro do ônibus, até lá. o que que é visitar um museu...
- 45.Pes: - hunrum.
- 46.Suj: - a questão da interação, a questão do respeito, de saber ouvir o monitor. que é uma aula, na realidade eles estão tendo uma aula de história fora do espaço físico da sala de aula, da escola.
- 47.Pes: - hunrum.
- 48.Suj: - é uma aula cultural, né? é um trabalho de campo, vamos dizer assim.
- 49.Pes: - hunrum.
- PH8**

O comportamento das crianças no Museu é tema de grande preocupação entre os professores, como revelado na fala a seguir.

Extrato 9 - A preocupação com a conduta dos alunos no Museu

218. Suj1: - o espaço lá, os cuidados, né? porque a gente fica, sabe? com aluno de escola a gente fica quase morrendo ...
- 219.Pes: - eu sei.
- 220.Suj1:você sai de lá estressadíssima, parece que você está carregando, nem sei.. de tão preocupado que a gente fica, desses alunos saberem, estarem aplicando lá no museu aquilo que a gente fala com eles todos os dia na sala de aula. nossa aí a gente fala “nossa. que ideia que o museu vai ter da escola?” então, a gente fica com a preocupação... às vezes, a gente, quando acompanha turma em visitas, principalmente, em visita a museu a gente nem aproveita muito de tão preocupado que a gente fica com a disciplina dos meninos. em tá mostrando que eles são educados, de querer demonstrar às vezes, né?
221. Suj2: é (risos)
222. Suj1: e, pra não passar vergonha lá, que muitas vezes a gente passa, né? então a gente se preocupa tanto com a disciplina que deixa passar um tanto de coisa, que a gente poderia aproveitar mais no trabalho da escola...
223. Pes: também é um ato educativo, não é?
- 224.Suj1: que também de certa forma, não tem como fugir dele. porque até a moça lá que, a guia lá, a orientadora lá, ela não fala se tiver menino conversando.
- 225.Pes: hurum.
- 226.Suj1: então, a gente tá o tempo inteiro... a gente às vezes nem

presta muito atenção no que que a pessoa tá falando, porque não dá tempo. o tempo todo olhando o que que menino tá fazendo, se ele está ouvindo, se ele está aprendendo, se o que está sendo feito lá está chamando a atenção dele. então, essa questão de disciplina, ela, às vezes, a gente nós, professores, que acompanhamos, desvia um pouco o olhar do objetivo do museu pra nós, do que a gente poderia estar aproveitando pra trazer pra eles, pra dar retorno, né? fazer um outro trabalho mais elaborado, mais legal com eles.

PV7 e PC7

A função disciplinar assumida pelos professores acompanhantes é ressaltada na fala seguinte, com certo pesar, já que a visita é vista também como um tempo de prazer e fruição para o professor.

Extrato 10 - Professor: acompanhante/aprendiz?

232. Suj2: - porque a gente tem que dividir os nossos olhares...
233. Suj1: - atendendo e ao mesmo tempo controlando a disciplina, né? lá na PUC, quando a gente vai lá, todo, sempre a gente vai lá (...) mas a menina lá o tempo inteiro, eles são bem rigorosos e aí a gente fica, não presta a atenção em muita pouca coisa. fica muito ligado na disciplina, pra não tirar a menina e...
234. Suj2: - e a gente tem medo de menino quebrar alguma coisa..
235. Suj1: - e, além disso, né?
236. Suj2: - isso aí não tem jeito.
237. Pes: a gente tem que dar um apoio pra eles...
238. Suj1: - Se não, não tem nem como eles desenvolverem o trabalho deles
239. Suj2: - claro, uai.
240. Suj1: - a gente fica muito preocupada e eu acho que, muitas vezes a gente deixa de aprender muita coisa, de repassar, ou de pegar alguma sugestão bacana pra trabalhar com os meninos em função da preocupação maior da gente,
241. Pes: - hurum.
242. Suj1: - em estar propiciando um (...) pra quem tá fazendo o trabalho lá no dia, poder desenvolver o trabalho dele. lá a gente está como ouvinte, como acompanhante, como aprendiz, como ouvinte. então a gente tem que ajudar, né?

PV7 e PC7

2.2.3 Outros materiais didáticos utilizados na preparação da visita

Como mencionado, a utilização de material didático para preparação da visita varia bastante entre os professores. Em casos em que o material do Museu não chegou, houve a utilização de um texto da *Revista Ciência Hoje das Crianças* intitulado O que pode e o que não pode num museu?²⁵³. O texto fornece informações sobre as regras a serem seguidas em museus *tradicionais*, tais como: não tocar nos objetos, não tirar fotografias, não comer etc e destaca a diferença entre estes e os museus interativos em que há maior liberdade para mexer e tocar em tudo.

Textos sobre o MHAB, disponibilizados na internet, foi alternativa encontrada pelos professores em sala de aula para fornecer alguns conhecimentos prévios sobre o Museu. O texto *Museu Abílio Barreto*²⁵⁴ foi adaptado pelo professor, impresso e utilizado em sala de aula. Nele são oferecidas informações sobre O Casarão, o acervo do Museu e informações de localização, horário de funcionamento dentre outras.

O conteúdo sobre a história de Belo Horizonte desenvolvido em sala de aula foi destacado como parte da preparação para visita. Ao longo do processo de ensino alguns professores apontaram a utilização de imagens da cidade e textos literários para o desenvolvimento do conhecimento sobre a cidade, como nos trecho a seguir.

Extrato 11 - Uso de livros sobre a História de Belo Horizonte

134. Suj: - tem isso também. tem vários livros sobre Belo Horizonte lá. Então, eles fizeram uma leitura, escolhi uns que coubessem no nosso tempo, eles fizeram uma leitura, olharam os pontos turísticos, ... na época. eu fiz um roteirinho.
135. Pes: - hanrã.
136. Suj: - pra eles...
(()). barulho de passagem de folhas de caderno ou livro)
137. Suj: - isso aqui foi um pequeno relatório pra (...) ver.
138. Pes: - hunrum.
- 140.Suj: - ah. tá. na... todos os livrinhos lá, é.. foram feitos em comemoração aos 100 anos de Belo Horizonte.
- 141.Pes: - ah... tá...
- 142.Suj: - então, voltamos um pouquinho na época: quem era o prefeito,
- 143.Pes: - hunrum.

²⁵³ Disponível em: <www.cienciahoje.uol.com.br>

²⁵⁴ Disponível em: <www.descubraminas.com.br>

144.Suj: - quais são os pontos que eram citados lá, pontos turísticos...
145.Pes: - hunrum. aí eles vão...
146.Suj: - é porque, na verdade, é um trabalho de ida e volta, né?
PD4

A utilização das imagens disponíveis na Agenda oferecida pela Prefeitura de Belo Horizonte, no ano de 2007, foi transformada em recurso didático conforme trecho a seguir.

Extrato 12: A agenda escolar com imagens da cidade

78. Suj: - e mesmo com as pesquisas deles. em 2007, eles receberam uma agenda que... é... no início de cada mês... agenda da prefeitura, tem um ponto de Belo Horizonte.
79.Pes: - hunrum.
80.Suj: - então eles fizeram um trabalho com aquilo. pra você vê, nós estamos em 2009, eu pedi que eles trouxessem de 2007...
81.Pes: - que legal.
82.Suj: - pra poder, primeiro pra eles valorizarem o material que eles recebem, né?
83.Pes: - hunrum.
84.Suj: - e tava tudo lá.
85.Pes: - bacana.
86. Suj: bastava só usar. (risos)
PD4

Essa mobilização dos professores em torno da preparação para a visita revela faces do comprometimento desse profissional frente ao desafio de cruzar os muros da escola e se lançar em um terreno pouco conhecido por eles.

3 - QUANTO AO CONHECIMENTO PRÉVIO DOS PROFESSORES SOBRE O MHAB

Dos 15 professores entrevistados, 10 (dez), ou seja, 66% deles já conheciam o MHAB enquanto cinco, 33%, deles visitavam o espaço pela primeira vez. Alguns demonstraram grande familiaridade e afinidade com o espaço, como aparece nos trechos que se seguem.

Extratos 13 A e B - Afinidade com o MHAB

A:

36.Suj: - olha, faz parte da... principalmente o Abílio Barreto em especial, é um museu assim que eu sou até suspeita de falar, porque eu amo aquilo ali, né?

37.Pes: - é?

38. Suj: - nossa senhora. tenho verdadeira loucura, todos os anos a gente vai.

PM1

B:

95. Pes: - e.. e você, assim, foi antes e conheceu antes de (.) de (.) de organizar a visita?

96. Suj: - não. não. há três anos atrás eu fui pela primeira vez e me encantei. eu já tinha ouvido falar... é:: eu vejo muito na Internet, pesquiso, procuro e tudo, né? vejo informação, foto, professor. quem já foi eu pergunto. aí eu comecei a me informar e a primeira vez que eu fui... então, agora todo ano... (risos).

PAL3

Cabe destacar que, em algumas das escolas de origem dos professores entrevistados, a visita ao MHAB foi incluída no calendário escolar, tornando-se uma prática recorrente. Em outra foi desenvolvido O projeto *Onde Mora Minha História*, com exposição de desenhos dos alunos tanto na escola quanto no Museu na ocasião de encerramento do projeto. Alguns dos professores entrevistados apontam as saídas para espaços não formais de educação, incluindo a visitas aos museus, como prática partilhada e cultivada pela escola, conforme relato.

Extratos 14 A e B: A prática de visitar museus e outros espaços educativos

A:

11. Suj: - estes meninos especificamente não sei lhe dizer não. mas a escola tá sempre em museu. igual eu lhe falei. história natural.

12. Pes: - hunrum.

13. Suj: - Nós já fomos naquele do coração eucarístico, né? nós vamos no horto. agora esse Abílio Barreto... eu já estive já alguns anos com uma turma minha da tarde. eu tô sempre lá.

PR2

B:

2. Suj: - essas visitas já fazem parte quase que do calendário, né? do processo, né? sempre a gente... os professores que trabalham com ciclo sempre tem o conteúdo para dar... e o museu sempre é uma... uma visita, né? sempre assim boa. com. Um bom jeito de levar os meninos para tá olhando, analisando, vendo eles mesmos, né?

3. Pes: - hunrum.

4. Suj: - pra tá estudando aquele conteúdo, né?

5. Pes: - hunrum.

6. Suj: - então ele sempre, praticamente, faz parte do calendário da escola. então assim, a organização é isso. tá trabalhando o conteúdo, né? e depois tá geralmente fechando conteúdo com a visita.

PR2

Em outros casos, as visitas aos museus, figuram como iniciativas individuais de determinado professor que valoriza esse tipo de atividade em suas ações pedagógicas.

4 - QUANTO AOS OBJETIVOS DAS VISITAS

Os professores associam a visita ao aprimoramento do conteúdo desenvolvido na escola. No entanto, alguns destacam a importância da promoção de vivências culturais visando a formação de hábito cultural entre os alunos. Foi destacada também a importância da educação patrimonial.

Seja para desenvolver parte do conteúdo curricular de uma disciplina específica, ou relacionado a um projeto de ensino envolvendo mais de uma disciplina, ou para a formação de hábitos culturais, o leque de justificativas se avoluma à medida que aprofundamos a escuta.

4.1 A visita ao Museu e a estreita relação com conteúdo escolar

Vista pelos professores como uma estratégia didática que qualifica o ensino oferecido pela escola, as visitas ao MHAB estiveram intimamente relacionadas ao desenvolvimento do conteúdo programático de uma ou mais disciplinas do currículo escolar.

Extrato 15 - A visita e o conteúdo escolar

60.Suj: - (...). museu a gente só vai nesse sentido. Só se a gente for, só se estiver de acordo com o que está estudando, se não tiver.. ir, por ir, a gente não vai não.

PM1

4.2 O estudo da história local e do Brasil

A relação com o estudo da história de Belo Horizonte aparece na fala de diversos professores.

Extratos 16 - A História de Belo Horizonte

A:

4. Suj. - nós que trabalhamos com o segundo ano do primeiro ciclo, que são os meninos de nove anos, a gente estuda Belo Horizonte...
5. Pes: - hunrum.
6. Suj: - e quando a gente estuda Belo Horizonte nada melhor do que ir lá pro Abílio, né? porque lá no Museu têm a história toda do começo da cidade. então a gente usa mais pra fazer uma culminância. ora um culminância, ora um começo de estudo, vai depender da época em que a gente consegue a organização pra ir pra lá. esse ano em especial nós conseguimos essa excursão no final do ano, então foi uma culminância.
7. Pes: - hunrum.
8. Suj: - desde o começo do ano que a gente estuda sobre a cidade, como que foi fundada e tudo e no final dos estudos a gente foi pra lá. e os meninos gostaram muito, porque eles, eles veem ao vivo e a cores o que está escrito nos livros. tá bom assim?

PM1

Visando o desenvolvimento de um conteúdo curricular específico, o professor partiu do estudo de uma manifestação local – a fundação da cidade – para a compreensão de um fenômeno histórico nacional – a transição do Império para República²⁵⁵. Assim, a visita ao Museu teve o objetivo de atribuir maior significado ao processo de aprendizagem da história, ao mesmo tempo em que pretendeu *apresentar* aos alunos o Museu como fonte de conhecimento.

²⁵⁵ Cabe destacar que a cidade de Belo Horizonte foi inaugurada no contexto da proclamação da República. E, na exposição em cartaz, havia uma sala contendo documentos referentes ao Império e a República.

Extrato 17 – Conteúdos específicos do currículo de História

5.Pes: - então, eu queria que você falasse um pouco, né? Por que foram ao museu, porque incluíram essa visita? quais foram os objetivos da visita ao museu Abílio Barreto?

6.Suj: - certo. na realidade na oitava série, nós começamos a estudar aquela virada do século, né?

7.Pes: - hunrum.

8.Suj: - então, primeiro capítulo que nós estudamos com os alunos, primeiro tema, primeiro conteúdo foi imperialismo e logo em seguida nós estudamos o segundo reinado. depois do segundo reinado veio a proclamação da república e como a fundação da cidade de Belo Horizonte está dentro deste contexto, né?

9.Pes: - ah.

10.Suj: - de proclamação da República, nós tentamos resgatar junto com alunos, dentro desse estudo da proclamação da República, a fundação de Belo Horizonte.

11.Pes: - hunrum.

12.Suj: - meio que contextualizando o surgimento de Belo Horizonte dentro deste contexto maior que é a proclamação da república. de alguma forma dá um significado para eles, né? a questão da ligação do espaço em que eles vivem, a história de Belo Horizonte a história do País que nós estávamos estudando. então o objetivo foi esse.

13.Pes: - hunrum.

14.Suj: - é claro que um objetivo importante também foi os alunos eles visitarem essa Instituição, o Museu como espaço de pesquisa, espaço pra você conhecer a história do seu município, da cidade onde você vive, né?

15.Pes: - hunrum.

16.Suj: - é... compreender as mudanças que a cidade, ela sofreu,

né? junto com as mudanças, os problemas, os avanços. então a ideia foi essa.

PJ14

B:

74. Suj: - era mostrar mesmo, como é que, como era o início, né? como foi o início de Belo Horizonte.

PD4

C:

6. Suj1: - então desde o início as meninas pediram que, quando tivesse no final do 1º ciclo, iriam estudar Belo Horizonte e elas queriam que marcassem uma agenda lá com o Museu, porque ele trata mais da história de Belo Horizonte, né? mais foca mais essa questão. e aí a gente agendou é pra esse ano fazer um trabalho paralelo, né? de estudar Belo Horizonte. um pouco da história de Belo Horizonte, com a parte geográfica e também a parte histórica. e aí lá iria complementar o trabalho que as meninas vinham fazendo na sala de aula com os meninos.

7. Pes: - hunrum.

8. Suj1: - elas pediram pra agendar, né? pra fazer uma complementação do trabalho que estava sendo desenvolvido aqui na sala de aula.

PV7 e PC7

4.3 O Museu como lugar de produção do conhecimento histórico

A *vontade* de ir ao Museu esteve ainda associada à necessidade de ampliar a compreensão acerca da produção do conhecimento histórico. O Museu foi visto como lugar de memória e suporte para o trabalho com fontes e documentos históricos capaz de proporcionar uma experiência de ampliação do repertório cognitivo dos alunos. Com vista ao desenvolvimento do conceito de História, o professor descreve seus objetivos.

Extrato 18 - O que é história?

6. Pes: - aí eu quero saber um pouco, assim, dos objetivos, você começou a falar né? dentro desse contexto o que te levou a procurar o Museu.
7. Suj: - é, eu levei os meninos no museu, porque eu comecei a trabalhar com eles, o projeto é... é construindo o conceito de história.
8. Pes: - Hunrum.
9. Suj: - e aí eu comecei a trabalhar com eles o que que é história, né? inclusive, antes de eu trabalhar com eles esses três conceitos, eu fiz um levantamento com eles, né? assim uma tempestade de ideias. então o que que é história e cada um foi respondendo, né? do jeito deles.
12. Suj. (...) aí depois que eu fiz esse levantamento com eles, aí eu apresentei os três conceitos de história, né?
13. Pes: - hunrum.
14. Suj: - a história como ciência, a história a ficção e história de vida.
- 24.Suj (...) aí eu fui voltando, o que que é história, como são estudados os fatos históricos, os documentos históricos, e foi aí que surgiu a vontade de ir no museu.
- 25.Pes: - hanrã.
- 26.Suj: - que é um espaço da história mesmo, essa memória viva. aí eu fui levá-los ao museu e eles gostaram demais. foi muito bom, né? muitos nunca tinham ido no museu.

PL13

Relacionar a visita à compreensão da história ressalta a importância do Museu como fonte do conhecimento histórico.

Extrato 19 - O Museu, a história e as fontes históricas

55. Suj. olha. a parte de história... o nosso livro de história, que é o livro porta aberta, ele começa como... quais os objetos, né? o que que a gente faz pra identificar a história, para conhecer a história. e vem falando de fontes, né? das fontes, né? iconográficas, escritas,
- 56.Pes: - hunrum.
- 57.Suj: - materiais. então, o museu é tudo isso que a gente trabalha no início da história.. o museu é tudo isso que a gente vê. quer dizer é uma aula viva de história.
- 58.Pes: - hanrã.
- 59.Pes: - então, o objetivo é tornar a aula de história, né? não só

de história, que aí a gente aproveita as outras também, mas tornar a aula de história mesmo..

60.Pes: - hanrã.

61.Suj: - uma coisa concreta mesmo.

62. Pes: - que eles possam ver...

63. Suj: - que eles possam ver, (...)? Então a gente trabalha muito.. ah, documentos antigos. Mas o que é isso? Eles têm os documentos, eles fazem as pesquisas todas, mas no museu (tem isso lá).

PAL3

4.4 A visita como estratégia didática diferenciada

Os professores também justificam suas saídas do espaço escolar como estratégia de diversificação das atividades didáticas e reinvenção das formas de trabalho junto aos alunos e como possibilidade de vivência cultural como é perceptível no extrato abaixo:

Extratos 20: A visita como estratégia didática

A:

19.Suj: - o objetivo era esse. valorizar a história, né?

20.Pes: - hunrum.

21.Suj: - porque, às vezes, a gente fica na, naquela história de sala de aula é meio enjoada, né? a gente ficar naquele... porque a gente não consegue... eu, pelo menos, eu lembro quando eu era aluna, eu não gostava de história não. porque ficava aquela coisa que a gente não faz parte da gente, né? aquele negócio tão distante.

22.Pes: - hunrum.

23.Suj: então, eu acho que, quando a gente faz uma visita assim ao museu, a gente consegue, né? introduzir aquilo no... pra, pra... consegue. como eu vou te explicar? assim, fica assim mais tátil, né?

24.Pes: - hunrum.

25.Suj: - ver o que aconteceu, como foi a origem, ver de perto os objetos que as pessoas usavam.

26.Pes: - hunrum.

27.Suj: - comparar aquilo com como que é hoje, né? os avanços da tecnologia, aí abre um leque né?

28.Pes: - hunrum.

29.Suj: - pro trabalho. então, o objetivo é esse, e mostrar também, muitos não têm a oportunidade (...) um Museu, nunca tinha ido a um museu, né?

30.Pes: - hunrum.

31.Suj: - então dar essa oportunidade de cultura pras crianças.

PL6

B:

123. Pes: - então, essa, essa questão do museu mesmo como recurso pedagógico, assim, você acha que há um diferencial?

124. Suj: - há com certeza.

125. Pes: - em relação a (...)...

126. Suj: - com certeza. essa questão, né? de vivenciar, a experiência de ir até um local diferente, fazer uma observação, centrar-se naquilo e refletir sobre aquele momento histórico: o Museu proporciona isso. sabe? coisa que num livro didático fica muito distante da realidade. eu acho que ir ao Museu é riquíssimo pras crianças. nós fomos com a EJA também...

PD9

A quebra da rotina escolar e o caráter da novidade, associado ao trabalho desenvolvido na escola também são apontados como potencialidades.

Extrato 21 - A quebra da rotina e a complementação ao trabalho escolar

230. Pes: - de um modo geral, vcê acha que eles tiveram interesse?

231. Suj: - tiveram.

232. Pes: - sentiram motivados lá?

233. Suj: - hunrum. tiveram sim. é... é... na verdade, tudo o que foge a rotina, já é (.)

234. Pes: - já é interessante?

235. Suj: - muito interessante.

236. Pes: - já atrai, né?

237. Suj: - mas a gente já estava vendo o assunto antes, né?

238. Pes: - hanrã.

239. Suj: - é... então já, já chama mais a atenção.

240. Pes: - hunrum.

241. Suj: - e depois aqui também houve interesse, na continuação das atividades. foi interessante sim. eles gostaram. pra fazer as atividades...

PD4

4.5 A preocupação com o patrimônio

A preocupação com o patrimônio foi destacada como um dos objetivos do trabalho no Museu.

Extrato 22 - A preocupação com o patrimônio

6. Suj.: (...) Primeiro é o trabalho com patrimônio, né?
7. Pes: Hunrum.
8. Suj: Segundo é o estudo sobre município de Belo Horizonte, que é feito com os alunos do 4º ano.
10. (...) Mas o ponto máximo é a História de Belo Horizonte. E aí a gente sabe que o Museu Abílio Barreto, ele desenvolve um trabalho de preparação e eu faço questão de todo ano levar todas que trabalham com quarto ano.

PV11

4.6 Outros projetos de ensino

Um dos professores elegeu o museu como lugar capaz de fornecer informações sobre a cidade. Para abordar os problemas urbanos em escala local articulou a visita ao projeto *Por uma Cidade Sustentável*, desenvolvido na escola. Bom, eu pensei: se eu vou trabalhar a questão da cidade, aonde que eu começo? Na história da Cidade ...Então, aí eu entrei em contato com o Museu Abílio Barreto que é a referência da História de Belo Horizonte.

4.7 A formação de hábito cultural

Entre os professores ouvidos, a formação do hábito cultural pelo aluno foi um dos aspectos que motivou a realização da visita. A escola foi apontada como mediadora dessa formação cultural, segundo eles, pouco presente no contexto familiar.

Extrato 23 - A formação de hábitos culturais

A:

47. Suj1: - o pessoal gosta de parque, gosta de clube, gosta de tudo, mas um museu é uma coisa que se a escola não levou; a família não é muito engajada, não é ligada na educação, a memória, a cultura do Brasil como um todo. a família não leva, então eles não tem acesso. então eu acho que a única forma de acesso que eles tem é via escola. Então, a escola aqui, sempre a gente procura, além da gente integrar com os conteúdos que a gente está trabalhando, olhar, levar pra esse lado também do incentivo dos alunos conhecerem um museu. a importância dele pra história, pra memória, né?

48. Pes: - humrum.

49. Suj1: - então, nesse sentido, também que a gente tentou dar enfoque.

PV7 e PC7

B:

50. Pes: - então, em relação aos objetivos da visita. o que que mobiliza os professores a procurarem o Museu?

51. Suj: - ah. primeiro, os objetivos são levar o aluno a conhecer um outro espaço, o qual ele não tem convívio.

52. Pes: - humrum.

53. Suj: né? nem o convívio familiar, são pouquíssimos os alunos nossos que têm isso como uma rotina, né? pouquíssimos. Então, é oferecer a esse aluno a oportunidade de se apropriar dos bens culturais da cidade.

PH08

5 - O POTENCIAL EDUCATIVO DOS MUSEUS NA VISÃO DOS PROFESSORES

Embora haja uma convergência quanto ao potencial educativo dos museus, cada um dos entrevistados ressaltou um ou mais aspectos que dotaram esse espaço de particularidades que motivaram a visita.

5.1 A especificidade dos museus

Dentre os aspectos notados, destaca-se a possibilidade do contato com as fontes no desenvolvimento cognitivo da história, já destacado anteriormente.

Extrato 24 - O contato com fontes históricas e o desenvolvimento cognitivo

120.Pes: - sobre essa questão do potencial educativo dos museus...
121.Suj: - não, foi mais do interesse meu mesmo em pesquisar fontes históricas, quando a gente trabalha com quinta série, né? isso é muito trabalhado com os alunos, né? a questão dos documentos, as fontes históricas, então foi mais durante o meu trajeto como educador, como professor de história que eu fui percebendo essa importância.

PJ14

O valor dos objetos como testemunhos da história foi também considerado um aspecto relevante na escolha pela visita ao Museu:

Extrato 25 - O contato com os objetos e o processo educativo

68.Suj: - achei interessante a visita. agora uma coisa interessante na visita ao museu é o aluno, ele ver o objeto.

69.Pes: - hunrum.

70.Suj: - porque geralmente, quando a gente estuda em sala de aula, eles veem imagens. lá não, eles vivenciaram um espaço antigo, uma estrutura antiga. eles puderam colocar as mãos, puderam ver os objetos, porque, às vezes, a gente conta, fala, vê nos livros, mas é uma coisa muito distante do aluno. se a gente tem condições de levar o aluno nesses espaços é como se eles vivenciassem, né?

71.Pes: - hunrum.

72.Suj: - aquilo tem mais significado para eles, tem mais sentido pra eles.

PJ14

A natureza do acervo em exposição contendo objetos presentes no cotidiano dos alunos foi visto como elemento que favoreceu a identificação e o estabelecimento de significados pelos alunos.

Extrato 26 - O potencial do acervo em exposição

235.Pes: [...] você acha que em relação à aprendizagem, você viu alguma mudança mais significativa...

236. Suj: - vi. a mudança (.) da história mesmo, identificar objetos. mais relacionado com a história e com a geografia.

237. Pes: - hunrum.

238. Suj: né? com a vivência, com a história deles mesmos, né? o pessoal tá assim “ah. meu pai já falou.”, “ah. Na minha casa tem

isso” ...

239. Pes: - [...] o que você acha?

240. Suj: - acho que tanto de saber. “tem esse objeto”.

241. Pes: - hunrum.

242. Suj: - sabe? então assim, tá muito relacionado mesmo. então teve, assim, uma... um aproveitamento muito bom.

PAL3

Extrato 27 - O valor dos objetos e a importância da dimensão visual na aprendizagem

224. Suj: - ah eu acho muito bom. eu gostei muito por causa disso, igual eu te falei que dá pra gente ver de perto um pouco da vida das pessoas, da origem. vendo aqueles objetos dá até pra gente ver a história de perto e até viver aquela história, né?

225. Pes: - hunrum.

226. Suj: - que a gente fica contando na sala de aula. então dá pra gente vivenciar aquilo. é, que a gente conta na sala de aula. eu acho muito especial. se tudo que a gente pudesse ensinar tivesse uma coisa pra mostrar, assim, né?

227. Pes: - hanrã.

228. Suj: ia ser muito melhor.

PL6

A contextualização favorecida pelo Museu reforça a apropriação desse espaço como estratégia para o ensino e aprendizagem da história.

Extrato 28 - A contextualização no Museu

138.Suj: - porque ali o aluno, ali nós contextualizamos. ali o aluno consegue, porque pro aluno dessa idade, tudo pra ele é muito distante. uma coisa é você falar, outra coisa é ele ver de perto, né?

139. Pes: - hunrum.

140.Suj: - é uma outra pessoa falando, é outra linguagem, outro vocabulário.

141. Pes: - hunrum.

142. Suj: - eu acho que são espaços, assim, fundamentais pra trabalhar história, por exemplo, eu acho que o professor tem que se apropriar desses espaços.

143. Pes: - hunrum.

144. Suj: - que é muito mais significativo pro aluno.

PL13

A experiência sensorial que o Museu possibilita é destacada como um ponto alto no processo de ensino para as crianças, assim também a experiência visual proporcionada pelo

Museu é vista como facilitadora no processo de aprendizagem. A dimensão estética e o *apelo* visual dos objetos em exposição são aspectos destacados pelos professores como elementos que diferenciam os museus de grande parte das atividades escolares.

5.2 O potencial educativo do museu: as especificidades do MHAB

Alguns aspectos foram destacados no que diz respeito ao diferencial do MHAB no processo educativo: qualidade do trabalho desenvolvido, a linguagem, o conteúdo e a abordagem da história foram ressaltados.

A qualidade do trabalho desenvolvido no MHAB foi ressaltada como um potencial educativo do Museu:

Extrato 29 - A qualidade do trabalho desenvolvido no MHB

113. Pes: - e você acha que o Museu tem um potencial educativo diferente de outras, de outras intervenções, por exemplo? você acha que tem um apelo maior ou alguma coisa que é...

114. Suj: - eu acho que tem. eu acho que tem. Lá há monitores muito bem preparados que respondem perguntas que até a gente mesmo não sabe, né? Porque história é muito complexo. não é uma coisa simples igual a matemática que você resolve, entende? então há detalhes, olha pra você ver, quase todos os anos eu vou. então ainda há monitores que contam histórias do acontecimento, da fundação da cidade, que eu não sei.

PM1

Outro aspecto ressaltado diz respeito à linguagem expográfica do Museu: o Museu apresenta-se limpo e com poucos objetos, adjetivando o Museu como *museu simples*.

A importância da preservação da memória e o reconhecimento do papel do Museu na reflexão sobre a história, associado à qualidade do trabalho desenvolvido pela instituição, foram aspectos que conferiram potencialidades ao Museu, como destacado.

Extrato 30 - A história, a preservação e o trabalho desenvolvido no MHAB

151.Suj: - eu acho que é:::é... aprender mais mesmo,né? preservação mesmo. é a nossa história. saber a fundo o que é a nossa história. tudo isso, né?

152. Pes: - hunrum.

153.Suj: - eu acho que as atividades que elas fazem lá, as monitoras, né? acompanhamento é muito bom, sabe? O interesse.

PAL3

6 - IMPRESSÕES DOS PROFESSORES SOBRE A VISITA AO MHAB

Assim, o efeito positivo da Instituição sobre o seu usuário seja ele estudante ou professor, se torna um aspecto relevante na escolha pela visita.

A percepção a respeito da visita ao MHAB, as impressões sobre a forma de organização, a ação dos educadores do Museu (mediadores), a linguagem, as estratégias utilizadas pelo Museu foram aspectos que procuramos identificar nas entrevistas com os professores.

Desse modo, visitar o Museu histórico da cidade, para a maioria dos professores entrevistados, foi uma experiência significativa, capaz de promover prazer e encantamento, despertar o interesse pelo conhecimento e suscitar novos questionamentos. Aspectos como a receptividade, o acolhimento, a qualidade do atendimento e a forma de organização da visita foram apontados pelos professores como fatores que contribuem para a fruição no Museu.

6.1 A receptividade, o acolhimento e a organização da visita

A receptividade do museu foi destacada pelo professor e diz que foi extremamente interessante, foi extremamente adequado. Afirma que a receptividade foi muito grande. A preocupação realmente em fazer daquilo um objeto de conhecimento foi muito forte.

A dinâmica da visita proposta pelo Museu foi um aspecto realçado. Para o entrevistado, embora o MHAB não seja um Museu que tenha um *aparato tecnológico*, a visita foi dinâmica e facilitou o acesso ao conhecimento:

Extrato 31 - A dinâmica favorecendo a aprendizagem

152. Suj: - não foi cansativo, não. não foi uma coisa tediosa pra eles, não.

153. Pes: - hunrum.

154. Suj: - porque eles fazem também de uma forma dinâmica, né?

155. Pes: - hunrum.

156. Suj: - a gente, tá né? até a própria forma de visitar, até o roteiro de visita, eu acho que ele dispõe de uma forma mais, assim, facilitadora pro menino poder escutar, aprender e tal. eu achei interessante.

PH8

A percepção da organização da visita em grupo em função das especificidades de cada um dos módulos da exposição e do próprio espaço físico do Museu levando a uma divisão dos alunos em dois grupos foi apontada como necessária.

Extrato 32 - A organização da visita no Museu como aspecto positivo na visita

158 Suj: - olha, nós chegamos lá, as meninas receberam, foram:, são dois monitores aí eles recebem a equipe de professores e alunos e fazem a divisão. e, num primeiro momento um grupo ficou lá no bondinho. ela, aí ela explicou pra gente a questão das propagandas, da história da época, né? a questão da imagem, aí os meninos fizeram um relato sobre aquela época. e o outro, numa outra equipe foi pra dentro do Museu e fez e estudo, né? da cidade, da história da cidade de belo horizonte.

159. Pes: - hunrum.

PH8

A disponibilização do material para a realização do desenho após a atividade de *Leitura do Bonde* foi vista pelos professores como um indicador da organização e cuidado do Museu com o público.

6.2 Aspectos da mediação

A natureza da mediação como a favorecedora da participação dos alunos, convidando-os à leitura e à reflexão acerca dos objetos, foi destacada.

Extrato 33 - A mediação como forma de acesso ao conhecimento histórico

147. Suj: - é, então, achei que ela foi muito boa, muito feliz no envolver da turma, né? soube dividir... deixar para as crianças mesmo explorarem o ambiente, ler o que elas davam conta lá nas paredes, onde tem aquelas fotografias com as informações, e depois perguntava pra que que funcionava aquelas coisas: os objetos, né?

148. Pes: - hanrã.

149. Suj: - aí eu achei bem legal o jeito que ela conduz o processo da visita. eu achei muito proveitoso.

PL6

Em outra fala, a ação dialogada foi vista como facilitadora da participação dos alunos e professores.

Extrato 34 - O acolhimento e a perspectiva dialógica da mediação

68.Suj: - dividiram os grupos, né? até as pessoas que atenderam foram bem é... atenciosas, né? os meninos gostaram eles participaram. o grupo que eu acompanhei participou ativamente respondendo, fazendo perguntas, demonstraram interesse em relação aos objetos que estavam dentro do museu, a própria casa, né? a própria estrutura do prédio, né? eles demonstraram interesse, demonstraram curiosidade, né? e eu percebi que até as perguntas que eu fiz pra pessoa que estava apresentando e as perguntas dos alunos, elas foram bem respondidas. achei interessante a visita.

PJ14

A linguagem utilizada pelos educadores do Museu foi também um aspecto que mereceu a atenção dos professores. Afirma que ela é *bem explicativa, uma linguagem bem clara. Sem palavras muito difíceis e que a criança não possa entender. Trabalharam de uma forma clara.*

6.3 – A importância do educador de Museu

Todos os professores ouvidos, independentemente de terem frequentado ou não o curso oferecido pelo Museu, ressaltaram a importância da mediação humana ali realizada. O reconhecimento de que o educador do Museu é portador de um conhecimento específico, que o professor *não tem*, é compartilhado pela maioria dos professores. Além disso, a

necessidade de maior inteligibilidade do conteúdo das exposições foi um aspecto levantado para reafirmar a importância do papel do mediador no ato da visita. Como destacam alguns dos professores.

Extrato 35 - A importância da mediação e dos educadores de Museu

142. Pes: - e você acha que a monitoria, assim, tem um papel...
143.Suj: - ah eu acho fundamental, né? é outra voz, né? se for professor pra ir lá.. primeiro que a gente não tem esse conhecimento específico, né?
144.Pes: - hanrã.
145.Suj: - a outra pessoa já com um roteiro de explicação eu acho importante.
146.Pes: - Faz falta, né?
147. Suj: - é faz falta

PR2

A percepção de que *o conhecedor do Museu é o agente do Museu* e que o professor tem os limites do seu próprio campo de atuação, é ressaltada em outra fala:

Extrato 36: A importância do conhecimento específico do educador do Museu

70. Suj.[...] porque o conhecedor do museu é o agente do museu, entendeu?
71. Pes: - hunrum.
72. Suj: - nós somos os visitantes, nós somos os estudiosos e o professor ele não tem obrigação de conhecer na sua totalidade.

PA10

6.4 As atividades propostas e os diferentes públicos

As intervenções desenvolvidas pelo Museu com atenção à faixa etária do visitante foram percebidas como resultado da preocupação do Museu em tornar o processo da visita mais adequado.

Extrato 37 - O atendimento organizado por faixa etária

246. Suj1: - inclusive quando eles ligam pra escola, eles já perguntam qual a faixa etária, né? dos alunos.
247. Pes: - hanrã.
- 248.Suj1: - até deve ser com certeza pra elaborar e preparar o material que eles vão trabalhar. porque chegar lá e começar falar coisa que um menino de seis anos de idade, conhecimento muito elaborado, eles não vão prestar a atenção em nada, então eles procuram adaptar de acordo com a faixa etária dos meninos.
- 249.Pes: - então, vocês percebem que há um cuidado..
- 250.Suj1: - a gente percebe. isso é claro, cuidado eles têm sempre
- 251.Suj2: - tem.
- 252.Suj1: - em estar trabalhando de acordo com a idade dos meninos.
- 253.Pes: - hanrã.
- PV7 e PC7**

Nesse sentido, alguns professores destacaram a brincadeira do *Telefone sem Fio* como reveladora da preocupação do Museu em respeitar o universo lúdico das crianças e como forma de tornar as intervenções mais atrativas para o público infantil.

Extrato 38 - A mediação no Museu e o aspecto lúdico

254. Suj2: - e o brincar pra criança é muito, é muito importante.
255. Pes: - é mágico, né?
- 256.Suj2: - então aquela brincadeira do telefone sem fio, eles já fizeram na escola, mas...
257. Suj1: - mas lá tem um outro olhar, né?
- 258.Suj2: - parece que teve um outro olhar, teve um outro peso, entendeu?
259. Pes: - hanrã.
- 260.Suj1: - e, assim, não sei se as palavras e as informações passadas foram tão apreendidas naquele momento, mas que aquela brincadeira teve um efeito muito gostoso pra eles, eu sei que teve. tanto que eu tive que continuar aqui na sala, entendeu?
- PV7 e PC7**

No entanto, para o público adolescente, houve a necessidade de fazer adaptações na forma de exploração dos objetos como na atividade de *Leitura do Bonde*, como destacado.

Extrato 39 - As atividades do Museu e o público adolescente

68. Suj: - então, é aquele passeio ali, ele realmente se limita, não tem jeito, mesmo que você divida em turmas. mas, eu achei muito interessante, nós fizemos a dinâmica, né? do bonde sem a questão, como é uma dinâmica mais infantil, do ponto de vista do livrinho e tal, então a Jaqueline²⁵⁶ já usou... eu trabalhei com a Jaqueline, foi com ela que direcionou. então ela mostrou realmente os meninos aí começaram a chamar a atenção para as propagandas antigas, pra um estilo de vida diferenciado, pra marcas que hoje têm um visual diferenciado, né?

PA10

6.5 Os limites apontados pelos professores

O tempo da visita, a indisciplina dos alunos e o tamanho do grupo de visitantes foram considerados fatores que interferiram no bom andamento da visita.

Muitos professores se ressentiram da exiguidade do tempo de uma visita: porque uma visita é muito pouco, porque o espaço é limitado, porque o horário é cronometrado.

Muitas vezes, o tempo curto associado aos atrasos da escola leva à supressão de algumas atividades e atropela a programação feita no local. Do mesmo modo, a agitação dos alunos é um fator que desestabiliza essa programação e limita a realização das atividades.

Extrato 40 - O comportamento dos alunos e a programação do Museu

302.Pes. e as atividades que eles desenvolvem dentro da casa? o telefone sem-fio. você achou que...

303. Suj: - telefone sem-fio?. não teve esta atividade não.

304. Pes: - não teve não? dentro do casarão?

305. Suj: - no casarão, só foram mesmo os... talvez em função de tanta indisciplina, de tanta conversa.

306.Pes: - pode ser. pode ser. porque as vezes num fica... os meninos não estão quietos, né? aí não tem como. não tem clima, não tem jeito.

PD4

A questão da aprendizagem no contexto Museu foi considerada um aspecto que merece ser avaliado.

²⁵⁶ A professora entrevistada mencionou uma professora colega de trabalho.

Extrato 41 - A necessidade de avaliação da aprendizagem nos Museus

72. Suj: - [...] então a única coisa que eu senti falta, seria talvez uma avaliação mais ampla, um direcionamento da avaliação na busca, de buscar um olhar mais profundo do aluno e isso eu não fiz porque aí eu já fui direcionando pro meu estudo. mas eu acho que isso faria toda uma diferença.

73. Pes: - você fala em relação ao uso do Museu?

74. Suj: - ao uso do museu. uma proposta do Museu para avaliar aquela visita. não a visita assim *foi bom?, você foi bem atendido?*, isso nós fizemos, tá?

75. Pes: - hanã.

76. Suj: - mas eu falo assim do...

77. Pes: - do conteúdo?

78. Suj: - do conteúdo. do projeto, do aprendizado. então eu acho que isso seria interessante que tivesse pra facilitar um pouco o nosso trabalho.

PA10

7 - SOBRE A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NAS ÁREAS DE CONHECIMENTOS ATINENTES AO CAMPO DA RELAÇÃO MUSEU E EDUCAÇÃO E ÁREAS AFINS

Ao questionarmos os professores sobre o conhecimento nas áreas que envolvem a relação museu e educação, museu/escola e temáticas afins, detectamos uma lacuna que nos remete aos cursos de graduação. Nenhum dos entrevistados mencionou a existência de disciplinas voltadas para o estudo de museus, patrimônio ou áreas afins em sua formação em nível de graduação.

No universo analisado em que há a predominância de profissionais com formação em pedagogia (11), nenhum dos entrevistados mencionou a existência de disciplinas voltadas para esse tema. Os outros profissionais com formação em letras (01), geografia (01), história (01) e filosofia (01), também não mencionaram a existência de disciplinas em seus cursos de graduação que discutissem especificamente o papel dos museus no processo educativo.

Entre o universo de professores, dois deles mencionaram a realização de atividades escolares na graduação que guardavam alguma relação com a questão do patrimônio e da memória: um trabalho de campo em Ouro Preto e um trabalho sobre a história de Belo Horizonte na época da celebração dos 100 anos da cidade. No primeiro caso, o entrevistado lembra a realização de um trabalho de campo pela faculdade, mas afirma não ter

participado do mesmo; já no segundo caso, o entrevistado afirma o que pode se vê no estrato 42.

Extrato 42 - Vestígios de preocupações patrimoniais na formação docente

264. Suj: - não. eu acho que foi, eu tive em metodologia da história coincidiu com o ano que BH fez 100 anos, (.)
265. Pes: - hunrum.
266. Suj: então, a professora pediu para nós fazermos um trabalho sobre Belo Horizonte e aí eu fui fazer esse trabalho e adorei fazer o trabalho.
267. Pes: - hanrã.
268. Suj: - inclusive eu fui na Praça da Liberdade, conheci o museu, (museu da escola) ele nessa época era lá.
269. Pes: - ele era lá, naquela ...
270. Suj: - então eu achei tão interessante, eu gostei tanto, porque eu conhecia muito pouco de Belo Horizonte, né?
271. Pes: - é.
272. Suj: - então eu acho que foi ficando. ficou. então tem a ver com esse trabalho que eu fiz nessa época, mas assim, uma disciplina que falasse de museu, que abordasse não.

PL13

Dos profissionais ouvidos, apenas três afirmaram ter participado de cursos de formação continuada na área de museu e educação. Foram mencionados 2 (dois) cursos oferecidos pela Universidade Federal de Minas Gerais: sobre um deles não foi dada informação, o outro foi oferecido pelo Laboratório de Estudos em Museus e Educação (LEME), no ano de 2009²⁵⁷. O que aponta um movimento ainda incipiente dessas iniciativas de formação e/ou a pequena movimentação dos professores na busca dessa qualificação.

Alguns professores destacam a própria visita ao museu como um espaço de formação do professor:

²⁵⁷ Trata-se das oficinas oferecidas pelo LEME no ano de 2009 como parte das atividades do Projeto de Pesquisa e Extensão Museu e Escola: um duplo olhar sobre a ação educativa dos museus de Minas Gerais, coordenado pela Profa. Dra. Sylvania Sousa do Nascimento do DMTE – FaE-UFG.

Extrato 43 - A visita aos museus como espaço de formação

72.Suj: - agora os museus eles já estão sendo um curso, né? quando a gente vai com aluno mesmo, já é um curso. porque tem uma pessoa explicando, a gente faz as indagações e vêm as respostas, né?

73.Pes: - hunrum.

74.Suj: - pra ajudar a gente interpretar. então é um verdadeiro curso. é uma dinâmica de curso, um curso bem dinâmico.

PG12

Se nenhum desses profissionais discutiu em seus cursos graduação a dimensão educativa dos museus e o seu papel na educação e se apenas dois deles participaram de cursos de formação continuada sobre essa temática, pergunta-se: de onde surge o interesse desses professores pelos museus?

Alguns atribuem o gosto pelos museus ao cultivo de um comportamento memorialista que abrange outras dimensões da vida, como no trecho a seguir.

Extrato 44 - Práticas memorialistas e o interesse pelos museus

133. Suj: - esse gosto veio acho que é da minha prática que eu viajo muito... (risos) eu vou muito. (risos)

134. Pes: - a museus?

135. Suj: - não só a museus, mas tudo enquanto é lugar. então, assim é..

136. Pes: - hunrum.

137. Suj: - cidades históricas, né? essas coisas todas. é tanto que eu cheguei aqui, quando a gente chegou, tinha eu Nani e Teca... Nós já fomos pra Tiradentes, pra São João Del Rey, tudo com turmas de alunos.

PAL3

As práticas de memória cultivadas na convivência familiar foram mencionadas como fator que favorece o gosto pelo passado, pelas memórias e histórias.

Extrato 45 - Práticas de memória e vida cotidiana

A:

54. Suj. [...] porque todos nós temos curiosidades com o passado, né?

55. Pes: - é.

56. Suj: - engraçado, nós não temos tanto interesse com o futuro. o negócio é pura coisa. nós vivemos no presente,

mas queremos saber do passado. já viu família que a gente quer saber o que aconteceu, como que foi, como que o pai e a mãe se conheceram,né?

57. Pes: - é, tem umas famílias bem memorialistas, assim, né? que reúne..

58. Suj: - lá em casa é muito, somos 11 irmãos, então nós somos muito. muito mesmo. um dó que muitos meninos de agora não têm essas memórias na família.

B:

46. Suj: - agora eu sou assim, eu tenho uma grande dificuldade com o progresso. eu gosto das coisas passadas. (risos) é verdade. eu gosto das coisas, da dinâmica do passado e agora eu tenho uma facilidade de trazer o passado, assim, pro que está acontecendo no presente. eu acho bacana. eu acho que eu tenho, né?

PG12

A escola também aparece como agente responsável pela ampliação do interesse pelos museus. Em alguns casos, os professores afirmam já terem ido a museus. Entretanto, alguns só ouviram falar do Museu por meio da escola.

Quando o interesse pelo museu não está presente no professor, mas a escola cultiva uma prática de valorização dessa experiência educativa, a vivência coletiva acaba convencendo o professor como na situação descrita a seguir.

Extrato 46 - A escola como motivadora do interesse pelo Museu

216. Pes: - e... mas esse seu gosto por museu, ele vem mais do... da relação mesmo com a escola?

217. Suj: - é da relação com a escola. porque particularmente eu não tenho muito interesse não.

218. Pes: - não né?

210. Suj: - mas, assim, a medida que você vai trabalhando, você, né? vê as oportunidades e aí você aproveita pra...pra explorar,né?

220. Pes: - hanrã.

221.Suj: mais é, por minha conta é.. eu não levaria não

PD4

As constantes visitas aos lugares de memória, presentes nas práticas de alguns dos professores, se constituem em espaços de formação e aprendizagem sobre a dimensão

educativa dos museus. Assim, a frequência aos lugares de memória aparece na fala dos professores.

Extrato 47 - O hábito de visitar museus

A:

92. Suj: - fui à exposição do dom João também...
(...)

98 . Suj: - mulheres reais: - modas e modos. então eles adoraram, foi muito legal. foi como se fosse um fechamento mesmo.

B:

226. Suj: - isso aqui é porque, eu já trabalhei numa outra escola que eu levava os meninos no museu da escola, sabe aquele museu da escola?

C:

241. Suj.: [...] que eu os levei ao museu de história natural esse ano também

242. Pes: - hanã. só que eles tiveram dificuldade de entender ali como museu.

243. Pes: - é?

244. Suj: - é. não sei se é porque a própria mata é um museu, porque preserva a vegetação e tal. então eles tiveram um pouco de dificuldade de entender que ali era um museu.

PL13

Certamente o hábito de visitar museus vai se tornando uma experiência enriquecedora, produtiva e agregadora de novos conhecimentos acerca desses espaços, tanto para os professores, quanto os alunos.

8 - O RETORNO À ESCOLA

O retorno à escola é tratado pelos professores de diferentes maneiras. Como parte de um processo de ensino, a visita motivou a produção de algumas atividades que variaram em complexidade de acordo com o nível de ensino de cada um dos alunos.

Embora não tenhamos tido acesso a todas as produções dos alunos, algumas delas foram objetos de nossa apreciação na escola durante a realização da entrevista. A *presença*

do Museu na escola podia ser vista nos desenhos do bonde expostos no mural da escola, nas fotos da exposição de objetos realizada na Feira de Ciências, nos textos produzidos após a visita, na atividade avaliativa escrita e, finalmente, na Peça de Teatro realizada no Parque Ecológico Promotor Francisco Lins do Rego, conhecido como Parque Ecológico da Pampulha, abordando a história da cidade e registrada no *Vídeo Por uma cidade sustentável*.

Além disso, foi mencionada pelos professores a realização de atividades de avaliação escrita; a construção de abecedário dos objetos e elaboração de um jornal falado sobre o conteúdo em estudo. De modo menos frequente, os professores mencionaram a utilização do material distribuído pelo Museu, como a montagem da maquete e a distribuição das figurinhas (Álbum de Figurinhas) e dos almanaques do MHAB entre as atividades.

9 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

9.1 Reflexões sobre as potencialidades educativas dos museus vislumbradas pelos professores

Um primeiro aspecto a ser ressaltado é a multiplicidade de potencialidades educativas vislumbradas pelos professores com a realização da visita. Desde aspectos que envolvem a formação ampla do sujeito, a vivência sensível que possibilita a fruição estética, até a formação específica voltada para áreas do conhecimento, implicando uma compreensão da visita ao museu como uma atividade ampla que possibilita múltiplas formas de aprendizagem da cultura.

Um segundo aspecto a ser enfatizado é a predominância dos objetivos agrupados em torno do aqui denominado formação específica reiterando o peso da cultura escolar nas formas de apropriação do Museu pelos professores. Visando a atender as finalidades pedagógicas, essa predominância nos parece compreensível e relativamente previsível já que se trata de uma atividade promovida pela escola. Embora os dados tenham apontado os *usos* do Museu em diferentes áreas do conhecimento, a associação entre a visita e os conteúdos curriculares da história foi um indicador contundente.

As relações entre museu e história atraem pesquisadores interessados na complexa relação entre a memória e história. Como equipamento cultural, os museus realizam tipos de ordenamento de partes da memória histórica produzida pela sociedade e produzem

formas de interpretação do passado, desempenhando importante papel na formação histórica (RÜSEN,2007).

No campo do ensino de história os museus são vistos como fonte para o conhecimento histórico. Por viabilizar o contato com objetos da cultura material, eles concentram potencialidades educativas que permitem outras formas de acesso ao conhecimento diferente daquelas apresentadas pelas fontes escritas (ALMEIDA e VASCONCELLOS, 2001; BITTENCOURT, 2004; RAMOS, 2004; SIMAN, 2007; PEREIRA, 2008 b dentre outros).

Ao analisarmos os PCN's de História e Geografia (BRASIL,1997) os museus são mencionados como recursos didáticos que favorecem os Estudos do Meio.

É gratificante e significativo, para o professor e para o seu aluno, trabalhos que envolvam saídas da sala de aula ou mesmo da escola: visitar uma exposição em um museu, visitar uma fábrica, fazer uma pesquisa no bairro, conhecer cidade históricas etc (BRASIL, 1997, p. 89).

Nas PC - Proposições Curriculares do município de Belo Horizonte (2009) no Eixo Norteador: Memória e Patrimônios, ressalta-se a importância da aproximação do docente com outros ambientes sociais que têm a História como dimensão significativa, tais como.

[...] **os museus**, os arquivos, as bibliotecas, os centros culturais, as ONG's, as instâncias e instituições ligadas a movimentos sociais, os clubes de leitura, os ambientes virtuais de educação histórica entre outros (BELO HORIZONTE,2009, p. 69 *grifo* nosso).

Tanto nos PCN's de História e Geografia, quanto nas Proposições Curriculares (PC), os museus são vistos como um, dentre outros, espaços capazes de contribuir para o conhecimento do meio e dos grupos sociais. No entanto, nas Proposições Curriculares, há uma clara associação entre museus, memória e patrimônio, destacando o trabalho com os objetos da cultura de um modo mais abrangente. Embora haja diferenças substanciais entre os dois documentos, em ambos são ressaltadas as necessidade do trabalho prévio do professor.

Ao planejar um trabalho em museu, por exemplo, o professor deve se perguntar, em primeiro lugar, o que pretende com essa atividade. Ciente de seus objetivos, inicia o seu planejamento, num trabalho de preparação que começa em sala de aula, com o levantamento das expectativas e conhecimentos prévios dos educandos; uma problematização do próprio nome e da finalidade da instituição, de reflexão sobre o que pode ser

encontrado lá; a sistematização de outras experiências já vivenciadas na própria instituição ou em outras; e, por fim, o debate e a construção coletiva de posturas e atitudes desejáveis quando se transita por um espaço público (BELO HORIZONTE, 2009, p. 69).

Na proposta curricular de história presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais a utilização dos museus é destacada. Nela

[...] o museu é visto como um ambiente historicamente importante por preservar a memória, os objetos (acervo) e produzir conhecimento à medida que desenvolve técnicas de preservação e conservação desse acervo (BERTELLI, 2010, p. 69).

Ao analisar os papéis apresentados para o museu nos PCN's, Bertelli (2010) identifica a sugestão de apropriação do museu para finalidades escolares.

O volume correspondente à disciplina de História apresentou sete papéis para o museu, sendo que apenas um não se referiu e ele ser visitado para cumprir objetivos escolares: o papel preservar a memória (apresenta uma atuação ativa do museu (...)). Os demais papéis foram os seguintes: ser visitado (sem alguma finalidade específica para essa visita); ser visitado pelos alunos em visitas organizadas pelos professores; ser visitado por alunos e professores (em que foi explicitado como o trabalho que envolve as visitas ao museu é "gratificante" e "altamente instrutivo" a alunos e professores); servir como fonte de pesquisa para os alunos; ser visitado para diversificar concepções dos alunos e ser visitado para proporcionar a realização de debates com os alunos (BERTELLI, 2010, p. 73).

Na pesquisa realizada por Bertelli (2010), nos CBC – Conteúdos Básicos Comuns (6º ao 9º ano) da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais apenas as disciplinas de arte e educação física mencionam os museus como espaço cultural²⁵⁸.

Assim, embora os documentos atinentes ao ensino de História nos primeiros anos do Ensino Fundamental (PCN's e PC'S) mencionem a importância dos museus é na disciplina história dos PCN's (2ª etapa do Ensino Fundamental) que o museu é tomado com maior ênfase.

Os professores do nosso universo de análise, cuja atuação se dá predominantemente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, demonstram apropriar-se do museu como lugar de produção do conhecimento histórico, como prescrito nos documentos oficiais. E, para além

²⁵⁸ Não tivemos acesso ao programa curricular dos anos iniciais do Ensino Fundamental do estado de Minas Gerais que se encontra em fase de elaboração.

do prescrito, suas práticas revelam outras formas de apropriações e significação do espaço do museu.

No entanto, esse espaço é ainda visto como lugar de ilustração e conferência do conteúdo histórico estudado. Isso remete à compreensão de história e de museu que informa tais professores. De certa forma, suas práticas ainda se mostram impregnadas de uma visão pouco problematizadora acerca da produção do conhecimento histórico nas diferentes instâncias dessa produção.

Outro aspecto evidenciado na análise dos dados foi a apropriação do espaço do museu para o estudo da história local. Essa convergência temática entre o museu e a escola novamente nos remete às proposições curriculares.

No âmbito nacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), embora defenda a constituição de um currículo de base nacional comum, ressalta a importância de uma parte diversificada do currículo que considere as configurações locais dos fenômenos analisados.

Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (Lei n. 9.394/96, artigo 26).

Entretanto, é, sobretudo, nos anos iniciais do Ensino Fundamental que a história local e a história do cotidiano figuram como eixo temático para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Segundo os PCN'S de história e geografia para os anos iniciais do Ensino Fundamental: “[...] os conteúdos de História para ao primeiro ciclo enfocam, preferencialmente, diferentes histórias pertencente ao local em que o aluno convive, em diferentes tempos” (BRASIL, 1997, p. 51). É, portanto, nesse ciclo de ensino que a convergência temática entre o currículo escolar e o MHAB se tornam mais evidente.

Já no CBC (6º ao 9º ano) do estado de Minas Gerais (2006), a escolha pela história do Brasil é justificada tendo em vista os conteúdos propostos para os anos anteriores.

A ênfase atribuída ao estudo da dinâmica histórica brasileira visa, dentre outros aspectos, permitir uma melhor compreensão acerca dos problemas vividos pelos próprios alunos. Foram abordados inicialmente os temas relativos à dimensão “local” e regional da história – ou seja, relativos às realidades mais próximas do aluno –, partindo-se então para a abordagem da dimensão histórica nacional em suas articulações com a dimensão histórica internacional (MINAS GERAIS, 2006, p. 18).

As Proposições Curriculares para o Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação - História, não propõem uma organização temática como nos moldes do que fazem outras propostas. Nas PC's, Estudar História implica, “[...] a tematização de conteúdos do presente ao passado, do passado ao presente, das realidades universais e particulares, sem pressupor, necessariamente, caminhos perceptivos predeterminados” (PC, 2009, p. 30).

Desse modo, a sugestão de se estudar a história da cidade de Belo Horizonte aparece como possibilidade em diferentes momentos do processo educativo:

O estudo da cidade de Belo Horizonte, a partir de seus movimentos migratórios constitui, aliás, um dos temas que pode mostrar-se bastante significativo, tendo em vista, inclusive, que é difícil encontrar uma família residente em Belo Horizonte, nos dias atuais, que não tenha, pelo menos, um membro que veio de outra cidade, ou de outro estado do Brasil, o que poderia possibilitar um trabalho interessante de mapeamento das trajetórias vivenciadas pelas famílias dos educandos (BELO HORIZONTE, PC, 2009, p. 30).

Por meio do eixo norteador *Memória e Patrimônios*, tal documento apresenta, de forma clara, a cidade como objeto de estudo:

Belo Horizonte é rica em instituições e espaços culturais os mais diversos. Incluí-los em programas curriculares do 3º Ciclo é uma maneira de fazer da cidade um espaço de aprendizado, além de também promover um aprendizado sobre a cidade. Fugindo a esquemas rígidos que enclausuram o estudo da cidade em ciclos ou anos predeterminados, devemos pensar na importância da cidade como proposta de estudo que comparece em cada ciclo, em cada ano, em abordagens diferenciadas e complementares. Sujeitos de todas as idades vivenciam, cotidianamente, experiências e aprendizados nos espaços urbanos por onde transitam. Fazer disso objeto de estudo da História – e de outras disciplinas do currículo – é uma maneira de qualificar e problematizar essas experiências, contribuindo para o aprimoramento da vivência cidadã. (BELO HORIZONTE, PC, 2009, p.46)

A ênfase dada ao ensino da história local entre os professores analisados e a predominância de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental no MHAB, nos permite pensar que o estudo da cidade ainda é preponderante nesse segmento de ensino. Tudo indica que as práticas dos professores analisados guardam maiores aproximações com as propostas dos PCN's ou, até mesmo, como a antiga tradição do currículo fundado na

organização baseada nos círculos concêntricos²⁵⁹, do que com as Proposições Curriculares do município de Belo Horizonte²⁶⁰.

Outra questão que merece ser analisada é a importância atribuída aos objetos da cultura material na realização da visita ao Museu pelos professores. Vistos como fontes para a compreensão da História eles permitem acessar conhecimentos sobre uma dada sociedade e, no caso do MHAB, ao conhecimento sobre a cidade. A dimensão estética, o *apelo* visual e a *experiência sensorial* proporcionados pelos objetos são destacados pelos professores como elementos que diferenciam a experiência nos museus da maioria das atividades escolares. No entanto, os objetos ainda foram percebidos em sua dimensão ilustrativa e como testemunhos na comprovação de uma história verdadeira.

Se a dimensão ilustrativa limita o potencial educativo do objeto por aprisioná-lo em molduras estáticas, o seu valor educacional representado pela imagem tridimensional não parece ser algo de importância menor no processo educativo. Chagas (2006) ao estudar o anteprojeto para criação do Serviço de Patrimônio Artístico Nacional elaborado por Mário de Andrade, em 1936, aponta a preocupação desse autor com o valor educativo da imagem e lamenta a sua não utilização pelo sistema educacional, reforçando com isso o uso pedagógico dos museus.

No entanto, o uso dos objetos da cultura material como mediadores nos processos de aprendizagem e em contextos de ação mediada por sujeitos ainda é pouco estudado, seja em relação a sua capacidade de mobilizar operações cognitivas, desenvolver conceitos e habilidades, seja pela capacidade de suscitar aprendizagens por meio do convite estético e sensível.

Hawkes (1996) investigou o uso de objetos no desenvolvimento de conceitos históricos em crianças de cinco e seis anos, para verificar se os objetos tinham uma capacidade maior de motivar as crianças do que uma evidência pictórica. Interessava-lhe saber se essa motivação gerada pelos objetos podia influenciar o conhecimento das crianças e a compreensão de conceitos históricos tais como: tempo, transformação, diferenças e similaridades entre tempo passado e tempo presente. Em suas conclusões, Hawkes (1996) sugere que o uso de objetos ajudou a aumentar a compreensão das crianças em relação aos

²⁵⁹ O ensino deveria partir do mais próximo no contexto espacial: a comunidade, o bairro, para depois incluir estudos sobre a cidade, o País e o mundo.

²⁶⁰ Essa questão merece ser mais bem analisada levando-se em conta o tempo de publicação de cada uma dessas proposições e outras dimensões implicadas nos processos de implementação de propostas curriculares.

conceitos históricos. Os resultados da pesquisa sugerem que houve uma diferença nos níveis de compreensão conceitual entre as crianças que tocaram os objetos e aquelas que trabalharam apenas com fotografia, embora o trabalho com fotografias tenha gerado resultados satisfatórios e tenham funcionado como bom recurso substitutivo do objeto. Segundo a autora, os conceitos de tempo, mudança, diferença entre passado e presente, e as habilidades dedutivas podem ser desenvolvidos por meio do ensino com objetos.

Em nossa pesquisa de mestrado em que analisamos o desenvolvimento das dimensões da temporalidade histórica em crianças em contextos de ações mediadas por objetos da cultura material, verificamos que a especificidade dos objetos reside principalmente na sua concretude e no seu apelo como testemunho da história que permaneceu no tempo. Percebemos que

[...] a cor, a textura, o peso, a temperatura, a forma e o próprio caráter tridimensional são elementos que dotam os objetos de uma dimensão de realidade. Em presença deles, as crianças ficam diante de dimensões concretas da existência do passado. Certamente é muito diferente a sensação de estar diante de uma bacia e de um almofariz e estar diante de uma imagem mental, desenho ou foto desses objetos, por exemplo. Estar diante da calceta de ferro, máscaras, tamancos de tortura e troncos, pode mobilizar imaginações, sensações de espanto, repulsas, medo... Além disso, a existência desses objetos leva as crianças a imaginarem situações de uso, contextos de ações em que eles aparecem. Parece que a natureza tangível dos objetos favorece o desenvolvimento da consciência de um tempo passado, assim como a compreensão de conceitos históricos relacionados à escravidão, no caso em estudo (DUTRA, 2003, p. 202).

Como afirma Meneses (2010, p. 26), a partir da afirmativa de Sorokin, “a cultura material são relações sociais em seu aspecto sensorial – são evidentes as imensas possibilidades de informação que daí se abrem para o conhecimento”. No entanto, as múltiplas possibilidades de percepção desses objetos não podem prescindir da reflexão de que eles *não falam por si sós* e de que a “[...] memória – da qual os objetos são reveladores – é lacunar, seletiva” (SIMAN, 2007, p. 11). Por isso, precisam estar inseridos em contextos de ação mediada por sujeitos e objetos.

Talvez a importância atribuída aos objetos na visita ao museu venha nos apontar para necessidade de um tipo de reflexão chamada por Piaget de abstração empírica que se assenta “na capacidade do sujeito cognitivo de refletir sobre os objetos estando em contato direto (ativo) com eles ou através de contato perceptivo” (PIAGET, 1976, *apud* ROQUE ASCENÇÃO, 2009, p. 95).

Na museologia, as reflexões sobre os significados dos objetos têm gerado amplos debates. No entanto, o que os pesquisadores são unânimes em afirmar é que os objetos são resultado de complexas relações sociais, não podendo ser vistos como *entes* sagrados capazes de, sozinhos, produzirem significados. Essa perspectiva foi sistematizada por Santos (2002, p. 100).

Objetos não são sagrados, nem detêm significados próprios e imutáveis. São os indivíduos que atribuem significado aos objetos. Os museus são agências classificadoras; eles reordenam os objetos que selecionam, segundo critérios próprios. Os objetos, ao serem deslocados para os museus, perdem o contato com os contextos que os originaram e, com isso, também a convivência cotidiana com aqueles que poderiam associá-los a uma experiência anterior. Ao perderem os vínculos com seus contextos de origem, os objetos tornam-se elementos de uma nova escrita.

Foco de interesses de diferentes pesquisadores, os objetos no museu alimentam reflexões no campo da história e seu ensino (RAMOS, 2004; PEREIRA, 2008, PEREIRA e SIMAN, 2010 dentre outros). Os sentidos atribuídos aos objetos, tanto pelos museus quanto pelos professores, repousam na forma como a História é compreendida pela instituição e seus usuários escolares. Pereira (2008, p. 259) afirma que, assim como a “[...] história não admite narrativas totais”, [do mesmo modo], “os museus não podem ser vistos como depositário de um passado sólido ou de uma história definitiva” e os objetos ali recolhidos admitem múltiplos sentidos e significados em permanente reconstrução.

Dentre os significados atribuídos à visita ao museu encontra-se a importância a ela conferida na formação cultural dos alunos. Como instituições que “[...] selecionam, conservam, expõem e pesquisam acervos patrimoniais” (PEREIRA, 2008, p.1) são vistas como detentoras de um potencial cultural objetivado no seu acervo. Gomes (2007), ao refletir sobre as coleções de objetos, problematiza a ideia comum de que os objetos apresentam uma cultura e nos convida a pensar nesses objetos como âncoras que permitem que a cultura seja evocada (GOMES, 2007). Nessa perspectiva, a visita é convertida em uma experiência cultural significativa na formação do sujeito, capaz de agregar valor cultural à formação do aluno.

A *motivação cultural* apresentada pelos professores entrevistados suscita a discussão sobre a possibilidade de acesso ao patrimônio cultural que, por sua vez, se desdobra na reflexão sobre educação e patrimônio. Esse nos parece ser também um ponto de convergência entre a escola e o museu.

Uma breve revisão sobre a educação e o patrimônio nos documentos oficiais nos aproxima do Plano Nacional da Educação – Lei n. 10.172/2001, que aponta o Ensino Fundamental como local onde se deve formar a cidadania para usufruto do patrimônio.

Garantia de ensino fundamental obrigatório de oito anos a todas as crianças de 7 a 14 anos, assegurando o seu ingresso e permanência na escola e a conclusão desse ensino. Essa prioridade inclui o necessário esforço dos sistemas de ensino para que todas obtenham a formação mínima para o exercício da cidadania e para o usufruto do patrimônio cultural da sociedade moderna (BRASIL, 2001, p. 8)

Na mesma direção, os PCN'S (2º segmento do Ensino Fundamental) indicam a inserção do tema do Patrimônio Cultural nos Temas Transversais a partir da temática da Pluralidade Cultural. Os PCN's de História e Geografia 1º e 2º ciclos apresenta, dentre seus objetivos, a necessidade de: “[...] valorizar o patrimônio sócio-cultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia”(PCN's – História e Geografia, 1997, p. 28).

Do mesmo modo, como já foi mencionado, as PC's do município de Belo Horizonte têm como um dos eixos temáticos a reflexão sobre memória e patrimônio (eixo 7).

Valorizar o patrimônio histórico-cultural, identificando a diversidade de bens materiais e imateriais produzidos no âmbito de diferentes culturas, refletindo sobre as várias dimensões da memória e compreendendo os bens culturais como componentes fundamentais da memória social e das diversas experiências humanas no tempo (PC's, 2009, p. 40).

Esses documentos ressaltam a importância da inclusão de questões acerca da relação entre a educação e o patrimônio no âmbito da escola convergindo para os interesses dos museus que reivindicam a inserção dessa temática nos currículos escolares.

A implementação da Política Nacional de Museus explicita tal preocupação quando sugere “[...] a inclusão nos currículos escolares de Ensino Fundamental e Médio de conteúdos e disciplinas que tratem do uso educacional dos museus e do patrimônio” (BRASIL, 2003, p. 11). São, portanto, questões que remetem ao quadro mais amplo do direito à memória.

Como afirmou Oriá (2001), a preservação do patrimônio é uma questão de cidadania e se constitui um direito fundamental do cidadão, pois fornece a base para a construção de suas referências identitárias. Desse modo, quando os professores assumem a responsabilidade de mediar o acesso do aluno ao museu, sinalizam um gesto de cidadania e

responsabilidade social. No entanto, sabemos dos conflitos advindos dessa super responsabilização da escola que tem gerado controvérsias.

Como vimos, a questão do acesso à cultura, embora não restrita aos condicionantes socioeconômicos (BOURDIER e DARBEL, 2007), não pode prescindir das condições materiais para sua realização. Nas escolas do universo analisado as diferentes condições de infraestrutura entre as redes estadual e municipal, embora não sejam impeditivas, contribuem para um resultado que favorece a frequência das escolas da rede municipal²⁶¹.

9.2 Os desafios da qualificação do trabalho do professor junto aos museus

Embora não seja nosso objetivo enveredar pelas discussões do campo da formação e dos saberes docentes, o que os dados levantados apontam é, de um lado, o caráter lacunar dessa formação no que se refere aos temas ligados a museu/educação, museu/escola e área afins e, do outro, a constituição por parte dos professores de um repertório de saberes construídos na prática.

As análises dos dados revelaram experiências pontuais de formação continuada, e que esta formação vem se dando no exercício prático. A visita aos museus mediada pela escola ou fora dela e a frequência ao curso oferecido pelo museu (decrecente nos últimos anos) constituíram-se em espaços de formação. Talvez esse cenário ajude a entender, em parte, a postura pouco propositiva do professor no contexto da visita e a demanda pela presença do mediador.

Não nos cabe aqui discutir as matrizes curriculares dos cursos de formação de cada professor do universo desta pesquisa. No entanto, dentre as múltiplas variáveis implicadas nessa questão, não se pode desconsiderar o período de formação desse professor; a instituição formadora, e ainda o lugar ocupado pelos museus em nossa sociedade no período em que esses profissionais realizaram sua formação básica dentre outros aspectos. Provavelmente a crescente importância dos museus na sociedade brasileira contemporânea e a demanda por profissionais com formações específicas nos museus no Brasil venham impactar os currículos universitários nas diferentes áreas do conhecimento.

²⁶¹ Talvez seja produtora uma pesquisa que investigue professores que não visitam museus, para que se possa ampliar a compreensão acerca desta e outras questões que envolvem a relação museu e escola.

Se os documentos oficiais do campo educacional reconhecem a importância da discussão atinente ao patrimônio e se as matrizes curriculares oficiais em algumas disciplinas apontam a importância dos museus na formação dos alunos, faz-se necessário uma maior atenção à formação dos professores nessas áreas.

Assim, de um lado, o desafio da formação dos educadores de museu é um impositivo para o campo museal e, de outro, programas de formação docente que contemplem a educação para o patrimônio, relações museu e educação e relações museu e escola podem favorecer a relação entre escolas e museus. No entanto, o terreno delicado e controverso da formação docente ganha contornos específicos quando se refere à formação para o trabalho junto aos museus e lugares de memória (JACOBUCCI e MAGIB NETO, 2009; QUEIROZ, GOUVÊA e FRANCO, 2003, dentre outros).

A discussão acerca das políticas de formação docente reverbera diferentes concepções teórico-metodológicas originárias de práticas e reflexões acadêmicas e sindicais que produziram ao longo do tempo, diferentes modelos de formação²⁶². Não é nosso objetivo aqui discutir esses modelos e, sim, a relação entre a formação docente e a performance do professor na situação da visita ao museu.

Sabemos que essa relação não é linear nem simples. Como afirmam Queiroz, Gouvêa e Franco (2003, p. 211), “[...] a transformação de uma atitude pedagógica é uma desconstrução que exige mais do que uma capacitação de algumas horas e domínios de certos conteúdos”. Embora prevaleçam políticas de formação que perseguem modelos de capacitação docente e que apostam na capacidade de formar professores ideais, diferentes estudiosos têm apontado a necessidade de se pensar em estratégias de formação que levem em conta os dilemas enfrentados pelos professores em sua condição docente.

Arroyo (2007) nos chama a atenção para a importância de se construir parâmetros para a formação docente no diálogo entre as condições reais de trabalho e as ideais. Nessa direção, Zeichner (2008), ao discutir a relação entre a formação docente reflexiva e seus impactos sobre a qualidade da educação, alerta para o fato de se ter desconsiderado as condições sociais da educação escolar e as suas influências no trabalho docente. A precarização do trabalho do professor tem sido discutida por pesquisadores que apontam

²⁶² A respeito dos modelos de formação docente ver: Zeichner (2008), Arroyo (2007), Santos (2004, 2007), Diniz-Pereira (2007) Monteiro (1991), Ludke e Boing (2004), Megid Neto (2007), Roque Ascensão (2003) dentre outros.

um agravamento das condições de trabalho, saúde, tempo, dentre outros fatores, fruto das novas demandas advindas dos desafios da democratização da educação. É, portanto, considerando essa concretude que podemos analisar as ações dos sujeitos implicados na ação educativa.

Assim, ao refletir sobre os diferentes usos e apropriação dos museus pelos professores, antes de incorrer em avaliações demasiado condescendentes ou excessivamente críticas sobre a *performance* desses profissionais na relação com o museu, torna-se necessário considerar o contexto sócio-histórico de inserção desse profissional. Ou seja, considerar tanto os aspectos macroestruturais do atual cenário da profissão docente, quanto a perspectiva microestrutural das relações que se constroem no contexto da sua escola. Isso, sem desconhecer as condições subjetivas desse sujeito, a sua relação com o seu fazer e com a sua identidade forjada nos quadros atuais das reconfigurações da instituição escolar e das demandas colocadas para o professor em nossa sociedade conforme aponta Arroyo (2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço desta pesquisa voltou-se para o desejo de compreender a seguinte questão: quais os significados educativos atribuídos às visitas escolares pelos museus e pelas escolas?

Para elucidar essa ampla questão, focamos a investigação na compreensão do significado da visita escolar tanto para o MHAB quanto para professores que o visitaram no período de fevereiro de 2009 a fevereiro de 2010. A questão inicial se desdobrou em outros questionamentos: a) qual o papel atribuído à educação no MHAB e quais ações voltadas para o público escolar são desenvolvidas naquela instituição? b) quais significados são atribuídos às visitas ao Museu pelos professores e quais usos e apropriações os professores fazem do mesmo? E, finalmente, c) quais significados são partilhados pelos professores no momento da visita?

O percurso da pesquisa nos pôs em contato com o universo de informações transformadas em um conjunto de dados, muitos dos quais não puderam ser aprofundados neste trabalho, gerando, assim, um banco de dados para futuras análises.

1 - AÇÕES EDUCATIVAS EM MUSEUS EM PERSPECTIVAS E O CASO DO MHAB

Os resultados da análise da trajetória histórica do Setor Educativo do MHAB na sua relação com o público escolar foram contrastados com resultados de pesquisas em outros museus.

Um olhar panorâmico na relação entre museu e escolas a partir dos estudos produzidos em diferentes períodos - décadas de 80, 90, do século XX e primeira década do XXI - nos permitiu identificar elementos de mudanças e continuidades.

Um primeiro aspecto a ser ressaltado é o aumento significativo das instituições museais no País desde os anos 80 até a atualidade, o que já foi mencionado neste estudo. Outro aspecto que tem apresentado alterações visíveis refere-se ao processo de consolidação do campo museológico no Brasil.

No plano das políticas culturais, o estabelecimento da Política Nacional de Museu (2003) e a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) resultam das mobilizações em torno das redefinições políticas que vêm fortalecendo o setor museal brasileiro. Essas

iniciativas estão se convertendo em medidas voltadas para o desenvolvimento e revitalização de instituições museais já existentes e para o fomento à criação de novos processos de operação com a memória social e coletiva contribuindo para o fortalecimento do patrimônio museológico. A criação de novos cursos de museologia garante a formação de museólogos²⁶³ e fomenta o aprofundamento e a circulação dos debates no campo. Esses aspectos mencionados são indicadores do processo de afirmação do campo museológico no País.

Ao compararmos o contexto em que Alencar (1987) produziu seu estudo, em que se apresentava um quadro de escassez de estudos sobre museus e *a quase inexistência de uma bibliografia específica*, aos estudos de Cazzelli (1992) e Martins (2006), é perceptível o crescimento considerável da produção museológica que irá reverberar na área da educação em museus e, mais especificamente, nas reflexões sobre a relação entre museu/escola.

As conquistas no plano da ação política mostram uma face otimista no enfrentamento dos velhos problemas que afetam essas instituições. No entanto, questões orçamentárias, problemas de infraestrutura e de pessoal são alguns dos dilemas que constituem a extensa pauta de reivindicações dos profissionais que atuam na área.

Por um lado, se um olhar panorâmico permite a visualização da afirmação política da área museal, por outro, quando o olhar se volta para as dinâmicas internas de cada instituição, evidenciam-se velhos dilemas que assumem contornos específicos. Ao observarmos a área educacional desses museus, identificamos configurações locais que modelam cenários próprios em cada um deles.

Embora parte dos estudos tenha apontado uma indefinição no plano da educação nos museus, muito já se avançou no reconhecimento das especificidades da educação em museus. As reflexões teórico-conceituais que resultaram no desenvolvimento de metodologias de trabalho com o patrimônio cultural musealizado traduziram-se em práticas educativas centradas no patrimônio. Santos (2008), ao se referir aos debates acerca de qual metodologia é mais adequada ao trabalho de educação em museus, assevera.

Considero que os métodos e as técnicas a serem utilizados em projetos a serem desenvolvidos pelos museus e pelas escolas devem ser apoiados nas concepções de Educação, Museologia e museu adotadas

²⁶³De acordo com o MinC-IBRAM (2011, p.134): “[...] atualmente, como reflexo da Política Nacional de Museus (PNM), observa-se um processo de ampliação do quadro de museólogos no Brasil, resultado do aumento do número de cursos de graduação em museologia, que hoje somam 14, dos quais 13 encontram-se em universidades públicas”.

pelos sujeitos sociais envolvidos no seu planejamento e na sua execução, devendo, pois, ser adaptadas aos diferentes contextos, aos anseios e expectativas dos diversos grupos com os quais estejamos atuando, sendo repensados constantemente, modificados e enriquecidos com a nossa criatividade, com a nossa capacidade de ousar, realizando um processo constante de ação e reflexão no qual teoria e prática estejam sempre em interação (SANTOS, 2008, p. 128).

No caso do MHAB, como já dissemos, o processo de revitalização em 1993 que projetou o novo desenho e orientou a constituição do *corpo* institucional do Museu impactou seus diferentes setores. Desse modo, a política de Ação Cultural adotada pelo Museu forneceu as bases sobre as quais foi gestado o Programa de Educação Patrimonial, que se traduziu em procedimentos estratégicos na mediação entre o público e o Museu. Os diferentes projetos desenvolvidos pelo Programa revelam essa dimensão estratégica. No plano das ações destinadas ao público escolar, a atenção especial voltada para a escola em diferentes frentes de ação e nos diversos momentos da história do Setor Educativo do museu, sinaliza para a valorização desse público.

As ações educativas se fundamentam nos princípios da preservação e proteção dos bens culturais e se convertem em atividades que tomam o patrimônio cultural da cidade como referência na compreensão da história e memória de Belo Horizonte. A leitura dos objetos tomados como fontes/documentos, a partir dos quais é possível depreender informações sobre a trajetória da cidade e seus habitantes em diferentes tempos históricos, se constitui na principal estratégia didática junto ao público escolar.

Com o aprofundamento das reflexões, no campo da relação museu/escola, os museus caminharam na consolidação de ações que visaram uma maior aproximação do universo escolar por meio de oferta de cursos para professores, produção de materiais para os escolares e *kits* educativos dentre outros. Se nos anos 80 esses cursos eram quase inexistentes, como afirma Alencar (1987), eles se multiplicaram ao longo das décadas seguintes, constituindo-se em uma das frentes de trabalho estratégicas dos setores educativos dos museus.

O MHAB também não se furtou ao desafio enfrentado por outras instituições museais, em relação ao pequeno impacto dos cursos por ele oferecidos. Esse quadro levou a uma nova organização interna que remodelou a ação educativa do Museu. Mudou-se o foco para a ação do educador do museu, cuja demanda de formação e profissionalização se

fazem necessárias não só contexto do MHAB como em outros museus, como já foi sinalizado.

No universo analisado, a pouca vivência dos professores em visitar museus em suas trajetórias pessoais e profissionais somadas à lacuna existente de espaços de formação sobre o tema museal, acrescido do desinteresse crescente pela formação oferecida em grande parte dessas instituições, contribuem para a complexidade do problema.

Por outro lado, a organização prévia dos professores e o levantamento de material didático auxiliar na preparação dos alunos para a visita são aspectos que apontam a postura protagonista dos docentes e atestam seu envolvimento e comprometimento com a atividade. Essa postura protagonista no contexto da escola contrasta com uma mais passiva no contexto do Museu, privilegiando o conteúdo escolar e o aspecto comportamental da visita, em lugar de uma sensibilização para as novas possibilidades de aprendizagem apresentadas pelo MHAB.

Por ser um elo fundamental na relação entre o museu e a escola, o professor precisa estar no foco de atenção das novas estratégias de formação visando minimizar as distâncias entre escolas e museus.

A construção e reconstrução diária do programa educativo do Museu evidenciam a sua face dinâmica que se manifesta no movimento de ação/reflexão/ação. Enquanto as orientações museológicas assumidas a partir de sua revitalização informam as tomadas de decisões, estas são realimentadas pelas novas reflexões do campo museológico. Seja por meio do contato com outras práticas educativas desenvolvidas em outras instituições, seja no tempo dedicado ao estudo em busca do aprimoramento da equipe ou ainda por meio dos processos de auto-avaliação, a perspectiva reflexiva confere um caráter dinâmico às ações do Museu.

O Programa de Educação Patrimonial desenvolvido pelo MHAB por meio de projetos voltados para o público escolar consolidou uma relação com esse público que se traduz nos seus índices de visitação e no grau de aceitação das suas atividades pelos professores. Acreditamos que a experiência de trabalho ali construída tenha muito a contribuir para as reflexões no campo da educação em Museu e nas relações entre museus e escola.

2 - VISITAR UM MUSEU: UM CONVITE A OUTROS DESLOCAMENTOS

A visita a um museu pela escola pode ser compreendida como uma experiência que institui uma prática educativa híbrida. Ao aproximar elementos dos dois contextos educativos - museus e escolas –, ela encerra as potencialidades que cada um dos universos pode oferecer na formação dos alunos.

Ao analisarmos os objetivos dos professores e do Museu com a visita percebemos muitas aproximações.

O Museu foi percebido pelos professores como espaço que encerra múltiplas possibilidades educativas. Para eles, um museu educa quando: preserva, acolhe, produz conhecimento histórico, dá a oportunidade de acesso aos conhecimentos sobre a cidade, possibilita romper com a rotina da escola, permite ver objetos, facilita a aproximação com aspectos da memória coletiva das pessoas que viveram e vivem em Belo Horizonte, propicia lazer e promove conscientização. Enfim, para os professores, a visita é, acima de tudo, uma promessa de expansão das possibilidades educativas e de aprendizagens.

Essa visão dos professores nos permite entender a visita ao museu como uma atividade que proporciona diferentes formas de aprendizagem da cultura, contendo, tanto os elementos de uma forma sistemática de produzir conhecimento assentado na racionalidade técnica, quanto formas sensíveis de aprendizagem.

A visita escolar ao Museu é gestada no contexto das práticas escolares, movido por um desejo dos professores pela instituição, mas ocorre no contexto das práticas educativas museais. Nesse aparente paradoxo é que reside toda a riqueza que essa experiência pode mobilizar em termos de possibilidades de aprendizagem da cultura.

A importância que o MHAB atribui ao desenvolvimento do conhecimento sobre a cidade a partir do seu acervo estabelece uma convergência entre ele e as escolas. Para os professores, a experiência da visita ao MHAB se constitui em outra forma de aprender sobre a cidade e sua história e reúne possibilidades de aprendizado que extrapolam aquelas do universo escolar. Embora vistos principalmente como fontes para a construção do conhecimento, a dimensão estética dos objetos também é ressaltada como aspecto importante nos processos de aprendizagem.

Compreender o Museu como ambiente de aprendizagem sensível (PEREIRA, 2007), significa estar aberto à fruição estética. Para Meneses (2010), “[...] os sentidos são pontes

que permitem ao sujeito comunicar-se com o universo”. Para esse autor, Museu não é o lugar da palavra escrita, ela já tem seus suportes. O Museu tem que transformar a percepção e os educadores devem explorar o que define a personalidade do Museu²⁶⁴.

Talvez a experiência no museu venha nos convidar a reconsiderar o valor da experiência empírica, não numa perspectiva que negue o valor da abstração reflexiva, mas como um processo que permite construir novos significados mediados pela empiria, na direção do que Piaget definiu como abstração empírica, sobretudo quando o grupo de alunos é formado por crianças e jovens.

Na experiência da visita é possível ter contato com uma forma de aprender que dispensa o registro e os instrumentos de aferição do conhecimento aprendido, suscitando outra relação com o saber, alicerçada no prazer pelo conhecimento e, nessa medida, mais distanciada da forma dominante na escola, sobretudo em tempos de uma educação de resultados.

A visita cria possibilidades de deslocamentos capazes de subverter a rotina da escola e suas estruturas rígidas. Ela permite uma brecha na forma dominante da estruturação do conhecimento escolar e dos sistemas formais de educação.

Os imperativos do sistema educativo que avalia e classifica podem ser suavizados pela oportunidade de aprender pelo prazer da descoberta em um museu. Essa pequena subversão não significa ruptura e abandono da lógica escolar, até pela preponderância na condução do processo educativo na sociedade expressas no tempo de duração, na permanência, a continuidade, no respaldo, na legitimidade dentre outros, em contraposição ao tempo breve e fugaz da visita.

Nos espaços do museu, ao invés das carteiras e mesas da sala de aula, apresenta-se o cenário da exposição. Para ser vista, apreciada, contemplada, admirada, são convocados os múltiplos sentidos do visitante. A *exploração* dos objetos em exposição convida à movimentação mais livre dos visitantes; instiga a estabelecer uma relação corporal com objeto a ser conhecido.

Um museu é também um espaço da ordem, da disciplina e da vigilância, e nessa medida, é um espaço que regula o comportamento do sujeito. A movimentação mais *livre* no

²⁶⁴ Palestra proferida aos alunos e professores do Curso de Museologia da UFMG, setembro de 2010. Disponível em: < <http://portal.grude.ufmg.br/portal/render.userLayoutRootNode.uP>>.

espaço de um museu é, contudo, limitada pelas suas regras de funcionamento. São os não imperativos da forma museal.

Quando a professora colocou seus alunos nos bancos do jardim do Museu para copiar e responder as questões do roteiro de *Leitura do Bonde* (situação 7) ficou evidente o seu desconhecimento da proposta sugerida pelo MHAB. Por mais que possamos compreender que o medo do desconhecido a tenha levado a reproduzir o que lhe era familiar como meio de manter-se segura e ter o controle do grupo de alunos, essa transposição da forma escolar para o museu reduziu tanto a possibilidade de fruição do objeto no espaço expositivo, quanto a possibilidade de aprender pela forma do outro (o museu). Portanto, a reprodução de formas típicas do universo escolar no ambiente do museu, seja pelo próprio museu ou pela escola, limita a possibilidade da troca, da (re -) significação e da ampliação das possibilidades de aprendizagens que a visita pode proporcionar.

Se as especificidades da aprendizagem no ambiente do museu não forem conhecidas pelo professor, esse estranhamento pode ser um limitador no processo de trocas de experiências. Assim, conhecer as especificidades educativas do museu torna-se fundamental para que a visita possa agregar aos visitantes conhecimentos, habilidades, experiências sensoriais e atitudes. Ao mesmo tempo, o museu precisa tornar a sua forma conhecida, projetando-a para fora dos muros, no cruzamento com a escola; compreendê-la melhor, entender seus objetivos, seu currículo abrindo possibilidades de outras pontes.

A experiência educativa tecida do MHAB fornece inegáveis contribuições para a compreensão da prática educativa em museus e pode inspirar experiências em outros museus brasileiros.

As diferentes formas de apropriação e uso do MHAB pelos professores evidenciaram uma realidade multifacetada que não pode ser enquadrada em visões estereotipadas e homogeneizadoras. A despeito dos inúmeros obstáculos que permeiam o cotidiano escolar, das incertezas das condições de trabalho e dos desafios da condição docente, os professores foram capazes de reinventar práticas e se lançar na aventura de novas possibilidades educativas.

Esperamos que os dados levantados e as nossas análises possam trazer subsídios para os estudos na área da educação em museus e, mais especificamente na relação museu e escola.

3 - DESAFIOS PARA PESQUISAS FUTURAS

Ao caminhar na direção da conclusão de uma pesquisa, damos conta das inúmeras questões que foram levantadas ao longo do processo e que não puderam ser tratadas com vistas a manter o foco inicialmente delineado. No entanto, é exatamente a natureza inconclusa das nossas pesquisas que impulsionam novas investigações.

O contato mais intenso com a experiência vivida pelo MHAB permitiu redimensionar a profundidade das mudanças ali imprimidas a partir da sua revitalização. O amplo espectro das mudanças implementadas constituiu terreno fértil para uma variedade de pesquisas no campo museológico.

A primeira questão que nos pareceu importante aprofundar decorre do processo de revitalização do museu. Em que medida a adoção de novos princípios museológicos e de novas referências historiográficas impactaram a sua política de aquisição de acervos? E como essas novas perspectivas de abordagem refletiram na concepção das novas exposições?

Ainda decorrente da revitalização parece-nos importante investigar a fundo o estudo acerca do processo de democratização do acesso ao Museu como equipamento cultural de interesse público. Em que medida o MHAB avançou no seu processo de democratização e intensificou o seu diálogo com a cidade?

No campo específico da ação educativa, a aproximação do Museu com as escolas por meio de suas ações extramuros se constituíram em experiências singulares na construção de parcerias duradoras. Um estudo minucioso sobre o projeto *Onde Mora Minha História?* poderia oferecer importantes contribuições para a compreensão dos aspectos mais específicos implicados na relação museu/escola. Por exemplo: quais os principais desafios na construção de um projeto de parceria entre escolas e museu? Que elementos da cultura escolar interferem na construção de parcerias mais ou menos bem-sucedidas?

Outro aspecto que se nos mostra parece pertinente e que merece ser mais bem aprofundado diz respeito à natureza do conhecimento histórico veiculado nas exposições do Museu. Que concepções de história informam essas exposições? Quais conceitos e operações históricas são desenvolvidos?

Por outro lado, as relações entre ensino de história e os museus necessitam ser mais bem investigadas. Que concepções de história, memória, documentos, museu, cultura,

dentre outros, têm os professores que buscam os museus? Quando os professores não têm formação específica em história, como trabalham os conceitos e operações específicas do campo?

As relações entre museu e ensino em geral precisam ser objetos de novos questionamentos: quais concepções de museu, cultura e aprendizagem informam as práticas dos professores?

De modo mais amplo, tanto os museus, quanto as escolas podem aprofundar a reflexão sobre os processos de aprendizagem da cultura ainda impregnados pelos modelos pautados na transmissão/recepção, não obstante o imenso avanço das pesquisas do campo das aprendizagens.

Finalizando, sugerimos que a visita ao museu se torne um convite ao deslocamento. Deslocamento no sentido da possibilidade de mudança de um lugar para o outro. Serres *apud* Caillet (1995) afirma que a aventura da aprendizagem é uma barreira a cruzar, é desafio, é passagem. Ela consiste em ir para o outro lado, por isso, aprender é sempre a descoberta do outro, para quem, não há educação sem a experiência da alteridade.

Entender a visita como um convite ao deslocamento é estar disposto a se deixar tocar pelo outro, é permitir experimentar o outro lugar, é fazer a passagem. Assim, deslocar é transpor limites, atravessar, descobrir o outro. É lançar-se na experiência estética, lúdica e permitir-se o deleite e o prazer, contribuindo para que os alunos também o façam.

FONTES

Documentos do Museu Histórico Abílio Barreto: Arquivo Administrativo e Arquivo do Setor Educativo

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Ação Cultural e Políticas Sociais, 1994. Arquivo do Setor Educativo. Pasta Polionda 36.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Catálogo da Exposição de Longa Duração do Museu Histórico Abílio Barreto: Belo Horizonte: Tempo e Movimento da Cidade Capital. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2006.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Diagnóstico de Ações a serem empreendidas no MHAB. (Manuscrito). Acervo de Documentos Textuais. Arquivo Administrativo MHAB. Série Documentação Interna. 1989.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Diretrizes para a atuação educativa do MHAB . Projeto Ação Educativa MHAB, 1997. Arquivo do Setor Educativo do MHAB . Pasta 36.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Fórum de Discussão e Elaboração de Propostas para o Museu Histórico Abílio Barreto. Documento Final. Belo Horizonte, 1993. Arquivo Administrativo.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Museu Histórico de Belo Horizonte: Movimento de Visitantes. Visita de Escolas e Grupos Escolares. 1948 (2fl). Acervo de Documentos Textuais. Arquivo Administrativo MHAB. Série Documentação Interna.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Normas para o funcionamento do MHAB. Acervo de Documentos Textuais. Arquivo administrativo MHAB. Série Documentação Interna. 1985.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Plano de Trabalho: Ação Educativa do MHAB. Consultora Claudia Regina F. M. S. Ricci, 1993.

MUSEU HISTORICO ABILIO BARRETO. Programação da Ação Educativa - 2º Trimestre, 1998. Arquivo do Setor Educativo.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Projeto Ação Educativa MHAB. Novembro de 1997. Arquivo do Setor Educativo . Pasta 36.

MUSEU HISTORICO ABILIO BARRETO. Projeto Jogos Pedagógicos, s/d . Arquivo do Setor Administrativo . Pasta 36.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Relatório Anual 1997. Arquivo do Setor Educativo. Pasta 38.

MUSEU HISTORICO ABILIO BARRETO. Relatório de Gestão 2005/2006. Arquivo do Setor Educativo. Pasta 38

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Relatório Qualitativo 1999/MHAB. Belo Horizonte, 1999. 7 f. Manuscrito. (MHAB: Arquivo Administrativo).

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO - Relatório Técnico Final Projeto Pesquisa de Público para avaliação das Exposições e dos Projetos de Educação Patrimonial do Museu Histórico Abílio Barreto. Outubro de 2005 (31fl)

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. Visitando o Museu Histórico (6fl), 1947. Acervo de Documentos Textuais. Arquivo Administrativo MHAB. Série Documentação Interna.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO – Pesquisa Quantitativa com visitantes das Exposições do MHAB – Agosto de 2005. (99 fls). ARQUIVO ADMISTRATIVO.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO – Pesquisa Qualitativa Museu Histórico Abílio Barreto Belo Horizonte - Agosto de 2005. (67 fls). ARQUIVO ADMINISTRATIVO.

Documentos da SMED – Secretaria Municipal de Educação referentes ao Projeto Escola Plural:

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Uma proposta curricular para o 1º e 2º Ciclos de formação - Escola Plural. Caderno introdutório. Prefeitura Municipal. Belo Horizonte: SMED, outubro de 1994.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Proposta curricular para o 1º e 2º Ciclos de formação - Escola Plural. Caderno 2. Prefeitura Municipal. Belo Horizonte: SMED, 1995.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Uma proposta curricular para o 1º e 2º Ciclos de formação - Escola Plural. Caderno 3. Prefeitura Municipal. Belo Horizonte: SMED, 1994.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Org.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ALENCAR, Vera Maria A. **Museu-educação: se caminho ao andar...** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

ALMEIDA, Adriana M. Avaliação de Ações Educativas em Museus. In: *Anais do 1º Encontro das Ações Educativas em Museus da cidade de São Paulo*. São Paulo: 2006. Disponível em: <http://vs40.pytown.com:8080/portal/.event_pres/encontros/dim-educ/doc/mesa2/a-mortara-apres/> Acesso em: 20 de março de 2008.

_____, Adriana M. Análise das pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Doxa, 2005. In: MHAB - Relatório Técnico Final do Projeto Pesquisa de Público para Avaliações das Exposições e dos projetos de Educação Patrimonial do Museu Histórico Abílio Barreto. Manuscrito (31fl). Belo Horizonte, outubro de 2005.

_____, Adriana M. História nos museus de história e de ciência: o que o público espera. Texto integrante dos **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História**. ANPUH/SP-UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom. Disponível em www.anpuhsp.org.br. Acesso: março 2010.

_____, Adriana M. **Desafios da relação Museu-Escola**. Comunicação e Educação, São Paulo: Moderna: USP, n.º 10, p. 50-56, set./dez., 1997.

_____, Adriana, M. e VASCONCELLOS, Camilo. M. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe (Org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

ALVES, Célia Regina. **Preciosas histórias, belos fragmentos: Abílio Barreto e Raul Tassini – a ordenação do passado na formação do acervo do Museu Histórico de Belo Horizonte (1935-**

1995. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

_____, Célia Regina. **MHAB: 60 anos de história** (caderno 2). Belo Horizonte: Museu Histórico de Belo Horizonte, 2003.

ALVES-MAZOTTI. **O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

AMORIM, Ercília B. **Ouro Preto na Escola: Projeto Figurinhas: relato de uma experiência**. SESU/MEC. Edição do Instituto de Artes e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais. Ouro Preto, 1988.

ANDRADE, João Carlos. **História e Memória nos fazeres docentes ordinários com a EJA**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

ANDRE, Marli E. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

ARAUJO, Marcelo M e BRUNO, M. Cristina de O. **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. Disponível em: <<http://www.icom.org.com.br>>. Acesso em: julho de 2011.

ARAÚJO, Vanessa B. e ROSSI, Ana Paula C. A relação Museu/Escola no Museu Histórico Abílio Barreto: Parceria em construção. In: NASCIMENTO, S. S. E BOSLLER, A. P.(orgs) **Museu e Escola** – 2 CD-ROM. Belo Horizonte: UFMG/FaE/LEME, 2010.

ARAÚJO, Vanessa B. A contribuição dos museus históricos para o ensino da história local. In: **Revista Por dentro da História** – Revista da Secretaria de Cultura de Contagem – Diretoria de Memória, Patrimônio – Prefeitura Municipal de Contagem, Ano 2, nº 3, Agosto de 2009.

ARROYO, Miguel. Condição docente, trabalho e formação. In: SOUZA, João V. (Org). **Formação de professores para a educação básica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BARBOSA, Ana M. & COUTINHO, Rejane G. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Educação em museus** - termos que revelam preconceitos Revista Museu. Cultura levada a sério. 2008. Disponível em <<http://www.revistamuseu.com.br/18demai/artigos.asp?id=16434>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação em museu de Arte. **Revista USP**. São Paulo, p. 125 -132, jun./ jul./ago., 1989.

BARBUY, Heloisa. Entre literias e cadeirinhas. In: MENESES, Ulpiano (Org.). **Como explorar um museu histórico?** São Paulo: Museu Paulista, 1992.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BELO HORIZONTE. Educação. **Proposições curriculares**. História. 2009c. Disponível em: <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomia MenuPortal&app=educacao&tax=8489&lang=pt_BR&pg=5564&taxp=0](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=educacao&tax=8489&lang=pt_BR&pg=5564&taxp=0)> Acesso em 20 Out. 2010.

BELLADICKS, Bambo e COFFEY, Amanda. Ethnography de multimodal. In: **Pesquisa Qualitative**. Londres, v. 6, n.1 p. 77, 2006.

BENJAMIN, Walter. Espaços que suscitam sonhos, museus, pavilhões de fontes hidrominerais. In: CHAGAS, Mário (Org). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 133-147, 2005.

BERTELLI, Mariana de Q. **Identidades, imagens e papéis museais nos discursos institucionais sobre a relação museu-escola**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BITTENCOURT, José N. O sítio da Fazenda Velha do Leitão, seus diversos prédios e seus museus, 1943-2000. In: PIMENTEL, Thaís (Org.). **Reinventando o MHAB: o museu e o seu novo lugar na cidade -1993-2003**. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004.

BRASIL. **Bases para uma Política Nacional dos Museus**. 2003. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2007/09/bases-para-a-politica-nacional-demuseus.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2009.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2010. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em 15 nov. 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais para 1ª a 4ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais para 5ª a 8ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998a. Disponível em<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series&catid=195%3Aseb-educacaobasica&Itemid=859>. Acesso em: 13 fev. 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais para 5ª a 8ª séries**. História e Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998c. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2010.

BRASIL. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. **Política nacional de museus: relatório de gestão 2003-2006** / _ [Brasília]: MinC/IPHAN/DEMU, 2006

BRASIL. Ministério da Cultura. IPHAN. **Política Nacional de Museus: Memória e cidadania.** Brasília, 2003.

BRASIL. MINC/IBRAM. **Museus em Números.** Instituto Brasileiro de Museus, 2011.v. 1. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/category/publicacoes-e-documentos/>>. Acesso em: 28 de dez. 2011.

BROTEL, Jean-François. Sobre Almanques. IN: MEYER, Marlyse. **Do Almanak aos Almanques.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público.** São Paulo: EDIUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BURKE, Peter (2005). **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.

_____, Peter. **A escola do Annales – 1929-1989.** A revolução francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 1997.

CAILLET, Elisabeth. Políticas de emprego cultural e o ofício da mediação. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Arte/Educação como mediação cultural e social.** São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 71 - 83.

CAILLET, Elizabeth. **À l'approche du musée, la médiation culturelle.** Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1995.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas.** São Paulo: EDUSP, 1997.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 2011.

CANDIDO Maria Inês. **MHAB: 60 anos de história (caderno 2)**. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2003.

CASA NOVA, Vera. **Lições de Almanaque: um estudo semiótico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CASTRIOTA, Leonardo B. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas**. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CASTRO, Ana Lúcia S. **O museu do sagrado ao segredo**. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

CARVALHO, Marta M. C. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUZA, Cynthia e CATANI, Denise (Org). **Práticas educativas, culturas escolares e profissão docente**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

CARVALHO, Vania C. A história das armas ou a história nas armas? In: MENESES, Ulpiano.(Org.) **Como explorar um museu histórico?** São Paulo: Museu Paulista, 1992.

CASTANHEIRA, Maria L. **Aprendizagem contextualizada: discursos e inclusão na sala de aula**. Belo Horizonte: Ceale e Autêntica, 2004.

CASTANHEIRA, Maria L. (et alli). **Práticas de letramento em sala de aula: uma análise de ações letradas como construção social**. In: Revista Portuguesa de Educação, 2007, 20(2), pp. 7-38 - CIEd - Universidade do Minho, 2007.

CAVALIERE, Ana Maria V. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira? Revista Educ. Soc., Campinas, v. 23, n. 81, p. 247-70, dez. 2002. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 18 de Nov. 2010.

CAZELLI, Sibeles (et al.). Educação e comunicação em museus de ciências. Aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (Orgs). **Educação e museu:**

a construção do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003, p. 83-106.

CAZELLI, Sibeles. **Alfabetização científica e os museus interativos de ciências**. Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992.

CHAGAS, Mário & STORINO, Cláudia M. P. Os museus são bons para pensar, sentir e agir. In: **MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia**. n.3, 2007.

_____, Mário & ABREU, Regina. Museu da maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social. **MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia**. nº 3, 2007.

_____, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.

_____, Mário. **Breves sugestões para a antropofagia do autor**. In: RAMOS, Francisco Régis. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa, Difel, 1990.

_____. **A história hoje**: dúvidas, desafios, propostas. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Revista Teoria e Educação**, Porto Alegre, v.2, 1990. p. 177-229.

CHELINI, Maria-Julia e LOPES, Sônia G. Exposições em museus de ciências: reflexões e critérios para análise. In: **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. vol.16 no.2 São Paulo July/Dec. 2008.

COLL, Cesar. e SOLÉ, Isabel. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

COLINVAUX, Dominique. Museus de ciências e psicologia: interatividade, experimentação e contexto. **Revista História, Ciências Saúde** - Manguinhos, v.12, p.79-91, Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-9702005000400005 & lng=pt&nrm=isso > Acesso em 25 mar.2007.

COSTA, Janice P. **Ensinando a ser cidadão: Memória Nacional, História e Poder no Museu da Inconfidência (1938-1990)**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005

COUTINHO, Mauro C. Declaração de Quebec -1984. In: ARAÚJO, Marcelo. M. e BRUNO, Maria Cristina O. (Orgs.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

CUNHA, Nara Rúbia C. **Chão de pedras, céu de estrelas: o Museu-Escola do Museu da Inconfidência de Ouro Preto, década de 80**. Dissertação (Mestrado Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2011. 203p.

DE CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

_____, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 14ª Ed Petrópolis: Vozes, 2008..

DINIZ-PEREIRA, Júlio E. Paradigmas contemporâneos da formação docente. In: SOUZA, João V. (Org). **Formação de professores para a educação básica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, 253-263.

DULCI, O. Partidos e eleições em Belo Horizonte. In: DULCI, O. (Org.). *Belo Horizonte: poder, política e movimentos sociais*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 1992.

DUTRA, Soraia F. **As crianças e o desenvolvimento da temporalidade histórica**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

ESCOLANO, Augustin. Arquitetura como programa. Espaço-Escola e Currículo. In: FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FARIA FILHO, Luciano M. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. In: LOPES, Alice C. e MACEDO, Elizabeth. **Disciplina e integração curricular: história e políticas**. Rio de Janeiro, DP&A 2002, p. 13-36.

FARIA FILHO, L. (et all). A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. In: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FIGUEIREDO, Betânia G. Patrimônio imaterial: saber fazer na história. In: **Anais do Seminário de Ações Educativas - Cultura e Educação**: parceria que faz história. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez/ MAO, 2007.

FONSECA, Maria Cecília. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FONSECA, Maria Cecília. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. IN: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009 a.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Beatriz Muniz. **O encontro museu/escola: o que se diz e o que se faz**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992.

FUNARI Pedro Paulo & PELEGRINI, Sandra. **Patrimônio Histórico Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FUNARI Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006

GALVÃO, Ana Maria O. **Ler/Ouvir Folhetos de Cordel em Pernambuco (1930-1950)**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte 2000.

GARCIA, Luiz Henrique. **O lugar da história: intervenções museais no espaço urbano em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, s/d. (Mimeografado).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

_____, Carlo. **Chave do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes**. In: ECO, Umberto e SEBEOK, Thomas A. O signo de três. Editora Perspectiva: São Paulo, 1991.

_____, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINSBURG, C. (Org.) **Mitos emblemas e sinais - Morfologia e história**. Companhia das Letras, 1989.

GÓES, M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. In: **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 20, n. 50, abr.2000.

GOMES, Ana Maria R. Explorando a cultura, entre o estranhamento e a escolarização. In: YASBEK, Dalva C. e ROCHA, Marlos B. M. (Orgs). **Cultura e história da educação**: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

_____, Ana Maria R. “Aprender a cultura”. In: **Anais do Seminário de Ações Educativas - Cultura e Educação: parceria que faz história**. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez/MAO, 2007.

_____, M. L. Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1007-18, out., dez. 2006.

GONÇALVES, Irlen A. **Cultura Escolar**: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918). Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o patrimônio**: museu de arte e escola: responsabilidade compartilhada na formação de públicos. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

GRINSPUM, Denise. Educação para o Patrimônio: conceitos, métodos e reflexões para formulação de política. In: **Simpósio Internacional Museu e Educação – conceitos e métodos**. São Paulo, MAE – USP –MAM, 2001.

GREEN, J. L., DIXON, C. N. e ZAHARLICK, A. A etnografia como uma lógica de investigação. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 42, dez. 2005.

GRUNBERG, Evelina. **Educação Patrimonial**: utilização dos bens culturais como recursos educacionais. Cadernos do CEOM – Ano 14 – n.º 12 – Unesco-Chapecó – junho/2000.

GUERRA, Isabela T. Onde mora minha história? In: **Anais do Seminário de Ações Educativas - Cultura e Educação: parceria que faz história**. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez/ MAO, 2007.

HAWKES, Ângela. Objects or pictures in the infant classroom? **Teaching History**, Londres, n. 85, Oct., 1996.

HARGREAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento**: a educação na era da insegurança Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORTA, Maria de Lourdes P. **Lições das coisas**: o enigma e o desafio da educação patrimonial. Revista do IPHAN: Museus antropofagia da memória e do patrimônio. Rio de Janeiro, n. 3, p. 220-233, 2005.

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes P. **Educação Patrimonial**. Boletim do Museu Imperial. Petrópolis, RJ, 1996.

_____, Maria de Lourdes. 20 anos depois de Santiago. In: ARAÚJO, Marcelo. M. & BRUNO, Maria Cristina O. (Orgs). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumento, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 33, n 1, p.6-25, jan./abr. 2010.

JACOBUCCI, D. F. C.; JACOBUCCI, G. B.; MEGID NETO, J. Experiências de Formação de Professores em Centros e Museus de Ciências no Brasil. REEC. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 8, p. 118-36, 2009. Disponível em:<<http://www.saum.uvigo.es/reec>>.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, 1, Campinas: Autores Associados, 2001.

JULIÃO, Letícia. Visitando o futuro: o museu da cidade dez anos depois. In: PIMENTEL, Thaís V. C. (Org.). **Reinventando o MHAB**: o Museu e seu novo lugar na cidade – 1993-2003. MHAB: Belo Horizonte, 2004.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. **Cadernos de Diretrizes Museológicas**. SEC-SUM-MG – Ministério da Cultura -IPHAN, 2ª. Ed., Brasília: 2006.

JULIANO, Flavia Cristina Oliveira. **O ensino de história na perspectiva da educação patrimonial**. Monografia (Programa Especial de Treinamento). FaE-UFMG, 1996.

KÖPTCKE, L. S. Parceria museu e escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (Orgs). **Educação e museu**: a construção do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003, p. 107-28.

KRÜGER, Karsten. El concepto de 'sociedad del conocimiento'. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. (Série documental de Geo Crítica) Universidad de Barcelona

ISSN: 1138-9796. Depósito Legal: B. 21.742-98 Vol. XI, nº 683, 25 de outubro de 2006.
Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-683.htm>>. Acesso em 15 de dez. 2011.

LACERDA, et alii, Ação cultural no Museu Histórico Abílio Barreto In: PIMENTEL, Thaís (Org).
Reinventando o MHAB: o museu e o seu novo lugar na cidade -1993-2003. Belo Horizonte:
Museu Histórico Abílio Barreto, 2004, p. 103-26.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LE GOFF, Jaques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. Memória. **Enciclopédia Einaudi**, vol. 1, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1992.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

LINHARES, Fernando R. C. **Os objetivos das visitas escolares a um observatório astronômico na visão dos professores**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

LOPES, Margaret M. **Museu: uma perspectiva de educação em geologia**. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

LOPES, M. M. **A favor da desescolarização dos museus**. Educação & Sociedade. Campinas, n. 40, p. 443-455, 1991.

LÜDKE Menga & BOING Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1159-80, set./dez. 2004 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 10 jan. 2010.

MACHADO, Ana Maria A. **Abílio Barreto e o Museu: o homem e a memória da cidade.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte 2004.

MACHADO, Marília N. A entrevista de pesquisa. In: MACHADO, Marília N. **Entrevista de Pesquisa: interação pesquisador/entrevistado.** Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002.

MACHADO, Roberto. Introdução. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

MAGALHÃES, Leandro. **Educação Patrimonial: da teoria à prática.** Londrina: Ed. UniFil, 2009.

MATTOZZI, Ivo. **Currículo de História e Educação para o Patrimônio.** Educação em Revista. Belo Horizonte, nº 47 [p. 135-155] jun. 2008.

MARANDINO, Martha. **Educação em museus: a mediação em foco.** São Paulo: Geenf / FEUSP, 2008.

_____, Martha. Interfaces na relação museu-escola. Caderno Catarinense de Ensino de Física, v. 18, n.1: p.85-100, abr. 2001. Disponível em: http://www.geenf.fe.usp.br/conteudo/arquivo/Interfaces_na_relacao_museu_escola.PDF> Acesso em 13 abr. 2007.

MARTINS, Luciana C. **A relação museu/escola: teoria e práticas educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MATOS, Maria do Carmo de e PAIVA, Edil V. Hibridismo e Currículo: ambivalências e possibilidades. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.2, p.185-201, jul./dez. 2007. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org> Acesso em dez. 2010.

MEGID NETO, J.; JACOBUCCI, D. F. C.; JACOBUCCI, G. B. Para onde vão os modelos de formação continuada de professores no campo da educação em ciências?. **Horizontes**, Bragança Paulista, v. 25, p. 73-85, 2007.

MENESES, Ulpiano. O Museu e a questão do conhecimento. In: GUIMARÃES, Manuel L. S. e RAMOS, Francisco R. L. **Futuro do pretérito: escrita da história e história do museu**. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/Expressão Gráfica Editora, 2010.

_____, Ulpiano B. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso (Org). **Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, 2003.

_____, Ulpiano B. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. In: **Revista Ciências e Letras**, Porto Alegre, n 27, p 91-101, jan./jun./2000.

_____, Ulpiano B. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia L. **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP/FAPESP, 1999.

_____, Ulpiano T. B. Do teatro da memória ao laboratório da História. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v 2, 1994.

_____, Ulpiano B. A história cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, 1992.

MEYER, Marlyse (org.). **Do Almanak aos Almanques**. São Paulo: Atêlie Editorial, 2001.

MINAS GERAIS. Centro de Referência Virtual do professor. **Conteúdos Básicos Comuns**. 2005a. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/INDEX.ASP?token=&usr=&ID_OBJETO=23967&ID_PAI=23967&AREA=AREA&P=T&id_projeto=27>. Acesso em 12 mar. 2010.

MIRANDA, Sônia R. **Sob o signo da Memória**: cultura escolar, saberes docentes e história ensinada. São Paulo: Editora Unesp; Juiz de Fora: EDUFJF, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria. Professores: entre saberes e práticas. In: **Revista Educação e Sociedade**. Base Scielo Brasil, Ano XXII, no 74, Abril/2001.

MORTIMER, Eduardo F. & SCOTT, Phil. **Atividade Discursiva nas Salas de Aula de Ciências: uma ferramenta sócio-cultural para analisar e planejar o ensino**, 2002. Disponível em <<http://www.if.ufgs.br/public/ensino.htm>> . Acesso: dezembro, 2010.

MORTIMER, Eduardo F. Construtivismo, Mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos? Disponível em: < <http://upd.cefetsp.br/~construtivismociencias.html>, > Acesso em 20 abr. 2000.

MORTIMER, Eduardo F. e SMOLKA, Ana Luiza (Orgs). **Linguagem, cultura e cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NASCIMENTO, Erica G. **A interatividade em um museu de ciência**: estudo de caso em uma visita ao Exploratório Leonardo da Vinci. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

NASCIMENTO, Silvânia. **As luzes d (n) o Vale**: expressividades de memórias e identidades em movimento. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010.

_____, Silvania S. O desafio de construção de uma nova pratica educativa para os museus. In: VIDAL, Diana G & FIGUEIREDO, Betânia G. **Museus**: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Brasília, DF: CNPq, 2005.

NASCIMENTO, Silvania S. e VENTURA, Paulo C. Mutações na construção dos Museus de Ciências. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 34: Faculdade de Educação – Unicamp, Campinas, 2001.

NASCIMENTO, Silvania. S., VENTURA, Paulo. C. S. A ciência e tecnologia em espaços não escolares: questões e definições. In: *Anais da XI Reunión de la Red POP y el V taller de Ciencia, Comunicación y Sociedad*, Montevideo, 2009.

NORA, Pierre. **Les lieux des mémoires**. Paris: Gallimard, 1984.

_____, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História** 10. **História e Cultura. Revista do Programa e Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História**. PUC, São Paulo, dez./1993.

ORÍÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.) **O saber Histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001 (Repensando o Ensino), p. 128-148.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PEREIRA, Júnia e SIMAN, Lana. Limiares da relação museu-escola: educadores em zonas de fronteira. In: NASCIMENTO, S. S. E BOSLLER, A. P.(Orgs) **Museu e escola** – 1 CD-ROM. Belo Horizonte: UFMG/FaE/LEME, 2010.

PEREIRA, Júnia S. Nervuras em exposição. In: RAMOS Francisco R. & LUCAS, Meize. **Tempo no plural**. Programa de Pós-Graduação em História da UFC, Fortaleza: Realce Editora & Ind. Grafica Ltda, 2008.

_____, Júnia S. Aprendizagem do ensino de história em museus. In: X Jornadas Nacionales y I Internacionales de enseñanza de la Historia. Universidade Nacional de Rio Cuarto: Rio Cuarto, 2008b.

PEREIRA, Júnia et all. S. **Escola e Museus: diálogos e práticas**. Belo Horizonte Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência dos Museus/ PUC-MG / Cefor, 2007.

PESAVENTO, Sandra. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PETRY, Marília G. Museu escolar: o que dizem os inventários (Santa Catarina / 1941-1942).s/d. Disponível em: < <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/conteudo/file/715>> . Acessado em 15 ago. de 2012.

PIMENTEL, Thaís V. C. **Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade – 1993-2003**. MHAB: Belo Horizonte, 2004.

_____, Thaís V. C. Revitalizar sempre. In: PIMENTEL, Thaís V. C. **Reinventando o MHAB: o Museu e seu novo lugar na cidade – 1993-2003**. MHAB: Belo Horizonte, 2004.

PIMENTEL, Thais V. (et al.). A teoria, na prática, funciona. Gestão de acervos no Museu Histórico Abílio Barreto. **Revista CPC**, São Paulo, n.3, p 91-109, nov. 2006/abr.2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-12.

_____, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989

QUEIROZ, Glória, GOUVÊA, Guaciara e FRANCO, Creso. Formação de professores e Museus de Ciência. In: GOUVEA, Guaracira (et al). **Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003. P. 207-220.

QUEIROZ, G. et al. Construindo saberes da mediação na educação em museus de ciência: o caso dos mediadores do Museu de Astronomia e Ciências Afins/Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ensino de Ciência**, Brasília, v. 2 n. 2, p 77 – 88, 2002.

RAMOS, Francisco R.L. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

REIS, Erika. Planejar: por excelência uma atividade museológica – Dez anos de gestão democrática no MHAB. In: PIMENTEL, Thaís (Org). **Reinventando o MHAB**: o museu e o seu novo lugar na cidade -1993-2003. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004, p. 75-87.

REIS, José C. **A escola dos Annales**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REIS, José C. **Nouvelle histoire e tempo histórico**. São Paulo: Ática, 1994.

RIBEIRO, Ana Paula G. e BARBOSA, Marialva. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. *Comunicação & Sociedade*, v. 28, n. 47, 2007. Disponível em: <www.metodista.br/revistas/revistas>. Acesso em 12 nov. 2010.

ROQUE ASCENÇÃO, Valéria O. **A formação disciplinar e os processos pedagógicos em mudança**: os professores de geografia na Escola Plural de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

_____, Valéria O. **Os conhecimentos docentes e a abordagem do relevo e suas dinâmicas nos anos finais do Ensino Fundamental**. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

RÜSEN, Jörn. **História viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 2007.

SANTOS. José L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTOS, Lucíola L. Paradigmas que orientam a formação docente. In: SOUZA, João V. (Org). **Formação de professores para a educação básica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, Magaly Cabral. **Lições de coisas (ou canteiros de obras)**. Através da metodologia baseada na Educação Patrimonial. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, 1997.

SANTOS, Maria Célia T. **Encontros museológicos** – reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro, MinC/IPHAN/DEMU, 2008

SANTOS Myrian Sepúlveda. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. In: **Cadernos de Sociomuseologia** n.19. Museu e Políticas de Memória. Centro de Estudos de Sociomuseologia. HLHT - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2002, p. 99-117.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEIBEL-MACHADO, M. I. **O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do museu da vida, 2009**. 250 p. Tese (Doutorado em Ciências) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SHALINS, Marshal. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

SHALINS, Marshal. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: Por que a cultura não é um objeto em vias de extinção. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3 parte I, 41-73 e parte II:103-50, 1997.

SAHLINS, Marshal. **História e cultura**. Apologias a Tucídides. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SILVA, Marco. **Que é Interatividade**. Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v 24, n 2, maio/ago. 1999.

SILVA, Isabel. Escola e Museu – virtudes e debilidades de uma longa parceria. In: BARCA, Isabel. **Educação Histórica e Museus**. Braga: Cieds, Universidade do Minho, 2003.

SIMAN, Lana. M. C. **A escola vai ao museu: o valor das interações dialógicas entre os sujeitos e os objetos para os processos de aprendizagem em História.** AREA DOMENIU. Lisboa, 2007 (prelo).

SIMAN, Lana. M. C. Práticas culturais e práticas educativas, especificidades e aproximações: contribuições para reflexão a partir do projeto Museu e Escola da UFMG. In: **Anais dos Seminários de Capacitação Museológica.** Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2004.

SIMAN, Lana M.C. Práticas culturais e práticas educativas: aproximações e especificidades no ensino de história. **Revista do Laboratório de Ensino de História.** Londrina Ed. UEL, 2003, v. 1.

SOARES, Magda B. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Araci et al. (Org.). **A escolarização da leitura literária – o jogo do livro infantil e juvenil.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Jorge M. **Os saberes da mediação humana em museus de ciência e tecnologia.** Mestrado (Faculdade de Educação). Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2003.

STRAUSS, Anselm & CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

SUANO, Marlene. Alfaiates, apetrechos, tarecos, trecos: os móveis. In: MENESES, Ulpiano (Org.) **Como explorar um museu histórico?** São Paulo: Museu Paulista, 1992.

SUANO, Marlene. **O que é museu?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

TORAL, H. C. Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus, Rio de Janeiro - 1958. In: ARAÚJO, Marcelo. M. e BRUNO, Maria Cristina O. (Orgs). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos.** Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995, p. 8-10.

TRIZOTTI, Patrícia T. Os almanaques como instrumento de pesquisa: balanços e perspectivas historiográficas. In: **Anais XX Encontro Regional de História: História e Liberdade**. Franca: ANPUH/SP – UNESP, 2010. CD-ROM.

VALENTE, Maria Esther. **Educação em Museu: o público de hoje no museu de ontem**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.

VALENTE, Maria E. (et al). Museus, ciência e educação: novos desafios. Revista História, Ciências Saúde - Manguinhos, v.12, p.183-203, Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2005. Disponível em < www.scielo.br/hcsm>. Acesso 10 jul., 2008.

VARINE, Herman C. A respeito da mesa-redonda de Santiago. In: ARAÚJO, Marcelo. M. & BRUNO, Maria Cristina O. (Orgs). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

VASCONCELLOS, Camilo de M. Mediação para jovens em museus. In: 1º Encontro das Ações Educativas em Museus da cidade de São Paulo. São Paulo, 2006 – site: www.forumpermanente.incubadora.fapesp.br. Acesso em 10 mar. 2010.

VINCENT, Guy; LAIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a teoria da forma escolar. Educação em **Revista**, Belo Horizonte, n. 33, jun. 2001.

VEIGA, Cynthia G. A escolarização como projeto de civilização. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.21, p. 90-103, 2002.

VIDAL, Diana. **Culturas escolares: Estudo sobre praticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do Século XIX)**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (orgs.). **A**

memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 107-116.

VIDAL, Lux e SILVA, Araci. L. O sistema de objetos as sociedades indígenas: arte e cultura material. In: SILVA, Araci L. e GRUPIONI, Luis. D. B. (Orgs). **A temática indígena na escola:** novos subsídios para professores de 1o e 2o graus. Brasília, MEC/MARE/UNESCO, 1995.

WINTROW, G. T. **O tempo na história:** concepções de tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro Zahar, 1993.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ZEICHNER, K. Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente. In. **Revista Educação e Sociedade, Campinas**, v. 29, n. 103, p. 535-554. Campinas, 2008.

ANEXOS

ANEXO A: Tabela: Relação das Escolas Atendidas – Rede Municipal

Escolas Municipais	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Arena da Cultura							X	
BH Cidadania							X	
Centro de Convivência		X					X	
Colégio Coração de Maria (Associação)						X		
Colégio Marconi Municipal		X						X
Colégio Municipal de Belo Horizonte						X		
Creche Comunitária Maria Bessa						X		
Creche Comunitária Padre Francisco						X		
Creche das Rosinhas (Casa da Soledade)						X		
Curso Mulher Hoje (Igreja do Carmo)						X		
Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso					X	X	X	
Escola Municipal Agenor de Sena			X					
Escola Municipal Aires da Mata Machado			X					
Escola Municipal Amélia Martins						X		
Escola Municipal Amilcar Martins				X				
Escola Municipal Ana Alves Teixeira			X			X		
Escola Municipal Ana Lúcia						X		
Escola Municipal Anízio Teixeira				X			X	
Escola Municipal Anne Frank					X	X	X	
Escola Municipal Antônio Aleixo		X						
Escola Municipal Antônio de Assis Martins				X				
Escola Municipal Antônio Gomes Horta								X
Escola Municipal Antônio Ferreira			X					
Escola Municipal Antônio Mourão Guimarães		X	X		X			
Escola Municipal Armando Ziller			X	X				

Escola Municipal Arthur Trindade								X
Escola Municipal Artur Versiani Veloso			X					
Escola Municipal Augusto Medeiros						X		
Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda				X		X		X
Escola Municipal Aurélio Pires		X		X	X	X	X	X
Escola Municipal Benjamin Jacob			X	X		X		
Escola Municipal Bento Machado Ribeiro			X					
Escola Municipal Caio Líbano Soares				X	X	X		
Escola Municipal Carlos Drumond de Andrade					X	X		
Escola Municipal Carlos Goes				X				
Escola Municipal Cel. Durval de Barros							X	
Escola Municipal Cônego Cerqueira			X		X	X		X
Escola Municipal Conêgo Siqueira								X
Escola Municipal Conêgo Raimundo		X						
Escola Municipal Consuelita Cândida			X					
Escola Municipal Cônsul Antônio Cadar							X	X
Escola Municipal da Vila Ideal/ Serra Dourada							X	
Escola Municipal de Barreirinho							X	
Escola Municipal Deputado Jorge Ferrara							X	
Escola Municipal Deputado Milton Soares						X		
Escola Municipal Deputado Renato Azeredo		X	X			X	X	
Escola Municipal Desembargador Loreto Ribeiro Abreu			X					
Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabrício								X
Escola Municipal Dom Jaime de Barros Camara			X			X		
Escola Municipal Dora Tomich Laender		X	X			X		X
Escolas Municipais	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Escola Municipal Dulce Maria Homem				X				X
Escola Municipal Ediméia Duarte Braga	X							
Escola Municipal Efigênia Vidigal								X
Escola Municipal Edir Terezinha					X	X		
Escola Municipal Emídio Berutto						X		X

Escola Municipal Estudante Leonardo de "Sabra"	X					X		
Escola Municipal Fernando Dias Costa							X	
Escola Municipal Florestan Fernandes				X				
Escola Municipal Francisca Alves			X					
Escola Municipal Francisca de Paula			X					X
Escola Municipal Francisco Bressame de Azevedo				X				
Escola Municipal Francisco de Carvalho Moreira							X	
Escola Municipal Francisco Magalhães Gomes		X	X					X
Escola Municipal Francisco Sales			X		X		X	
Escola Municipal de Ensino Especial Frei Leopoldo						X		
Escola Municipal Geferson Ventura de Souza						X		X
Escola Municipal George Ricardo Salum							X	
Escola Municipal Governador Ozanan Coelho	X			X				
Escola Municipal Gracy Vianna Lage	X	X						
Escola Municipal Guimaraes Rosa		X						X
Escola Municipal Heitor Villa Lobos		X						
Escola Municipal Helena Antipoff					X			
Escola Municipal Hélio Pelegrino			X					
Escola Municipal Helói Eraldo Lima				X				
Escola Municipal Henriqueta Lisboa				X	X	X		
Escola Municipal Hilda Rabello Matta				X				X
Escola Municipal Honorina de Barros					X			
Escola Municipal Honorina Rabello							X	
Escola Municipal Hugo Werneck		X	X	X	X			
Escola Municipal Humberto Castelo Branco		X						
Escola Municipal Israel José Carlos			X			X		
Escola Municipal Israel Pinheiro		X	X					X
Escola Municipal J. S. Lara								X
Escola Municipal Jardim Felicidade			X					
Escola Municipal João Pereira Lemos Filho			X				X	
Escola Municipal João Pinheiro							X	

Escola Municipal Joaquim dos Santos							X	
Escola Municipal Jonas Barcelos Correia						X		
Escola Municipal José Lucas Filho						X		
Escola Municipal José Madureira Horta			X					X
Escola Municipal José Maria Alquimim		X						
Escola Municipal José Maria dos Mares Guia			X					
Escola Municipal José Salustiano				X		X	X	
Escola Municipal Josefina Souza Lima						X		X
Escola Municipal Júlia Paraíso			X					
Escola Municipal Juscelino Dias Magalhães	X	X	X			X		
Escola Municipal Levindo Lopes				X		X		
Escola Municipal Lídia Angélica			X					
Escola Municipal Loureiro de Oliveira		X				X		
Escola Municipal Lucas Monteiro SIAC		X	X	X		X		
Escola Municipal Luigi Toniolo		X						
Escola Municipal Luiz Gatti				X				
Escola Municipal Luiz Gonzaga	X	X	X	X	X	X		
Escola Municipal M. M. Tenido						X		
Escola Municipal Madre Paula	X	X						
Escola Municipal Magalhães Drumond						X		X
Escolas Municipais	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Escola Municipal Margarida Soares Guimarães						X		
Escola Municipal Maria da Assunção de Marco	X	X	X	X	X	X		
Escola Municipal Maria da Conceição Brito						X		
Escola Municipal Maria da Penha do S. Almeida							X	X
Escola Municipal Maria de Lourdes Oliveira			X					
Escola Municipal Maria de Matos						X		
Escola Municipal Maria do Amparo				X				
Escola Municipal Maria Marazello								X
Escola Municipal Maria Helena Antipof				X				
Escola Municipal Maria Silva Lucas		X				X		

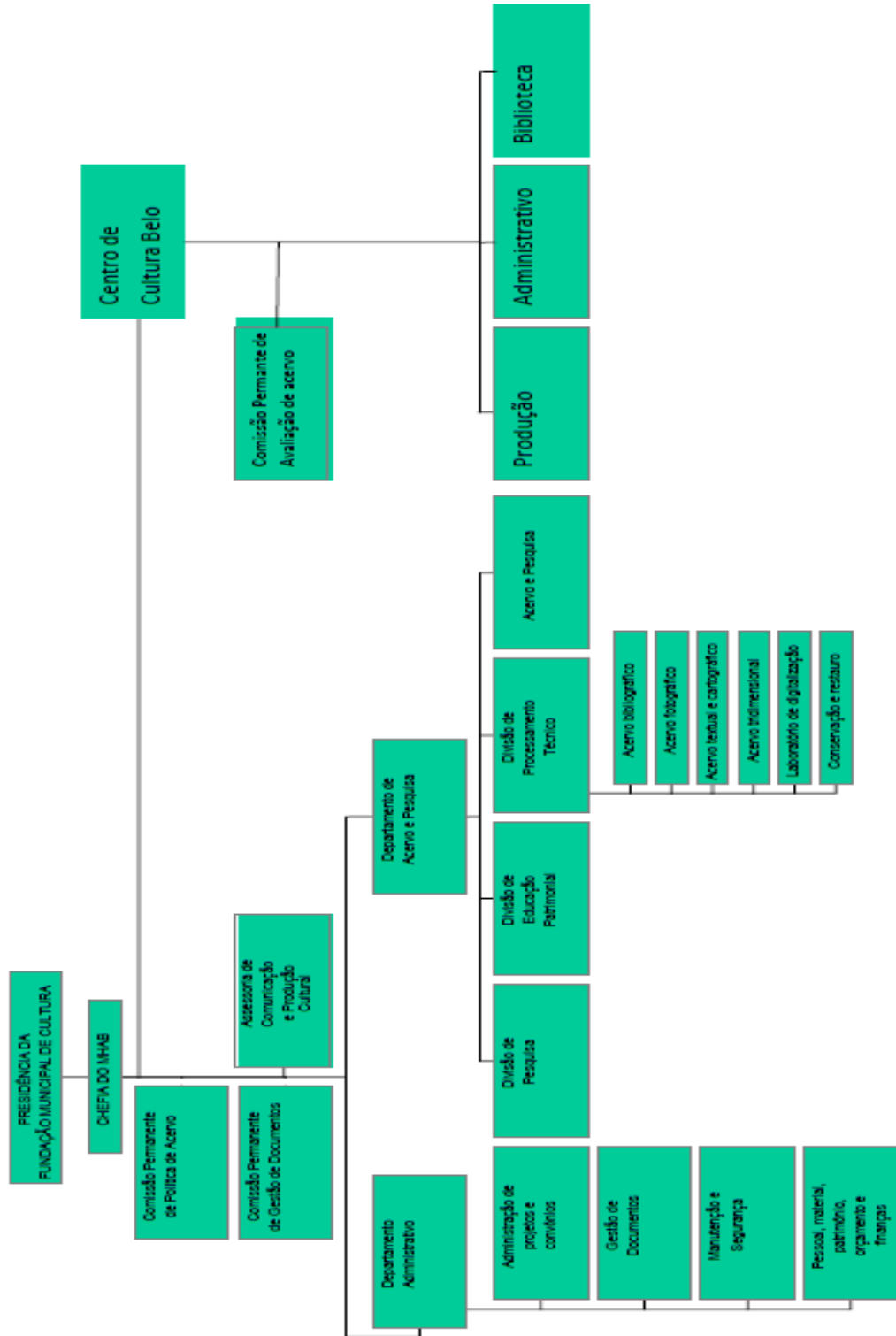
Escola Municipal Mario Mourão Filho						X		
Escola Municipal Marlene Pereira Rancante					X			
Escola Municipal Mestre Ataíde							X	
Escola Municipal Mestre Paranhos				X	X			
Escola Municipal Milton Campos		X		X			X	
Escola Municipal Minervina Augusta						X	X	
Escola Municipal Miriam Brandão					X	X		
Escola Municipal Monsenhor João Rodrigues de Oliveira								X
Escola Municipal Moisés Kalil	X							X
Escola Municipal Murilo Rubião			X					
Escola Municipal Nossa Senhora do Amparo					X	X		
Escola Municipal Ondina Nobre								X
Escola Municipal Osvaldo Cruz		X				X	X	
Escola Municipal Osvaldo França Junior		X				X	X	
Escola Municipal Padre Edeimar Massote						X		
Escola Municipal Padre Flávio Geameta	X	X	X			X		
Escola Municipal Padre Guilherme Peter							X	
Escola Municipal Padre Henrique Brandão				X				
Escola Municipal Padre João Botelho			X					
Escola Municipal Padre Joaquim Souza Silva				X		X		
Escola Municipal Padre Marzano Matias								X
Escola Municipal Pedro Aleixo					X			X
Escola Municipal Pedro Evangelista	X							
Escola Municipal Pedro Guerra		X	X					
Escola Municipal Pedro Nava						X		
Escola Municipal Pérsio Pereira Pinho			X					
Escola Municipal Prefeito Amintas de Barros			X					
Escola Municipal Presidente Tancredo Neves		X	X		X			
Escola Municipal Prof(a) Maria Helena Diniz			X				X	
Escola Municipal Prof. Edgar da Mata Machado						X		
Escola Municipal Professor Amilcar Martins						X		

Escola Municipal Professor Domiciano Vieira						X		
Escola Municipal Professor Hilton Rocha					X			
Escola Municipal Professor Lourenço de Oliveira			X					
Escola Municipal Professor Mário Werneck					X		X	
Escola Municipal Professor Melo Caçado		X						
Escola Municipal Professor Moacir Andrade		X	X					X
Escola Municipal Professor Pedro Guerra			X	X		X		
Escola Municipal Professor Vanlelus Pacheco		X	X	X		X	X	
Escola Municipal Professora Alice Nacif							X	X
Escola Municipal Professora Consuelita Cândida			X					
Escola Municipal Professora Eleonora Pierucetti				X		X		
Escola Municipal Professora Helena Abdalla			X	X				
Escola Municipal Professora Isaura Santos						X	X	
Escola Municipal Professora Maria Aparecida Batista								X
Escola Municipal Professora Maria Aparecida						X		
Escolas Municipais	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Escola Municipal Professora Maria Mazarello				X				
Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo						X		
Escola Municipal Professora Ondina Nobre							X	
Escola Municipal Randolpho José da Rocha		X						
Escola Municipal Rita Maria da Silva								X
Escola Municipal Rui da Costa Val				X		X		
Escola Municipal Salgado Filho						X		
Escola Municipal Santa Terezinha			X					
Escola Municipal Santo Tomaz de Aquino		X				X	X	
Escola Municipal Santos Dumont			X	X	X		X	
Escola Municipal São Rafael				X				X
Escola Municipal Sara Kubtschek		X		X			X	
Escola Municipal Sebastiana Novais					X			
Escola Municipal Sebastião Guilherme de Oliveira						X		X
Escola Municipal Sobral Pinto		X					X	

Escola Municipal Tancredo Phiadeas Guimarães		X				X		
Escola Municipal Tristão da Cunha		X					X	
Escola Municipal União Comunitária			X	X				
Escola Municipal Vasco Pinto da Fonseca	X		X	X		X		
Escola Municipal Vereador Milton Santos			X	X	X	X		
Escola Municipal Vereador Wilde de Souza Maia		X		X				
Escola Municipal Vila Pinho							X	
Escola Municipal Vinícius de Moraes			X					
Escola Municipal Virgílio Melo Franco			X		X			
Grupo de Referência do Projeto da Pedro II		X		X	X		X	
Grupo de Terceira Idade				X				
Maria Clara Machado Escola Municipal?						X		
Secretaria de Educação de Sabará						X		

Fonte - Setor Educativo MHAB – 24/05/2006

ANEXO B – Organograma Funcional do MHAB/CCBH - 2009



ANEXO C – Programação Grupo de Estudos (GE)

PROGRAMAÇÃO

Grupo de Estudos

1º semestre 2009

- 1- Discussão sobre a exposição “O Casarão: da Fazenda ao Museu Histórico da Cidade” com a participação da Celinha
- 2- Jornada Formadora / UFMG
- 3- Visita ao Museu das Telecomunicações
- 4- Avaliação do encontro com a Celinha; da Jornada formadora; do Museu das Telecomunicações
- 5- Esclarecimentos sobre o funcionamento da CPPA, por Vanessa
- 6- Apresentação das discussões sobre a possível mudança de nome do MHAB e a conceituação da Casa Kubitschek , realizadas em dezembro de 2008, por Joanna
- 7- Leitura e discussão do texto: *O museu de cidade e a consciência de cidade* .- Ulpiano
- 8- Leitura e discussão texto e/ou tese: Denise Grinspum
- 9- Vídeo conferência: Lana Mara
- 10- Leitura e discussão do texto: *A Escola vai ao Museu: o valor das interações dialógicas entre os sujeitos os objetos para os processos de aprendizagem em história* - Lana Mara
- 11- Leitura e discussão: *Como explorar um museu histórico* – Ulpiano
- 12- Leitura e discussão do texto: *Entendendo a sociedade através dos objetos* – Heloísa
- 13- Leitura e discussão: *A Danação do Objeto* – Francisco Regis
- 14- Vídeo conferência: Júnia
- 15- Texto do vídeo LEME
- 16- Leitura e discussão do texto: *Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciência* - Martha Marandino
- 17- Leitura e discussão da dissertação: *As crianças e o desenvolvimento da temporalidade histórica*: Soraia Freitas Dutra
- 18- Leitura e discussão do texto: *Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a Exposição Museológica e o Conhecimento Histórico* - Ulpiano

ANEXO D - Materiais do MHAB enviados para as Escolas

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Fundação Municipal de Cultura

Museu Histórico Abílio Barreto

Prezado(a) professor(a),

É com grande prazer que registramos o interesse de sua escola em visitar o Museu Histórico Abílio Barreto. Por favor, confirme os dados do agendamento conforme formulário anexo.

Atenciosamente,

Setor Educativo do Museu Histórico Abílio Barreto

3277-8835

Av. Prudente de Moraes, 202 – Cidade Jardim

Belo Horizonte – MG

educativomhab@gmail.com

ANEXO D - (continuação)

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Fundação Municipal de Cultura

Museu Histórico Abílio Barreto

E-MAIL (encaminhado às agências e escolas por elas acompanhadas)

Prezados senhores,

Registramos o interesse de sua agência em visitar o Museu Histórico Abílio Barreto.

Informamos que nessa data teremos outra escola agendada e pelo fato de ter feito o agendamento com maior antecedência, ela terá prioridade em visitar as exposições. Sendo assim, os alunos acompanhados por sua agência somente poderão entrar no casarão após a saída dos alunos agendados primeiramente e atendidos pela equipe do Museu. O casarão do MHAB, prédio que abriga nossa exposição de longa duração, é um bem tombado, datado de 1883, cuja estrutura em pau-a-pique não comporta um número excessivo de visitantes. Lembramos que o agendamento das visitas escolares é feito a cada semestre, iniciando nos meses de fevereiro e agosto.

Com o objetivo de contribuir com os professores e agentes culturais interessados em desenvolver trabalhos no MHAB, o setor Educativo oferece o curso Encontro com o Museu no qual são discutidas as exposições em cartaz e suas potencialidades pedagógicas. Este curso é mensal, gratuito, conta com carga horária de 3h e as inscrições são feitas pelo telefone 32778835.

Nesta oportunidade, estamos encaminhando, em anexo, material sobre as exposições em cartaz e as normas que orientam a visitação escolar do Museu que visam garantir o bom funcionamento da Instituição e um atendimento satisfatório de todos os seus usuários.

Colocamo-nos à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Setor Educativo do Museu Histórico Abílio Barreto

3277-8835

Av. Prudente de Moraes, 202 – Cidade Jardim

Belo Horizonte – MG

educativomhab@gmail.com

ANEXO D (continuação)

CIRCULAR EXTERNA MHAB 002/2009.

Belo Horizonte, 27 de janeiro de 2009.

Prezado(a) professor(a),

É com grande prazer que registramos o interesse de sua escola em visitar o Museu Histórico Abílio Barreto.

Nesta oportunidade, estamos encaminhando material contendo informações sobre o Museu e orientações para o melhor aproveitamento de sua visita:

- 1- Folder da exposição **“Belo Horizonte – Tempo e movimentos da Cidade Capital”**, que é constituída por dois módulos: o primeiro, exibido no interior do Casarão, propõe reflexões sobre o modo de vida do antigo Arraial do Curral del Rei. O segundo, na área externa, apresenta um circuito expositivo que trata a história de Belo Horizonte a partir de quatro marcos cronológicos: a cidade construída em fins do século XIX, sua expansão e crescimento nas décadas de 1940/1950, suas transformações nos anos 1960/1970 e, finalmente, a cidade centenária.
- 2- Maquete para montar o Casarão do MHAB, que poderá ser apresentada aos alunos como um convite para a visita ao Museu.
- 3- Almanaque MHAB, publicação que tem como objetivo apresentar a história de Belo Horizonte de forma lúdica e adequada ao público infantil.

O Almanaque MHAB é distribuído gratuitamente a todos os alunos de escolas públicas agendadas. Os alunos de escolas particulares, em visita ao Museu com suas escolas, poderão adquirir essa publicação, com desconto especial, por R\$ 3,00 (três reais).

- 4- Exercício de Leitura **“O Bonde”**.

O bonde é uma das peças mais atraentes do acervo do museu e sua riqueza de informações instiga o visitante a uma observação atenta. Explorar o bonde constitui um momento raro de contato direto com bens materiais. Essa atividade será proposta ao professor, quando da visita ao MHAB, para que este realize o exercício com seus alunos.

- 5- Orientações para o melhor aproveitamento da visita.

Esperamos que esse material possa contribuir com o seu trabalho. Ele poderá servir tanto para as aulas preparatórias, que antecedem a visita à exposição, quanto para as atividades que a sucedem e constituem momentos de reflexão e enriquecimento da experiência vivenciada no Museu.

Aproveitamos a oportunidade para convidá-lo(a) a participar do curso **“Encontro com o Museu”**, que é realizado mensalmente e tem como objetivo refletir sobre questões relacionadas à Educação Patrimonial. Nesse curso, você terá a oportunidade de discutir e tirar dúvidas sobre o material proposto, além de conhecer previamente as exposições em cartaz.

Nossa equipe está à sua inteira disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Denise Marques Bahia

Diretora do Museu Histórico Abílio Barreto

Às

Instituições de Ensino.

ANEXO D (continuação)

ATENÇÃO

Este material encaminhado pelo Museu Histórico Abílio Barreto deverá ser compartilhado com todos os professores que visitarão o Museu com seus alunos.

Por favor, confira os dados do agendamento e confirme a visita de sua escola. Nesta oportunidade, acuse o recebimento deste material e informe os e-mails dos professores envolvidos.

Fax : (31) 3277 8572

E-mail: educativomhab@gmail.com

Nome da Escola: _____

Responsável pela visita: _____

Telefone: _____

Data(s) da(s) visita(s):	Horário:	Nº de alunos:	Faixa etária:	Nível:
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____

ANEXO D– (continuação)

Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB)

Projeto Descobrimdo o Museu - 2009

Normas gerais de funcionamento

Para o desenvolvimento satisfatório das visitas escolares ao MHAB, solicitamos que sejam observadas as seguintes normas e recomendações.

As visitas escolares e o curso “Encontro com o Museu” deverão ser agendadas previamente pelo telefone 3277-8861, de 3ª à 6ª feira, de 10 às 17 horas.

Para melhor aproveitamento da visita ao MHAB, sugere-se que o professor responsável por conduzir as turmas participe do curso “Encontro com o Museu”.

Trazer, se possível, dois acompanhantes para cada turma de 30 alunos.

O atendimento às escolas agendadas terá início às 8 horas no turno da manhã e às 14 horas no turno da tarde.

Para as escolas previamente agendadas, o MHAB desenvolve o projeto “Descobrimdo o Museu” que utiliza recursos lúdicos/pedagógicos visando discutir questões referentes à exposição “ Belo Horizonte- Tempo e Movimento da Cidade Capital”.

Os alunos poderão lanchar na parte externa do Museu que está aberta à partir das 7 horas.

Os alunos deverão ser orientados quanto da proibição de tocar nos objetos em exibição, beber, comer, chupar balas e mascar chicletes nas exposições do Museu.

As exposições não poderão ser filmadas e fotografadas.

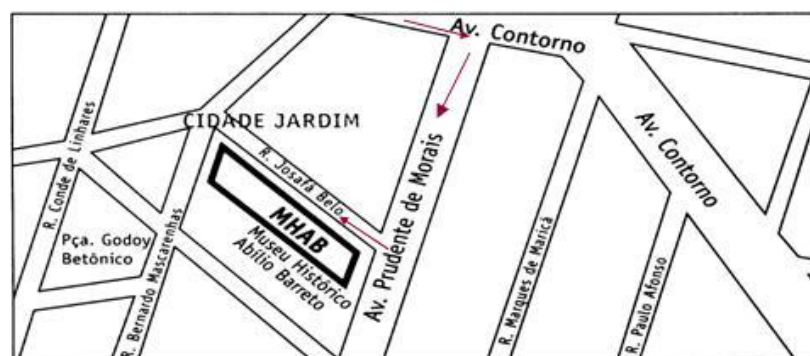
Durante a visita os alunos poderão portar de lápis, borracha e papel. Os demais objetos pessoais, bolsas, mochilas e lancheiras deverão ser guardadas na recepção do Museu.

Para explorar a exposição na área externa do Museu o Setor Educativo disponibilizará aos alunos o “Exercício de Leitura do Bonde” que deverá ser conduzido pelo professor.

Caso a escola não possa realizar a visita ao Museu no dia agendado, favor desmarcá-la com antecedência.

O Museu dispõe de local para o estacionamento de dois ônibus na rua Josafá Belo.

As exposições apresentadas pelo Museu estão abertas à visita de terça-feira à domingo, de 10 às 17 horas e nas quintas-feiras de 10 às 21 horas.



Avenida Prudente de Morais, 202, Bairro Cidade Jardim.

Telefone: (31)3277-8573.

ANEXO D – (continuação)

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Fundação Municipal de Cultura

Museu Histórico Abílio Barreto

CONFIRMAÇÃO DA VISITA

Por favor, preencha os dados abaixo e confirme a visita de sua escola, **com 15 dias de antecedência**, pelo e-mail: educativomhab@gmail.com ou fax : (31) 3277 8572.

Em caso de desistência, pedimos avisar com antecedência.

Nome da Escola: _____				
Responsável pela visita: _____				
Telefone: _____				
Data(s) da(s) visita(s):	Horário:	Nº de alunos:	Faixa etária:	Série:
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____

Objetivos da visita:

ANEXO D – (continuação)

Folder da Exposição: Belo Horizonte: Tempo e Movimento da Cidade Capital

ORIGENS

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO GUARDAR COMO FUNÇÃO E MISSÃO

Em maio de 1947, o presidente Juscelino Kubitschek criou o Museu Histórico Abílio Barreto em Belo Horizonte. O objetivo era preservar a memória da cidade e suas coleções de arte e arquitetura. O Museu foi inaugurado em 1951 e passou por várias reformas e ampliações ao longo dos anos. Hoje, o Museu é um dos principais pontos turísticos de Belo Horizonte e oferece uma rica programação cultural e educativa.

O CASARÃO, O CURRAL DEL REI E BELO HORIZONTE

Criouse então uma ideia que persiste até hoje: por ter sido o antigo arraial a localidade escolhida para receber a capital de Minas Gerais, passamos a considerá-lo o antecelso de Belo Horizonte. Esta ideia foi reforçada pelo empenho de Abílio Barreto e do então Senador do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual PHAN, órgão do Governo Federal) em preservar a antiga casa de fazenda do Leão, única edificação de características rurais que resistiu ao processo de urbanização da capital. Esta edificação, modesta construção rural erguida em 1883, tinha sobrevivido por estar longe do sítio onde a cidade se implantaria.

O Arraial do Curral del Rei foi demolido para dar lugar a nova capital do Estado de Minas Gerais. Como conhecer a povoação que desapareceu para dar lugar a moderna Belo Horizonte?

O acervo recolhido pelo Museu Histórico de Belo Horizonte nos oferece uma visão possível: são documentos da Comissão Organizadora da Nova Capital – fotografias, quadros, mapas, plantas e outros bens produzidos por determinação oficial, antes da demolição do arraial. Se quisermos saber como era o casarão, em sua simplicidade, o Museu guarda quase uma centena de fotos. Estas mostram a população local, os senhores, arquitetos, agrônomos, administradores e outros recém-chegados, ligando como "alunos principais" da grande produção que foi a criação da cidade.

Foi com esses registros "oficiais" que, em fevereiro de 1943, se inaugurou o Museu. Graças a Abílio Barreto, que recolheu e organizou esses objetos e documentos, temos hoje alguma ideia de como era aquele lugar. Mas esses são apenas os dados do Estado – tanto o MIBH quanto, antes dele, o Comissário, foram iniciativas oficiais, executadas com rigor científico, que tiveram a intenção de promover uma leitura única daquele conjunto de eventos.

Ao longo de cinquenta anos, o MIBH (que, em 1967, passou a ser chamado MHAH, em homenagem a seu fundador, morto em 1950) seguiu os mesmos objetivos que nortearam sua fundação, consentindo expostos que, no risco da dicotomia passada, não respondiam mais às demandas científicas e culturais dos modernos museus.





Museu Histórico Abílio Barreto Av. Triunfo de Minas, 202, Centro, Jardim CEP 30380-000 Belo Horizonte, Minas MG, T. 31 3277.8873 info@mhah.org.br Terça a domingo de 10h as 17h - Quinta-feira de 10h as 21h

O PRIMEIRO MÓDULO | Histórias de artefatos

Mas havia um "outro arraial", aquele que existiu ao longo dos dois séculos, uma pequena localidade perdida na península da região de lavras de ouro, produzindo gêneros de primeira necessidade para os centros de mineração. Um cotidiano daquele lugar quase nada foi registrado.

A vida cotidiana gera artefatos, que são objetos, coisas, dispositivos produzidos pelo esforço e trabalho humano. Os artefatos não apenas facilitam como tornam a vida possível. O Casarão do MIBH é uma "casa" – um arranha imaginado para apoiar funções vitais e produtivas, tomando mais fácil a vida daqueles que, tempos atrás, o construíram. Casas são artefatos, assim como cidades são arranha. Mas, no momento em que conservamos o Casarão, uma "casa em que ninguém mais mora", estamos, de certa forma, lembrando as pessoas que o construíram – e o mundo em que elas viveram. Algo que quisé a não esquecer. A "casa em que ninguém mais mora" se torna outra coisa: um suporte de memória.

Não o tratamos um monumento: algo cuja função é fazer lembrar.

BELO HORIZONTE TEMPO E MOVIMENTOS DA CIDADE CAPITAL

O SEGUNDO MÓDULO | A cidade conta sua(s) história(s)

A vida das cidades acontece na rua – e nelas que seus habitantes passam boa parte do tempo. Trabalhando, buscando os bens e serviços de que necessitam, deslocando-se de um lugar para outro, ou simplesmente passando, a população participa as ruas e logradouros públicos, mantendo com eles relações que vão da indiferença até o amor ou ódio.

Em busca do espaço, a cidade se expande como uma teia gorgoteira. Em 1897, Belo Horizonte estava delimitada por um projeto cientificamente estabelecido. Um exame superficial do planejamento da malha urbana deixa claro que o traçado não das ruas e a convergência para praças possibilitam o aproveitamento mais racional dos terrenos urbanos e o dedicamento simplificado dentro da cidade, assim como uma maior racionalização dos serviços públicos de saneamento e limpeza. Por volta da década de 1930, precisando de mais espaço, a cidade se expandiu, sendo traçados novos bairros, inclusive o Cidade Jardim, onde está localizado o MIBH. Aos anos 50 e 60, novas intervenções foram determinadas pela intensificação do uso do transporte motorizado: multiplicam-se os semáforos eletrônicos e desaparecem os ficos e os bondes – aqueles porque sujavam a cidade; estes porque atrapalhavam o tráfego agli dos veículos a motor. Nos anos 90, o centro é e é comemorado por uma metrópole de milhões de habitantes que não é mais exatamente a cidade pensada pelos engenheiros da Comissão e sonhada por aqueles brasileiros que, um século antes, se aglomeram, de qualquer jeito, modernos.

Mas, modernos ou não, as cidades são pontilhadas de monumentos, grandes e pequenos. A Praça da Liberdade é um monumento, como os prédios em torno dela também o são. As ruas das cidades têm nome porque aqueles que as idealizaram queriam facilitar a vida dos habitantes, mas também queriam legar ao futuro uma pequena amostra de seu tempo e de suas ideias. Quanto mais importante a rua, mais importante o nome que se dá a ela: Itan Fortes, Afonso Pena, Alves Cabral, Prudente de Moraes... Praça Sete de Setembro... Santos Dumont... Bialla... Goytacazes... As ruas lembram os homens e seu tempo.

A cidade, suas ruas, artefatos, monumentos e moradores constituem a memória, por caracalética, desta Museu. As histórias do Casarão, do MIBH e de Belo Horizonte fundem-se no tema desta exposição.

ANEXO D– (continuação)

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Fundação Municipal de Cultura

Museu Histórico Abílio Barreto



Belo Horizonte – Tempo e Movimentos da Cidade Capital

A exposição de longa duração do MHAB é constituída por dois módulos: o primeiro é exibido no interior do Casarão e o segundo, na área externa do Museu. Esta exposição possibilita ao visitante compreender aspectos da fundação de Belo Horizonte e de suas modificações ao longo de sua história.

A mostra pode ser explorada a partir de diversos eixos:

1. Pensar o Casarão do MHAB como bem tombado dos belo-horizontinos, remanescente arquitetônico do povoado que desapareceu para viabilizar o projeto da Nova Capital mineira. A edificação está gravada no imaginário dos moradores de Belo Horizonte como sobrevivente urbano da paisagem tradicional da localidade.
2. Conhecer o Arraial do Curral del Rei, povoação tipicamente colonial, localizada na periferia da região de lavras de ouro, tendo como base de sua economia, a produção de gêneros de primeira necessidade para os centros de mineração, através dos registros “oficiais” produzidos pelo governo e recolhidos por Abílio Barreto.
3. Discutir o modo de vida dos curralenses a partir de objetos da vida cotidiana e do próprio Casarão, que expressa o universo material de uma sociedade e de uma época, traduzidos em sua técnica construtiva, na disposição de seus cômodos e nas possibilidades de seu uso misto, como moradia e estabelecimento produtivo agrícola.
4. Analisar os significados da cidade planejada por Aarão Reis que queria romper com toda organização urbana que lembrasse o período colonial e imperial brasileiro. A cidade de Belo Horizonte foi construída seguindo um planejamento moderno, que representava urbanisticamente a nova experiência política brasileira: a república.
5. Explicitar as diversas formas como a cidade foi ocupada e transformada nos últimos cem anos, a partir de objetos que compõem o circuito expositivo da área externa.

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Fundação Municipal de Cultura

Museu Histórico Abílio Barreto

Exercício de Leitura

“O Bonde”

Apresentação

O bonde elétrico que está em exposição na área externa do MHAB é parte integrante da mostra “Belo Horizonte - Tempo e Movimentos da Cidade Capital”. Provavelmente o último a sair de circulação e único remanescente da antiga frota que existiu em Belo Horizonte, fez sua última viagem no ano de 1963 e foi incorporado ao acervo do museu em dezembro de 1968.

É uma das peças mais atraentes do acervo do Museu e sua riqueza de informações convida o visitante a exercitar sua observação. Visando estimular e orientar os estudantes a explorarem esse objeto, o Setor Educativo do MHAB elaborou o Exercício de Leitura “O Bonde”. A partir de uma série de perguntas, pretende-se conhecer aspectos da sociedade que o utilizou, levando os alunos a reconhecerem a historicidade intrínseca aos objetos. Nosso objetivo é que os alunos desenvolvam habilidades para investigar, analisar e interpretar os bens culturais, enfatizando o papel ativo do indivíduo na construção de conhecimentos.

Desenvolvimento da atividade

- Livre observação do objeto pelos alunos;
- Distribuição do “Exercício de Leitura” para os alunos ou o próprio professor, de posse do exercício, lança as perguntas aos estudantes. Não é necessário responder as questões por escrito;
- Os alunos podem circular livremente em torno do bonde, observando os pontos propostos no “Exercício de Leitura”;
- Conclusão: os alunos assentados lêem as informações sobre o bonde e apresentam suas próprias observações ou o próprio professor, orientado

pelas informações do “Exercício de Leitura”, discute com os alunos as respostas;

- Os alunos expressam, através de desenhos e/ou palavras, suas impressões sobre o bonde. O MHAB disponibilizará: prancheta, papel tamanho Ofício e giz de cera.

Exercício de leitura

“O Bonde”

ATENÇÃO !!!

SIGA PASSO A PASSO.

NÃO AVANCE NO EXERCÍCIO ANTES DE CONCLUIR AS ORIENTAÇÕES DE CADA PÁGINA.

NÃO ESCREVA NESTAS FOLHAS.

DEVOLVA DEPOIS DE USÁ-LAS.

Página do Olhar: aquilo que se vê

Você vai observar os detalhes do bonde.

Qual é a cor do bonde? De que material ele é feito?

Como são as suas rodas? Quantas são?

Como são os bancos? Quantos são?

Qual é a frente do bonde?

Onde estão as propagandas no bonde? Que produtos anunciavam?

Página do Construir: aquilo que se descobre

Você vai tentar descobrir para que servia e como funcionava o bonde.

Para que servia o bonde?

Como o bonde funcionava?

Como era cobrada a passagem?

Para que serviam as cortinas de lona?

Como as pessoas subiam no bonde?

Para que serviam as varas laterais de madeira?

O bonde circulava durante a noite?

Página do Sentir: aquilo que se sente

Você vai responder de acordo com o seu sentimento... com a sua imaginação...

O que você sente ao ver este bonde?

Como você imagina a cidade na época dos bondes?

O bonde lhe parece um meio de transporte perigoso? Você acha que aconteciam acidentes?

Você já se imaginou andando no bonde? Como seria essa experiência?

Será que é possível existir este meio de transporte hoje em dia? Por quê?

Página do Conhecer: aquilo que se sabe

A inauguração do serviço de bondes no ano de 1902 empolgou os moradores de Belo Horizonte. O primeiro dia foi de festa!

O bonde foi o primeiro transporte coletivo usado em Belo Horizonte.

Os primeiros bondes foram fabricados nos Estados Unidos e eram feitos de ferro, madeira e lona.

Os bondes andavam sobre trilhos e eram movidos a energia elétrica.

O motorneiro era encarregado da direção do veículo e responsável pela segurança no trajeto (freios, controle nos trilhos, etc).

O condutor cobrava as passagens, passando de banco em banco, circulando pelos estribos. Ele também controlava o itinerário, os horários, e orientava os passageiros.

Os estribos são os degraus de madeira que ficam dos dois lados do bonde e são usados para os passageiros entrarem no bonde .

Pelo fato de não fazer manobras, o bonde tinha duas frentes: ao chegar no final do trajeto, o motorneiro usava uma alavanca que mudava a direção do bonde. Os encostos dos bancos também mudavam de posição de acordo com a direção que o bonde seguia.

No início, os bondes circulavam apenas na área central da cidade . Aos poucos, novas linhas de bondes foram surgindo.

Os bondes não podiam andar lotados e os passageiros não podiam subir e descer com o veículo em movimento. Também não podiam viajar dependurados nos estribos.

Para garantir a segurança dos passageiros, foram colocadas varas móveis de madeira nas laterais dos bondes que impediam a passagem e diminuía o número de acidentes.

Os bondes tornaram-se um local de convivência, onde circulavam todas as classes sociais. Por isso eram muito usados para propagandas dos mais variados produtos

O bonde que está em exposição no Museu Histórico Abílio Barreto é o único que restou da antiga frota existente em Belo Horizonte. Fez sua última viagem no ano de 1963 e foi incorporado ao acervo do museu em 1968.

Página do Imaginar: aquilo que se imagina

Agora solte a sua imaginação...

Você vai registrar suas impressões sobre o bonde.

Você pode usar palavras, textos, poesia ou desenho.

Sempre que observar um objeto, olhe com atenção, perceba os detalhes, descubra para que serve, sinta as sensações que ele provoca, busque informações e use sua imaginação.
Quando visitar exposições, desenvolva esse olhar...

Novos acervos – MHAB 2003-2008

Situada no edifício-sede, a exposição de média duração “Novos acervos – MHAB 2003-2008” busca aproximar os diversos públicos usuários do Museu do universo de **objetos/documentos** incorporados às **coleções** da instituição a partir do ano de 2003.

A exposição reflete a expansão da política de acervos do MHAB que ampliou suas ações de identificação e aquisição de acervos a partir desta data, intensificando seu exercício de ver, ouvir e sentir o pulso e a vibração da vida das pessoas, instituições e eventos que formam a metrópole.

São apresentados pequenos itens da vida cotidiana, instrumentos de trabalho, documentos privados, depoimentos de gente comum e músicas que falam da cidade. Garrafinhas de iogurte e pop-cards aparecem ao lado de projetos e objetos de trabalho do renomado arquiteto italiano Raffaello Berti. Imagens capturadas pelas lentes da foto-jornalista Mana Coelho convivem com objetos colecionados pelo funcionário público aposentado Gilberto César de Castro. Máquinas de escrever e de contabilidade pertencentes ao contabilista Einar Lima se misturam a fragmentos de arquitetura recolhidos na cidade pela artista e intelectual Priscila Freire.

A partir da exposição dos fragmentos da vida na cidade, a mostra discute a necessidade de sua preservação. O conjunto forma uma representação do universo multifacetado da cidade que nunca cessa de ser construído e transformado.

ANEXO E – Tabela das Visitas Observadas

TABELA 1: Relação das escolas que foram acompanhadas durante a visita ao MHAB – 2009-2010

Instituição	Data	Rede de Ensino	Nível	Ano escolar	Área de Estudo	Responsável Registro de campo
1. E.M. Consul Antonio Kadar	17/02	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	5º ano 10 anos	Geografia e História	Soraia
2. E.E. Madre Carmelita	05/03 -M	Estadual	Ensino Médio	2º ano	Prof. Geografia Projeto BH-Sustentável	Soraia
3. E.M. Eloy Heraldo Lima	05/03 - T	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	5º ano	Visita Cultural	Soraia
4. E. M. Eloy Heraldo Lima	17/03	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	5º ano	História	Soraia
5. E.M. Artur Versiani Veloso	24/03	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	8ºs anos	Visita Cultural	Soraia
6. E.M. Eleonora Pieruceti	02/04	Municipal - RMBH I	Ensino Fundamental	5º ano	Português e História	Soraia
7. E.M. Jose Lucas Filho	14/04	Municipal - Contagem-MG	Ensino Fundamental	2º ano - 2º ciclo	s/registro	Soraia
8. E. M. Jardim Felicidade	16/04	Municipal - RMBH	Infantil/ Ensino Fundamental	5-6 anos/ 3º ano - 1º ciclo	-	Soraia
9. E.M. Acadêmicos Vivaldi Moreira	21/04	Municipal - RMBH	-	-	-	Luana
10. E. M. Jardim Felicidade	30/04	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	2º ano - 2º ciclo (8-9 anos)	-	Soraia
11. E. M. Mestre Ataíde	05/05	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	7º ano	Língua Portuguesa - Olimpíada de Português	Soraia
12. Colégio Sagrado Coração de Maria	12/05	Particular	Ensino Fundamental	8 anos	Generalista	Soraia
13. Colégio Chromos	14/05 -M	Particular	Ensino Fundamental	6º ano	História	Soraia
14. EM Prof. Cláudio Brandão	14/05 - T	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	2º ano - 1º ciclo (8 anos)	-	Soraia
15. E.M.	26/05	Municipal -	Ensino	8º ano	História e	Soraia

Marlene Rancante		RMBH	Fundamental		Geografia	
16. Escola Cristã de Contagem	30/06	Particular	Ensino Fundamental	3º ano - 1º ciclo (8 anos)	-	Soraia
17. E. M. Mestre Paranhos - Conjunto Santa Maria	02/07 - M	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	1º ciclo (1º; 2º e 3º anos)	Projeto Escola Integrada -PBH	Soraia
18. E.M. Mestre Paranhos	02/07 - T	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	-	Projeto Escola Integrada - PBH	Soraia
19. E.M. Florestan Fernandes	21/07	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	Diferentes anos escolares	Projeto Escola de Férias da RMBH	Soraia
20. E. M Agenor Alves de Carvalho	01/09	Municipal RMBH	Ensino Fundamental	-	-	Soraia e Luana
21. Escola da Serra	01/09	Particular	Ensino Fundamental	8- 9 anos	Projeto BH: Ontem, hoje e amanhã? Professora e (Guia Turístico)	Soraia
22. Colégio Magnum – Cidade Nova	17/09	Particular	Ensino Fundamental	4º ano (9-10 anos)	Geografia	Soraia
23. E.M. Prof. Melo Cançado	29/09	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	2º ciclo 10 -11 anos	Geo-História	Soraia e Luana
24. E. E. Prof. Pedro Paulo Penido	01/10 - M	Estadual	Ensino Fundamental	-	City Tour - BH	Soraia
25. Escola SESI- Sistema FIEMG	01/10 - T	Particular	Ensino Fundamental	3º ano – 1º ciclo	Promovida pela Escola	Soraia
26. E.M Francisco Campos	06/10	Municipal - RMBH				Luana (Filmagem)
27. Colégio Magnum	16/10	Particular	Ensino Fundamental	4ª – série 9-10 nos	-	Soraia
28. E.M. Francisco Campos	20/10	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	4ª série: 10 anos	Visita promovida pela Coordenadora Pedagógica	Soraia e Luana
29. Colégio Magnum	27/10	Particular	Ensino Fundamental	4ª série 10 anos	-	Soraia e Luana
30. Colégio Santa Maria	29/10	Particular	Ensino Fundamental	-	Empresa turismo pedagógico: Leal Turismo – Sem Agendamento	Soraia
31. E.M. Sebastina	05/11 - M	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	1º ano – 2º ciclo	-	Soraia

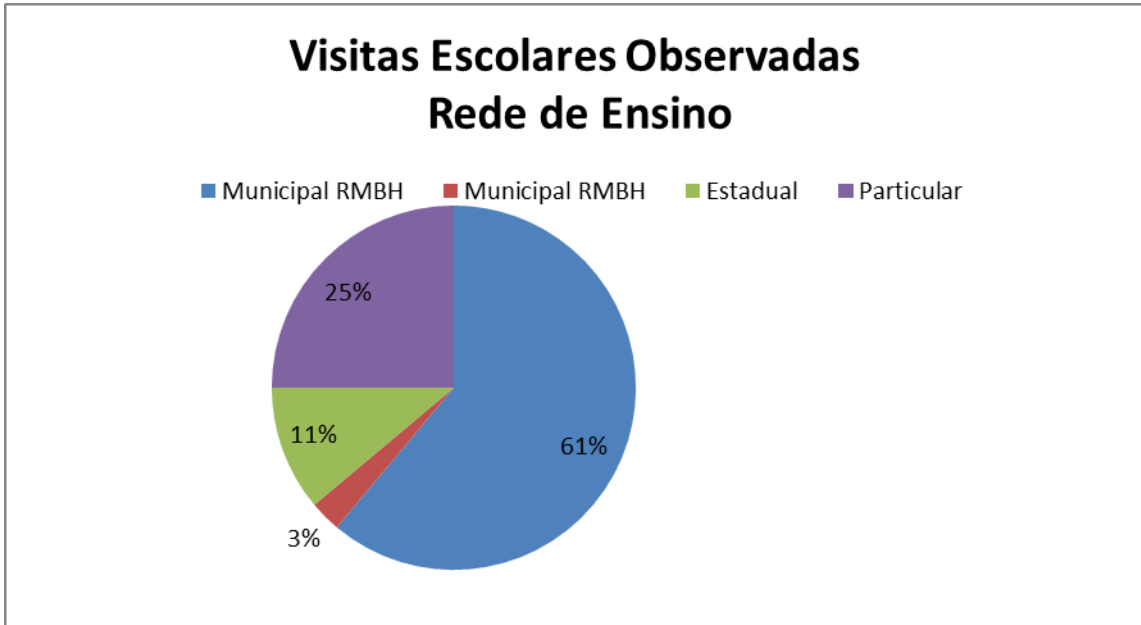
Novaes						
32. E.M. Prefeito Souza Lima	05/11 - T	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	2º ciclo	-	Soraia e Luana
33. E.E. Raul Teixeira da Costa Sobrinho	10/11	Estadual	Ensino Fundamental	-	-	Soraia
34. E.M. Oswaldo Cruz	20/01	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	Entre 10 e 14 anos	Projeto Escola nas Férias - PBH	Soraia
35. E.M. Oswaldo Cruz	21/01	Municipal - RMBH	Ensino Fundamental	Entre 10 e 14 anos	Projeto Escola nas Férias - PBH	Soraia

Estão em destaque (rosa e azul) as visitas que tiveram a participação da Bolsista de Iniciação Científica do Projeto Leme. Os registros de observação foram incorporados ao corpus documental da Pesquisa.

Do total de 35 visitas observadas 32 delas visitaram a *Exposição Tempo e Movimento da Cidade Capital* e as três últimas já encontraram o Casarão fechado para montagem da nova *Exposição Nos porões da razão, em nome da loucura*. Como foi dito, o Setor elaborou um roteiro alternativo para exploração do Casarão e da *Exposição O Casarão: da fazenda ao Museu histórico da cidade*, além do circuito na área externa do museu.

ANEXO F - Gráficos das visitas observadas

Gráfico 1 : Visitas Escolares observadas – Rede de Ensino



ANEXO F - Gráficos das Visitas Observadas (continuação)

Gráfico 2: Visitas Escolares Observadas - Nível de Ensino



ANEXO G - Tabela 2 – Descrição das situações observadas no Museu

Situações	Breve descrição das situações observadas
1	A professora trabalha com seus alunos a compreensão acerca do fazer do historiador e faz a visita ao museu tomando-o como lugar de memória e, portanto, fonte de saber histórico. (Visita Escolar: E.M, E.F, 17/02/09)
2	A professora afirma gostar de passear no museu, pois é um espaço agradável, não é cheio e eles atendem com atenção os alunos e professores. (Visita Escolar: EM. E.F., 17/02/09)
3	A professora desenvolve um projeto pedagógico sobre a cidade de Belo Horizonte - Projeto BH Sustentável - que envolve diferentes campos do conhecimento. A visita ao museu faz parte do processo de levantamento de elementos e informações que serão tratados e aprofundados em sala de aula. (Visita Escolar: E.E. E.Médio, 05/03/09)
4	A visita ao museu é desenvolvida pela escola como parte de um projeto educativo que possibilita aos alunos algumas vivências culturais na cidade. Os professores não estão diretamente envolvidos no Projeto Educativo e não há uma relação da visita com o projeto desenvolvido em sala de aula. As professoras que acompanham a turma são novatas na escola e afirmam não terem conhecimento sobre os objetivos da escola com a visita. (Visita Escolar: E.M. E.F., 05/03/09)
5	A professora está estudando a História do município de Belo Horizonte e organizou a visita ao museu com o objetivo de conhecer informações sobre a <i>“parte antiga da cidade”</i> . (Visita Escolar: E.M., E.F., 19/03/09)
6	A escola promove a visita aos alunos. O professor que foi destinado a acompanhar os alunos deixa a visita a cargo do monitor do museu e se ausenta do local para utilizar o telefone público. (Visita Escolar: E.M. EF, 24/03/09)
7	A professora solicita que os alunos copiem e respondam 15 questões de cada do roteiro de Leitura do bonde ²⁶⁵ que é uma atividade sugerida pelo museu e que pode ser desenvolvida pelo professor sem a presença de monitores. Os alunos reclamam da quantidade de questões, mas a maioria realiza a atividade. Alguns pedem para fotografar, mas a professora não os deixa sair antes de realizar a atividade proposta. (Visita Escolar: E.M. EF, 02/04/09)
8	A professora articula a visita ao museu ao conteúdo desenvolvido em sala e chega ao museu com um conhecimento do acervo e utiliza-se dos objetos para discutir questões dadas em suas aulas. Ela por vezes interfere na fala do monitor e faz observações acerca dos usos dos objetos. (Visita Escolar – E. M. E.F. 16/04/09)
9	A professora conduz a atividade Leitura do Bonde proposta pelo museu, mas durante um bom tempo ela se ocupa da disciplina e do comportamento e atitudes das crianças (exige silêncio, fala que o fato de estar em espaço aberto não a levará a falar mais alto). Como não conhecia atividade, tentou improvisar

²⁶⁵ Para lembrar ao leitor, a atividade Leitura do Bonde foi desenvolvida pela Equipe do Educativo do Museu Abílio Barreto e consta de um roteiro de leitura do objeto em exposição – o Bonde. Ele permite a exploração do objeto através da leitura de diferentes aspectos do Bonde e sua inserção no contexto histórico da cidade. Esse roteiro permite que o professor faça a mediação entre o objeto e os alunos, independente da presença do monitor do museu. Ver Roteiro de Leitura do Bonde – Setor Educativo do MHAB.

	<p>e logo as crianças manifestam interesse pelas questões e algumas se envolveram com a discussão proposta. Algumas crianças sobem no Bonde e um funcionário do Museu interfere explicando as razões pelas quais não podem subir no Bonde.</p> <p>(Visita Escolar, E.M. E.F, 30/04/09)</p>
10	<p>A monitora fala do desejo de modernização presente na comissão construtora da Nova Capital e da destruição do Arraial do Curral Del Rei para a construção de Belo Horizonte. As crianças perguntam por que a o Casarão não foi demolido, já que outras partes do Arraial o foram. A monitora elogia a pergunta e explica o fato da casa estar localizada fora dos limites da Avenida do Contorno inicialmente área limite do projeto da nova Capital.</p> <p>(Visita Escolar: E.M. E.F. 05/05/09)</p>
11	<p>A professora está desenvolvendo o projeto pedagógico <i>Ler para ser</i>, cujo tema é <i>O lugar onde vivo</i>. A visita ao museu pretende oferecer subsídios para as crianças trocarem informações sobre a cidade de Belo Horizonte com outras crianças de uma escola pública de Brasília. A professora interfere em alguns momentos da visita e estabelece relações com temas que estão sendo discutidos por ela em sala de aula.</p> <p>(Visita Escolar: E.M. E.F. 05/05/09)</p>
12	<p>A professora conduz o exercício de Leitura do bonde, mas as crianças são muito inquietas e dispersas, inviabilizando a realização da atividade.</p> <p>(Visita Escolar: EP EF, 12/05/09)</p>
13	<p>A professora demonstra familiaridade com o museu e chama atenção para alguns aspectos que não estão diretamente relacionados às exposições do museu, mas às estratégias que o museu tem para inclusão de portadores de necessidades especiais, e lembra aos alunos do relatório que precisam fazer em sala.</p> <p>(Visita Escolar - E.P. E.F. 14/05/09)</p>
14	<p>O grupo de crianças demonstra interesse, envolvimento e encantamento com a exposição e faz perguntas sobre os objetos em exposição. Após a mediação prevista, a educadora do museu deixa o grupo livre para que alunos e professoras possam explorar um pouco mais a exposição.</p> <p>(Visita Escolar, EM. E.F. 14/05/09)</p>
15	<p>O professor veio ao museu para fazer a introdução aos estudos sobre o advento da República. Para isso, ele parte de uma temática local que é a fundação da cidade de Belo Horizonte, como marco da República em Minas para dar início ao estudo de um tema da história nacional.</p> <p>(Visita Escolar, EM. E.F. 26/05/09)</p>
16	<p>Após algumas intervenções de caráter disciplinar a professora avisa que alguns alunos podem ficar aguardando no ônibus, enquanto os outros usufruem da visita. Após entrar no museu, a professora dá o seguinte procedimento: entrar, olhar e depois ouvir a explicação.</p> <p>(Visita Escolar, EP, E.F. em 30/06/09)</p>
17	<p>O grupo de criança mostrava-se muito cansado, pois já haviam visitado outros espaços culturais da cidade e, dali seguiria para a Praça da Liberdade.</p> <p>(Visita Escolar: E.P. - E.F. 01/09/09)</p>
18	<p>Ao entrarem no compartimento que representa o quarto de casal, uma criança pergunta por que a cama se encontra desarmada. O guia de turismo responde que é para permitir a circulação dos visitantes pelo quarto, já que a cama é muito grande.</p> <p>(Visita Escolar: E.P.E.F. 01/09/09)</p>

19	Na primeira sala da exposição no Casarão algumas crianças observam a vitrine com as chaves das casas do Arraial do Curral Del Rei que foram desapropriadas pela comissão construtora, enquanto outras querem anotar as informações da legenda de cada objeto. (Visita Escolar: E.P. E.F. 17/09/09).
20	Em volta da vitrine com as chaves das casas que foram demolidas no Arraial, a monitora pergunta o significado delas e sua relação com as imagens do antigo Arraial plotadas na parede. A monitora chama a atenção para a Legenda e convida os alunos a lerem juntos. (Visitas Escolares: E.M. E.F. 20/10/09 e E.M. E.F. 05/11/09)
21	Uma criança pergunta por que alguns objetos da exposição estão desmontados e a monitora explica que no museu os objetos perdem a sua função de uso e ganham outra função figurativa, simbólica. (Visita Escolar, 05/11/2009)
Legenda: E.M. – Escola Municipal E.E.- Escola Estadual - E.P. – Escola Particular E.F. – Ensino Fundamental – E.M. – Ensino Médio	

ANEXO H – Ficha Avaliativa Projeto Descobrimdo o Museu²⁶⁶



PROJETO DESCOBRINDO O MUSEU
Ficha Avaliativa

**ESTA AVALIAÇÃO CONTIBUIRÁ PARA MELHORIA DO NOSSO ATENDIMENTO.
SOLICITAMOS PREENCHÊ-LA FRENTE E VERSO E ENTREGÁ-LA AO MONITOR.
OBRIGADO.**

1) DATA DA VISITA: _____			PERÍODO: <input type="checkbox"/> MANHÃ <input type="checkbox"/> TARDE <input type="checkbox"/> NOITE ..		
2) NOME DA INSTITUIÇÃO: _____					
ENDEREÇO COMPLETO: _____					
BAIRRO: _____			CIDADE: _____		
TELEFONE: _____					
3) REGIONAL:					
<input type="checkbox"/> BARREIRO		<input type="checkbox"/> PAMPULHA		<input type="checkbox"/> LESTE	
<input type="checkbox"/> NORDESTE		<input type="checkbox"/> NOROESTE		<input type="checkbox"/> NORTE	
<input type="checkbox"/> CENTRO-SUL		<input type="checkbox"/> OESTE		<input type="checkbox"/> VENDA NOVA	
4) INSTITUIÇÃO:					
<input type="checkbox"/> PÚBLICA MUNICIPAL		<input type="checkbox"/> PÚBLICA ESTADUAL		<input type="checkbox"/> PÚBLICA FEDERAL	
<input type="checkbox"/> PARTICULAR		<input type="checkbox"/> OUTROS			
5) NÚMERO DE ALUNOS: _____		6) SÉRIE / CICLO-ETAPA: _____		7) FAIXA ETÁRIA:~	
8) QUAL O OBJETIVO A SER ALCANÇADO COM A VISITA AO MUSEU?					

9) ANTERIORMENTE À VISITA, FORAM DESENVOLVIDAS ATIVIDADES:					
<input type="checkbox"/> CRIADAS PELO PRÓPRIO PROFESSOR					
<input type="checkbox"/> SUGERIDAS PELO CURSO "ENCONTRO COM O MUSEU"					
<input type="checkbox"/> NENHUMA					
<input type="checkbox"/> OUTRAS (ESPECIFIQUE)					

10) VOCÊ PARTICIPOU DO CURSO "ENCONTRO COM O MUSEU" ?					
<input type="checkbox"/> SIM. QUANDO: _____					
<input type="checkbox"/> NÃO					
<input type="checkbox"/> OUTRO PROFISSIONAL DA INSTITUIÇÃO PARTICIPOU. QUANDO: _____					
11) VOCÊ RECEBEU O MATERIAL PREPARATÓRIO PARA A VISITA AO MUSEU ENVIADO PARA A SUA ESCOLA POR E-MAIL?					
<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO					

VIRE

²⁶⁶ Modelo de Ficha Avaliativa utilizada no ano de 2009.

ANEXO I - FLUXOGRAMAS

Museu e o Acervo



O Museu e o Conhecimento

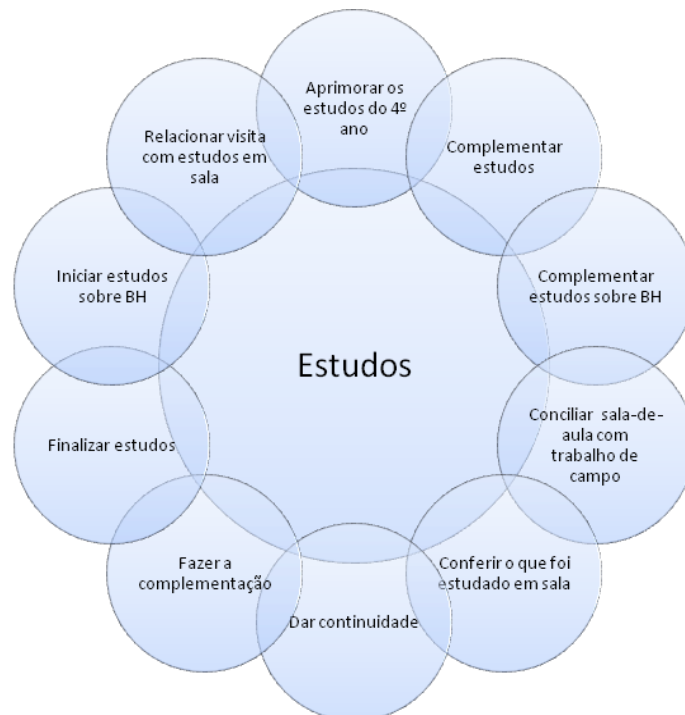


ANEXO I (continuação)

O conteúdo e o Museu

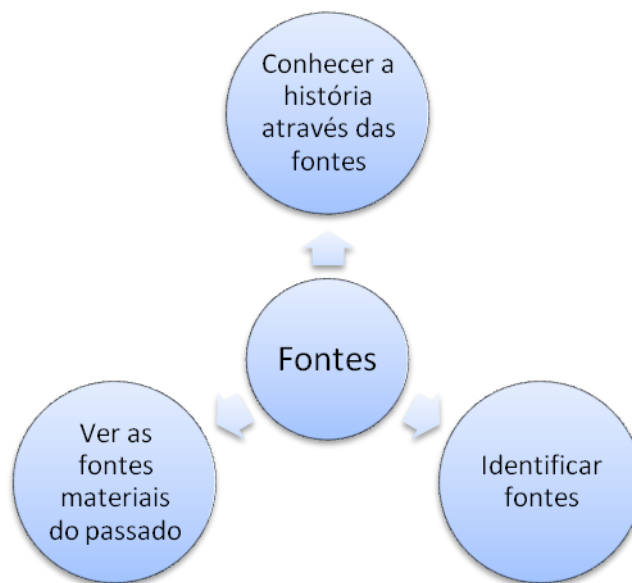


Os Estudos e o Museu



ANEXO I – (continuação)

O Museu e as Fontes

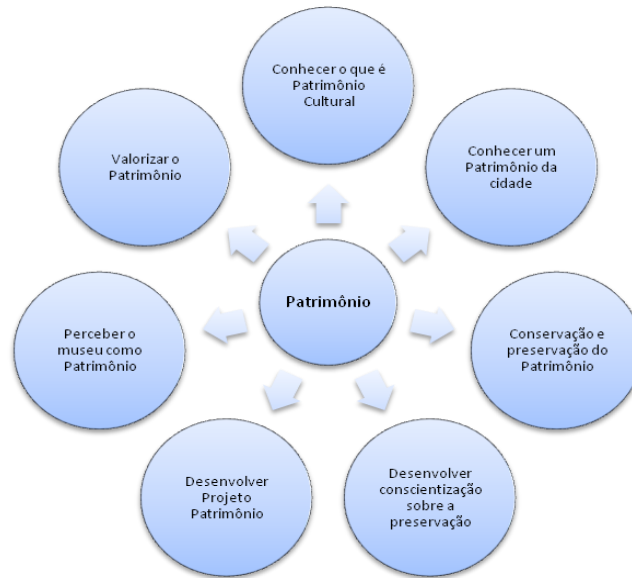


O Museu e a Memória

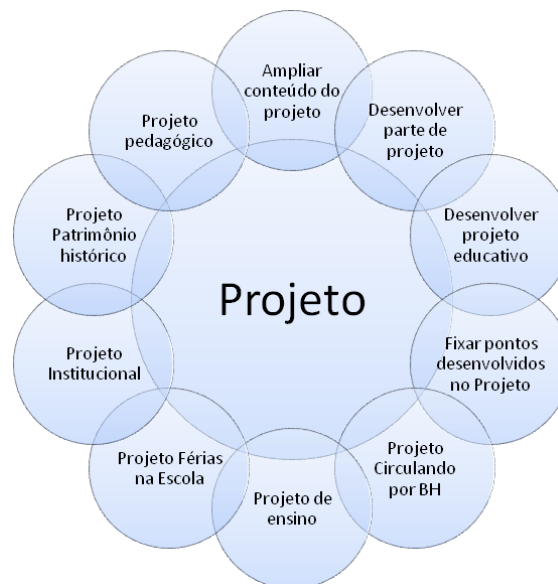


ANEXO I (continuação)

Museu e Patrimônio



O Museu e o Projeto

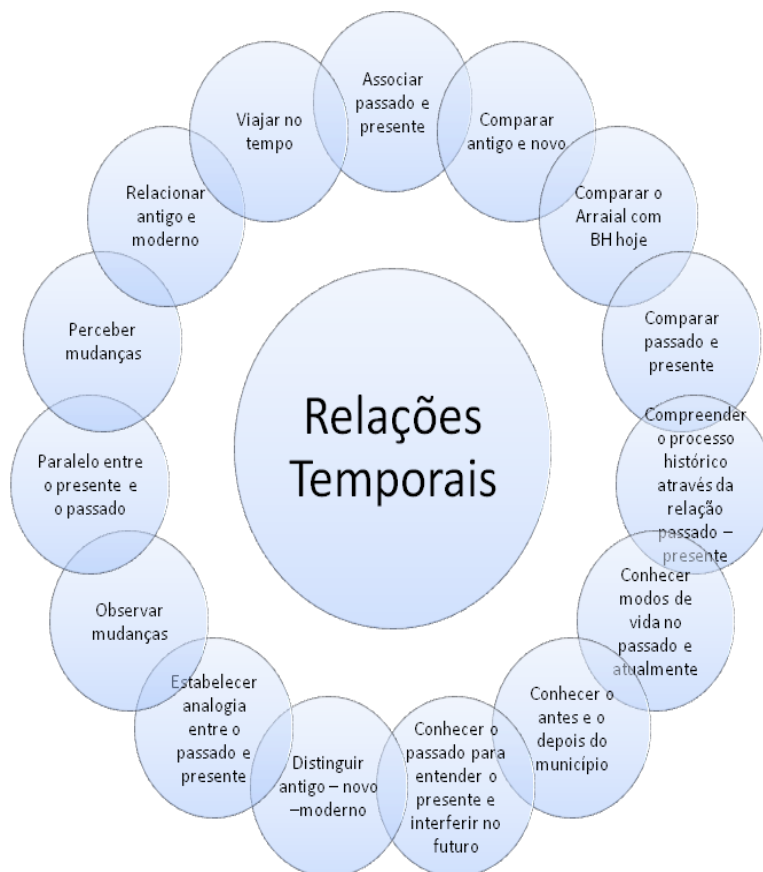


ANEXO I – (continuação)

Vivências Culturais no Museu



O Museu e o Tempo



ANEXO J - Roteiro da Entrevista

UFMG – Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação

Projeto de Pesquisa: O fenômeno da escolarização/descolarização dos museus e a construção de novas parcerias entre museu e escola

Aluna: Soraia Freitas Dutra

Orientadora: Dra. Silvania Sousa do Nascimento

Entrevista Número: _____

Data: _____

Dados do Entrevistado:

Nome do (a) Professor (a): _____

Escola: _____

Sexo: Masculino Feminino

Formação: Curso _____

Instituição: _____

Atuação (locais): Escola _____

Disciplinas que leciona: _____

Ano escolar: _____

Tempo de atuação na escola: _____

Tempo de atuação no magistério: _____

Roteiro para entrevista semi-estruturada:

1 - Da organização da visita:

A – Questões de infra-estrutura:

Conte-me como foi a organização da visita na escola.

Que tipo de apoio você recebeu para a organização da visita?

Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou na organização da visita?

O meio de transporte é oferecido pela escola ou pela rede de ensino?

Os alunos contribuem com as despesas do transporte?

2 – Sobre a preparação dos alunos para a visita:

Conte-me como fez a preparação dos alunos para a visita.

Os alunos já haviam visitado algum museu antes?

Como você preparou os alunos para a visita?

Forneceu alguma orientação sobre como se visita um museu?

3– Aspectos Pedagógicos

B 1 – Dos objetivos e estratégias:

Conte-me a respeito dos seus objetivos com a visita realizada ao museu?

A visita foi uma iniciativa individual ou de um grupo de professores?

Ela é parte de algum projeto coletivo ou é uma iniciativa isolada sua?

Realizou alguma atividade preparatória para a visita?

B 2 – Do material pedagógico:

Você usou algum material pedagógico para organizar a visita ao museu?

Você fez uso de algum material fornecido pelo museu?

Que outros materiais utilizou?

4 – Conhecimentos e informações sobre o Museu:

Você já conhecia o museu?

Você visitou o museu antes de preparar a visita com os alunos?

Você participou do curso Encontro com o Museu orientado para os professores?

Você recebeu o material distribuído pelo museu?

Você conhece a página do museu na Internet?

Ao agendar a visita você teve alguma dificuldade para encontrar vagas?

5 - Sobre a formação nas áreas: Museologia, Museografia e Educação Patrimonial, Educação e Museu ou Museu e escola

Você fez algum curso de formação sobre museologia, Educação Patrimonial ou sobre Museu e escola?

Na sua formação houve algum curso que abordasse o potencial educativo dos museus?

Você fez alguma visita orientada a um museu na sua formação?

Você participou de algum Seminário sobre essa temática?

Você estuda espontaneamente essa temática?

Você já participou de algum projeto abordando Museu e escola?

Você acha que os museus possuem um potencial educativo que o diferencia de outros mediadores?

6 – Durante a visita:

Conte-me como foi a sua visita naquele dia no Museu Histórico Abílio Barreto.

Você considera que a visita ao museu atendeu as suas expectativas?

A visita ao MHAB é dividida em dois módulos (Dentro do Casarão e Parte externa), você considera boa essa divisão?

Nos dois momentos da visita você foi acompanhado pelo monitor?

O que você achou da atividade organizada pelo museu para Leitura do Bonde?

O conteúdo abordado pelo museu atendeu as suas expectativas?

A metodologia utilizada pelo museu é adequada?

Os monitores forma claros nas explicações?

As estratégias de trabalho pedagógico desenvolvida pelo museu foram adequadas?

Na atividade dentro do Casarão, você percebeu interesse dos alunos?

E o conteúdo e a forma abordada pelo monitor dentro do Casarão contribuíram com os estudos dos alunos?

7– Depois da visita na sala de aula:

Conte-me como foi o trabalho desenvolvido em sala de aula após a visita ao museu.

Você considera que esta visita favoreceu a aprendizagem do conteúdo pelos alunos, ampliando o universo cognitivo dos alunos? Conte-me de que forma isso se deu.

Você utilizou de alguns objetos da exposição vistos no museu como fonte em alguma atividade desenvolvida em sala.

O material recebido pelo aluno foi utilizado em sala?

Como você avalia essa visita ao Museu como atividade didática?

ANEXO K – Transcrição das Entrevistas com os professores

Entrevista Número: 01

Sujeito: PM1

Local: Escola Municipal A

Data: 16/11/09

Duração:

Legenda:

Pesquisador: **Pes**

Sujeito: **Suj**

1. **Pes:** - bem a primeira coisa que eu queria saber é como é que foi a organização da visita aqui? se já é uma prática que vocês tem todo...
2. **Suj:** - é uma prática mesmo que a gente já faz.
3. **Pes:** - hunrum.
4. **Suj:** - nós que trabalhamos com o segundo ano do primeiro ciclo, que são os meninos de 9 anos, a gente estuda Belo Horizonte...
5. **Pes:** - hunrum.
6. **Suj:** - e quando a gente estuda Belo Horizonte nada melhor do que ir lá pro Abílio, né? porque lá no Museu tem a história toda do começo da cidade. então a gente usa mais pra fazer uma culminância. hora um culminância, hora um começo de estudo, vai depender da época que a gente consegue a organização pra ir pra lá. esse ano em especial nós conseguimos essa excursão no final do ano, então foi uma culminância.
7. **Pes:** - hunrum.
8. **Suj:** - desde o começo do ano que a gente estuda sobre a cidade, como que foi fundada e tudo e no final dos estudos a gente foi pra lá. e os meninos gostaram muito, porque eles, eles vêem ao vivo e a cores o que está escrito nos livros. tá bom assim?
9. **Pes:** - aqui e a organização aqui, vocês já têm um apoio? como é que é?
10. **Suj:** - a gente já tem...
11. **Pes:** - a coisa do ônibus, deslocamento...
12. **Suj:** - a gente tem a coordenação que ela, ela... ela que liga pra lá, que agenda o horário..
13. **Pes:** - e ônibus é fácil?
14. **Suj:** - a prefeitura arruma um ônibus pra gente, quando se trata de um excursão (.)
15. **Pes:** - hanrã.
16. **Suj:** - que tem um fundo de estudo eles arrumam a gente faz um projeto ...
17. **Pes:** - com certa facilidade ou não?
18. **Suj:** - é, não foi difícil não. esse ano não foi difícil não.
19. **Pes:** - hanrã.
20. **Suj:** - nós conseguimos os ônibus e foi tranquilo.
21. **Pes:** - e é gratuito. os meninos não pagam não. ou eles pagam alguma tarifa, assim?
22. **Suj:** - é depende, porque as vezes, isso aí quem vai te responder melhor é a coordenação.
23. **Pes:** - tá.
24. **Suj:** - aí você pode perguntar pra ela como que foi, porque que teve a taxa e tal.
25. **Pes:** - hunrum.
26. **Suj:** - aí ela é quem te explica melhor. porque às vezes é mais...
27. **Pes:** - na verdade eu quero entender só, assim, você de frente que assume ou você tem um apoio?
28. **Suj:** - não, nós temos um apoio muito bom aqui nessa escola.
29. **Pes:** - hunrum.
30. **Suj:** - que é a coordenação, que ela agenda tudo pra gente.
31. **Pes:** - ah. que bacana.
32. **Suj:** - a gente não precisa preocupar com essa parte não. ela faz tudo. a gente só tem o trabalho de levar as crianças e de estudar com eles.

33. **Pes:** - e as vezes pode ter contribuição dos meninos em termos financeiros ou não, né?
34. **Suj:** - é depende, depende... depende muito.
35. **Pes:** - hanrã... e em relação a preparação dos meninos pro museu, assim, eles já conheciam o museu? Ou já conheceram outros museus. é parte da programação curricular ir a museus?
36. **Suj:** - olha, faz parte da... principalmente o Abílio Barreto em especial, é um museu assim que eu sou até suspeita de falar, porque eu amo aquilo ali, né?
37. **Pes:** - é?
38. **Suj:** - nossa senhora. tenho verdadeira loucura, todos os anos a gente vai.
39. **Pes:** - ah. entendi.
40. **Suj:** - então, o ano que não dá pra ir eu vou ficar chateada.
41. **Pes:** - hanrã. e, assim, sobre... há um trabalho com os meninos antes da representação que eles tem de museu? Porque eles costumam ter uma representação assim: ah é chato e tal.
42. **Suj:** - chato...
43. **Pes:** - meu menino fica assim, por exemplo, eu falo “vamo lá no Abílio tem isso, tem aquilo” e aí...
44. **Suj:** - é, mais é porque tá dentro da história né? tá dentro da matéria. então a gente, quando a gente trabalha a matéria eu vou desde o começo do ano “olha se a gente for no Abílio, vocês vão ver isso”.
45. **Pes:** - ah. você já vai criando essa...
46. **Suj:** - é já vou criando já, quando eles chegam, já estão doidinhos pra ir.
47. **Pes:** - hanrã.
48. **Suj:** - assim, não comportam muito bem não, mas eles gostam. (*risos*) não é nenhuma mágica não, porque..
49. **Pes:** - então na verdade é uma iniciativa mais coletiva mesmo essa coisa de ir ao museu. são todas que vão daqui que vão desse ciclo inicial?
50. **Suj:** - da escola?
51. **Pes:** - é, que estão trabalhando terceiro, quarto ano.
52. **Suj:** - nós vamos todos. a gente combina muito.
53. **Pes:** - hunrum.
54. **Suj:** - são quatro primeiro anos do segundo ciclo e nós quatro fomos a esse museu, nós fomos. tem outros projetos também, a gente vai a outros locais.
55. **Pes:** - é hoje tem uma agenda aí, né? Pro museu de história natural. eu vi que a menina me falou.
56. **Suj:** - é a quinta série. é de acordo com a, com o que eles estão estudando. Por exemplo, o pessoal da quinta, antiga quinta série, que é o terceiro ano do segundo ciclo e o segundo ano, eles não vão no museu, no Abílio.
57. **Pes:** - hunrum.
58. **Suj:** - porque uma: geralmente eles já foram.
59. **Pes:** - entendi.
60. **Suj:** - né? Porque eles já foram... quando eles já estão aqui na escola desde cedo eles já foram e a gente já tem essa prática. e, aí então eles vão a outros lugares, de acordo com o estudo que eles estão fazendo. museu a gente só vai nesse sentido. Só se a gente for, só se estiver de acordo com o que está estudando, se não tiver.. ir por ir a gente não vai não.
61. **Pes:** - ah.
62. **Suj:** - museu, outros lugares, nós fomos no aterro sanitário, por exemplo, a gente teve um projeto na escola.
63. **Pes:** - hunrum.
64. **Suj:** - então, teve toda uma organização. a gente não vai por ir não.
65. **Pes:** - hunrum.
66. **Pes:** - e você usou, assim, algum, algum material pedagógico pra organizar essa visita ao museu, fornecido pelo museu? alguma coisa que o museu forneceu antes ou...
67. **Suj:** - é lá, lá eles já têm toda uma organização que a gente até conhece, sabe? é, eles mandam uns encartes pra gente trabalhar com eles, tem texto, tem perguntas.
68. **Pes:** - hunrum.
69. **Suj:** - tem desenhos. os meninos fazem lá e a gente traz pra fazer também. esse. o outro que nós fizemos foi no aterro, lá também teve material. Às vezes manda antes, às vezes a gente vem com o material.

70. **Pes:** - e você fez alguma específica preparatória pro dia lá antes? Se preparando pra visita lá com os meninos? alguma atividade específica assim com eles?
71. **Suj:** - oral né? igual eu estou te falando a gente já trabalha a história de Belo Horizonte desde...
72. **Pes:** - é bem ligado mais ao conteúdo.
73. **Suj:** - ao conteúdo. é. e a gente fez foi, como é que fala? desenhos do, da, do bonde.
74. **Pes:** - ah. do bonde.
75. **Suj:** - tem até exposição na sala se você quiser ver depois.
76. **Pes:** - tem? ah eu quero. Se você deixar eu quero.
77. **Suj:** - você quer subir?
78. **Pes:** - mas aí a gente termina, falta uns pontos, falta uns três, quatro pontos.
79. **Suj:** - termina aí tem a exposição, tem a minha sala, tem a outra sala também.
80. **Pes:** - hanrã. Se você quiser me dar algum caderninho ou alguma atividade também, pra eu dar uma olhada ou ver só...
81. **Suj:** - nós fazemos prova.
82. **Pes:-** ah. é?
83. **Suj:** - nós fazemos prova escrita também.
84. **Pes:-** ah eu quero, se você é claro me permitir.
85. **Suj:** - assim, não é nada complicado não.
86. **Pes:-** é também são para os meninos pequenos.
87. **Suj:** - exato. eles são pequenos e também não é todo mundo que vai.
88. **Pes:-** hunrum.
89. **Suj:** - mas mesmo quem não ai tem condições de fazer.
90. **Pes:-** entendi. você está falando todos os alunos, né?
91. **Suj:** - nem todo mundo, nem toda mãe autoriza, porque tem que ter autorização, nós temos meninos deficientes na sala, (...).
92. **Pes:** - ah. entendi.
93. **Pes:** - você fez o curso do museu, aquele encontro com o museu, você chegou a fazer?
94. **Suj:** - não. não fui eu quem fiz.
95. **Pes:** - mas teve um professor...
96. **Suj:** - eu (.) ... geralmente tem um que faz, eu não sei se a pessoa fez. eu não, porque eu trabalho o dia inteiro, é complicado pra eu sair... esse curso eu não fiz.
97. **Pes:** - e você já fez algum outro curso que trata da educação para o patrimônio?
98. **Suj:** - não.
99. **Pes:** - ou museologia, ou alguma coisa nessa área, assim?
100. **Suj:** - não.
101. **Pes:-** Sua formação é em que?
102. **Suj:** - é pedagogia.
103. **Pes:** - é Marina, né?
104. **Suj:** - é.
105. **Pes:** - na Pedagogia você teve alguma discussão sobre o uso de museus, essas coisas ou você veio..., seu gosto veio pela prática ou veio pela formação?
106. **Suj:** - eu acho... não. não foi pela formação não. Porque antes, tem mais de 10 anos que eu formei, então eu nem lembro mais. (*Risos*)
107. **Pes:** - não tinha nenhuma matéria específica não na faculdade, assim, que tratasse isso que você se lembre, né?
108. **Suj:** - não. isso não, específica não. a gente vai porque “olha tem isso. isso dá para incluir nos nossos estudos.”, “olha que bem que vai ser quando o menino ver o que a gente está lendo.”
109. **Pes:** - hunrum.
110. **Suj:** - é mais nesse sentido assim. e eles adoram, nunca peguei uma turma que levasse e que eles não gostasse.
111. **Pes:** - hunrum.
112. **Suj:** - todos adoram. eles voltam de lá, nó..

113. **Pes:** - e você acha que o museu tem um potencial educativo diferente de outras, de outras intervenções, por exemplo? você acha que tem um apelo maior ou alguma coisa que é...
114. **Suj:** - eu acho que tem. eu acho que tem. Lá tem monitores muito bem preparados que responde perguntas que até a gente mesmo não sabe. né? Porque história é muito complexo. não é uma coisa simples igual a matemática que você resolve, entende? então tem detalhes, olha pra você ver, quase todos os anos eu vou. então ainda tem monitores que contam histórias do acontecimento, da fundação da cidade, que eu não sei.
115. **Pes:** - hunrum.
116. **Suj:** - daí eu fico sabendo lá. então, muito legal.
117. **Pes:** - aqui teve algum projeto do museu? aquele projeto do museu na escola não, né?
118. **Suj:** - não.
119. **Pes:** - não teve nenhuma atividade, né? eles tem um projeto que chama “onde mora minha história?” não aconteceu aqui não, né?
120. **Suj:** - não. tem vários projetos, mas esse não tem não.
121. **Pes:** - esse acho que é de iniciativa do museu, né? não é uma escola que teve esse... parece que eles escolheram umas escolas em diferentes regionais, mas aqui não, né?
122. **Suj:** - não.
123. **Pes:** - porque eu to vendo que já tem uma frequência dessa escola lá, né? eu já vi que tem várias pessoas agendadas.
124. **Pes:** - e naquele dia especificamente como é que foi a visita assim?
125. **Suj:** - olha foi bem tranquilo assim. ela divide em dois grupos porque vão mais de quarenta alunos, né? até falo de início, porque se for de um grupo grande só a casa é pequena e ela nem dá conta, né?
126. **Pes:** - é.
127. **Suj:** - aí foi dividido em dois grupos, aí uma parte ficou do lado de fora fez a visita porque do lado de fora também tem. e a outra parte foi para dentro. e lá também tem um museu, um museu não, tem um espaço, por dentro lá, uma galeria que tem umas curiosidades também. então essa turma que ficou do lado de fora foi pra esse espaço, foi do lado de fora, fez o trabalho que eu vou te mostrar lá em cima agora, fez o trabalho da locomotiva.
128. **Pes:** - do bonde?
129. **Suj:** - do bonde, né? e o outro grupo foi pra dentro da casa. aí tem a monitora, que ela conta toda a história de como que foi, explica cada objeto que tem lá, como é que é a casa, porque a organização da casa é daquele jeito, diferente das casas de hoje, né? e depois troca os grupos. o grupo que estava do lado de fora, entra pra dentro da casa com a monitora e o grupo que estava dentro, sai e vai fazer o trabalho fora.
130. **Pes:** - e você ficou sozinha lá na parte externa?
131. **Suj:** - dessa vez eu fiquei. porque nesse caso, naquele dia específico não tinha monitora pra parte externa. mas das outras vezes teve monitora. o que é muito melhor, né? o monitor, né?
132. **Pes:** - você prefere com o monitor?
133. **Suj:** - eu prefiro com o monitor, porque as vezes, eles falam detalhes que a gente não percebeu (.)
134. **Pes:** - hunrum.
135. **Pes:** - fala muitos detalhes que a gente não percebeu. eles estão mais por conta daquilo ali, então eu acho mais interessante com o monitor.
136. **Pes:** - e aquela atividade da leitura do bonde, você teve a oportunidade de ver, de trabalhar com os meninos?
137. **Suj:** - eu tive sorte, porque eu já tinha visto como que a monitora trabalhava.
138. **Pes:** - ah. entendi.
139. **Suj:** - então eu tive sorte, mas os meninos adoraram.
140. **Pes:** - porque tem toda uma orientação pra trabalhar com o bonde assim, exatamente prevendo... porque eu também sou professora, né? de primeira a quarta, já levei muitas vezes os eles lá. eles preparam, né? deixam aquela meio que pro professor conduzir também. acho que tem isso, exatamente prevendo alguma falta. você gostou daquela proposição, do roteiro, né? do roteiro que pergunta as cores, “qual é cor do bonde?”. depois você anda...
141. **Suj:** - é isso vem depois né? depois que...

142. **Pes:** - depois que faz o percurso, né?
143. **Suj:** - eu acho interessante, eu acho que não fiz tão bem feito como a monitora não, mas eu fiz mais ou menos.
144. **Pes:** - hanrã. mas assim, você acha que essas atividades, elas são adequadas pra faixa etária?
145. **Suj:** - adequadíssimas. e eles ficaram muito interessados ...
146. **Pes:** - hunrum.
147. **Suj:** - porque tem uma, o bonde, por exemplo, é uma, é um meio de transporte que a gente nem vê em canto nenhum, né? então assim, tem umas situações dentro que é bem interessante. igual o banco que move.
148. **Pes:** - que vira, né?
149. **Suj:** - os dois.
150. **Pes:** - os dois lados, né?
151. **Suj:** - são partes, são frentes, né?
152. **Pes:** - hanrã.
153. **Suj:** - é muito interessante, os meninos ficam maravilhados, porque hoje não tem nenhum meio de transporte neste estilo.
154. **Pes:** - e você, é assim, porque a gente percebe no museu que tem essa atividade que é mais por conta do professor, aquela dentro da casa que é mais orientada e tem a presença do monitor mais fortemente, né?
155. **Suj:** - hunrum.
156. **Suj:** -você acha que o monitor ele, ele ao falar, né? ao cumprir o programa lá que eles têm, ele acaba favorecendo o diálogo com os meninos? a participação...
157. **Suj:** - nó. claro.
158. **Pes:** - e com os professores também?
159. **Suj:** - e essa última que teve eu achei ela maravilhosa, como é paciente. (*risos*) e fala de uma forma simples que eles dão conta de entender, conta a história com poucas palavras e...
160. **Pes:** - e, e, o que tem chama a atenção no casarão, assim, em termos de intervenção do professor, assim, desculpa, do guia, do monitor? por que a brincadeira...
161. **Suj:** - tem.
162. **Pes:** - tem umas estratégias assim...
163. **Suj:** - eu achei, porque ela faz umas brincadeiras mesmo. eu achei interessante porque a criança vai... Só falar, falar, eles não dão conta disso mesmo não.
164. **Pes:** - hunrum.
165. **Suj:** - aí esse momento, por exemplo, é uma coisa interessante. parar, vamos ouvir, porque é uma brincadeira até para ouvir. então isso eu achei bem legal, porque eles param um pouquinho, descansam um pouquinho e depois retomam. isso eu achei mais interessante.
166. **Pes:** - hunrum.
167. **Suj:** - interessante ela usar esse recurso pra dar uma 'quetada' né? na turma.
168. **Pes:** - hunrum. as vezes eles pedem até pra sentar, né? quando eles estão mais agitados, eles pedem pra sentar em cada cômodo, né?
169. **Suj:** - é pra poder dar uma acalmada. isso é bom.
170. **Pes:** - bem eu queria só que você me contasse assim como é que foi o trabalho desenvolvido em sala após o seu retorno, assim? acha que contribuiu com o seu trabalho pedagógico e de que forma você acha que isso contribuiu assim?
171. **Suj:** - olha, contribui, é claro que contribui. e eles ficam mais interessados pelo assunto (.)
172. **Pes:** - hunrum.
173. **Suj:** - porque eles foram lá, eles viram. tudo que é visto é mais interessante, né? e eles ficaram mais, procuraram saber um pouco mais.
174. **Pes:** - curiosos?
175. **Suj:** - curiosos. procuraram saber mais, melhor. no outro dia vieram com notícias. vão na internet, procuram. é, pesquisaram sobre o assunto. então eu acho que é ótimo.
176. **Pes:** - você chegou a fazer uso do site deles, das imagens que tem no site deles? você conhece o site do Abílio Barreto?
177. **Suj:** - não.

178. **Pes:**- eles na verdade tem da, da... a Associação dos Amigos do Museu é que tem, né?
179. **Suj:** - você tem o endereço?
180. **Pes:**- eu tenho.
181. **Suj:** - porque os meninos costumam fazer, entrar. eu não entro muito não, não sou muito chegada não.
182. **Pes:** - é da Associação dos Amigos do museu.
183. **Suj:** - você anota pra mim?
184. **Pes:** - depois eu anoto pra você direitinho.
185. **Pes:** - você anota pra mim, depois eu passo pra eles. aqui na escola nós estamos com problema na sala de computação, mas eles levam pra casa, eles é...
186. **Pes:** - só pra finalizar, assim, você acha que, e o material que eles disponibilizaram, você acabou usando depois? aquela maquete?
187. **Suj:** - não. a maquete eu não usei não.
188. **Pes:** - não sei se você recebeu?
189. **Suj:** - recebi. a maquete eu recebi e os folderzinhos e tal, mas a maquete eu não montei ainda não.
190. **Pes:** - e algum objeto do museu você acabou trabalhando ele como fonte de conhecimento, alguma coisa mais específica assim?
191. **Suj:** - só o bonde.
192. **Pes:** - ah. o bonde. e aí você trabalhou um pouco com história dos transportes? como é que você fez o gancho assim?
193. **Suj:** - trabalhei assim como que era, como que funcionava naquela época, porque que era assim..
194. **Pes:** - ah. é isso. Marina é isso que eu queria que você contasse pra mim. aí se você me permitir ver o material dos meninos eu vou gostar.
195. **Suj:** - ah. é, vamos lá sim. não sei se te ajudou?
196. **Pes:** - ajudou muito.
197. (encerrada a entrevista professora e pesquisadora se dirigiram à sala de aula).

Entrevista Número: 02
Sujeito: PR2
Local: Escola municipal A
Data: 16/11/09
Duração: 15:29''

Legenda:

Pes: Pesquisador

Suj: Sujeito

1. **Pes:** - então, a idéia é assim... como é que foi essa organização da visita, mesmo assim, do ponto de vista da estrutura? como é que foi? que tipo de apoio vocês recebem... se vocês tem recursos para isto, né? que dificuldades vocês encontraram nesse... nesse processo.. como é que já é isso aqui na escola.. você que vêm de um lugar de coordenadora... como é que é isso?
2. **Suj:** - essas visitas já faz parte quase que do calendário, né? do processo, né? sempre a gente... os professores que trabalham com ciclo sempre tem o conteúdo para dar... e o museu sempre é uma... uma visita né? sempre assim boa. com. Um bom jeito de levar os meninos para tá olhando, analisando, vendo eles mesmos, né?
3. **Pes:** - hunrum.
4. **Suj:** - pra tá estudando aquele conteúdo, né?
5. **Pes:** - hunrum.
6. **Suj:** - então ele sempre, praticamente faz parte do calendário da escola. então assim, a organização é isso. tá trabalhando o conteúdo, né? e depois tá geralmente fechando conteúdo com a visita.
7. **Pes:** - hunrum
8. **Pes:** - mas assim em termos de apoio mais infraestrutural aqui é tranquilo? você tem tranquilidade de conseguir ônibus, de conseguir recursos... ou os meninos tem que pagar...
9. **Suj:** - não aqui é tudo... os meninos tem que pagar. Apesar de que aqui tem a caixa escolar, mas não dá conta de pagar para to:::dos né? é que são várias as excursões que eles fazem, né? cada projeto praticamente... cada ano, cada série, etapa, termina com uma excursão. então geralmente eles pagam o ônibus.
10. **Pes:** - e eles já tinham visitado o museu ou algum museu antes? é assim este museu ou outro museu...
11. **Suj:** - estes meninos especificamente não sei lhe dizer não. mas a escola tá sempre em museu. igual eu lhe falei. história natural.
12. **Pes:** - hunrum.
13. **Suj:** - Nós já fomos naquele do coração eucarístico, né? nós vamos no horto. agora esse Abílio Barreto... eu já estive já alguns anos com uma turma minha da tarde. eu tô sempre lá.
14. **Pes:** - hunrum.
15. **Suj:** sabe? sempre em museu... eu visito zoológico. então eu tô sempre saindo. apesar que a prefeitura tem ônibus, entendeu?
16. **Pes:** - hunrum.
17. **Suj:** - mas temos cota. eles tem ônibus... sede ônibus para excursão, mas tem uma cota por escola.
18. **Pes:** - entendi.
19. **Suj:** - a gente esgota a cota, né?
20. **Pes:** - escola grande...
21. **Suj:** - 24 turmas, né?
22. **Pes:** - ah é uma escola grande.
23. **Pes:** - e é só ensino fundamental né? de primeira a quarta ou... ou... da...
24. **Suj:** - quinta
25. **Pes:** - da quinta?
26. **Suj:** - dois ciclos né? 1º e 2º ciclo.
27. **Pes:** - hoje não tem mais a quarta, é quinta né? a gente velho de escola..
28. **Suj:** - 3º ano.
29. **Pes:** - que é correspondente ao que tinha quinta série.

30. **Pes:** - e vocês fizeram assim alguma preparação específica assim para ir a esse museu? preparação que eu digo assim... dos meninos? do comportamento, essas coisas assim.
31. **Suj:** - ah. sempre tem né? conversa com os meninos como comporta, o que que vai ver, qual olhar que vai ter, né?...sobre o museu.
32. **Pes:** - hã.
33. **Suj:** - sempre as professoras trabalham com eles.
34. **Pes:** - hunrum.
35. **Suj:** e depois também. sempre tem desenho. uma produção. uma coisa assim.
36. *(Telefone toca)*
37. **Pes:** - e o objetivo assim mais específico da visita. é um objetivo assim mais colado com.. você falou um pouco do conteúdo, né?
38. **Suj:** - é sempre com o conteúdo. sempre colado com o conteúdo.
39. **Pes:** - e tem algum projeto coletivo assim. porque eu vi que uma vai, outra vai, outra vai, outra vai também
40. **Suj:** - não. projeto coletivo não tem não. nosso projeto coletivo, escola toda, nos temos três projetos. é... o meio ambiente, foi o primeiro que nós... não, o primeiro foi cidadania. nós fizemos isso no primeiro trimestre. no segundo trimestre foi o meio ambiente, né? que nos 'tamos' até fechando ele aqui. agora nós já estamos até num terceiro projeto que é arte e movimento. esse é o global que a escola toda envolve. agora, cada... é... cada etapa faz uns projetos de acordo com o conteúdo, pra desenvolver com o projeto. a gente não faz um só assim não.
41. **Pes:** - mas eu digo assim o fato de ter uma professora, outra professora, tudo que vai ao museu. são iniciativas delas individuais?
42. **Suj:** - não. isso aí é... quem foi é.. por que lá só comporta 40 alunos né?
43. **Pes:** - hanrã.
44. então foi todo o primeiro ano. antiga terceira série...
45. **Pes:** - mas é uma orientação sua? por exemplo, a coordenadora ou...
46. **Suj:** - não. (inaudível) a gente não interfere. de acordo com o que eles estão estudando elas trabalham juntas, né?
47. **Pes:** - hanrã.
48. **Suj:** - são quatro salas na mesma etapa.
49. **Pes:** - entendi.
50. **Suj:** - então como lá comporta 40... então foi primeiro... foi esta, depois foi outra, depois foi outra, porque não dava para ir todo mundo né?
51. **Pes:** - é.
52. **Suj:** - se comportasse todo mundo saía toda... toda escola saía.
53. **Pes:** - todo mundo junto, né?
54. **Suj:** - mas aí é elas que conversam: "há isso aqui a gente podia fazer assim", entendeu?
55. **Pes:** - entendi.
56. **Suj:** - "a gente faz assim. a gente fecha assim. ou a gente inicia assim"... aí é elas... a gente tem pouca reunião né? mas é elas que procuram a coordenação.
57. **Pes:** - hunrum.
58. **Suj:** - e falamos.
59. **Pes:** - legal.
60. *(Uma Pessoa entra na sala interrompe a conversa para perguntar por Fernanda e pedir um saco plástico.)*
61. **Pes:** - e, e, vocês prepararam algum material pedagógico, elas prepararam sobre sua... por que a seu.. sua função de coordenação é junto aos professores também?
62. **Suj:** - também, né? agora tem a márcia que não veio hoje, que ela é mais pros projetos, né?
63. **Pes:** - hã. tá.
64. **Suj:** - para desenvolver os projetos... pra acompanhar os projetos. e o meu é mais para a disciplina do aluno, né? e ficar na falta dela, né?
65. **Pes:** - entendi.

66. **Suj:** - agora... mas foi desenvolvido o projeto... a gente não tem tempo pra sentar e desenvolver projeto de verdade, né?
67. **Pes:** - hanrã.
68. **Suj:** - pra você vê, hoje a márcia não veio, nenhuma das duas estão aqui. então a escola é essa coisa...
69. **Pes:** - sala de aula é urgente, né?
70. **Suj:** - é. a outra coordenadora tem uma que é mais eventual, ela está na sala de aula to:::do santo dia, né? reunião pedagógica a gente tem garantida assim uma vez ou outra, por causa das oficinas que a gente desenvolve as sextas. então não tem tempo pra gente sentar e desenvolver projeto assim não. então geralmente eu... etapa que elabora né? vamos dizer assim, esse projeto, ou esse plano de educação, vamos dizer assim, coloca pra gente e vê as necessidades com a gente.
71. **Pes:** - entendi. vocês são mais um apoio para viabilizar. entendi.
72. **Suj:** -: a gente vai mais dando apoio. a gente não leva muita coisa, imposição assim.
73. *(Outra interrupção na conversa para dar recado aos alunos)*
74. **Pes:** - ô::ô.. Rebeca: - e você também é professora? está esse ano coordenadora? mas depois você pode voltar a sala de aula?
75. **Suj:** - é. é assim
76. **Pesq:** - você já esteve professora também?
77. **Suj:** - aliás ou dou aula a tarde.
78. **Pes:** - hã você dá aula a tarde.
79. **Suj:** -: as pedagogas mesmo... aqui na escola, ... por um acaso tem duas. mas elas estão acabando.
80. **Pes:** - hanrã.
81. **Suj:** - a prefeitura não faz mais concurso né?
82. **Pes:** - é. entendi.
83. **Suj:** - então tem uma aqui de manhã que é a Márcia e tem outra a tarde. então, essas aí ficam mais pros projetos, a escola resolveu assim.
84. **Pes:** - entendi.
85. **Suj:** - mas muitas das.. acho que são cento e poucas né? na rede.
86. **Pes:** - agora tá acabando, né?
87. **Suj:** - não tem mais.
88. **Pes:** - tá em extinção, como diz a *(inaudível)*.
89. **Suj:** - tá tudo eleita. coordenação eleita junto com direção.
90. **Pes:** - ha... então, já com coordenação menina? não sabia.
91. **Suj:** - mas quem elege é o professor.
92. **Pes:** - entendi.
93. **Pes:** - e você trabalha aqui a tarde?
94. **Suj:** - trabalho a tarde.
95. **Pes:** - dando aula?
96. **Suj:** - hanrã
97. **Pes:** - e você levou seus meninos também?
98. **Suj:** - não, não levei. eu trabalho matemática a tarde.
99. **Pes:** - ah. você trabalha matemática.
100. **Suj:** - é.
101. **Pes:** - e aí você fica em mais de uma turma também, né?
102. **Suj:** -: fico em duas turmas.
103. **Pes:** - duas, hunrum.
104. **Pes:** - e você.. nesta relação com o museu... você é... assim... você acha que tem assim alguma especificidade assim.. nessa questão da visita ao museu... você acha que essa... essa intervenção assim... de levar o menino ao museu... você acha que ela tem algum diferencial das outras? você acha que tem.. que tem alguma eficiência assim sobre o aprendizado? qual que é o potencial educativo que você assim.. na sua opinião.. na sua
105. **Suj:** - ah... não. tem o que diferencia... depende de ter um objetivo claro, do que a gente quer né?
106. **Pes:** - hanrã.

107. **Suj:** a gente tem que chamar a atenção as vezes o olhar que ele vai ter sobre aquilo ali. então quando a gente vai, por exemplo, no parque ecológico. a gente tem um objetivo e vai. tem gente que acha que a gente vai para brincar.
108. *(Aluno interrompe a coordenadora para entregar-lhe algo, ela agradece.)*
109. **Suj:** - num vai. a gente tem que ter objetivo. quando vai ao zoológico, geralmente é animal ou flora, né? e..
110. *(Nova interrupção por aluno)*
111. **Suj:** - então geralmente a gente vai com objetivo. então eu acho assim (.) muito rico mesmo. a gente está desenvolvendo assim.. a intelectualidade do aluno né? tá desenvolvendo, ou ampliando, a leitura, desenvolvendo a leitura deles... então eu acho assim(.) muito rico. com certeza, né?
112. **Pes:** - você já participou de alguma atividade de formação assim da.. nessa área? de museu/escola.
113. **Suj:** - não.
114. **Pes:** como utilizar... algum curso?
115. **Suj:** - uma vez eles até.. eles.. numa visita.. eles pediram mesmo para ir uma pessoa, mas não chegou a ser eu (.) não chegou a ser eu a ir não. Foi um outro professor que (.) tinha visita (.) eles pediram uma pessoa para ir (.) não lembro qual museu que é mais. pra tá preparando para depois ele ser o multiplicador. mas não fui eu não.
116. **Pes:** - hurum. ok.
117. **Pes:** - e assim.. você é formada em que Rebeca?
118. **Suj:** - pedagoga.
119. **Pes:** - pedagoga?
120. **Suj:** - hanrã.
121. **Pes:** - no seu curso de graduação não se discutia essa questão do potencial educativo do museu?
122. **Suj:** - não
123. **Pes:** - ou você fez alguma visita ao museu enquanto você era.. estudante?
124. **Suj:** - não.
125. **Pes:** - com orientação da universidade? não?
126. **Suj:** - não.
127. **Pes:** - e você estudou onde?
128. **Suj:** - UFMG.
129. **Pes:** - ham.
130. **Suj:** - na FAE.
131. **Pes:** - é.. algum (.) destes cursos de formação também nesta área de educação e patrimônio também não ?
132. **Suj:** - eu nunca fiz não.
133. **Pes:** - e pro grupo de professores neste tempo que trabalha aqui, também nunca teve nada nesta direção que você se lembra?
134. **Suj:** -: é igual eu te falei. eles chamaram uma vez que a gente foi num museu, mas não lembro qual museu.
135. **Pes:** - mais coisa do museu, né?
136. **Suj:** -: não sei se foi o observatório da UFMG?. era um museu (.) não lembro (.) não sei te dizer não. eles fizeram essa proposta de ir um professor (.) como a escola ia um grande número de alunos. eles pediram (.) eu acho que é a natural, viu?
137. **Pes:** - história natural, né?
138. **Suj:** - eu tenho quase certeza. acho que é. se não me engano.
139. **Pes:** - hunrum.
140. **Pes:** - então, é(.) naquele dia em que você foi acompanhando a professora Luana, o que você achou da visita? da forma como eles organizaram? você achou assim que do ponto de vista do objeto que (.) que (.) foi pensado aqui pela escola de complementaridade, como você disse, ou de fechamento? ou de (.) da (.) do conteúdo. você acha que a forma como eles organizaram atendeu?
141. **Suj:** - achei muito bom. a monitoria né?
142. **Pes:** - e você acha que a monitoria, assim, tem um papel...

- 143.**Suj:** - ah eu acho fundamental, né? é outra voz, né? se for professor pra ir lá.. primeiro que a gente não tem esse conhecimento específico né?
- 144.**Pes:** - hanrã.
- 145.**Suj:** - a outra pessoa já com um roteiro de explicação eu acho importante.
- 146.**Pes:** - Faz falta, né?
- 147.**Suj:** - é faz falta.
- 148.**Pes:** - e você acha que eles foram claros? eles foram didáticos?
- 149.**Suj:** - foram. foram.
- 150.**Pes:** - eles consideraram a faixa etária para a qual eles estavam falando?
- 151.**Suj:** - não. não. foi bom. foi bom.
- 152.**Pes:** - lá tem dois momentos, né? tem o momento do casarão, o momento externo que fica mais por conta do professor.. no dia que você foi tinha monitor para os dois momentos ou não?
- 153.**Suj:** - não. lá fora não deu tempo não, né? porque o tempo da gente atrasou. lá fora praticamente não deu tempo não.
- 154.**Pes:** - eu não estou lembrando. mas que eu acompanhei você e a Luana. mas eu não estou lembrando mais.
- 155.**Suj:** - pra minha turma não deu tempo de fazer não. tem uma proposta. eu achei boa também a proposta que é desenhar, né? tem papel nas pranchetinhas, tudo organizadinho.
- 156.**Pes:** - e tem um roteirinho também que chama leitura do bonde né? orientação...
- 157.**Suj:** - aquilo ali realmente foi excluído...
- 158.**Pes:** - não deu pra fazer?
- 159.**Suj:** - não deu tempo.
- 160.**Pes:** - hanrã.
- 161.**Pes:** - é, é.. eu percebo que aquela atividade é meio que.. meio que assim...
- 162.**Suj:** - solta, né?
163. **Pes:** - não, para orientar o professor assim no caso do monitor talvez não estiver presente ou.. porque eles tem problemas assim internos de quantidade mesmo, né?
164. **Suj:** - é, é.
165. **Pes:** - de pessoal.
- 166.**Suj:** -: então ali fica mais pro meninos é.. tá colocando, registrando,né? aquele momento.
- 167.**Pes:** - hanrã. do desenho e tal.
- 168.**Suj:** -: tá bem fresquinho. acho que ficou meio perdido. seria interessante se o monitor fosse até esse momento também, sabe? primeiro que foi corrido e depois porque foi um pouquinho solto assim.
- 169.**Pes:** - hanrã
- 170.**Pes:** - e, e, dentro do casarão assim você acha que as atividades lá permitem o desenvolvimento assim de aprendizagem, histórico assim?
- 171.**Suj:** - com certeza. hanrã.
- 172.**Pes:** - pela forma como eles abordam..
- 173.**Suj:** - eu acho. Gostei.
- 174.**Pes:** - entendi.
- 175.**Suj:** - foi bom.
- 176.**Pes:** - acha que assim, do ponto de vista do conteúdo, trouxe contribuições...
- 177.**Suj:** - trouxe, ué. muito explicativo, né?
- 178.**Pes:** - e da experiência assim pros meninos?
- 179.**Suj:** - foi bom.
- 180.**Pes:** - humrum.
- 181.**Suj:** - não tenho nenhuma ressalva não.
- 182.**Pes:** - humrum. entendo.
- 183.**Pes:** - essa questão da.. da utilização do museu como um recurso assim é(.) como um recurso pedagógico(.) vocês depois pensaram em alguma atividade que pudesse utilizar um objeto do museu como fonte de informação(.) isso vocês chegaram a fazer(.) pensar alguma coisa...
- 184.**Suj:** - não.
- 185.**Pes:** - não né?

- 186.**Suj:** - não (.) não pensou em nada assim não.
- 187.**Pes:** - mais centrado no bonde talvez?
- 188.**Suj:** - não.
- 189.**Pes:** - porque filmei alguns bondes ali...
- 190.**Suj:** - ah é? eu ainda não tive esse feedback dos professores, não trocamos ainda não. o retorno não. porque terminou a última turma e nós já estamos entrando no história natural ...
- 191.**Pes:** - (*risos*)
- 192.**Suj:** - e já tô com o teatro da arte em movimento ali.
- 193.**Suj:** - que aliás já está até na hora de apresentar.
- 194.**Pes:** - não pára né?
- 195.**Suj:** - não pára boba.
- 196.**Pes:** - não dá tempo nem de respirar. (*risos*)
- 197.**Suj:** - é uai.
- 198.**Pes:** - é verdade.
- 199.**Suj:** - então não para gente ficar assim (.) geralmente é assim: fez trabalho acabou. registrou, terminou (.) não pra gente ficar alongando...
- 200.**Pes:** - tem um processo, né?
- 201.**Suj:** - entendeu?
- 202.**Pes:** - e você trabalha então aqui na mesma escola? a quantos anos você trabalha aqui, ô..
- 203.**Suj:** - na verdade esse biênio meu da tarde eu tô aposentando. aliás era para eu ter aposentado. e.. aqui nesta escola eu trabalho a uns 20 anos. da tarde eu tenho 25 anos e neste da manhã eu tenho 18 anos.
- 204.**Pes:** - então você atua há mais de 20 anos no magistério, ou há 20 anos?
- 205.**Suj:** - 25 anos.
- 206.**Pes:** - nossa. é muito tempo.
- 207.**Suj:** - é...
- 208.**Pes:** - e você tá dando aula atualmente... então você tem coordenação, né?
- 209.**Suj:** - é.
- 210.**Pes:** - e? qual outro? desculpa que eu...
- 211.**Suj:** - o que?
- 212.**Pes:** - que você atua a tarde?
- 213.**Suj:** - regente né? primeiro ciclo.
- 214.**Pes:** - primeiro ciclo. (...) primeiro ano do primeiro ciclo? ou..
- 215.**Suj:** - terceiro ano.
- 216.**Pes:** - terceiro ano. 9 anos né? os meninos de 9?
- 217.**Suj:** - 8 anos né? segunda série antiga.
- 218.**Pes:** - então é isso Rebeca.
- 219.**Suj:** - é isso?
- 220.**Pes:** - muito grata né? pelo seu tempo.
- 221.**Suj:** - tudo na correria viu?
- 222.**Pes:** - mas a gente que está na escola sabe que é isso mesmo... não tem muito jeito.

Entrevista Número: 03
Sujeito: PAL3
Data: 19/11/09
Local: Escola Municipal A
Duração: 27':03"

Legenda:

Pes: Pesquisador:

Suj: - Sujeito:

1. **Pes:** - então, na verdade, assim.. eu gostaria de saber um pouco como vocês organizam esta visita aqui na escola. como é essa coisa mais da infraestrutura mesmo? se a escola apóia? como que a escola ajuda?
2. **Suj:** - olha, a escola.. nós temos aqui, assim, o apoio. só que devido há muitas discussões a escola estipulou o número de excursão que nós deveríamos fazer durante o ano né? que seriam duas excursões.
3. **Pes:** - hanrã.
4. **Suj:** - aí como eu sou uma das professoras da.. da.. etapa né? do primeiro ano do segundo ciclo, como eu sou uma das... eu puxo as meninas né? (*risos*)
5. **Pes:** - hanrã.
6. **Suj:** - “vão fazer?”, “vão?”
7. **Pes:** - incentiva.
8. **Suj:** - sabe?
9. **Pes:** - hanrã.
10. **Suj:** - então, assim, a matéria de história, como já é o terceiro ano que eu trabalho com essa série né? então, a matéria de história ta muito relacionada mesmo com essa questão mesmo dos documentos né? históricos. o que que é história. geografia, também fala muito. que a ciência está muito relacionada. então eu sempre indico que a gente vá ao museu. visitar esse museu que eu também já conheço há três anos. eu acho que é uma coisa interessante, é história viva do nosso passado, principalmente belo horizonte. então tem muita relação dessa (.) dessa visita ao museu né? então aí eu pego e puxo as meninas e elas também vão também. a Marina também. é uma que a gente já trabalha há uns três anos também, então eu acho interessante. tá muito relacionado.
11. **Pes:** - então assim, (.) vocês não tem muita dificuldade com essa questão da infra-estrutura não? de ônibus? de deslocamento dos meninos? de recurso para ir...
12. **Suj:** - não. porque na verdade a gente também assim (.), a gente telefona se tiver... pede isenção de taxa. igual lá acho que paga né? mas é isento também escola.. né?
13. **Pes:** - não. lá não paga nenhuma não.
14. **Suj:** - ah. lá não paga não. é porque tem alguns lugares que paga.. tudo a gente procura.. mas, assim, a gente pede também a ajuda dos meninos. igual eles foram para o museu, eles pagaram... cinco reais. é a passagem do ônibus.
15. **Pes:** - é a passagem ida e volta.
16. **Suj:** - é a passagem do ônibus, sabe? é a passagem do ônibus porque a escola, assim, são muitas coisas. tem ônibus que são de graça, mas têm outros que não são.
17. **Pes:** - hunrum.
18. **Suj:** - igual esse ano, nós fomos ao museu e ao serpentário. e tava relacionado com a escola. então a questão, assim, financeira e de recurso é fácil.
19. **Pes:** - é tranquilo, né?
20. **Suj:** - é tranquilo lidar. os pais também apóiam muito, sabe? a gente explica qual que é o trabalho e tudo.
21. **Pes:** - ok. entendi.
22. **Pes:** - e esse meio de transporte, o ônibus, é o da prefeitura? ou ... ou...
23. **Suj:** - não, não, não. contrata. tem acho que é.. ramos, né?
24. **Pes:** - hunrum.
25. **Pes:** - e em relação a preparação dos alunos, assim, como é que vocês prepara seus meninos pra saírem, pro museu. como que é.. é feita alguma preparação antes?
26. **Suj:** - olha...

27. **Pes:** - eu vi que vocês perguntam aqui, o que que é museu né?
28. **Suj:** - É.
29. **Pes:** - se sabe o que significa museu? Abílio Barreto?
30. **Suj:** - pois é. eu tento encaixar a excursão (.) aonde que a gente vai ao museu, com todas as outras matérias. tanto do português, eu dou muito texto. procuro texto, vou na internet. procuro texto na internet, em livros antigos. igual eu dei um texto, acho que eu não trouxe ele aqui, que eu tirei do livro antigo de Minas Gerais, que falava do museu, da origem do museu, pra quê, de quem né?
31. **Pes:** - hunrum.
32. **Suj:** - então, assim, eu procuro trabalhar muito aquilo o que que a gente vai encontrar no museu, o que que vai ver.
33. **Pes:** - hunrum.
34. **Suj:** - eu acho que no trabalhar muito eu desperto muito a curiosidade dos alunos pra poderem irem lá.
35. **Pes:** -hunrum.
36. **Suj:** - então eles têm interesse. aí eles começam... igual ao bonde né? “nó professora, eu fui na casa da minha vó, minha vó falou que já andou de bonde”.
37. **Pes:** - hunrum.
38. **Suj:** - a questão da curiosidade do banco do bonde né? virar e tudo né? então quer dizer eu procuro curiosidades, tento trabalhar, fazer atividades, dar provinha mesmo, dar desenho, encaixar na aula de artes...sabe?
39. **Pes:** - hunrum.
40. **Suj:** - então trabalhar tudo assim. não é só “vamos ao museu e pronto ver não”. eu gosto de trabalhar tudo que bem..
41. **Pes:** - relacionado, né? ô::ô.. Lica?
42. **Suj:** - é. (*risos*) pode me chamar de Lica, porque se me chamar de Ana Luisa eu não vou... (*risos*)
43. **Pes:** - então vou te chamar de Lica.
44. **Pes:** - essa foi a primeira vez que eles foram ao museu ou eles já tinham ido em outros museus, você sabe?
45. **Suj:** - A minha turma foi a primeira.. essa turma desse ano foi a primeira vez.
46. **Pes:** - hunrum.
47. **Suj:** - só que foi assim.. foram preparados. como eu já conhecia né? já dizia: “a gente vai ver isso, a gente.” sabe? então foi, assim, muito bom e eles, assim, nunca tinha ido. mas a gente, assim, prepara muito também o comportamento, o jeito... não colocar a mão na peça. acho que a gente orienta muito o aluno antes de ir.
48. **Pes:** - antes de ir né?
49. **Suj:** - É.
50. **Pes:** - e você deu alguma atividade específica, assim, sobre como (.) como deve (.) é... comportar no museu, alguma coisa, assim, ou só conversou mesmo?
51. **Suj:** - não. eu só conversei mesmo. a rodinha, na hora da rodinha (.) da conversa né?
52. **Pes:** - hanrã.
53. **Suj:** - aquela conversa mesmo.
54. **Pes:** - bem.. e (.) e os objetivos mais específicos que você quis trabalhar com essa visita lá, ao museu Abílio Barreto?
55. **Suj:** - olha. a parte de história... o nosso livro de história, que é o livro porta aberta, ele começa como... quais os objetos, né? o que que a gente faz pra identificar a história, para conhecer a história. e vem falando de fontes né? das fontes né? iconográficas, escritas,
56. **Pes:** - hunrum.
57. **Suj:** - materiais. então, o museu é tudo isso que a gente trabalha no início da história.. o museu é tudo isso que a gente vê. quer dizer é uma aula viva de história.
58. **Pes:** - hanrã.
59. **Pes:** - então o objetivo é tornar a aula de história, né? não só de história, que aí a gente aproveita as outras também, mas tornar a aula de história mesmo..
60. **Pes:** - hanrã.
61. **Suj:** - uma coisa concreta mesmo.

62. **Pes:** - que eles possam ver...
63. **Suj:** - que eles possam ver, né? então a gente trabalha muito.. ah, documentos antigos. mas o que é isso? eles têm os documentos, eles fazem as pesquisas todas, mas no museu (tem isso lá).
64. **Pes:** - e você disse que de certa forma puxa um pouco pros outros grupos...
65. **Suj:** - puxo.
66. **Pes:** - e acaba sendo um trabalho coletivo? ou (.) ou...
67. **Suj:** - acaba sendo um trabalho... igual a (.) a (.) nossa etapa mesmo né? o nosso ano, o primeiro ano do (.) do segundo ciclo, eles assim... todas elas foram...
68. **Pes:** - hunrum.
69. **Suj:** - sabe? eu puxo: oh eu estou assim, por causa disso, disso, disso. tá na matéria, sabe? e aí acaba indo. A Marina já veio, como já trabalhei, mas a Lucimara e a Rebeca é o primeiro ano que elas trabalham aqui com a gente e tudo, mas elas também vão também, sabe? e trabalham..
70. **Pes:** - eu acho que eu acompanhei foi a lucimara no dia em que eu estava lá.
71. **Suj:** - ah é? A Lucimara...e eu, e eu assim.. eu faço todas as atividades, eu faço pra minha turma e já passo.
72. **Pes:** - hanrã.
73. eu sou assim: eu coordeno e já passo as atividades, já mando, sabe?
74. **Pes:** - então você acaba coordenando isso espontaneamente ou você é também coordenadora?
75. **Suj:** - - espontaneamente. eu não sou coordenadora, mas acabo assumindo esse posto. (*risos*) sabe?
76. **Pes:** - hanrã.
77. **Pes:** - é:::e, desse material pedagógico, assim, que recebeu do museu, você utilizou alguma coisa específica em sala? é (.) com os meninos? esse material que você recebeu de lá?
78. **Suj:** - uso. uso o material sim. mostro, deixo eles manusearem todos esses materiais. é (.) igual eles dão um almanaque e tudo né?
79. **Pes:** - hunrum.
80. **Suj:** - a gente faz na sala de aula, complementa.
81. **Pes:** - ah. tá.
82. **Suj:** - eu xeroco muita coisa também, copio, sabe? igual esse desenho mesmo, foi (*risos*)
83. **Pes:** - hanrã.
84. **Pes:** - desse o material né?
85. **Suj:** - é.
86. **Pes:** - e você se sentiu, assim, que esse material te ... colaborou pra esse trabalho? assim, esse material fornecido pelo museu?
87. **Suj:** - - Muito.
88. **Pes:** - foi importante?
89. **Suj:** - - Foi importante mesmo.
90. **Pes:** - hanrã.
91. **Pes:** - então, você já conhecia o museu, né?
92. **Suj:** - - Já.
93. **Pes:** - você disse que já conhecia...
94. **Suj:** - - já é a terceira vez que vou lá (*risos*).
95. **Pes:** - e.. e você, assim, foi antes e conheceu antes de (.) de (.) de organizar a visita?
96. **Suj:** - - não. não. há três anos atrás eu fui pela primeira vez e me encantei. eu já tinha ouvido falar... é:: eu vejo muito na internet, pesquiso, procuro e tudo, né? vejo informação, foto, professor. quem já foi eu pergunto. aí eu comecei a me informar e a primeira vez que eu fui... então, agora todo ano... (*risos*).
97. **Pes:** - lá exerce esse fascínio com a gente né?
98. **Suj:** - é.
99. **Pes:** - então, mas você participou daquele curso lá? lá tem um curso...
100. **Suj:** - tem um curso.
101. **Pes:** o encontro com o museu. você chegou a participar?
102. **Suj:** - eu não participei.
103. **Pes:** - hanrã.

104. **Suj:** - porque na época eu estava alguns cursos, eu não tinha tempo. acho que foi uma coordenadora da escola que foi.
105. **Pes:** - que participou.
106. **Suj:** - que participou.
107. **Pes:** - e esse material te chegou pelo correio? ou (.) ou...
108. **Suj:** - esse aqui chegou pelo correio.
109. **Pes:** - ou esse material foi se acumulando ao longo...
110. **Suj:** - não. esse chegou pelo correio. mas é (.) esse (.) ano eu recebi o material também, que eles entregaram também né? eu nem fiquei com o material não, eu passei para outra professora também que tinha ido, acompanhado turma. como eu já tinha material eu disse: não, eu passo o meu para você. porque só as professoras ganharam né? aí ela foi acompanhando uma turma da gente, aí eu passei pra ela. mas esse aqui eu vou acumulando e já vou deixando..
111. **Pes:** - já vai deixando pra próxima, né? (*risos*). e pra agendar, vocês tiveram alguma dificuldade, para agendar a visita, ou não?
112. **Suj:** - Não. Não. É porque aqui, quem agenda pra gente é a coordenadora né? Pedagógica.
113. **Pes:** - ah. que ótimo.
114. **Suj:** então ela telefona, ela fala dia tal e tudo. até no início, a gente queria pro início do ano. mas não deu. aí no.. quando voltou das férias, aquela questão da gripe.
115. **Pes:** - foi,foi.
116. **Pes:** - (...)
117. **Suj:** - ninguém queria e coisa. então eu disse não: eu vou de qualquer jeito. se eu tô com aluno na turma... na sala de aula, porque eu não posso pegar um ônibus e não posso ir para o museu, né?
118. **Pes:** - hunrum.
119. **Suj:** - mas aí foi tranquilo. a coordenadora.. a gente só marca o que que eles passam para gente, qual interesse com as visitas, a gente marca e tranquilo.
120. **Pes:** - e lá eu tenho visto, assim, hum.. hum..uma procura muito grande, né?
121. **Suj:** - tem, não..mas, assim, ela telefonou já tinha marcado. foi desde o início de agosto, que ela já tava marcado.
122. **Pes:** - (inaudível) na lista de espera, dá um dó né?
123. **Pes:** - ô::ô, lica. na sua formação como pedagoga, ou nesses cursos que você já fez, você já fez algum curso específico, assim, voltado para essas questões de usos de museus?
124. **Suj:** - não.
125. **Pes:** - na educação? assim..
126. **Suj:** - não. na época não.
127. **Pes:** - não.
128. na faculdade de educação. quando você fez na FAE, da UFMG, na graduação, você teve alguma abordagem a respeito disso?
129. **Suj:** - não. não tive.
130. **Pes:** - não, né?
131. **Suj:** - não.
132. **Pes:** - esse gosto veio assim..
133. **Suj:** - esse gosto veio acho que é da minha prática que eu viajo muito... (*risos*) eu vou muito. (*risos*)
134. **Pes:** - a museus?
135. **Suj:** - não só a museus, mas tudo enquanto é lugar. então, assim é..
136. **Pes:** - hunrum.
137. **Suj:** - cidades históricas né? essas coisas todas. é tanto que eu cheguei aqui, quando a gente chegou, tinha eu Nani e Teca... Nós já fomos pra Tiradentes, pra São João Del Rey, tudo com turmas de alunos.
138. **Pes:** - hunrum.
139. **Suj:** - Só que agora, assim, a questão de cidades históricas, nesses museus, fica difícil a organização, porque geralmente é no sábado né?
140. **Pes:** - hunrum.
141. **Suj:** - então já é complicado. Mas esse gosto, assim, acho que é da minha vivência mesmo. não que...

142. **Pes:** - algum seminário, assim, sobre museu, museologia, nada disso.
143. **Suj:** - nada disso. é curiosidade mesmo.
144. **Pes:** - curiosidade mesmo.
145. **Suj:** - eu nunca participei de curso de.. porque muita gente fala museu só tem coisa velha, que não tem. mas eu gosto mesmo. é tanto que é curiosidade que agora lá no museu.. o ano passado nós fomos e esse ano também, é aquele anexo do museu, que põe exposições né?
146. **Pes:** - hanrã.
147. **Suj:** - aí a curiosidade é, porque por exemplo, que o bairro que eu moro: Guarani, tem objetos lá do Guarani.
148. **Pes:** - tem.
149. **Suj:** - - tem trabalhos,né? tem fotos. aí isso tudo é curiosidade. então eu já passo essa curiosidade minha pros alunos e aí acaba... (risos)
150. **Pes:** - legal isso. é (.) e em relação a esse potencial educativo do museu, assim, na sua, na sua experiência, você acha que tem, assim, um diferencial em relação a outras atividades, outras é (.) outros recursos, vamos dizer, assim, pedagógicos. e qual que seria esse potencial educativo? você acha, assim, que há um potencial educativo nos museus, no trabalho com história ou.. com.. com outra área? qual que seria, assim, pra você o valor educativo de ir ao museu?
151. **Suj:** - - eu acho que é:::é... aprender mais mesmo,né? preservação mesmo. é a nossa história. saber a fundo o que é a nossa história. tudo isso, né?
152. **Pes:** - hunrum.
153. **Suj:** - eu acho que as atividades que elas fazem lá, as monitoras, né? acompanhamento é muito bom, sabe? O interesse.
154. **Pes:** - hunrum.
155. **Suj:** - eu acho muito pouco tempo, pra gente ir ao museu e ver muita coisa. (risos) eu acho que só algumas horas que a gente passa lá, é pouco, sabe?
156. **Pes:** - hunrum.
157. **Suj:** - pra explorar tanta coisa que tem.
158. **Pes:** - é verdade. é.é.
159. **Pes:** - você falando disso né? eu (.) eu (.) é (.) iria exatamente conversar um pouco, assim, com você, como é que você achou que foi a visita lá? como é que você acha que foi? como é que naquele dia, você avaliando..
160. **Suj:** - no dia que eu fui?
161. **Pes:** - é.
162. **Suj:** - eu acho que foi ótimo. a monitora, né? é Elia..
163. **Pes:** - na.
164. **Suj:** - é isso mesmo. não é Eliane, não. é Eliana. ela explicou muito, o interesse dos meninos sabe? Teve uma, assim, lá dentro da casa que era curiosidade maior, que entrava, porque ano passado eu não entrei na casa, porque tava... Acho que era em reforma, alguma coisa... então eu não entrei, né? Nesse ano eu tinha curiosidade de entrar, a explicação, a curiosidade dos meninos... Muito bom.
165. **Pes:** - bacana.
166. **Pes:** - e essa... essa divisão que eles fazem, em dois momentos, momento dentro da casa e momento fora da casa. você acha, assim, que é interessante?
167. **Suj:** - é interessante. eu só não gosto muito é na parte do bonde, assim, de explorar aquela atividade toda, porque eu já explorei na escola (risos).
168. **Pes:** - ah. entendi.
169. **Suj:** - entendeu? então eu acho que (risos) como a questão do bonde de falar... eu faço até um texto que fala só do bonde, sabe?
170. **Pes:** - hunrum.
171. **Suj:** - explicando, meio de transporte, da onde que veio, a origem... porque nesse... num desses caderninhos vem um texto sobre o bonde. aí eu exploro este texto.
172. **Pes:** - ah. tá.
173. **Suj:** - aí eu acho, assim, na hora de chegar lá: fazer um desenho, fazer... sabe?
174. **Pes:** - ah. você acha que já foi explorado, né?

175. **Suj:** - como já foi assim... é um reforço. só que é uma coisa ao vivo de ver, de apreciar mesmo o objeto.
176. **Pes:** - hanrã. de ter mais o contato com o objeto.
177. **Suj:** - é. é
178. **Pes:** - interessante. mas você acha que...
179. **Suj:** - mas é interessante também, porque, assim... os meninos ficam... antes tinha monitora lá pra fora, né? duas monitoras. agora não, né?
180. **Pes:** - as vezes tem, as vezes não tem.
181. **Suj:** - pois é...
182. **Pes:** - porque alguns deles são voluntários. tem dia que tem, tem dia que não tem.
183. **Suj:** - é. então, assim, pra mim que já conhecia lá, então deu pra mim já organizar, pra mostrar os meninos, chamar a atenção das peças que estão lá na parte externa, né? e tudo. agora a professora que vai dentro da casa e depois fica lá fora, eu acho que fica meio perdida se não tiver uma orientação.
184. **Pes:** - ah. tá.
185. **Suj:** - tá.
186. **Pes:** - hunrum.
187. **Pes:** - mas lá tem um caderninho, né?
188. **Suj:** - tem o caderninho. é.
189. **Pes:** - mas nem sempre o professor...
190. **Suj:** - nem sempre o professor vai, procura, né? aquela coisa assim. porque infelizmente nós temos muitas pessoas que vão ao museu, estão na excursão, mas vão por ir mesmo e não tem (*risos*) aquele interesse.
191. **Pes:** - isso tem mesmo, né?
192. **Pes:** - é... e essa... aquele roteiro da leitura do bonde, você acha que ele funciona pros alunos pequenos? aquele roteirinho que eles propõe lá de...
193. **Suj:** - eu acho que sim, observação. muito bom mesmo.
194. **Pes:** - hunrum.
195. **Suj:** - é interessante, eu não sei se ele está aqui.
196. **Pes:** - e às vezes eles costumam xerocar ele grande, né? (...)
197. **Suj:** - eu acho que tá...
198. **Suj:** - (procura exercício de leitura do bonde)
199. **Pes:** - quando eu... eu fiz uma visita também, eu recebi o xerox...
200. **Suj:** - é tem uma... eu acho que ta dentro assim... é tanta coisa que a gente vai... aqui o... acho que é isso aqui, né? tá vendo? aí vem a agenda do museu, as exposições, vem falando dos objetos,
201. **Pes:** - hanrã.
202. **Suj:** - não é esse não.
203. **Pes:** - não, acho que ele chama, acho que: leitura do bonde, né?
204. **Suj:** - é. eu acho que é. é. porque tem tanto... é tanto.. tanto material...
205. **Pes:** - tem bastante coisa.
206. **Suj:** - aqui fica as festas, né? que tem no museu, né?
207. **Pes:** - hanrã.
208. **Suj:** - aqui ó.
209. **Pes:** - porque aí já é bom que ajuda né? dá uma ficha técnica, né?
210. **Suj:** - ajuda.
211. **Pes:** - pra gente não ficar muito perdido, nos objetos...
212. **Suj:** - aí no Português, eu costumo fazer... a gente fazer o abecedário do museu né? Das peças que tem. então eles tem citar coisas que eles viram que começa com a letra "a", "b", "c", "d"...
213. **Pes:** - legal.
214. **Suj:** - então começa o desafio mesmo, né?
215. **Pes:** - hunrum.
216. **Pes:** - e... e em relação ao conteúdo? você achou que o conteúdo abordado lá né? pelos monitores do museu ou pela, pela própria exposição... você acha que foi, que atende, assim, as... os interesses...
217. **Suj:** - atende. atende os interesses sim porque...

218. **Pes:** - e a forma como ele explica?
219. **Suj:** - a forma como ele explica aquela atividade, aquela brincadeira, né? do telefone sem fio assim... então muita coisa coisa assim... a curiosidade... a mostrar. então eu acho que aborda mesmo.
220. **Pes:** - e em relação a história da cidade, você acha que o museu atende os interesses da escola nessa questão do conteúdo...
221. **Suj:** - nessa série sim. eu acho que aqui, pra escola toda, até a quinta série também acho que atende. apesar que agora podemos contar que todos os alunos aqui da terceira série até a quinta série todos já foram ao museu. então... (*risos*).
222. **Pes:** - olha que bom.
223. **Suj:** - como já tem três anos, então quem é da quinta série...
224. **Pes:** - já foi.
225. **Suj:** - aí a professora: “ah vou com a senhora.” não pode, porque esses alunos já foram comigo. nós já fomos, então...
226. **Pes:** - para os adolescentes, eles já tem outros atendimentos?
227. **Suj:** - tem.
228. **Pes:** - um pouco diferenciados, né? pelos menos foi o que eu já observei lá, né? é.. então... em relação à explicação dos monitores? você achou que... você já falou um pouco aqui, né? a forma como eles explicam, como eles contam, você acha que é instigante? chama a atenção?
229. **Suj:** - chama a atenção mesmo. põe curiosidade nos meninos.
230. **Pes:** - hunrum.
231. **Suj:** - tudo isso.
232. **Pes:** - hunrum.
233. **Pes:** - é... então, depois que você voltou, você falou que desenvolveu algumas atividades antes, né?
234. **Suj:** - é.
235. **Pes:** de ir e depois, assim, né? você acha que em relação à aprendizagem, você viu alguma mudança mais significativa...
236. **Suj:** - vi. a mudança (.) da história mesmo, identificar objetos. mais relacionado com a História e com a Geografia.
237. **Pes:** - hunrum.
238. **Suj:** né? com a vivência, com a história deles mesmos, né? o pessoal tá assim “ah. meu pai já falou.”, “ah. Na minha casa tem isso” ...
239. **Pes:** - (...) o que você acha?
240. **Suj:** - acho que tanto de saber. “tem esse objeto”.
241. **Pes:** - hunrum.
242. **Suj:** - sabe? então assim, tá muito relacionado mesmo. então teve, assim, uma... um aproveitamento muito bom.
243. **Pes:** - hanrã.
244. **Pes:** - e o fator, assim, envolvimento? você achou, assim, que, em relação aos meninos assim... mesmo aqueles mais apáticos, aqueles menos envolvidos...
245. **Suj:** - - não. foi muito bom o envolvimento, até que teve alguns que “ah. não vou no museu não.”, depois a gente fala tanto, que aí depois na última hora: “ah. eu vou no museu sim.”, sabe? (*risos*)
246. **Pes:** - hanrã.
247. **Suj:** - dá pra despertar a curiosidade, né?
248. **Pes:** - hanrã.
249. **Pes:** - essa... essa montagem da maquete, você chegou a fazer com os meninos? não né?
250. **Suj:** - esse ano não.
251. **Pes:** - esse acho que só teve... porque agora é uma só né? é uma maquete que eles dão pra...
252. **Suj:** - é uma só que eles dão e tudo. eu tenho um aluno meu que ele fez, porque a gente teve uma mostra de trabalho, e como eu já havia falado desde agosto que a gente ia no museu e tudo, aí na... no... no trabalho dele, na mostra de trabalho dele, ele montou a maquete, que foi essa maquete aqui, olha. como a mãe dele é professora, ela deve ter conseguido também a maquete, então ele fez a maquete. o trabalho dele de (.) de (.) da mostra de trabalhos daqui da escola, foi o museu.
253. **Pes:** - ah. legal. bacana. na mostra de cultura?

254. **Suj:** - é.
255. **Pes:** - hunrum.
256. **Pes:** - então... essa... como atividade didática, assim, você avalia que ela é... mobiliza o interesse, conhecimento...
257. **Suj:** - sim, eu acho que sim. sabe? É muito bom, mobiliza o interesse é... a curiosidade e eles aprendem muito. eu acho que indo no Museu é uma coisa, assim, pra fixar mais.
258. **Pes:** - hunrum.
259. **Pes:** - e você prefere ir ao museu no início, quando você está começando a... a... o conteúdo no início, ou você prefere como fechamento, ou não importa neste sentido pra você, assim.
260. **Suj:** - olha esse ano eu fui no... no... já no final mesmo, a gente já tinha estudado toda (...) então como foi... fechamento mesmo, né? e foi interessante porque eles já chegaram lá, assim, já sabendo tudo, sabe? (*risos*)
261. **Pes:** - hunrum.
262. **Suj:** - quer dizer, a curiosidade é só confirmar mesmo aquela curiosidade, aquela... o trabalho que a gente já tinha feito na escola.
263. **Pes:** - você acha que em relação aos outros anos, por exemplo, foi mais interessante ir ao final ou isso depende...
264. **Suj:** - é porque nos outros anos também, eu nunca fui no início, antes de estudar..
265. **Pes:** ah. tá.
266. **Suj:** então geralmente a gente já tinha começado a estudar.
267. **Pes:** - hunrum.
268. **Suj:** - sabe? então, assim, sempre foi no final mesmo. e eu acho que no final é mais interessante. porque primeiro você vê uma coisa, porque se você chegar lá... eu acho que aproveita mais a visita ao museu.
269. **Pes:** - depois de ver o conteúdo...
270. **Suj:** - chega já sabendo, sabe?
271. **Pes:** - hanrã.
272. **Suj:** - porque muitas coisas eles já sabem, muitas coisas eles já tem aquela curiosidade. e você fica procurando uma coisa que você não sabe, né?
273. **Pes:** - hanrã.
274. **Suj:** - aí fica... eu acho que exige mais... até também...
275. **Pes:** - até pra poder também, as vezes, é... discutir né? ouvir pergunta..
276. **Suj:** - discutir...
277. **Pes:** - é. interessante isso, que eu tenho visto que...
278. **Suj:** - porque quando a gente vai no início, eles estão, assim, sem informação nenhuma, estão muito, assim, aéreo ainda daquela questão. e quando você já aprofundou mais, já estudou... chegando lá você vai procurar uma coisa que você ainda não sabe ainda, né? então, assim
279. **Pes:** - hanrã. ou então só confirmar, né?
280. **Suj:** - ou então confirmar e tudo, né?
281. **Pes:** - ou então ouvir "a professora falou.", né? aquilo ali traz talvez comum sentido né? é verdade.
282. **Suj:** - é.
283. **Pes:** - uai. acho que é isso viu. né? (*risos*)
284. **Suj:** - é.(*risos*)
285. **Pes:** - é isso que eu queria ver com você mesmo.
286. **Pes:** - bem, eu estou vendo que você explorou bastante, assim, o casarão, né?
287. **Suj:** - é.
288. **Pes:** - como... como evidências desse tempo? é... como documento, assim, também?
289. **Suj:** - como documento eu explorei um texto também, sabe? que fala é (.) é (.) o tipo de material usado, então a História, na geografia...
290. **Pes:** - hanrã.
291. **Suj:** - tudo aí eu costumo, né? é muito relacionado a tudo.
292. **Pes:** - e essa atividade aqui, você desenvolveu durante a aula de arte?
293. **Suj:** - foi na aula de arte, também, que eles coloriram aí também, tá vendo?

294. **Pes:** - hanrã.
295. **Suj:** - aí eu junto as atividades agora no final do trimestre, né? já vou grampear tudo de uma vez , algumas que eles fizeram no museu eles trouxeram, colocaram lá no mural.
296. **Pes:** - eu acho que eu vi lá.
297. **Suj:** - então...
298. **Pes:** - bacana, bacana. agora eu queria ver esse material seu aí, de pertinho (*risos*)
299. **Suj:** - pode ver..
300. **Pes:** - pois é. obrigada viu?
301. **Suj:** - de nada.

Entrevista número: 04
Sujeito: PD4
Data: 19/11/09
Local: Escola Municipal B
Duração: 32': 45''

Legenda:

Pes: Pesquisador:

Suj: Sujeito:

1. **Pes:** - então daniela, na verdade, assim, eu fiz um roteiro é... pra gente... pra essa conversa, porque, assim, eu estou desenvolvendo um projeto de estudos na faculdade de educação é... onde eu estou estudando a relação museu/escola. então eu quero entender assim quais são os usos que os professores fazem dos museus? qual que é o potencial educativo que os professores veem, que os mobilizam a sair, enfrentar todos os... vamos dizer o... estresse, né?
2. **Suj:** - é o stress, os riscos...
3. **Pes:** - enfim, todas as (...) e também as alegrias, né? de sair com os meninos e o que os que os mobiliza em termos de (.) de interesse mesmo, pedagógicos, didáticos... e aí minha pesquisa, ela tanto tenta compreender a escola, quanto também pensar um pouco o museu. como o museu se prepara? então pra isso é que eu fiquei lá no museu, assim, acompanhando muitas escolas e tal. aí chegou um momento, eu falei “não. eu preciso de também pensar como é que o professor se organiza para isso, como é que ele pensa e tal.” e aí você me concedeu esse tempinho (*risos*). então é... eu queria primeiro começar mesmo da organização, como é que vocês pensaram esta visita, né? assim você já faz parte aqui do... do... da
4. **Suj:** - não, na verdade foi a primeira que eu tive essa oportunidade na escola. já foram ao museu dos brinquedos, né? que é novo.
5. **Pes:** - hunrum.
6. **Pes:** - mas essa foi a minha primeira oportunidade.
7. **Pes:** - e no Abílio?
8. **Suj:** - no Abílio, eu fui quando estudava.(*risos*)
9. **Pes:** - ah. você foi quando estudava?
10. **Suj:** - fui...
11. **Pes:** - oh que interessante.
12. **Suj:** - e, ainda no.. no primeiro semestre apareceu esta oportunidade,
13. **Pes:** - hunrum.
14. **Suj:** - né? entraram em contato e a coordenadora perguntou se a gente tinha interesse. e na verdade eu já estava fazendo um trabalho com os meninos mais expressivo. na verdade, já na... é o conteúdo de terceira série não inclui Belo Horizonte, a parte histórica de Belo Horizonte. a gente é que costuma fazer um balanceamento, né?
15. **Pes:** - hunrum.
16. **Suj:** uma relação. mais aí eles tinham feito pesquisa sobre a fundação mesmo, tudo começou por causa da chegada dos portugueses no brasil, que a gente estava vendo em história, e aí a gente foi ampliando até ver como...
17. **Pes:** - como era no município?
18. **Suj:** - é. como era no município. daí eles pesquisaram, a coordenadora viu, aí já apareceu esta oportunidade, né? me ofereceu aí eu falei “ah. gostaria de ir sim.”
19. **Pes:** - hunrum.
20. **Suj:** - ao menos pra...
21. **Pes:** - hunrum.
22. **Suj:** - eles num... nunca tiveram contato e agora a terceira série, né?
23. **Pes:** - hunrum.
24. **Suj:** - eles ainda não tinham contato com essa parte.
25. **Pes:** - hunrum.
26. **Suj:** - com museu de história aí foi muito interessante.

27. **Pes:** - e.. e... e foi uma iniciativa individual? ou foi uma iniciativa do coletivo, assim, que você falou apareceu esta oportunidade..
28. **Suj:** - é.
29. **Pes:** - foi algum professor, algum coordenador...
30. **Suj:** - é... o coordenador que... não sei se o museu entrou em contato, ofereceu. e perguntou se a gente queria.
31. **Pes:** - hunrum.
32. **Suj:** - então essas duas terceiras séries eu trava... tava trabalhando com eles... a professora jade, me pareceu que ela foi mais para o lado de artes eu não sei. ofereceu a nós duas, né? na hora. (*risos*)
33. **Pes:** - ah. que legal. interessante. é, e em relação a... a questão dos... é da parte estrutural mesmo, pra organizar saída, ônibus, essa coisa mais,
34. **Suj:** - ah. sim.
35. **Pes:** - vamos dizer material. como é que é a escola ajuda ou...
36. **Suj:** - a.. a prefeitura dispõe, né? e com muita antecedência ela oferece os ônibus.
37. **Pes:** - ah vocês foram de ônibus da prefeitura, os meninos...
38. **Suj:** - e como tinha essa antecedência, foi fácil.
39. **Pes:** - hunrum. e os meninos pagaram alguma coisa?
40. **Suj:** - não. não.
41. **Pes:** - não. né? foi gratuito. porque lá também a gente não paga, né?
42. **Suj:** - é.
43. **Pes:** - não cobra pra entrar... e(.) e.. assim, a adesão é.. é... geral? ou os meninos vão... vai todo mundo? ou faz um... como é que é?
44. **Suj:** - vão todos.
45. **Pes:** - vão todos, né? a maioria, né?
46. **Suj:** - a maioria, né? os que não vão, as vezes, é só porque não gostam mesmo. prefere ficar em casa.
47. **Pes:** - hunrum.
48. **Suj:** - vendo uma televisão, né?
49. **Pes:** - hunrum.
50. **Suj:** coisas assim.
51. **Pes:** - mas no geral...os pais...apoiam
52. **Suj:** - no geral os pais apoiam.
53. **Pes:** - vocês mandam bilhete avisando, como é que é?
54. **Suj:** - mandamos, mandamos bilhete, com autorização.
55. **Pes:** - hunrum.
56. **Suj:** nós até estamos preparando uma outra excursão pra amanhã. amanhã nós vamos na bhtrans.
57. **Pes:** - hum.
58. **Suj:** - então, é um bilhete né?
59. **Pes:** - hunrum.
60. **Suj:** - explicando, eles devolvem a autorização assinada.
61. **Pes:** - com autorização.
62. **Suj:** - aí quem tem essa autorização vai à excursão. na minha sala estou com 24 no momento,
63. **Pes:** - hunrum. tá bom uai. uma adesão boa.e pra lá também foi... foi ônibus da prefeitura, que eu vi ...
64. **Suj:** - da prefeitura
65. **Pes:** a hora que eu cheguei tinha um ônibus estacionado. e uma turminha lá na praça, falando que ia sair...
66. **Suj:** - esse ano nós demos muita sorte.
67. **Pes:** todos eufóricos. (*risos*) ah. então é tranquilo isso. mas vocês é que vão lá e contratam ou o coordenador ajuda.
68. **Suj:** - a coordenadora, sempre a coordenação.
69. **Pes:** - é a coordenadora.
70. **Suj:** - qualquer coisa, sempre passa pela coordenação.
71. **Pes:** - e ela apoiou o projeto, achou...
72. **Suj:** - hanrã.

73. **Pes:** - e.. e.. em termos, assim, você como professora, né? é... quais eram exatamente, assim, os objetivos dessa visita lá? como é que você organizou isso?
74. **Suj:** - era mostrar mesmo, como é que, como era o início, né? como foi o início de Belo Horizonte.
75. **Pes:** - hanrã.
76. **Suj:** inclusive eles comparam umas fotos, que eles viram lá, com fotos do livro do história. “ah. tá parecendo.”
77. **Pes:** - ah. que legal.
78. **Suj:** - e mesmo com as pesquisas deles. em 2007, eles receberam uma agenda que... é... no início de cada mês... agenda da prefeitura, tem um ponto de Belo Horizonte.
79. **Pes:** - hunrum.
80. **Suj:** - então eles fizeram um trabalho com aquilo. pra você vê, nós estamos em 2009, eu pedi que eles trouxessem de 2007...
81. **Pes:** - que legal.
82. **Suj:** - pra poder, primeiro pra eles valorizarem o material que eles recebem, né?
83. **Pes:** - hunrum.
84. **Suj:** - e tava tudo lá.
85. **Pes:** - bacana.
86. **Suj:** bastava só usar. (*risos*)
87. **Pes:** - é.. uma produção boa, né? que eles já tem. imagem. porque imagem é uma coisa difícil, né?
88. **Suj:** - é.
89. **Pes:** se imprimir, não sai bom...
90. **Suj:** - é (.), se encontra de jornal é preto e branco.
91. **Pes:** - é.
92. **Suj:** - então a gente fez este resgate ...
93. **Pes:** - hanrã.
94. **Suj:** e...
95. **Pes:** - e, foi um momento de culminância do conteúdo? ou foi mais pra começar, assim, pra detonar...
96. **Suj:** - não. foi exatamente o meio. (*risos*)
97. **Pes:** - ah. tá.
98. **Suj:** - porque depois na sala de aula eles deram... é... lá no museu eles deram figurinhas, nós fizemos um trabalho em sala de aula. meu aluno produziu um texto lá mesmo.
99. **Pes:** - lá? ah. é? que legal.
100. **Suj:** - lá mesmo no museu. eu... deixa eu te mostrar. tenho o caderno dele. mas eu acho que o dele não tá aqui... não é essa... não. esse é de um caderno de Belo Horizonte. esqueci de falar pra ele trazer.
101. **Pes:** - que legal menina. mas depois se você quiser me ... me... deixar ver, assim.
102. **Suj:** - aqui. esse é o texto dele. eu fiz questão de colocar o desenho, porque os meninos não fez (...).
103. **Pes:** - ah. que interessante.
104. **Suj:** - mas esse não é caderno dele, porque o dele é separado. só Belo Horizonte. ele ficou tão empolgado.
105. **Pes:** - bacia no quarto. (*risos*). prelo. que legal. ah. ele (...) nos cadernos.
106. **Suj:** - muitos não fizeram, eu (...) jogar (*risos*)
107. **Pes:** - ah. sim. não é claro. aí eles ganharam, não é? o uso... (*risos*) tem uma liberdade.
108. **Suj:** - esse, (.) um que escreveu um pouco sobre cada... eu deixei livre, não dei muita...
109. **Pes:** - cada um.
110. **Suj:** - não dirigi muito esta parte não.
111. **Pes:** - hanrã.
112. **Pes:** - ah. depois se puder me deixar... xerocar... ou olhar com mais... tranquilidade, assim... aí eu vou gostar. (*risos*)
113. **Pes:** - é..e aí o museu, normalmente, oferece um material antes também, não é?
114. **Suj:** - ofereceu.
115. **Pes:** - vocês receberam?
116. **Suj:** - eu recebi.
117. **Pes:** - esse material?

118. **Suj:** - ele tá no meu armário, em algum lugar. mas eu recebi sim.
119. **Pes:** - ah. você recebeu. chegou a utilizar? achou que foi... foi.. interessante?
120. **Suj:** - o material mesmo, na verdade, é um roteiro, né? que vai acontecer lá.
121. **Pes:** - hanrã.
122. **Suj:** - é... passa as atividades mesmo,né?
123. **Pes:** - hanrã.
124. **Suj:** - então, uma parte explicativa, falando sobre o trezinho.
125. **Pes:** - o bonde?
126. **Suj:** - isso o bonde. trezinho... (*risos*) é bonde. e das coisas que estariam expostas lá.
127. **Pes:** - hunrum.
128. **Suj:** - não foi muito... não me deu muita idéia do que eu ia encontrar não, porque eu já fui lá há seéculos atrás, né?
129. **Pes:** - hanrã.
130. **Suj:** - eu achei que podia ter mais...
131. **Pes:** - e aí você explorou outras coisas, né? o: (.) outros materiais. que outros materiais que você chegou...
132. **Suj:** - eu utilizei estas gravuras que eles trouxeram. é.. material na biblioteca. tem livrinhos lá na... na... é... é... na semana depois que nós estivemos no museu. eu prep... previamente fui lá, selecionei os livros. e eles foram pra lá, trabalhar. eu achei, assim, o máximo. porque também o mais levado não estava aí, então (...) (*risos*).
133. **Pes:** - tem isso também, né?
134. **Suj:** - tem isso também. tem vários livros sobre Belo Horizonte lá. então eles fizeram uma leitura, escolhi uns que coubessem no nosso tempo, eles fizeram uma leitura, olharam os pontos turísticos, (...) na época. eu fiz um roteirinho.
135. **Pes:** - hanrã.
136. **Suj:** - pra eles...
137. (()) barulho de passagem de folhas de caderno ou livro)
138. **Suj:** - isso aqui foi um pequeno relatório pra (...) ver.
139. **Pes:** - hunrum.
140. **Suj:** - ah. tá. na... todos os livirmhos lá, é.. foram feitos em comemoração aos 100 anos de Belo Horizonte.
141. **Pes:** - ah... tá...
142. **Suj:** - então, voltamos um pouquinho na época: quem era o prefeito,
143. **Pes:** - hunrum.
144. **Suj:** - quais são os pontos que eram citados lá, pontos turísticos...
145. **Pes:** - hunrum. aí eles vão...
146. **Suj:** - é porque, na verdade, é um trabalho de ida e volta, né?
147. **Pes:** - ah. isso é mesmo. hanrã.
148. **Pes:** - bem. aí sobre o museu, você falou que foi a primeira vez que você foi lá. mas que você já tinha ido antes.
149. **Suj:** - é.
150. **Pes:** - essa sua ida lá foi relacionada a seu curso de graduação?
151. **Suj:** - não...
152. **Pes:** - ou não?
153. **Suj:** - não é que eu estava fazendo ainda... ensino fundamental.
154. **Pes:** - ah.. é?. você foi como aluna?
155. **Suj:** - como aluna. (*risos*)
156. **Pes:** - olha que legal.
157. **Suj:** - eu não tenho, assim, muitas lembranças. eu lembro do lugar, da praça, mas eu num... num...
158. **Pes:** - ele já mudificou bastante, assim, né?
159. **Suj:** - aquele prédio...
160. **Pes:** - a construção do novo prédio...
161. **Pes:** - hunrum. e... e... mas como professora, assim...
162. **Suj:** - foi a primeira vez.

163. **Pes:** você num.. num... foi a primeira vez que você foi, né? esse curso, você tomou conhe... tem um curso que eles oferecem, que chama: encontro com o museu, né?
164. **Suj:** - hunrum.
165. **Pes:** - eles destinam esse curso, oferecem esse curso aos professores. meio que pra formar um pouco,
166. **Suj:** - hunrum.
167. **Pes:** - pra discutir um pouco como vai ser o trabalho e tal. você sabia que tinha
168. **Suj:** - não.
169. **pesq:** - esse curso, ou não?
170. **Suj:** - não.
171. **Pes:** - também nenhum professor aqui participou dele, né?
172. **Suj:** - não. que eu saiba, não.
173. **Pes:** - hunrum. é porque eles têm esse curso, sabe? que é organizado exatamente pra que haja uma pequena preparação... um primeiro contato, né?
174. **Suj:** - eu senti falta disso... porque não tem na apostila que a gente recebeu, né?
175. **Pes:** - que antes ele era quase que obrigatório.
176. **Suj:** - ah.
177. **Pes:** eu não sei nem se era obrigatório...essa é uma palavra pesada ...
178. **Suj:** - mas ele fazia parte...
179. **Pes:** - fazia parte. fazia parte da programação. quando você ia, você tinha...
180. **Suj:** - é... e eu senti falta disso.
181. **Pes:** - seria importante, né? que você conhecesse um pouco melhor o museu, até pra você como professor, ganhar um pouco de liberdade de ir lá e tal, tal. e (.) mas me parece que não está sendo, assim, casado não ... uma coisa com a outra.
182. **Pes:** - esse... esse... mas o material pelo correio chegou? que é esse material que você falou que tem lá, né?
183. **Suj:** - é...
184. **Pes:** - do material é... de internet, você usou alguma coisa, assim? você chegou a acessar ou não?
185. **Suj:** - não. não.o tempo é curtíssimo. quando o computador está funcionando, tem gente. quando não tem ninguém lá, pode saber que não está funcionando. (*risos*)
186. **Pes:** - tem esses outros probleminhas, né?
187. **Suj:** - é.
188. **Pes:** - que são de outra natureza, né?
189. **Suj:** - em casa não dá tempo mesmo.
190. **Pes:** - é...o que é da família... você tem filhos?
191. **Suj:** - não tenho não. essa é... né? deus faz tudo certinho, se tivesse... também deveria já está velho. (*risos*) maior de idade.
192. **Pes:** - hanrã. mas também eu acho que a gente, é como você falou, o desenho da vida da gente não nos pertence por completo não, né?
193. **Suj:** - é...
194. **Pes:** grande parte a gente faz, mas...
195. **Pes:** - então, sobre essa discussão, a respeito de ... é... de museu e escola, você chegou a ter alguma disciplina no seu curso? na graduação?
196. **Suj:** - não.
197. **Pes:** - chegou a discutir isso na...
198. **Suj:** - não. nunca.
199. **Pes:** - na graduação..?
200. **Suj:** - eu até estranhei quando você falou que estava fazendo essa tese, uma coisa que eu nunca.. nunca tinha ouvido falar.
201. **Pes:** - deus, esse negócio de museu dá tese? (*risos*)
202. **Suj:** - com essa importância tanta, toda. (*risos*)
203. **Pes:** - é menina. eu... eu me interesso por museu, já há algum tempo, assim. desde a graduação fui monitora do museu da inconfidência, por pouco tempo. era um projeto junto a escola. eu ia pra escola, pra sala de aula pra conversar com os professores, (a discussão no museu), tinha um material. o material

era trabalhado pelos professores e a gente ajudava os professores. então, eu era uma monitora. saía com os meninos... acabei que no mestrado eu estudei um pouco o... a (ordem) (...) das crianças na relação com o museu. levei os meninos ao museu que tinha, o museu do escravo, lá em belo vale, fizemos umas atividades lá e tal. e fui me interessando por esse assunto. aí a primeira vez que eu tentei doutorado nem foi exatamente, com foco no museu, especificamente não. mas essa coisa sempre me rondou, sabe? de perto... então ...

204. **Suj:** - então tem que encarar, né?
205. **Pes:** - é... eu falei “ah., eu acho que..”. eu tinha na minha dissertação, eu tinha tido, assim, muita curiosidade de entender melhor o funcionamento de um museu, como que eles preparam pra receber escola, aquele momento tão curto, como é que o museu lida com isso. aí resolvi colocar estas questões em discussão, acabei entrando, né? (*risos*) com sorte de estar pesquisando este tema, apesar de mais raro, né?
206. **Suj:** - é.
207. **Pes:** - assim, de pouco pesquisado ainda, né? não tão raro, mas pouco pesquisado hoje, né? então sobre esta questão, por exemplo, de educação patrimonial, tem uma discussão na escola aqui, ou tem alguma inserção. você já algum curso? que já tenha feito? algo assim: educação e patrimônio, com relação com o patrimônio?
208. **Suj:** - não. não.
209. **Pes:** - não , né? não fez nenhum seminário, nada voltado para isso?
210. **Suj:** - não. não.
211. **Pes:** - durante a formação, vamos dizer mais acadêmica né?
212. **Suj:** - não.
213. **Pes:** - você fez especialização também?
214. **Suj:** - não.
215. **Pes:** - não, né?
216. **Pes:** - e... mas esse seu gosto por museu, ele vem mais do... da relação mesmo com a escola?
217. **Suj:** - é da relação com a escola. porque particularmente eu não tenho muito interesse não.
218. **Pes:** - não né?
219. **Suj:** - mas, assim, a medida que você vai trabalhando, você, né? vê as oportunidades e aí você aproveita pra...pra explorar,né?
220. **Pes:** - hanrã.
221. **Suj:** mais é, por minha conta é.. eu não levaria não.
222. **Pes:** - você não levaria, não teria tido... mas você achou que, do ponto de vista pedagógico, valeu a pena?
223. **Suj:** - valeu.
224. **Pes:** - valeu a pena. já incluiria, pra frente nos...
225. **Suj:** - já incluiria sim, até melhor preparada, agora.
226. **Pes:** - hanrã. bacana. é... e aí já aproveitando isso, você acha que favoreceu a aprendizagem dos meninos?
227. **Suj:** - ah. favoreceu.
228. **Pes:** - e o envolvimento? quando eu falo aprendizagem, eu to falando ..
229. **Suj:** - é.
230. **Pes:** - de um modo geral, vcê acha que eles tiveram interesse?
231. **Suj:** - tiveram.
232. **Pes:** - sentiram motivados lá?
233. **Suj:** - hunrum. tiveram sim. é... é... na verdade, tudo o que foge a rotina, já é (.)
234. **Pes:** - já é interessante?
235. **Suj:** - muito interessante.
236. **Pes:** - já atrai, né?
237. **Suj:** - mas a gente já estava vendo o assunto antes, né?
238. **Pes:** - hanrã.
239. **Suj:** - é... então já, já chama mais a atenção.
240. **Pes:** - hunrum.

241. **Suj:** - e depois aqui também houve interesse, na continuação das atividades. foi interessante sim. eles gostaram. pra fazer as atividades...
242. **Pes:** - uma produção, menina. uma produção no caderno muito organizada, ali.
243. **Pes:** - bem, e... e... pelo que eu vi ali no trabalho, você explorou alguns objetos. os meninos pesquisaram sobre alguns especificamente, né? você considerou é... isso importante pro conhecimento histórico? essa relação, assim, com o objeto, né? porque normalmente a gente estuda texto, foto...
244. **Suj:** - é... é... mas é importante, pelo menos, temos o dado de comparação. porque a todo momento tem alguma coisa para eles compararem né?
245. **Pes:** - hunrum. com a atualidade...
246. **Suj:** - é com a atualidade.
247. **Pes:** - e essa foi uma atividade bem voltada, quando vocês pensaram, foi muito voltada pra história? ou também todos os campos do conhecimento?
248. **Suj:** - mais pra história.
249. **Pes:** - mais pra história.
250. **Suj:** - mesmo porque minha cabeça tava na história. (*risos*)
251. **Pes:** - tava na história, né? ah. tá certo. (*risos*) e aí colado com o conteúdo, né?
252. **Suj:** - colado com o conteúdo.
253. **Pes:** - história da cidade, essas coisas.bem, pelo material já vi o que você utilizou em sala né? e se você fosse tentar, assim, avaliar essa visita. como é que você avaliaria?
254. **Suj:** - ah. tem vários aspectos. pela visita, pelo que é oferecido eu... eu avalio bem.
255. **Pes:** - hanrã.
256. **Suj:** - se eu tivesse que dar uma nota, seria uns 9. mais, assim, o que me incomodou muito, tanto que tem menino que não vai na excursão amanhã, é a indisciplina, falta de educação. a gente conversou antes, vários dias antes, porque já estava marcado com muita antecedência. no dia outra vez,
257. **Pes:** - hanrã.
258. **Suj:** - mas, se um sai da linha, tem uns quatro ou cinco pra acompanhar. então eu fiquei extremamente irritada lá no museu com a indisciplina. como se a gente não tivesse conversado nada. como se tivesse ido lá pra correr.
259. **Pes:** - hunrum.
260. **Suj:** - isso é que eu achei é.. é.. invalido.
261. **Pes:** - agora, na verdade, essas questões elas estão tanto lá, quanto aqui.
262. **Suj:** - é.
263. **Pes:** - ela tá muito, né?
264. **Suj:** - elas estão assim, né?
265. **Pes:** - estão gritando, né? a gente que é professor a gente está a par desta questão mesmo. ela está gritante mesmo.
266. **Suj:** - tá gritante.então assim, depois de tanta conversa eu esperava, pelo menos, né? uma... um nível melhor, “porque foi gritante”
267. **Pes:** - você achou?
268. **Suj:** - eu achei que foi gritante.
269. **Pes:** - bem, eu acho que estas questões, assim ...
270. (*alguém entra na sala e Daniela diz para eles ficarem a vontade.*)
271. **Pes:** - é, mas lá no dia, naquele dia, né? da... em relação a visita em si, né? atendeu suas expectativas em torno de conteúdo? como é que foi o trabalho dos monitores? você acha que a linguagem, o jeito que eles tratam o conteúdo, a forma como eles abordam, as atividades que eles desenvolvem lá, a metodologia, vamos dizer assim, as estratégias, né? porque eles dividem, por exemplo, na parte... lá eles dividem a visita em dois módulos, né? o primeiro tem o casarão...
272. **Suj:** - é.
273. **Pes:** - outro externo. cada um grupinho começa por um dos caminho e depois inverte, né? conta pra mim como é que você achou lá, como é que foi?
274. **Suj:** - bom, eu até tinha comentado com outra professora. eu achava que tinha que ser menos, uma turma só. duas turmas já foi pesado.
275. **Pes:** - hunrum.

276. **Suj:** - uma turma seria o ideal.
277. **Pes:** - hunrum.
278. **Suj:** - se, se fosse uma turma de cada vez tinha mais... haveria mais concentração.
279. **Pes:** - hunrum.
280. **Suj:** - eu acho que não teve aquele caso de menino correndo de um cômodo pra outro, pra ver primeiro, teria mais como controlar a visita. direcionar. e realmente pra tá (atendendo) as expectativas.
281. **Pes:** - hunrum.
282. **Suj:** porque houve um momento que a conversa...
283. **Pes:** - e a parte externa? a parte externa você teve monitor? ou não?
284. **Suj:** - não.
285. **Pes:** - porque tem dia que tem monitor, tem dia que não tem.
286. **Suj:** - é tem o bondinho, né? só naquela parte do bondinho. tinha outras coisas expostas lá, porque eu estava tão agitada, que eu sentei e deixei rolar.
287. **Pes:** - já tinha...
288. **Suj:** - é. aí lá ninguém monitorou não. no bondinho eles fizeram um desenho.
289. **Pes:** - hunrum.
290. **Pes:** - que monitor que te atendeu, você lembra? era um menino, era um rapaz..
291. **Suj:** - era um rapaz. não se se é reinaldo.
292. **Pes:** - é o reinaldo. é... tem
293. **Suj:** - teve um momento que ele teve que falar muito alto.
294. **Pes:** - hanrã.
295. **Suj:** - claro né? (*risos*) ele queria ser ouvido, chamar a atenção. então tinha que fazer isso. mas eu acho que, numa turma só...
296. **Pes:** - melhoraria? hunrum.
297. **Suj:** - com certeza. mesmo que fosse a minha. que é a mais perdida.
298. **Pes:** - hanrã. é... você acha que nas explicações, assim, da forma como eles abordam. você acha que os meninos compreendem ou não?
299. **Suj:** - compreendem.
300. **Pes:** - você acha que a linguagem é uma linguagem acessível pros meninos?
301. **Suj:** - é acessível.
302. **Pes:** - e as atividades que eles desenvolvem dentro da casa? o telefone sem-fio. você achou que...
303. **Suj:** - telefone sem-fio?. não teve esta atividade não.
304. **Pes:** - não teve não? dentro do casarão?
305. **Suj:** - no casarão, só foram mesmo os... talvez em função de tanta indisciplina, de tanta conversa.
306. **Pes:** - pode ser. pode ser. porque as vezes num fica... os meninos não estão quietos, né? aí não tem como. não tem clima, não tem jeito.
307. **Pes:** - é, bem, então eles... você achou que teve esse fator que atrapalhou o (andamento), né?
308. **Suj:** - é.
309. **Pes:** - e aí você acha que também o museu poderia ter também estratégias de disciplina? ou isso tem mais haver...
310. **Suj:** - eu acho que até poderia, talvez dois monitores, não? ao menos pra conter essa tensão que passa ali naquele momento, né?
311. **Pes:** - hunrum.
312. **Suj:** - mas a questão de ser a professora a gente fica até inibido de chamar a atenção lá, pra não fazer mais barulho ainda. então eu acho que dois monitores...
313. **Pes:** - talvez tivesse ajudado um pouco, né?
314. **Suj:** - é.
315. **Pes:** - mas também você não acha que tem haver com hábito?
316. **Suj:** - ah. deve ter. com certeza.
317. **Pes:** - porque nós vivemos isso muito lá na minha escola, sabe? todas as atividades coletivas (no espaço) é um deus nos acuda. as vezes a gente convida pessoas externas, gasta um dinheirinho suado, aí a gente fala "há mas é (inaudível) desgaste nosso." mas a gente repensa se deixar de fazer também eles nunca vão aprender. então eu fico pensando talvez se essa questão..

318. **Suj:** - é, mais aqui, na escola, pelo menos, é...
319. **Pes:** - olha aqui, eles estão indo pro trabalho de campo hoje, foram no museu, pelo que eu vi...
320. **Suj:** - não. é.. é... é.. acho que mais é por falta de educação mesmo. porque sempre tem apresentações no pátio...
321. **Pes:** - hunrum.
322. **Suj:** - deles mesmos, teatro com gente de fora, teatro mesmo. deixa eu ver o que mais veio gente. palestras.
323. **Pes:** - hunrum.
324. **Suj:** - assim, é feito, naquela arquibancada, então tem espaço pra todo mundo. até que não é muito difícil lá não.
325. **Pes:** - hunrum.
326. **Suj:** - mas eu realmente, sempre tem aqueles, que quando a professora não está perto, tem que me mandar procurar ...
327. **Pes:** - é. sempre tem esses.
328. **Suj:** - mas de maneira geral é tranquilo aqui no pátio.
329. **Pes:** - hunrum.
330. **Pes:** - lá também pode ser a euforia de estar fora né?
331. **Suj:** - eu acredito mais que seja isso.
332. **Pes:** - no outro lugar também, né?
333. **Suj:** - eu acredito mais que seja a euforia de estar fora.
334. **Pes:** - tem uma euforia de estar fora (...).
335. **Suj:** - na área externa do museu que foi ... (*risos*)
336. **Pes:** - mas, assim, você acha que suas expectativas foram atendidas? você tinha mais alguma expectativa, assim, mais em relação ao conteúdo, a abordagem sobre a história da cidade?
337. **Suj:** - não. é foram atendidas. essas expectativas foram.
338. **Pes:** - hanrã.
339. **Suj:** - o que me decepcionou mesmo foi o comportamento dos meus alunos.
340. **Pes:** - ah. mas a gente acha, prepara uma aula que ... vai ser a mais bacana e nem sempre é.
341. **Pes:** - eu acho que era isso que eu queria ouvir de você.
342. **Suj:** - então tá bom. ainda vai me sobrar um tempinho.
343. **Pes:** - muito grata viu? obrigada mesmo, pela sua generosidade comigo. tá bom?
344. **Suj:** - de nada.

Entrevista número: 05
Sujeito: PJ5
Local: Escola Municipal B
Data: 19/11/2009
Duração: 29':57''

Legenda:

Pes: Pesquisador:

Suj: Sujeito

1. **Pes:** - então Jade, eu estou desenvolvendo um projeto de pesquisa na Faculdade de Educação, sou aluna lá da pós-graduação e eu estou investigando é... essa relação museu/escola. e agora eu estou interessada em entender, assim, como é que o museu se prepara para receber a escola, né? e como ela pensa o projeto educativo...
2. **Suj:** - hanrã.
3. **Pes:** - e como é que ele pensa seu projeto educativo. então, eu estive no museu, por isso acabei me encontrando com vocês, acompanhando algumas visitas escolares. e agora, o meu interesse é assim, como que a escola também usa esse equipamento, né? como é que a escola utiliza o museu ...
4. **Suj:** - hunrum.
5. **Pes:** - como espaço cultural, como lugar de conhecimento e aí era minha idéia de conversar com alguns professores, de conhecer um pouco. e aí eu pensei assim, como é que vocês é incluíram, né? o museu, por que, quais os objetivos?
6. **Suj:** - hunrum.
7. **Pes:** - por que que vocês pensaram em incluir o museu no programa, acha que está relacionado a qual conteúdo específico
8. **Suj:** - sim.
9. **Pes:** - ou se é um projeto, como é?
10. **Suj:** - a princípio, a coordenação que colocou pra gente essa excursão.
11. **Pes:** - hunrum.
12. **Suj:** - especificamente pra duas terceiras séries. por que? todos os alunos mais maduros, né? com relação ao que eles é... estavam vendo, estudando sobre ele.
13. **Pes:** - hunrum.
14. **Suj:** - as mudanças de Belo Horizonte, que vem ocorrendo.
15. **Pes:** - hunrum.
16. **Suj:** - então tudo relacionado, né? então qual série poderíamos trazer, seria a terceira. aí ela que arranjou, programou tudo, planejou tudo.
17. **Pes:** - ela é quem?
18. **Suj:** - andréia, a coordenadora. seria a supervisora, né? coordenadora pedagógica. e, então como a gente já vinha trabalhando sobre essa questão das alterações, das mudanças da cidade com o passar do tempo, nada mais (...) do que ir lá né?
19. *(neste momento toca o sinal da escola e tem uns alunos gritando no fundo)*
20. **Suj:** - então foi interessante. então, ela entrou em contato com o museu, agendou a visita.
21. **Pes:** - hunrum.
22. **Suj:** - e eles mandaram um material pra gente, pra gente trabalhar com os alunos antes. então mais ou menos um mês antes eu comecei a trabalhar com eles.
23. **Pes:** - ah. entendi.
24. **Suj:** - tudo que eles iriam ver lá, o que eles iriam fazer lá, qual era o objetivo. então, acho que eles até chegaram a anotar no caderninho o objetivo da visita.
25. **Pes:** - hunrum.
26. **Suj:** - fizeram atividades sobre o bonde, antes de conhecer. então eu fiz uma prévia com eles, eles desenharam no caderno de artes, baseado na aula que eu dei pra eles com base no... na ... nos papéis que o museu mandou. eu trabalhei com eles e falei: agora vocês vão usar a imaginação.
27. **Pes:** - hunrum.

28. **Suj:** - o que que vocês acham que vocês vão encontrar lá, né? por exemplo, esse bonde, depois da aula que eu dei. então fizeram é... uma apresentação. e até que chegou lá eles fizeram, né? de novo.
29. **Pes:** - hunrum.
30. **Suj:** - e, bom, o objetivo mesmo foi esse, é perceber mesmo as alterações, né?
31. **Pes:** - hunrum.
32. **Suj:** - as mudanças com o tempo, Vila Rica, ouro Preto. é interessante que depois que eles foram, que eles viram o casarão, aí trouxeram um material de casa; alunos que tinham material bom sobre o casarão.
33. **Pes:** - hunrum.
34. **Suj:** - eu tirei xerox, passei pra eles. lemos o texto, eles viram o casarão, assim, no meio do mato, no meio do nada (.)
35. **Pes:** - ah. é.
36. **Suj:** - “nossa mas como mudou”, ali eles puderam perceber a alteração mesmo. o que que era o Curral Del Rey, né? e o que que é hoje. cheio de prédios, casa e ali tudo mato com a casinha ali no meio.
37. **Pes:** - hunrum.
38. **Suj:** - “nossa tá perfeito professora, não mudou muita coisa não.” então foi uma aula bem, bem divertida. eles puderam ver, ir lá e depois comparar, né?
39. **Pes:** - hunrum.
40. **Suj:** - como que era antes...
41. **Pes:** - então você utilizou estas imagens (.) ...
42. **Suj:** - Sim.
43. **Pes:** - esse material pedagógico...
44. **Suj:** - deles, deles não tinha imagens não. só textos.
45. **Pes:** - ah. tá. entendi.
46. **Suj:** - nós lemos, eu expliquei, conversei, pedi pra pesquisar, quem tinha acesso a internet, pedi pra pesquisar sobre o Abílio Barreto. “entra lá, digita lá no google.” já fui coordenadora de informática educativa aqui dois anos.
47. **Pes:** - hanrã.
48. **Suj:** - então eu peço eles muito pra pesquisar.
49. **Pes:** - ah. que legal.
50. **Suj:** - então eu falei: “quem tem em casa, entra lá no google lá e digita Museu Abílio Barreto, vê o que vocês vão achar de bom.” aí teve menino: “ah. não achei nada não, mas eu digitei bonde, encontrei umas gravuras e vi.”
51. **Pes:** - ah. entendi.
52. **Suj:** - aí trouxe, imprimiu. tá até guardado ali no armário. aí passou pros colegas. Isso tudo antes de ir. então eles tiveram uma idéia do bonde que eles iriam ver lá.
53. **Pes:** - hunrum.
54. **Suj:** - mas trabalhei bastante essa, essa visita antes, né?
55. **Pes:** - hunrum.
56. **Suj:** - e depois também explorei com as gravuras que eles trouxeram do museu antigo, da.. do casarão antigamente né? que eles acharam. é absurda a mudança, né? “oh. cheio de prédio aqui, não tem nada de planta mais, não tem nada de verde.”
57. **Pes:** - é..
58. **Suj:** - pode falar.
59. **Pes:** - então, é... você naquele dia, assim, como é que você achou que foi a visita? a forma como o museu organizou, recebeu, o que que você acha?
60. **Suj:** - eu achei legal. é... a forma como ele explica, a forma como ele abrange, né? mas, eu achei que muito... muito aluno num espaço pequeno. então estava muito calor, os agitados realmente não tem como controlar. a minha sala é uma sala mais tranquila, mas a da Daniela, por exemplo, já é uma sala mais agitada. então, fizeram um, né? atrapalhava, começaram a fazer coisas que num, né? não foi o que eles viram antes, que eles ouviram antes de ir.
61. **Pes:** - hunrum.

62. **Suj:** - parece que esqueceram tudo. eu achei, assim, que a visita pra duas salas... estava cheio, não deu pra... alguns alunos, eu creio que não deu pra aproveitar não. porque está apertado, está calor, é agitado, então não absorveu muita coisa não.
63. **Pes:** - hunrum.
64. **Suj:** - o que falava alí pra eles, se perguntar já não lembra.
65. **Pes:** - hunrum.
66. **Suj:** - então assim uma salinha seria bom.
67. **Pes:** - uma sala fora, né?
68. **Suj:** - isso. mais de 20 alunos, acho que...
69. **Pes:** - e aquela divisão que eles fazem: a parte externa, a parte interna. você acha que ela funciona? os dois momentos: o casarão, depois a parte externa. você acha que esse, essa forma é interessante?
70. **Suj:** - Sim, porque primeiro foi do lado de fora e, despertando o que? a curiosidade.
71. **Pes:** - hunrum.
72. **Suj:** - o que que a gente vai ver lá dentro? então aquela expectativa, né? de saber o que vai encontrar lá dentro. Só acho que tudo que a gente vai passar pra eles em relação ao conteúdo, eu acho que primeiro a gente tem que criar as expectativas.
73. **Pes:** - hunrum.
74. **Suj:** - é despertar a curiosidade mesmo da criança. então achei que do lado de fora despertou, assim, essa certa curiosidade: o que vamos ver lá dentro.
75. **Pes:** - e você percebeu assim que tinha um conteúdo ali naquela área de fora a ser explorado?
76. **Suj:** - Sim. com relação ao casarão, né?
77. **Pes:** - o casarão como objeto, né?
78. **Suj:** - o tipo de construção,
79. **Pes:** - hunrum.
80. **Suj:** - o que que era usado antes, né? aquela exploração toda ali, janela, né? tijolo. é.. é.. aquelas... o que eles passaram, né? eu achei, achei bem trabalhado. mas pra eles mesmo a diferença,
81. **Pes:** - hunrum.
82. **Suj:** - ali ficou bem claro tudo o que viram em sala: alteração, né? com o tempo. a coisa mudando.
83. **Pes:** - você teve monitor nos dois momentos ou não?
84. **Suj:** - como?
85. **Pes:** - o monitor te acompanhou nos dois momentos? no externo e no interno? a parte interna da casa e na área externa?
86. **Suj:** - não. não.
87. **Pes:** - teve não.
88. **Suj:** - ele, ele, você diz aquele que fica lá apresentado?
89. **Pes:** - é.
90. **Suj:** - sim em todos os momentos.
91. **Pes:** - é porque alguns são voluntários, então tem dia que só tem um.
92. **Suj:** - não, todos os momentos ele acompanhou, lá fora, lá dentro.
93. **Pes:** - e a linguagem você achou que foi acessível para os meninos?
94. **Suj:** - achei.
95. **Pes:** - o jeito como ele abordou?
96. **Suj:** - não houve nada... ele é bem, bem explicativo mesmo, bem... uma linguagem bem clara, né?
97. **Pes:** - hunrum.
98. **Suj:** Sem palavras muito difíceis, que a criança não possa entender, não. trabalhou de uma forma clara.
99. **Pes:** - e:::e, as estratégias que eles usam lá dentro, né? o telefone, lá fora da leitura do bonde, o que que você achou assim? o telefone sem-fio ele fez com vocês? acho que não, né?
100. **Suj:** - não. o telefone sem-fio ele não fez. é ...
101. (()) (*Silêncio da entrevistadora e entrevistada e muito barulho no fundo, gritos até*)
102. **Pes:** - é a forma então como eles abordaram, você acha que contribuiu, assim, pro, pra compreensão do assunto que você estava estudando? a temática é...
103. **Suj:** - sim. eu acho que contribuiu sim.
104. **Pes:** - hunrum.

105. **Suj:** - tudo o que eu conversei com eles é, lá na visita, eles constataram né? e...
106. **Pes:** - e eles fizeram referências depois das coisas que eles viram lá?
107. **Suj:** - sim. comentaram. inclusive na, a melhor parte foi a das comparações, né? do como era e de falar sobre o bonde... gravaram bastante, né? nas atividades eu trabalhei muito, chegou lá ainda fizeram desenho, ainda viram.
108. **Pes:** - é, lá acabou...
109. **Suj:** - então é uma coisa que eles gravaram bastante. eu creio que foi uma visita bem proveitosa.
110. **Pes:** - hunrum.
111. **Suj:** - eu nunca tinha ido no museu, foi a primeira vez, com aluno, foi a primeira vez.
112. **Pes:** - é? então foi a primeira vez?
113. **Suj:** - eu nunca tinha trabalhado não.
114. **Pes:** - é, então, você na sua formação teve algum momento que você visitou museu, assim, como parte da formação? de algum curso, na graduação que eu estou falando?
115. **Suj:** - eles fizeram, eu não vou poder te... que eu participei não. mas eu tive é... três meses de licença maternidade, que lá na PUC dá, eles foram pra Ouro Preto fazer um trabalho de campo.
116. **Pes:** - ah.
117. **Suj:** - mas eu fiz um outro trabalho. então, na verdade, eu nem sei muito o que trabalharam não em Ouro Preto.
118. **Pes:** - mas disciplina, alguma coisa que aborda essa questão de museu...
119. **Suj:** - não.
120. **Pes:** - atividade no museu, essas coisas não?
121. **Suj:** - não. não. mais não. mais é literatura. de museu mesmo que eu lembre, nada relacionado.
122. **Pes:** - hunrum.
123. **Suj:** - na graduação não.
124. **Pes:** - e algum curso você já fez?
125. **Suj:** - não.
126. **Pes:** - assim de uso de museu, museu/escola?
127. **Suj:** - não. nunca fiz.
128. **Pes:** - questão de patrimônio, educação patrimonial? essas coisas não, né?
129. **Suj:** - não. nunca fiz.
130. **Pes:** - é, o museu ele oferece um curso. você ficou sabendo desse curso? um curso que é de formação de professores, que na verdade ...
131. **Suj:** - eu ouvi falar.
132. **Pes:** - chama-se encontro com o museu.
133. **Suj:** - eu ouvi falar, mas num...
134. **Pes:** - você chegou a participar?
135. **Suj:** - não. eu ouvi falar, mas, assim, nunca apareceu uma oportunidade, sabe?
136. **Pes:** - Pra fazer, né?
137. **Suj:** - um papel, um ofício enviado pra escola. uma coisa assim que desperte o interesse, eu nunca... eu fiquei sabendo, eu não sei nem como. acho que foi alguma propaganda ou em algum desses materiais que eu andei foleando.
138. **Pes:** - que tem né?
139. **Suj:** - que tem um curso.
140. **Pes:** - você não chegou a participar?
141. **Suj:** - não. não.
142. **Pes:** - aqui na escola, você sabe se alguém participou?
143. **Suj:** - não. que eu saiba não.
144. **Pes:** - não teve, assim, repassar não, né?
145. **Suj:** - não.
146. **Pes:** - é... em relação ao museu você disse que não conhecia ainda, né? esse museu abílio Barreto...
147. **Suj:** - não. ainda não.
148. **Pes:** - você disse que não.
149. **Suj:** - eu não tinha ido lá não.

150. **Pes:** - mas vocês também não foram antes de fazer a visita não né?
151. **Suj:** - não, não não.
152. **Pes:** - você estava trabalhando com o material que chegou, né?
153. **Suj:** - eu trabalhei com o que eles me deram. não fui lá antes não.
154. **Pes:** - então esse material você chegou a utilizar em sala, o material que eles mandaram?
155. **Suj:** - em sala.
156. **Pes:** - ou foi mais pra você mesmo?
157. **Suj:** - pra mim, obviamente, recebi em casa. levei e dei uma lida. estava até dentro do meu carro. levei antes, dei uma lida, entrei na internet, vi gravuras do museu, dei uma sondada, assim, antes. como eu não tinha ido.
158. **Pes:** - hanrã.
159. **Suj:** - e a parte dos objetivos, aquelas coisas assim mais específicas, eu dei uma lida antes e muita coisa que estava lá, eu li pra eles. algumas coisas eu passei no quadro,
160. **Pes:** - hanrã.
161. **Suj:** - como o objetivo, né? a gente vê lá as alterações que Belo Horizonte vem sofrendo (.)
162. **Pes:** - ah. tá.
163. **Suj:** - no decorrer dos anos, né? passei algumas coisas no quadro pra eles, né?
164. **Pes:** - bem e sobre a organização da visita em si, da organização mais que eu estou dizendo da infraestrutura? a escola providencia? você mesma? como é que foi?
165. **Suj:** - não. foi tudo eles da coordenação. eles marcam o ônibus...
166. **Pes:** - eles que você fala é da coordenação?
167. **Suj:** - é a coordenação.
168. **Pes:** - recolher dinheiro dos meninos.
169. **Suj:** - aí os meninos entregam a autorização pra mim. eu guardo o dinheirinho, lá num saquinho com a autorização e depois entrego pra coordenação.
170. **Pes:** - hunrum. mas não é muito dificultoso não, né?
171. **Suj:** - não.
172. **Pes:** - tem apoio.
173. **Suj:** - tem.
174. **Pes:** não fica sozinho nessa...
175. **Suj:** - não. de jeito nenhum.
176. **Pes:** - nessa tarefa não, né?
177. **Suj:** - não. vai uma coordenadora com a gente, pra dar um suporte. naquele dia foi, foi eu e minha sala, a Daniela e foi a... a... coordenação eventual que é a tina, né? tá até em adaptação, ela que está ajudando a gente.
178. **Pes:** - ah. tá. eu posso te (...)
179. **Suj:** - hum hum. porque ela é professora. é uma moreninha, de cabelinho curtinho. ela está em adaptação funcional, ela teve depressão. ficou um bom tempo afastada.
180. **Pes:** - ah. tá. então acaba que tem um apoio, assim, né?
181. **Suj:** -tem. ela sempre ajuda a gente, ela que fica pra passar os diários.
182. **Pes:** - e os alunos contribuíram, assim, com algum recurso, pra ajudar pagar? essas coisas assim..
183. **Suj:** - nessa excursão: não, não. nessa não. como ela é didática, como é conteúdo mesmo, então foi ônibus da (.) ...
184. **Pes:** - da Prefeitura.
185. **Suj:** da Prefeitura. então não pagaram nada. é amanhã tem a da Bhtrans, não paga nada também. então tem toda uma... uma...
186. **Pes:** - e essa visita ao Abílio Barreto, ela está incluída no programa aqui da escola? é a primeira vez que vocês vão? como é que é?
187. **Suj:** - não. que eu vou sim, mas
188. **Pes:** - mas outros colegas já..
189. **Suj:** - outras disse que já. as duas terceiras séries foram depois de mim,
190. **Pes:** - hanrã.
191. **Suj:** - foram essas, outro dia.

192. **Pes:** - você fala outros anos?
193. **Suj:** - é.
194. **Pes:** - anteriores?
195. **Suj:** - é. já aconteceu. com certeza, porque o ano passado eu vi demais, assunto sobre museu,
196. **Pes:** - ah.
197. **Suj:** - fotos, essas coisas. levaram celular tiraram fotos. assim, eu acho que aqui é corriqueiro. Sempre tem essa, essa visita a museu. não é só lá não, outros museus. eu é que nunca tinha...
198. **Pes:** - tinha ido nesse, né?
199. **Suj:** - é.
200. **Pes:** - é... os meninos, seus meninos, eles já tinham ido em outros museus ou nesse especificamente?
201. **Suj:** - eu acho que em nenhum.
202. **Pes:** - nenhum.
203. **Suj:** - nenhum. nenhum comentou.
204. **Pes:** - você chegou a conversar um pouco sobre como é, o que é museu, assim...
205. **Suj:** - conversamos sobre o museu
206. **Pes:** - o que que é que eles pensam...
207. **Suj:** - Perguntei o que que eles achavam que poderia ter num museu. é, “museu, o que que vocês pensam?”, “que que é museu?”, “que que tem lá dentro”. aí fui fazendo as perguntas, né? aí eles respondem “ah. tem coisa antiga”, né?
208. **Pes:** - é.
209. **Suj:** - aí eles vão falando: “ah. tem isso.”, as vezes, “a minha mãe foi”, “O meu tio foi e falou”,
210. **Pes:** - hanrã.
211. **Suj:** - eles sempre começam a fazer esses comentários.
212. **Pes:** - hunrum.
213. **Suj:** - e, com relação também a comportamento, eu passei várias vezes: não tocar ...
214. **Pes:** - hunrum.
215. **Suj:** não... não mascar cicletes; não levar água, não entrar com água, com líquido. tudo isso foi passado por várias vezes, né?
216. **Pes:** - hunrum.
217. **Suj:** - com eles. é, pra preservar né? O patrimônio ali. então eles já sabem o que que é patrimônio, é... patrimônio cultural da humanidade, a gente estudou muito depois. Porque a gente estava estudando sobre Ouro Preto agora.
218. **Pes:** - ah. tá. hanrã.
219. **Suj:** - então, a gente está estudando sobre as casas antigas de Ouro Preto, né? Sobre Vila Rica. aí, vira e mexe, abre o livro: “nossa. olha outro casarão aqui igual.”
220. **Pes:** - é.
221. **Suj:** - vira e mexe eles...
222. **Pes:** - o livro que vocês usam aqui é qual?
223. **Suj:** - é...
224. **Pes:** - é o História Aberta?
225. **Suj:** - é.
226. **Pes:** - Porta Aberta?
227. **Suj:** - é. é um verdinho. é ele mesmo.
228. **Pes:** - deixa eu ver o nome aqui, Mirna. é Mirna que chama a autora né?
229. **Suj:** - é. isso mesmo. um verdinho.
230. **Pes:** - então, depois que eles voltaram vocês trouxeram algum material de lá?
231. **Suj:** - a gente pegou, né? aquelas gravuras, que eles deram pra gente...
232. **Pes:** - e você trabalhou com (...)?
233. **Suj:** - passei pra eles, eles colaram, fizeram comentários sobre o que eles estavam vendo ali ...
234. **Pes:** - hunrum.
235. **Suj:** e tem até mais algumas ainda dentro, que eu quero ainda
236. **Pes:** - voltar.
237. **Suj:** - passar, porque eu ainda estou dando a matéria tá relacionada, né?

238. **Pes:** - ainda tá relacionada. hanrã.
239. **Suj:** - então eu ainda guardei um pouquinho ali, pra ver se de repente eu até coloco uma na questão da prova...
240. **Pes:** - hunrum.
241. **Suj:** - então, dei pra eles, até para os que não foram, parece e eles colaram no caderno e fizeram observações.
242. **Pes:** - ô Jade, em relação ao museu você acha que o museu tem uma contribuição especial, diferenciada no processo educativo? assim, se comparado, se comparado com outros tipos de atividades?
243. **Suj:** - bom, foi a primeira vez pra mim. e... nossa eu achei muito válido, porque está dentro daquilo que eles estão estudando.
244. **Pes:** - hunrum.
245. **Suj:** - então, ali foi uma forma, assim, deles né? pra gente ir lá em Ouro Preto é tão difícil.
246. **Pes:** - hunrum.
247. **Suj:** - onde eles vão ter esse acesso a casarão antigo, né? as coisas que usavam: as fechaduras, as chaves. como é que eles vão né?
248. **Pes:** - hunrum.
249. **Suj:** - ficam doidos pra pegar, tocar e ver, né?
250. **Pes:** - e lá não pode, né? (*risos*)
251. **Suj:** - aí tem que ficar olhando. (*risos*) então, quer dizer aquilo é importantíssimo. sem aquilo ali seria livro, né? papel. as vezes, eles nem acreditam no papel. muitos não acreditaram no que viram lá. não acharam que existe, acharam que “aquilo é mentira, né professora?”, “não gente aquilo é daquela época mesmo, pegaram, limparam com cuidado e é preservado ali, vai ficar ali, anos, anos e anos. o casarão é, quem mexe para reformar, uma parte dele pra ver, são historiadores. São pessoas que chegam lá, até expliquei, vai lá com pincelzinho, com todo o cuidado pra poder restaurar, colocar o máximo possível do jeito que era. porque né? 100 por cento, não vai ficar nunca.”
252. **Pes:** - hunrum.
253. **Suj:** - mas eles sabem, eu contei tudo pra eles.
254. **Pes:** - hunrum.
255. **Pes:** - então você acha que, que, que no geral é um movimento, assim, que vale a pena
256. **Suj:** - vale...
257. **Suj:** - para suas atividades didáticas, assim.
258. **Suj:** - sim. acho porque, principalmente, o meu caso aí foi pra história..
259. **Pes:** - mais voltado mesmo pra história?
260. **Suj:** - pra história.
261. **Pes:** - e a relação mais imediata foi com o conhecimento sobre mudanças...
262. **Suj:** - sim, transformações...
263. **Pes:** - espaço urbano.
264. **Suj:** - Belo Horizonte. é isso aí.. encaixou perfeito.
265. **Pes:** - você acha que eles gostaram?
266. **Suj:** - gostaram bastante. quem não foi ficou chateado, porque depois viu, sabe? “vocês foram nessa casa?”, “não é essa aqui não, né?”... não aceitavam a idéia de verem no papel e imaginar que os meninos estiveram lá, que os colegas estiveram lá.
267. **Pes:** - hanrã.
268. **Suj:** - essa casa. “é essa casa aí mesmo gente, nós estivemos lá, eles entraram lá.” aí ficam: “nossa. mesmo?” o máximo, eles acharam fantástico.
269. **Pes:** -ah. que legal.”
270. **Suj:** - irreal. eles acharam que era, que não era verdade não. custei colocar na cabeça deles. (*risos*)
271. **Pes:** - é engraçado é que eles são tão novos, né? eles pensam que um outro tempo é algo que está tão longe..
272. **Suj:** - “nossa. mas esse tanto de mato aqui, não é assim não.” eu falei “gente era assim, a gente está estudando sobre isso. vizinho longe de vizinho, todo mundo morava longe.” é que a gente está estudando a vida no campo (.)

273. **Pes:** - ah... entendi.
274. **Suj:** e a vida na cidade.
275. **Pes:** - ah então foi ótimo, né? porque...
276. **Suj:** - a operação no campo, a operação na cidade. a gente está vendo tudo isso.
277. **Pes:** - então foi ótimo, porque aí (.)
278. **Suj:** - por isso que ela encaixou a terceira série, porque aí
279. **Pes:** - é.
280. **Suj:** - porque ela foi exatamente no conteúdo que a gente digita lá no planejamento nosso, mesmo.
281. **Pes:** - ah. tá.
282. **Suj:** - e é ela que digita, então ela vê lá, está trabalhando isso, então vamos encaixar a terceira série.
283. **Pes:** - você pensou em fazer alguma avaliação, ou alguma coisa assim. alguma atividade de, de avaliação utilizando este conteúdo?
284. **Suj:** - é... eu... eles fizeram o desenho do bonde e eu coloquei conceito.
285. **Pes:** - hunrum.
286. **Suj:** - é... a gente está com material pra te mostrar, só que hoje não tem espera. é... o que que eles imaginavam encontrar lá, né?
287. **Pes:** - ah que legal.
288. **Suj:** - então eles escreveram.
289. **Pes:** - hunrum.
290. **Suj:** - desenharam sobre o bonde, que mais que eu fiz? tem umas perguntas no material que eles mandaram...
291. **Pes:** - sobre o bonde? ou não?
292. **Suj:** - sobre o bonde. tem, sobre o bonde e, eu li o texto com eles, fiz as explicações sobre o bonde e depois passei algumas perguntas dessas pra eles pensarem, com o que eu falei, tentar responder.
293. **Pes:** - hunrum.
294. **Suj:** - e eles responderam sobre, quem cobrava a passagem?
295. **Pes:** - ah. entendi.
296. **Suj:** - se o bonde tinha frente, atrás? como é que era? é, por onde subiam as pessoas... o cobrador ficava. como era o nome do motorista, o motorista era chamado? motorneiro, né?
297. **Pes:** - aí você acabou retomando
298. **Suj:** - é.
299. **Pes:** - ou você fez antes?
300. **Suj:** - fiz, eu li o texto pra eles e expliquei com minhas palavras, não li, fui, fui
301. **Pes:** - explicando.
302. **Suj:** - explicando e depois as perguntas, algumas perguntas eu selecionei. aí eles copiaram as perguntas e com relação ao que eu falei...
303. **Pes:** - isso antes ou depois?
304. **Suj:** - antes. e depois quando nós voltamos, nós pegamos a atividade pra ver, pra ler.
305. **Pes:** - ah. tá.
306. **Suj:** - e aí foi isso mesmo? aconteceu isso mesmo?
307. **Pes:** - hanrã.
308. **Suj:** - você constatou isso que você escreveu? “ah. não. eu imaginava de uma forma e cheguei lá”
309. **Pes:** - era outra.
310. **Suj:** - aí o outro: “ah. eu já imaginava assim mesmo, porque eu vi na internet.”
311. **Pes:** - hunrum.
312. **Suj:** - “porque eu trouxe as fotos.”. então trabalhei as duas, o antes, bastante o antes também. e o depois trabalhei, mas menos porque eles já viram e já constataram. então o antes eu trabalhei a imaginação deles bastante.
313. **Pes:** - ah. também porque não tem muito tempo né? vocês viram... não tem muito tempo que vocês foram lá, né? deve ter vindo desenvolvendo isso.
314. **Suj:** - verdade. então tem o que? tem umas três semanas. aí eu dei a, um xerox sobre o casarão (usando)...
315. **Pes:** - você fez a maquete com eles? ou não?

316. **Suj:** - não, não fiz. sobre os anos é, as (obras) que vem sendo conservadas. como que isso acontece?
317. **Pes:** - ah. tá.
318. **Suj:** - isso de um material que uma aluna trouxe.
319. **Pes:** - ah. você falou que eles apóiam também, né? uai. é isso viu? já deve ter... não tem nada. sobre seu trabalho mesmo. quero te agradecer viu? Por essa colaboração com o meu trabalho.
320. **Suj:** - tá ok. sem problema.
321. **Pes:** - muito grata, viu?
322. **Suj:** - precisando.
323. **Pes:** - o material dos meninos, você não tem não, né?

Entrevista Número: 06
Sujeito: PL6
Local: Escola Municipal A
Data: 26/11/09
Duração: 21':49"

Legenda:

Pes: Pesquisador:

Suj: Sujeito

1. **Pes:** - então, a primeira coisa, é que eu queria que você me contasse, assim, como foi essa organização pra visita. como é que foi essa parte mais estrutural? como é que...
2. **Suj:** - é, a idéia de ir lá pro museu surgiu da professora Lica. ela que sugeriu. aí, antes da gente ir a gente leu um texto sobre o museu, né? primeiro eu perguntei na sala o que que eles achavam que iam encontrar lá, né?
3. **Pes:** - hunrum.
4. **Suj:** - no museu. então eles acharam... quando eu falei museu, eu já imaginava ossos de dinossauro, eu sempre acho que vou encontrar essas coisas assim, né? de animais, essas coisas relacionadas à natureza. mas aí eu fui explicar que existia um museu que contava a história da nossa cidade, né?
5. **Pes:** - hunrum.
6. **Suj:** - que eles ficam falando, falando muito, mas eles não tem noção do que que é, né?
7. **Pes:** - hunrum.
8. **Suj:** - num... num... não tem uma visão do concreto, nem nada do que existiu. não tem nenhuma ilustração. então, a gente leu um texto pra eles, e eles ficaram bastante motivados a, a ir ao museu.
9. **Pes:** - e esse texto, era um texto do museu?
10. **Suj:** - é um texto...
11. **Pes:** - ou da internet?
12. **Suj:** - da internet. acho que foi tirado da internet. porque tudo foi organizado pela professora pecó que achou e foi passando pra gente. ela é como uma coordenadora da terceira série, sabe?
13. **Pes:** - hunrum. (*risos*)
14. **Pes:** - entendi.
15. **Suj:** - aí. discutimos esse texto e fomos pra lá. e depois, aí depois do museu a gente fez uma avaliaçãozinha também.
16. **Pes:** - hunrum. e os objetivos, assim, da organização da visita da parte mais...
17. **Suj:** - o mais é isso, pra... pros meninos darem valor né? a cultura da nossa cidade, a... conhecer a origem.
18. **Pes:** - hunrum.
19. **Suj:** - o objetivo era esse. valorizar a história, né?
20. **Pes:** - hunrum.
21. **Suj:** - porque, as vezes, a gente fica na, naquela história de sala de aula é meio enjoada, né? a gente ficar naquele... porque a gente não consegue... eu, pelo menos, eu lembro quando eu era aluna, eu não gostava de história não. porque ficava aquela coisa que a gente não faz parte da gente né? aquele negócio tão distante.
22. **Pes:** - hunrum.
23. **Suj:** então eu acho que quando a gente faz uma visita assim ao museu, a gente consegue, né? introduzir aquilo no... pra, pra... consegue. como eu vou te explicar? assim, fica assim mais tátil, né?
24. **Pes:** - hunrum.
25. **Suj:** - ver o que aconteceu, como foi a origem, ver de perto os objetos que as pessoas usavam.
26. **Pes:** - hunrum.
27. **Suj:** - comparar aquilo com como que é hoje né? os avanços da tecnologia, aí abre um leque né?
28. **Pes:** - hunrum.
29. **Suj:** - pro trabalho. então, o objetivo é esse, e mostrar também, muitos não tem a oportunidade um Museu, nunca tinha ido a um museu, né?

30. **Pes:** - hunrum.
31. **Suj:** - então dar essa oportunidade de cultura pras crianças.
32. **Pes:** - é verdade, hoje mesmo eles estão indo pro Museu de História Natural.
33. **Suj:** - é. muitas vezes eles não gostam, assim, quando a gente fala que vai visitar, vai pra uma excursão pra um museu, ou uma outra excursão que nós fizemos também foi pro aterro sanitário, muita gente pensa que excursão tem que ser só pra passear né? ir ao cinema ou, sei lá, qualquer outra coisa que seja pra diversão. não pensa na cultura né? então dar essa oportunidade para eles.
34. **Pes:** - é, essa atividade que vocês prepararam antes pra eles, é... foi só oral...
35. **Suj:** - foi oral, foi tudo oral na sala.
36. **Pes:** - hunrum.
37. **Suj:** - é... eu fiz um levantamento do que que eles achavam que iam encontrar no museu, o que que eles esperavam da visita, né? aí eu já introduzi, falei que a gente ia conhecer um pouco mais de perto a história de belo horizonte ...
38. **Pes:** - hunrum.
39. **Suj:** - aí foi mais assim, porque agora eu vou introduzir na sala estudos sobre Minas Gerais... E vou aprofundar nisso aí agora, na História de Belo Horizonte também. acho que quando começa eles vão lembrando o que eles viram lá e fica mais legal, né?
40. **Pes:** - é. é verdade. você usou algum material didático específico, assim, pra trabalhar com eles do museu, que o museu tem oferecido? porque o museu manda antes algum material...
41. **Suj:** - não, assim, até que no dia da visita você me perguntou, mas isso não chegou às minhas mãos antes.
42. **Pes:** - ah. você não recebeu, né?
43. **Suj:** - e até hoje eu não recebi não.
44. **Pes:** - hunrum. então, o material foi esse texto, né?
45. **Suj:** - antes, realmente, foi só isso aqui. e essa discussão.
46. **Pes:** - e você já conhecia o museu?
47. **Suj:** - eu também, não.
48. **Pes:** - não? foi a primeira vez?
49. **Suj:** - foi a primeira vez que eu fui.
50. **Pes:** - então você não participou daquele curso encontro com o museu, né?
51. **Suj:** - não.
52. **Pes:** - porque tem um curso que eles oferecem aos professores, antes da visita...
53. *(Alguém interrompe a conversa oferecendo café.)*
54. **Suj:** - não. eu nunca tinha ido também não.
55. **Pes:** - hunrum.
56. **Pes:** - e esse material não chegou pra nenhum professor? nem pra coordenadora ou você não soube?
57. **Suj:** - não, não sei das outras professoras, nem da coordenação da escola eu não sei. eu nem ouvi falar desse... desse...
58. **Pes:** - material, né?
59. **Suj:** - desse material não.
60. **Pes:** - hunrum. É porque, normalmente, quando agenda eles mandam um material.
61. **Suj:** - hunrum.
62. **Pes:** - mais pra mostrar como que é a visita, as regras...
63. **Suj:** - hanrã.
64. **Pes:** - e, em relação ao agendamento lá no museu, vocês tiveram alguma dificuldade? ou você ...
65. **Suj:** - quem, quem organiza é a coordenação da escola, né?
66. **Pes:** - hunrum.
67. **Suj:** - mas parece que não houve nenhum problema não. nada que ela tenha passado pra nós.
68. **Pes:** - nada que tenha chegado, né?
69. **Suj:** - é. porque essa questão de agendamento, sempre é a coordenadora da escola que organiza.
70. **Pes:** - e, e aí também ela organiza essa coisa de ônibus ...
71. **Suj:** - é.
72. **Pes:** - das saídas, tudo?

73. **Suj:** - é tudo com a coordenação da escola.
74. **Pes:** - é relativamente tranquilo sair?
75. **Suj:** - é... foi super tranquilo. não houve problema nenhum.
76. **Pes:** - hunrum. conseguir ônibus, essas coisas assim...
77. **Suj:** - é... não teve nenhum problema não,
78. **Pes:** - então, eu creio que vocês não se envolvem muito com essa questão
79. **Suj:** - Não.
80. **Pes:** - da infraestrutura?
81. **Suj:** - não. Isso tudo é a parte da coordenação da escola.
82. **Pes:** - hunrum.
83. **Suj:** - e no caso aí é a dona márcia que organizou.
84. **Pes:** - é? foi a regina não né?
85. **Suj:** - não, normalmente, é a dona Márcia quem organiza as excursões.
86. **Pes:** - dona Márcia é o que?
87. **Suj:** - coordenadora pedagógica.
88. **Pes:** - e em relação esta questão da, da, dessa área relação museu/escola você chegou a estudar alguma coisa em relação a isso, que, potencialidade educativa do museu? fez algum curso sobre relação museu/escola? na faculdade, chegou a visitar algum museu?
89. **Suj:** - não. não. nunca ofereceram isso pra gente na época em que eu estudei não.
90. **Pes:** - não, né?
91. **Suj:** - não.
92. **Pes:** - museu como recurso, vamos dizer, didático? como potencialidade educativa não né?
93. **Suj:** - falava, assim, é, é... sobre oferecer pros alunos a oportunidade de conhecer novas coisas. mas não, assim, do museu especificamente não, nunca falaram nada.
94. **Pes:** - nem um texto específico?
95. **Suj:** - não.
96. **Pes:** - que você tenha lido a respeito disso...
97. **Suj:** - não, eu não lembro disso não.
98. **Pes:** - seminário. algum seminário que você tenha feito que tenha discutido museu/escola...
99. **Suj:** - não lembro. não lembro de nada específico assim não.
100. **Pes:** - não né?
101. **Suj:** - inclusive na época em que eu fiz faculdade, eu acho, a gente não fez nenhuma excursão.
102. **Pes:** - hunrum.
103. **Suj:** - nenhuma em nenhum assunto, assim, específico não. ficava preso, assim, às metodologias.
104. **Pes:** - hunrum.
105. **Suj:** - num(.) num (.), não oferecia assim muita coisa assim de curso não.
106. **Pes:** - você terminou seu curso em que ano?
107. **Suj:** - noventa e nove.
108. **Pes:** - noventa e nove... isso a graduação né? E a pós – graduação foi quando?
109. **Suj:** - a pós foi em dois mil e um.
110. **Pes:** - hunrum. e a pós você fez também na UEMG?
111. **Suj:** - a pós foi no Cepemg.
112. **Pes:** - ah. sei que é ali pertinho...
113. **Suj:** - é pertinho.
114. **Pes:** - e naquele dia lá no museu, como é que foi a visita assim?
115. **Suj:** - ah. Eu achei ótimo, eu achei muito proveitoso. eu gostei demais. eu também como não tinha ido né?
116. **Pes:** - hunrum.
117. **Suj:** - eu aproveitei demais também. e os meninos gostaram. adoraram o bondinho, ver... eles também gostaram de ver o pote de requeijão. eles adoraram comparar como é que era as coisas antigamente com as atuais. eles acharam tudo interessante.
118. **Pes:** - hunrum.
119. **Suj:** - eles gostaram bastante. eles amaram. eles falaram que gostaram demais, né?

120. **Pes:** - que gostaram muito, né?
121. **Pes:** - e, e, em relação as suas expectativas, assim, em relação a questão do tratamento, né? da, da, com a história?
122. **Suj:** - eu achei muito bom. eu gostei demais.
123. **Pes:** - a abordagem que eles dão?
124. **Suj:** - da, da explicação lá, da... da (...). achei muito bom, gostei. gostei demais, do jeito que ela trata as crianças, de envolver os meninos, né? aí faz a brincadeira com eles dentro do casarão ...
125. **Pes:** - hunrum.
126. **Suj:** - eu achei muito legal. ela conseguiu, consegue envolver as crianças. eu achei muito interessante. foi muito bom.
127. **Pes:** - e ela é dividida em dois módulos, a visita né? você acha que foi proveitoso aquela parte interna da casa? depois a parte externa...
128. **Suj:** - acho bom, porque aí os meninos têm que trabalhar a autonomia, o respeito. a parte em que a gente anda sozinho, assim, sem o acompanhamento, os meninos deram conta direitinho. a minha turma deu conta de acompanhar aquela parte lá do, do... a parte mais atual do museu, né?
129. **Pes:** - é.
130. **Suj:** - tem um parte mais nova, né?
131. **Pes:** - hunrum.
132. **Suj:** - aquele outro prédio, é, eles deram conta, eles respeitaram as regras lá de não passar da linha, tudo direitinho. de não tocar nos objetos, né?
133. **Pes:** - hunrum.
134. **Suj:** - eles deram conta direitinho. gostaram. respeitaram. queriam ter ficado mais. (*risos*)
135. **Pes:** - é eles querem ficar lá.
136. **Suj:** - eu achei muito bonitinho, eles interessaram, gostaram muito.
137. **Pes:** - é eu, eu que não tenho assim, vamos dizer, tecnologia, essas coisas interativas..
138. **Suj:** - não.
139. **Pes:** - mas prende né?
140. **Suj:** - se for analisar não tem muita coisa, se for pensar com a cabeça de uma criança, não é toda criança que se interessa por aquelas coisas né?
141. **Pes:** - hanrã.
142. **Suj:** - então, mas eles gostaram. e agora eles vêem e falam “ah eu vi uma casinha de pau-a-pique”
143. **Pes:** - hanrã.
144. **Pes:** - é.
145. **Suj:** - eles já estão relacionando com as coisas da vida dele.
146. **Pes:** - bacana. é, e em relação ao acompanhamento do monitor? você achou que... você já começou falar um pouco...
147. **Suj:** - é, então, achei que ela foi muito boa, muito feliz no envolver da turma, né? soube dividir... deixar para as crianças mesmo explorarem o ambiente, ler o que elas davam conta lá nas paredes, onde tem aquelas fotografias com as informações, e depois perguntava pra que que funcionava aquelas coisas: os objetos, né?
148. **Pes:** - hanrã.
149. **Suj:** - aí eu achei bem legal o jeito que ela conduz o processo da visita. eu achei muito proveitoso.
150. **Pes:** - e aquela atividade lá fora, da leitura do bonde, você fez aquela atividade da leitura do bonde?
151. **Suj:** - aquela parte, como a gente demorou bastante lá dentro, na parte...
152. **Pes:** - ah. porque você também visitou os novos acervos ...
153. **Suj:** - Foi.
154. **Pes:** - a exposição Novos Acervos.
155. **Suj:** - então, a gente demorou bastante lá. é, os meninos gostaram, eles ficaram vendo aquele filminho que passa lá de Belo Horizonte e eles demoraram lá um pouquinho lá dentro. então quando a gente saiu, não deu pra ficar muito tempo no bonde, eles olharam, acho que não deu tempo nem deles fazerem o desenho.
156. **Pes:** - ah. entendi.

157. **Suj:** - não deu nem tempo. porque eles ficaram bem assim envolvidos no, na observação dos objetos expostos lá fora, né?
158. **Pes:** - hunrum.
159. **Pes:** - você conheceu a atividade da leitura do bonde? você teve contato com ela antes ou só lá?
160. **Suj:** - só lá.
161. **Pes:** - ah. tá.
162. **Suj:** - tudo pra mim foi surpresa lá, porque eu não tive... eu não conhecia o museu...
163. **Pes:** - hanrã.
164. **Suj:** - não tive acesso ao material, então tudo pra mim foi novidade. eu fui igual as crianças. (*risos*)
165. **Pes:** - mas você teve oportunidade...
166. **Suj:** - porque o que eu sabia, o que eu sabia era o que eu tinha lido no texto.
167. **Pes:** - no texto, né?
168. **Suj:** - junto com eles.
169. **Pes:** - ah. legal. e você se sentiu a vontade, assim, pra colocar as questões, que você quisesse interromper ou você deixou mais pros monitores?
170. **Suj:** - não. eu deixei por conta dos monitores e deixava as crianças mais participarem.
171. **Pes:** - é...
172. **Suj:** - mas, assim, não é que eu não me senti a vontade pra, se eu quisesse falar
173. **Pes:** - havia espaço, né?
174. **Suj:** - fiquei bem a vontade.
175. **Pes:** - é eu acho que, eu queria saber, assim, você sentiu que havia esse espaço?
176. **Suj:** - senti. tava bem (...) a liberdade. não senti nada assim não. não me senti presa não. tava tudo bem a vontade.
177. **Pes:** - então, em relação ao conteúdo abordado lá, né?
178. **Suj:** - muito rico.
179. **Pes:** - você achou que contribuiu pra sua...
180. **Suj:** - contribui demais, nunca vi. gostei demais da visita. eu apaixonei. depois eu quero voltar lá, levar minha filha. (*risos*)
181. **Pes:** - o museu tem essas coisas, né? todo mundo que vai lá, tem... teve uma professora que eu entrevistei que falou assim: nossa estou apaixonada (*risos*) com o museu.
182. **Suj:** - é eu gostei demais.
183. **Pes:** - e depois da visita, assim, como é que você tratou, assim, essa visita em sala de aula. você fez alguma atividade?
184. **Suj:** - é a gente fez uma avaliaçãozinha, falando o que que eles mais gostaram, perguntando pra eles, perguntando pra eles o porque do nome do museu, né? é, dos objetos que eles lembravam que tinha visto lá... teve alguns alunos que não foram né? então a gente contou pra eles...
185. (*Alguém interrompe a conversa*)
186. **Suj:** - aí é isso, de que objeto eles acharam mais interessante...
187. **Pes:** - hunrum.
188. **Suj:** - eles amaram muito o bonde, né? gostaram demais ...
189. **Pes:** - É o bonde, eles ficam doidos, né?
190. **Suj:** - fotografaram o bonde, né? e depois a gente veio falar pra eles perguntarem pros pais, alguns pais deviam ter andado naquele bonde que tá lá. (*risos*) inclusive até eu mesmo falei com a minha mãe, minha mãe falou assim: com certeza eu andei nele. (*risos*) que é Ozanã, a gente morava lá perto, ela morava lá perto do bairro Ipiranga...
191. **Pes:** - hanrã.
192. **Suj:** - tem o Ozanã e o Ipiranga, né? pertinho e ela falou que usava. então dava pra ver né? tudo que tá lá pra realidade. e eles gostaram... acharam muito interessante o, de saber que nas casa não tinha banheiro, né?
193. **Pes:** - hunrum.
194. **Suj:** - então foi muito legal, eles falaram que conhece fossa né? que tem lugar que tem fossa até hoje.
195. **Pes:** - ah. que bacana. e você utilizou de algum dos objetos, assim, pra trabalhar mais aqui na sala...
196. **Suj:** - fazer um outro estudo?

197. **Pes:** - fazer alguma coisa mais especifica?
198. **Suj:** - aprofundada?
199. **Pes:** - aprofundada...
200. **Suj:** - não, não aprofundei não.
201. **Pes:** - alguns dos objetos visto lá...
202. **Suj:** - por enquanto não. por enquanto não, mas igual eu te falei, aí agora eu estou... porque nós já estudamos tudo o que tinha no nosso livro de geografia e de história, sabe?
203. **Pes:** - hunrum.
204. **Suj:** - então aí agora eu estou voltando mais pra só Minas Gerais.
205. **Pes:** - ah.tá.
206. **Suj:** - então com certeza nós vamos chegar em algum aspecto do museu.
207. **Pes:** - é... acaba utilizando em outros momentos.
208. **Suj:** - utiliza.
209. **Pes:** - depois disso.
210. **Suj:** - é com certeza.
211. **Pes:** - e o material que vocês receberam lá? você ...
212. **Suj:** - do, da maquetezinha?
213. **Pes:** - foi só a maquete que vocês receberam né?
214. **Suj:** - eu recebi só a maquete.
215. **Pes:** - você chegou a trabalhar com eles?
216. **Suj:** - não. está comigo ainda. eu num, não montei com eles ainda não... porque é só uma né?
217. **Pes:** - é só uma.
218. **Suj:** - e aí todo mundo vai querer. (*risos*) eu estou pensando eu mesma montar e colocar na sala (*risos*).
219. **Pes:** - é porque acaba sendo um tópico difícil né?
220. **Suj:** - é. ia ser bom se todo mundo pudesse ganhar uma né?
221. **Pes:** - é. verdade. antes tinha os almanaques né? que eles recebiam uns almanaquezinhos também que era bacana...
222. **Suj:** - pois é... mas a gente não teve isso. eles não trouxeram nada de lá não.
223. **Pes:** - é, e você acha que o museu, ele tem um potencial educativo que o diferencia de outras estratégias, assim, metodológicas.
224. **Suj:** - ah eu acho muito bom. eu gostei muito por causa disso, igual eu te falei que dá pra gente ver de perto um pouco da vida das pessoas, da origem. vendo aqueles objetos dá até pra gente ver a história de perto e até viver aquela história né?
225. **Pes:** - hunrum.
226. **Suj:** - que a gente fica contando na sala de aula. então dá pra gente vivenciar aquilo. é, que a gente conta na sala de aula. eu acho muito especial. se tudo que a gente pudesse ensinar tivesse uma coisa pra mostrar, assim, né?
227. **Pes:** - hanrã.
228. **Suj:** ia ser muito melhor.
229. **Pes:** - ah muito legal.
230. **Suj:** - então eu gostei. muito válida a visita ao museu. os meninos também amaram.
231. **Pes:** - hunrum. e essa já é uma prática aqui né? de, de.. levar em museus
232. **Suj:** - é. as meninas já tinha o costume de levá-los. parece que todo ano elas levam. mas o ano passado eu não fui, estava trabalhando a quarta série. então, não teve a oportunidade de... de...
233. **Pes:** - então há uma relação direta com o conteúdo estudado no ano?
234. **Suj:** - éde acordo com o conteúdo, né?
235. **Pes:** - hunrum.
236. **Suj:** eles não levam, assim, por levar não. tem que estar relacionado a alguma coisa que a gente está estudando...
237. **Pes:** - hunrum.
238. **Suj:** ou então mesmo que a gente ache, vamos supor: “ah. visitar lá vai ser muito bom”, vamos supor que não tem nada a ver com o conteúdo, mas a í a gente faz um projeto em cima daquilo né? pra

estudar. envolver algum conteúdo com aquilo, não simplesmente ir e voltar não. sempre tem alguma coisa por trás.

239. **Pes:** - em relação né?

240. **Suj:** - é pra relacionar.

241. **Pes:** - ah. legal Lucimra. obrigada. era isso que eu queria conversar com você. se você tiver algum material, você querendo me mostrar, alguma atividade.

242. **Suj:** - num, num precisa. só foi essa avaliaçãozinha mesmo e esse texto que nós lemos e foi coisa do museu mesmo.

243. **Pes:** - hunrum.

244. **Suj:** - não tem nada assim diferente não.

245. **Pes:** - então tá bom. obrigada.

246. **Suj:** - de nada. como é que você chama mesmo?

247. **Pes:** Soraia.

248. **Suj:** - então tá soraia, de nada... qualquer coisa, estamos aí.

249. **Pes:** muito grata.

Entrevista número: 07
Sujeitos: PV7 e PC7
Local – Escola Municipal C
Data: 26/11/2009
Duração: 59':42"

Legenda:

Pes: pesquisador:

Suj: Sujeito

1. **Pes:** - bem gente, então a questão é a seguinte, primeiro, quero dizer eu fiz um roteiro aqui, mas vocês podem ficar à vontade para falar como vocês quiserem. não tem nada muito preso não.
2. **Suj1:** - ah. tá.
3. **Pes:** - então a idéia é mesmo assim, como é que foi essa organização pra sair, né? como é que vocês incluíram essa visita no programa de vocês e, e qual que era mesmo, assim, o interesse, o objetivo...
4. **Suj1:** - é, desde o ano passado que as meninas seguem, normalmente, as professoras seguem com a turma. então a prioridade é que você que continue com a turma pelo menos de 2 a 3 anos, você segue com sua turma o ciclo todo.
5. **Pes:** - hunrum.
6. **Suj1:** - entendeu? a idéia básica da prefeitura é que o aluno, o professor tenha uma sequência. que cada ano né? ele fica com a turma. com a mesma turma, que ele continue com a turma até fechar o ciclo. então desde o início as meninas pediram que quando tivesse no final do 1º ciclo, iriam estudar Belo Horizonte e elas queriam que marcassem uma agenda lá com o museu, porque ele trata mais da história de Belo Horizonte, né? mais foca mais essa questão. e aí a gente agendou é pra esse ano fazer um trabalho paralelo, né? de estudar Belo Horizonte. um pouco da história de Belo Horizonte, com a parte geográfica e também a parte histórica. e aí lá iria complementar o trabalho que as meninas vinham fazendo na sala de aula com os meninos.
7. **Pes:** - hunrum.
8. **Suj1:** - elas pediram pra agendar né? pra fazer uma complementação do trabalho que estava sendo desenvolvido aqui na sala de aula. aí quando eu marquei o pessoal do museu mandou um material, mandou uma maquete lá do museu, mandou o caderninho explicando o que é o museu...
9. **Suj2:** - um material bem rico, bem interessante.
10. **Suj1:** - qual que é o trabalho que o museu desenvolve, o projeto que ele desenvolve e as professoras desenvolveram também esse trabalho que o museu mandou pra escola com as turmas. as meninas montaram a maquete, trabalharam a história de Belo Horizonte também com eles e do museu. eles conheceram um pouquinho mais do museu com esse material que veio de lá.
11. **Pes:** - hunrum. e foram todas as turmas da escola?
12. **Suj1:** - não. só as turmas do final do 1º ciclo.
13. **Pes:** - pois é, todas as do final do 1º ciclo.
14. **Suj1:** - as duas turmas.
15. **Suj2:** - são só duas.
16. **Pes:** - hanrã.
17. **Suj2:** - uma coisa interessante Soraia é que, na sala de informática a gente ia trabalhando também a parte da consulta, de consultar sabe? de buscar informações. e aí foi uma parte legal, porque eles estavam aprendendo como, como mexer, como manusear. entrar na internet, como procurar informação. então assim, foi uma festa pra eles. aí procuraram né? viram fotos, tá enxergando aquilo. no meu caso, no caso da minha turma deu pra gente estar vendo as coisas do museu pela internet antes da gente estar chegando ao museu propriamente dito. então foi interessante, porque depois que nós retornamos aí eles puderam comparar o que eles viram no computador, com o que eles viram na realidade. e aí foi muito legal. as coisas que eles estavam vendo: “nó aquilo que a gente viu.”, eles comentaram sabe?
18. **Pes:** - hunrum.
19. **Suj2:** - então assim, foi muito rica essa relação né? dá aula de informática com as coisas que a gente estava experimentando lá.
20. **Pes:** - hunrum.

21. **Suj2:** - não sei como que é o desenrolar aí, mas teve uma, teve uma das atividades deles lá, que foi, foi a do bonde? aquela de colorir..
22. **Suj1:** - é o bondinho...
23. **Suj2:** - acho que foi o bondinho mesmo, que eles, assim, amaram. foi o bonde mesmo. tinha a ver com as informações que eles já tinham buscado. eu me lembro que eles estavam, assim, bem interessados...
24. **Suj1:** - tinha um questionário...
25. **Suj2:** - tinha um questionário, o que que era?
26. **Suj1:** - tinha um questionário. o questionário veio pra escola pra trabalhar antes ou poderia trabalhar depois. acho que as meninas optaram por trabalhar depois. que tinha algumas questões que dependia de conhecer o museu...
27. **Suj2:** - isso. de observar.
28. **Suj1:** - de observar, porque perguntava até relacionado a cor, como é que era o bonde, né?
29. **Suj2:** - é complicado falar...
30. **Pes:** - chama roteiro de leitura do bonde. uma coisa mais ou menos assim.
31. **Suj2:** - igual eu falei eu trabalho com português, matemática, ciências. então o que que nós fizemos? tem uma outra professora que trabalha com geografia/história.
32. **Pes:** - ah. tá.
33. **Suj:** - então nós dividimos o trabalho.
34. **Suj1:** - isso, pra não ficar...
35. **Suj1:** - então eu não tenho como falar todo o material porque eu vi, eu peguei mais a parte que tinha a ver com aquilo que eu estava trabalhando com os meninos e deixei bastante coisa pra professora de geografia/história estar trabalhando com eles diretamente. então eu me lembro deste questionário e eu acho que foi realmente depois, porque tinha o questionário e a gente viu que tinha que ter... mas algumas perguntas da, desse questionário já foi fonte para conduzir na aula de informática, né?
36. **Pes:** - entendi.
37. **Suj1:** - eu já tive como estar dando algumas pistas pra eles estar procurando, sabe? Vamos jogar esta pergunta. como a gente faz pra descobrir isso. Vão tentar descobrir isso. que mais que a gente pode estar jogando aí para estar descobrindo outras coisas interessantes. mais aí a questão do bonde lá, né? eles queriam, eles achavam que iam andar de bonde, né? (*risos*) e aí por mais que a gente falasse com eles e tal... a gente falou que não era assim e tal e que não podia tá puxando, subindo, fazendo igual eles gostam e tal. que era, a importância do museu, aí eu fui trabalhando porque que tinha que ser assim. a questão da conservação, a conscientização da conservação do que é público, do que é bem nosso.
38. **Suj1:** - memória né?
39. **Pes:** - hunrum.
40. **Suj2:** - isso aí é uma coisa que eu acho, pelo menos nessa sala que eu trabalho, eu trabalho muito essa questão, sabe? de conservar aquilo que é bem nosso, que é bem público e que tem que ser bem usado e protegido. que eu acho que o museu só existe, porque alguém conservou. e aí eu tento sempre trabalhar isso com eles. e aí o porque que não podia né? estar lá subindo e aquela coisa toda, né? então teve essa discussão depois e aí eles foram observar como que ele era. é, me parece que eles é que desenharam Vanda. eu não tô lembrada direito.
41. **Pes:** - é, porque lá tem um...
42. **Suj2:** - eu acho que eles desenharam..
43. **Pes:** - porque lá tem um bloco de atividades que eles fazem.. tem um roteiro que chama roteiro de leitura do bonde e depois no final eles recebem uma pranchetinha e fazem um desenho do bonde.
44. **Suj2:** - é. eu acho que é isso. aí eles desenharam. eles tinham que ir e vir, aí aquelas coisas né? das dimensões, eles queriam “ah. mas eu quero olhar do outro lado.” Sabe? aquela coisa, bom se eu estou tirando, como se fosse uma foto, né? eu to olhando daqui, não precisa dar a volta, mas eles iam lá dar a volta, ver. então, assim, foi bem legal essa questão né? da observação. eu acho que o legal desta parte do desenho aí, né? fazendo uma análise crítica do trabalho deles aí, de como foi conduzido, é a questão de estar conduzindo para o olhar observador, né? pra eles desenharem, eles tinham que observar, pra eles colorirem eles tinham que observar, né? porque senão eles não tinham como estar batendo uma coisa com a outra. né? então, isso aí eu lembro que foi legal...

45. **Suj1:** - eu acho que, além disso também, a gente sabe que as famílias, as próprias crianças, a cultura do brasileiro não é muito de ir a museu.
46. **Suj2:** - é.
47. **Suj1:** - o pessoal gosta de parque, gosta de clube, gosta de tudo, mas museu é uma coisa que se a escola não levou; a família não é muito engajada, não é ligada na educação, a memória, a cultura do Brasil como um todo. a família não leva, então eles não tem acesso. então eu acho que a única forma de acesso que eles tem é através da escola. então a escola aqui, sempre a gente procura, além da gente integrar com os conteúdos que a gente está trabalhando, olhar, levar pra esse lado também do incentivo dos alunos conhecerem um museu. a importância dele pra história, pra memória, né?
48. **Pes:** - hunrum.
49. **Suj1:** - então nesse sentido também que a gente tentou dar enfoque.
50. **Suj2:** - e como que eles encantam. até a gente mesmo, né? quando a gente vê uma coisa que não tá fazendo parte do nosso mundo atual, da nossa realidade, como que a gente encanta de ver, o quanto que nós, o homem, o ser humano evoluiu nas suas descobertas, no seu modo de viver. é, a gente já foi em outros museus aqui, eu não se é esse Vanda, mas aquele ferro de brasa...
51. **Suj1:** - carvão?
52. **Suj2:** - então, eles acharam assim “que isso.”, “como é que pode?”, sabe?
53. **Pes:** - eles se espantam né?
54. **Suj2:** - até na minha época, na época da minha mãe ela falou que ainda usava, eu cheguei a conhecer, mas os meninos hoje eles não tinham, não sabiam, não conheciam. então como que isso é legal, como que isso é gostoso. eu me lembro também da questão das chaves, né? o tamanho das chaves, “nossa. como que carrega uma chave dessa?”, “como que era?”, então, assim, o tamanho das chaves, por que que as chaves eram tão grandes? por que que, tinha uma outra coisa também, por que que... foi um esclarecimento de como que os pais controlavam as filhas, né? o porque da estrutura da casa. né? assim, como que era a divisão, aí as monitoras que estavam com a gente elas eram, extremamente, assim, é atenciosos com os meninos. detalhistas na hora das perguntas, sabe? Sabem lidar muito bem com as crianças, né? fazem em forma de brincadeiras e, assim, seduz mesmo os meninos. e assim pra nós foi um trabalho muito legal, que deu assim, deu... além da gente estar saindo né? relacionando com o que a gente estava estudando, com certeza foram muitas outras coisas que eles conseguiram vivenciar. muito mais do que a gente possa contar, perceber.
55. **Pes:** - hunrum.
56. **Pes:** - então, você disse que vocês receberam o material antes né?
57. **Suj2:** - foi.
58. **Pes:** - Vocês fizeram uso em sala?
59. **Suj1:** -Sim.
60. **Suj2:** - também.
61. **Pes:** - desse material que o museu mandou?
62. **Suj1:** - é.
63. **Suj2:** - não foi esse xerox...
64. **Suj1:** - foi perguntas ...
65. **Suj2:** - não sei o que ela fez, não foi xerox não.
66. **Suj1:** - veio um livrinho falando sobre o museu, apresentando a história do museu...
67. **Suj2:** - tinha um pra cada?
68. **Suj1:** - não. mas a gente reproduziu ele.
69. **Suj2:** - ah. tá.
70. **Suj1:** - tinha...veio o maquete do museu pra poder montar, né? ela veio aquele papel grossinho, colorido igual o museu é mesmo.
71. **Pes:** - hanrã.
72. **Suj1:** - pra poder contar...
73. **Suj2:** - dobrar.
74. **Suj1:** - igual um quebra-cabeça. Só fazer dobraduras mesmo e encaixar as peças e formar o ...
75. **Suj2:** - aí a Mara Rúbia foi xerocando partes, né?

76. **Suj1:** -isso. aí foi fazendo de acordo. o questionário ele veio, mas não deu pra gente fazer porque realmente tinha um conhecimento do bondinho (.) ...
77. **Suj2:** - é.
78. **Suj1:** - que ele tinha que conhecer lá. de ver o bonde como que era pra depois responder. e até pra desenhar, que tinha também.
79. **Pes:** - além desse material do museu vocês é... você já disse que trabalhou pelas aulas de informática, pelo site né?
80. **Suj2:** - hunrum.
81. **Pes:** - que o site (...). teve algum outro material específico, assim...
82. **Suj2:** - bom, no caso aí é claro que dá margem pra um monte de coisa de português, né? é, é uma produção de texto em cima de... “vamos contar aqui, como que era então.” aí deu margem pra fazer diferentes tipos de texto, né? um texto descritivo. então vamos descrever, como que era, por exemplo, o bonde. aí, né? que eles tiveram que fazer isso.
83. **Suj1:** - relatório.
84. **Suj2:** - é, relatório.
85. **Suj1:** - foi...
86. **Suj2:** - então isso aí... e aí é claro que a gente está sempre destacando para eles os diferentes tipos de texto, deu pra gente tá falando. é... que mais que deu pra gente trabalhar? teve mais coisa, nossa.
87. **Suj1:** - bom, aí, a visita, eu fui ao museu outras vezes e esse trabalho do bondinho, do bonde não tinha na época.
88. **Suj2:** - ah.
89. **Suj1:** - já foi feito outro trabalho com os meninos com alguns materiais, com o mapa-múndi, tinha uns dadinhos, os meninos brincavam de responder algumas coisas. mas assim, era como se fosse os grupinhos tinham que acertar de localização de países. não tinha... esse foi a primeira vez que tinha essa questão
90. **Pes:** - hunrum.
91. **Suj2:** - agora uma coisa que eu acho muito legal é que os próprios, alguns museus tem mandado para as escolas, né? de um tempo pra cá, não sei de quanto tempo, mas de um tempo pra cá, tem mandado né? assim, eu não sei se é via e-mail ou se é alguma cartinha, eles mandam para as escolas
92. **Suj1:** - mandam...
93. **Suj2:** - algum chamando, não é?
94. **Suj1:** - carta.
95. **Suj2:** - carta?
96. **Suj1:** - é.
97. **Suj2:** - e aí, assim, falando né? convidando a escola, colocando a exposição, mostrando até qual o prazo fazer inscrição, como fazer. eu acho que isso também é uma forma de estar chamando a atenção de novos professores.
98. **Suj1:** - convidando, divulgando né?
99. **Suj2:** - divulgando e estimulando, porque as vezes nem a gente mesmo conhece esse, esse hábito né?
100. **Pes:** - hunrum.
101. **Suj1:** - eu estou falando por mim, porque eu não tinha... fazer igual a (inaudível) é pra outro canto.
102. **Suj1:** - (inaudível) Se a escola não leva...
103. **Suj2:** - chegou final de semana vai sair com filho..
104. **Suj1:** - pra clube, pra shopping...
105. **Suj2:** - é outras coisas. e as vezes tem tanta coisa no museu que a gente não sabe, né?
106. **Pes:** - hunrum.
107. **Suj2:** - assim, experimentar, saborear e quando tem esse convite, né?
108. **Pes:** - hunrum.
109. **Suj2:** - é uma luz a mais que vai perpassando, vai pra nós professores, que consegue chegar até os alunos e automaticamente até as famílias.
110. **Pes:** - hunrum.
111. **Suj2:** - porque aí eles convidam, né? e é muito legal, outro tipo de atividade que deu, né? foi tá contando pra... atividade oral, tá contando pra família como que foi, o que que teve, né?

- 112.**Pes:** - hunrum.
- 113.**Suj2:** - o que que fez, o que que gostou, o que que não gostou, o que que foi positivo,
- 114.**Pes:** - nó. que legal.
- 115.**Suj2:** - o que que não foi positivo, o que que é curioso demais, tipo assim: “Você tem que conhecer.”, “Você tem que ver.”. igual eu cheguei da viagem né? aí ficou assim conta pra eles, não “Conta da viagem”. então, assim, é aguçar a curiosidade do outro, né?
- 116.**Pes:** - hunrum.
- 117.**Suj2:** - e eu acho que é isso que... igual tem aquele do pipiripau, que eu queria muito tá conseguindo ver se ainda conseguiria...
- 118.**Suj1:** - pra esse ano não.
- 119.**Suj2:** - já não deve ter mais. mas, assim, é fantástico o presépio (...).
- 120.**Pes:** - lá no horto, né?
- 121.**Suj2:** - é. eu acho... eu considero que o museu, ou seja até outras... outras... como que eu vou dizer? igual não tem algum cinema que abre...
- 122.**Suj1:** - outras instituições...
- 123.**Suj2:** - que deve estar chegando até a escola, sabe?
- 124.**Pes:** - hunrum.
- 125.**Suj1:** - seja através de um e-mail, seja através de uma cartinha, tá mostrando...
- 126.**Suj1:** - folder né? cartaz..
- 127.**Suj2:** - que chama a atenção de montão. eu acho que isso é legal.
- 128.**Suj1:** - eu acho que a divulgação hoje de, de, de tentar fazer com que a escola interaja mais com outros espaços de cultura, de conhecimento também pra não ficar preso só na escola
- 129.**Suj2:** - com certeza.
- 130.**Suj1:** - eu acho importante também oferecer aos alunos outros espaços de formação. fora da sala de aula, né? podemos variar um pouquinho, modificar a aula, tornar a aula mais agradável, (...) até pra outras formas de cultura né? fora da sala de aula.
- 131.**Pes:** - até a própria vivência da cidade né?
- 132.**Suj1:** - isso.
- 133.**Pes:** - então, já que, que né? você começou a falar e você também da importância do museu, eu queria saber, assim, se você destaca algum elemento que no museu é um diferencial em relação à outras estratégias. se existe no museu um diferencial pedagógico? se encontra no museu um diferencial pedagógico? você acha que o trabalho com os objetos, com a cultura material tem um efeito é... diferenciado. enfim, qual que seria esse valor educativo do museu?
- 134.**Suj1:** - acho que a escola trabalha também, assim, de certa forma muito com coisa abstrata. mais longe, lá eles tem a oportunidade de vivenciar aquilo ali. de conhecer coisas que eles nunca tiveram oportunidade de ver, no museu eles vêem.
- 135.**Pes:** - hunrum.
- 136.**Suj1:** - né? eu acho que é...
- 137.**Suj2:** - é... além disso também, o que que acontece? pra mim é o lado mágico entre aspas, a questão, assim, de justamente aquilo que eu estava falando: como que o ser humano é capaz de evoluir ou, as vezes, até quem sabe de retroceder...
- 138.**Suj1:** - hunrum.
- 139.**Suj2:** - em algumas coisas né?
- 140.**Pes:** - hunrum. sim claro.
- 141.**Suj2:** - mas, assim, como que o crescimento, como que o desenvolvimento né? da mente humana, das potencialidades do ser humano faz com que a gente consiga evoluir em alguns aspectos, né? facilitar a vida da gente em muitos aspectos, mas também as vezes acaba...
- 142.**Pes:** - criando outros problemas, né?
- 143.**Suj2:** - é. é a questão da... (...) de como é que fica a relação de nós seres humanos com o mundo no sentido de descobrir, criar, recriar, sem... sem... se autodestruir, né?
- 144.**Pes:** - hunrum.
- 145.**Suj2:** - é porque, eu acho que é isso que é legal no museu. Ver... o museu é pra mim é justamente isso: é memória, né? é história e mais do que isso, pra mim enquanto professora, enquanto pessoa, é ver de onde

nós... de onde que eu vim, de onde que minha família, meus ancestrais, meus antepassados passaram e quanta coisa que está facilitada na nossa vida hoje e quanto que eu, se outros puderam criar e recriar, é isso que eu trabalho muito com os alunos ...

146.**Pes:** - hunrum.

147.**Suj:** - é a capacidade que, as vezes, nós temos e que as vezes nós não aproveitamos. entendeu? que eu acho que muito, assim, antes as vezes... a gente estava até comentando sobre isso aquela hoje que você estava esperando um pouquinho é que as vezes as crianças tem aquela coisa, ela dá conta de fazer, de pensar e tal e tem preguiça.

148.**Pes:** - hunrum.

149.**Suj2:** - aí eu considero que o ser humano, nós como um todo, quando a gente coloca a cabeça para pensar a gente é... assim, cheio de potencial mesmo. principalmente quando a gente está interagindo com o outro. então é justamente isso que eu tento mostrar para eles quando vai assim. “olha como que era.”, né? mas tento mostrar também que tudo tem um fundo histórico.

150.**Pes:** - hunrum.

151.**Suj2:** - porque na verdade era aquele momento... por que que era assim? por que que a organização da família era assim? por que que o centro da fazenda estava aqui e não ali? o que que tava em volta né? aquela coisa da gente tentar achar os por ques. porque nada é por acaso. é outra coisa que eu acho também que o museu dá, pra gente saber que tudo tem um fundo histórico, com interesses políticos, econômicos, sociais e aí, assim, dependendo da faixa etária da criança você pode fazer várias leituras. é isso.

152.**Pes:** - bem, como é que você avalia, assim, as atividades aqui na escola? você acha que é possível pensar que houve uma alteração no aprendizado em função disso. e em que sentido isso se deu?

153.**Suj2:** - bom, eu tenho certeza que não foram todos, nunca foi, nunca será, assim, uma coisa de aprendizagem igual pra todos. mas eu tenho certeza que muitos sabiam dar informações sobre a cidade, sobre o que tinha no museu né? Sobre como que é a estruturação do museu tanto nas atividades lá, a questão da maquete, das atividades, das questões que foram discutidas em sala de aula e tal. e, assim, é com certeza aprendizado teve.

154.**Pes:** - hunrum.

155.**Suj2:** - essa questão de tá levando lá pra fora né? algumas informações que eles apreenderam aqui... lá e aqui. associando teoria e prática. eu acho que foi legal.

156.**Pes:** - e em relação especificamente ao uso dos objetos, como fonte de informação, foi possível fazer algum trabalho específico aqui?

157.**Suj1:** - os objetos em que...

158.**Pes:** - no sentido de trabalhar um objeto com uma evidência. Você pode trabalhar fontes do conhecimento: trabalhar com imagens, você pode trabalhar com um texto, né? e ali no museu é o objeto, né? Vocês fizeram uso disso aqui também, assim, recortando mais algum objeto específico ou não?

159.**Suj2:** - eu particularmente...

160.**Suj1:** - eu não estou podendo falar, porque eu não acompanhei, eu retornei depois do mês de agosto, então os meninos já tinham encerrado o trabalho. então não vivenciei, não sei te falar o que que foi feito.

161.**Suj2:** - o que que eu acho, eu num, eu num... eu não se eu faço uma leitura diferente do museu, mas eu não vejo que é só... não percebo só o objeto, né? quer dizer, a imagem também, as paredes, o quadro também pode ser considerado um objeto no caso?

162.**Pes:** - é. naquele caso a fotografia ali, né?

163.**Suj2:** - lá tinha uma questão de análise das fotografias, que nos fizemos né? os monitores orientado, ajudando a gente. tinha a questão da parede onde foi fantástico, né? os meninos estavam, assim, observando que, assim, é a questão do olhar da distância, sabe? onde eles viam que estar perto ali, aquela visão mais centrada, mais próxima da imagem que estava ali na parede, eles não conseguiam ter a imagem do todo, enxergar o todo. aí a hora que eles afastavam um pouquinho, eles conseguiam ver, sabe? então, assim, era muito legal. essa leitura, se é que, não sei se estou entendendo bem, se essa imagem da parede: aqueles quadros, fotografias podem ser consideradas como objetos, lá eles trabalharam isso e, assim, depois eles começaram a... porque eu falava muito né? eu falo, eu falo muito com eles a questão de tudo na vida, depende do olhar da gente, né?

164.**Pes:** - hunrum.

165. **Suj2:** - eu passei por um período difícil da minha vida há uns dois anos atrás, onde eu tive um problema de depressão muito sério, e aí, assim, era um problema sério sim, mas que naquele momento que o problema tinha acabado de acontecer né? com a perda do meu marido e tal, então, assim, naquele momento o problema era tão grandioso que eu caí, entendeu? eu não conseguia ver outras coisas, entendeu?
166. **Pes:** - hunrum.
167. **Suj2:** - e, aí assim eu sempre tive em mente que tudo na vida depende da forma como a gente vê, como a gente enxerga, como a gente leva as coisas, né? e aí, assim, eu sempre converso isso com eles e tal. eles sabem dos problemas que eu tive, eu converso com eles, né? e que hoje como que o tempo, né? ajuda a gente a enxergar as coisas de outra maneira e as vezes aquilo que era fel, vira até um mel. aquilo que era um limão, a gente consegue fazer uma limonada bem gostosa. e aí, assim, eles começam a ver, né? as vezes acontece umas coisas que não está muito bem, eles começam a ter esse olhar, né? assim, de forma mais ampla e eu acho que tudo está relacionado, mas não de forma consciente. não existe essa forma, assim, “ah. eu to fazendo isso, porque a gente viu aquilo lá no museu, aquele...”, sabe? aquela coisa consciente ...
168. **Suj1:** - de perceber ...
169. **Suj2:** - sabe? intencional, as vezes, não é intencional. isso, porque eu não estou com esse olhar de pesquisadora que você de repente estaria fazendo, né com os professores...
170. **Pes:** - deixa eu te explicar o que eu estou fazendo...
171. **Suj2:** - mas eu acho que as coisas estão muito interligadas na vida da gente.
172. **Pes:** - com certeza, eu acho também. acho que as vezes não dá... quando eu tô falando do objeto mas especificamente, porque o museu ele faz aquela brincadeira do...
173. **Suj2:** - do telefone.
174. **Pes:** - do telefone com base no nome de um objeto e a partir daquele objeto, várias coisas vão sendo puxadas.
175. **Suj2:** - isso.
176. **Pes:** - por exemplo, assim, ah é o pilão. mas o pilão servia pra que?
177. **Suj2:** - hanrã. hanrã.
178. **Pes:** - o que que tinha naquele época que fazia com que usasse pilão e hoje que que tem? então, eu fiquei pensando é usual também na prática de vocês esse trabalho utilizando, assim, um objeto como, pra análise?
179. **Suj1:** - acontece, as vezes, dependendo do assunto que vai ser tratado, do objetivo, que a gente propõe...
180. **Suj2:** - mesmo porque, principalmente, os meninos menores, é a gente tem que partir muito do concreto e tem que partir muito dos conhecimentos de mundo, linguísticos, daqueles conhecimentos todos sabe? Se não eles não conseguem.
181. **Pes:** - é.
182. **Suj1:** - compreender, né?
183. **Suj2:** - compreender.
184. **Suj1:** - e relacionar...
185. **Suj2:** - e relacionar. exatamente.
186. **Suj1:** - fazer referências, relacionar aos conhecimentos estudados...
187. **Suj2:** - então, esse tipo de atividade sempre acontece sim. aliás eu sou mestre, amo isso. por isso que eu gosto de ficar como primeiro ciclo. Sabe? eu gosto muito de trabalhar com o primeiro ciclo, né? e, assim, trazer sim, pedir pra trazer, né? tipos de objetos e tal, mas assim claro que cada coisa, não no sentido assim das coisas de museu, mas no dia a dia. é um texto, por exemplo, eu estava trabalhando receita com eles, a gente vai fazer uma vitamina
188. **Pes:** - hanrã.
189. **Suj2:** - que é uma coisa mais fácil, eu combinei com eles que vai ser a vitamina ou então o cajuzinho. então, o que que acontece, eles trouxeram receitas, mas aí tem um monte de coisas que a gente vai ter que ver. o que que é uma colher de sopa? o que que é 3 a 4 xícaras?
190. **Suj1:** - pra dar aula de matemática, né?
191. **Suj2:** - qual xícara? então, vai trazendo.
192. **Pes:** - hanrã.

- 193.**Suj2:** - então, com o primeiro, com os meninos menores, principalmente, esse tipo de manuseio, de experimento, de toque, de experiência com o concreto, com o objeto acontece assim...
- 194.**Suj1:** - o tempo todo né?
- 195.**Suj2:** - sempre tem que está acontecendo. então isso é muito legal. e, com certeza, não no museu em si, aquela coisa assim, mas com certeza a gente usa bastante. do museu não lembro especificamente de alguma coisa que a gente tivesse trabalhado não.
- 196.**Suj1:** -diretamente, né?
- 197.**Suj2:** - a não ser a questão do bonde que foi assim um marco para eles.
- 198.**Pes:** - até porque é um objeto que chama muito a atenção, a gente costuma brincar lá que a gente gostaria de ser faxineira do museu só pra entrar lá. então, agora eu fiz essa imersão lá, porque, tem um ano que eu estou lá, é visitante meio permanente, e aí todo mundo fica brincando, porque dá vontade subir no bonde. quando eu falo que estou fazendo esta pesquisa “ah. naquele museu que tem o bonde?”, em todo lugar é uma referência mesmo...
- 199.**Suj 2 e Suj1:** - é.
- 200.**Pes:** - e ele realmente destaca, assim, e aí por isso que eu estava perguntado, porque tem essa, inclusive, a própria organização da visita no museu ela prevê dois momentos. ela tem o momento do casarão, né?
- 201.**Suj2 e Suj1:** - é.
- 202.**Pes:** - nesse momento vocês foram, porque agora nem tá, nem tá funcionando o casarão.
- 203.**Suj1:** -tá não?
- 204.**Pes:** - ele fechou esta semana passada por causa de uma nova exposição que vai ter..
- 205.**Suj1:** - ah.
- 206.**Pes:** - aí eles fazem, eles dividem em dois blocos né? no casarão e o bloco externo.
- 207.**Suj1:** - isso.
- 208.**Pes:** - o casarão mais voltado ..., né? pro arraial e tal, né?
- 209.**Suj1:** - mais pra história de Belo Horizonte mesmo, né? um pouco da história...
- 210.**Pes:** - lá fora mais...
- 211.**Suj2:** - mais depois revezou, uai?
- 212.**Pes:** - não, mas..
- 213.**Suj1:** -cada grupo participa dos dois blocos...
- 214.**Pes:** - vocês acham que funciona? que é didático?
- 215.**Suj2:** - eu particularmente, eu achei legal.
- 216.**Suj1:** -eu acho que, que a forma deles se organizarem é bem boa... até porque é bem mais tranquilo, o número de alunos fica pequeno...
- 217.**Suj2:** - isso que eu ia falar.
- 218.**Suj1:** -o espaço lá, os cuidados né? porque a gente fica sabe? com aluno de escola a gente fica quase morrendo ...
- 219.**Pes:** - eu sei.
- 220.**Suj1:** - você sai de lá estressadíssima, parece que você está carregando, nem sei.. de tão preocupado que a gente fica, desses alunos saberem, estarem aplicando lá no museu aquilo que a gente fala com eles todos os dia na sala de aula. nossa aí a gente fala “nossa. que idéia que o museu vai ter da escola?” então, a gente fica com a preocupação... as vezes a gente, quando acompanha turma em visitas, principalmente, em visita a museu a gente nem aproveita muito de tão preocupado que a gente fica com a disciplina dos meninos. em tá mostrando que eles são educados, de querer demonstrar as vezes, né?
- 221.**Suj2:** - é (*risos*)
- 222.**Suj1:** - e, pra não passar vergonha lá, que muitas vezes a gente passa né? então a gente de preocupa tanto com a disciplina que deixa passar um tanto de coisa, que a gente poderia aproveitar mais no trabalho da escola...
- 223.**Pes:** - também é um ato educativo, não é? Vanda.
- 224.**Suj1:** - que também de certa forma, não tem como fugir dele. porque até a moça lá que, a guia lá, a orientadora lá, ela não fala se tiver menino conversando.
- 225.**Pes:** - hurum.
- 226.**Suj1:** - então, a gente tá o tempo inteiro... a gente as vezes nem presta muito a atenção no que que a pessoa tá falando, porque não dá tempo. o tempo todo olhando o que que menino tá fazendo, se ele está

ouvindo, se ele está aprendendo, se o que está sendo feito lá está chamando a atenção dele. então essa questão de disciplina, ela as vezes, a gente nós professores que acompanhamos, desvia um pouco o olhar do objetivo do museu pra nós, do que a gente poderia estar aproveitando pra trazer pra eles, pra dar retorno né? fazer um outro trabalho mais elaborado, mais legal com eles.

- 227.**Pes:** - hurum.
- 228.**Suj2:** - seria diferente se eu fosse como...
- 229.**Pes:** - visitante?
- 230.**Suj2:** - visitante. entendeu? é diferente.
- 231.**Suj1:** - é diferente.
- 232.**Suj2:** - por que a gente tem que dividir os nossos olhares..
- 233.**Suj1:** - atendendo e ao mesmo tempo controlando a disciplina, né? lá na PUC, quando a gente vai lá, todo, sempre a gente vai lá e antes visitava todos os andares, agora você seleciona um de acordo, se você quer a parte arqueológica, você quer a parte animais em extinção, né? ou animais da fauna brasileira, aí você escolhe um. e aí, você... mas a menina lá o tempo inteiro, eles são bem rigorosos e aí a gente fica, não presta a atenção em muita pouca coisa. fica muito ligado na disciplina, pra não tirar a menina e...
- 234.**Suj2:** - e a gente tem medo de menino quebrar alguma coisa..
- 235.**Suj1:** - e, além disso, né?
- 236.**Suj2:** - isso aí não tem jeito.
- 237.**Pes:** a gente tem que dar um apoio pra eles...
- 238.**Suj1:** - Se não, não tem nem como eles desenvolverem o trabalho deles
- 239.**Suj2:** - claro, uai.
- 240.**Suj1:** - a gente fica muito preocupada e eu acho que muitas vezes a gente deixa de aprender muita coisa, de repassar, ou de pegar alguma sugestão bacana pra trabalhar com os meninos em função da preocupação maior da gente,
- 241.**Pes:** - hurum.
- 242.**Suj1:** -- em estar propiciando uma (...) pra quem tá fazendo o trabalho lá no dia, poder desenvolver o trabalho dele. lá a gente está como ouvinte, como acompanhante, como aprendiz, como ouvinte. então a gente tem que ajudar né?
- 243.**Pes:** - hurum.
- 244.**Suj:** se não eles não conseguem nem trabalhar. pra eles fazerem o trabalho deles também, pra eles produzirem.
- 245.**Pes:** - é, em relação, assim, àquele dia, aquela visita especificamente, no que se refere a questão da metodologia, linguagem dos monitores, a forma de organização do museu...
- 246.**Suj1:** - inclusive quando eles ligam pra escola, eles já perguntam qual a faixa etária, né? dos alunos.
- 247.**Pes:** - hanrã.
- 248.**Suj1:** - até deve ser com certeza pra elaborar e preparar o material que eles vão trabalhar. porque chegar lá e começar falar coisa que um menino de 6 anos de idade, conhecimento muito elaborado, eles não vão prestar a atenção em nada, então eles procuram adaptar de acordo com a faixa etária dos meninos.
- 249.**Pes:** - então vocês percebem que há um cuidado..
- 250.**Suj1:** - a gente percebe. isso é claro cuidado eles tem sempre
- 251.**Suj2:** - tem.
252. **Suj1:** - em estar trabalhando de acordo com a idade dos meninos.
- 253.**Pes:** - hanrã.
- 254.**Suj2:** - e o brincar pra criança é muito, é muito importante.
- 255.**Pes:** - é mágico, né?
- 256.**Suj2:** - então aquela brincadeira do telefone sem fio, eles já fizeram na escola, mas...
- 257.**Suj1:** - mas lá tem um outro olhar, né?
- 258.**Suj2:** - parece que teve um outro olhar, teve um outro peso, entendeu?
- 259.**Pes:** - hanrã.
- 260.**Suj1:** - e, assim, não sei se as palavras e as informações passadas foram tão apreendidas naquele momento, mas que aquela brincadeira teve um efeito muito gostoso pra eles, eu sei que teve. ranto que eu tive que continuar aqui na sala, entendeu?
- 261.**Pes:** - que legal.

- 262.**Suj1:** - fora, quando a gente vai sentar na rodinha lá fora, quando sai e tal eles pedem, “Vamos brincar daquele jeito?”, “Vamos brincar de telefone sem fio de novo?”, aí tem uma outra brincadeira que num aconteceu lá, mas “ah. (inaudível).”, então eles gostam muito. então o brincar pra, pelo menos pro primeiro ciclo, eu considero que, infelizmente né?, tudo na relação ensino/aprendizagem pra criança menor é muito através da brincadeira.
- 263.**Suj1:** - da brincadeira
- 264.**Suj2:** - não é tudo, o caso é que eu sou uma professora meio chata, assim, meio rigorosa, mas até no meu rigor tem graça, entendeu? tem hora que os meninos falam “nossa Carla você é muito engraçada.” (risos) e é uma coisa que é uma forma de brincar com eles que seduz, entendeu? não é brincar, ficar só brincando, brincando... mas é o que? tentar fazer a aprendizagem, não ser tão pesada, entendeu? e eu acho que eles tem esse jeitinho, sabe?
- 265.**Pes:** - com a linguagem...
- 266.**Suj2:** - com a linguagem, com o jeito de chamar atenção as vezes. é claro que se não tivesse nós lá,
- 267.**Suj1:** - o trabalho teria sido diferente.
- 268.**Suj2:** - com certeza, né?
- 269.**Pes:** - hanrã.
- 270.**Suj2:** - mas assim eu acho que é bem legal.
- 271.**Suj1:** - eu acho que o mesmo acontece conosco na sala de aula. quando tem uma pessoa te acompanhando,
- 272.**Suj2:** - nossa.”
- 273.**Vânia:** você fica preocupado, que que você vai falar, o que você não vai falar...
- 274.**Suj2:** - é. é. apesar que tem umas, que eu não tô nem ai. (risos)
- 275.**Suj1:** -a gente se preocupa, então, tem outra coisa, eu acho que o trabalho é bem planejado, bem organizado. então, eles conseguem alcançar os objetivos, em função desse planejamento. a importância do planejamento pros trabalhos, atingir os objetivos gerais né?
- 276.**Pes:** - então eu queria ir mais um pouco... quanto tempo vocês têm?
- 277.**Suj1:** - cinco minutos...
- 278.**Suj2:** - é cinco minutos mesmo, tá na hora de trocar, nem café eu tomei, nem ao banheiro.
- 279.**Pes:** - eu queria só saber se essa temática museu/escola, ou a questão do patrimônio, museologia, educação patrimonial já foi tratada por vocês assim na Graduação, vocês já estudaram em algum momento, na Graduação, ou nas especializações que vocês fizeram, nos cursos, algum seminário. Se em algum momento vocês discutiram essa questão, assim, se estudaram ou discutiram ou fizeram algum seminário que abordasse essa questão?
- 280.**Suj1:** -pra falar a verdade eu não tô lembrada de ter feito não. na minha pós-graduação eu fiz foi de língua portuguesa então não tratou muito desta questão não. foi muito mais voltada, né? pra linguística, pros gêneros textuais. então, não teve muito...
- 281.**Pes:** - sobre museu e educação também não, né?
- 282.**Suj1:** - eu não lembro não.
- 283.**Suj2:** - não. aliás eu acho que se tivesse tido isso na nossa formação de repente
- 284.**Suj1:** - a gente usaria mais.
- 285.**Suj2:** - a gente usaria pra sempre e mais.
- 286.**Suj1:** - eu acho também.
- 287.**Suj2:** - entendeu? porque eu acho que isso só começou a ser mais usado, no momento em que o museu apareceu, via e-mail, via fax, seja via lá o que for
- 288.**Suj1:** - começou a divulgar o trabalho que eles desenvolvem...
- 289.**Suj2:** - e mostrar que eles estavam com as portas abertas para...
- 290.**Suj1:** - receber a escola.
- 291.**Suj2:** - os alunos com um todo. não assim pra visitante, eu ir, levar um..
- 292.**Suj1:** - também, né?
- 293.**Suj2:** - também, mas assim ele, eu acho que foi mais, não sei: tô falando que é isso, porque eu acho que eu tenho pouco tempo também, 13 anos eu acho pouco, mas assim, eu acho que é mais o museu que chegou à escola, do que a escola que chegou ao museu.

- 294.**Suj1:** - não, no primeiro. antigamente não... na época, há um tempo atrás, é a gente que procurava o museu.
- 295.**Suj2:** - eu não lembro de ter indo tanto...
- 296.**Suj1:** - através do estado de minas, naquele caderno de cultura, quem tem lá a exposição a parte cultural, de museu..
- 297.**Suj2:** - mas a escola procurava e ia...
- 298.**Suj1:** -a escola procurava e ligava para agendar hoje a gente já recebe já os folders
- 299.**Suj2:** - é. eu acho que isso facilita muito.
- 300.**Suj1:** - de um tempo, eu não sei exatamente qual o tempo não, mas antes quem procurava era a escola.
- 301.**Pes:** - hunrum.
- 302.**Suj1:** -então já tinha algumas iniciativas. há muito tempo quando eu trabalhava em Venda nova, nós é que buscávamos, a gente ligava pro museu, aí o museu oferecia uma... uma palestra explicando como é o funcionamento, conhecer... apresentando o museu...
- 303.**Pes:** - ah. pois é, sobre isso eu queria saber se vocês fizeram algum curso?
- 304.**Suj1:** - fizemos, fizemos.
- 305.**Pes:** - você fez?
- 306.**Suj1:** - fizemos. o museu fazia o encontro com o museu com a gente...
- 307.**Pes:** - isso.
- 308.**Suj1:** - ela não.
- 309.**Suj2:** - eu não fiz por questão de organização interna mesmo.
- 310.**Suj1:** - então, assim, o museu a gente ligava pra escola e o museu: oh tem que marcar, agendar um horário pra vir aqui conhecer o museu, pra poder ver o trabalho que o museu faz, pra ter condição de trabalhar também na escola e apresentar como que é a organização, o funcionamento..
- 311.**Suj2:** - mas aí também teve um repasse, não dava pra todo mundo..
- 312.**Pes:** - mas foi alguém da escola?
- 313.**Suj1:** - foi.
- 314.**Pes:** - agora, esse ano foi alguém?
- 315.**Suj1:** - esse ano não, nós fomos o ano passado.
- 316.**Pes:** - ah. o ano passado.
- 317.**Suj1:** - esse ano a gente não foi.
- 318.**Suj2:** - o que que acontece, se todas que iam trabalhar com os meninos fossem, não ia ter quem “dasse” aula. então nós falamos: “não. não tem como.”
- 319.**Suj1:** - a gente escolhe um elemento que vai e repassa, né?
- 320.**Suj2:** - um vai e fala é isso..
- 321.**Suj1:** - é um agente multiplicador, né?
- 322.**Pes:** - ah. tá.
- 323.**Suj2:** - mas é interessante sim.
- 324.**Pes:** - agora, vocês conheciam já o museu antes de ir?
- 325.**Suj1:** - já. Várias vezes...
- 326.**Pes:** - da escola, assim?
- 327.**Suj1:** - não, eu conheci através da escola.
- 328.**Suj2:** - não. eu também, mas antes que eu estou dizendo, assim, a escola já foi...
- 329.**Suj1:** - há um tempo atrás.
- 330.**Suj2:** - outras vezes.
- 331.**Suj1:** - mas já fomos outras vezes. mas tudo, assim, particularmente eu nunca tinha ouvido falar do museu, se não fosse através da escola eu não teria conhecido.
- 332.**Suj2:** - é isso que eu estou falando.
- 333.**Suj1:** - não sei se eu teria arranjado tempo pra ir hoje em dia.
- 334.**Suj2:** - justo. eu acho que não é uma prática.
- 335.**Suj1:** - por isso que hoje a gente tem procurado levar os alunos.
- 336.**Suj2:** - e a gente tem uma certa cultura, vamos dizer assim. a gente tem.
- 337.**Pes:** - claro, ué? hoje vocês estão entre os indicadores de frequencia lá, né?
- 338.**Suj2:** - justo. e o que que acontece..

- 339.**Pes:** - são os privilégios lá, né? sociocultural, curso superior etc...
- 340.**Suj2:** - e mesmo assim...
- 341.**Suj1:** - teatro, cinema, museu... a gente tem levado. a gente vai no map direto, a gente vai na PUC, nós vamos muito na UFMG (.) ...
- 342.**Pes:** - no história natural, né? isso no história natural, nós fomos também no horto, no zoológico..
- 343.**Suj2:** - é bom demais.
- 344.**Suj1:** -tudo enquanto é, todos os espaços culturais... ah. no giramundo a gente já foi, no museu do giramundo...
- 345.**Pes:** - ah. esse eu já fui.
- 346.**Suj1:** - já levamos os nossos alunos, ele, muito legal lá também. então a gente, nós estamos procurando todo ano levar os alunos em algum lugar pra poder...
- 347.**Suj2:** - e eu acho que mais importante disso também é tentar mostrar pra eles caminhos pra eles irem sozinhos, pra levar família, porque as vezes a gente não foi não é porque a gente não sabia que existia o museu... às vezes a gente não teve um empurrão.
- 348.**Suj1:** - ninguém num incentivou, estimulou, né?
- 349.**Pes:** - é. é verdade.
- 350.**Suj2:** - então, não incentivou, não estimulou: “oh. gente.” tem hora que a gente precisa disso. então tem que incentivar mesmo, tá falando, é como é que chega,
- 351.**Pes:** - hunrum.
- 352.**Suj2:** - as vezes são informações mínimas, igual não tem nada a ver com sua pesquisa, mas, assim, no Shopping Del Rey, toda terça-feira tem uma promoção de cinema que é assim: é três reais a sessão, pra estudante, pra criança ou com a carteirinha
- 353.**Pes:** - hunrum
- 354.**Suj2:** - e, assim, eu tinha aluno, eu tenho aluno o Guilherme até hoje não foi ao cinema, nunca foi ainda.
- 355.**Suj1:** - nunca foi?
- 356.**Suj2:** - não. então, o que que acontece, as vezes, tinha menino...
- 357.**Suj1:** - o dia em que a escola foi, ele não foi?
- 358.**Suj2:** - não. a escola eu não lembro de, eu não estava estudando aqui, trabalhando aqui à tarde. eu tenho até pedido pra gente estar indo ao cinema. a gente vai muito ao teatro e já foi ao cinema, mas eu acho que foi pouco, pouquíssimo. então, o que que acontece? eu trouxe o folderzinho lá do cinema pra eles estarem vendo a informação “tá vendo aqui gente, é isso, é assim, chega lá compra.” Sabe?
- 359.**Pes:** - hunrum.
- 360.**Suj2:** - é ensinar como é que é.
- 361.**Pes:** - é verdade. (...)
- 362.**Suj2:** - é experimentar, fazer eles vivenciar, assim, mostrar pra eles que não é bicho de sete cabeças.
- 363.**Suj1:** - mas eles vêem muito filme na escola, mas é mais através de DVD, né?
- 364.**Suj2:** - é, e é diferente.
- 365.**Suj1:** -a escola fica bem presa.
- 366.**Suj2:** - gente, o ir ao cinema, o entrar, o choque é uma coisa que..
- 367.**Suj1:** -é bem diferente.
- 368.**Pes:** - ah. é. é uma experiência bacana.
- 369.**Suj1:** -até, nós já fomos ao pátio Savassi com os meninos..
- 370.**Suj2:** - pois é...
- 371.**Suj1:** -é outro nível..
- 372.**Pes:** - é.
- 373.**Suj2:** - com certeza. então, isso é gostoso.
- 374.**Suj1:** - então a gente levou os meninos lá no pátio savassi e todos adoraram.
- 375.**Pes:** - está uma conversa boa demais,
- 376.**Suj2:** - Só que eu não posso.
- 377.**Pes:** - mas em relação a essa questão infraestrutural é tranquilo? da infra-esturura, assim, sair de ônibus, dinheiro..
- 378.**Suj1:** - tranquilo. a escola, a rede municipal...
- 379.**Suj2:** - é isso que eu ia falar, a rede municipal...

- 380.**Suj1:** - hoje em dia, nós não podemos reclamar de nada. tem uma, uma, todo um suporte pra poder a escola oferecer todo tipo de, de atividade (...)
- 381.**Pes:** - hunrum.
- 382.**Suj1:** - a gente tem verba pra levar os meninos ao teatro, inclusive agora dificultou um pouquinho, porque antes a gente poderia cobrar do menino...
- 383.**Pes:** - hanrã.
- 384.**Suj1:** - pra poder ir. então, “ah. nós vamos ao cinema é cinco reais por aluno.” então pega o dinheiro e a escola pagava só pra que não podia. hoje em dia nós não podemos cobrar mais do aluno ...
- 385.**Pes:** - não pode?
- 386.**Suj1:** - nada. nada. tudo...
- 387.**Suj2:** - é interessante, você estar, olha eu metendo o bedelho, mas é interessante você tá fazendo isso, esse tipo de pesquisa na escola estadual, porque eu acho que é uma realidade muito diferente.
- 388.**Suj1:** - muito diferente, então nós temos...
- 389.**Suj2:** - meu filho está na escola estadual tem um lado extremamente positivo na escola estadual, tem porque do meu filho está numa escola estadual, mas essa questão de verba
- 390.**Suj1:** - de materialidade, né?
- 391.**Suj2:** - de materialidade é um caos.
- 392.**Suj1:** - a prefeitura da de 10.
- 393.**Pes:** - a prefeitura resolveu muito...
- 394.**Suj1:** - muito obrigada pela conversa, porque está tão boa que rendeu mais que o...
- 395.**Suj2:** - se for o caso, você pode estar vindo aqui outro dia.
- 396.**Suj1:** - desculpa.
- 397.**Suj2:** - é porque tem que trocar de professora, a professora vai pra outra sala, eu tenho que pelo menos tomar uma aguinha.
- 398.**Pes:** - não. tá certo, Carla, muito grata. obrigada. obrigada mesmo.
- 399.**Suj1:** - desculpa eu não ter muita inserção em relação ao museu,
- 400.**Pes:** - foi ótimo, foi ótimo.
- 401.**Suj1:** - porque eu não fui especificamente com os meninos lá dessa vez, eu queria muito ter ido, porque eu não simplesmente marco excursão com os alunos e deixo as professoras irem não. todo trabalho, qualquer lugar, porque tem gente que não gosta de ir né?
- 402.**Pes:** - é. eu sei que é.
- 403.**Suj1:** - tem coordenadora que fica só na escola, que tem “ah dá trabalho.”. rodo, nunca deixei de ir. rodas as vezes que nós saímos com os alunos pra museu, trilha, MAP.
- 404.**Pes:** - Você coordena é essa turma aí?
- 405.**Suj1:** - é. então toda vez eu vou com as meninas dou apoio, na questão... em todos os aspectos. o que eu posso ajudar em termos de materialidade, em termos de pesquisa, de incentivo ao trabalho, de disciplina com os meninos, porque tem um pouco de respeito com a gente né?
- 406.**Pes:** - claro.
- 407.**Suj1:** - impõe um pouquinho e a escola favorece isso e dá essa oportunidade pra gente. porque verba não falta. a gente tem acesso a todo tipo de lugar que a gente quiser ir.
- 408.**Pes:** - hunrum.
- 409.**Suj1:** - a escola tem uma verba, depois de, tem algum tempo a prefeitura está liberando uma verba chamada PAP.
- 410.**Pes:** - ah. tá.
- 411.**Suj1:** - é plano de ação pedagógica. então, aqui durante o ano, no princípio do ano a gente planeja já o que que a gente vai, ao longo do ano fazer com os alunos, levar os alunos: visita, formação de professor, materialidade, bens materiais, é tudo que vai ser feito ao longo do ano em termos pedagógicos. que tem a ver com pedagógico, que vai contribuir de certa forma pro pedagógico do aluno a gente faz um projeto e ao longo do ano vai desenvolvendo.
- 412.**Pes:** - hunrum
- 413.**Suj1:** - entendeu? então a verba é uma verba boa que dá pra gente poder conhecer. o que que não vai mais é porque a gente não interessou em ir, por exemplo, essa turma interessou em ir lá no museu, porque estão estudando Belo Horizonte, porque... por vários motivos

- 414.**Pes:** - bacana. hunrum.
- 415.**Suj1:** - então não levamos todo mundo, porque todo mundo tem que fazer aquele trabalho,
- 416.**Pes:** - claro.
- 417.**Suj1:** - então, o trabalho é diferenciado de acordo com interesse da turma, com o projeto que cada turma está desenvolvendo. não tem uma turma, não tem uma coisa, a não ser o zoológico, os meninos do 1º ciclo
- 418.**Pes:** - ah. eles amam.
- 419.**Suj1:** - eles amam. então a gente procura levar todo mundo. ou se tem uma exposição que é de interesse,
- 420.**Pes:** - todo lugar que você leva eles gostam,né?
- 421.**Suj1:** - toda vez que vai ao zoológico eles gostam. eles adoram, pode ir várias vezes com eles ao ano. a gente é que não gosta muito, porque não tem nada mais cansativo, né? porque é grande
- 422.**Pes:** - grande demais
- 423.**Suj1:** - é muita coisa. os meninos gostam com...
- 424.**Vni:** e nessa época de calor os bichos não saem, eles ficam bravos porque não podem ver os bichos. (risos)
- 425.**Suj1:** -e a gente fica maluca com a disciplina com medo de menino se machucar, com medo de menino perder, a gente fica louca né?
- 426.**Pes:** - é.
- 427.**Suj1:** - então, assim, é muito cansativo pra gente, mas é muito gratificante ao mesmo tempo, porque eles não tem a pressa. todo bilhete que a gente faz convocando os meninos, convidando para ir à excursão, de qualquer forma a mãe tem que autorizar, mesmo não tendo que pagar, a escola sendo, a escola oferece tudo a entrada, a passagem e o lanche antes. a não ser quando é lá no museu, eles podem, deixam levar lanche, eles adoram como se, fazendo piquinique né?
- 428.**Pes:** - lá é gostoso, né?
- 429.**Suj1:** - então levam um lanche fazem, tem um espaço adequado lá pro lanche. fora isso, a gente não pode reclamar de verba né Hosana?
430. *(nesse momento entra outra pessoa na sala que a Vanda convida para entrar na conversa).*
- 431.**Hosana:** não.
- 432.**Suj1:** - porque nós temos muita, assim, tudo o que a escola quer fazer, ela faz. não tem nada em termos de, de, de... trabalho que a escola quer desenvolver que ela diz eu não posso, porque não tem dinheiro e nem verba pra isso. nós não podemos reclamar de nada.
- 433.**Suj1:** -e em termos de, de materialidade nenhum. tudo que o professor pede, ele é atendido, né?
- 434.**Hosana:** - tudo o que o professor precisa e a gente procura. a a escola, olha tem mapa em todas as salas,
- 435.**Suj1:** televisão, vídeo.. som, televisão, vídeo cassete em cada sala de aula, aparelho de som em cada sala, então tem tudo. é, é.. tem globo, tem planetário.. materiais pedagógicos... material pedagógicos, jogos pedagógicos tem muitos a gente está sempre olhando. cada verba que chega 10% é da biblioteca. então assim todo a estrutura né? a prefeitura tem oferecido pra escola.
- 436.**Pes:** - Ônibus, né?
- 437.**Suj1:** - Ônibus, tem um ônibus, assim, a prefeitura fornece, nós temos direito a seis ônibus por ano: por semestre. por semestre,
- 438.**Pes:** - ah.
- 439.**Suj1:** - só que isso dá 12 por ano da prefeitura. isso pra rede inteira, cada escola tem direito, só que são poucos ônibus, então quando você vai agendar já está tudo marcado pra outras escolas.quando a gente não consegue, a escola tem verba pra isso. aí pode pagar com o dinheiro da caixa escolar.
- 440.**Pes:** - ah. que bom.
- 441.**Suj1:** - se você não consegue de forma gratuita... a gente primeiro pede pra prefeitura, se não tem..
- 442.**Pes:** - pra não gastar o caixa escolar.
- 443.**Suj1:** - a escola paga. faz o projeto, tudo a gente tem que fazer projeto, projetinho explicando... pra explicar o gasto ..., explicando o gasto. quais os objetivos que a escola tinha com os trabalhos desenvolvidos. então aí a prefeitura, a caixa escolar libera.
- 444.**Pes:** - e a agenda no museu, você não tiveram dificuldades não né?
- 445.**Suj1:** - não. porque nós já marcamos
- 446.**Pes:** - desde o início?

- 447.**Suj1:** - desde o início do ano que eu já marquei.
- 448.**Pes:** - ah. tá.
- 449.**Suj1:** - porque as meninas já queriam ir ao museu, já tinham...
- 450.**Pes:** - vocês foram em abril, dia quatorze de...
- 451.**Suj1:** - maio.
- 452.**Pes:** - de maio.
- 453.**Suj1:** - a gente já tinha intenção de ir, desde o ano passado, só que as meninas acharam melhor, deixar os meninos amadurecerem um pouquinho mais, no final do ciclo.
- 454.**Pes:** - bom que elas acompanham.
- 455.**Suj1:** - né? e elas seguem com a turma, a gente achou no final do ciclo levá-los. então nós marcamos desde o início do ano. Se a gente não ligar logo, não consegue..
- 456.**Pes:** - é, agora tá lá uma lista enorme, eu tenho visto.
- 457.**Suj1:** - tá tudo ocupado, né? então, tudo que a gente quer sair com os alunos que é de muito interesse, a gente agenda com bastante antecedência, se não consegue não.
- 458.**Pes:** - pois é Vanda. foi um prazer imenso. obrigada aí pela conversa.
- 459.**Suj1:** - você aceita uma água, um café?
- 460.**Pes:** - eu tive uma conversa ótima aqui.

Entrevista Número: 08
Sujeita: PH8
Local: Escola Municipal D
Data: 30/11/09
Duração: 25':29".

Legenda:

Pes: Pesquisador

Suj: Sujeito

1. **Pes:** - estes são uns dados iniciais, não tem (...) que a gente vai falar não. dessa questão dos usos dos museus, né? então, você falou que toda a escola esteve lá nesse ano, né? né? no museu Abílio Barreto? aí eu queria saber, assim, se essa iniciativa é da escola como um todo é dos professores? como que é isso?
2. **Suj:** - não. essa iniciativa é uma demanda por parte do coletivo.
3. **Pes:** - ah. tá.
4. **Suj:** - e até outubro deste ano, 2009, eu estive trabalhando com EJA numa outra escola e lá foi uma demanda do grupo, do coletivo. e aqui, como a gente trabalha por blocos, né? foi uma, foi uma resolução do, desse bloco aí de quinta série. porque aqui na escola, funciona três blocos, o bloco 1 que é de 5ª série, que é essa parte aqui e os dois blocos de sexta série.
5. **Pes:** - ah. bloco espacial mesmo?
6. **Suj:** - é.
7. **Pes:** - entendi.
8. **Suj:** - exatamente.
9. **Pes:** - hunrum.
10. **Suj:** - e são coordenadores também por blocos. por exemplo, esse bloco aqui é o da Ana, que tem duas turminhas infantis e lá em cima é um bloco de alunos do coordenador rui e da coordenadora Prates, Hilda Prates. então aqui é, a gente faz uma escolha por coletivo.
11. **Pes:** - ah. tá.
12. **Suj:** - e não da escola.
13. **Pes:** - hunrum.
14. **Suj:** - mas, isso é uma prática que a gente vê os colegas de manhã, tarde e noite, sempre indo. aqui é normal.
15. **Pes:** - e pra organização, assim, dessa visita lá, ao museu histórico Abílio Barreto, como que foi a parte mais estrutural mesmo? de infraestrutura, de ônibus. é... recursos, como que é que...
16. **Suj:** - é, a escola, a prefeitura providência o ônibus, a gente agenda o ônibus com um setor da prefeitura...
17. **Pes:** - hunrum.
18. **Suj:** - manda bilhete pros pais. faz uma aula prévia aí do assunto, né? porque as meninas do museu passam pra gente o que vai ser tratado lá (.)
19. **Pes:** - hunrum.
20. **Suj:** - e aí a gente fala com os meninos previamente o que eles irão ver e não tem muita dificuldade não.
21. **Pes:** - nessa parte estrutural é mais tranquilo?
22. **Suj:** - é.
23. **Pes:** - mas é vocês ou o coordenador que agenda?
24. **Suj:** - é o coordenador.
25. **Pes:** - ah. tá.
26. **Suj:** - algumas vezes eu, quando eu tenho tempo, algumas vezes a Ana.
27. **Pes:** - a Ana é uma professora que, que,
28. **Suj:** - coordena.
29. **Pes:** - que coordena.
30. **Suj:** - é, a tarde ela é coordenadora.
31. **Pes:** - ah. entendi. e os meninos pagam alguma coisa por isso? ou não?
32. **Suj:** - não. não.

33. **Pes:** - então hoje essa questão é mais tranquila.
34. **Suj:** - é.
35. **Pes:** - tá ok. é, e em relação a preparação dos meninos, pra essa visita, assim. como é que é feita essa questão da saída, de frequentar outro espaço? ou eles já estão habituados também né?
36. **Suj:** - não. você sabe o que que é Soraia, depende muito da turma. e há uma ..., há uma ..., como é que a gente pode falar... há uma promoção pros alunos aí e interesse maior deles, pra poder participar.
37. **Pes:** - hunrum.
38. **Suj:** - então, a gente faz, assim, um apanhado com os meninos interessados a ir.
39. **Pes:** - hunrum.
40. **Suj:** é, depende, por exemplo, tem um limite de alunos que a gente pode levar. é feito uma seleção.
41. **Pes:** - ah.
42. **Suj:** - é feito uma seleção pra gente poder levar os meninos e, essa conversa, é desde o início do ano, né? vinculada à comportamento, mais a comportamento do aluno.
43. **Pes:** - (...) orientações pra usar...
44. **Suj:** - pra tudo. desde o comportamento dentro do ônibus, até lá. o que que é visitar um museu...
45. **Pes:** - hunrum.
46. **Suj:** - a questão da interação, a questão do respeito, de saber ouvir o monitor. que é uma aula, na realidade eles estão tendo uma aula de história fora do espaço físico da sala de aula, da escola.
47. **Pes:** - hunrum.
48. **Suj:** - é uma aula cultural, né? é um trabalho de campo, vamos dizer assim.
49. **Pes:** - hunrum.
50. **Pes:** - então, em relação aos objetivos da visita. o que que mobiliza os professores a procurarem o museu?
51. **Suj:** - ah. primeiro, os objetivos são levar o aluno a conhecer um outro espaço, o qual ele não tem convívio.
52. **Pes:** - hunrum.
53. **Suj:** né? nem o convívio familiar, são pouquíssimos os alunos nossos que possuem isso como uma rotina. né? pouquíssimos. então é oferecer esse aluno a oportunidade de se apropriar dos bens culturais da cidade.
54. **Pes:** - hunrum.
55. **Suj:** né? o objetivo maior é esse. conhecer a história, por exemplo, nós fomos no Abilio Barreto e lá eu acho, eu acredito que o tema seja, e acredito eu que o tema seja o mesmo, que é a história de belo horizonte, né? então o objetivo é esse mesmo, eles conhecerem a história de belo horizonte. no final, a gente faz uma atividade, ali onde tem o bonde, né?
56. **Pes:** - hunrum.
57. **Suj:** aí os meninos fazem aquela atividade de escrever, de fazer um memorial. muito legal.
58. **Pes:** - hunrum.
59. **Suj:** - eles gostam muito.
60. **Pes:** - e o material de lá, você chegou a utilizar antes?
61. **Suj:** - utilizei. a cartilha, né? utilizamos, utilizamos, sim. a gente faz a leitura em sala de aula, faz as atividades
62. **Pes:** - hunrum.
63. **Suj:** - que é bem legal. eles gostam, utilizamos sim.
64. **Pes:** - aquele material que eles mandam pelo correio, né?
65. **Suj:** - é um álbum, né? não. eles receberam lá.
66. **Pes:** - é porque lá no dia eles dão aos alunos...
67. **Suj:** - isso.
68. **Pes:** - a maquete, né?
69. **Suj:** - o que que a gente fez? a gente recolheu pra gente trabalhar em sala de aula.
70. **Pes:** - e o ..., mas antes eles mandam um material também, pra quem agendou. você recebeu?
71. **Suj:** - quando, quando nós fomos lá da primeira vez, chegou depois.
72. **Pes:** - ah. entendi.
73. **Suj:** - chegou depois.

74. **Pes:** - e outro material que você tenha feito alguma outra atividade?
75. **Suj:** - não. não, porque o calendário é espremido. não.
76. **Pes:** - e você já conhecia o museu Abílio Barreto?
77. **Suj:** - já. fui o ano passado lá. na verdade, o museu fez uma parceria aqui com a escola dentro daquele projeto...
78. **Pes:** - onde mora?
79. **Suj:** onde mora minha rua ...
80. **Pes:** - minha história.
81. **Suj:** - onde mora minha história, exatamente, aí teve a exposição ali em cima, a nossa escola participou quando eu fui, tinha até desenhos de alunos daqui da escola exposto, expostos lá no museu.
82. **Pes:** - hunrum.
83. **Suj:** - eu já conhecia lá.
84. **Pes:** - você participou desse projeto?
85. **Suj:** - todo mundo aqui participou.
86. **Pes:** - ah.
87. **Suj:** - todos os professores.
88. **Pes:** - ah. todos os professores.
89. **Suj:** - todos os professores participaram.
90. **Pes:** - e essa experiência, assim, foi importante aqui pra escola?
91. **Suj:** - ah. foi. foi muito legal.
92. **Pes:** - fala um pouquinho pra mim? (*risos*)
93. **Suj:** - mobilizou todo mundo. todos os professores articulavam com os alunos. nós fizemos um, um estudo orientado com eles. os meninos buscaram materiais né? de um, de um passado aqui do bairro. aí eles vieram com moedas, com sacolinhas de supermercado, com camiseta, com diploma. foi super legal.
94. **Pes:** - ah. que bacana.
95. **Suj:** - foi muito legal. muito legal mesmo.
96. **Pes:** - e aí...
97. **Suj:** - mobilizou a... as meninas estiveram aqui, ajudaram na organização e aí nós fizemos isso aí. essa questão operacional foi o professor em sala de aula, lançando as perguntas pros alunos, eles tinham que fazer a entrevista com os moradores do bairro. trouxeram e junto com a entrevista respondida eles trouxeram os materiais também. foto, dinheiro, eu recebi camisa, eu recebi um diploma do mariano de abreu, uma escola estadual que tem lá...
98. **Pes:** - que tem aqui pertinho. é verdade. que bacana né?
99. **Pes:** - é, e esse, o museu também oferece um curso pros professores. você chegou a fazer?
100. **Suj:** - não. a falta de tempo...
101. **Pes:** - na verdade, chama encontro com o museu, né? que antes acontecia toda segunda feira, agora eles reúnem os professores interessados e oferecem. você não chegou a fazer, né?
102. **Suj:** - não.
103. **Pes:** - alguém aqui da escola deve ter feito.
104. **Suj:** - não sei te informar Soraia. não sei te informar. eu fiz um curso no museu da PUC.
105. **Pes:** - ah. tá.
106. **Suj:** - lá eu fiz um dia que coincidiu com o meu dia de projeto. aí eu fui e fiz. achei muito interessante. perguntas que as meninas fizeram, a proposta do museu. a preparação eu acho legal, né? muito legal.
107. **Pes:** - porque acaba ajudando a gente um pouco a pensar...
108. **Suj:** - exatamente, preparar né? levar a moçada pra lá.
109. **Pes:** - hunrum.
110. **Pes:** - ô Hebe (.) e durante a sua formação, na graduação de história, que você fez. você chegou a fazer algum curso que abordasse essa relação museu/escola? ou como o museu pode ser, vamos dizer, apropriado como equipamento cultural?
111. **Suj:** - infelizmente não.
112. **Pes:** - algum curso que tratasse esta discussão...

113. **Suj:** - não. infelizmente não. na minha época não tinha, não tinha essa ..., tinha algumas disciplinas que a gente fazia visita porta a fora, mas ...
114. **Pes:** - nenhuma museu/escola?
115. **Suj:** - nenhuma. eu lembro da gente ter ido em Sabará, não com tanta propriedade quanto como a gente faz agora com os alunos.
116. **Pes:** - hunrum.
117. **Pes:** - e, em relação, assim, a essa discussão sobre educação patrimonial, museu, museologia, museu/escola. você participou de algum seminário, de algum simpósio...
118. **Suj:** - não. infelizmente não.
119. **Pes:** - não.
120. **Suj:** - não.
121. **Pes:** - te interessa essa discussão da educação patrimonial?
122. **Suj:** - eu acho muito interessante, muito. eu até inclusive, tô até pensando numa tese aí de mestrado, sabe?
123. **Pes:** - hunrum.
124. **Suj:** - eu fiz uma apresentação, um relato de experiência, porque nós temos aqui uma parceria com o Labepeh da FAE. é, os professores de história, né? utilizando as “tics” tecnologias de informação...
125. **Pes:** - é a Agnela, o Haroldo, o Marcos...
126. **Suj:** - é. é.
127. **Pes:** - é porque eu que coordenava o projeto, assim, oficialmente lá na universidade.
128. **Suj:** - ah. então,
129. **Pes:** - escolas parceiras, não é?
130. **Suj:** - é.
131. **Pes:** - mas a Agnela ficava aqui e a gente ficava no Ataulfo.
132. **Suj:** - ah...
133. **Pes:** - eu nunca apareci aqui. mas eu fazia essa coordenação, mais oficial mesmo. só pra conduzir o trabalho institucionalmente.
134. **Suj:** - pois é. aí eu fiz a experiência...
135. **Pes:** - bacana, Hebe. que bom.
136. **Suj:** - pois é. tô doida pra começar centrar mesmo nessa questão de mestrado. os meninos, o Haroldo já vai fazer lá na UEMG. eu acho um assunto interessante mesmo porque a visão de museu, ela tá bem diferente, né?
137. **Pes:** - tá.
138. **Suj:** - ela tá tão, assim, gostosa. tão interativa. nossa eu fui pra Londres, passei, em 2001, tirei férias-prêmio da prefeitura. aí lá né? na europa é, são outros, outros papos. é, estudante tem meia-entrada, tem horário gratuito de 4 as 6 é de graça. você não paga. então, eu ia né? fazendo, andando lá e pesquisando.
139. **Pes:** - hunrum.
140. **Suj:** - então eu achei assim muito legal, foi lá que eu vi essa questão da, da, da interatividade entre o cidadão e o museu. que o museu não é uma coisa mais, assim, completamente estática. que as pessoas acabam interagindo. e depois, de uns tempos pra cá, eu acho que o Brasil está nessa onda mesmo, tem o museu da língua portuguesa, em São Paulo ...
141. **Pes:** - hunrum.
142. **Suj:** - eu não tive oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, mas pela internet e televisão, você vê que ele é todo interativo né? eu estive na casa FIAT de cultura, no início deste ano com o pessoal do EJA e, o tema era, era fotos também do Brasil e tem muita coisa interativa: fone de ouvido, computador. nós estivemos em ouro preto em outubro com o pessoal do EJA também, da escola onde eu estava trabalhando, no museu da inconfiência tem computador pra tudo enquanto é lado, né?
143. **Pes:** - hunrum.
144. **Suj:** - e, é interessante como os meninos, eles se interessam mais, se envolvem mais, devido a situação, assim, do momento: a questão do computador, do que com o monitor falando.
145. **Pes:** - agora, o Abílio não tem nada disso né?
146. **Suj:** - não.

147. **Pes:** - não tem esse arsenal tecnológico ainda não chegou ao Abílio.
148. **Suj:** - não, mas os meninos comportaram, eles...
149. **Pes:** - parece que eles...
150. **Suj:** - é...
151. **Pes:** - não tem. você achou, assim, que sua turma...
152. **Suj:** - não foi cansativo não. não foi uma coisa tediosa pra eles não.
153. **Pes:** - hunrum.
154. **Suj:** - porque eles fazem também de uma forma dinâmica, né?
155. **Pes:** - hunrum.
156. **Suj:** - a gente, tá né? até a própria forma de visitar, até o roteiro de visitação, eu acho que ele dispõe de uma forma mais, assim, facilitadora pro menino poder escutar, aprender e tal. eu achei interessante
157. **Pes:** - e nesse dia, naquela visita, a visita que você fez lá no Abílio, você podia contar um pouco, como é que foi?
158. **Suj:** - olha, nós chegamos lá, as meninas receberam, foram, são dois monitores aí eles recebem a equipe de professores e alunos e fazem a divisão. e, num primeiro momento um grupo ficou lá no bondinho. ela, aí ela explicou pra gente a questão das propagandas, da história da época, né? a questão da imagem, aí os meninos fizeram um relato sobre aquela época. e o outro, numa outra equipe foi pra dentro do museu e fez e estudo, né? da cidade, da história da cidade de belo horizonte.
159. **Pes:** - hunrum.
160. **Suj:** - do Curral Del Rei,
161. **Pes:** - do Arraial, né?
162. **Suj:** - da fazenda, que ali era uma fazenda, a estrutura da casa que tem o, tem uma parte ali Soraia que mostra o pau-a-pique.
163. **Pes:** - hanrã.
164. **Suj:** eles adoraram (risos)
165. **Pes:** - e, num tem esse chamativo, vamos dizer, da tecnologia, mas tem outras potencialidades.
166. **Suj:** - é.
167. **Pes:** - e, você achou com relação ao conteúdo abordado, foi importante essa visita pro seu...
168. **Suj:** - ah. com certeza.
169. **Pes:** - essa relação do museu com.
170. **Suj:** - com certeza.
171. **Pes:** - o que você estava trabalhado aqui...
172. **Suj:** - na realidade, a matéria de quinta série ..., né? adotada aqui pela escola, de acordo com o livro é a história antiga.
173. **Pes:** - ah. história antiga?
174. **Suj:** - é história antiga. a gente começa com é, pré-história. não. o que que é história, a importância da história, do estudo da história, aí vem a pré-história, as primeiras civilizações, aí vem Egito, civilizações da Mesopotâmia, a história antiga, até chegar no Egito, Grécia e Roma. agora, a gente está em Grécia.
175. **Pes:** - hunrum.
176. **Suj:** - mas eu acho legal, abrir um parêntesis nessa situação e falar “gente, belo horizonte aqui como é importante, nossa cidade, vamos valorizar.” eu explico muito pra eles que eu não posso ficar estudando a história atual, de hoje, porque a gente acaba querendo ou não, seguindo um cronograma. que eles tem que ..., eles tem que passar por isso aí. mas eles volta e meia...
177. (conversa interrompida)
178. **Pes:** - ela já está acabando aqui. então você estava falando que você faz um parêntesis, embora o conteúdo não tenha, exatamente, uma relação direta né?
179. **helaine:** mas eu acho, eu acho que a matéria de história, eu acho ela legal por causa disso, a gente pode abrir parêntesis em qualquer momento.
180. **Pes:** - hunrum.
181. **Suj:** - eu acho ela muito apropriada, principalmente, hoje em dia. você está falando lá, por exemplo, do Egito antigo e aí hoje você fala também da religião.
182. **Pes:** - hanrã. é verdade.

183. **Suj:** - a gente estava estudando Grécia, começamos estudar Grécia e falamos democracia, pode estudar política...
184. **Pes:** - é. é verdade.
185. **Suj:** - é legal.
186. **Pes:** - (...) mais pelo tema...
187. **Suj:** - é um conteúdo amplo né?
188. **Pes:** - é. é.
189. **Suj:** - dá pra gente transitar bastante.
190. **Pes:** - até mesmo, porque se não puser foco, a coisa fica né? de tão imenso que é. eu falo que “ô conteúdo que tem palavra, né?”, (*risos*) tem muita palavra né? muito conceito, muita... mas então, voltando a questão lá da visita naquele dia, em relação a metodologia, a forma como foi abordada, as estratégias de trabalho utilizada pelo, pelo museu né? pelos monitores, você achou que foi adequada...
191. **Suj:** - achei...
192. **Pes:** a idade...
193. **Suj:** - achei.
194. **Pes:** - a forma como eles abordaram, a brincadeira que eles fizeram com os meninos?
195. **Suj:** - fizeram, tem uma hora lá dentro da casa ela coloca os meninos, ela coloca os meninos numa roda, naquela parte das armas. ah. mas eles adoram, impressionante. aí ela vai contanto, acho que ela faz tipo um jogo de memória...
196. **Pes:** - é o telefone sem fio.
197. **Suj:** - é o telefone sem fio, não é?
198. **Pes:** - é.
199. (conversa interrompida novamente)
200. **Pes:** - o telefone sem fio.
201. **Suj:** - é. achei muito legal.
202. **Pes:** - então, essa relação direta com o conteúdo que você, disse que é na verdade um parêntesis, mas em relação ao museu como um ponto de conhecimento histórico. é tratado? você trata isso? é mais uma fonte? mais um lugar para ...
203. **Suj:** - com certeza é, né? com certeza.
204. **Pes:** - (...)
205. **Suj:** - quem dera se a gente pudesse sair de sala todo dia e estudar a história, português, ciências...
206. **Pes:** - então, e em relação a isso, você acha que o museu tem um diferencial, assim, ou não em relação a outros, outros mediadores, a outras, a outros métodos, por exemplo, ou a outras estratégias metodológicas. talvez seria essa a melhor palavra. você acha que o museu tem um diferencial e qual que seria ele?
207. **Suj:** - eu acho que, que ele é super importante, porque quando o aluno estuda dentro da sala de aula, quando ele pega um livro e vê, né? aquele teórico e quando a gente sai de sala e vê o visual, vê a imagem né? vê a explicação, vê ali como se fosse ao vivo, né? mas, ao vivo, em parêntesis aí, eu acho que é uma coisa muito legal, que é muito mais fácil pro aluno, ele guardar, assimilar e compreender isso...
208. **Pes:** - hunrum.
209. **Suj:** - do que ficar dentro de sala e lendo. eu acho que isso pra compreensão do aluno é muito melhor.
210. **Pes:** - você acha então que o museu tem um potencial educativo ...?
211. **Suj:** - ah. eu acho.
212. **Pes:** - hunrum.
213. **Suj:** eu acho. inclusive, assim, se eu chegar amanhã e perguntar pra eles, pra você ver, até um exercício legal pra gente fazer depois de uns meses e tal “ô gente vocês lembram quando a gente foi e tal, como é que é, esqueci tal parte, como é que foi, né?” um resgate aí interessante, dá pra gente fazer.
214. **Pes:** - talvez seja interessante fazer isso.
215. **pesqu:** - então, só pra gente finalizar, assim, em relação, aí eu, você retorna do museu, como é esse retorno, né? você retoma questões na sala? você desenvolveu alguma atividade que... a partir dessa visita?

216. **Suj:** - o que nós fizemos, o que nós fizemos foi utilizar o próprio material que o museu entrega pro aluno.
217. **Pes:** - hunrum.
218. **Suj:** entendeu? eu e a professora de português.
219. **Pes:** - ah. bacana.
220. **Suj:** então, cinco turmas ...
221. **Pes:** - hanrã.
222. **Suj:** ela trabalhou com duas ou três e eu trabalhei com duas.
223. **Pes:** - hunrum.
224. **Pes:** - você tem algum material dos meninos, assim, de alguma coisa que eles registraram no caderno..
225. **Suj:** - porque eu devolvi. não. eu tenho, foi entregue o livro pra gente, depois eu passei para eles...
226. **Pes:** - foi o amalnaquezinho que ele receberam?
227. **Suj:** - é. que tem aquelas perguntas,é um livrinho, né? é um almanaque mesmo. que tem que ele desenhava, tem uma página lá que ele desenhava, cheio das... que tem caça-palavras...
228. **Pes:** - ah. é o almanaque.
229. **Suj:** - é o almanaque. tem caça-palavras... tem o desenho..
230. **Pes:** - hanrã.
231. **Suj:** - tem outro negócio interessante... a história do bonde, pergunta..
232. **Pes:** - é porque cada, acho que cada almanaque trata uma temática.
233. **Suj:** - tem um tema, né? então é isso.
234. **Pes:** - ah. legal.e como é que você avaliaria a atividade como um todo? pros meninos, pra você ..., relativo ao museu.
235. **Suj:** - ah. eu acho que é muito bom. muito bom. mas seria mais interessante se fosse, assim, mais sistematizado né? mais... acho que é isso, a escola é pura dinâmica. a gente vai tentando assim transitar em todos os meios pra poder tentar agradar esse aluno, tentar ajudá-lo da melhor forma possível. é isso que a gente quer.
236. **Pes:** - mas vocês já estreitaram bastante essa relação com o projeto né? onde mora minha história?
237. **Suj:** - é.
238. **Pes:** - bacana isso,né? muito bom. é isso. espero não ter tomado muito o seu tempo.
239. **Suj:** - ah. que isso não tem problema não. que isso ...
240. **Pes:** - muito grata por tudo.
241. **Suj:** - a gente tá aqui pra isso mesmo.

Entrevista Número: 09
Sujeito: PD9
Local: Escola Municipal E
Data: 10/12/09
Duração: 13:18'

Legenda:

Pes: Pesquisador:

Suj: Sujeito:

1. (obs: entrevista realizada dentro da sala de aula, pois a professora (que é coordenadora) teve que substituir a professora da turma que faltou)
2. **Pes:** - então, na verdade, assim, queria saber como foi essa organização da visita, meio, do ponto de vista estrutural mesmo. como é que foi..
3. **Suj:** - o contato, né?
4. **Pes:** - pois é, como foi a iniciativa, a saída...
5. **Suj:** - pois é, nós é recebemos via malote o comunicado do museu falando que já estaria abertas as visitas, que quem quisesse poderia estar agendando no museu Abílio Barreto. como as professoras estavam trabalhando Belo Horizonte no primeiro semestre, todo mundo trabalhando Belo Horizonte, aí nós entramos em contato com o museu, agendamos, fizemos um ofício, mandamos, né? e o museu entrou em contato com a gente falando da data mais adequada.
6. **Pes:** - ah. tá.
7. **Suj:** e aí nós organizamos, se não me engana o ônibus foi o museu, quem mandou...
8. **Pes:** - é?
9. **Suj:** - é. se eu não estou confundindo as excursões o ônibus foi até do museu. a escola nem precisou organizar o ônibus não.
10. (conversa foi interrompida para chamar atenção dos alunos)
11. **Suj:** - aí o ônibus o museu organizou, o lanche também parece que foi todinho organizado, tem muito tempo viu que nós fomos, por isso que eu estou falando eu acho... (*risos*) foi no início do ano...
12. **Pes:** - foi. vocês foram em maio. não, é em abril.
13. **Suj:** - abril. pois é tem bastante tempo. e o museu, assim, estruturou todo o passeio, né? mandou pra gente com antecedência, um ofício falando sobre como trabalhar com os alunos, como os alunos deveriam se portar no museu. o acervo que o museu tinha e o que que o museu poderia estar mandando pra gente posteriormente a visita. e foi muito bacana, porque as professoras trabalharam com os alunos essa questão né? do que que é um museu, com o próprio material do museu.
14. **Pes:** - ah.
15. **Suj:** - o que que é um museu, como se portar num museu que não poderia tocar nas peças, apesar que eles não obedeceram, nem um pouquinho.
16. (conversa foi interrompida para chamar atenção dos alunos)
17. **Suj:** - como é que é seu nome?
18. **Pes:** - Soraia
19. **Suj:** - para a turma: a soraia tá me entrevistando a respeito da visita ao museu.
20. **Pes:** - é. eu tô tentando gravar aqui né?
21. **Suj:** para a turma: olha só, ela tá tentando gravar a nossa conversa. será que vai sair alguma coisa desse jeito?
22. (Turma em coro: não.)
23. **Suj:** - para a turma: pois é, por isso que eu pedi a colaboração de vocês. vocês gostaram de ir ao museu não gostaram?
24. (turma em coro: gostaram.)
25. **Suj:** - para a turma: vocês foram, não foram?
26. (turma em coro: foram).
27. Voz do aluno 1: eu não.
28. **Suj:** - por que que você não foi?

29. Voz do aluno 2: eu fui.
30. Voz do aluno 1: inaudível.
31. **Suj:** - ah. você não..
32. **Pes:** - então perdeu.
33. **Suj:** - pois é, já que vocês gostaram, a Soraia está desenvolvendo um estudo lá na faculdade dela a respeito da relação entre a escola e os museus. mais pra que essa relação continue bacana, pra que a soraia continue estudando sobre isso vocês tem que colaborar. colaborar como? ficando caladinhos só um minutinho pra professora terminar a entrevista, tá certo.
34. (alguns alunos: certo.)
35. **Suj:** - então ó...
36. (conversa reinicia)
37. **Pes:** - aí vocês utilizaram este material pra preparar...
38. **Suj:** - isso. aí nós, a coordenação pedagógica que recebeu, veio uma caixinha, que recebeu a caixinha, né? nós repassamos pras professoras, xerocamos o material que veio do museu e elas leram com os alunos em sala
39. **Pes:** - hunrum.
40. **Suj:** e foram pra visita. lá foi muito bacana. disse que teve menino, assim, que passou não só a mão, mas o corpo todo. (risos) nas obras, assim, porque a questão deles de contato é muito forte, né? mas foi muito bom. e o registro deles a partir dessa visita, mostrou realmente como é importante esse trabalho com o museu.
41. **Pes:** - hanrã.
42. **Suj:** - sabe? de como é importante eles terem contato com esse tipo de documento, né?
43. **Pes:** - e em relação assim aos objetivos da visita?
44. **Suj:** - pois é, era trabalhar a questão de Belo Horizonte e na época estava tenho uma exposição de fotografias, sobre Belo Horizonte. você tava no museu? você foi ao museu neste período?
45. **Pes:** - estava.
46. **Suj:** - pois é, umas fotografias enormes, né? a respeito de Belo Horizonte. e aí realmente nosso objetivo foi atingido. além disso, veio dessa visita uma maquete.
47. **Pes:** - uma maquete pra montar?
48. **Suj:** - isso. uma maquete sobre o museu. então as salas montaram, cada sala montou a sua maquete. foi muito rico, muito jóia...
49. **Pes:** - e esse material pedagógico do museu vocês utilizaram em sala?
50. **Suj:** - utilizamos em sala e guardamos um, um kit na biblioteca
51. **Pes:** - ah. tá. o kit que o museu manda?
52. **Suj:** - isso, sim.
53. **Pes:** - e essa iniciativa de ir ao museu é da escola como um todo ou do grupo de professores particular assim? desse grupo específico?
54. **Suj:** - ah é da escola como um todo.
55. **Pes:** - toda a escola vai?
56. **Suj:** - sim.
57. **Pes:** - é todos os anos ou é uma iniciativa pontual?
58. **Suj:** - não. o primeiro turno vai todos os anos. a gente procura ir ao museu Abílio Barreto todos os anos. por causa da temática do primeiro turno
59. **Pes:** - hanrã.
60. **Suj:** que é Belo Horizonte.
61. **Pes:** - então você esteve lá nesse dia, não?
62. **Suj:** - não. não, não. não fui, só os professores.
63. **Pes:** - porque lá tem uma organização assim, um grupo visita o casarão
64. **Suj:** - isso. isso.
65. **Pes:** e o outro...
66. (conversa interrompida novamente)
67. **Suj:** - sim. aconteceu realmente em dois momentos.
68. **Pes:** - um vai pro casarão e o outro vai lá pra área externa do bonde.

69. **Suj:** - divide. exatamente.
70. **Pes:** - essa estrutura você acha que funciona?
71. **Suj:** - funciona. bacana. as monitoras são bem preparadas, né? nós também procuramos ajudar, não deixar só por conta delas também. principalmente essa questão da disciplina, porque lá é um espaço aberto. **Pes:** - é.
72. **Suj:** - perigosíssimo em termos do trânsito, né?
73. **Pes:** - é.
74. **Pes:** - mas assim, pois é, não teve transtorno nenhum, foi muito bacana.
75. **Pes:** - e você tem alguma produção dos meninos, assim...
76. **Suj:** - pois é, eles produziram
77. (outra interrupção)
78. **Suj:** para a turma: o pessoal pera aí um pouquinho. vocês quanto foram ao museu, produziram um texto a respeito da visita?
79. (alguns alunos: foi.)
80. (outros alunos: não.)
81. **Suj:** - para a turma: que é que tem esse texto no caderno?
82. (voz de um aluno): não foi um texto não.
83. **Suj:** - foi o que que você fez?
84. (turma em coro: foi um desenho. foi um desenho.)
85. **Suj:** - desenho? mas teve uma turma que produziu um texto viu?
86. **Pes:** - é.
87. **Suj:** - eu vou procurar, mas como está sem tempo.
88. **Pes:** - é.
89. **Suj:** - a melhor pessoa pra ser entrevistada são as crianças viu? (risos) eu chego lá. daqui mais um tempo.
90. **Pes:** - mas, ô Danuza vocês já conheciam o museu Abílio Barreto, vocês aqui, alguns professores...
91. **Suj:** - bom. sim. já, já, nós já fomos lá outras vezes.
92. **Pes:** - já fizeram aquele curso que tem lá de formação?
93. **Suj:** - não. esse curso não fizemos, porque é no horário de trabalho, né? não sei se é ao sábado hoje?
94. **Pes:** - é. tem sábado, tem..
95. **Suj:** - tem, né? não fizemos.
96. **Pes:** - porque antes era segunda feira a noite.
97. **Suj:** - não, não fizemos. ficamos sabendo sim, foi informado. inclusive através desse ofício que veio. é que o próprio museu divulga, mas nenhum professor fez esse curso não.
98. **Pes:** - chama encontro com o museu, né?
99. **Suj:** - é.
100. **Pes:** - e em relação a essa questão museu/escola, você né? ou algum dos professores, já fez algum curso que tratasse sobre essa questão da relação museu/escola?
101. **Suj:** - não. curso específico sobre isso, não.
102. **Pes:** - nada? nem um seminário?
103. **Suj:** - nada, nada.
104. **Pes:** - e sobre museologia ou alguma coisa na área de educação para o patrimônio?
105. **Suj:** - nada. certeza que nenhum professor aqui fez.
106. **Pes:** - e na sua graduação? foi discutida essa questão do uso dos museus como recurso...
107. **Suj:** - sinceramente não.
108. **Pes:** - não, né?
109. **Suj:** - não.
110. **Pes:** - e quando você fala dessa questão do museu como fonte documental, isso vem da sua formação...
111. **Suj:** - vem a partir das leituras feitas, né?
112. **Pes:** - hunrum.
113. **Suj:** - presença pedagógica (risos)
114. **Pes:** - hanrã.

115. **Pes:** - então essa temática ela vem chegando, dessa necessidade do museu, muito mais pela por outras formas de...
116. **Suj:** - por outras leituras. inclusive taí uma, uma, um artigo na presença pedagógica a respeito da relação com o museu, mas na Europa. acho que foi a Maralize paraíso que escreveu, não sei. não lembro, né? e lá falando que lá na Europa o museu é totalmente interativo, que as pessoas tocam nas obras, né? participam das atividades, é um pouco diferente ainda da lógica aqui no Brasil.
117. **Pes:** - acho que eles fizeram umas réplicas do acervo.
118. **Suj:** - pois é, achei bacana demais e acho que pra criança isso é interessante. nós já levamos os meninos no museu dos brinquedos
119. **Pes:** - hanã.
120. **Suj:** e foi muito frustrante para eles não poder pegar. então eu acho que isso lá no museu Abílio Barreto a vontade deles de tocar, de passar o corpo é muito grande, sabe?
121. **Pes:** - uma professora outro dia disse que, reclamou que tinha que ter uma réplica do bonde pros meninos entrarem.
122. **Suj:** - pois é. eu acho que criança é extremamente, igual você falou, sensorial. não tem como. acho que a lógica do museu tinha que mudar, por causa das crianças.
123. **Pes:** - então, essa, essa questão do museu mesmo como recurso pedagógico, assim, você acha que há um diferencial?
124. **Suj:** - há com certeza.
125. **Pes:** - em relação a (...)...
126. **Suj:** - com certeza. essa questão, né? de vivenciar, a experiência de ir até um local diferente, fazer uma observação, centrar-se naquilo e refletir sobre aquele momento histórico: o museu proporciona isso. sabe? coisa que num livro didático fica muito distante da realidade. eu acho que ir ao museu é riquíssimo pras crianças. nós fomos com a EJA também...
127. **Pes:** - lá no Artes e Ofícios?
128. **Suj:** - lá no Artes e Ofícios e também naquele museu da PUC, da PUC.
129. **Pes:** - ah. sei.
130. **Suj:** - assim, pro pessoal de EJA, não só pra criança né? pro pessoal de EJA foi muito bacana, eles começaram a falar “puxa vida, olha só é dinossauro mesmo.” (risos)
131. **Pes:** - que legal.
132. **Suj:** - porque no livro didático parece que é uma coisa falsa né? uma falácia, né? quando vão ao museu, parece que a história fica mais próxima, mais real. é bem bacana.
133. **Pes:** - e em relação ao próprio atendimento do Abílio Barreto...
134. **Suj:** - olha muito jóia. muito jóia. os professores elogiaram muito, o material didático muito bom, lá foram muito bem recebidos. as monitoras realmente bem preparadas. foi muito bacana mesmo. nós não tivemos problema não.
135. **Pes:** - ah. então tá. bom, é isso que eu queria ouvir de vocês. eu fiz um roteirinho mais curto porque..
136. **Suj:** - a demanda...
137. **Pes:** - não, até porque o tempo né? hoje o tempo do professor está muito...
138. **Suj:** - é verdade. é verdade.
139. **Pes:** - então, Danuza ...
140. **Suj:** - mais assim, tá certinho?
141. **Pes:** - eu fico grata. tá ótimo.
142. **Suj:** - então tá bom.
143. **Pes:** - obrigada viu?
144. **Suj:** - nós gostamos muito de levar os meninos em lugares diferentes, infelizmente por causa da gripe suína muitos dos nossos passeios foram cortados.
145. **Pes:** - é, foi mesmo. no museu desmarcou muito. porque eu fiquei muito tempo lá né?
146. **Suj:** - ah. tá.
147. **Pes:** - então teve muitos momentos que...
148. **Suj:** - com a EJA deu pra retomar os passeios, mas com os meninos não deu mais tempo.

Entrevista número: 10
Sujeito: PA10
Local: Escola Estadual A
Data: 10/12/09
Duração: 25':02''

Legenda:

Pes: Pesquisador:

Suj: Sujeito:

OBS: *(A professora recebeu o prêmio professores do Brasil e inicia a conversa falando sobre o prêmio).*

1. **Suj:** - na realidade aqui em Minas eu acho mais complicado, sabe? eu acho que não teve a repercussão que o prêmio se propunha, né?
2. **Pes:** - hunrum.
3. **Suj:** - né? que é a questão das práticas inovadoras que podem ser copiadas, agora elas vão ser disponibilizadas no portal do MEC, né? eu não sei nem se eu tenho a revista aqui... (...) ela específica na capa o nome dos professores e tal. então eu acho que em outros estados, em tenho visto, assim, meus colegas mandam pra mim o que que está acontecendo e tá acontecendo muita coisa nos outros estados, sabe?
4. **Pes:** - hunrum.
5. **Suj:** - e o prêmio aqui, é o segundo ano que esse prêmio faz a premiação para o ensino médio. é o quarto ano do prêmio professores do Brasil e o segundo ano que ele atua no ensino médio. e ano passado, é... ninguém ganhou do ensino médio aqui em minas, tiveram duas premiações em minas pra escola municipal e esse ano eu fui a única ganhadora do estado de minas.
6. **Pes:** - bacana. parabéns.
7. **Suj:** - então eu penso que, que minas devia estar um pouco mais integrada com a educação e a educação com o desenvolvimento sustentável que é a prática que eu atuo com meus alunos e a minha visita ao museu ela tá integrada dentro dessa prática.
8. **Pes:** - pois é, então é, na verdade, assim, já que você começou a falar sobre isso, né? sobre essa relação do prêmio desse projeto, dessa relação com a prática uma das questões que eu queria ver com você era exatamente isso. quais são os objetivos, né? dessa visita ao museu e em que contexto que o museu entra na sua prática pedagógica?
9. **Suj:** - a minha prática pedagógica Soraia, ela tem a ver com a educação para o desenvolvimento sustentável, que é preconizado pela UNESCO. nós estamos na década da educação que começou em dois mil e cinco ou dois mil e quatro, não sei, e vai até dois mil e quinze. e ela é incorporar a educação ambiental na prática pedagógica, tá?
10. **Pes:** - hunrum.
11. **Suj:** - então é o segundo ano que eu venho desenvolvendo esse projeto. na realidade, qual que é o meu objetivo, transfo... fazer com que o indivíduo com que os alunos sejam cidadãos críticos e interfiram na realidade. pra você trabalhar isso, por incrível que pareça é diferente de você dar uma aula com cunho ambiental. a geografia que eu trabalho, ela toda tem esse cunho das discussões ambientais, tá? mas o projeto é diferente, porque você traz para vida dos alunos, aquilo que é de interessa pra vida dos alunos dentro de todas as questões que você se proponha a trabalhar. seja econômica, seja financeira, seja política, seja ambiental.
12. **Pes:** - hunrum
13. **Suj:** - então eu dedico nas minhas aulas, uma aula pra trabalhar projeto. como você é professora, não sei se você sente a minha dificuldade que a interdisciplinaridade verdadeira entre os professores, hoje em dia você pega um tema aí e cada professor trabalha da sua maneira, isso não é interdisciplinaridade. então eu tentei um projeto interdisciplinar com os professores, não consegui. então como que eu trabalho a interdisciplinaridade, eu trabalho as próprias disciplinas. eu vou estudando as disciplinas e vou trazendo pro projeto e a partir daí... ano passado eu introduzi o projeto de educação ambiental aqui na escola, foi aprovado pela secretaria, pagamos um professor que é o João Herculano Pereira Santos que tem uma consultoria e foi inclusive minha referência no termo de educação ambiental. os

professores fizeram uma formação e em seguida nós tentamos o projeto, mas aí por uma série de circunstâncias é, com os alunos que eu trabalhei, eu acabei por trabalhar sozinha o projeto.

14. **Pes:** - hunrum.

15. **Suj:** - então, quando foi esse ano o professor Rogério que é da UFM (...) da PUC minas lá no São Gabriel, ele vendo o trabalho que eu desenvolvi, ela tinha o objetivo de fazer um diálogo entre os alunos da PUC minas do direito e da enfermagem, que ela dá aula pro primeiro período de metodologia científica e ele propôs a questão do espaço urbano. então ele propôs isso até por uma série de situações, porque a educação ambiental, você tem a flexibilidade do tema. você trabalha os temas que são do momento, que são importantes. e aí eu achei a sugestão dele muito interessante e a partir daí eu fui vendo como que eu ia desenvolver esse trabalho aqui na escola. por que qual que é a intenção desse projeto? eu trabalho na escola com os meus alunos, o Rogério trabalha na PUC com os alunos dele e em alguns momentos nós nos encontramos. bom, eu pensei: se eu vou trabalhar a questão da cidade, aonde que eu começo? na história da cidade e aí a minha relação com o museu até então era muito distante, porque até então eu era uma urbanóide típica, né? e a questão das visitas a museus, a essa parte cultural, não era realmente a minha prática. então aí o que que eu fiz? aí eu precisava conhecer o museu, porque eu tenho muita preocupação em conhecer tudo aquilo que eu trago pra escola, pra que não fique a prática pela prática. mesmo, como eu estou num processo de construção desse projeto no final eu sempre fico pensando, mas faltou isso, faltou aquilo, vamos ter que consertar, vamos ter que melhorar.

16. **Pes:** - hunrum.

17. **Suj:** - então aí eu entrei em contato com o museu Abílio Barreto que é a referência da história de belo horizonte, senti a necessidade de fazer um curso pra eu poder conhecer, desse curso saiu aquele curso que nós nos encontramos na PUC, né? que foi o do museu, com a professora: como é que ela chama? Ana?

18. **Pes:** - Diana, Claudia ...

19. **Suj:** - Claudia né? com a Carla. então, aí depois que eu conheci eu trouxe ele pra cá e nós fizemos as visitas e aí os meninos gostaram muito. fomos bem atendidos, mas pra que eles conhecessem um pouco da história do museu, um pouco da história da cidade, com que eles tivessem essa referência de que o passado ele tem um histórico, que eles pudessem retratar isso, entendeu? perceber a cidade e que a partir daí a gente tivesse subsídios para continuar o trabalho, que é a questão das outras atividades que foram desenvolvidas no projeto.

20. **Pes:** - hunrum. ô Adriane e essa questão de você ter colocado que precisou conhecer o museu, antes você frequentava o museu ou...

21. **Suj:** - eu já fiz umas visitas, mais ou menos ao museu depois de adulta e trabalhando e tal, mas esporádica. uma que fiz uma visita muito rápida, mas a minha intenção era ir pro café, bater um papo com minha irmã e tal. uma outra que eu fui levar minha menina quando era menor, mas sem objetivos de trabalhar, né?

22. **Pes:** - hunrum

23. **Suj:** - e fazer parte do meu trabalho o museu. aí o olhar é diferenciado, o estudo, eu penso né? tem que ser mais aprofundado, mais guardando as devidas restrições, até porque isso no curso foi um dos motivos de embate que eu tive até com uma aluna que tava fazendo o curso lá, que o professor...

24. **Pes:** - você fez o curso foi lá no São Gabriel?

25. **Suj:** - foi com você.

26. **Pes:** - foi comigo e com Claudia.

27. **Suj:** - com você e com a Claudia. é. então na realidade o professor não tem obrigação de conhecer tudo. quem tem que conhecer o museu é quem trabalha no museu. é o agente do museu, não é o professor. porque o professor não vai só a museu, ele vai ao museu, vai à COPASA, vai a PROPAM. então imagina se você for um profundo conhecedor de todas as atividades e dinâmicas que você vai trabalhar com seus alunos? você deixa de ser professor e vai passar a ser o trabalhador daqueles locais. então na realidade, eu senti necessidade de conhecer o suficiente pra que eu pudesse estar fazendo essa questão da gestão. da mesma forma quando eu fui ao PROPAM que é o centro de educação ambiental do Castelo, né?

28. **Pes:** - hunrum.

29. **Suj:** - que eu senti necessidade de conhecer antes, de vir a proposta, pra depois levar os alunos. na COPASA eu senti a necessidade de conhecer qual que era a proposta que eu estava trabalhando pra ver como eles poderiam me atender. e assim eu vou direcionando minha prática. é, adequando os objetivos que eu tenho ao local que a gente acha que é importante está trabalhando com eles.
30. **Pes:** - você chegou a fazer aquele curso encontro com o museu pelo Abílio Barreto?
31. **Suj:** - eu fiz um curso do Abílio Barreto, do Abílio Barreto eu fiquei sabendo daquele da PUC, aí eu fui fazer aquele da PUC, com a Claudia e com você.
32. **Pes:** - é que minha orientadora foi coordenadora, a Silvania, né?
33. **Suj:** - exatamente.
34. **Pes:** - e essa sua relação com o museu começa nesse momento? do projeto?
35. **Suj:** - de uma..
36. **Pes:** - essa relação, assim, de formação?
37. **Suj:** - sim.
38. **Pes:** - de procurar um curso? de procurar uma formação?
39. **Suj:** - sim.
40. **Pes:** - com prática, com a idéia da prática pedagógica...
41. **Suj:** - com o desenvolvimento do projeto. exatamente.
42. **Pes:** - e na sua graduação, você já tinha discutido essa questão dos usos do museu?
43. **Suj:** - não. no curso nunca foi discutido não.
44. **Pes:** - na graduação não?
45. **Suj:** - não.não.
46. **Pes:** - e em outros momentos: simpósios,
47. **Suj:** - também não.
48. **Pes:** - seminários, também não, né?
49. **Suj:** - não.
50. **Pes:** - e em relação a visita, naquele dia, como é que você percebeu a visita? como é que você avaliaria, né? na verdade como é que foi a visita, como é que foi os alunos?
51. **Suj:** - pois é. na realidade é, eu sempre, eu trabalhei 5 turmas, é com projeto e todas as turmas que eu trabalho, embora elas sejam de anos diferentes foi 2ª e 3ª série, é dentro do projeto não tem essa divisão: os assuntos são comuns, as idéias são comuns e o conhecimento é comum. então dentro da medida do possível eu gosto que todos eles compartilhem os momentos. alguns lugares é difícil, por exemplo, a COPASA só permite a entrada de 30 pessoas, então eu tenho que sortear..
52. **Pes:** - é.
53. **Suj:** - mas no caso do museu foi possível, se não me engana a pessoa que nos atendeu, não sei se foi soraia que ela chama também? não sei o nome dela, mas uma pessoa fantástica, sempre aberta..
54. **Pes:** - tem Jaquelinine, Valeria..
55. **Suj:** - Jaqueline. Jaqueline. ela é uma do cabelo grande, lisinho.
56. **Pes:** - é Jaqueline.
57. **Suj:** - então ela é uma pessoa, assim, fantástica no atendimento. eu fiz o curso, aí eu fui conhecer, aí ela foi nos mostrar as questões, algumas histórias, aí você começa a perceber que é uma visita que se você fizesse uma visita uma semana inteira você teria percepções diferenciadas, histórias diferenciadas, trabalhos diferenciados, entendeu? e aí, a partir daí, eu fiz a condução de uma turma e outros colegas se abriram, porque aqui na escola a visita em campo, ela é uma atividade que ela faz parte da prática de diversos professores. então aí eu apresentei né? essa proposta numa reunião durante o intervalo, no bate papo que nós temos na hora do intervalo e os demais professores se dispuseram a levar os alunos. então a coordenação pedagógica organizou, eu fui com uma turma e as outras turmas foram depois e depois eu recebi uma carta da direção do museu elogiando o comportamento dos alunos dentro né? dentro do trabalho proposto, os alunos gostaram muito, depois nós recebemos um álbum e aí cada turma montou um álbum e eu fui levando esse álbum para que eles pudessem vir as outras percepções e as outras propostas do álbum que no final foi exposto na feira de cultura que nós fizemos. agora é aquela coisa interessante, como eu te falei, o projeto estava em formatação e me deu um... foi muito cansativo pra mim, porque eu trabalhei sozinha dentro da escola madre carmelita. então é uma proposta que eu pretendo continuar com eles entendeu?

58. **Pes:** - hunrum.
59. **Suj:** - e aí, eu tenho certeza que a partir daí, e sendo uma prática mais frequente, se for possível que aí eu vou ter que entrar em contato com eles mais, aí eu vou ter a certeza de que você vai conseguindo aos poucos, é enquanto professor, começar a observar novas possibilidades que até então estava limitadas a nossa primeira, ao curso que eu fiz e ao primeiro contato.
60. **Pes:** - então essa foi a primeira vez que você levou esses meninos (...)
61. **Suj:** - exatamente. e uma coisa que me chamou muito a atenção que a Jaqueline falou e que eles até ficaram um pouco melindrados, é que geralmente eles não recebem no museu alunos de ensino médio. esse trabalhos geralmente são feitos com fundamental e com os pequenininhos e o ensino médio não. então: “ nó será que a prática está adequada?”, mas foi, foi extremamente interessante, foi extremamente adequado. a receptividade dela foi muito grande, sabe? a preocupação realmente em fazer daquilo um objeto de conhecimento, foi tudo muito bom.
62. **Pes:** - hunrum.
63. **Suj:** - sabe? e aí a minha pretensão, continuando esse projeto é a inserção, né? do museu lá e aí também, é lógico que eu vou estar aprendendo mais e eu mesma posso começar a trabalhar essa minha visão diferenciada. e quanto maior a minha percepção, mais eu tenho chance de trazer isso pra eles.
64. **Pes:** - hunrum.
65. **Pes:** - e em relação as estratégias que eles usaram pra recepção dos adolescentes, né? jovens, né? que são seus alunos, né?
66. **Suj:** - eu achei muito interessante, é obvio que por ser uma turma de 40, 45 alunos que nós fizemos, vamos dizer que a casa central, por exemplo, ela é pequenininha por si só.
67. **Pes:** - hunrum.
68. **Suj:** - então, é aquele passeio ali, ele realmente se limita, não tem jeito, mesmo que você divida em turmas. mais eu achei muito interessante, nós fizemos a dinâmica, né? do bonde sem a questão, como é uma dinâmica mais infantil, do ponto de vista do livrinho e tal, então a Jaqueline já usou... eu trabalhei com a Jaqueline, foi com ela que direcionou. então ela mostrou realmente os meninos aí começaram a chamar a atenção para as propagandas antigas, pra um estilo de vida diferenciado, pra marcas que hoje tem um visual diferenciado, né? então os meninos ficaram, porque realmente não faz parte, e nós no espaço urbano não temos relação de pertencimento com esse espaço, isso é um fato né? nossa vida é muito mercantilizada e concretada. então, o sentimento ele se torna mais nas suas relações muito íntimas e pessoais e não com o meio, como acontece no espaço rural, então isso ficou muito... é, então foi muito interessante, os alunos gostaram muito. então nós fizemos essa questão de percepção da cidade jardim, de sair um pouco do museu e olhar o entorno. então aquela questão da urbanização, de ser uma área boa pra se viver, você ter aquela sensação de ser uma área boa pra se viver. tinha um grupo de terceira idade lá, então eles viram as pessoas trabalhando, ou seja a apropriação do trabalho na questão não formal. aí nós vimos realmente, o conhecer dentro da cidade e aí você realmente se perde, porque uma visita é muito pouco, porque o espaço é limitado, porque o horário é cronometrado, né? e aí seria como você disse quase que uma semana com uma turma só, o que inviabiliza, porque eu não poderia, aí eu teria que selecionar pessoas pra um trabalho mais elaborado, entendeu?
69. **Pes:** - hunrum.
70. **Suj:** - agora eu penso que essa práticas elas tem, a única coisa, assim, que eu sentia dificuldade depois e depois eu tive que fazer, é tipo assim: porque eles tem toda essa estratégia, mas seria, por exemplo, uma avaliação para o professor, pro professor trabalhar isso. eu sinto que no ensino médio você tem muito que construir seu material, sabe Soraia? e você como professora sabe que isso é inviável, né? que você trabalha numa empresa como eu vim do mercado privado, os seus relatórios, os seus diagnósticos, isso é pronto. então, por exemplo, uma avaliação do museu, uma percepção, ela poderia estar um pouco direcionada pro professor. porque o conhecedor do museu é o agente do museu, entendeu?
71. **Pes:** - hunrum.
72. **Suj:** - nós somos os visitantes, nós somos os estudiosos e o professor ele não tem obrigação de conhecer na sua totalidade. então a única coisa que eu senti falta, seria talvez uma avaliação mais ampla, um direcionamento da avaliação na busca, de buscar um olhar mais profundo do aluno e isso eu não fiz porque aí eu já fui direcionando pro meu estudo. mas eu acho que isso faria toda uma diferença.
73. **Pes:** - você fala em relação ao uso do museu?

74. **Suj:** - ao uso do museu. uma proposta do museu para avaliar aquela visita. não a visita assim “foi bom?”, “você foi bem atendido?”, isso nós fizemos, tá?
75. **Pes:** - hanrã.
76. **Suj:** - mas eu falo assim do...
77. **Pes:** - do conteúdo?
78. **Suj:** - do conteúdo. do projeto, do aprendizado. então eu acho que isso seria interessante que tivesse pra facilitar um pouco o nosso trabalho. que você sabe que já é tão ... (...)
79. **Pes:** - é...
80. **Suj:** -: então, eu não me ative a esta parte, já fui direto para a questão que era do meu interesse aqui.
81. **Pes:** - e em relação aos trabalhos que foram desenvolvidos após a sua visita aqui, assim, você pode detalhar um pouco?
82. **Suj:** -: - o que que foi desenvolvido? aí depois disso nós fomos trabalhando mais a cidade eu montei uma, um trabalho sobre o conhecer belo horizonte. eu comprei um livro lá que chama permanências e mudanças que eu só trabalhei a primeira parte, a parte da guaicurus eu não trabalhei, mas eu fiz um fichamento e trouxe para os meninos, né? com o olhar do autor, com o olhar das mentalidades, inclusive com a própria criticidade que teve, né? dos governantes em relação a população, porque era um estorvo na época para a construção da nova cidade ...
83. **Pes:** - hunrum.
84. **Suj:** -: e faltou essa outra parte que eu parei por aí, porque é uma outra coisa que eu ainda tenho que estudar pra depois trazer para eles. tem uma fita que é aquela a rua das cidades, né? que eu também adquiri e que aí eu passei. e disso um grupo de alunos fez um teatro e nesse teatro que acabou que a nossa feira de cultura.. porque é muita questão de bom senso, sabe? quando você vai expor o seu trabalho a população e a comunidade não está interessada (()) naquele olhar do pesquisador, tem que ser uma coisa mais dinâmica em que ela não se canse. então, como é que nós fizemos? os temas que nós trabalhamos, os alunos fizeram um vídeo, eles tinham de três a cinco minutos, como esse três a cinco minutos limitou, eu achei interessante o trabalho da menina do teatro, nós temos uma aluno que inclusive ela tem uma novela escrita, então ela tem um afinidade com o teatro muito grande. então eles foram pro parque aqui da Pampulha, fizeram um teatro com todas as fases da, da evolução da cidade. aí eles viram, depois do teatro todo pronto, todo ensaiado, eles viram que esse teatro não ia ter condições de passar, aí eles voltaram lá, gravaram não sei se com um celular ou com uma câmera fotográfica, reproduziram isso em forma de vídeo e foi passado pro vídeo que foi exposto. então você vê, do ponto de vista formal, da qualidade técnica e tal uma série de falhas lógico, você pega o seu celular e filmar um teatro, não tem condições. mas ficou muito legal, ficou muito legal a mudança de roupa, a negociação que fizeram no parque, eles colocaram outras turmas que não a deles, porque a turma delas era muito de menina, precisava de menino aí então integrou. mas foi fantástico essa outra situação, inclusive esse vídeo eu fiz questão de passar pro ministro, se ele vai ver ou não é uma outra situação e pro canal futura também, pra eles verem que a gente, o que que alunos de quinze, dezesseis, dezessete anos trabalham dentro de um projeto mais integrador, entendeu?
85. **Pes:** - entendi.
86. **Suj:** - mas essa parte mesmo, eu enxerguei muito o Abílio Barreto que mostra essas fases da nossa história.
87. **Pes:** - bacana. legal.
88. **Pes:** - então, e em relação a questão mais estrutural, assim, é complicado sair com os meninos? você falou antes que a escola já inclui em seu programa essas saídas, como é que é? como eles viabilizam isso? o estado ajuda?
89. **Suj:** - não. não ajuda em nada.
90. **Pes:** - ou os meninos pagam?
91. **Suj:** - o dinheiro é todo dos meninos. geralmente nós temos as pessoas aqui que já fazem este transporte, eles cobram pro meninos, tem um ônibus. aí a pessoa com quem a gente tem contato cobra dos meninos o valor da passagem que é quatro e trinta...
92. *(o sinal da escola é acionado: a gente vai ter que acelerar um pouco, porque o recreio e depois a prova)*

93. **Suj:** que é quatro e trinta e aí os meninos pagam a sua passagem. se tiver um caso muito especial, a gente leva lá na direção pra pessoa, né? não deixar de ir e o professor não paga. e em relação a isso os professores são muito tranquilos, mas é lógico que você tem que ter um dimensionamento, porque aquela turma que saiu no dia, ela fica sem aula.
94. **Pes:** - hunrum.
95. **Suj:** - né? porque a gente vai com turma, mas nós não temos conflito aqui. os professores acabam adaptando a sua prática, o outro professor leva.. os meninos adoram.
96. **Pes:** - os meninos aderem?
97. **Suj:** - aderem ao máximo. nós enchemos um ônibus pra ir, foi praticamente a turma toda.
98. **Pes:** - a turma foi muito elogiada lá no Abílio.
99. **Suj:** - foi muito... a mais eu sou uma professora muito brava. pra mim a questão da disciplina...
100. **Pes:** - mas essa turma surpreendeu a mim que sou uma visitante lá no museu. agora meio permanente lá esse ano, né? mas me chamou a atenção o nível de envolvimento, a adesão deles, assim, no diálogo, na condução...
101. **Suj:** - e uma das características dos nossos alunos é que eles são extremamente educados. são bagunceiros, você chama a atenção... comigo a disciplina é muito rígida, porque eu não acredito na... eu acho que você, não acredito no conhecimento movido a bagunça, não consigo. mas eles são muito educados e todas as turmas chamaram a atenção, mesmo as que eu não acompanhei. porque como eu sou uma professora mais rígida, comigo eles não fazem isso, mas como eu te falei: não sei se é uma prática do museu, mas eu recebi uma carta de elogio da diretora do museu. e a própria, como é que chama a menina? que me...
102. **Pes:** - a Jaqueline.
103. **Suj:** - a Jaqueline, ela ficou, ela falou assim: "Adriane, há muito tempo eu não percebo isso e coisa..."
104. **Pes:** - é foi comentado lá.
105. **Suj:** - inclusive no lanche, a hora de tomar de tomar conta do seu lixo e tal. eles levaram o lanche, ele (...) preparados.
106. **Pes:** - porque adolescente, eles normalmente, o que é comum é eles chegarem, assim, meio que não estou nem aí pra essas coisas do passado, né?
107. **Suj:** - mas eu penso..
108. **Pes:** - foi ao contrário, né? super bacana mesmo.
109. **Suj:** - mas eu penso que o adolescente é um reflexo do adulto e que o adulto não tem tempo pro adolescente. porque tempo significa você limitar os meninos, tanto que dá certo.
110. **Pes:** - é. é verdade.
111. **Suj:** - eu trabalho com cinco turmas e as cinco nem imaginam, com seis turmas, né? não pude trabalhar com as seis turmas, porque exatas só tem duas aulas de geografia e as duas aulas realmente não tem jeito, você tem que se ater ao conteúdo.
112. **Pes:** - hunrum.
113. **Suj:** - então eu não poderia comprometer um pouco o conteúdo em função do projeto e ne? mas eu acho que eles, não sei se eles visitaram, aí eu não sei. mas nessa primeira parte, acho que eles chegaram a ir também.
114. **Pes:** - é isso. muito grata. parabéns pelo trabalho.
115. **Suj:** - obrigada e eu agradeço também por você estar aqui dando, né? esse feedback pra gente que é uma forma também de estar propagando a escola dentro da universidade.
116. **Pes:** - a gente precisa conhecer esses projetos, assim, né? que dão certo também na educação, principalmente, né?
117. **Suj:** - é, essa mudança diz do desenvolvimento atual e não tá certo se a prova, a cópia aqui não sair, agora de como fazer é que eu penso que é uma responsabilidade da universidade, né Soraia? porque ela tem que mostrar porque veio aqui. e a gente tá vendo que a formação final da universidade não são satisfatórias.
118. **Pes:** - é muito problemática (...)

Entrevista número: 11
Sujeito: PV11
Local: Escola Estadual b
Data: 14/12/09
Duração: 25':33"

Legenda:

Pes: Pesquisador:

Suj: Sujeito:

1. **Pes:** - então eu organizei aqui mais ou menos um roteiro, né? de como que eu, das questões que eu queria conversar um pouquinho.
2. **Suj:** - certo.
3. **Pes:** - a primeira coisa é a seguinte: qual que foi o objetivo da visita?
4. **Suj:** - ao museu?
5. **Pes:** - como vocês organizam isto? é parte de um projeto da escola? como é que é aqui?
6. **Suj:** - primeiro é o trabalho com patrimônio, né?
7. **Pes:** - hunrum.
8. **Suj:** - segundo é o estudo sobre município belo horizonte, que é feito com os alunos do 4º ano.
9. **Pes:** - hunrum.
10. **Suj:** - é, então a gente sempre organiza, eu chamo de saída pedagógica, insisto muito pra que seja este nome porque passeio faz-se com a família. nós saímos com objetivos bem definidos. concorda? então, é, nós temos dois pontos, primeiro o trabalho com o patrimônio, né? que a gente aproveita essa saída, que a gente tem crianças que ainda não passou ali da rodoviária ainda né? então é uma oportunidade, nossa clientela é muito diferenciada no nível social. então a gente tem crianças que realmente não passaram da rodoviária pra lá, né? então a gente aproveita no trânsito, trabalha trânsito, explora as oportunidades. mas o ponto máximo é a história de belo horizonte. e aí a gente sabe que o museu Abílio Barreto, ele desenvolve um trabalho de preparação e eu faço questão de todo ano levar todas que faz, trabalham com quarto ano.
11. **Pes:** - hunrum.
12. **Suj:** - mesmo, porque, esse ano inclusive teve uma que foi no dia do treinamento, que eles tem um treinamento, você deve de conhecer, né?
13. **Pes:** - encontro com o museu. hurum.
14. **Suj:** - e, outra foi sozinho no outro dia, porque ela começou conosco esse ano, pra ela entender a dinâmica da escola.
15. **Pes:** - hunrum.
16. **Suj:** - então todas participaram do treinamento e desenvolvendo o trabalho, o estudo sobre Belo Horizonte, inclusive eu tenho até um material aqui, quando eu desmonto as exposições de lá, eu sou catadora. Aí esse ano eu não pude ir na semana em que eles foram desmontar, então eu tenho quadros de Belo Horizonte, que eles estão jogando fora e aí a gente fala, leva o ofício e cata pra gente, né? (*risos*) Cata pra escola e aí a gente faz uma exposiçãozinha aqui, tem a maquetezinha do Museu que eles mesmos deram, a gente montou né? É, retornando da saída pedagógica tem a produção de texto, inclusive a última turma que foi levou pra monitora que acompanhou... É Lidiane?
17. **Pes:** - Lidiane.
18. **Suj:** - pra que ela fizesse a leitura, mas eu pedi que retornasse com as atividades, porque a gente né? criança produziu, é da criança, né? se fosse, ela queria que ficasse com ela pra olhar com mais calma, eu falei "fala com ela pra olhar com a calma que ela tiver da manhã lá." (*risos*) porque aqui tem que ser assim. então o trabalho é este
19. **Pes:** - hunrum.
20. **Suj:** - tá? tem uma preparação no sentido de, de enriquecer o estudo, né? sobre Belo Horizonte
21. **Pes:** - hunrum.
22. **Suj:** - e a gente sugere as famílias que vão ao final de semana também. a gente sabe que aparecem poucos, mas alguns vão, né? então, da escola, eu acho que em linhas gerais é isso.
23. **Pes:** - hunrum.

24. **Suj:** - a gente costuma fazer isso todo ano. porque o estudo de belo horizonte, ele é todo ano, né? quem tá no quarto ano precisa fazer.
25. **Pes:** - no quarto ano, né?
26. **Suj:** - faz parte da proposta, né?
27. **Pes:** - hunrum. então, é, em relação a visita lá,
28. **Suj:** - hum.
29. **Pes:** - naquele dia,
30. **Suj:** - certo.
31. **Pes:** - é, você acompanhou também ou...
32. **Suj:** - não.
33. **Suj:** - ou nesse dia...
34. **Suj:** - não. no dia da visita vai a professora e tendo uma pessoa disponível, uma pessoa acompanha...
35. **Pes:** - hunrum.
36. **Suj:** - teve turma que foi só a professora com os alunos. a gente tá com muita falta de pessoal na escola, né?
37. **Pes:** - hunrum.
38. **Suj:** então a visita em si eu acompanhei quando eu professora eu ia com meus alunos.
39. **Pes:** - hunrum.
40. **Suj:** - Mas, o curso também eu faço questão de ir com elas, né? Mas a visita em si é, se você até quiser pode estar falando com a Glenda que acompanhou dois dias ou com uma das professoras eu posso tentar que alguém fique lá pra você. As vezes quer fazer alguma pergunta pra ela, pra uma delas, porque eu não posso fazer com as quatro. (*risos*)
41. **Pes:** - tá certo. tá certo. então, em termos do trabalho desenvolvido lá no museu, como é que você percebe, assim, em termos de adequação...
42. **Suj:** - vejo um envolvimento muito grande, né? da equipe do museu na preparação do professor, na acolhida ao aluno. é, só neste...
43. (*a professora Glenda entra na sala e inicia-se um diálogo entre a entrevistada e a Glenda*)
44. **Suj:** - ô Glenda, depois você podia dar uma palavrinha com ela.
45. **Glenda:** - tudo bem?
46. **Suj:** - ela é aquela pessoa que eu falei que está desenvolvendo uma pesquisa sobre museus..
47. **Glenda:** ah. tá.
48. **Suj:** a gente está conversando sobre o museu Abílio Barreto. aí, assim que eu terminar se dá,
49. **Glenda:** dou também.
50. **Suj:** antes do recreio.
51. **Glenda:** hunrum.
52. **Suj:** pra você também poder dá sua fala pra ela também.
53. **Glenda:** tá jóia.
54. **Pes:** - obrigada.
55. **Suj:** ok?
56. **Pes:** - obrigada.
57. **Glenda:** eu fiquei apaixonada lá. nós fizemos uns trabalhinhos bonitinhos, depois se você quiser ver?
58. **Pes:** - ah eu quero ver.
59. glácia: vou lá pedir a sabrina pra ela ler.
60. vanilda para glácia: pode, pode sim glácia.
61. **Pes:** - ah que ótimo.
62. **Glácia:** pra você ver a importancia do museu vivo, né?
63. **Suj:** - de fato é um museu vivo, né Glenda?
64. **Pes:** - então eu percebo que a equipe do museu...
65. **Glenda:** é o que eu ia falar, desde a recepção, como marcou os meninos a pessoa que os atendeu. eu até fico arrepiando, porque eu acho que o que faz a diferença no trabalho é isso, né?
66. **Pes:** - é a acolhida, né?
67. **Pes:** - se você quiser ir depois numa turma, na turma da Sâmia, por exemplo, também conversar com eles...

68. **Pes:** - ah. eu quero. eu quero.
69. **Pes:** - tá? tem o recreio agora, às nove horas... é, as vezes, dá até pra fazer antes, não sei.
70. **Pes:** - eu vou ficar só olhando aqui, por causa da pilha tá? porque eu tô toda hora (risos) eu olho aqui
71. **Suj:** - ah. tá.
72. **Pes:** - então em relação à linguagem, a questão da forma...
73. **Suj:** - adequação, né? eu prefiro que Glenda e Sâmia já externe pra você.
74. **Pes:** - já comente, né?
75. **Suj:** - tá?
76. **Pes:** - hunrum.
77. **Suj:** porque eu realmente não acompanhei nenhuma das turmas no dia da visita em si. tá?
78. **Pes:** - e você falou que já fez esse curso do museu e também já fez um curso na UFMG, você saberia me falar um pouquinho...
79. **Suj:** - esse curso do museu é esse treinamento com os professores.
80. **Pes:** - é. que chama encontro com o museu.
81. **Suj:** - é.
82. **Pes:** - você já fez?
83. **Suj:** - já. já fiz enquanto professora e fiz duas vezes enquanto coordenação, pras professoras sentirem que tem é, uma, assim, uma, acompanhamento da escola no que elas estão preparando também, né?
84. **Pes:** - hunrum.
85. **Suj:** é, eu acho a pessoa.. quem foi que deu o curso? é a Cristiana?
86. **Pes:** - Silvana.
87. **Suj:** - é a Silvana. excelente, excelente mesmo. eu já tive com ela em dois cursos, mas os anteriores eu não me recordo se foi com ela, mas os dois últimos foram. e assim, muito bom, muito bom mesmo. explora o museu, a parte interna, a parte externa. todo aquele acervo. ela faz questão de fazer as explicações, mostra como seria o atendimento em época regular, que agora eu já considero uma época diferenciada. porque quando a gente foi agendar, agora eu já posso receber uma turma de cada vez,
88. **Pes:** - hunrum
89. **Suj:** - no máximo trita crianças. então já foi todo um processo bem diferente pra nós aqui também, até no transporte.
90. **Pes:** - hunrum.
91. **Suj:** porque saindo duas turmas é diferente, até frequencia, por exemplo, eu tive uma turma que foi praticamente metade, porque pra sustentar o transporte eu tinha que ter outro valor, e esse valor afetou a família.
92. **Pes:** - entendi.
93. **Suj:** - então nessa época eles, não sei se é a dinâmica deles de receber no máximo trinta crianças...
94. **Pes:** - hunrum
95. **Suj:** - mas a gente no transporte, teve que assim... tinha que garantir o valor e aí teve criança que não foi pelo valor que foi pedido.
96. **Pes:** - na, na verdade é porque com a mudança da exposição, né?
97. **Suj:** - é, ela falou comigo assim que era pra montar a exposição. agora do outro curso que eu fiz, através da UFMG, ele foi um curso maior, muito bom, muito proveitoso, com todo um material. teve uma professora que eu não me recordo, ela até depois foi pro Canadá no mês seguinte pra fazer lá também uma pesquisa que ela estava desenvolvendo. mas foi...
98. **Pes:** - foi a Diana?
99. **Suj:** - não estou conseguindo lembrar nome, sabe?
100. **Pes:** - já tem um tempo, né?
101. **Suj:** - tem uns dois anos. quando eles estavam, já tinha lá que a praça da liberdade teria o espaço oi e etc, etc..
102. **Pes:** - ah... sim.
103. **Suj:** - então lá estava na... como se diz (no shom) ... a organização do espaço oi.
104. **Suj:** - ô Glenda, você lembra daquele curso que a gente fez sobre museus na UFMG, uma das professoras, além da cássia, aquela que foi pro Canadá logo depois. você lembra o nome dela?
105. **Glenda:** - eu tenho na minha agenda, só que está em casa.

106. **Suj:** - pois é, tem um material muito bom eu tenho lá em casa também.
107. **Pes:** - hunrum.
108. **Suj:** - mas foi muito proveitoso o curso. fechou na estação ecológica, o museu natural, né?
109. **Pes:** - ah.tá.
110. **Suj:** - a gente foi no museu de arte, a gente foi... onde mais de museu que a gente foi?
111. **Glenda:** viu aquela proposta toda do museu artes e ofícios, né?
112. **Suj:** - do museu de artes e ofícios. a gente fez museu on line.
113. **Glenda:** visitamos lá o Louvre.
114. **Suj:** - é visitas on line a gente fez. teve um trabalho imenso pra gente fazer. teve o fechamento com o trabalho...
115. **Pes:** - é professora Helena?
116. **Suj:** - Helena.
117. **Glenda:** - Helena.
118. **Pes:** - é a Helena, tem esse material mesmo.
119. **Suj:** - é. foi muito bom.
120. **Pes:** - é, então, na sua formação você teve , na formação assim nesse momento que você fez pedagogia e depois fez a especialização..
121. **Suj:** - certo.
122. **Pes:** - você está falando dessa formação em serviço, mas na sua formação básica houve algum momento em que se discutiu essa questão da relação museu/escola?
123. **Suj:** - a temática museu?
124. **Pes:** - ou não?
125. **Suj:** - museu. durante o meu curso, meu curso tá recente, né? você está vendo, eu não sou recente. não. não teve essa preocupação não. eu considero esse assunto novo. novo, assim, da década, né? dessa década, tá? esse, ainda esses dias eu brinquei com as crianças, falei “gente. belo horizonte”, porque lá mesmo no Abílio Barreto a gente recebeu o mapa de belo horizonte com as regionais e os museus, né?
126. **Pes:** - hunrum.
127. **Suj:** - e eu ainda comentei com eles “belo horizonte tem muitos museus.” mas eu procuro, assim, agendar as visitas colega naquele que não paga, naquele que não tem o valor da entrada.
128. **Pes:** - ah. é. porque se não vai ficando um...
129. **Suj:** - porque senão o valor do transporte mais entrada, significa que não vai ter córum. né? mas eu divulgo pra família,
130. **Pes:** - hunrum.
131. **Suj:** - já fiz até assim por escrito pras famílias a relação de museus, pra que, tem pais que vão.
132. **Pes:** - é verdade.
133. **Suj:** - tem pais interessados e vão. eu tenho pais que já foram no artes e ofícios quatro semanas, porque a criança entendeu que toda aquela coisa lá virtual, ele tinha que ficar. numa semana ele ficou numa, outra semana ele ficou noutra, uma semana em outra..
134. **Pes:** - nó que bacana. valeu.
135. **Suj:** - então, quer dizer é como aquele poema da estrela, uma ficou salva, né? da estrela do mar né? (risos) uma ficou salva, então eu divulgo, sabe? eu acho que se um pai, meia dúzia chegar lá já é...
136. **Pes:** - já é bacana, né?
137. **Suj:** - já é um produto interessante, né? mas esse trabalho com museus, eu vejo que... meus filhos, por exemplo, já tão, já terminaram a graduação, né? é, um arquitetura, ele foi ao.. deixa eu ver essa coisa de São Paulo é MAP ou MASP?
138. **Pes:** - tem um museu de arte, né?
139. **Suj:** - eles foram à São Paulo olhando (...), mas pela arquitetura, né? acabou pegando essa parte aí. o de geografia, análise ambiental, já não me recordo desse enfoque de museu.
140. **Pes:** - hunrum.
141. **Suj:** Então, já estou avaliando pelos meus filhos, porque eu já estou lá no antigamente, né? (risos)
142. **Pes:** - é, então, você começou falando sobre essa discussão sobre educação patrimonial, né? (...) a necessidade dela mais visualmente?

143. **Suj:** - não. nós recebemos, né a gente recebe da superintendência aqueles lembretes de trabalhar x,y e z, né? e já há uns quatro , cinco anos, né? veio pra que a gente não esquecesse o trabalho com o patrimônio.
144. **Pes:** - hunrum.
145. **Suj:** e dentro do patrimônio a gente encaixa então belo horizonte. então, aí entra, a gente faz tur pela Pampulha, né? a gente tá esperando, ano que vem a gente já tem a idéia lá da casa mesmo do jk né? que é museu, né? tem essa idéia já pro próximo ano. é, então é nessa linha aí. o patrimônio é tema transversal praticamente, né? ok?
146. **Pes:** - hanrã. jóia. é, então, em alguns momentos você falou dessa questão da infraestrutura, né? ônibus,
147. **Suj:** - é.
148. **Pes:** - recursos, essa dificuldades...
149. **Suj:** - é, esse é um detalhe pra gente.
150. **Pes:** - como é que é isso? o estado oferece?
151. **Suj:** - não. n - a - o (*risos*) em grifo. em negrito mesmo. a gente pede ajuda da família, faz uma circular, né? solicita, contando, colocando o objetivo, né? que estudo que está sendo desenvolvido
152. **Pes:** - hanrã.
153. **Suj:** e coloca, né? a criança inclusive leva o lanche, a gente pede o valor para o transporte, contrata o ônibus, é um ônibus escolar normalmente, enquanto as crianças estão por aí nas escolas, eles saem conosco.
154. **Pes:** - hunrum.
155. **Suj:** é raro, a CEMIG busca aqui, né? todo ano tem o trabalho da CEMIG. é, foi-se o tempo que a itambé buscava, né?
156. **Pes:** - é né?
157. **Suj:** - é o transporte, essa infraestrutura é sempre um detalhe, tá? é um detalhe.
158. **Pes:** - agora, em relação ao grupo de professores, a adesão deles é...
159. **Suj:** - muito boa. muito boa.
160. **Pes:** - coletiva.
161. **Suj:** - é muito boa.
162. **Pes:** - é uma proposta que já está definida...
163. **Suj:** - a escola, na proposta pedagógica da escola, a gente tem assim, de acordo com o estudo, o professor ele tem liberdade, autonomia pra sugerir e para organizar. desde que nos comunique.
164. **Pes:** - hunrum.
165. então, eles tem adesão sim, mas também aquela preocupação com todo esse processo de metas, né?
166. **Pes:** - hunrum.
167. **Suj:** a professora fica preocupada com esse trabalho em cima de metas, de resultados aí
168. **Pes:** - hunrum
169. **Suj:** e as vezes ela fala, preciso fazer isso, acaba a coordenação mesmo organizando. por exemplo... (())
170. **Suj:** - então, sobre a professora, esse ano mesmo, quando o terceiro ano falou nossa a gente está trabalhando correspondência, carta social, sedex passou da hora de ir aos correios. eu falei “o correio não recebe novembro e dezembro”.
171. **Pes:** - hunrum.
172. **Suj:** - então agora já é no ano que vem.
173. **Pes:** - hunrum.
174. **Suj:** - que é outra visita que a gente procura trabalhar.
175. **Pes:** - entendi.
176. **Suj:** - a gente tem uma agência aqui perto e tem a sede mesmo, que tem um projeto sobre os correios. e a gente já teve dos correios vir a escola inclusive com brinde de quem faz coleção de, né?
177. **Pes:** - hunrum.
178. **Suj:** de selos e tudo. é então, a professora ela também busca. da saída, da infraestrutura, de quando em vez, a gente tem, assim, uns cem reais, de um Geraldo Félix, de uma coisa assim.
179. **Pes:** - Geraldo Félix é assim..?.

180. **Suj:** - vereador. mas, porque a gente tem que pleitear isso.
181. **Pes:** - é.
182. **Suj:** - mas é muito raro, muito raro.
183. **Pes:** - então, (...).
184. **Suj:** - desembolsando mesmo.
185. **Pes:** - e a escola tem algum recurso pra isso?
186. **Suj:** - olha o que vem do estado de verba pra isso, vem com o que gastar. você sabe disso.
187. **Pes:** - tudo com rubrica, né?
188. **Suj:** - é. e com três licitações, né?
189. **Pes:** - até fazer isso tudo..
190. **Suj:** - de recursos de eventos, a gente investe, esse ano foi em material para jogos. tem umas mesinhas aqui na entrada, não sei se você viu na chegada,
191. **Pes:** - vi.
192. **Suj:** foi aquisição com eventos. lá embaixo tem outra parte também, tem aqui pra levar lá pra baixo, foi com eventos e mais saídas, assim, como a gente desenvolve uma gincana na festa junina pra conseguir recursos pra essas coisinhas aí que eu tô te comentando. a gente premia as turmas que vencem a gincana. aí essa premiação a escola faz a despesa. que é também com esse mesmo senhor que a gente já tem um trabalho, né? com ele, os filhos dele estudaram aqui, então é um valor diferente. mas é ônibus vistoriado normal, tranquilo, né?
193. **Pes:** - hunrum.
194. **Suj:** mas do estado pra saída pedagógica n - ã - o.
195. **Pes:** - hunrum. que é o diferencial, né? da prefeitura.
196. **Suj:** - então pra gente, por exemplo, eu quero ir a Betim, onde tem aquele trabalho todo, você deve de conhecer.
197. **Pes:** - salão? salão encontro?
198. **Suj:** - isso. salão do encontro.
199. **Pes:** - é bacana demais.
200. **Suj:** - é um valor diferente. não é o que o moço vai me pedir aqui pra circular aqui conosco. eu quero levar no Inhotim, no Inhotim cada criança são quinze reais. mais o transporte é outro quize. então aí a gente tem que fazer um evento, faz bazar, faz brechó. pra pedir, por exemplo, digamos que eu peça pra criança seis reais mais o lanche dela. então a gente tem que tomar essas providências.
201. **Pes:** - hunrum. entendi.
202. **Suj:** - então a gente tenta, assim, que a saída pedagógica aconteça, pelo menos duas a cada semestre, em cada turma.
203. **Pes:** - hunrum.
204. **Suj:** - quando a Newton, tinha aqui perto o trabalho com trânsito, agora levou lá pro Estoril. então tá longe ...
205. **Pes:** - hunrum.
206. **Suj:** aqui já não gastava transporte, favorecia, né? pra gente ir ao parque ecológico do caiçara, a gente pode ir a pé, a gente pede escolta policial, nesse caso.
207. **Pes:** - ah. certo.
208. **Suj:** - é, pra ir a cm, por exemplo, que é um clube que tem uma parceria, também a gente vai a pé. mas outras saídas depende do transporte..
209. **Pes:** - e aí os meninos tem que arcar com uma parcela, né?
210. **Suj:** - aí a gente faz o seguinte, quando aquela criança que a gente conhece mesmo a situação, lógico um cobre o outro. a gente não divulga, mas é. aí eu brinco assim: “eu estou te emprestando, depois sua mãe vai me pagando.” a gente já sabe que é assim.
211. **Pes:** - hunrum.
212. mas é porque se a gente falar no geral, é, ninguém vai poder pagar e a gente tem que sustentar o transporte.
213. **Pes:** - hunrum.
214. **Suj:** - mas a criança não deixa, só mesmo se a mãe não autorizar. esse grupo mesmo que eu te falei, da última saída ao museu, eu fui as salas e falei: “gente tem a questão, a mamãe deixou?”. porque a gente

- pede autorização mesmo por escrito: “ a mamãe autorizou?”, se a mãe não autorizou: “não, é porque lá é frio”, “não é porque isso”, “eu tenho que passar no centro e trânsito é difícil nessa época do ano”, e todo que a mãe a gente sabe a questão financeira a gente dá o cochicho no pé do ouvido.
215. **Pes:** - já chega.
216. **Suj:** - né? então eles poderiam, quer dizer é um ponto o valor pedido, mas a gente tem assim um cuidado, porque? se a pessoa vem com carro x pra escola, traz um lanche tá-tá-ta. você sabe que ele pode, todo dia compra ali o sorvete,
217. **Pes:** - hunrum.
218. **Suj:** então você sabe que ele também pode...
219. **Pes:** - é.
220. **Suj:** - manter um ônibus na saída pedagógica, concorda? aquela criança que está sempre na cantina mesmo, então a gente favorece pra ela. ok?
221. **Pes:** - ok. então é isso. muito agradecida pela colaboração.
222. **Suj:** - então eu vou pedir Glenda. a gente tem dez minutos pro recreio. de nada bem, espero ter ajudado.
223. **Pes:** - você tá de parabéns, viu?
224. **Suj:** - obrigada.
225. **Pes:** - foi muito elogiada lá no museu.
226. **Suj:** - obrigada. (*risos*) pois é.
227. **Pes:** - então por isso que eu estou aqui. uma das razões.
228. **Suj:** - se você quiser ler, vou pedir Glenda pra vir te..
229. **Pes:** - você me permitiria xerocar? é desde que eu pudesse usar, assim, sem, sem, omitindo a identidade do aluno? ou não?
230. **Suj:** - qual seria a finalidade?
231. **Pes:** - a finalidade é mais pra mostrar como é que é o, o que se faz depois. o que que a escola faz após a visita.
232. **Suj:** - certo.
233. **Pes:** - eu até tenho alguns, de outras escolas.
234. **Suj:** - eu não vejo problema da identificação, não. eu não vejo problema de xerocar a identificação não.
235. **Pes:** - porque a gente não pode né? usar...
236. **Suj:** - mas aí você vai xerocar e me devolver.
237. **Pes:** - claro. tem, aqui por perto tem como?
238. **Suj:** - tinha um aqui na esquina e ele fechou. acho que foi mais pra frente um pouco. mas eu vou pedir Glenda pra te atender antes do recreio.
239. **Pes:** - ta ok, então.

Entrevista número: 12
Sujeito: PG12
Local: Escola Estadual A
Data: 14/12/09
Duração: não mensurado

Legenda:

Pes: Pesquisador

Suj: Sujeito

obs.: a parte inicial da entrevista com Glenda não foi gravada por causa de problemas técnicos e operacionais.

(... *continuação da entrevista com a Glenda que teve que parar para acompanhar o recreio*)

1. Pes: - é, nós estávamos falando então sobre as estratégias do museu, adequação, inadequação das estratégias utilizadas pelo museu. ela agora tá acabando de conversar com uma professora e voltará a retornar a conversa.
2. Pes: - então Glenda, é, a gente estava falando do museu, né? de como que ele organiza, você falou que achou adequado, né? e que os meninos também, você achou que favoreceu, e você vê, assim, no museu alguma especificidade como estratégia didática? há uma diferenciação de outro tipo de estratégia? você acha que o museu tem um potencial?
3. Suj: - é forte o potencial do museu, enquanto aprendizagem é forte, porque igual a menina falou aquela hora, um pequena um caco de vidro dá pra fazer história. então é ali que está a verdadeira história, porque é muito... a gente explicar e dar aquela aula expositiva e trazer algum material escrito é diferente da gente ir lá com o menino.
4. Pes: - hunrum.
5. Suj: - tem que ter mais oportunidades de ir, porque igual nossa escola, o menino paga pra ir, o ônibus. olha pra você ver o museu é gratuito, ele pode estar lá, mas não tem condição de ir.
6. Pes: - hunrum.
7. Suj: - porque a escola não abarca com o financeiro para ele ir, então o menino que tem que pagar o ônibus especial. esses detalhes que faltam né?
8. Pes: - é.
9. Suj: - porque lá é muito maior a aprendizagem.
10. Pes: - a possibilidade, né?
11. Suj: - muito maior e, e ver coisas diferentes, ver pessoas diferentes. sair do âmbito da escola, já sai da escola aprendendo. saindo, aprendendo, aquela busca. engraçado. interessante que os meninos mesmo falam, que todo mundo tem idéia contrária de museu. agora com essa mudança, porque essa mudança é agora, né?
12. Pes: - hunrum.
13. Suj: - quando eles, bacana que eles enfatizam toda hora lá assim “a história tá em todo cantinho, todo cantinho tem história, todo momento tem uma história aqui.” e os meninos vão percebendo isso mesmo, né? fazem até paralelo com a vida deles. eu achei muito bom.
14. Pes: - e quando se fala em ir ao museu, há uma resistência dos meninos ou, ou, agora já, já...
15. Suj: - ah! não. eles gostam.
16. Pes: - eles gostam então.
17. Suj: - aqui os meninos gostam. pois é como as saídas são poucas, eles ficam, assim, nó, feliz demais de sair. tinha que ser mais, né? tinha que ser a escola da prefeitura sai mais do que a do estado.
18. Pes: - as questões de materialidade lá já são mais resolvidas, né?
19. Suj: - as condições, as condições...
20. Pes: - as coisa de ônibus já são resolvidas lá.
21. Pes: - então, você chegou a fazer o curso lá no museu?
22. Suj: - fiz, não esse ano não. fiz já há dois anos atrás. e tem as mesmas dinâmicas com os alunos, só que aprofunda mais. a linguagem é mais aprofundada. eles subsidiam a gente pra trabalhar. porque, sabe o

- que eu achei mais interessante? a gente não vai lá pro aluno aprender, a gente vai lá pra nós aprendermos. a gente sai cheio de coisa que a gente não sabia.
23. Pes: - hanrã! é verdade.
 24. Suj: - é verdade. e cada momento que a gente vai é mais interessante e bacana que o aluno percebe o nosso interesse, porque quando a coisa é interessante, ele vê que a gente está interessado, ele se torna interessado. é a questão do exemplo, mesmo. porque quando a gente faz pergunta, a gente fica assim, a professora também tá aprendendo. (*risos*)
 25. Pes: - legal né?
 26. Suj: - eles gostam, é bacana.
 27. Pes: - e você acha que essa formação ela é necessária, assim, pro professor?
 28. Suj: - ah! precisa.
 29. Pes: - essa preparação prévia, essa visita prévia?
 30. Suj: - foi interessante isso, porque quando você não vê antes, porque a pessoa pode decidir: “ah! eu não gostei não vou, não achei interessante.” porque quando o professor está indo com o aluno ele levanta muitas expectativas, faz (incentivação).
 31. Pes: - hunrum.
 32. Suj: - incentiva ele mesmo, né? aí nele tá incentivado, ele motiva o aluno.
 33. Pes: - então, na sua formação você chegou a discutir alguma coisa do potencial educativo dos museus? quando você fez graduação ou...
 34. Suj: - não.
 35. Pes: - não, né?
 36. Suj: - eu sou muito velha de formada. já tem 26 anos.
 37. Pes: - (*risos*) velha de formada. você formou...
 38. Suj: - em pedagogia na PUC em 84, eu acho.
 39. Pes: - foi em 84. depois você fez sua especialização...
 40. Suj: - foi em 93 mais ou menos. agora, eu faço muito curso, eu gosto muito, eu faço muito curso.
 41. Pes: - e específico assim sobre museu, você falou..
 42. Suj: - fiz um na UFMG que o mesmo que a Vanda fez, mas eu achei... eu acho interessante porque eu sou, eu conto história,
 43. Pes: - ah! você conta história!!!
 44. Suj: - eu fiz o curso de contar história, então...
 45. Pes: - então, essa menininha aí é seu filhote mesmo, né? é que ela gosta de contar história, né?
 46. Suj: - agora eu sou assim, eu tenho uma grande dificuldade com o progresso. eu gosto das coisas passadas. (*risos*) é verdade. eu gosto das coisas, da dinâmica do passado e agora eu tenho uma facilidade de trazer o passado, assim, pro que está acontecendo no presente. eu acho bacana. eu acho que eu tenho, né?
 47. Pes: - você gosta da história?
 48. Suj: - gosto da história, é. outro dia, igual a professora lá saiu um pouquinho, tava falando sobre Brasília, no livro deles acompanhando a história, o menino ficou encantado. quando a professora dele chegou, ele pediu pra eu repetir a aula que eu tinha dado pra professora dele.
 49. Pes: - oh, que bacana.
 50. Suj: - porque coincidiu, falando de Brasília e minha mãe ficou grávida em Brasília e eles foram na década de 60, minha mãe foi de caminhão com meu pai, aí eu aproveitei aquilo e comecei contar história pra eles. que minha mãe foi grávida, eu desenhei no quadro duas mulheres barrigudas, minha tia com minha mãe e coincidentemente a minha tia era já vovó quase teve uma filha mais velha e a menina nasceu de dente. nasceu com dois dentes e muito cabeluda e ela tá no livro de Brasília...
 51. Pes: - olha que bacana.
 52. Suj: - e nós estávamos ensinando sobre o aniversário de Brasília e tal, que é em maio, dia 22 de maio. aí eles acharam ótimo, foi uma coisa que marcou. e isso que acontece no museu, eu acho que é assim, lá tem pedaços da história, que faz lembrar um todo
 53. Pes: - hunrum.
 54. Suj: - e é onde que marca a pessoa que está aprendendo. que tá conhecendo. porque todos nós temos curiosidades com o passado, né?

55. Pes: - é.
56. Suj: - engraçado, nós não temos tanto interesse com o futuro. o negócio é pura coisa. nós vivemos no presente, mas queremos saber do passado. já viu família que a gente quer saber o que aconteceu, como que foi, como que o pai e a mãe se conheceram, né?
57. Pes: - é, tem umas famílias bem memorialistas, assim, né? que reúne..
58. Suj: - lá em casa é muito, somos 11 irmãos, então nós somos muito. muito mesmo. um dó que muitos meninos de agora não tem essas memórias na família.
59. Pes: - é. porque as pessoas se reúnem menos...
60. Suj: - as pessoas não param pra sentar, pra conversar...
61. Pes: - aquelas famílias grandes se reuniam mais. é verdade.
62. **Suj:** - mas engraçado, quando a gente mora fora, eu já morei no maranhão, a gente tem uma saudade da casa da gente, do lugar onde a gente nasce.
63. Pes: - hunrum.
64. Suj: - que a memória é necessária. quando a gente encontra um mineiro então, é a mesma coisa de ir ao museu. (*risos*) porque o museu remete a gente a uma vivência, né?
65. Pes: - hanrã. é.
66. Suj: - remete a gente a uma vivência.
67. Pes: - ali tem é...
68. Suj: - é vida mesmo. é verdade, também acho que é vida. eu sinto muito bem. gosto muito. gostei muito.
69. Pes: - e, e o impacto desses cursos que você fez na área de museu, foi só esse especificamente que você fez, ou fez outro?
70. Suj: - não só este, especificamente foi este.
71. Pes: - esse lá na UFMG?
72. Suj: - agora os museus eles já estão sendo um curso, né? quando a gente vai com aluno mesmo, já é um curso. porque tem uma pessoa explicando, a gente faz as indagações e vem as respostas, né?
73. Pes: - hunrum.
74. Suj: - pra ajudar a gente interpretar. então é um verdadeiro curso. é uma dinâmica de curso, um curso bem dinâmico.
75. Pes: - e a própria, esse curso de formação também já é um pouco pra pensar essa questão do museu.
76. Suj: - é verdade.
77. Pes: - pois é Glenda, é isso que eu queria conversar com você. muito grata.
78. Suj: - tá jóia. qualquer coisa que você precisar estamos aí.
79. Pes: - tá jóia. obrigada.
80. Suj: - se você quiser mais coisas vem aí.

Entrevista número: 13
Sujeito: PL13
Local: Escola Municipal E
Data: 17/12/09
Duração: não mensurado

Legenda:

Pes: Pesquisador:

Suj: Sujeito:

1. **Pes:** - então, agora é a relação museu/escola, né? a minha proposta é discutir, assim, como que o museu e a escola, como dois espaços institucionais distintos, mas com foco num processo educativo, como que eles se organizam, como que eles se complementam.
2. **Suj:** - hanrã.
3. **Pes:** - ou às vezes não, né? quais são, como que se dá essa apropriação da escola em relação ao museu e como que o museu também se organiza, a preparação. e pra discutir também um pouco que lugar é esse, né? do museu no processo educativo. tanto do ponto de vista do museu, quanto do ponto de vista da escola.
4. **Pes:** - bem então eu organizei um roteirozinho aqui, que era um pouco mesmo pra conversar algumas questões, eu fiquei de te mandar, mas uma vez que eu viria aqui, eu pensei “eu não vou ocupá-la disso não, porque eu sei que fim de ano é dureza”.
5. **Suj:** - hunrum.
6. **Pes:** - aí eu quero saber um pouco, assim, dos objetivos, você começou a falar né? dentro deste contexto o que te levou a procurar o museu.
7. **Suj:** - é, eu levei os meninos no museu, porque eu comecei a trabalhar com eles, o projeto é... é construindo o conceito de história.
8. **Pes:** - Hunrum.
9. **Suj:** - e aí eu comecei a trabalhar com eles o que que é história, né? inclusive, antes de eu trabalhar com eles esses três conceitos, eu fiz um levantamento com eles, né? assim uma tempestade de idéias. então o que que é história e cada um foi respondendo, né? do jeito deles.
10. **Pes:** - hunrum.
11. **Suj:** - o que é história pra mim? aí assim é uma turma que eu trabalhei.
12. **Pes:** - hunrum. (()) ah. bacana. (*risos*) conta a história de Portugal. aí depois que eu fiz esse levantamento com eles, aí eu apresentei os três conceitos de história, né?
13. **Pes:** - hunrum.
14. **Suj:** - a história como ciência, a história a ficção e história de vida.
15. **Pes:** - história vivida, experiência, né?
16. **Suj:** - isso. experiência. aí depois eu trabalhei um pouquinho com eles, acho que eu tenho até um texto aqui, repara meu caderno não tá. aí eu trabalhei com eles esse texto aqui e fui: o que que é história, né? então eles fizeram isso e depois eu apresentei os significados de história.
17. **Pes:** - hunrum.
18. **Suj:** - aí depois, isso aqui é um roteirozinho.
19. **Pes:** - olha, hunrum.
20. **Suj:** - aí depois eu fiz com eles o que que é história de vida, essa coisa e tal..
21. **Pes:** - hã, tá.
22. **Suj:** - aí vem os exercíciuzinhos pra ver se eles tinham entendido o que era e tal, (.)
23. **Pes:** - hunrum.
24. **Suj:** - aí nos fomos trabalhando com eles isso aqui tudo. aí eu fui voltando, o que que é história, como são estudados os fatos históricos, os documentos históricos, e foi aí que surgiu a vontade de ir no museu.
25. **Pes:** - hanrã.
26. **Suj:** - que é um espaço da história mesmo, essa memória viva. aí eu fui levá-los ao museu e eles gostaram demais. foi muito bom. né? muitos nunca tinham ido no museu.
27. **Pes:** - é?

28. **Suj:** - muitos depois levaram a família, me contaram né? não sei se levaram mesmo.
29. **Pes:** - hunrum.
30. então eles ficaram encantados, muitos ficaram encantados com o museu, porque muito nunca tinham ido no museu.
31. **Pes:** - hanrã.
32. **Suj:** - aí eu pensei, então eu falei assim como é que pode mostrar, não deu pra escola toda ir, como é que a gente pode mostrar pra escola o que que, o que que nós vimos?
33. **Pes:** - (...)
34. **Suj:** - aí eu fiz com eles uma exposição, aí nós fizemos uma exposição: Belo Horizonte antes e hoje.
35. **Pes:** - hanrã.
36. **Suj:** - mas aí como eles viram, lá no Museu Abílio Barreto eu achei interessante que lá o que tem da época do Curral Del Rey são objetos simples.
37. **Pes:** - é.
38. **Suj:** - não é nada, assim, que é impossível de se ver, né? algo assim, aquela relíquia, aquela... então, tinha o pilão, tinha então..
39. **Pes:** - o ferro.
40. **Suj:** - o ferro e tal, então aí eles começaram “ah. porque minha vó tem”, “minha tia tem”, “não sei quem tem” ...
41. **Pes:** - hanrã.
42. **Suj:** - então eu falei: “vão trazer, vamos trazer?”. aí eles trouxeram. aquele dia, você viu as fotos não viu?
43. **Pes:** - vi.
44. **Suj:** - nós fizemos essa exposição pra escola, foi muito legal, porque muitos meninos menores nunca tinham visto um ferro à brasa,
45. **Pes:** - bacana.
46. **Suj:** - um moedor de café, a gamela, né?
47. **Pes:** - hunrum.
48. **Suj:** teve uma aluno que trouxe fotos antigas, então tudo o que eles consideraram que era interessante mostrar, eles trouxeram.
49. **Pes:** - hunrum.
50. **Suj:** - aí depois que nós, aí depois aí eu entrei, trabalhei fontes históricas, trabalhei documentos e tal
Pes: - hunrum.
51. **Suj:** - com eles e entrei propriamente dito na história que eu deveria, no conteúdo, né?
52. **Pes:** - hunrum.
53. **Suj:** - aí eu trabalhei com eles aqui oh, como que comporta no museu, isso aqui eu tirei da ciência hoje.
Pes: - hunrum.
54. tem uns trabalhos tudo misturado aqui, aí aqui olha, eles fizeram esse roteiro aqui sobre a visita ao museu.
55. **Pes:** - ah que legal.
56. **Suj:** - eu fiz esse roteiro pra eles.
57. **Pes:** - ah que bacana.foi mesmo uma atividade tipo avaliativa, assim?
58. **Suj:** - foi.
59. **Pes:** - ah...
60. **Suj:** - porque eu gosto, é aquilo que nós acabamos de conversar: se fica assim solto, o menino não tem compromisso. toda atividade que eu faço com eles eu dou uma, um roteiro, um trabalho para eles se sentirem na obrigação de que aquilo ali não é um passeio, não é um lazer. é uma visita técnica e tal.
61. **Pes:** - trabalho de campo...
62. **Suj:** - é. aí eu pedi ajuda dos pais pra trazerem material e tal, eles trouxeram...
63. **Pes:** - e quando você montou esse, essa exposição, assim, com os meninos eles explicavam pra escola?
64. **Suj:** - explicavam. eles que explicavam..
65. **Pes:** - pelas fotos eu vi que você fez uma fichinha pra cada objeto com eles.
66. **Suj:** - é tinha a maquete, eles entregaram aquela maquete do museu pra montar
67. **Pes:** - hanrã.

68. **Suj:** - aí eu montei, não deixei eles montarem não ia, eles iam acabar... aí eu montei um ficou lá explicando..
69. **Pes:** - porque é uma só, né? se não todo mundo quer montar. (*risos*)
70. **Suj:** - todo mundo quer montar. aí montamos a maquete e eles foram explicando. eu não expliquei nada. eu vou pegar as fotos de novo pra você ver eu não falei nada, eu nem apareço nas fotos. porque eles que explicaram tudo. o bonde também chamou muito a atenção deles.
71. **Pes:** - (...)
72. **Suj:** - é o bonde chama muito a atenção deles, aí trabalhei fontes históricas, onde está a história (.)
73. **Pes:** - hunrum.
74. **Suj:** - onde estudar história...
75. **Pes:** - oh que bacana. legal esse, né?
76. **Suj:** - é. deixa eu pegar as fotos.
77. (())
78. **Suj:** - tem um outro que eu acho, onde.. que é aquele que, não sei se você lembra, que você viu no caderno deles das fontes históricas?
79. **Pes:** - ah eu vi. eu vi.
80. **Suj:** - das fontes históricas: iconográficas e tal...
81. **Pes:** - ah. é.
82. **Suj:** - aqui eu recortei de uns livros... aí depois eu já entrei mesmo nas grandes navegações.
83. **Pes:** - ah. tá.
84. **Suj:** - porque aqui já é parte do conteúdo mesmo (.) ...
85. **Pes:** - hunrum.
86. **Suj:** - da turma da quarta, da turma de 10 anos.
87. **Pes:** - o tema né? vamos dizer assim
88. **Suj:** - o tema. e foi legal que eles adoraram trabalhar a história do Brasil, foi muito legal.
89. **Pes:** - deu uma, uma..
90. **Suj:** - deu. ainda mais essa exposição agora, foi muito bom.
91. **Pes:** - ah. depois você foi à exposição com eles, né?
92. **Suj:** - fui à exposição do dom joão também...
93. **Pes:** - das vestimentas, das raízes?
94. **Suj:** - é.
95. **Pes:** - mas era..
96. **Suj:** - mulheres reais.
97. **Pes:** - mulheres reais.
98. **Suj:** - modas e modos. então eles adoraram, foi muito legal. foi como se fosse um fechamento mesmo.
99. **Pes:** - é, porque coroou, né? com, com..
100. **Suj:** - foi.
101. **Pes:** - é, eu fui ver...
102. **Suj:** - nossa eu fiquei doida lá.
103. **Pes:** - muito bacana.
104. **Suj:** - inclusive não tinha mais horário. a menina arrumou um horário pra mim 11:30 da manhã.
105. **Pes:** - n:::o.
106. **Suj:** - no horário do almoço. eu levei os meninos lá.
107. **Pes:** - ah que bonitinho...
108. **Suj:** - aqui, os meninos explicando lá, tá vendo?
109. **Pes:** - lá no Abílio..
110. **Suj:** - lá no Abílio, não. isso aqui é a exposição que nós fizemos.
111. **Pes:** - hã, tá. por que essas aqui, também é?
112. **Suj:** - não. isso aqui é lá no palácio das artes.
113. **Pes:** - ah.
114. **Suj:** - que foi essa última. e essa aqui são os meninos é,
115. **Pes:** - apresentando...
116. **Suj:** - quantidade de ferro.

117. **Pes:** - ah que bacana.
118. **Suj:** - que apareceu. eu até, eu deixei minha mãe louca, mãe arruma um ferro, porque eu tô com medo dos meninos não levarem, mas apareceu tanta coisa..
119. **Pes:** - panela de barro, pilão..
120. **Suj:** - olha aqui o bonde, que eles reproduziram...
121. **Pes:** - ah. que legal. ficou muito bonitinho.
122. **Suj:** - veio até um pai.
123. **Pes:** - pra ver?
124. **Suj:** - porque eu não convidei a comunidade, os pais, porque eu fiquei sem saber se eles iam trazer muita coisa, como é que ia ficar.
125. **Pes:** - hanrã.
126. **Suj:** - aí eu falei, depois eu marco com os pais e fica, assim, não dá aquele impacto, né? mas nossa senhora, foi legal. aí esse pai veio, foi bom que ele viu.
127. **Pes:** - ah mesmo, ficou bonitinho. organizou mesmo, né?
128. **Suj:** - é até o pai dessa menina aqui.
129. **Pes:** - ah. que bacana. e eles explicaram o funcionamento dos objetos, descobriram como é que funcionava? porque eles...
130. **Suj:** - explicaram, eu não sei se eu tirei a foto...
131. **Pes:** - como é que mantém quente, né?
132. **Suj:** - o igor ele até abria, essa parte abre né? ele abria e falava: aqui coloca brasa...
133. **Pes:** - hanrã.
134. **Suj:** - porque eu coloquei em cada mesinha, um aluno. um deles trouxe isso, porque ele já sabia, né? um pouquinho.
135. **Pes:** - entendi, ele já trazia a informação, né?
136. **Suj:** - isso. isso aqui é das mulheres reais.
137. **Pes:** - ô::ô Luana, e em relação a esse potencial educativo do museu, como é que você vê? você acha que tem um diferencial em relação a outras estratégias? como que é você vê?
138. **Suj:** - ah com certeza que tem. porque ali o aluno, ali nós contextualizamos. ali o aluno consegue, porque pro aluno dessa idade, tudo pra ele é muito distante. uma coisa é você falar, outra coisa é ele ver de perto, né?
139. **Pes:** - hunrum.
140. **Suj:** - é uma outra pessoa falando, é outra linguagem, outro vocabulário.
141. **Pes:** - hunrum.
142. **Suj:** - eu acho que são espaços, assim, fundamentais pra trabalhar história, por exemplo, eu acho que o professor tem que se apropriar desses espaços.
143. **Pes:** - hunrum.
144. **Suj:** - que é muito mais significativo pro aluno.
145. **Pes:** - e em relação a visita lá no museu, naquele dia, você achou que atendeu seus objetivos? no que você propôs com os meninos, você achou que atendeu assim?
146. **Suj:** - eu achei. eu achei que atendeu, os monitores, assim tem bastante tempo, mas os monitores falavam uma linguagem assim bem... eu achei interessante que eles fizeram aquela dinâmica do telefone sem fio **Pes:** - telefone sem fio.
147. **Suj:** - e envolve os meninos ali, né? queira ou não ali tem vários objetos que eles estão acostumados a ver, então eles dispersam muito. o monitor, não adianta ficar só falando, só falando, e eles envolveram os meninos. aquela outra atividade do bonde também foi muito interessante, que eles tiveram que observar, fazer relações, né? eu achei o bonde muito bom, porque fez relações no hoje e no ontem, né?
148. **Pes:** - hunrum.
149. **Suj:** - eu achei muito interessante, eu achei, eu gostei de lá, eu não tinha ido lá ainda não, o museu limpo. porque tem museu que é muito carregado de coisa, então fica, assim, você não consegue ver o que tem de principal ali. e ali fica bem claro, assim, sabe? poucos objetos, né? eu gostei.
150. **Pes:** - hunrum.
151. **Suj:** - eu achei muito bom.
152. **Pes:** - a linguagem que os monitores lá tem, você acha que ela é adequada?

153. **Suj:** - sim, eu acho.
154. **Pes:** - pra essa faixa etária?
155. **Suj:** - eu acho. achei muito bom.
156. **Pes:** - e essa divisão que eles fizeram lá? eles fazem a divisão em dois módulos, né? a do casarão e depois a do bonde,...
157. **Suj:** - parte de fora?
158. **Suj:** - você acha que é interessante, que funciona?
159. **Suj:** - eu acho que sim. porque é muita, como é que eu vou te falar, porque são momentos diferentes, o espaço lá de fora, né? que é até mais aberto, assim, do espaço lá de dentro. acho que tem que separar sim. **Pes:** - hunrum.
160. **Suj:** - até porque a atenção dos meninos também é, a nossa de forma geral, ela é curta né?
161. **Pes:** - hunrum.
162. **Suj:** - então, eu acho que até esse deslocamento, isso tudo é bom.
163. **Pes:** - porque dentro do casarão é um módulo, né? fora do casarão é outro módulo. você acha que funciona, que atende?
164. **Suj:** - funciona.
165. **Pes:** - e você já começou a falar assim da leitura do bonde, que é uma atividade que você fez com o monitor ou você fez sozinha? a atividade de leitura do bonde que tem um caderninho. você fez sozinha com os alunos ou tinha um monitor?
166. **Suj:** - tinha um monitor.
167. **Pes:** - é porque as vezes..
168. **Suj:** - acontece de ser sozinho?
169. **Pes:** - até porque as vezes tem muita gente né? mais de uma escola e aí eles revezam, fica uma turma dentro do casarão e fora deixa a professora, assim.
170. **Suj:** - não, foi orientada por um monitor.
171. **Pes:** - ah. tá. eu agora não estou me lembrando, porque eu acompanhei, mas não estou me lembrando.
172. **Suj:** - foi orientado pelo monitor.
173. **Pes:** - porque ela é pensada um pouco com essa autonomia do professor ficar sozinho também.
174. **Suj:** - mas no dia não foi nem dito nada também.
175. **Pes:** - então, você acha que dentro do casarão, aquelas atividades que tem dentro do casarão, além do próprio roteiro que tem lá dentro, além da atividade do telefone sem fio, você acha que lá os meninos prenderam a atenção?
176. **Suj:** - prenderam.
177. **Pes:** - chegaram contando...
178. **Suj:** - chegaram, que eu te disse que alguns alunos me disseram que depois levaram a família.
179. **Pes:** - hunrum.
180. **Suj:** - então chamou a atenção dos meninos.
181. **Pes:** - como você disse é um museu simples, né?
182. **Suj:** - ele é simples.
183. **Pes:** - mas tem algo ali, né?
184. **Suj:** - tem. e nossa, com aquela casa ali, eu falei gente imaginem isso há... eu até coloquei uma foto aqui oh, coloquei do lado, como que era o antes.
185. **Pes:** - ah. você colocou aquela foto?.
186. **Suj:** - coloquei.
187. **Pes:** - ótimo.
188. **Suj:** - falei: "imagina como que era isso aqui." eu fiquei lá viajando. aqui oh, dessa aqui dá pra ver bem. **Pes:** - é.
189. **Pes:** - como que era. eu acho que a monitora até fez um comentário desse, falando imagina aqui em mil oitocentos... foi no final do século xix.
190. **Pes:** - xix, é.
191. **Suj:** - imagina como que era aqui e hoje esse movimento todo, parece que o museu fica pequenininho perto de tanto movimento, né?

192. **Pes:** - hunrum.
193. **Suj:** - e antes, olha como que era, né? então eu acho que se fosse num outro espaço, num prédio construído, não teria o...
194. **Pes:** - o charme, né?
195. **Suj:** - o charme.
196. **Pes:** - tem o charme do museu, né?
197. **Suj:** - tem. (*risos*)
198. **Pes:** - bem, você falou que não conhecia ainda o museu, e você ao ir ao Abílio Barreto, você não fez aquele curso, não teve o momento de formação antes?
199. **Suj:** - teve, mas eu não pude ir, porque é difícil a gente sair da escola.
200. **Pes:** - mas você sabia, conhecia, assim?
201. **Suj:** - não, eu fiquei sabendo do curso. a coordenadora me disse só que não teve como eu ir.
202. **Pes:** - hunrum.
203. **Pes:** - e aí você no dia, você fez toda uma preparação pros meninos irem...
204. **Suj:** - eu fiz uma preparação, pesquisei na internet, mas assim eu não tive oportunidade de fazer o curso. não deu pra eu fazer o curso.
205. **Pes:** - de ir lá antes, né? então, você estava junto com os meninos pela primeira vez?
206. **Suj:** - é. estava com os meninos.
207. **Pes:** - e essa preparação que você fez de como visitar o museu antes não tem a ver com, com ...
208. **Suj:** - com o curso?
209. **Pes:** - com sua (...) de museu, né? quando você preparou os meninos, trouxe esse texto que você mostrou pra mim, né? como visitar o museu..
210. **Suj:** - comportar no museu...
211. **Pes:** - como é que o museu se organiza, não tinha a ver com o material do museu, nada não, né?
212. **Suj:** - não.
213. **Pes:** - porque o museu manda um material, né? você recebeu?
214. **Suj:** - não.
215. **Pes:** - não, né?
216. **Suj:** - não. depois, no dia em que eu fui lá eu recebi um material.
217. **Pes:** - ah. tá.
218. **Suj:** - que até tinha essa maquete, mas antes não recebi. eu não estou lembrada agora, porque foi em fevereiro né?
219. **Pes:** - é, foi bem no início.
220. **Suj:** - eu não lembro, eu acho que a coordenadora só me, ela me pediu pra fazer esse trabalho com os meninos, mas material não recebi não.
221. **Pes:** - é porque tem um material das regras que eles mandam, um envelope que eles mandam, assim, quando a escola agenda.
222. **Suj:** - não.
223. **Pes:** - então, não recebeu, né?
224. **Suj:** - não.
225. **Pes:** - é...
226. **Suj:** - isso aqui é porque, eu já trabalhei numa outra escola que eu levava os meninos no museu da escola, sabe aquele museu da escola?
227. **Pes:** - sei, sei. aquele que tinha, era lá na Praça da Liberdade e depois foi pro, foi ali pra UEMG, né?
228. **Suj:** - eu nem sei se ele tá na UEMG, sabia? tem muito tempo que eu fui lá.
229. **Pes:** - tá, tá na UEMG.
230. **Suj:** - ah é?
231. **Pes:** - tá, tá na UEMG.
232. **Suj:** - lá na UEMG onde? no instituto ou no novo campus?
233. **Pes:** - no instituto.
234. **Suj:** - ah tá lá no instituto de educação?
235. **Pes:** - no instituto de educação. tá lá com aquela mesma moça, que agora eu esqueci o nome dela. mas eu, ele era na praça...

236. **Suj:** - eu gostava muito de levar os meninos lá. e aí eu, a primeira vez que eu fui, eu senti essa necessidade de fazer esse trabalho. e foi um próprio aluno meu que me deu isso aqui, na época.
237. **Pes:** - é? que bacana.
238. **Suj:** - é. da ciência hoje. é porque lá nessa escola os meninos tinham muito o hábito de ler essa revista ciência hoje. inclusive um aluno depois trouxe uma revista ciência hoje que tem uma reportagem que fala sobre esse museu da escola.
239. **Pes:** - olha...
240. **Suj:** - nessa época que eu trabalhei lá. e, aí eu sempre gostei. e eu, e eu na época não trabalhava história. **Pes:** - hanrã.
241. **Suj:** - mas eu gostei tanto desse museu que eu quis levar os meninos lá. que eu acho lá, assim, fantástico. pena que não deu pra levar os meninos esse ano lá, seria interessante se eu tivesse levado eles, pra terem assim um museu... que eu levei eles no museu de história natural esse ano também
242. **Pes:** - hanrã. só que eles tiveram dificuldade de entender ali como museu.
243. **Pes:** - é?
244. **Suj:** - é. não sei se é porque a própria mata é um museu, porque preserva a vegetação e tal. então eles tiveram um pouco de dificuldade de entender que ali era um museu.
245. **Pes:** - porque o conceito também vai, vai...
246. **Suj:** - do museu...
247. **Pes:** - é já tá bem mais amplo. é interessante você falar isso, porque de fato é diferente, né?
248. **Suj:** - eles falaram: “por que que lá é um museu, mas não é fechado?”, “a gente fez caminhada e tal.” então eles acharam ali mais um lazer, assim,
249. **Pes:** - hanrã.
250. **Suj:** - não sei se a forma...
251. **Pes:** - mas você levou nas galerias? naquela galeria de arqueologia?
252. **Suj:** - levei, levei...
253. **Pes:** - naquela outra? você tá falando da UFMG, né?
254. **Suj:** - é da UFMG.
255. **Pes:** - hanrã.
256. **Suj:** - é porque eles também participaram daquele química divertida. então, assim, a monitora foi brincando, foi mostrando as coisas. então eu acho que eles ali tem uma idéia de museu algo mais... mais... não sei.
257. **Pes:** - mais parado talvez?
258. **Suj:** - não é mais parado. é muito movimento ali, a gente ia de uma pra outra, eu acho que isso aí eles num..
259. **Pes:** - quebrou um pouco o conceito.
260. **Suj:** - quebrou um pouco.
261. **Pes:** - então, esse gosto, assim, por museu tem a ver com a sua formação? o curso de pedagogia? que lá você teve alguma disciplina que discutia a questão da importância do museu?
262. **Suj:** - não. não tive não.
263. **Pes:** - não, né? não visitou nenhum museu como estratégia de..
264. **Suj:** - não. eu acho que foi, eu tive em metodologia da história coincidiu com o ano que BH fez 100 anos, (.)
265. **Pes:** - hunrum.
266. **Suj:** então, a professora pediu para nós fazermos um trabalho sobre Belo Horizonte e aí eu fui fazer esse trabalho e adorei fazer o trabalho.
267. **Pes:** - hanrã.
268. **Suj:** - inclusive eu fui na Praça da Liberdade, conheci o museu, ele nessa época era lá.
269. **Pes:** - ele era lá, naquela ...
270. **Suj:** - então eu achei tão interessante, eu gostei tanto, porque eu conhecia muito pouco de Belo Horizonte, né?
271. **Pes:** - é.
272. **Suj:** - então eu acho que foi ficando. ficou. então tem a ver com esse trabalho que eu fiz nessa época, mas assim, uma disciplina que falasse de museu, que abordasse não.

273. **Pes:** - nem que discutisse educação e patrimônio
274. **Suj:** - não.
275. **Pes:** - ou museologia
276. **Suj:** - não.
277. **Pes:** - ou educação em museus,
278. **Suj:** - não.
279. **Pes:** - nada disso?
280. **Suj:** - não. nada disso.
281. **Pes:** - então isso veio muito mais pelo seu interesse pela história.
282. **Suj:** - foi, foi.
283. **Pes:** - por que inicialmente, quando você se formou, seu foco era, era alfabetização, assim? ou não? na pedagogia ou você não tinha..
284. **Suj:** - não. eu, eu..
285. **Pes:** - você começou a lecionar história quando?
286. **Suj:** - comecei lecionar história? foi aqui.
287. **Pes:** - aqui.
288. **Suj:** - nesses três, nesses três anos. não. na verdade foi ano passado que eu comecei a trabalhar história. **Pes:** - hanrã.
289. **Suj:** - foi ano passado que eu comecei a trabalhar com história. que antes eu era referencia de português e matemática, sempre fui.
290. **Pes:** - porque na pedagogia é menos comum a pessoa ir pra história. normalmente vai dar matemática, alfabetização...
291. **Suj:** - hunrum. não eu sempre trabalhei, mas só que aqui tem essa versatilidade, né? você pode trabalhar com ciências, com geografia, com..
292. **Pes:** - hunrum.
293. **Suj:** - aqui na escola, nas outras escolas que eu trabalhava não tinha, assim, essa possibilidade. era mais trabalhar com português ou matemática mesmo. e aqui surgiu essa oportunidade e eu falei: “ah. eu quero trabalhar.”, “eu vou fazer um trabalho diferente.”
294. **Pes:** - hunrum.
295. **Suj:** - aí foi legal, acho que esse ano foi bem melhor que no ano passado. porque ano passado foi a primeira vez. esse ano eu já comecei de um jeito diferente, né?
296. **Pes:** - então, essa prática de visitar museus tem sido constante, né? na, na... porque só esse ano parece que você foi em três museus, né?
297. **Suj:** - fui em dois. não, três, se for considerar essa exposição também, é também né?
298. **Pes:** - é uma exposição, né? não é um museu exatamente não.
299. **Suj:** - é eu fui em dois esse ano. mas eu sempre gostei de ir com os meninos.
300. **Pes:** - hunrum.
301. **Suj:** - não tanto voltado pra esse olhar assim da, esse ano assim, que foi mesmo assim, com esse olhar mesmo da história. das outras vezes foi mas assim, falava o que que era um museu, mas abordando mais a questão da linguagem ali, né?
302. **Pes:** - hunrum.
303. **Suj:** - do português, que eu era professora, que eu trabalhava português e matemática.
304. **Pes:** - hunrum.
305. **Pes:** - mas assim de ir nesse espaço e de conseguir produzir a partir disso, né? o que que ele observou? essa vivência.
306. **Pes:** - hunrum.
307. **Suj:** - aí seria mais no sentido da produção escrita, de uma produção... de um desenho, de uma apresentação... de uma coisa mais assim.
308. **Pes:** - ô Luana e aqui, a escola te ajuda, assim, a organizar? como é que é, assim, a infraestrutura? em termos assim de ônibus, essa parte mais estrutural?
309. **Suj:** - ah. a prefeitura ela tem, ela fornece os ônibus, né? tem os ônibus da prefeitura, aí a coordenação agenda,
310. **Pes:** - hunrum.

311. **Suj:** - os bilhetes é ela quem faz, esse contato, as vezes, elas que agendam pra mim.
312. **Pes:** - com o museu e tudo. isso já ajuda bastante..
313. **Suj:** - já ajuda muito, a gente não tem tempo né? o tempo é muito corrido.
314. **Pes:** - e é tranquilo, assim, as saídas? os pais autorizam? não tem muita dificuldade não?
315. **Suj:** - não.
316. **Pes:** - não, né?
317. **Suj:** - tem não.
318. **Pes:** - e os meninos pagam?
319. **Suj:** - não. foi tudo, tudo foi pago pela.. essa última que nós fomos no pátio...
320. **Pes:** - porque no palácio das artes parece que pagava. num pagava? quanto que era?
321. **Suj:** - pagava um real pra..
322. **Pes:** - não era só o livrinho.
323. **Suj:** - o livrinho, né? aquele folder, né? aquele material. mas eles ganharam o material.
324. **Pes:** - é, quando era escola pública ganhava mesmo.
325. **Suj:** - é? eu nem sabia não.
326. **Pes:** - custava um real e eu comprei uns quatro pra trabalhar com meus alunos.
327. **Suj:** - é. isso mesmo. eu vi porque na hora que nós saímos tinha um rapaz lá, ele comprou.
328. **Pes:** - bem, então assim, em relação a essa temática museu/escola é mais um assunto que te interessou mesmo pela experiência profissional, mais do que pela própria universidade, né?
329. **Suj:** - foi.
330. **Pes:** - e curso, assim, você fez algum curso de museu e... que abordasse essa questão de uso de museus...
331. **Suj:** - não.
332. **Pes:** - algum seminário?
333. **Suj:** - não.
334. **Pes:** - não, né?
335. **Suj:** - não.
336. **Pes:** - isso não teve em sua formação né?
337. **Suj:** - não.
338. **Pes:** - então, você falou um pouco dessa preparação que você fez dos seus alunos pra visitar o museu e, como é que foi assim? você, além desse texto que você trabalhou, é que outra...
339. **Suj:** - eu tirei um texto também sobre museu.
340. **Pes:** - sobre o Abílio?
341. **Suj:** - sobre o Abílio pra eles conhecerem um pouquinho, né? Pra num...
342. **Pes:** - pra num chegarem lá, né? ah. explicando o que era, né?
343. **Suj:** - é.
344. **Pes:** - eles já foram conhecendo um pouco.
345. **Suj:** - foram.
346. **Pes:** - e, assim, você acha que nessa relação o fato de colocar essas experiências constantemente, eles já tem assim uma cultura pra...
347. **Suj:** - os meninos? você tá falando da família?
348. **Pes:** - pra valorização, pra importância dessa questão da preservação? como é que você vê isso assim? há uma...
349. **Suj:** - eu acho que eles não tem muito hábito.. nunca foram né? foi a primeira vez. eu acho que a família muitas vezes, aqui a nossa clientela não é, tem assim, é bem diversificada, tem muita gente aqui que tem condição, tem outras que são mais humildes. mais assim, eu acho que a própria família não valoriza.
350. **Pes:** - hunrum.
351. **Suj:** - não conhece, né? as vezes o tempo disponível que tem não vai levar os meninos pro museu, leva pra outros espaços.
352. **Pes:** - hanrã.

353. **Suj:** - então, eu acho que a escola tem um papel fundamental pra divulgar esses espaços. aí o menino chega em casa conta, desperta aquela vontade, ou então insiste: “ah pai. vamos lá pra você vê. eu quero ir de novo.” aí, as vezes, os pais vão.
354. **Pes:** - é.
355. **Suj:** - eu acho que é muito mais movimento da escola, eu to falando aqui nessa comunidade, né?
356. **Pes:** - hanrã.
357. **Suj:** - da escola pra família do que da família pra escola. essa demanda assim, eu não sei se é cultura. eu acho que isso é cultural, a escola ainda é vista muito como um espaço de.. muito formal. muito, assim...
358. **Pes:** - fechada talvez.
359. **Suj:** - muito fechada. então, aqui foi até interessante que a... foi assim mais de 90% dos meninos foram em todas.
360. **Pes:** - bacana, né?
361. **Suj:** - então os pais, assim, tem... por exemplo, lá onde eu trabalho as vezes, assim, mas lá são pagas também, né? lá em betim a gente não tem essa condição. não tem essa infraestrutura e, assim, lá é tudo mais caro do que aqui. porque na hora que você liga é fala: “é aqui em betim.”, aí é de betim pra qual lugar? tudo fica mais caro.
362. **Pes:** - hanrã.
363. **Suj:** - então lá, assim, o público é mais reduzido. então eu acho que aqui a infraestrutura é bem melhor. **Pes:** - hanrã.
364. **Suj:** - facilita.
365. **Pes:** - e é um diferencial, né? você promover isso além do próprio conteúdo, né? ficar buscando assim tem um hábito, né? tem uma formação de hábito.
366. **Suj:** - é. é uma formação de valorizar.
367. **Pes:** - constante né? da escola. bacana seu trabalho.
368. **Suj:** - obrigada.
369. **Pes:** - obrigada pela colaboração
370. **Suj:** - eu não sei como será o ano que vem, ano que vem eu não vou trabalhar com história, vou pegar português e matemática...

Entrevista Número: 14

Sujeito: PJ14

Local: Escola Municipal F

Data: 18/12/09

Duração: não cronometrado

Legenda:

Pes: Pesquisador:

Suj: Sujeito:

1. **Pes:** - então, lá no museu eu cheguei a acompanhar a turma de vocês.
2. **Suj:** - hunrum.
3. **Pes:** - e, naquele momento eu estava observando dentro do museu mesmo. e como eu falei com você agora eu estou conversando com os professores pra entender melhor, assim, os objetivos, né? da visita.
4. **Suj:** - hunrum.
5. **Pes:** - uma série de questões. então eu queria que você falasse um pouco, né? porque foram ao museu, porque incluíram essa visita? quais foram os objetivos da visita ao museu Abílio Barreto?
6. **Suj:** - certo. na realidade na oitava série, nós começamos a estudar aquela virada do século, né?
7. **Pes:** - hunrum.
8. **Suj:** - então, primeiro capítulo que nós estudamos com os alunos, primeiro tema, primeiro conteúdo foi imperialismo e logo em seguida nós estudamos o segundo reinado. depois do segundo reinado veio a proclamação da república e como a fundação da cidade de Belo Horizonte está dentro deste contexto, né?
9. **Pes:** - ah.
10. **Suj:** - de proclamação da república, nós tentamos resgatar junto com alunos, dentro deste estudo da proclamação da república, a fundação de Belo Horizonte.
11. **Pes:** - hunrum.
12. **Suj:** - meio que contextualizando o surgimento de belo horizonte dentro deste contexto maior que é a proclamação da república. de alguma forma dá um significado para eles, né? a questão da ligação do espaço em que eles vivem, a história de belo horizonte a história do país que nós estávamos estudando. então o objetivo foi esse.
13. **Pes:** - hunrum.
14. **Suj:** - é claro que um objetivo importante também, foi os alunos eles visitarem essa instituição, o museu como espaço de pesquisa, espaço pra você conhecer a história do seu município, da cidade onde você vive, né?
15. **Pes:** - hunrum.
16. **Suj:** - é... compreender as mudanças que a cidade, ela sofreu, né? junto com as mudanças, os problemas, os avanços. então a idéia foi essa.
17. **Pes:** - essa iniciativa foi mais individual sua ou...
18. **Suj:** - não. foi o grupo de professores. principalmente o professor de português e o professor de história.
19. **Pes:** - ah.
20. **Suj:** - e uma parceria também com a professora de geografia.
21. **Pes:** - mas tinha um projeto ou naquele momento...
22. **Suj:** - não. não. nós não chegamos a elaborar assim um projeto não. tá? não foi elaborado um projeto não. nós fizemos a visita ao museu, né? existia essa possibilidade e foi mais no sentido assim de ilustrar o conteúdo é que nós estávamos estudando. isso falando a partir do contexto da história.
23. **Pes:** - hunrum.
24. **Suj:** - né? então não teve um projeto elaborado de visita, com os descritores, né? não.
25. **Pes:** - hunrum.
26. **Suj:** - foi algo mais, algo menos..
27. **Pes:** - daquele conteúdo, né?
28. **Suj:** - é. exatamente.
29. **Pes:** - e a escola tem esse hábito?

30. **Suj:** - tem. a escola tem o hábito de visitar, nós já fizemos visitas à casa fiat de cultura, né? o ano passado nós visitamos a exposição do... do...
31. **Pes:** - olhar viajante?
32. **Suj:** - do olhar..
33. **Pes:** - acho que era olhar viajante.
34. **Suj:** - do Jean Batista Debret, né?
35. **Pes:** - é.
36. **Suj:** - Olhar dele em relação ao Brasil, as pinturas, né? os quadros. fizemos também uma visita ao, aquele exposição a arte da velocidade, lá na casa fiat de cultura. é outra visita que nós fizemos foi a ouro preto, o ano passado nós levamos nossos alunos ao, a... pra visitar alguns templos religiosos: a igreja do pilar, a igreja de são francisco, a casa dos contos e ao museu da inconfidência.
37. **Pes:** - hunrum.
38. **Suj:** - esse sim, esse trabalho de Ouro Preto, ele já faz parte de um projeto.
39. **Pes:** - ah. tá.
40. **Suj:** - projeto escrito, com os objetivos. teve um trabalho, eu entreguei roteiro para os alunos, esse roteiro era um texto de história e os alunos, a tarefa deles era ilustrar esse texto com imagens da cidade de ouro preto. então se o texto falava das ruas, eles iam fotografar as ruas, falava dos templos religiosos. então ligar o texto histórico, né?
41. **Pes:** - entendi.
42. **joao:** ao, a visita deles. pra eles identificarem os prédios, os espaços que nós estávamos visitando, fazer relação com o texto. então fomos, fizemos uma visita o ano passado, o ano passado não. foi em.. em.. quando os alunos estavam na sexta série, aquela exposição leonardo da vinci lá no pitágoras. ali na cidade jardim e esse ano nós fomos à quintas dos cristais. visitamos as quintas dos cristais que já é um espaço parque..
43. **Pes:** - fica em Sabará né?
44. **Suj:** - pedagógico lá em Sabará.
45. **Pes:** - hanrã.
46. **Suj:** - né? nós fizemos uma caminhada, depois da caminhada que aí vem a integração entre ciências, é.. geografia, né? até mesmo educação física. fizemos uma caminhada, vimos no alto da, de um morro lá dos cristais, nós vimos as direções dos quatro ferros do quadrilátero ferrífero, né?
47. **Pes:** - hunrum.
48. **Suj:** - trabalhamos um pouco dessa exploração mineral em Minas Gerais, degradação ambiental, né? E depois nós fizemos uma visita a um museu é... é... do escravo. depois da visita ao museu do escravo, nós... aí teve o almoço, eu achei interessante também a questão da comida mineira, né? em fogão a lenha e depois do almoço nós tivemos uma palestra com o chamado museu vivo. que aí veio contar a história do Belo Horizonte, resgatar um pouco da questão da cidadania da necessidade dos alunos exercerem a cidadania com o Álvaro, né?
49. **Pes:** - hunrum.
50. **Suj:** - que foi o palestrante, o administrador do parque pedagógico e logo em seguida... e junto com isso também teve o sarau. esse museu vivo ele mostra os objetos que eram usados na tortura dos escravos, ele faz uma reflexão como as pessoas da época, como a escravidão ela caiu, né?
51. **Pes:** - hunrum.
52. **Suj:** - aí ele mostra a necessidade, assim como no passado, algumas pessoas da sociedade imperial, naquela época né? Brasil no segundo império protestaram contra a escravidão e hoje no nosso país é possível mudar nosso país. não só através do voto, como também através da participação ativa nas instituições da sociedade. então foi interessante a palestra dele. depois da palestra nós fizemos uma visita ao museu do ouro.
53. **Pes:** - ah. tá.
54. **Suj:** - museu do ouro e também a igreja nossa senhora da conceição. então a idéia desse projeto quintas dos cristais foi também fazer uma relação com o conteúdo que nós estudamos em sala de aula.
55. **Pes:** - ô joão e o potencial educativo dos museus, como é que você vê esse potencial educativo? você acha que é...

56. **Suj:** - olha a Quinta dos Cristais eu achei muito interessante, o trabalho lá né? A palestra que o Álvaro dá, a ligação... a possibilidade, o espaço que a gente tem pra explorar, eles são interessantes e a meninada gosta.
57. **Pes:** - e no abílio especificamente?
58. **Suj:** - é, o Abílio é... eu acho que seria interessante, é.. talvez quando a gente chegasse ao Abílio Barreto algum filme, resgatando algumas imagens de Belo Horizonte pra até fazer a ligação com o próprio espaço do museu. eu senti falta lá no Abílio Barreto de uma pessoa pra visitar aquela parte mais moderna, né? tem um anexo, né?
59. **Pes:** - você está falando de um acompanhante?
60. **Suj:** - é um acompanhante, eu senti falta de um acompanhante. eu senti que os meninos ficaram um pouco soltos ali naquele anexo.
61. **Pes:** - hunrum.
62. **Suj:** - eu acho que um guia orientando essa visita seria mais produtivo para os alunos.
63. **Pes:** - naquele dia especificamente como é que foi a visita lá no Abílio? conta pra mim como é que foi.
64. **Suj:** - aquele dia veio, nós entramos na..
65. **Pes:** - dividiu o grupo?
66. **Suj:** - oi?
67. **Pes:** - dividiram o grupo?
68. **Suj:** - dividiram os grupos, né? até as pessoas que atenderam foram bem é... atenciosas, né? os meninos gostaram eles participaram. o grupo que eu acompanhei participou ativamente respondendo, fazendo perguntas, demonstraram interesse em relação aos objetos que estavam dentro do museu, a própria casa né? a própria estrutura do prédio, né? eles demonstraram interesse, demonstraram curiosidade, né? e eu percebi que até as perguntas que eu fiz pra pessoa que estava apresentando e as perguntas dos alunos, elas foram bem respondidas. achei interessante a visita. agora uma coisa interessante na visita ao museu é o aluno, ele ver o objeto.
69. **Pes:** - hunrum.
70. **Suj:** - porque geralmente quando a gente estuda em sala de aula, eles vêem imagens. lá não, eles vivenciaram um espaço antigo, uma estrutura antiga. eles puderam colocar as mãos, puderam ver os objetos, porque as vezes a gente conta, fala, vê nos livros, mas é uma coisa muito distante do aluno. se a gente tem condições de levar o aluno nestes espaços é como se eles vivenciassem né?
71. **Pes:** - hunrum.
72. **Suj:** - aquilo tem mais significado para eles, tem mais sentido pra eles.
73. **Pes:** - então, ainda voltando na, na, lá no abílio naquele dia, né? em relação, assim, a metodologia, a linguagem... estes aspectos você acha que...
74. **Suj:** - eu achei interessante, achei que foram aspectos atendidos. no caso da linguagem, depois eu retomei com os alunos, eles gostaram, né? algumas coisas que eu fui perguntando eles deram conta de responder. fez sentido pra eles, eu percebi isso.
75. **Pes:** - e quanto aquele seu objetivo específico lá, que você falou de trabalhar essa questão da transição do império pra república. você achou que esse aspecto ficou abordado?
76. **Suj:** - ficou, ficou porque eu já tinha comentado com eles aqui dentro da escola, né? quando eles ouviram a pessoa lá falando disso, aí eles falaram “ô João, tá vendo que interessante o que que você falou foi o que ela acabou repetindo.” né? eu acho que de alguma forma ressignificou pra eles, eles perceberam que é uma linguagem que a gente utiliza, né? e essa linguagem ela tem respaldo, quando eles vão ao museu e encontram, né?
77. **Pes:** - é, em relação, por exemplo, a questão da importância dos objetos, da simbologia, que tem o brasão né? do império, depois faz relação com a república, depois você teve oportunidade de retomar isso?
78. **Suj:** - tive quando nós estudamos a república velha.
79. **Pes:** - ah. tá.
80. **Suj:** - nós resgatamos, eu gosto muito de trabalhar de destacar no estudo da história do Brasil as constituições, né? as constituições de 1824, 1891, 34 e aí eu mostrei isso pros alunos. nessa passagem da monarquia pra república e depois república das oligarquias, né? trabalhando um pouco isso, né? como que na época do império as coisas estavam muito ligadas, as estruturas estavam muito ligadas

ao rio de janeiro, né? no caso a capital do império, depois como que dois outros estados, depois estados, na época eram províncias ganham importância, que é a política do café com leite. né? como que Minas Gerais e São Paulo ganham destaque. Aí o aspecto econômico dá pra trabalhar, até a questão da decadência do café que era a principal riqueza do Brasil na época do Império, como que isso ao longo das primeiras décadas houve um certo surto industrial no Brasil e com a chegada de Getúlio Vargas a base da industrialização, né?

81. **Pes:** - você falou também de uma preparação prévia com os meninos pra ir ao museu, né?
82. **Suj:** - hunrum.
83. **Pes:** - como é que foi isso?
84. **Suj:** - essa preparação foi no sentido deles perguntarem, deles... eu incentivei eles olharem os objetos as imagens, ouvirem bastante. a preparação foi mais nesse sentido e, principalmente, a questão da educação, né? eles ficarem atentos, não imaginarem, não verem aquela saída da escola simplesmente como momento de lazer, mas como momento de aprendizagem.
85. **Pes:** - então, e aí depois então teve essa preparação prévia sobre essa questão da disciplina, como utilizar o museu...
86. **Suj:** - hunrum.
87. **Pes:** - esse material do museu, aquele material do museu você recebeu, aquelas orientações de como utilizar o museu ou não chegaram aqui?
88. **Suj:** - nós recebemos um material, só que ele não foi explorado não.
89. **Pes:** - não, né?
90. **Suj:** - não.
91. **Pes:** - não foi utilizado não?
92. **Suj:** - não.
93. **Pes:** - hunrum.
94. **Suj:** - não foi utilizado nem por mim e nem pelos alunos esse material.
95. **Pes:** - e você já conhecia o museu antes?
96. **Suj:** - já, já, eu visitei o museu Abílio Barreto há dois anos atrás, mas eu achei interessante essa visita, porque essa visita foi uma visita orientada, né?
97. **Pes:** - hanrã.
98. **Suj:** - faz uma grande diferença.
99. **Pes:** - ah. você fez uma visita individual...
100. **Suj:** - uma visita por conta própria. não levei alunos, né? foi uma visita individual.
101. **Pes:** - então com alunos foi a primeira vez que você foi?
102. **Suj:** - com alunos foi a primeira vez.
103. **Pes:** - você achou que...
104. **Suj:** - achei interessante. é.
105. **Pes:** - ô Jorge em relação a preparação, você falou, né? que foi espontaneamente ao museu antes, essa ida antes para pensar a visita você não chegou a fazer, né?
106. **Suj:** - não.
107. **Pes:** - e foi oferecido o curso pra vocês? aquele curso encontro com o museu.
108. **Suj:** - a coisa foi um pouco confusa. eu acho que...
109. **Pes:** - foi?
110. **Suj:** - foi. entre essa visita nossa, acho que não foi colocada como requisito pra nós levarmos os nossos alunos.
111. **Pes:** - é, eu acho que não é mais requisito.
112. **Suj:** - não é mais, né? eu acho que no passado...
113. **Pes:** - no passado já foi.
114. **Suj:** - foi requisito. pra você levar uma turma de alunos ao museu a necessidade do professor participar dessa visita orientada, né?
115. **Pes:** - ah.
116. **Suj:** - mas eu acho interessante isso. acho que de alguma forma você prepara melhor. eu imagino que o professor ir ao museu, conhecer, ter um encontro com os guias, saber o que vai ser explorado, né?

- eu acho que ele pode preparar um material, até mesmo uma aula mais focada. mais detalhada. a exploração pode ser mais consistente, mais profunda.
117. **Pes:** - é, porque é oferecido, esse curso é oferecido, mas eu acho que ele não é mais nesse sentido obrigatório.
118. **Pes:** - bem eu estou vendo que você já tem essa prática, né? de visitar museus e a gente falou um pouco desse potencial educativo, mas essa questão pra você vem mais espontaneamente, essa questão da importância do museu, ou na sua formação você teve alguma orientação ou discussão...
119. **Suj:** - não, na minha formação não.
120. **Pes:** - sobre essa questão do potencial educativo dos museus...
121. **Suj:** - não, foi mais do interesse meu mesmo em pesquisar fontes históricas, quando a gente trabalha com quinta série né? isso é muito trabalhado com os alunos, né? a questão dos documentos, as fontes históricas, então foi mais durante o meu trajeto como educador, como professor de história que eu fui percebendo essa importância.
122. **Pes:** - humrum.
123. **Suj:** - talvez por ter feito filosofia, eu não fiz o curso de história, né? eu acredito que no curso de história isso seja mais focado, tenha mais é.. seja mais explorado. no curso de filosofia, eu não tive essa orientação. foi mais por vontade mesmo, é por uma percepção do mundo, né?
124. **Pes:** - humrum.
125. **Suj:** - de fazer uma ligação com as fontes históricas, como a gente estuda.
126. **Pes:** - a gente estava comentando do seu interesse pessoal, né?
127. **Suj:** - é.
128. **Pes:** - mas algum curso que discutisse essa questão de educação para o patrimônio, educação em museus...
129. **Suj:** - não. eu não tive nenhuma formação nessa área.
130. **Pes:** - você não fez nenhum seminário, ou..
131. **Suj:** - não. não.
132. **Pes:** - então, essa é uma discussão também que...
133. **Suj:** - eu esqueci de falar com você que nós fizemos uma visita o ano passado ao museu de artes e ofícios.
134. **Pes:** - ah..
135. **Suj:** - ali na Praça da Estação.
136. **Pes:** - sei.
137. **Suj:** - essa turma que saiu, né? que está formando agora, concluindo o ensino fundamental dois, nós tivemos com esses alunos durante três anos.
138. **Pes:** - ah. a equipe toda.
139. **Suj:** - a mesma equipe de professores três anos. então durante esses três anos os alunos puderam sair várias vezes da escola pra visitar essas instituições. foi bem rico pra eles, né? é claro que não são todos os alunos que vão, né?
140. **Pes:** - é.
141. **Suj:** - mas aqueles alunos que demonstram interesse, as vezes, não tem até uma condição de pagar a condição que são cinco reais na realidade o ônibus né?
142. **Pes:** - hum.
143. **Suj:** - é, o transporte, nós tivemos muitos momentos durante esses três anos.
144. **Pes:** - você está falando exatamente dessa questão da materialidade. eles aderem.. a escola paga? ele tem de pagar...
145. **Suj:** - esse ano houve é... houve um investimento da prefeitura, né? a prefeitura disponibilizou verbas, acho que é a chamada PAP, né? e essa verba, parte da verba poderia ser utilizada pra visitas, pra viagens, pra excursões, pra passeios.
146. **Pes:** - humrum.
147. **Suj:** - só que ao mesmo tempo que a prefeitura disponibilizou essa verba, ela meio que amarrou essa verba, por quê? porque a escola foi proibida de pedir dinheiro aos alunos para eles pagarem as excursões.
148. **Pes:** - ah...

149. **Suj:** - como a verba é pequena e o número de alunos da escola é grande, nós ficamos muito limitados.
150. **Pes:** - entendi.
151. esse ano nós fizemos apenas uma visita, por quê? não podia convocar, não podia mandar carta pra casa para chamar os alunos, se eles tivessem que desembolsar algum dinheiro.
152. **Pes:** - entendi.
153. **Suj:** - por um lado houve investimento público facilitando essas visitas, essas excursões, por outro lado, o recurso foi pequeno e a escola ficou amarrada. não pode pedir. antes nós fazíamos mais excursões, por quê? a gente podia cobrar dos alunos. era a apenas a questão de custo mesmo, apenas pra cobrir o custo. como agora a gente não pode cobrar, limitou.
154. **Pes:** - (...)
155. **Suj:** - a escola tem a verba, acabou aquela verba que tem que ser dividida por todas as etapas, por todas as turmas. acabou a verba, acabou as excursões. isso limitou bastante. se essa política da prefeitura continuar, vai empobrecer bastante o nosso trabalho.
156. **Pes:** - hunrum.
157. **Suj:** - né?
158. **Pes:** - é complicado, né?
159. **Suj:** - é muito. e os próprios alunos: “por que que vocês não fazem uma excursão?” eu queria levar os meus alunos ao museu da FEB, a Força Expedicionária Brasileira, ali na Campos Salles, né?
160. **Pes:** - hanrã.
161. **Suj:** - na avenida francisco salles, ali no floresta.
162. **Pes:** - um pouco pra cima do próprio museu, né?
163. **Suj:** - é. não pude, por quê? porque a verba não cobria. e quando eu anunciei em sala de aula: “nós vamos visitar o museu da FEB pra vocês observarem lá as roupas que os pracinhas utilizavam, as armas, os retratos”.
164. **Pes:** - e eles ficam lá, né?
165. **Suj:** - eles adoraram e “Jorge quando que nós vamos?” e aí veio
166. **Pes:** - (...)
167. **Suj:** - oi? exatamente. eu já levei uma turma ao Museu da FEB e eles recebem a gente muito bem, (.)
168. **Pes:** - fazer o maior...
169. **Suj:** - é, tem o documentário. é muito legal, muito organizado, eles têm orgulho. então, essa política da prefeitura limita essa possibilidade de fazer as visitas.
170. **Pes:** - e em relação, você apresentou essa questão dos limites, mas da organização da saída, de ajudar, você prepara tudo?
171. **Suj:** - isso é tranquilo. é a coordenadora. nós temos a coordenadora, né? que é a alda, ela que faz essa... a gente pede, solicita à coordenadora e a coordenadora que entra em contato, olha essa questão de ônibus, arrecada junto aos alunos o dinheiro, né?
172. **Pes:** - mas aí é o dinheiro para pagar...
173. **Suj:** - para pagar o transporte, para pagar o... se é uma excursão a ouro preto, pagava o almoço.
174. **Pes:** - mas aí a prefeitura deixa?
175. **Suj:** - hã?
176. **Pes:** - a prefeitura deixa..
177. **Suj:** - até o ano passado podia e esse ano não.
178. **Pes:** - entendi.
179. **Suj:** - quem olha isso tudo pra gente é a coordenadora, né?
180. **Pes:** - para agendar a ida ao museu vocês tiveram alguma dificuldade?
181. **Suj:** - eu acredito que não. a alda nossa coordenadora disse que foi tranquilo.
182. **Pes:** - então João quando vocês retornaram, eles produziram material sobre a visita? chegaram a fazer alguma coisa?
183. **Suj:** - produziram. em relação ao Museu Abílio Barreto?
184. **Pes:** - é.
185. **Suj:** - não houve não. não houve nenhuma produção de material por parte dos alunos não.
186. **Pes:** - foi mais a questão...

187. **Suj:** - foi mais reflexão mesmo. não teve nenhuma produção concreta, algum trabalho não. não houve isso não. agora houve uma ligação de outras atividades que eles desenvolveram, que eu desenvolvi com eles né? lá no... de alguma forma no contexto.. eu, eu pedi aos alunos, pras quatro turmas que eu trabalhei que eles produzissem um jornal falado.
188. **Pes:** - ah...
189. **Suj:** - um jornal de rádio. então alguns citaram a fundação de Belo Horizonte nesse jornal falado, né?
190. **Pes:** - hunrum.
191. **Suj:** - é dessa passagem da monarquia pra república.
192. **Pes:** - e isso você pode verificar que houve...
193. **Suj:** - é. de alguma forma, eu acredito que isso, a visita ao museu ajudou um pouquinho a compreender, né? que Belo Horizonte tá... o nascimento de Belo Horizonte, a criação de belo horizonte está ligada né?
194. **Pes:** - hunrum.
195. **Suj:** - a essa mudança da monarquia pra república.
196. **Pes:** - como eles são maiores eu não sei como é que o museu, o museu (pede um retorno do professor lá)?
197. **Suj:** - não, não pediu não.
198. **Pes:** - pros pequeninhos tem lá um almanaque, no final eles ganham um almanaque né? tem uns que ganham, tem uns que não.
199. **Suj:** - não. não teve nenhum pedido não. não teve nada disso não. pedido um retorno pra ver se eles gostaram... teve um termos de conversa, oralmente, né? por escrito não teve não.
200. **Pes:** - e aquela parte externa você fez sozinho, na visita lá?
201. **Suj:** - foi, foi. a parte externa eu fiz sozinho. que foi o bonde, né?
202. **Pes:** - hunrum.
203. **Suj:** - o bonde, que mais que tem?
204. **Pes:** - tem o bonde, tem um carro de boi, uma maria fumaça.
205. **Suj:** - isso, a maria fumaça. isso aí eu fiz sozinho.
206. **Pes:** - não tinha monitor não, né?
207. **Suj:** - não, foi onde eu senti falta de orientação, né? que eu não conhecia, eu não tinha participado de uma visita orientada, então eu senti falta disso.
208. **Pes:** - hunrum.
209. **Suj:** - durante a visita.
210. **Pes:** - mas aquela atividade de finalização lá do roteiro, você chegou a receber o roteiro? tem um roteiro que chama roteiro da leitura do bonde.
211. **Suj:** - sim, isso eu explorei com os meninos. eu explorei, não foi alguém guiando a gente.
212. **Pes:** - é, eles fazem isso de estratégia quando tem muitas escolas,
213. **Suj:** - hanrã.
214. **Pes:** - eles priorizam lá dentro e lá fora eles, eles já..
215. **Suj:** - isso que eu senti. a prioridade deles foi lá dentro do museu mesmo.
216. **Pes:** - é tanto que lá fora tem esse roteiro.
217. **Suj:** - tem esse roteiro.
218. **Pes:** - meio que...
219. **Suj:** - mas eu acho que os guias, eles tem mais informações, né? e quando o guia fala, quando... porque as vezes tem menino que não dá muita importância pra isto, né? por mais que você chame e tal. agora quando você tem um guia e aí o professor está segurando, está arrebanhando o menino e o guia fala, aí faz mais sentido, né?
220. **Pes:** - é tem um lugar do guia, né?
221. **Suj:** - exatamente.
222. **Pes:** - é.
223. **Suj:** - aí faz mais sentido.
224. **Pes:** - então, era isso.
225. **Suj:** - era isso? então tá jóia.
226. **Pes:** - muito grata, viu?

227. **Suj:** - ok.
228. **Pes:** - você me ajudou demais.
229. **Suj:** - que bom. espero ter contribuindo aí.
230. **Pes:** - contribuiu com certeza.